

Revista (Con)Textos Linguísticos

Periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística
da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

eISSN 1982-291X

Av. Fernando Ferrari, 514
Goiabeiras, Vitória, ES
CEP 29075-910
Telefax (27) 4009-2524
linguistica.ufes.br
periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

Revista (Con)Textos Linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. – v. 18, n. 40 (2024)- . – Dados eletrônicos. – Vitória: PPGEL-UFES, 2007.
Quadrimestral.

ISSN 2317-3475

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos>>

1. Linguística – Periódicos. 2. Linguística – Estudo e ensino. I. Programa de Pós-graduação em Linguística. II. Universidade Federal do Espírito Santo.

CDU: 81(05)

Ficha catalográfica elaborada por:
Saulo de Jesus Peres
CRB6 – Reg. 676/ES

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Eustáquio Vinícius de Castro

Vice-Reitora: Sonia Lopes Victor

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Pró-Reitor: Valdemar Lacerda Júnior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretora: Luciana Ferrari de Oliveira Fiorot

Vice-Diretor: Rafael da Silveira Gomes

Departamento de Línguas e Letras

Chefe: Mário Cláudio Simões

Subchefe: Christine Sant'Anna de Almeida

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Coordenadora: Janayna Bertollo Cozer Casotti

Coordenador-Adjunto: Rivaldo Capistrano de Souza Júnior

Conselho Editorial

Alexsandro Rodrigues Meireles (Ufes), Ana Cláudia Peters Salgado (UFJF), Ana Cristina Carmelino (Unifesp), Ana Lúcia Tinoco Cabral (Universidade Cruzeiro do Sul), Ana Maria Carvalho (University of Arizona, EUA), Ana Zandwais (UFRGS), Anahy Samara Zamblano de Oliveira (UPE), Antônio Roberto Monteiro Simões (University of Kansas, EUA), Antonio Suarez Abreu (Unesp), Carla Viana Coscarelli (UFMG), Carmelita Minélio Silva Amorim (Ufes), Donesca Cristina Puntel Xhafaj (UFSC), Éric Guy Claude Laporte (Université Gustave Eiffel, França), Fernanda Mussalim (UFU), Gregory Riordan Guy (New York University, EUA), Gustavo Ximenes Cunha (UFMG), Hylea de Camargo Vale Assis (IBC), Isabel Maria Loureiro Roboredo Seara (Universidade Aberta de Lisboa, Portugal), Ivo da Costa do Rosário (UFF), Janaína Soares Alves (UNB), Janayna Bertollo Cozer Casotti (Ufes), José Sueli de Magalhães (UFU), Júlio César Rosa de Araújo (UFC), Leonor Werneck dos Santos (UFRJ), Luciane Corrêa Ferreira (UFMG), Luciana Lucente (UFMG), Luiz Antonio Ferreira (PUC-SP), Luiz Francisco Dias (UFMG), Lurdes de Castro Moutinho (Universidade de Aveiro, Portugal), Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva (UFRJ), Maria Flávia Figueiredo (Unifran), Maria Jussara Abraçado de Almeida (UFF), Maria Sílvia Cintra Martins (UFSCar), Marina Célia Mendonça (Unesp), Marina Terkourafi (University of Illinois at Urbana-Champaign, EUA), Micheline Mattedi Tomazi (Ufes), Miguel Oliveira Jr. (Ufal), Pablo Arantes (UFSCar), Rebeka Campos-Astorkiza (Ohio State University, EUA), Renata Archanjo (UFRN), Ronice Müller de Quadros (UFSC), Tânia Guedes Magalhães (UFJF), Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG), Záira Bomfante dos Santos (Ufes).

Comissão Editorial

Pedro Henrique Witches (editor-gerente; editor de seção), Amanda Heiderich Marchon (editora de seção; editora de texto); Rivaldo Capistrano de Souza Júnior (editor de seção); Leidyanne Moreira Castro (editora de texto).

Capa

Liliane Rodrigues de Albuquerque Alvim

Sumário

Apresentação

Organizadores.....5-10

Variantes sincrônicas da construção ditransitiva: uma análise centrada no uso

Maria Angélica Furtado da Cunha.....11-31

A diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X]: uma descrição de incompatibilidades no contexto de aquisição de PBL2 por aprendizes surdos

Roberto de Freitas Junior e Hosana Sheila s. da Rosa Xavier.....32-50

Produtividade de padrões microconstrucionais X–NTE: uma análise semântica

Fernando da Silva Cordeiro.....51-72

Um monte de sentidos: os diferentes usos de construções binominais quantificadoras

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux, Karen Sampaio Braga Alonso.....73-91

Construções com o verbo “chegar”: us in os e possíveis interrelações sob a perspectiva construcional

Emanuel Cordeiro da Silva, Tais Siqueira do Nascimento
e Vítor Gabriel Silva de Santana.....92-111

Idiomaticidade na gramática: uma abordagem construcionista dos padrões idiomáticos com “VÊ/VEJA SE S” no português brasileiro

Dennis de Oliveira Alves e Diogo Oliveira Ramires Pinheiro.....112-132

Metáfora e mudança semântica do arranjo [V por terra]

Morgana Fabiola Cambrussi e Adriana Hoffmann.....133-151

O papel da dêixis em construções de evidencialidade com “quer ver”

Rebeca Emerich Alvarez e Marcos Luiz Wiedemer.....152-171

Uma análise de microconstruções com [vai saber] no português contemporâneo

Sabrina Reginatto e Solange Fortilli.....172-193

Análise funcional dos usos de LONGE DE em língua portuguesa

Ivo Costa Rosário e Gláucia Santos Nogueira.....194-218

A expressão da causalidade no conector *por isso*: funções de conclusão, consequência e elaboração

Monclar Guimarães Lopes e Mayra Laurindo Rabello.....219-240

Microconstruções conectoras de finalidade: [na tentativa de]_{connect} e [em busca de]_{connect}

Amanda Heiderich Marchon, Gabriela Conceição
e Silvana Francisco Guedes Camilo Costa.....241-262

Articuladores de relação lógico-semântica, discursivo-argumentativa e de organização textual: descrevendo os padrões de uso de [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí]

Milena Torres de Aguiar, Ana Cláudia Machado dos Santos e Ana Beatriz Arena.....263-288

O chunk “sei lá” em duas construções do português contemporâneo do Brasil

Mariangela Rios de Oliveira e Cristian Matias do Nascimento Corrêa.....289-308

"Brilhando de tão feliz": propriedades formais e semânticas da construção graduadora de causa-efeito com intensificador

Edvaldo Balduino Bispo e Tiago Caian de Assis Silva..... 309-329

“Tá de brincadeira!”: análise de um padrão construcional idiomático do português brasileiro

Nedja Lima de Lucena e Elias Vinicius de Sousa Mata..... 329-348

#Partiu: a Gramática de Construções e a Linguagem Multimodal

Agameton Ramsés Justino e Michele Denise Silva..... 349-365

Apresentação:

Estudos funcionalistas e cognitivistas em perspectiva construcionista

Amanda Heiderich Marchon (Ufes)

Monclar Guimarães Lopes (UFF)

Nilza Barrozo Dias (UFF)

É com grande satisfação que apresentamos à comunidade acadêmica e científica este novo número da Revista (Con)Textos Linguísticos, que abriga um conjunto de dezessete artigos que versam sobre os estudos funcionalistas e cognitivistas em perspectiva construcionista. A esse respeito, cabe mencionar que, no Brasil, há uma profusão de pesquisadores originalmente funcionalistas¹ que, nos idos dos anos 2000, observaram uma grande compatibilidade entre a Linguística Funcional norte-americana e a Gramática de Construções (GC), dado que ambos os modelos partem do princípio de que os padrões gramaticais emergem do uso empírico da linguagem, de modo que uma teoria de descrição gramatical só se justifica quando suas análises partem de textos autênticos, produzidos nas diferentes modalidades e situações de produção do discurso. Para descrever essa interface entre funcionalismo e construcionismo, pesquisadores brasileiros têm utilizado diferentes rótulos, como Gramática de Construções Baseada no Uso, Linguística Baseada no Uso, Linguística Funcional Centrada no Uso e Modelos Baseados no Uso, refletindo as diversas nuances e ênfases dentro dessa abordagem.

Em linhas gerais, essa fusão de perspectivas teóricas apresenta em comum um modelo de descrição gramatical que se propõe a duas grandes frentes de trabalho: 1) buscar nos dados linguísticos evidências que nos permitam entender a realidade psicológica das línguas, no sentido de compreender como os seres humanos aprendem, armazenam e processam a linguagem, ou ainda, como estruturam sua gramática mental; 2) descrever os usos linguísticos em termos de suas propriedades da forma (fonológicas e morfossintáticas) ou do significado (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais).

Os pesquisadores, apoiados na GC, partem do pressuposto de que a gramática de uma língua natural deve ser descrita, em sua totalidade, como um inventário de construções, isto é, uma rede de pareamentos simbólicos de forma e significado, interconectados entre si por diferentes relações. Segundo Diessel (2019, p. 12-13), elas podem ser de seis tipos:

¹ A título de ilustração, podemos citar os pesquisadores que compõem os grupos de pesquisa ELUS - Grupo de Estudos da Língua em Uso (UFES) -, D&G - Grupo de Estudos Discurso e Gramática (UFF) -, PorUs - Núcleo de Estudos Linguísticos do Português em Uso (UFF), representados aqui pelos organizadores deste número da (Con)Textos Linguísticos.

- a. Relações simbólicas, que conectam forma e significado;
- b. Relações sequenciais, que conectam elementos linguísticos em sequência;
- c. Relações taxonômicas, que conectam padrões linguísticos em diferentes níveis de abstração;
- d. Relações lexicais, que conectam lexemas com formas e significados similares ou contrastivos;
- e. Relações construcionais, que conectam construções de um mesmo nível de abstração;
- f. Relações de preenchimento de *slot*, que conectam lexemas particulares (ou sintagmas) com *slots* particulares dos esquemas construcionais.

Tais relações, para esse modelo de descrição gramatical, são o resultado da atuação de uma série de processos cognitivos gerais – e.g.: *memória enriquecida*, *chunking*, *analogia*, *categorização* etc. (cf. Bybee, 2010) –, observáveis em toda esfera de atuação humana, e não somente na linguagem. Dessa maneira, a GC busca nesses processos explanação para os fenômenos linguísticos, sobretudo aqueles que resultam diretamente de sua atuação ao longo do tempo.

Sobre esse aspecto, cabe mencionar que há diversos estudos desenvolvidos – tanto na perspectiva da Linguística Funcional norte-americana, mais tradicional, quanto na perspectiva construcionista, mais recente – que evidenciam a existência de uma trajetória previsível da mudança. Essa previsibilidade parte do pressuposto de que, se os seres humanos são dotados dos mesmos processos cognitivos gerais, os quais representam a principal (mas não a única) mola propulsora da variação e da mudança, os fenômenos linguísticos tendem a apresentar a mesma direcionalidade, ainda que em línguas não aparentadas.

No artigo que abre este dossiê temático, *Variantes sincrônicas da construção ditransitiva: uma análise centrada no uso*, Maria Angélica Furtado da Cunha discute o uso de configurações argumentais distintas da construção ditransitiva e os diferentes itens lexicais que podem preencher o *slot* verbal, apontando-se as diferenças em seus aspectos semânticos, morfossintáticos, discursivo-pragmáticos e cognitivos. No segundo artigo, *A diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X]: uma descrição de incompatibilidades no contexto de aquisição de PBL2 por aprendizes surdos*, Roberto de Freitas Junior e Hosana Sheila S. da Rosa Xavier desenvolvem a investigação pela observação de que alunos surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade apresentam distorções nos usos da construção funcional [SN V_{FUNC} X], com os verbos SER e ESTAR no PB. Os autores sinalizam que trabalham com a hipótese de que aprendizes surdos podem não ter especificada a construção funcional [SN VFUNC X] do português do Brasil como L2 e suas microconstruções, mas apenas uma diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X], o que leva a

supergeneralizações, transferências e interferências no PBL2, refletidas em problemas sistêmicos na produção escrita desses indivíduos.

No artigo *Produtividade de padrões microconstrucionais x-nte: uma análise semântica*, Fernando da Silva Cordeiro analisa a produtividades dos padrões microconstrucionais da construção *x-nte* a partir de suas propriedades semânticas nos contextos em que ocorrem e nas propriedades relacionadas aos verbos recrutados por esses sentidos. Os resultados mostram que diferentes tipos semânticos de verbo e com diferenciados graus de atividade/agentividade podem figurar no *slot* vazio. No artigo *Um monte de sentidos: os diferentes usos de construções binominais quantificadoras*, Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux e Karen Sampaio Braga Alonso descrevem o uso de quatro construções binominais quantificadoras: "um monte de N2," "uma enxurrada de N2," "uma montanha de N2," e "uma chuva de N2," do ponto de vista da Linguística Baseada no Uso, sob a hipótese de que tais construções apresentam diferentes distribuições na língua, ou seja, não são sinônimos absolutos. As autoras apontam as propriedades semânticas específicas ligadas a cada construção, analisando-se seus componentes N2 bem como os significados evocados por "monte," "enxurrada," "montanha," e "chuva" dentro de cada construção.

No artigo *Construções com o verbo "chegar": usos e possíveis interrelações sob a perspectiva construcional*, Emanuel Cordeiro da Silva, Taís Siqueira do Nascimento e Vitor Gabriel Silva de Santana explicam que, no seu uso mais prototípico, o verbo "chegar" caracteriza-se, semanticamente, por expressar deslocamento físico e, sintaticamente, como monoargumental acompanhado de sintagma adverbial. Contudo, os autores discutem que, nas interações cotidianas, podem ser observadas instanciações diferentes: *ele é tão lindo que chega a doer* (Rede X, 10/04/2024). No artigo *Idiomaticidade na gramática: uma abordagem construcionista dos padrões idiomáticos com "VÊ/VEJA SE S" no português brasileiro*, Dennis de Oliveira Alves e Diogo Oliveira Ramires Pinheiro buscam descrever duas construções idiomáticas com VÊ/VEJA SE S (como "Vê se me devolve meu livro" e "Veja se meio-dia é hora de acordar") no português brasileiro contemporâneo, utilizando o arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso. Segundo os autores, essas construções idiomáticas se especializaram, respectivamente, (a) na função de dirigir uma repreensão preventiva ao interlocutor e (b) na de buscar a corroboração do interlocutor.

No artigo seguinte, *Metáfora e mudança semântica do arranjo [V por terra]*, Morgana Fabíola Cambrussi e Adriana Hoffmann investigam as mudanças de sentido do arranjo [V por terra] no seu processo de construcionalização, com foco nos sentidos metafóricos identificados em usos que indicam expansão semântica. Os resultados dessa análise indicaram que foi determinante a atuação de três metáforas primárias no processo de mudança semântica, sendo TEMPO É ESPAÇO e RUIM É PARA BAIXO duas metáforas de

base para o mapeamento conceitual e POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO uma metáfora que resulta *a posteriori*, representando as funções mais abstratas do arranjo. No artigo *O papel da dêixis em construções de evidencialidade com “quer ver”*, Rebeca Emerich Alvarez e Marcos Luiz Wiedemer investigam o papel da dêixis na construção evidencial [quer ver], denominada marcador de evidencialidade, ancorados na perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, especificamente a partir dos estudos da dêixis de Marmaridou (2000), e do Funcionalismo Linguístico (Givón, 2001). A partir da análise de contextos de usos de evidencialidade direta e indireta, os resultados indicam uma relação estreita entre a dêixis projetada pelo falante e a expressão da evidencialidade na construção [quer ver]. No artigo subsequente, "Uma análise de microconstruções com [vai saber] no português contemporâneo", Sabrina Reginatto e Solange Fortilli investigam as múltiplas funções da expressão [vai saber] no português atual. Fundamentando-se nos Modelos Baseados no Uso, que se ancoram em pressupostos funcionalistas e cognitivistas, as autoras identificam três microconstruções distintas associadas a [vai saber]: uma perífrase de futuridade, um marcador de dúvida e um marcador discursivo. A análise, de natureza sincrônica, baseia-se em dados extraídos do segmento Web/Dialetos do Corpus do Português (CP).

No artigo *Análise funcional dos usos de LONGE DE em língua portuguesa*, Ivo da Costa do Rosário e Gláucia Santos Nogueira, descrevem que há três padrões de uso de *longe de* na atual sincronia do português: padrão 1 (valor preposicional), padrão 2 (valor predicativo) e padrão 3 (valor conectivo). No padrão 1, [longe de]_{prep} serve para ligar sintagmas no nível suboracional. No padrão 2, [longe + de]_{pred} integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. Por fim, no padrão 3, que é o foco principal desta pesquisa, [longe de]_{connect} comporta-se como uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão. No artigo *A expressão da causalidade no conector por isso: funções de conclusão, consequência e elaboração*, Monclar Guimarães Lopes e Mayra Laurindo Rabello descrevem os usos do conector *por isso* no português brasileiro contemporâneo com base nos domínios linguísticos da conexão, conforme abordagem de Sweetser (1990): o do conteúdo, o epistêmico e o dos atos de fala. Subsidiariamente, os autores propõem um refinamento para a identificação e a classificação da função desse conector nesses domínios a partir da análise de mais dois fatores: a) sucessão temporal (ou não) entre os segmentos discursivos (respectivamente D1 e D2) articulados pelo conector *por isso*; b) presença de conteúdo factual ou não factual em D2.

No artigo *Microconstruções conectoras de finalidade: [na tentativa de] e [em busca de]*, Amanda Heiderich Marchon, Gabriela Conceição e Silvana Francisco Guedes Camilo Costa analisam comparativamente as microconstruções conectoras de finalidade [na tentativa de] e [na busca de] instanciadas pelo subesquema [prep [det] N de]_{connect} vinculado

à rede [X de]_{connect}. As autoras destacam que, embora as cláusulas de finalidade prefaciadas pelas microconstruções em análise veiculem a noção de finalidade, observou-se significativa diferença no que se refere (i) à posição dessas cláusulas em relação à cláusula nuclear e (ii) ao grau de previsibilidade de realização do evento expresso pela cláusula de finalidade. No artigo *Articuladores de relação lógico-semântica, discursivo-argumentativa e de organização textual: descrevendo os padrões de uso de [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí]*, Milena Torres de Aguiar, Ana Cláudia Machado dos Santos e Ana Beatriz Arena descrevem alguns padrões funcionais de três microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], em seus usos como articulador lógico-semântico, articulador discursivo-argumentativo e articulador de organização textual, respectivamente. As autoras explicam que tais articuladores participam tanto da articulação textual, no nível microestrutural e intermediário, quanto da promoção dos sentidos em um texto

O artigo *O chunk “sei lá” em duas construções do português contemporâneo do Brasil*, de Mariangela Rios de Oliveira e Cristian Matias do Nascimento Corrêa, tem como objeto dois padrões construcionais que recrutam o chunk “sei lá” no português contemporâneo do Brasil: a construção marcadora discursiva [VLoc] e a construção de predicado nominal [(S) V_L (X) P]_{OPN}. Os autores assumem que o chunk [sei lá]_{MD} tem propriedades semântico-sintáticas que motivam, via analogização, nos termos de Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021), o esquema [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN} e constatamos ainda contextos ambíguos, a meio caminho entre a marcação do discurso e predicação nominal. O artigo *“Brilhando de tão feliz”: propriedades formais e semânticas da construção graduadora de causa-efeito com intensificador*, de Edvaldo Balduino Bispo e Tiago Caian de Assis Silva, ancorado em pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, aborda aspectos formais e funcionais, particularmente semânticos, de uma estratégia de intensificação calcada na relação causa-efeito. Trata-se da construção graduadora de causa-efeito com intensificador (CGCEI), a qual licencia expressões como *suado de tanto estudar*, *brilhando de tão feliz* e *babando de tanta fofura*. Os autores caracterizam, em termos morfossintáticos, essa construção, considerando suas subpartes componentes, e discutir propriedades semânticas relacionadas às suas instâncias de uso.

O artigo *“Tá de brincadeira!”: análise de um padrão construcional idiomático do português brasileiro*, de Nedja Lima de Lucena e Elias Vinicius de Sousa Mata, investiga um padrão construcional do Português Brasileiro, [tá [de X]], expresso por meio de construtos como *tá de brincadeira*, *tá de mimimi*, *tá de sacanagem*, dentre outros, os quais têm sido frequentes na rede social X. Os autores descrevem a configuração formal e funcional desse padrão, analisando-o em termos das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, e analisam os contextos de uso em que é instanciado. O artigo *#Partiu: a Gramática de Construções e a Linguagem Multimodal*, de Agameton Ramsés

Justino e Michele Denise Silva, apresenta, a partir de um *corpus* não sistematizado em perspectiva sincrônica, os usos da construção #partiu, nas correlações entre a constituição da sua estrutura e os contextos discursivos e pragmáticos. Dentre as correlações encontradas, as mais produtivas são as postagens que vinculam a imagem do perfil do usuário à construção #partiu, colocando em evidência um sujeito pragmático que compõe *frames* de convite ao seu interlocutor ou de autopromoção.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Referências

- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

Variantes sincrônicas da construção ditransitiva: uma análise centrada no uso

Synchronic variants of the ditransitive construction: a usage-based analysis

Maria Angélica Furtado da Cunha¹

Resumo: Este artigo tem como objeto as variantes sincrônicas da construção ditransitiva. Discutem-se o uso de configurações argumentais distintas dessa construção e os diferentes itens lexicais que podem preencher o *slot* verbal. O objetivo é identificar aspectos funcionais que motivam a ocorrência dessas configurações com base na frequência *token* dos *types* considerados. O enfoque teórico-metodológico adotado é o da Linguística Funcional Centrada no Uso de viés construcionista. A análise é predominantemente qualitativa com suporte quantitativo, evidenciador de tendências. Os dados empíricos provêm de *corpora* que registram usos efetivos do português do Brasil em variados gêneros falados e escritos do século XX. Os resultados obtidos indicam que as variantes da construção ditransitiva mantêm entre si relações horizontais na rede construcional, tendo em vista que expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos morfossintáticos e discursivo-pragmáticos.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Construção ditransitiva. Variantes construcionais.

Abstract: This paper focuses on synchronic variants of the ditransitive construction. The use of different argument configurations of this construction and the different lexical items that can fill the verbal slot are discussed. The aim is to identify functional aspects that motivate the occurrence of these configurations based on the token frequency of the types considered. The theoretical-methodological approach adopted is that of Usage-Based Functional Linguistics with a constructionist bias. The analysis is predominantly qualitative with quantitative support, revealing trends. The empirical data comes from corpora that record actual uses of Brazilian Portuguese in various spoken and written genres of the 20th century. The results obtained indicate that the variants of the ditransitive construction maintain horizontal relations with each other in the constructional network, since they express similar propositional content, but differ in terms of morphosyntactic and discursive-pragmatic aspects.

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics. Construction Grammar. Ditransitive construction. Constructional variants.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: angefurtado@gmail.com.

Introdução

Este artigo tem como foco a construção de estrutura argumental ditransitiva (doravante, CD) e suas possibilidades de instanciação em textos falados e escritos de diferentes gêneros produzidos no século XX. O objetivo geral é identificar fatores morfosintáticos, semânticos, discursivo-pragmáticos e cognitivos que motivam as variantes gramaticais da CD.

Prototipicamente, a construção ditransitiva perfila um evento de transferência concreta, em que um agente transfere um objeto para um recipiente, codificados, respectivamente, pelo sujeito (S), objeto direto (OD) e objeto indireto (OI) da oração. Nessa linha, a análise tem por base o significado central da construção, sem levar em conta a representação formal de seus argumentos, conforme Malchukov, Haspelmath e Comrie (2010) e Coleman e De Clerck (2011). Entretanto, acato a hipótese, veiculada na literatura de língua inglesa, de que o sentido central da CD pode ser expandido para designar outros tipos de situação que exibem alguma semelhança com um evento de transferência física.

O modelo que fundamenta este trabalho é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) de viés construcionista, conforme descrita em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Oliveira e Rosário (2016), entre outros. Esse modelo postula uma relação de simbiose entre gramática e discurso, de modo que a estrutura linguística é moldada pelo uso que os falantes fazem da língua em suas interações comunicativas diárias. Portanto, a gramática está em constante mutação e adaptação, em consequência das eventualidades do discurso. Isso significa que o sistema linguístico é dinâmico e abriga, ao mesmo tempo, padrões regulares, convencionalizados, e outros que emergem, devido a pressões cognitivas e/ou comunicativas (Givón, 2001; Bybee, 2016 [2010]). O uso frequente de um determinado elemento linguístico leva, pois, à sua regularização, convertendo-o em norma (Givón, 1995).

A investigação segue uma metodologia qualiquantitativa (Cunha Lacerda, 2016) de caráter interpretativo, que leva em conta o contexto discursivo em que a construção é usada, ou seja, as sequências textuais anteriores e posteriores à ocorrência pesquisada. A abordagem qualitativa, que recebe maior destaque, volta-se para os aspectos funcionais envolvidos no uso de determinada variante da CD. A abordagem quantitativa, por sua vez, trata da frequência de uso de cada variante, o que possibilita aferir tendências e/ou regularidades. Por um lado, esse procedimento reflete a forte interdependência entre forma e conteúdo que o modelo funcional-construcionista assume; por outro, contribui para o refinamento da análise da língua centrada no uso, no que diz respeito tanto a padrões linguísticos já ritualizados quanto a emergentes (Bybee, 2006; Martelotta, 2009).

Os dados empíricos provêm dos *corpora* C-Oral Brasil, Museu da Pessoa e Chave, os quais reúnem fala espontânea, entrevistas transcritas e textos jornalísticos, respectivamente, produzidos no século XX. Esses dados representam o *continuum* fala-escrita em diferentes

contextos comunicativos. O recorte temporal busca contemplar usos sincrônicos das manifestações oracionais no domínio da ditransitividade.

Foram coletadas 930 orações cujos verbos são acompanhados por objeto direto codificado por sintagma nominal (SN) e objeto indireto expresso por sintagma preposicionado (SPrep) ou pronome clítico, correspondentes a 49 tipos verbais distintos (ver Tabela 1 adiante).

Na arquitetura da rede construcional, a Gramática de Construções tem priorizado as relações taxonômicas, ou verticais, entre as construções, como se pode atestar nos trabalhos de Goldberg (1995), Hudson, (2007), Furtado da Cunha (2017), Cezario e Alonso (2019), Traugott e Trousdale (2021 [2013]), entre outros. Autores como Cappelle (2006, 2009), Perek (2015) e Diessel (2019, 2024), contudo, têm chamado a atenção para as relações sincrônicas, ou horizontais, que se dão entre construções no mesmo nível de abstração com significado/função semelhantes. Neste artigo, sigo a proposta desses autores e trato as diferentes configurações estruturais que instanciam a CD no português do Brasil como variantes gramaticais sincrônicas de uma mesma construção que expressam conteúdo proposicional aproximado, mas diferem quanto a aspectos semânticos, morfossintáticos, discursivo-pragmáticos e cognitivos.

Este texto está dividido nas seções seguintes, além desta introdução: na segunda seção, faço uma breve explanação do quadro teórico; na seção seguinte, apresento os tipos de evento de transferência que as orações ditransitivas podem perfilar e as variações correspondentes; a quarta seção trata da variação semântica constatada nos construtos da CD, com foco nos verbos empregados; na próxima seção, investigo a variação morfossintática, examinando os elementos que preenchem os *slots* da CD; na sexta seção, abordo as relações horizontais entre as microconstruções da CD; a última seção traz as considerações finais, seguida das referências.

Modelo teórico

A análise da construção ditransitiva segue os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma orientação recente de pesquisa desenvolvida por pesquisadores brasileiros do grupo de estudos Discurso & Gramática, a qual associa-se ao que a literatura de língua inglesa intitula *Usage-based Theory* (Bybee, 2016 [2010]; Hoffmann; Trousdale, 2013).

A LFCU caracteriza-se pela articulação entre a Linguística Funcional norte-americana, representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, *inter alia*, e a Gramática de Construções, na linha de Adele Goldberg, William Croft, Graeme Trousdale, Martin Hilpert e outros. Da Gramática de Construções, a LFCU assume a concepção de língua como uma rede de construções, pareamentos de forma-

função, interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais.

Esse modelo concebe a gramática como emergente, dinâmica e gradiente, posto que está intrinsecamente vinculada ao uso efetivo da língua e resulta da regularização ou rotinização de estratégias discursivas recorrentes (Givón, 2012 [1979]; Bybee, 2016 [2010]). De acordo com essa visão, gramática e uso se retroalimentam. Assim, no estudo da emergência, variação e mudança de construções linguísticas, a LFCU toma como centrais as motivações comunicativas e cognitivas que atuam nos contextos reais de interação social.

Uma vez que o sistema linguístico nunca se estabiliza completamente, na análise de fenômenos linguísticos a LFCU leva em conta a variação e a gradiência dos elementos linguísticos: do ponto de vista sincrônico, o uso contínuo da língua pelos falantes cria variação; num viés diacrônico, a variação pode acarretar mudança, a qual, por sua vez, possibilita gradiência. Logo, a gradiência está estreitamente relacionada tanto à variação entre unidades de uma mesma categoria como à mudança que ocorre gradualmente ao longo do tempo, deslocando um elemento no *continuum* em que as categorias estão organizadas.

Na perspectiva da LFCU, a variação linguística pode ser abordada em termos do princípio de camadas (*layering*), tal como proposto por Hopper (1991). Esse princípio diz respeito à coexistência sincrônica, no mesmo domínio funcional, de formas e conteúdos mais antigos com formas e conteúdos mais recentes. De acordo com Hopper, tais padrões coexistentes atendem a propósitos semelhantes, porém não idênticos. Nesse sentido, considera-se a existência de motivações que competem por um determinado domínio funcional, o qual faz referência à existência de várias alternativas de codificação para desempenhar a mesma função discursivo-pragmática. Para Givón (1984), o domínio funcional corresponde à semântica proposicional e à pragmática discursiva, codificadas pela sintaxe. Esse linguista afirma que a variedade de padrões que codificam o mesmo domínio funcional é consequência direta da pluralidade de percursos diacrônicos que lhes deram origem, de modo que a diversidade sincrônica é produto da diversidade diacrônica (Traugott; Heine, 1991; Hopper; Traugott, 2003; Heine; Kuteva, 2007; Givón, 2009, 2015).

Observa-se uma correlação entre o princípio de camadas e a noção de *formas em competição*, a qual diz respeito à existência de pressões contrárias que motivam o uso de formas linguísticas distintas para veicular o mesmo conteúdo proposicional, como economia e clareza (Haiman, 1983). Enquanto a primeira reflete a intenção do falante em codificar uma dada informação com o mínimo de material morfofonológico, a segunda está associada ao interesse do interlocutor pela explicitude da informação veiculada, o que leva ao uso de estruturas mais extensas. Assim, a tensão entre essas pressões pode explicar o surgimento de uma forma distinta para atender a uma necessidade cognitiva e/ou comunicativa, apesar de ambas serem semanticamente similares (Furtado da Cunha; Bispo, 2018).

Acompanhando Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a variação pode ser tratada em termos de mudança construcional, que afeta uma dimensão interna de uma construção (em sua forma ou em seu conteúdo), sem resultar na criação de um novo nó na rede. Como consequência, a alteração observada pode levar à convivência, em uma mesma sincronia, de variantes da mesma construção.

Outra possibilidade de tratamento da variação construcional é proposta por Cappelle (2006, 2009), que sustenta a existência de relações horizontais entre construções com significado semelhante ou equivalente. Nessa direção, padrões formalmente distintos de uma construção, os quais expressam conteúdo proposicional aproximado, mas diferem quanto a aspectos pragmáticos, constituem aloconstruções (*allostructions*, no original). Tais aloconstruções compartilham o conteúdo semântico originado de um esquema mais abstrato ou menos especificado, de nível mais alto na rede construcional, assim como exibem pequenas diferenças que as distinguem. Desse modo, as aloconstruções sinalizam elos horizontais entre realizações particulares, ou construtos, de um mesmo esquema ou construção.

É plausível, portanto, depreender que construções formalmente distintas, mas semanticamente semelhantes são evidências de que uma dada situação no mundo real, como um evento de transferência, em que um agente transfere um objeto para um recipiente, pode ser expressa de maneiras alternativas (Perek, 2012). Essa ideia parece ter correspondência com a definição clássica de variável linguística (Labov, 2004) – modos alternativos de dizer a mesma coisa – se forem descartadas as motivações discursivo-pragmáticas presentes na opção por um dado padrão em detrimento de outro no uso real da língua. Nessa linha, pode-se caracterizar a construção ditransitiva como um domínio funcional, em que diferentes estruturas expressam conteúdos semânticos e pragmáticos aproximados.

Diessel (2019) também investiga a variação construcional por meio de relações horizontais entre construções com significado semelhante. Para ele, os *links* entre construções refletem a sobreposição de aspectos da função, do significado e da estrutura dessas construções afins, conforme também argumentam Goldberg (1995), Croft (2001) e Bybee (2016 [2010]).

O fato de dois padrões estruturais – [S OI V OD] e [S V OD OI] – transmitirem o significado básico de transferência da construção ditransitiva (Furtado da Cunha, 2017) possibilita considerá-los como variantes gramaticais. Como veremos adiante, as aloconstruções da CD podem exibir várias propriedades em comum, como a presença de dois argumentos internos (um objeto direto e um objeto indireto), mas também podem diferir em outras, como a posição em que cada um desses argumentos ocorre na cadeia sintática, o elemento que preenche o *slot* verbal e o papel semântico do OI e do OD. Logo, a posição que esses participantes ocupam nas instanciações da CD não faz parte do esquema abstrato da

construção, e sim dos construtos particulares sancionados por esse esquema, conforme exposto mais à frente. Tais padrões respondem a diferentes motivações funcionais, de modo que as aloconstruções, que podem ser frequentemente intercambiáveis no uso da língua, não formam uma categoria única.

As alternativas de ordenação dos argumentos da construção ditransitiva são motivadas por processos semântico-cognitivos (diferentes perspectivas do evento referencial, metaforização e integração conceitual entre o verbo e o evento de transferência), discursivo-pragmáticos (*status* informacional e grau de topicidade do argumento interno e interpretações semânticas dependentes do contexto) e sintáticos (peso do objeto direto), conforme Furtado da Cunha (2017). Desse modo, pode-se dizer que os atributos objetivos de um evento não são suficientes para prever o padrão gramatical de uma oração que o descreve.

A LFCU prevê que as associações entre a construção e o significado do verbo se fixam e são armazenadas na mente do falante por meio da repetição de enunciados reais no uso interacional da língua. Para tanto, o *frame* do verbo que pode ser sancionado pela CD deve perfilar o mesmo conjunto de papéis participantes compatível com um evento de transferência. Em outras palavras, os verbos e a construção de estrutura argumental que especificam os mesmos papéis semântico-sintáticos podem se fundir (Goldberg, 1995). Desse modo, observa-se um vínculo estreito entre o significado da construção e dos verbos que são sancionados por ela. Num modelo baseado no uso, como a LFCU, a interpretação semântica das variantes da CD se rotinizam/consolidam por meio da frequência *token*. Na mesma direção, Diessel (2019) afirma que a associação entre um verbo e uma construção é reforçada cada vez que o verbo é usado nessa construção, o que corrobora o papel da frequência de uso na fixação de uma dada construção de estrutura argumental no conhecimento linguístico do falante. De acordo com a visão construcionista (Langacker, 2000; Hilpert, 2013), as construções e as relações entre elas resultam do uso da língua e são fixadas pela repetição. Essa postura nos remete ao postulado de Du Bois (1985), segundo o qual “as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais”, ou seja, padrões discursivos recorrentes impactam padrões estruturais.

Variantes semântico-gramaticais

Em trabalho anterior (Furtado da Cunha, 2017), com foco nas relações verticais (taxonômicas) que se dão entre o esquema abstrato, de nível mais alto, e os subesquemas mais especificados (*subtypes*), verifiquei que a construção ditransitiva no português brasileiro se liga a uma família de sentidos estreitamente associados, ou seja, é polissêmica. O significado básico de transferência concreta dessa construção é responsável pelo fato de que há três participantes envolvidos no evento denotado, desempenhando os papéis de agente,

paciente e recipiente. A esse tipo de esquema triargumental, então, são associadas classes de verbos que a ele se ajustam. Assim, as instanciações da CD descrevem não apenas transferência concreta bem-sucedida, mas também transferência futura, transferência pretendida e transferência metafórica. Evidentemente, há diferenças finas entre os eventos codificados por essa construção. Tomo a transferência física, concreta como o sentido central, visto que as outras classes de significado podem ser representadas mais economicamente como extensões desse sentido. Nessa direção, é possível agrupar verbos de transferência concreta – *dar, entregar, oferecer* etc. – e verbos de transferência metafórica – *dizer, contar, falar* etc – porque o significado de padrões construcionais, como a construção ditransitiva, é necessariamente mais esquemático do que o sentido do verbo. Assim, uma determinada construção pode acolher verbos de campos semânticos relativamente diferentes, o que reflete uma relação icônica entre a estrutura conceptual (representada pelo evento de transferência) e a estrutura linguística (oração ditransitiva). O fato de que tipos de oração e sua estrutura argumental própria são, em grande medida, motivadas pela classe semântica e sintática do verbo exemplifica o elo isomórfico entre forma e função (Givón, 2001).

Nos *corpora* sob análise, foram coletadas 930 ocorrências de orações com verbos triargumentais. Seguindo a tipologia de Chafe (1970) e Borba (1996), esses verbos são do tipo semântico de ação-processo, ou seja, expressam uma ação em que um sujeito animado, intencional, causa uma mudança no estado ou na localização do paciente, como nos fragmentos:

- (1) Eu fiz isso num dia, no outro dia *ele me deu uma pasta com um monte de ficha*, e me mandaram visitar aqueles médicos lá. (Museu da Pessoa).
- (2) *A Secretaria Estadual de Segurança Pública entregou veículos para as Polícias Civil de Camapuã e Bandeirantes*. (Chave).

Em (1) e (2), as orações destacadas expressam um típico evento de transferência, em que um agente animado/sujeito (*ele* e *a Secretaria Estadual de Segurança Pública*, respectivamente), transfere, ou seja, afeta, causando a mudança de localização, um elemento paciente/objeto direto (*uma pasta com um monte de ficha* e *veículos*) para uma entidade humana recipiente/objeto indireto (*me* e *as Polícias Civil de Camapuã e Bandeirantes*).

Avançando no estudo da construção ditransitiva, demonstrei que as alternativas de ordenação dos argumentos nas orações que a instanciam sinalizam diferentes perspetivações do evento referencial, em que fatores semânticos, discursivo-pragmáticos e gramaticais motivam a preferência pela ordenação do objeto indireto antes do objeto direto (Furtado da Cunha, 2017). Desse modo, ao lado da variação semântica, manifestada pelas extensões do sentido central ou básico da CD, há também variações estruturais, na medida em que a posição do OD e do OI nas ocorrências analisadas não é fixa.

Em resumo, da mesma forma que outras construções de estrutura argumental, a exemplo da construção transitiva (Bispo; Furtado da Cunha, 2022), no português brasileiro a construção ditransitiva superordenada e esquemática encabeça uma rede com significados e padrões estruturais variados, que revelam relações verticais e horizontais. Assim, os subesquemas e as microconstruções dessa construção podem apresentar diferenças semânticas e morfossintáticas, atendendo a pressões discursivas.

Variação semântica

No banco de dados examinado, foram atestadas 635 ocorrências (*tokens*) de verbos de transferência concreta, a exemplo de (1-2), distribuídas em 24 tipos (*types*).

Outro tipo de verbo que ocorre frequentemente com dois objetos é o verbo *dicendi*², que expressa uma atividade que pode ser metaforicamente interpretada como um evento de transferência, em que aquilo que é dito (OD efetuado)³ é transferido para um interlocutor (OI recipiente). Os verbos *dicendi* correspondem a 295 *tokens*, distribuídos em 24 *types*. O mais frequente é o verbo *pedir*, com 39 ocorrências (5%). Seguem alguns dados:

- (3) Segundo a delegada Elizabete Ferreira Sato, da 1ª Delegacia de Crimes Contra Crianças e Adolescentes, o pai chegou em casa bêbado e deu um soco no olho direito de Jéssica porque a menina lhe pediu um pedaço de pão. (Chave);
- (4) Nós ficávamos todos em volta: eu e as minhas primas enquanto meu avô contava as histórias pra gente. (Museu da Pessoa.).

Em (3) e (4), são descritos eventos de transferência abstrata, em que um agente animado/sujeito (*a menina* e *meu avô*) transfere a coisa pedida e contada/objeto direto (*um pedaço de pão* e *as histórias*) para um recipiente humano/objeto indireto (*lhe* e *gente*).

Com relação ao significado, os verbos recrutados pela CD nos *corpora* selecionados foram organizados em 7 grandes classes semânticas⁴:

1. Verbos que significam atos de transferência: dar, entregar, emprestar, pagar, passar, transferir, conceder, causar, roubar, tomar, conseguir.
2. Verbos com condições de satisfação associada: oferecer, mostrar, apresentar.
3. Verbos de movimento: trazer, mandar, jogar.
4. Verbos de criação ou de preparação: fazer, preparar, construir, escrever.
5. Verbos de transferência futura: deixar.
6. Verbos de transação comercial: vender, custar, comprar, cobrar.

² A respeito dos verbos *dicendi* ou de enunciação, ver Furtado da Cunha (2006).

³ O objeto direto de um verbo de enunciação, como *falar*, é criado pela ação do verbo, e não transformado, como acontece com o objeto dos outros verbos de ação-processo. Hopper (1985) chama esse caso de *objeto efetuado*, para distingui-lo de objeto afetado.

⁴ Essas classes semânticas foram adaptadas de Coleman e De Clerck (2011).

7. *V dicendi*: prometer, negar, pedir, contar, narrar, dizer, falar, relatar, avisar, responder, perguntar, indicar, informar, transmitir, recusar, repetir, comunicar, descrever, explicar, sugerir, permitir, ensinar, garantir, ler.

Assim sendo, a CD pode ser instanciada por classes de verbos cuja combinação com a sintaxe dessa construção representa um subsentido construcional (Goldberg, 1995) ou uma subconstrução de uma classe verbal específica, isto é, construções semanticamente mais particulares e marcadas quanto à classe semântica admitida no *slot* verbal, a exemplo de verbos de movimento ou de transação comercial. Estas, por sua vez, se vinculam a construções ainda mais específicas, nas quais o *slot* verbal inclui itens particulares, como *fazer*, sendo denominadas como construções com verbos específicos (Croft, 2003). Observa-se, assim, que a CD não está restrita a um único nicho semântico, apesar de predominarem os verbos que indicam algum tipo de transferência. De acordo com Boas (2003), uma construção de estrutura argumental facilmente licencia um novo verbo se esse verbo é semanticamente similar a um ou mais verbos que são frequentemente usados nessa construção. Não obstante, embora haja uma tendência para reutilizar padrões já estabelecidos, não é incomum que esquemas compostos por verbo e argumentos sejam estendidos a novos itens lexicais, por questões de semelhança semântica, frequência *type* e *token* e a relação entre diferentes construções de estrutura argumental na rede construcional (Diessel, 2019).

A Tabela 1 exhibe o quantitativo de ocorrências, em números absolutos e percentuais, desses verbos nos *corpora*:

Tabela 1: Classes semânticas de verbos da construção ditransitiva

Classes de verbos	C-Oral	Museu da Pessoa	Chave	Total
V de transferência	20 (50%)	81 (55%)	202 (27%)	304 (33%)
V com condições de satisfação	1 (2,5%)	4 (4%)	82 (11%)	89 (10%)
V de movimento	4 (10%)	12 (8%)	106 (14%)	122 (13%)
V de criação	4 (10%)	17 (11%)	40 (5%)	61 (7%)
V de transferência futura	0	2 (1%)	13 (2%)	15 (2%)
V de transação comercial	1 (2,5%)	7 (3%)	39 (5%)	44 (5%)
<i>V dicendi</i>	10 (25%)	27 (18%)	258 (35%)	295 (32%)
Total	40 (100%)	150 (100%)	740 (100%)	930 (100%)

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a Tabela 1, as ocorrências coletadas perfazem um total de 930 orações triargumentais correspondentes a 50 tipos verbais. Em sua maioria, essas orações expressam um evento de transferência física/concreta (635/68% dos dados). Com o intuito de destacar a predominância do sentido básico da CD, para efeitos de quantificação estou considerando como verbos de transferência concreta também aqueles que indicam transferência futura e transferência pretendida. Utilizando uma escala para acomodar os variados sentidos da construção ditransitiva, estes últimos verbos ocupariam uma posição intermediária nesse *continuum*, em cujos polos estariam os verbos de transferência concreta e os de transferência abstrata, respectivamente. Isso significa que há exemplares mais e menos típicos da construção.

Conforme o falante é exposto à língua em uso, ele tem contato com unidades coocorrentes, as quais são entendidas como blocos únicos e assim são estocadas na memória. Segundo Bybee (2016 [2010]), uma representação exemplar é formada com base em um conjunto de dados que são considerados semelhantes em alguma dimensão. O significado das construções é, então, caracterizado por um grupo de representações exemplares por meio da avaliação do significado dos itens lexicais recrutados pela construção e o conteúdo semântico da oração como um todo, o que evidentemente inclui o contexto em que a oração ocorre. Os processos cognitivos de categorização e armazenamento de informação na memória reduzem o custo cognitivo de elaboração, processamento e produção linguísticos. Nessa linha, Haiman (1985) argumenta que uma função necessária da língua é possibilitar que os falantes façam generalizações e simplificações, visto que seria impossível para os humanos ter um inventário infinito de construções. A polissemia construcional, como acontece com a CD, soluciona essa questão de armazenamento ao agrupar construções que são próximas em significado.

De um modo geral, a transferência concreta é realizada preferencialmente pelo verbo *dar* (em torno de 50%, para os *corpora* C-Oral e Museu da Pessoa), que representa o verbo de transferência prototípico na medida em que há convergência total entre os papéis participantes de *dar* (sujeito, objeto indireto, objeto direto, perfilados pela moldura semântica específica do verbo) e os papéis argumentais da construção ditransitiva (agente, paciente, recipiente). Dito de outro modo, na CD prototípica há coerência e correspondência semânticas, já que o significado de *dar* e o da construção são idênticos (ver Goldberg, 1995, sobre os princípios de coerência e de correspondência semânticas). Logo, pode-se admitir a existência de graus de convergência, decorrentes da proximidade ou do afastamento entre o conteúdo da construção e o significado do verbo que ela sanciona.

A transferência abstrata, por sua vez, é predominantemente veiculada pelos verbos *dicendi* ou de enunciação, os quais perfilam uma atividade que pode ser metaforicamente entendida como um caso de transferência cognitiva (Haspelmath, 2015), em que o conteúdo

do que é transmitido (OD) é direcionado para um interlocutor (OI recipiente). Essa leitura tem apoio na metáfora do conduto (Reddy, 1979), que se realiza quando o falante “insere” seu conteúdo mental (ideias, significados, conceitos etc.) em recipientes (palavras, frases, orações etc.), cujo significado é então “extraído” pelo seu interlocutor para que a unidade linguística seja compreendida. De acordo com essa interpretação, a fala sairia, como em fluxo, de um falante para um ouvinte, o qual é o destino final da ação. Vejamos algumas amostras que exemplificam a transferência concreta (5) e a abstrata (6):

(5) Ele colocou a mão direita sob a camisa fingindo que iria tirar um revólver e pediu que ela lhe entregasse o toca-fitas. (Chave).

(6) Meu tio, nu sei se eu te contei esse bafo, muito tempo atrás, a Madonna, no início da carreira dela ela posou nua. (C-Oral).

Enquanto em (5) o sujeito/agente (*ela*) pode efetivamente transferir o OD/paciente afetado (*o toca-fitas*) para o OI/recipientes (*lhe*), em (6) o sujeito/agente (*eu*) “transfere”, por meio de transmissão oral, o OD/paciente efetuado (*esse bafo*) para o OI/recipientes (*te*).

O uso de verbos *dicendi* em uma configuração triargumental resulta da atuação conjunta de diferentes processos cognitivos, tais como metaforização, integração conceitual e automatização. Em trabalho anterior, de viés diacrônico (Furtado da Cunha, 2020), constatei, no século XVIII, o emprego de orações que denotam transferência abstrata (33/8% do total de 436/100% construtos ditransitivos). De lá para o século XX, o uso de orações ditransitivas que perfilam esse tipo de transferência expandiu-se. A comparação entre o quantitativo do século XVIII e o do século XX mostra o fortalecimento da interpretação semântica de transferência dos verbos *dicendi*, resultado do aumento da frequência de uso de construtos com esses verbos. A produtividade *type* e *token*⁵ (Bybee, 2007; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]) da construção ditransitiva com sentido de transferência abstrata está relacionada à quantidade de tipos diferentes de verbos encontrados nos dois séculos: apenas 2 no século XVIII (*prometer* e *negar*) e 24 no século XX. Desse modo, o desenvolvimento diacrônico desse sentido da CD reflete a influência de traços semânticos na crescente produtividade do esquema ditransitivo, com o sancionamento gradual de novos *types* de verbos de enunciação ao mesmo tempo em que a experiência dos falantes com esses padrões particulares é responsável pela sua expansão.

Ainda outro aspecto associado à variação semântica sincrônica da CD refere-se aos papéis temáticos que o OI e o OD (paciente afetado e paciente efetuado) podem desempenhar, decorrentes da classe semântica do verbo que é instanciado nos construtos dessa construção. Assim, quando o evento descrito não envolve efetivamente a transferência

⁵ A frequência *type* corresponde ao número de expressões diferentes que a CD tem, ao passo que a frequência *token* diz respeito ao número de vezes que suas instanciações ocorrem no texto.

de posse de uma coisa, como em (7), o OI (*me*) desempenha o papel de beneficiário, sendo identificado, assim como o recipiente, pelo traço [+humano].

- (7) No Natal sessenta-e-dois, a dona Maricota me fez uma compra, lá na minha loja, eu tava liquidando, até a loja lá... (C-Oral).

Em eventos de transferência concreta, o recipiente prototípico se beneficia, de algum modo, com a coisa transferida. Essa propriedade está relacionada ao enquadre semântico mais amplo desse evento e representa um estágio posterior do ato de transferência. Nesse sentido, a construção ditransitiva pode incorporar o caso beneficiário que é então codificado da mesma forma que o recipiente. Sendo assim, os construtos ditransitivos com *fazer*, como (7), (18) e (19), adiante, implicam um beneficiário – alguém que se beneficia de uma ação feita por outra pessoa – e não um recipiente – participante efetivo do evento de transferência de posse. Nesses casos, portanto, observa-se que a própria construção ditransitiva carrega o significado de transferência, independente do papel semântico do participante OI.

Variação morfossintática

No que concerne ao plano sintático, conforme já mencionado, há variação nos *slots* em que o objeto indireto e o objeto direto podem ocorrer nos construtos ditransitivos⁶. Desse modo, quando codificado como pronome, o OI tende fortemente a anteceder o OD, conforme as ocorrências (1, 3, 5 e 6 acima). Por outro lado, quando expresso como um SPrep, o OI prototipicamente segue o OD. Dentre os dados recolhidos, foram constatadas somente seis orações em que o objeto indireto preposicionado é usado antes do OD. Em todos esses casos, cinco dos quais com verbos *dicendi*, o OD é mais pesado do que o OI:

- (8) Álvaro Dias relatou a FHC a situação de seu partido em vários Estados. (Chave).
(9) Figueroa conta a Cakoff a anedota de um encontro marcado que se frustrou. (Chave).

Tanto em (8) quanto em (9), o OD (*a situação de seu partido em vários Estados* e *a anedota de um encontro marcado que se frustrou*, respectivamente) é bem mais extenso do que o OI (*a FHC* e *a Cakoff*, nessa ordem), o que pode explicar seu posicionamento anterior ao OD.

Em termos estruturais, portanto, observa-se diversidade na codificação morfossintática do argumento recipiente e na ordenação dos argumentos internos, o objeto

⁶ Furtado da Cunha (2017) examina o vínculo entre a ordenação dos argumentos da CD, sua expressão formal e seu *status* informacional.

direto e o indireto. Assim sendo, verificam-se dois padrões sintáticos: (i) o OI é codificado antes do OD como um pronome em posição pré (10a, *me*) ou pós-verbal (10b, *te*) ou como um sintagma preposicionado (SPrep) em posição pós-verbal (9, *a Cakoff*, acima); (ii) o OI segue o OD, sendo codificado como um SPrep após o verbo (11, *para o chefe de segurança*), conforme as amostras que seguem:

- (10) a. Eu tava com problema sério, com minha filha, e, *ela me deu uma santinha* pra mim rezar, e falou comigo que eu, pedisse a ela, que ela me ajudava. (C-Oral).
- (10) b. Eu te dou trabalho, *dou-te a casa*, *dou-te comida*, mas quero que pessoas da tua família assinem para que possas ficar aqui a trabalhar. (Museu da Pessoa).
- (11) “Por isso, *os petroleiros entregaram a plataforma para o chefe de segurança* e desembarcaram, afirmou o diretor do sindicato.” (Chave).

Além desses casos, a alternância na posição do OI e do OD pode-se manifestar-se também nas ocorrências da CD com verbos relacionados ao grau de êxito da transferência, como *oferecer* em (12), entre outros. Nesse último exemplar, a transferência só se completa se o oferecimento for aceito pelo referente do recipiente (*nos*).

- (12) *A CESP nos ofereceu uma casa na vila de engenheiros deles* e os confortos da CESP. (Museu da Pessoa).

Naturalmente, essas variações na posição e na codificação dos argumentos internos da CD atendem a pressões discursivas específicas, como o estatuto informacional do objeto indireto, o qual, na grande maioria dos casos, está ativo na mente do destinatário por já ter sido mencionado antes ou por estar presente na situação comunicativa. Logo, sua saliência discursiva reflete-se na sua codificação pronominal. Nesse sentido, veja-se o uso dos pronomes *me*, *te* e *nos* em (10a), (10b) e (12), respectivamente. Além disso, a ordenação do OI e do OD pode ser motivada também por pressões morfossintáticas, como o peso, em termos do número de sílabas, do objeto direto (*a anedota de um encontro marcado* que se frustrou) em (9).

Cabe notar que, embora menos frequente, os padrões S V SPrep OD, como em (8) e (9), e OD S OI V (13) também podem ocorrer, conforme o fragmento a seguir:

- (13) “A maioria das histórias *que eles me contaram* eu já conhecia”, diz Giorgetti, com a autoridade de quem jogou como zagueiro em times de várzea de Santana (zona norte) nos distantes anos 60.⁷

Em (13), o OD é expresso por um pronome relativo (*que* = a maioria das histórias) e se posiciona antes do Sujeito (*eles*) e do OI clítico (*me*), revelando a atuação de pressões estruturais na ordenação dos argumentos objeto da oração ditransitiva. Esses padrões também são considerados aloconstruções. Reitero que, neste trabalho, o interesse central, no plano morfossintático, é contrastar a realização do OI como um pronome clítico ou um SPrep.

Embora tenha sido observada a maleabilidade posicional dos argumentos internos da oração ditransitiva, os resultados mostram que o argumento recipiente (OI) é preferencialmente codificado como pronome antes do OD, como se vê na Tabela 2:

Tabela 2: Ordenação dos argumentos internos da CD no século XX

Ordenação	C-Oral	Museu da Pessoa	Chave	Total
V + OI _{PRO} + OD	31 (5%)	110 (18%)	459 (77%)	600 (100%)
V + OD + SPrep	9 (3%)	40 (12%)	281 (85%)	330 (100%)
Total	40 (4%)	150 (16%)	740 (80%)	930 (100%)

Fonte: elaboração própria.

Nessa tabela, os números nas colunas representam as ocorrências de cada configuração estrutural para cada *corpus*, ao passo que os números nas linhas correspondem a cada uma das configurações nos três *corpora* selecionados. Dessa forma, no *corpus* Chave, o percentual de 85% de OD precedendo o OI diz respeito ao total geral de orações com essa ordenação (330), não ao total de orações coletadas nesse *corpus* (740), em cujo caso o percentual corresponderia a 38%. Logo, também nesse *corpus* há mais orações com a ordenação V + OI_{PRON} + OD (62%).

É importante ressaltar que os verbos coletados para este estudo podem ocorrer em ambas as configurações estruturais de que trato aqui, como nas amostras seguintes, de fala e de escrita:

- (14) A modelo e atriz Ana Paula Arósio, 20, foi descoberta por uma caçadora de talentos quando fazia compras em um supermercado de São Paulo, acompanhada pela mãe, Claudete. Na época tinha 12 anos. "Uma mulher me deu um cartão e convidou para tirar fotos na agência, chamada Estilo". (Chave)
- (15) Hhh deu uma periquita pra ela, depois, tava muito sozinha, resolveu, comprou um macho, depois começou a dar, periquito lá. (C-Oral).
- (16) Levou um susto quando Wallace lhe comunicou a mesma idéia básica. (Chave).
- (17) Lula comunicou a escolha a Bisol durante café da manhã na residência do senador. (Chave).
- (18) Uma das maiores [amizades do pintor Diego Rivera foi com o pintor italiano Amedeo Modigliani (1884-1920), com que dividiu apartamento em Paris nos anos 20. Modigliani lhe fez o retrato, que pertence ao acervo. (Chave).

- (19) E tio Carlos, que estava instalado aqui em Belo Horizonte, lá na rua Silva Jardim que o vovô fez uma casa pra ele, e outra casa pro tio Carlos. (C-Oral).

Com os verbos *dar*, *comunicar* e *fazer*, por exemplo, o OI pode ser codificado como pronome clítico anterior ao OD, como em (14), (16) e (18), ou como um SPrep em posição posterior ao OD, como em (15), (17) e (19).

Relações horizontais

Conforme referido antes, a variação construcional pode ser examinada por meio de relações horizontais que se dão na rede construcional entre construções com significado próximo. Esses elos entre construções ou construtos semelhantes revelam atributos funcionais, semânticos e morfossintáticos que se sobrepõem. É pertinente reforçar que a proposição de aloconstruções se fundamenta em características semânticas compartilhadas e padrões diferentes ligados horizontalmente (Capelle, 2006, 2024; Perek, 2015).

As relações horizontais podem ser caracterizadas tanto por similaridade quanto por contraste. Nessa direção, os elos horizontais entre construções aparentadas demonstram a habilidade cognitiva dos falantes de perceber semelhanças e fazer analogia (Gentner; Markman, 1997; Fisher, 2011). Tais vínculos são salientados por abordagens que concebem a gramática como uma rede de construções interrelacionadas. Portanto, as associações analógicas entre construções, sejam elas de forma ou de conteúdo, têm papel central no entendimento da emergência e do desenvolvimento de padrões gramaticais, envolvendo os usuários da língua e a mudança linguística, conforme Bybee (2016 [2010]).

Retomando a construção ditransitiva e suas variadas manifestações estruturais, em trabalho anterior (Furtado da Cunha, 2017) focalizei as relações verticais ou taxonômicas entre esses padrões semântico-sintáticos. No nível mais alto da rede está o esquema abstrato (X causa Y receber Z). Abaixo dele, posicionam-se quatro subesquemas: o subesquema 1 abriga o sentido central de transferência, que pode ser concreta ou abstrata, como resultado de um processo metafórico; o subesquema 2 expressa o sentido de transferência que depende da satisfação de condições; o subesquema 3 acolhe o sentido de transferência futura; e o subesquema 4 acomoda o sentido de intenção de transferência. Em posição mais abaixo na rede, estão as microconstruções correspondentes a cada subesquema, com os tipos de verbo que as instanciam. Assim, a microconstrução 1 agrupa o verbo *dar* e seus semelhantes semânticos, como *entregar* e *presentear*, exemplares prototípicos; a microconstrução 2 reúne verbos do tipo de *oferecer*, em que condições de satisfação devem ser cumpridas para que a transferência aconteça; a microconstrução 3 sanciona verbos que indicam transferência em algum ponto do futuro, como *deixar*; por fim, a microconstrução 4 é instanciada por verbos que traduzem a intenção de transferência, a exemplo de *fazer*. Note-

se que as microconstruções 2, 3 e 4 relacionam-se ao grau de êxito da transferência, afastando-se, assim, do sentido central de transferência efetuada. Logo, a construção ditransitiva se associa a uma família de sentidos distintos, mas relacionados, formando uma rede.

Tratando das relações horizontais ou sincrônicas da CD, as quais se dão no nível hierárquico das microconstruções, vimos que os construtos que as realizam podem variar em termos da classe semântica do elemento que preenche o *slot* verbal, da posição dos argumentos OI e OD em relação ao verbo, do papel semântico e da codificação morfossintática do OI e do caso semântico (afetado ou efetuado) do OD. Essas propriedades não fazem parte do esquema abstrato da construção, e sim dos padrões individuais licenciados pela construção ditransitiva. Dessa forma, o significado das aloconstruções corresponde ao conteúdo semântico herdado do esquema de nível superior que compartilham bem como às pequenas diferenças que as distinguem. Nesses termos, pode-se afirmar que a associação horizontal entre as aloconstruções da CD capta o fato de que há uma forte conexão entre elas, que provêm da mesma construção esquemática. Nas palavras de Cappelle (2024), são filhas da mesma mãe.

Vê-se, portanto, que generalizações sobre construtos formalmente distintos que exibem semelhanças semânticas demonstram que um dado evento pode ser expresso de várias maneiras, como afirma Perek (2012). Essas ordenações alternativas podem ser consideradas como a codificação de perspectivas cognitivas distintas. A primeira delas, relacionada à interação humana, seleciona o recipiente como o objeto principal, ao passo que a segunda, ligada à manipulação ou criação de uma coisa, opta pelo paciente como objeto principal (Newman, 2002).

Do ponto de vista cognitivo, diferentes processos são responsáveis pela realização das aloconstruções da CD, tais como: categorização (em especial nas diferenças, quando uma variante se restringe a determinado tipo de evento de transferência), metaforização (quando a transferência é abstrata, expressa por um verbo *dicendi*), analogização (como acontece nas semelhanças semânticas e/ou sintáticas) e armazenamento de informação na memória (por replicação e frequência de uso) (Bybee, 2016 [2010]). Quanto aos aspectos discursivo-pragmáticos que motivam a ocorrência dessas variantes da CD, verifica-se o *status* informacional do OI, o qual prototipicamente é informação dada, recuperada do contexto linguístico (fragmentos (1), (3), (4) e (5), por exemplo) ou da situação de comunicação, como em (6), (7) e (10a), assim como a saliência discursiva desse participante, demonstrada pela sua continuidade textual. Há também motivações semânticas, tais como o papel semântico do OD e do OI e seu atributo [+animado], e gramaticais, como a codificação pronominal do OI, o peso do OD, como em (9), e a possibilidade de sua codificação como pronome relativo, conforme (13).

Considerações finais

Neste texto, tratei da variação sincrônica ou gramatical dos construtos da construção ditransitiva, analisando as relações horizontais que se dão entre eles. Tais construtos se aproximam em termos do seu conteúdo, mas diferem do ponto de vista estrutural e discursivo-pragmático, dadas a classe semântica do verbo usado e as características semânticas e morfossintáticas dos participantes objeto indireto e direto. Construtos com o mesmo verbo podem, inclusive, apresentar diferentes codificações no que diz respeito à ordenação desses participantes, o que indica uma certa competitividade funcional. Desse modo, não é possível afirmar que os construtos da CD são totalmente equivalentes, conforme prevê o princípio da não-sinonímia (Goldberg, 1995). Constatei, ainda, que a variação é gradiente, visto que alguns verbos e padrões exibem graus de produtividade diferentes.

Sob o ângulo cognitivo, demonstrei a atuação de diversos princípios gerais, assim como a possibilidade de codificação alternativa da perspectiva selecionada para a apresentação do evento de transferência. No âmbito discursivo-pragmático, diferentes pressões motivam a escolha por uma ou outra variante. Do ponto de vista semântico e morfossintático, operam propriedades gradientes, que se aproximam mais ou menos do esquema construcional de nível superior.

A maleabilidade tanto na codificação quanto na conceitualização é a principal razão por que a gramática parece arbitrária (Kay, 2005). Conceitualmente, há distintas maneiras de conceber um dado evento, e uma concepção particular de um evento pode se desviar do cânone em algum grau. Linguisticamente, uma variedade de recursos gramaticais, reunidos em torno de um protótipo, está disponível como meio alternativo de codificar um dado evento ou uma dada situação. Por conseguinte, as propriedades objetivas de um evento não bastam para predizer a estrutura gramatical de uma oração que o descreve. Essa maleabilidade de alternativas de codificação para a construção ditransitiva é uma das características da gramática que se constitui na interação sociocomunicativa.

Referências

FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Gragoatá**, v. 17, p. 115-131, 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 25, n. 2, p. 555-584, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. **Gragoatá**, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020.

BOAS, H. **A constructional approach to resultatives**. Stanford: CSLI, 2003. p. 361-39.

BORBA, F. da S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for "allostructions". **Constructions**, Special Volume 1, p. 1-28, 2006.

CAPPELLE, B. Can we factor out free choice? In: DUFTER, A.; FLEISCHER, J.; SEILER, G. (eds.). **Describing and modeling variation in grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 183-199.

CAPPELLE, B. Can construction grammar be proven wrong? In: HOFFMANN, T.; BERGS, A. (eds.). **Elements in Construction Grammar**, 2024.

CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em português. **Revista Soletas**, v. 1, p. 133-153, 2019.

CHAFE, W. **Meaning and the structure of language**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

COLLEMAN, T.; DE CLERCK, B. Constructional semantics on the move: on semantic specialization in the English double-object construction. **Cognitive Linguistics**, v. 22, p. 183-209, 2011.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 1, p. 83-101, 2016.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DĄBROWSKA, E; DIVJAK, D. (eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2019. p. 1-24.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-366. (Typological Studies in Language, 6).

FISHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 31-42.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Gragoatá**, v. 17, p. 115-131, 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 25, n. 2, p. 555-584, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. **Gragoatá**, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Variação no domínio das construções de estrutura argumental. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (orgs.). **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal: EDUFRN, 2018. p. 10-35.

GENTNER, D.; MARKMAN, A. B. Structure mapping in analogy and similarity. **American Psychologist**, v. 52, n. 1, p. 45-56, 1997.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: An introduction. v. I., 2001.

GIVÓN, T. **The Genesis of Syntactic Complexity**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. Tradução de M. A. Furtado da Cunha, M. E. Martelotta e F. Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012 [1979].

GIVÓN, T. **The Diachrony of Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

HAIMAN, J. **Natural syntax**: Iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HASPELMATH, M. Ditransitive constructions. **Annual Review of Linguistics**, v. 1, p. 19-41, 2015.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar**: a reconstruction. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HILPERT, M. **Constructional change in English**: developments in allomorphy, word-formation and syntax. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HOFFMANN, S.; TROUSDALE, G. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P. J. Causes and affects. **CLS**, v. 21, p. 67-88, 1985.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUDSON, R. **Language networks: the new Word Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KAY, P. Argument structure constructions and the argument-adjunct distinction. In: FRIED, M.; BOAS, H. (eds.). **Grammatical constructions: Back to the roots**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 71-98.

LABOV, W. Ordinary events. In: FOUGHT, C. (ed.). **Sociolinguistic variation: critical reflections**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 31-43.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In: KEMMER, S.; BARLOW, M. (eds.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI, 2000. p. 1-64.

MALCHUKOV, A.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. Ditransitive constructions: a typological overview. In: MALCHUKOV, A.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. (eds.). **Studies in ditransitive constructions: A comparative handbook**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 1-64.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R. (org.). **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009. p. 1-20.

NEWMAN, J. Culture, cognition, and the grammar of 'give' clauses. In: ENFIELD, N. (ed.). **Ethnosyntax: Explorations in culture and grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 74-96.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa Revista de Linguística**, v. 60, n. 2, p. 233-260, 2016.

PEREK, F. Alternation-based generalizations are stored in the mental grammar: Evidence from a sorting task experiment. **Cognitive Linguistics**, v. 23, p. 601-635, 2012.

PEREK, F. **Argument structure in usage-based construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

REDDY, M. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-310.

SILVA, J. R.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Transitividade e variação construcional. **Revista Odisseia**, v. 7, p. 43-65, 2022.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de T. P. de Oliveira e M. A. Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Sobre a autora

Maria Angélica Furtado da Cunha

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3128-6852>

Professora emérita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é professora titular de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora visitante da Universidade Federal Fluminense. Possui doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1978) e bacharelado e licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975/6). Fez dois estágios de pós-doutorado na University of California, Santa Barbara, e um na Universidade Federal Fluminense.

Recebido em jul. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

A diaconstrução funcional [SN (SV_{FUNC}) X]: uma descrição de incompatibilidades no contexto de aquisição de PBL2 por aprendizes surdos

The functional diaconstruction [NP(VP_{FUNC})X]: a description of incompatibilities in the context of L2BP acquisition by deaf learners

Roberto de Freitas Junior¹
Hosana Sheila da S. Rosa Xavier²

Resumo: O artigo trata de uma pesquisa desenvolvida no âmbito da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Diessel, 2019; Perek, 2015) e da Gramática de Construções Diassistêmica (Höder *et al* 2021). A motivação para tal investigação deu-se pela percepção de que alunos surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade apresentam distorções nos usos da construção funcional [SN V_{FUNC} X] com os verbos SER e ESTAR no PB. Nossa hipótese é a de que aprendizes surdos podem não ter especificada a construção funcional [SN V_{FUNC} X] do português do Brasil como L2 – o PBL2 - (Soares & Nascimento, 2020), e suas microconstruções, mas apenas uma diaconstrução funcional [SN (SV_{FUNC}) X], o que leva a supergeneralizações, transferências e interferências no PBL2, refletidas em problemas sistêmicos na produção escrita desses indivíduos. Para a pesquisa, de base qualitativa e quantitativa, aplicamos um teste diagnóstico (T_{Diag}) em formato *cloze*, para verificarmos o desempenho dos aprendizes surdos, observando incompatibilidades morfossintáticas associadas à construção em foco, o que nos permitiu a caracterização de três grupos de problemas de escrita em PBL2 dos aprendizes surdos: (a) Apagamentos; (b) Preenchimentos impróprios e (c) Combinações discordantes.

Palavras-chave: Surdez. GCBU. GCD. PBL2.

Abstract: The article deals with research developed within the scope of Usage-Based Construction Grammar (Goldberg, 2006; Diessel, 2019; Perek, 2015) and Diasystematic Construction Grammar (Höder *et al* 2021). The motivation for this investigation was due to the perception that deaf students of different age groups and education levels present distortions in the use of the functional construction [NP V_{FUNC} X] with the verbs SER and ESTAR in Brazilian Portuguese (BP). Our hypothesis is that deaf learners may not have specified the functional construction [NP V_{FUNC} X] of BP (Soares & Nascimento, 2020), and its microconstructions, but only the functional diaconstruction [NP(VP_{FUNC}) X], which leads to overgeneralizations, language transfer and interference in L2BP, that are reflected in systemic problems in the written production of these individuals. For this qualitative and quantitative research, we applied a diagnostic test (T_{Diag}) in cloze format, to check the performance of deaf learners regarding the construction, observing morphosyntactic incompatibilities, which allowed us to characterize three groups of deaf learners' writing problems in L2BP (a) Deletions; (b) Improper fillings and (c) Discordant combinations.

Keywords: Deafness. UBG. DCG. L2BP.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Letras-Libras. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: robertofrei@letras.ufrj.br.

² Centro Interescolar Ulysses Guimarães. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: nrosa.hosana59@gmail.com.

Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados de Xavier (2023), pesquisa que surgiu a partir da observação empírica sobre a produção escrita de estudantes universitários surdos, que evidenciava domínio inconsistente, verificado no uso do Português Brasileiro (PB) escrito, da construção funcional [SN VFUNC X] (Soares; Nascimento, 2020) com os verbos SER e ESTAR.

O estudo seguiu os pressupostos do modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Diessel, 2019; Perek, 2015), em particular, na vertente da Gramática de Construções Diassistêmica (Höder, 2021). O primeiro modelo concebe a língua como uma rede de construções que emergem a partir da experiência de uso real com a língua e defende que a emergência da gramática é decorrente da ação de processos cognitivos de domínio geral (PCDG), como a categorização e a analogia (Bybee, 2010). O segundo, que não é um modelo à parte do primeiro, defende a existência de um *constructicon* multilíngue, emergente em situações de contato linguístico, como o da aquisição de línguas adicionais, e formado por construções línguo-específicas (idioconstruções) e construções línguo-não específicas (diaconstruções).

As ideias desenvolvidas no trabalho partem de problemas identificados em estudos anteriores que demonstram que estudantes surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade apresentam em suas produções escritas em PBL2 incompatibilidades gramaticais diversas (Freitas Jr. *et al.*, 2018), incluindo-se, quando os usos instanciam a construção funcional [SN VFUNC X] com os verbos *ser* e *estar* (Soares; Nascimento, 2020).

A principal hipótese da pesquisa para tais incompatibilidades baseia-se no modelo da Gramática de Construções Diassistêmica (GCD) e se refere ao fato de termos em contato duas construções funcionais [SN VFUNC X]³ análogas da Libras e do PB (idioconstruções), que embora semelhantes, mantêm entre si diferenças importantes. Os PCDG da analogia e categorização levam à formação de uma diaconstrução funcional [SN VFUNC X] subespecificada para tais diferenças e que explica o fato de a produção desses indivíduos afastar-se do que é testemunhado no uso nativo do PB.

Neste trabalho, portanto, descrevemos os problemas identificados nessas produções, classificando grupos sistêmicos de problemas de escrita presentes em determinada fase de aquisição dessa construção no PBL2. Para a identificação dos problemas relacionados aos usos com os verbos SER e ESTAR, aplicamos um teste diagnóstico (Tdiag), que consistiu em uma atividade com a técnica *Cloze* e pela qual pudemos mapear três categorias de problemas de produção: apagamentos e preenchimentos indevidos de itens, além de combinações construcionais discordantes.

³ Sentenças do tipo 'João é legal' e 'Pedro está bonito hoje' exemplificam a construção aqui instanciada. Tradicionalmente são associadas ao uso dos chamados verbos de ligação em predicções nominais diversas.

Estudos voltados para a análise e descrição da produção escrita de surdos brasileiros demonstram a emergência de um sistema linguístico com diferenças construcionais não atestadas no PB usado pela população letrada e nem na Libras (Freitas Jr. *et al.*, 2020). Na investigação de Soares & Nascimento (2020), os autores verificam que, apesar da construção funcional [SN VFUNC X] ser usada frequentemente em PB escrito, esse padrão, por diversas vezes, não é representado de maneira consistente na gramática internalizada, o *constructicon*, de aprendizes surdos de diferentes idades e níveis escolares.

Diante disso, neste estudo, propomos descrever, por meio do TDiag, o conhecimento inicial dos aprendizes surdos a respeito do uso da construção funcional [SN VFUNC X] em uma pesquisa que aprofunda a discussão sobre representação cognitiva construcional no contexto de aquisição de línguas adicionais e que pode contribuir para futuras propostas de abordagens de ensino e produções de materiais didáticos. A pesquisa foi de orientação quantitativa e qualitativa e integra uma amostra gerada por 9 aprendizes surdos do ensino fundamental II. O teste desenvolveu-se por meio do preenchimento de lacunas, compondo 270 dados (135 com 'ser' e 135 com 'estar'), associados à instanciação da construção funcional [SN VFUNC X] mas não apenas, já que havia demais sentenças com os verbos SER e ESTAR que não se referiam a outros padrões construcionais.

Na sequência, apresentamos as etapas de desenvolvimento da pesquisa em tela, a saber, o estudo de seus referenciais teóricos, a apresentação de sua trajetória metodológica, a descrição de seus resultados. Por fim, concluímos com nossas considerações finais.

Referencial teórico

Apresentamos nesta seção as questões teóricas que permeiam a pesquisa. Para tanto, destacamos alguns pontos iniciais relevantes para melhor entendimento, por parte do leitor, sobre o desenvolvimento do trabalho. Enfocamos a construção funcional [SN VFUNC X] pela perspectiva construcional baseada no uso, via Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), em particular, pelos aspectos da GCD, que consideram a língua objeto resultante de um processo dinâmico, em que atuam habilidades cognitivas de domínio geral em interação com o papel desempenhado pela experiência linguística, ou seja, pelo uso e frequência com que acontecem as questões gramaticais, em perspectiva emergentista de aquisição de L2.

A GCBU consiste em um modelo de gramática que defende que o conhecimento linguístico é concebido como uma rede de construções, cuja emergência deriva da atuação de PCDG e da experiência real com o uso da língua. O modelo, portanto, discorda de postulados que desconsideram impactos do uso linguístico na representação mental da língua e que defendem a existência de uma cognição específica para a linguagem ou uma divisão modular das áreas da gramática

Sabe-se que a pergunta fundamental feita por linguistas é a que se refere ao que sabemos, quando sabemos uma língua. Para pesquisadores adeptos do gerativismo, por exemplo, saber uma língua é conhecer uma lista de palavras e regras de derivação sintática e interpretação semântica. Para pesquisadores adeptos da perspectiva construcional, saber uma língua é ter representado cognitivamente um inventário de unidades simbólicas, pareamentos forma-função, as construções gramaticais. Em suma, em uma abordagem construcional, o conhecimento linguístico internalizado apresenta-se como “um componente momentâneo, cuja emergência está condicionada ao recrutamento de processos cognitivos de domínio geral e a aspectos do uso frequente de construções” (Soares; Nascimento, 2020, p. 139).

A construção é entendida como uma associação simbólica convencionalizada, um pareamento de forma (de base sintática, morfológica e fonológica) e sentido (de base semântica, pragmática e discursiva-funcional). De acordo com Goldberg (1995), “A noção de construção tem um lugar consagrado na linguística”⁴ (p. 1). A autora traz a construção ao seu lugar de direito, “o centro do palco”, acrescentando que ela deve ser reconhecida como entidade teórica. É de grande relevância a definição de construção para essa pesquisa, visto a necessidade de considerarmos os pareamentos de forma/significado do PB como unidades linguísticas a serem internalizadas pelos estudantes surdos, considerando-se a relação com as construções pré-existentes, da Libras como L1, pré-existentes na gramática desses aprendizes.

Para a GCBU não existe uma divisão rígida entre léxico e gramática, esse desmembramento é desfeito “num *continuum* chamado *léxico-sintaxe*, visto que a noção de construção comporta tanto itens de domínio lexical, quanto itens que variam em graus de esquematicidade e abstração de natureza gramatical” (Diniz, 2022, pp. 21-22). Assim, a gramática, o *constructicon*, é concebida como uma rede interconectada, de um lado, por pareamentos de ordem lexical-idiomática e, de outro, por pareamentos de ordem fonológica e morfossintática.

Uma visão construcional baseada no uso sobre aquisição de L2

A GCBU se alinha à visão emergentista de aquisição, considerando que habilidades sociocognitivas são recrutadas na aquisição de uma língua e que a estrutura linguística emerge a partir de interações de uso da língua (Freitas Jr & Mello, 2020). Além do mais, esse modelo se coaduna com postulados que defendem a não separação entre a aprendizagem de língua e de outras aprendizagens de domínio geral, portanto, posto que não há nada de singular no aprendizado da linguagem, já que ela se desenvolve essencialmente da mesma

⁴ Do original em inglês: “The notion of construction has a time-honored place in linguistics”.

forma que outras funções cognitivas, não linguísticas.

Quando assumimos a atuação de PCDG na aprendizagem/aquisição de linguagem, apresentamos um “ir além” do foco apenas na estrutura linguística e formulamos, assim como sugerido em Bybee (2010), um objetivo mais amplo de uma teoria da linguagem que enfoca os processos dinâmicos que supostamente, atuariam em outras áreas da cognição humana, que não são específicos da linguagem, que criam as línguas e que conferem a elas sua estrutura e sua variância.

O aprendizado de uma língua é visto, assim, como aprendizado de construções: da identificação de seus contextos de uso e das regras de combinações construcionais. Assim, em uma visão centrada no uso, a separação entre aquisição de uma L1 e aprendizagem de uma L2 não é possível, visto que uma ou outra gramática é conhecimento de mesma natureza e que emerge pela atuação frequente dos mesmos processos cognitivos. À vista disso, essa perspectiva desconstrói a divisão clássica entre os conceitos de aquisição e aprendizagem, uma distinção que se sustenta apenas “em um modelo que prevê a existência de um período crítico para o desenvolvimento da linguagem, segundo o qual uma L2 não poderá ser adquirida e sim aprendida” (Nascimento, 2020, p. 33).

A GCBU considera que o uso linguístico frequente, as experiências socioculturais e as habilidades cognitivas de domínio geral atuam na aprendizagem de L1 e de L2. Nesse sentido, é importante pensarmos que a realidade do contato linguístico, ou seja, da coexistência de dados linguísticos oriundos de diferentes línguas há de impactar de modo particular a aquisição gramatical, como acreditam os adeptos da GCBU.

O bi/multilinguismo apresenta-se como realidade em todo o mundo. A GCD é uma abordagem construcionista baseada no uso para situações de contato linguístico e que se baseia na ideia de que o conhecimento linguístico dos falantes inclui unidades específicas e não específicas do idioma a ser adquirido.

Höder *et al.* (2021) enfatizam que o indivíduo bi/multilíngue possui uma gramática emergente, integrada (L1, L2, L3...) e que o conhecimento de uma L2, afeta e sofre impacto das línguas *a priori* adquiridas. Nessa perspectiva, a GCD “não se ocupa em analisar exclusivamente o *constructicon* A e/ou o *constructicon* B” (Diniz, 2022, p. 40), mas o investiga como uma estrutura única, o *constructicon* multilíngue.

Sobre esse ponto, Freitas Jr *et al.* (2022) ressaltam que um dos grandes questionamentos está relacionado a como falantes multilíngues organizam cognitivamente experiências envolvendo o uso simultâneo de diversos idiomas. Nesse sentido, defendem

[...] a possibilidade de que indivíduos multilíngues não sejam portadores de gramáticas individuais referentes às diferentes línguas por eles utilizadas. Ao contrário, seriam falantes cujo repertório linguístico é consubstanciado por exemplares coexistentes de duas ou mais línguas, ou experiências

linguísticas, formadores de uma única gramática multilíngue, uma única rede de construções: o *constructicon* multilíngue (Freitas Jr. et al., 2022, p. 612).

Os pesquisadores descrevem algumas situações que evidenciam o conceito de *constructicon* multilíngue, tradicionalmente, associados ao contexto de aquisição de L2, como a interferência/ transferência linguística e a generalização/ supergeneralização. Eles asseveram que essas situações estão atreladas a efeitos de, entre outras causas, “analogização” e são observados na produção gramatical em diferentes situações de contato” (Freitas Jr. et al., 2022, p. 614). Assim, falantes bilíngues/multilíngues apresentam uma gramática internalizada na forma de rede de (i) idioconstruções (construções línguo-específicas) e (ii) diaconstruções (construções línguo-não específicas). As primeiras referindo-se à representação cognitiva de itens específicos de cada língua falada pelo falante bilíngue (no caso de surdos bilíngues Libras-PB, itens específicos da Libras e do PB), a segunda apresenta-se como resultado da identificação interlingual entre construções análogas dos dois sistemas.

Em suma, os autores defendem que o processo cognitivo de analogia, responsável pela identificação interlingual de construções semelhantes, faz com que os falantes generalizem, via categorização, um item diassistêmico, ou seja, uma construção mais abstrata que mantém em uma única representação traços formais e funcionais das construções análogas observadas nas línguas em contato (Freitas Jr et al, 2022, p. 616).

A construção funcional [SN V_{FUNC} X] no contexto de aquisição de PBL2: estudos prévios

No presente artigo, apresentamos resultados de pesquisa, na qual investigamos a construção funcional [SN V_{FUNC} X] no contexto de aquisição de PBL2 de aprendizes surdos, uma diaconstrução, por ser uma representação emergente a partir do encontro das construções funcionais análogas do PB e da Libras na gramática internalizada desses aprendizes. Como hipótese, defendemos que as produções desviantes em PBL2 de surdos poderiam ser explicadas a partir do choque entre as construções da L1 e da L2.

Ao falarem sobre a representação cognitiva de construções funcionais do PB em crianças e adultos surdos, Soares & Nascimento (2020) evidenciam que esses padrões apesar de serem usados frequentemente em PB, ainda são inconsistentes no *constructicon* desses aprendizes, tanto em marcas flexionais, quanto no que tange à escolha do item verbal por sua base semântica.

Para a condução de sua investigação, os autores inicialmente fazem um mapeamento construcional do esquema funcional [SN V_{FUNC} X] no PB e apresentam quatro microconstruções, de propriedades formais e funcionais próprias, ligadas ao padrão mais abstrato da construção funcional [SN V_{FUNC} X]: as microconstruções apresentacional, equativa, atributiva relativa e atributiva simples. Abaixo, apresentamos um quadro que resume

as características desses pareamentos:

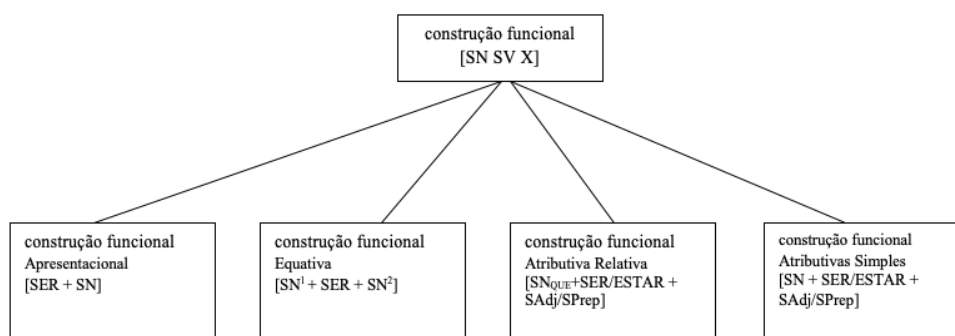
Quadro 1 – A construção funcional [SN SVFUNC X] e suas microconstruções

Tipo de Construção	Representação Morfossintática	Configuração semântica	Exemplo (Tdiag)
Apresentacional	[SER + SN]	O verbo funcional e impessoal inicia a construção e o sintagma nominal único com frequência é indeterminado, conforme descrição de Castilho (2010).	<u>Era</u> uma vez uma menina.
Equativa	[SN ¹ + SER + SN ²]	Estabelece uma relação de igualdade ou de identificação entre o sujeito e o equativo que não o predica.	Seu nome <u>é</u> Chapeuzinho Vermelho.
Atributiva Relativa	[SN _{QUE} +SER/ESTAR + SAdj/SPrep]	Qualifica o sujeito em estados que podem ser constantes, adquiridos ou resultativos ou o localiza no espaço. Os sintagmas adjetival e preposicional são os responsáveis pela predicação.	O lobo que <u>era</u> veloz.
Atributivas Simples	[SN + SER/ESTAR + SAdj/SPrep]		Chapeuzinho <u>estava</u> na floresta. Ela <u>está</u> doente.

Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Na sequência, segue a rede construcional que representa o conhecimento linguístico armazenado e sobre o qual faz referência o quadro acima:

Figura 1 – A rede construcional funcional [SN VFUNC X]



Fonte: Elaboração Própria.

Diferentemente do PB, a Libras é tradicionalmente reconhecida como uma língua que não realiza morfofonologicamente o verbo SER e ESTAR, as sentenças sendo compostas apenas por sujeito e predicativo, como nos exemplos “Eu bonit@” e “Hoje você bonita@” (Godoy, 2022).

O fato, obviamente, de os verbos não serem usados na LIBRAS não interfere na interpretação de sentenças. Assim, podemos afirmar que o esquema funcional [SN VFUNC X]

desta língua apresentaria subespecificação fonológica do item verbal. O estudo de Soares & Nascimento (2020), no qual se baseia o presente trabalho, entretanto, apresenta a recorrência de uso do sinal <É> em dados da Libras, um fenômeno decorrente do contato linguístico da Libras com o PB. O contato afeta a representação cognitiva de usuários mais novos desta língua, que passam a apresentar com certa frequência o uso da forma <É>, tanto na fala, quanto na representação escrita. Assim, os autores sugerem que em textos em PBL2 escritos por surdos a realização da forma verbal para 'ser' e 'estar' é na realidade facultativa, a depender de diversos fatores. Assim, em termos construcionais, sincronicamente, a melhor representação formal para a construção funcional (copulativa) na Libras é [SN (V/Ø) X], na qual o *slot* verbal aparece não preenchido, mas como uma possibilidade de uso já frequentemente atestada.

Uma breve observação de dados reais de produção de aprendizes surdos de PBL2 evidencia o fenômeno. A seguir, apresentamos alguns dados de produção desses aprendizes, em nível de graduação, que exemplificam os pontos discutidos pelos autores:

(1) Meu sonho Ø estudar GALAUDET.

(2) A porta sete anões cama é Branca de Neve.

Em breve análise dos dados, vemos que em (1) há o apagamento do verbo funcional (VFUNC). Sobre esta questão, a posição dos autores é a de que “a ausência dos verbos funcionais pode ser um indicativo de inconsistências em relação não só à forma, mas principalmente aos significados dos verbos” (p146). Em (2) os autores observam a troca da forma *está* por *é* no preenchimento da posição do VFUNC. Em ambos os casos, atestam inconsistências regulares acerca dos usos dos verbos associados à construção funcional, seja por apagamentos, seja por trocas indevidas de itens verbais.

Os autores conduziram a pesquisa, investigando textos escritos por aprendizes surdos da educação básica e do ensino superior. Na análise, quantificaram as ocorrências de VFUNC, preenchidas, ou não, e com ou sem divergências, identificando na amostra de 10 narrativas de alunos de ensino fundamental apenas 12 preenchimentos da posição VFUNC, sendo 11 correspondentes ao verbo SER, dos quais 9 sendo formas de primeira e segunda pessoas do singular do presente do indicativo e 22 sequências sem o *slot* de VFUNC preenchido. Concernente à amostra de 48 textos (orelha de livro e mensagens) de aprendizes de ensino superior, Soares & Nascimento (2020) identificaram 42 (100%) preenchimentos da posição VFUNC referentes ao verbo *ser*, 31 (74%) assumindo a forma <É> e 26% ocorrendo com as formas *era*, *será*, *foi* e *sou*. Ilustramos a seguir alguns exemplos da investigação concernentes a esta etapa:

- (1) (...) Eu, L, é seu aluno (...). (preenchimento do *slot* do VFUNC com divergência).
(2) O cisne disse: – você não é feio. (preenchimento do *slot* do VFUNC sem divergência) (3) Eu, MC, tenho 22 anos, $\emptyset$ estudante. (não preenchimento do *slot* do VFUNC) .

O estudo de Soares e Nascimento (2020) analisou também os núcleos do SN de função SUJEITO e observaram uma frequência de 90% do *chunk* [SN+ é], em que a posição do SN é preenchida por (i) pronomes pessoais (*ele*, *ela* e *você*), (ii) nomes de pessoas e (iii) sintagmas nominais de núcleo ‘substantivo’ com traço [+ animado]. Segundo os autores, o *chunk* [SN+ é] é altamente frequente no PB e pelo contato linguístico Libras-PB já estaria entrincheirado em algum grau na memória do aprendiz de PBL2, como evidenciam os exemplos dos pesquisadores:

- (6) Ele é professor [...] (grupo B)
(7) Fabrícia é muito legal que maravilhosa. (grupo B)
(8) O segundo patinho nasceu é amarelo. (grupo A)

Os dados também mostraram que o traço semântico de animacidade do sujeito pode estar relacionado à percepção do padrão [SN + é], visto que, *chunks* com sujeitos mais animados apresentaram menos *slots* verbais vazios, enquanto aqueles que têm sujeitos menos animados apresentaram mais de 50% de *slots* verbais não preenchidos:

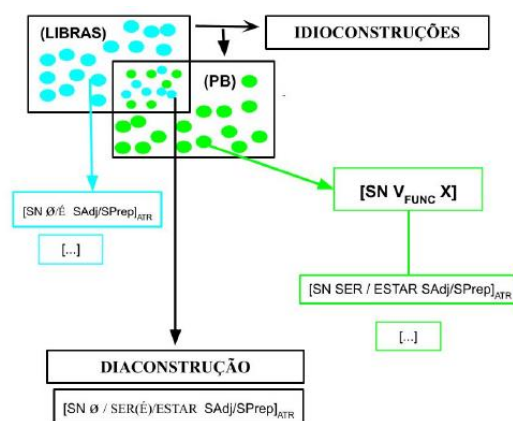
- (9) Não conseguir ler e escrita $\emptyset$ mais difícil porque não tem interesse dentro de texto [...].
(10) Meu sonho $\emptyset$ estudar GALAUDET [...].
(11) Projeto $\emptyset$ pesquisar Libras Durante 2 anos.
(12) Meu curso $\emptyset$ Letras-Libras e 3º período.

Os resultados da pesquisa dos autores mostram evidências de que aprendizes de PBL2 surdos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade ainda demonstram instabilidade na representação da construção funcional [SN VFUNC X], mesmo após vários anos de escolaridade. Nosso estudo inspira-se em termos teóricos e práticos na pesquisa de Soares & Nascimento (2020), posto que segue a visão construcionista baseada no uso dos autores e busca descrever problemas de produção escrita desses aprendizes acerca da construção funcional [SN VFUNC X].

A presente pesquisa, entretanto, busca diálogo direto com a GCD na tentativa de ilustrar a natureza do *constructicon* em situação de contato linguístico, mapeando os

problemas encontrados, buscando entender características da L1 e da L2 que podem estar a eles relacionadas, mas com uma explicação apoiada na relação entre idioconstruções e diaconstruções que interagem na trama da rede construcional do usuário bilíngue Libras-PB. A figura abaixo ilustra o que entendemos por constructicon multilíngue. Nelas identificamos, em um primeiro momento a presença de idioconstruções funcionais da Libras e do PB, as quais, em segundo momento, em decorrência do contato Libras-PB, tornam-se uma única construção mais abstrata e subespecificada para traços formais e funcionais: a diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X]:

Figura 2– A diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X]



Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Metodologia

O Teste Diagnóstico (TDiag)

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e quantitativa. Para verificarmos o conhecimento dos estudantes sobre o uso da construção funcional [SN V_FUNC X], elaboramos e aplicamos o TDiag em um grupo de 9 estudantes surdos usuários de Libras-PB matriculados no ensino fundamental II.

Para a elaboração do TDiag utilizamos a técnica didática *cloze*. A proposta inicial dessa técnica é verificar a legibilidade/inteligibilidade de um texto, através do preenchimento de lacunas a cada cinco palavras de um conjunto textual. Soares (2018) propõe a aplicação do *cloze* como um instrumento de investigação de processos cognitivos subjacentes à aquisição de línguas e propõe que essa técnica seja aplicada ao ensino de PB para surdos, para proporcionar o desenvolvimento metacognitivo e a proficiência na L2 desse público.

Na sequência, apresentamos um trecho do TDiag, preenchido com o devido gabarito e com os comandos, ou seja, os itens verbais no infinitivo, que deveriam ser usados pelos alunos adequando-os às demandas de flexão de tempo e número:

Figura 3 – Trecho do TDiag



Quando Chapeuzinho Vermelho chegou na casa da avó, a porta estava (estar) aberta. Ela entrou (entrar) e percebeu algo estranho. A vovó estava diferente. Chapeuzinho falou:

- Nossa, Vovó! Suas orelhas estão (estar) grandes!
- É (ser) para te escutar (escutar) melhor! – o lobo respondeu, disfarçando a voz.
- Puxa, Vovó, seus olhos estão grandes!
- São (ser) para te ver (ver) melhor!
- Vovó, suas mãos estão (estar) enormes!
- São (ser) para te tocar melhor! – o lobo disse.
- Uau, Vovó, que boca enorme você tem (ter)! – exclamou Chapeuzinho Vermelho.
- É (ser) para te comer melhor!!!

O lobo gritou, pulou fora da cama e perseguiu Chapeuzinho pela floresta!

Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Antes da aplicação do TDiag foi necessária a prévia autorização da Fundação Municipal de Educação (FME) de Niterói junto ao Núcleo de Estágios (NEST), setor responsável pela autorização de execução de pesquisas no âmbito do município de Niterói. Os alunos apresentam faixa etária entre 13 e 16 anos e a maioria cursou o Ensino Infantil em escola regular e o ensino fundamental em escola regular bilíngue. Participaram do estudo 3 alunos do 6º ano, 2 do 7º ano e 4 do 8º ano. Observamos, ainda, que a maioria dos participantes do estudo nasceu surda, possuía surdez profunda e não fazia acompanhamento com fonoaudiólogo. Além do mais, 100% das famílias são de ouvintes e apenas alguns de seus integrantes usavam Libras. Todos os nove alunos usam a Libras em sua comunicação, porém alguns a usam juntamente ao português (oral ou escrito).

O TDiag foi composto por 270 lacunas, que deveriam ser preenchidas com usos diversos dos verbos SER e ESTAR. Dos 270 dados, havia usos diversos com os verbos SER e ESTAR, não apenas aqueles que instanciariam o conhecimento construcional acerca do esquema funcional [SN VFUNC X]. Assim, apenas 119 dados referiram-se diretamente ao objeto de pesquisa apresentado no presente artigo.

O teste objetivou verificar os conhecimentos prévios dos alunos quanto ao uso da construção [SN VFUNC X]. Baseados nos achados de Soares & Nascimento (2020) e de Freitas Jr et al (2018), sobre a natureza dos desvios detectados em textos escritos em PBL2 de aprendizes surdos, foram observadas três categorias de problemas gerados pelo choque construcional aqui avaliado. Em suma, assumimos a emergência da diaconstrução funcional [SN VFUNC X], subespecificada para aspectos específicos da L1 e da L2, o que pode levar a

problemas de supergeneralização, transferências e interferências observáveis em três tipos de problemas, a saber:

- (a) Apagamentos: quando o *slot* de VFUNC não é preenchido;
- (b) Preenchimentos impróprios: quando o *slot* de VFUNC é preenchido por itens verbais diferentes de *ser* e *estar* ou outros;
- (c) Combinações discordantes: quando há problema de concordância verbal de número e/ou pessoa.

O quadro abaixo apresenta exemplos das incompatibilidades acima especificadas.

Quadro 2 – Exemplos de incompatibilidades morfossintáticas (TDiag)

EXEMPLOS DE INCOMPATIBILIDADES MORFOSSINTÁTICAS NO TDiag	
Categoria	Exemplos
Apagamentos	(1) o lobo, que <u>[ø (ser)]</u> veloz. (Inf. H/ 8º ano) (2) “sua vovó <u>[que ø (estar) doente]</u> ”. (Inf. G/ 8º ano)
Preenchimento impróprio	(1) <u>[Onde ela (ser)]</u> a casa da sua avó? (Inf. E/ 7º ano) (2) <u>[a porta bater (estar)]</u> aberta. (Inf. A/ 6º ano)
Combinações discordantes	(1) <u>[Seu nome sou (ser)]</u> Chapeuzinho. (Inf. H ano/ 8º ano) (2) <u>[Ela estou]</u> doente. (Inf. G/ 8º ano)

Fonte: Xavier (2023).

Análise de Dados

O TDiag foi composto por 270 lacunas, das quais apenas 144 instanciavam o esquema funcional [SN VFUNC X] e 126 eram lacunas distratoras com diferentes construções associadas aos verbos SER e ESTAR. O TDiag evidenciou que os alunos surdos participantes da pesquisa demonstram altos índices de usos inconsistentes dos verbos SER e ESTAR em diversos tipos de construção, apesar de já estarem há alguns anos em período de escolarização.

Do total de dados, verificamos que 217 ocorrências (80,3%) foram de usos incompatíveis com o que se espera no PB e que apenas 53 (19,6%) dos usos foram compatíveis com a aceitabilidade/gramaticalidade de sentenças em PB. Como dito, dos 270 dados 144 (53,3%) envolviam a construção funcional [SN VFUNC X], manifestada em suas quatro microconstruções. O quadro abaixo apresenta esta distribuição:

Tabela 1 – Quantidade de dados por construção funcional lacunada no TDiag

MICROCONSTRUÇÃO	QUANTIDADES
Apresentacional	9
Equitativas	36
Atributiva Relativa	27
Atributiva Simples	72

Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Do total geral de incompatibilidades do teste, 217 ocorrências, contabilizamos 119 casos de instanciações incompatíveis da construção funcional. Tais dados referem-se a problemas de apagamentos, preenchimentos impróprios e combinações construcionais discordantes, como já dito, e representaram 54,8% do total de incompatibilidades. Por outro lado, do total geral de dados que instanciavam a construção funcional (144) esta relação se mostrou ainda mais significativa, já que as incompatibilidades representaram 82,6% do total de dados.

A relação observada entre os percentuais de incompatibilidades no quadro geral de dados e no quadro específico de dados que instanciavam a construção funcional [SN VFUNC X] indica a importância da problemática da questão da internalização dessa construção no contexto de aquisição do PBL2 para surdos,

Observamos na tabela 2 esse quantitativo, por microconstrução funcional:

Tabela 2 – Quantidade de incompatibilidades por construção funcional lacunada no TDiag

MICROCONSTRUÇÃO	INCOMPATIBILIDADES
Apresentacional	3
Equitativas	32
Atributiva Relativa	23
Atributiva Simples	61

Fonte: Adaptado de Xavier (2023).

Observamos, na tabela acima, que dos 119 dados incompatíveis, relativos ao esquema funcional [SN VFUNC X], três (3/9⁵) foram produzidos na construção apresentacional, trinta e dois (32/36) na construção equativa, vinte e três (23/27) em atributivas relativas e sessenta e uma (61/72) em atributivas simples. A análise da proporcionalidade de índices de incompatibilidades por microconstrução revela altíssimos índices de desvios, em particular, nos grupos das microconstruções equativa, atributiva

⁵ Relação número de incompatibilidades/total de dados.

relativa e atributiva simples. Vejamos:

Tabela 3 – Proporção de incompatibilidades por construção funcional no TDiag

MICROCONSTRUÇÃO	ÍNDICES DE INCOMPATIBILIDADE
Apresentacional	33,3%
Equitativas	88,8%
Atributiva Relativa	85,2%
Atributiva Simples	84,7%

Fonte: Elaboração Própria.

Como vemos, os índices gerais de incompatibilidades no lacunamento de dados que instanciavam a construção funcional [SN VFUNC X] destacaram-se em todos os grupos, com exceção da microconstrução apresentacional, que ainda assim apresentou mais de 30% de erros. Conforme defendido ao longo do artigo, pela perspectiva da GCD, tais índices estariam relacionados ao fato de os indivíduos participantes da pesquisa ainda terem representada cognitivamente a diaconstrução funcional [SN (SVFUNC) X], subespecificada para especificidades formais e funcionais das construções funcionais análogas na Libras e no PB, o que leva aos erros, aos fenômenos de apagamentos, trocas e combinações discordantes de itens.

Evidências de incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Apresentacional

Na construção funcional Apresentacional verificamos 9 dados, dentre os quais 3 eram incompatíveis. Nessa microconstrução houve 1 caso de *Preenchimento impróprio*, 2 ocorrências de *combinações discordantes* e nenhum caso de *apagamento*, vejamos:

Tabela 4: Incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Apresentacional

INCOMPATIBILIDADES MORFOSSINTÁTICAS NA MICROCONSTRUÇÃO APRESENTACIONAL	
Apagamentos	0
Preenchimentos impróprios	1
Combinações discordantes	2
Total	3

Fonte: Elaboração Própria.

Os dados abaixo ilustram os usos divergentes na construção funcional Apresentacional, respectivamente casos de *Preenchimentos impróprios* e de *combinações*..:

(13) Ela (ser) uma vez uma menina.

(14) Ser (ser) uma vez uma menina.

Evidências de incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Equativa

Verificamos, também, dados discordantes na microconstrução Equativa. Nesse micropadrão identificamos um total de 32 ocorrências: 8 *apagamentos*, 13 *preenchimentos impróprios* e 11 *combinações discordantes*, conforme a tabela a seguir.

Tabela 5: Incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Equativa

INCOMPATIBILIDADES MORFOSSINTÁTICAS NA MICROCONSTRUÇÃO EQUATIVA	
Apagamentos	8
Preenchimentos impróprios	1 3
Combinações discordantes	1 1
Total	3 2

Fonte: Elaboração Própria.

Dentre as 32 ocorrências geradas pelos aprendizes de L2, transcrevemos algumas na tabela abaixo para fins de ilustração dessas incompatibilidades.

Tabela 6: Amostra de ocorrências na microconstrução Equativa

AMOSTRA DE OCORRÊNCIAS NA MICROCONSTRUÇÃO EQUATIVA	
Apagamentos	(15) Eu <u>ø</u> Chapeuzinho. (16) Ela <u>ø</u> chamada assim porque sempre estava om uma capa vermelha. (17) O lobo não <u>ø</u> era mais um perigo para eles.
Preenchimentos impróprios	(18) Seu nome <u>eu</u> Chapeuzinho Vermelho. (19) Seu nome <u>Chapeuzinho</u> (ser) Chapeuzinho Vermelho. (20) Seu nome (<u>escreveu o próprio nome</u>) (ser) Chapeuzinho Vermelho. (21) Ela <u>ou</u> chamada assim porque sempre estava om uma capa vermelha.
Combinações discordantes	(22) Seu nome <u>ser</u> Chapeuzinho Vermelho. (23) Ela <u>ser</u> chamada assim porque sempre estava om uma capa vermelha. (24) Seu nome <u>sou</u> Chapeuzinho Vermelho.

Fonte: Elaboração Própria.

Evidências de incompatibilidades morfossintáticas na microconstrução Atributiva

Dos 99 dados que instanciam a microconstrução Atributiva, encontramos 72 associados à Atributiva Simples e 27 associados à Atributiva Relativa. Na tabela a seguir

apresentamos o quantitativo total de dados incompatíveis contabilizados na microconstrução Atributiva:

Tabela 7: Incompatibilidades morfosintáticas na microconstrução Atributiva

	Apagamentos	Preenchimento s impróprios	Combinações discordantes	Total de ocorrências
Atributiva Simples	8	16	37	61
Atributiva Relativa	4	6	13	23
Total	12	22	50	84

Fonte: Elaboração Própria.

No conjunto, identificamos 84 incompatibilidades, das quais 8 apagamentos, 16 preenchimentos impróprios e 37 combinações discordantes na Atributiva Simples e 4 apagamentos, 6 ocorrências de Preenchimento impróprio e 13 exemplares de combinações discordantes na Atributiva Relativa.

A partir da leitura da tabela acima, observamos 50 dados de combinações discordantes, o que evidencia um quantitativo expressivo com relação às demais ocorrências. Além disso, verificamos 22 incompatibilidades de preenchimentos impróprios e 12 apagamentos totalizando assim, 84 divergências na microconstrução Atributiva. Na tabela 8 observamos alguns exemplares retirados do *corpus*:

Tabela 8: Amostra de ocorrências na Atributiva Simples

AMOSTRA DE OCORRÊNCIAS NA MICROCONSTRUÇÃO ATRIBUTIVA SIMPLES	
Apagamentos	(25) [...] Ela <u>o</u> (estar) doente. (26) A vovó <u>o</u> (estar) diferente.
Preenchimentos impróprios	(27) Quando Chapeuzinho <u>ela</u> (estar) na floresta. (28) Onde <u>ou</u> a casa da sua avó
Combinações discordantes	(29) Seus olhos <u>ou</u> grandes. (30) Suas mãos <u>ela</u> (estar) enormes.

Fonte: Elaboração Própria.

Nas tabelas 9 observamos dados retirados do *corpus* sobre a microconstrução relativa:

Tabela 9: Amostra de ocorrências na Atributiva Relativa

AMOSTRA DE OCORRÊNCIAS NA MICROCONSTRUÇÃO ATRIBUTIVA RELATIVA	
Apagamentos	(31) [...] para sua vovó que <u>o</u> (estar) doente. (32) O lobo, que <u>o</u> (ser) veloz.
	(33) Para sua avó que <u>ela</u> (estar) doente.

Preenchimentos impróprios	(34) Conseguiram salvar a velhinha que est <u>est</u> presa dentro do armário.
Combinações discordantes	(35) Para sua avó que <u>estou</u> (estar) doente. (36) Conseguiram salvar a velhinha que est <u>ou</u> presa dentro do armário.

Fonte: Elaboração Própria.

Com os exemplos acima, observamos que a adição de novos conhecimentos linguísticos, via L2, implica algum grau de integração com construções pré-existentes (Höder *et al*, 2021a) na reorganização gramatical de base construcional: um fenômeno que leva ao surgimento gradual do *Constructicon* multilíngue, em que a L2 é representada em parte por idioconstruções e em parte por diaconstruções.

Considerações finais

A pesquisa mostra, por uma perspectiva do contato entre o par linguístico (Libras-PB), que sujeitos bilíngues (no caso, os alunos surdos) escolhem elementos que consideram apropriados para uma dada situação comunicativa, a partir de motivações diversas como, e principalmente, a frequência de uso de determinado item em uma ou outra língua. O grau de consolidação de construções na gramática bilíngue afeta diretamente as escolhas dos aprendizes.

Exemplificando, em diversos exemplos, detectamos o uso supergeneralizado de verbos na forma infinitiva, dado ao fato de que na L1 desses aprendizes, a Libras, não há uso de verbos flexionados, usando-se a mesma forma infinitiva para as diversas situações de tempo e modo verbais. Da mesma forma, itens que ocorrem com maior frequência, e por quaisquer motivos, na L2 foram candidatos a serem eleitos, aleatoriamente, no teste *Cloze*, provavelmente devido ao impacto do uso frequente e consequente registro mais consolidado de certas formas escritas, a despeito, inclusive, de seus significados, o que também pode levar a problemas de supergeneralização.

Assim, do ponto de vista da GCD, as ocorrências evidenciam a existência de um *Constructicon* multilíngue, cujo correlato epistemológico é motivado pela afirmação geral de que a aquisição e organização do conhecimento linguístico são processos regidos tanto por processos cognitivos de domínio-geral, como pela abstração e generalização com base na similaridade percebida entre construções das línguas envolvidas, quanto por outros fatores como a frequência de entrada, a saliência e outros que impactam a estruturação da gramática e que podem explicar boa parte dos problemas de aprendizagem evidenciados, no caso aqui, em textos escritos de surdos aprendizes de uma L2 escrita (Höder, *et al*, 2021).

Por uma concepção funcional cognitiva da linguagem, conjecturamos que os dados aqui apresentados evidenciam os fenômenos típicos subjacentes ao aprendizado de uma L2.

A análise desses fenômenos presumivelmente contribuirá para futuras pesquisas que visem o ensino de palavras expressões e padrões (ou construções) do PB considerando que o ensino/aprendizagem de uma língua integra uma rede de idioconstruções e diaconstruções que emergem a partir da experiência de uso concreto da língua e da atuação de habilidades cognitivas de domínio geral.

Referências

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

DIESEL, H. **The Grammar Network**: How language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.

DINIZ, R. S. **Contato linguístico em traduções da Libras para o português escrito**: análise, descrição e funcionamento do constructicon multilíngue. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S.; XAVIER, H.S. Será um grande de aprendizado: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 – interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. **Pensares em Revista**, v. 1, 2018.

FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. (org.). **Aprendizes surdos e escrita em L2**: reflexões teóricas e práticas. 1. ed. Rio de Janeiro: PPGLN / Faculdade de Letras, 2020. p.130-142.

FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. da S.; SILVEIRA, V. L. V. da S. A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 606-634, 2022.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GODOY, C. B. **A emergência do sinal <é> no constructicon bi/multilíngue de surdos**: evidências de diaconstruções. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HÖDER, S.; PRENTICE, J.; TINGSELL, S. Acquisition of additional languages as reorganization in the multilingual constructicon. In: BOAS, H.C.; HÖDER, S. (org.). **Constructions in Contact 2**. Language change, multilingual practices, and additional language acquisition (Constructional Approaches to Language). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2021.

MELO, M.; FREITAS Jr., R. Aquisição de linguagem e modelos baseados no uso. In: FREITAS Jr., R.; SOARES, L. A.; NASCIMENTO, J. P. (org.). **Aprendizes surdos e escrita em L2**: reflexões teóricas e práticas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2020. Disponível em: <https://corpusneis.wixsite.com/home/ebook>.

NASCIMENTO, J. P. **A escrita infantil de surdos de primeira geração**: um estudo cognitivo-funcional sobre o recrutamento de processos mentais de domínio geral na aquisição de PBL2. Monografia (Curso de Letras – Português/Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PEREK, F. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

SOARES, L. A. A. **A emergência de um sistema de competidores**: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J.P. Evidências sobre a representação cognitiva de construções funcionais do PB em crianças e adultos surdos. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 135–154, 2020.

XAVIER, H. S. **Uma perspectiva construcional para o ensino de PB para surdos**: os verbos SER e ESTAR em foco. 2023. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Sobre os autores

Roberto de Freitas Junior

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>

Graduado em Português/Inglês pela UFRJ, especialista em Língua Inglesa pela PUC-Rio, mestre e doutor em Linguística pela UFRJ. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado pela Universidade de Birmingham (Inglaterra). Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras/UFRJ. Professor do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/FPP.

Hosana Sheila da S. Rosa Xavier

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5712-3401>

Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (FFP-UERJ), Especialista em Educação Inclusiva (UERJ) e em Psicopedagogia (UNIPLI). Graduada em Letras-Libras (UFRJ) e em Pedagogia (UNILASALLE-RJ), professora de Libras do Centro Interescolar Ulysses Guimarães (CIUG).

Recebido em jun. 2024.

Aceito em nov. 2024.

Produtividade de padrões microconstrucionais X-nte: uma análise semântica

Productivity of X-nte microconstructional patterns: a semantic analysis

Fernando da Silva Cordeiro¹

Resumo: Este artigo analisa a produtividade dos padrões microconstrucionais da construção X-nte a partir de suas propriedades semânticas. Apresentamos os sentidos que nomes em -nte podem apresentar nos contextos de uso em que ocorrem e verificamos propriedades semânticas relacionadas aos verbos recrutados por esses sentidos. Propomos também uma análise da correlação estatística entre essas propriedades, de modo a evidenciar semelhanças/diferenças entre os diferentes padrões microconstrucionais. O arcabouço teórico é o da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com suporte quantitativo, e descritivo-explicativa quanto aos seus objetivos. O *corpus* é composto de 1501 ocorrências de nomes em -nte retiradas de amostras do português escrito entre os séculos XVIII e XX. Os resultados mostram que diferentes tipos semânticos de verbo e com diferenciados graus de atividade/agentividade podem figurar no *slot* da construção. Os sentidos *circunstancial* e *avaliativo* são os mais produtivos semanticamente, enquanto o sentido *agentivo* figura como padrão semanticamente mais coerente. Há uma significativa correlação estatística entre as propriedades investigadas, de modo que os dados podem ser agrupados em *clusters*, nos quais o sentido *agentivo* figura como um *cluster* único, em oposição aos sentidos *circunstancial* e *avaliativo*.

Palavras-chave: Construção X-NTE. Semântica. Produtividade. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.

Abstract: This article analyzes the productivity of X-NTE microconstructional patterns, based on their semantic properties. We present the senses that nouns in -nte can present in the contexts of use in which they occur and verify semantic properties related to the verbs recruited by these senses. We also propose an analysis of the statistical correlation between these properties, to highlight similarities/differences between the different microconstructional patterns. Our theoretical framework is Usage-based Functional Linguistics and Construction Grammar. Methodologically, this is a qualitative study, with quantitative support, and descriptive-explanatory objectives. The corpus is made up of 1501 occurrences of nouns in -nte taken from samples of written Portuguese between the 18th and 20th centuries. The results show that different semantic types of verbs and with different degrees of activity/agentivity can appear in the construction slot. The *circumstantial* and *evaluative* senses are the most semantically productive, while the *agentive* sense is a more coherent semantic pattern. There is a significant statistical correlation between the properties investigated, so that the data can be grouped into clusters, in which the *agentive* sense appears as a single cluster, in opposition to the *circumstantial* and *evaluative* senses.

Keywords: X-NTE Construction. Semantic. Productivity. Usage-based Functional Linguistics. Construction Grammar.

¹ Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Centro Multidisciplinar de Caraúbas, Departamento de Linguagens e Ciências Humanas. Caraúbas, RN, Brasil. Endereço eletrônico: fernando.cordeiro@ufersa.edu.br.

Introdução

Este artigo analisa propriedades da construção X–NTE (doravante X–nte), representada formalmente pelo esquema $[[X]_V -nte]_N$, que licencia a formação de nomes deverbais em *–nte*: substantivos e adjetivos formados por uma base verbal e pelo sufixo *–nte*, resquício do particípio presente latino. Algumas ocorrências desses nomes são registradas abaixo em (1) e (2):

- (1) Fui entregue da Ordem de Vossa ExCelenCia de Seis d'este Corrente Mês em que Vossa ExCelenCia refórça as Suas **anteCedentes** ProvidenCias (CPHPB, Séc. XVIII).
- (2) O mesmo **anunciante** desco[nhece] ter sido furtado, protesta aonde quer que appareça, de hir haver dias de serviço, e quem d'elle souber o levará a casa do seo Senhor, na rua das Grades de ferro, defronte do Trapicho Grande, que terá dez mil réis do seo trabalho.(CPHPB, Séc. XIX.)

Nomes em *–nte* são frequentemente descritos como semanticamente agentivos, isto é, expressam o agente da ação representada pela base verbal (por exemplo: *estudante* – aquele que *estuda*). A agentividade dos nomes em *–nte* é mencionada por Gonçalves e Tavares da Silva (2020) como uma das características léxico-gramaticais herdadas por esses nomes do particípio presente. Essa caracterização, no entanto, não é consensual: Basílio (1981) não os considera agentivos; Miranda (1979), Medeiros (2008) e Marinho (2009), sim. As ocorrências em (1) e (2) ilustram bem a dificuldade em categorizar os nomes em *–nte* como agentivos. Conquanto possamos dizer que *anunciante* (2) é um nome agentivo (aquele que *anuncia*), o mesmo não ocorre com o adjetivo *antecedentes*, empregado com a função de localizar temporalmente uma ação (*providências*).

Esse exemplo mostra que a semântica dos nomes em *–nte* ainda merece discussão, de modo a refinar a descrição do polo semântico da construção X–nte. Aliás, ao captar este padrão de formação de palavras como uma *construção*, assumimos que há um pareamento simbólico e convencionalizado entre o esquema e as funções a que os nomes por ele licenciados se prestam no uso: nomes em *–nte* podem expressar características circunstanciais de um dado referente ou designarem um referente por meio de uma ação que lhe é comum. Dito de outro modo, adjetivos e substantivos licenciados pelo esquema acionam certas propriedades funcionais (semânticas, pragmáticas e/ou discursivas) que se revelam no/pelo uso desses itens lexicais pelos falantes em suas interações.

A perspectiva aqui defendida é a de que as propriedades semânticas dos nomes em *–nte*, a exemplo da agentividade, devem-se à interrelação de fatores formais e funcionais, responsáveis por tornarem mais ou menos salientes determinadas propriedades, configurando padrões microconstrucionais que se distribuem em um *continuum*, mas não se distinguem de forma categórica. Trabalhos como Cordeiro (2021), Cordeiro (2022) mostraram

que fatores como (inter)subjetividade e projeções conceptuais metafóricas e metonímicas são cruciais para a extensão de sentidos de nomes em *-nte*.

O foco deste artigo reside, portanto, nas propriedades semânticas da construção e nos padrões microconstrucionais identificados por Cordeiro (2021). Segundo o autor, a rede construcional do esquema $[[X]_V -nte]_N$ contém dois subesquemas: um subesquema *substantivo* e um subesquema *adjetivo*. Em um nível maior de especificação, o autor postula a existência de quatro microconstruções denominadas *circunstancial*, *agentivo*, *aspectual* e *avaliativo*, que emergem e se distinguem por motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas envolvidas no contexto de uso em que se encontram.

De modo mais específico, apresentamos resultados de uma investigação sobre a produtividade desses padrões microconstrucionais, com especial atenção a propriedades semânticas como o tipo semântico e o grau de agentividade da base verbal, sua influência sobre a semântica do nome em *-nte* e a correlação desses três aspectos - de ordem funcional - com a categoria lexical do nome (adjetivo ou substantivo), de ordem formal. Baseamo-nos em hipóteses lançadas por Cordeiro (2021) para indagar: i) quais bases verbais são mais recrutadas pelo esquema e por cada padrão microconstrucional?; ii) como essas microconstruções se diferenciam semanticamente?; iii) existe correlação entre esses aspectos semânticos e as categorias gramaticais de substantivo e adjetivo?. Essas são nossas questões norteadoras.

O objetivo geral deste artigo é, nesse sentido, analisar semanticamente as microconstruções do esquema $X-nte$ a partir de uma abordagem centrada no uso. Nossos objetivos específicos podem ser assim resumidos: i) descrever os sentidos dos nomes em *-nte* em seus contextos de uso; ii) apresentar propriedades semânticas dos verbos que preenchem o *slot* X da construção $X-nte$; iii) analisar o grau de correlação entre as propriedades semânticas e as categorias lexicais nas quais os nomes em *-nte* podem figurar, a saber, adjetivo e substantivo; e iv) identificar quais similaridades e ou contrastes os padrões construcionais $X-nte$ apresentam.

Para os dois últimos objetivos em particular, recorreremos ao auxílio de análises estatísticas por meio do software R². Na esteira dos modelos baseados no uso, essa ferramenta computacional tem nos permitido realizar uma análise quantitativa mais apurada dos dados, para além da frequência de uso do fenômeno investigado. Aqui, utilizamos dois métodos multivariáveis distintos para testar nossas hipóteses: o método *random forest* (Tagliamonte; Baayen, 2012) e o método *behavioral profile* (Levshina, 2015), ambos devidamente explicados na seção de metodologia.

² Segundo o site do projeto, o R é um ambiente de programação desenvolvido para computação estatística e gráfica. Mais informações podem ser consultadas em <https://www.r-project.org/>.

Fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma vez que compreendemos a língua como um sistema adaptativo complexo (Bybee, 2016), cuja estrutura está em constante mutação tendo em vista as necessidades comunicativas dos falantes nas mais diversas situações de interação. Entendemos, portanto, que há forte correlação entre forma e função. Baseamo-nos explicitamente no modelo teórico da Gramática de Construções ao assumirmos que os falantes criam generalizações a partir de padrões observados no uso e essas generalizações podem ser captadas na forma de esquemas com diversos graus de abstração. Esses esquemas representam as construções – pareamentos de forma e função – que constituem uma imensa rede na qual todos esses padrões se interconectam (Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2014; Diessel, 2019).

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se pelo raciocínio abduutivo (Givón, 1995) e utiliza uma abordagem qualitativa, mas com suporte quantitativo. Para fins de análise, utilizamos 1501 ocorrências de nomes deverbais em *-nte* oriundas de amostras do português brasileiro escrito entre os séculos XVIII e XX³, compiladas no *Corpus* para a História do Português Brasileiro (CPHPB).

O artigo está assim organizado: nesta seção introdutória, delimitamos o objeto de estudo e os objetivos deste trabalho; em seguida, apresentamos o arcabouço teórico da pesquisa; na seção seguinte, discorremos acerca da metodologia empregada. Seguem a seção de discussão e análise de dados e, por fim, as considerações finais.

Fundamentação teórica

A vertente teórica em que nos embasamos é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), cujos pressupostos reúnem contribuições da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva, além das premissas do modelo teórico da Gramática de Construções, conforme caracterizado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Bispo e Lopes (2022). Desse modo, consideramos a língua um objeto maleável, sensível às pressões do uso e por ele determinada. A codificação linguística é contingenciada tanto por motivações internas ao sistema, quanto por motivações extralinguísticas, como os propósitos comunicativos em jogo, a relação estabelecida entre interlocutores e o contexto em que a interação ocorre. Por conseguinte, temos que a estrutura linguística revela estreita correlação com as funções a que serve na comunicação.

Assumindo que a linguagem, por sua vez, é um “um complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais” (Tomasello, 1998, p. ix), ressaltamos o importante papel da cognição, ou o modo como armazenamos e organizamos a experiência com o mundo em estruturas conceituais, para a codificação linguística. Segundo Bybee (2016), as categorias

³ Embora os dados sejam de séculos distintos, não consideramos essa divisão na apresentação dos resultados por não ser relevante para fins de análise.

linguísticas refletem, de certo modo, nossas categorias conceituais. É pela atuação de processos cognitivos de domínio geral que não só estruturamos categorias linguísticas, mas também reconhecemos padrões recorrentes de uso e suas funções, rotinizamos estruturas emergentes, forjamos novos usos para itens e expressões já conhecidos e, em outra medida, criamos padrões linguísticos inovadores a partir de nossa experiência com a língua.

O conceito de construção é basilar para as nossas análises. Conforme Goldberg (1995, 2006), a construção é o pareamento entre forma e significado cujo sentido é parcialmente independente das partes que o compõem. Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) ampliam esse conceito definindo que a construção é a associação convencionalizada entre algum sentido, alguma informação pragmática ou alguma estrutura informacional. Construções são esquemas simbólicos abstraídos das generalizações que os falantes fazem acerca de padrões linguísticos recorrentes em contextos interacionais específicos. Assim como Goldberg (1998) observa, as construções são “pedaços da experiência”, tendo em vista que o pareamento convencionalizado de forma e função não somente instancia determinado(s) sentido(s), mas também expressa o modo com o falante concebe determinadas experiências e as representa linguisticamente.

Croft (2001) descreve as construções como uma correspondência entre dois polos: o polo da forma e o polo da função. Para o autor, propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas compõem o polo formal, enquanto propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais compõem o polo da função. Esses dois polos estão ligados por um elo simbólico, tendo em vista que, no uso da língua, propriedades formais das construções acionam as propriedades funcionais a elas correlacionadas e vice-versa.

Na visão construcionista, as línguas são grandes e complexas redes de construções que se ligam por elos de semelhança, polissemia, analogia ou herança (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021). Essas redes são dinâmicas e vão se (re)configurando a partir do uso da língua. As construções são as unidades básicas da língua e são capturadas, nesta perspectiva, por meio de esquemas que representam os diferentes níveis de generalização dos padrões linguísticos. Cada esquema construcional constitui um nó na rede e estabelece relações com esquemas mais e menos gerais/abstratos, assim como com outros de mesmo nível de generalidade/abstração, de modo tal que a instanciação de um esquema pode ativar, conseqüentemente, toda uma rede de esquemas inter-relacionados.

Traugott e Trousdale (2021) apresentam três propriedades das construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Elas referem-se, respectivamente, i) ao nível de generalidade/especificação dos esquemas construcionais; ii) ao nível de abertura de um esquema a um número maior/menor de possibilidades de preenchimento dos seus *slots*; iii) ao grau de transparência entre forma e função. Discutimos cada um desses conceitos em seguida.

A composicionalidade relaciona-se à transparência/opacidade entre aspectos da forma e aspectos da função de uma construção. Dito de outro modo, a composicionalidade diz respeito à medida em que a função espelha (ou não) a forma e vice-versa. Assim, se o significado de uma construção é totalmente ou muito previsível da soma do significado de suas partes, ela é considerada muito composicional. Por outro lado, se o significado não é previsível ou está muito afastado do significado das partes que a compõem, ela é menos composicional.

Uma vez que construções podem ser representadas por esquemas, como dito anteriormente, a esquematicidade diz respeito ao nível de especificação de um esquema construcional. Construções podem ser totalmente especificadas, isto é, compostas por itens lexicais já determinados e fixos, mas também podem conter espaços abertos (*slots*) a serem preenchidos por itens lexicais nas mais diversas instâncias de uso da construção. Quanto maior o número de *slots*, mais esquemática é uma construção. Assim também, quanto maior o nível de abstração, maior o nível de generalidade e esquematicidade. Desse modo, construções podem ser representadas, em alguns casos, por esquemas compostos apenas por *slots*, posições abertas, cujo preenchimento se dá por uma extensa variedade de itens lexicais, de diversas categorias, no uso.

Ao tratarem da esquematicidade e da configuração da rede construcional, Traugott e Trousdale (2021) postulam que as construções se organizam em níveis hierárquicos de acordo com o nível de abstração/generalização dos esquemas, denominados *esquema*, *subesquema*, *microconstrução* e *construto*. O *construto* é o nível mais especificado, a instanciação da construção em um contexto de uso específico, portanto, a própria ocorrência de uso. As *microconstruções* já constituem padrões esquemáticos construídos a partir de generalizações feitas pelos falantes através das diversas instâncias de uso de uma construção. Embora em um nível maior de esquematicidade, as *microconstruções* são ainda relativamente especificadas em termos formais/funcionais. A partir de um conjunto de *microconstruções*, podemos chegar a um nível ainda mais esquemático, menos especificado, que capta as semelhanças formais e funcionais desses padrões, o que chamamos de *subesquema*. Por fim, o *esquema* é o nível hierárquico mais geral, abstrato e menos especificado, que licencia a formação dos padrões hierarquicamente inferiores.

Uma vez que o esquema pode sancionar ou restringir determinadas possibilidades de preenchimento dos seus *slots*, a produtividade refere-se ao nível de expansão de um esquema quanto a essas possibilidades. Construções muito produtivas são aquelas cujos *slots* são mais abertos, ou seja, abrangem um número maior de itens lexicais ou categorias recrutados ao seu preenchimento, o que Himmelman (2004) chama de expansão da classe hospedeira. A crescente produtividade leva à existência de um número cada vez maior de *types* de uma construção e, por consequência, à emergência de novos esquemas. Segundo

Bybee (2016), é a frequência *type* que demonstra a produtividade de uma construção, pois representa o quanto uma construção é capaz de licenciar novas instanciações.

O conceito de produtividade é particularmente importante para esta investigação porque a análise semântica dos padrões microconstrucionais identificados pode indiciar sua maior ou menor produtividade. Para Barðdal (2008), a extensibilidade de um esquema pode ser descrita pela razão inversa entre a frequência *type* – o número de tipos diferentes licenciados pela construção – e a coerência semântica da construção – ou o grau de semelhança semântica entre os diferentes itens recrutados pelos *slots* de um esquema. Em outras palavras, quanto maior a coerência semântica, menor tende a ser a extensibilidade do esquema, uma vez que ele recrutaria apenas itens lexicais semanticamente similares, o que consequentemente limitaria a frequência *type*, como observou Perek (2016). A alta extensibilidade se revela por uma alta frequência de tipo, resultado de uma menor coerência semântica, tendo em vista que, quanto mais tipos semânticos o esquema recruta, menos coerência semântica ele exige.

Discutindo a relação entre semântica e produtividade, Perek (2016) apresenta o conceito de *densidade semântica*, que alude à cobertura de um domínio semântico particular por um esquema. Isto é, quanto mais itens lexicais de um mesmo domínio semântico um esquema recruta, maior a sua densidade. A densidade semântica se mostrou, nos estudos do autor, um importante preditor do nível de extensibilidade de um esquema. Baseados nessa ideia, Van Hulle, Enghels e Lauwers (2024) e Van de Heede e Lauwers (2023) propõem os conceitos de alcance semântico (*semantic range*) e dispersão semântica (*semantic sparsity*), a fim de operacionalizar medidas de produtividade baseadas na distribuição semântica dos itens recrutados pela construção. Grosso modo, o alcance semântico diz respeito ao quão variados podem ser os domínios semânticos “cobertos” por uma construção. A dispersão semântica, por sua vez, diz respeito ao grau de semelhança entre itens lexicais de um mesmo domínio semântico. Muito embora nem todas essas noções sejam devidamente aplicadas neste artigo, todas, de algum modo, contribuem para a compreensão das propriedades semânticas da construção como um todo e servem de parâmetro para evidenciar tendências de maior/menor produtividade dos padrões microconstrucionais investigados.

Feita a apresentação dos fundamentos teóricos, passamos à apresentação dos aspectos metodológicos da pesquisa.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa baseia-se tanto no raciocínio indutivo quanto no raciocínio dedutivo. As observações sobre instâncias de uso particulares do fenômeno em análise permitem-nos elaborar generalizações, do mesmo modo que o conhecimento já consolidado sobre o fenômeno permite-nos analisar de forma mais efetiva as instâncias individuais. Givón (1995)

chama esse movimento de abdução. Nossa abordagem é qualitativa, uma vez que nos dedicamos à análise subjetiva dos dados, mas também utilizamos de uma abordagem quantitativa, já que nossos resultados apresentam dados da frequência de uso da construção, assim como uma análise estatística da correlação dos fatores de análise. Quanto aos objetivos, este estudo caracteriza-se como descritivo-explicativo.

O *corpus* desta investigação é parte do Corpus para a História do Português Brasileiro (CPHPB), que reúne amostra significativa do português escrito no Brasil entre os séculos XVIII e XX. Os textos nos quais as ocorrências foram flagradas compõem a seção “Manuscritos” do *corpus* e são exemplares de cartas particulares, cartas oficiais, anúncios de jornal, cartas do leitor e cartas do redator dos seguintes estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Esse volume de textos totaliza, aproximadamente, 265.000 palavras.

Dessa amostra, coletamos 1789 ocorrências de nomes em *-nte*. Entretanto, para os objetivos dessa pesquisa, consideramos apenas as 1501 ocorrências cuja base verbal pode ser identificada no português brasileiro, isso porque alguns deles, a exemplo de *inteligente* e *suficiente*, não possuem base verbal correspondente no português, apenas preservam uma forma verbal do latim (*intelligere* e *sufficere* respectivamente). Esse recorte foi necessário tendo em vista que, para analisar semanticamente a correspondência entre o verbo-base e o nome dele derivado, o nome em *-nte* precisa ser analisável, isto é, a base verbal precisa ser reconhecida/identificada.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa envolveram a etapa de coleta e organização dos dados em uma planilha, anotação dos dados quanto às categorias de análise definidas e posterior análise. Para cada ocorrência, identificamos e registramos na planilha: o *type* da construção; a base verbal; a classe lexical a que o construto pertence (adjetivo ou substantivo); a função sintática exercida (referenciação, atribuição ou predicação); o esquema microconstrucional que o construto instancia (circunstancial, aspectual, agentivo e/ou avaliativo); o tipo semântico do verbo quanto ao grau de atividade/agentividade, baseado na classificação de Tavares (2007), sendo o grau 1 maior atividade/agentividade e o grau 5 menor atividade/agentividade; o tipo semântico do verbo quanto ao evento que ele expressa, segundo a categorização proposta pro projeto ADESSE⁴ em seis macrocategorias: *mental*, *relacional*, *material*, *verbal*, *existencial* e *modulação*.

⁴ O projeto ADESSE, da Universidade de Vigo, é uma base de dados de verbos no Espanhol com informações sobre as propriedades sintático-semânticas de cada um deles. Embora não seja uma categorização estritamente voltada para a língua portuguesa, as macrocategorias propostas pelo projeto atendem aos nossos interesses. Além disso, é importante pontuar que a categorização dos verbos leva em conta sua polissemia e as diferentes configurações que o verbo pode apresentar no uso. Acesso aos dados e mais informações podem ser consultadas no site do projeto: <http://adesse.uvigo.es/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

Os números absolutos serviram-nos para atestar dados relativos às frequências *type* e *token* da construção. Todavia, como já exposto anteriormente, dado o nosso interesse em observar mais atentamente o grau de correlação dos fatores de análise controlados, recorreremos a dois métodos multivariáveis de análise estatística: o método *random forest* (Tagliamonte, Baayen, 2012) e o método *behavioral profile* (Levshina, 2015).

Segundo Tagliamonte e Baayen (2012), o método *random forest* pode estabelecer se uma variável é ou não um potencial preditor para a opção por uma variante. Analisando a variação entre *was/were* (formas do passado do verbo *to be* no inglês) e as diferentes variáveis que podem influenciar os falantes na escolha por uma delas, os autores aplicaram o método para verificar quais variáveis são mais preditoras do comportamento linguístico dos falantes, que se revela, neste caso, pelo uso de *was/were*. O resultado deste método é uma árvore de inferência condicional (*conditional inference tree*) que exhibe se há relevância estatística de uma variável (e da combinação delas) enquanto preditor de um resultado (neste caso, uma variável dependente). O método permite-nos garantir que a correlação entre as variáveis não é fortuita, fruto do acaso, mas que, de fato, certas condições podem favorecer uma estratégia linguística ou outra. No caso da nossa investigação, partimos da hipótese de Cordeiro (2021), que afirma haver certa correlação entre a classe lexical (adjetivo/substantivo) e os quatro padrões microconstrucionais, embora não se possa determinar, de forma categórica, que um padrão microconstrucional instancia somente adjetivos ou somente substantivos.

Por sua vez, o método *behavioral profile*, assim como descrito por Levshina (2015), baseia-se nas similaridades entre o comportamento de diferentes construções. Segundo a autora, é um método conveniente para analisar a semântica de verbos conforme suas propriedades sintático-semânticas. Este método analisa o grau de semelhança entre as instâncias de uso de uma ou mais construções e determina o quão semelhante essas construções são, agrupando-as em *clusters*, conjunto de dados de comportamento similar. Se tivermos, por exemplo, um conjunto de verbos, podemos anotar para cada ocorrência de seus usos dados relativos ao sujeito (animacidade, individualidade, posição em relação ao verbo, etc), aos objetos (direto/indireto, animacidade, individualidade, afetação, posição em relação ao verbo, etc) e ao próprio verbo. Cada ocorrência e os respectivos valores identificados de cada variável constitui um vetor. O método compara então os vetores e determina quais são mais semelhantes: valores que frequentemente ocorrem indicam maior similaridade entre os verbos, assim eles devem ser sintaticamente e semanticamente semelhantes e podem constituir um *cluster*. Para os nossos objetivos, o método foi essencial para evidenciar se há semelhanças/diferenças entre os padrões microconstrucionais e se é possível encontrar *clusters* entre eles.

Expostos os aspectos metodológicos da pesquisa, vamos à análise e discussão dos dados.

Análise e discussão dos dados

Nesta seção do artigo, apresentamos e discutimos os resultados. Para tanto, ela está estruturada em três subseções: a primeira apresenta os quatro sentidos encontrados em nomes em *-nte*, que identificam os quatro padrões microconstrucionais; a segunda apresenta os resultados sobre a categorização semântica das bases verbais; e a terceira dedica-se às análises estatísticas dos dados.

1. Os sentidos dos nomes em *-nte*

A partir de uma farta análise de dados diacrônicos da construção X-*nte*, Cordeiro (2021) identificou que, a depender de motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas, os nomes em *-nte* podem apresentar quatro sentidos básicos: *circunstancial*, *aspectual*, *avaliativo* e *agentivo*.

O sentido *circunstancial* se instaura a partir do momento em que uma propriedade do referente é identificada como uma circunstância de um dado evento ou de uma relação que estabelece com outra entidade. Ou seja, o nome em *-nte* não expressa uma propriedade intrínseca à entidade que modifica ou refere, mas uma característica, um papel do referente em uma condição específica, uma situação particular ou, ainda, em função de outra entidade, pontualizado em um dado momento temporal. Os adjetivos *decorrentes*, *pertencentes* e *residentes*, de (3) a (5) respectivamente, ilustram a emergência do sentido circunstancial. Percebe-se que esses nomes não apresentam características próprias de seus referentes, mas que lhe são atribuídas por uma condição, uma circunstância que apresentam naquele contexto: *decorrentes* descreve os encargos maiores por serem advindos de uma nova lei do ensino; o adjetivo *pertencentes* denota a relação de posse entre as apólices e o sr. Aquelino Lopes; e *residentes* modifica portugueses porque estes fixaram residência na corte.

- (3) Vai começar o 2º período letivo de 1972 e, até agora, os mestres só receberam encargos maiores, **decorrentes** da nova lei do ensino (reciclagem, recuperação dos alunos, atividades extra-curriculares, novos planos, etc).(CPHPB, Séc. XX)
- (4) PERDERAM-SE duas apólices Diversas Emissões, de 1:000\$ [ilegível], nominativas, de número 700.382 e 700383, **pertencentes** a Aquelino Lopes, português, casado. Rio de Janeiro, 27 de Maio de 1940, Aquelino Lopes, á rua São Pedro 30, sobrado. (CPHPB, Séc. XX)
- (5) e a humanidade, e nem por isso abandonarão o palco, como pois o nosso amigo, que obtendo uma condecoração da rainha de Portugal, pelos socorros prestados aos Portuguezes **residentes** nesta côrte, atacados da epidemia da febre amarela (CPHPB, Séc. XIX)

O sentido *aspectual* é identificado quando o nome em *-nte* expressa uma característica tomada como habitual, iterativa, ou seja, salienta um evento que ocorre repetidas vezes e, por isso, é tomada como uma propriedade do referente. Vemos este sentido nos usos de *intermitente* (6), *debilitantes* (7) e *absorventes* (8). No uso desses adjetivos, implica-se a ideia de frequência, de algo que ocorre repetidamente, como a febre que volta a se fortalecer, as enfermidades que habitualmente debilitam pessoas e as pedras que são usadas continuamente para absorver o veneno de animais e insetos.

- (6) Innumeros factos levão-nos a julgal-o um especifico na cura d'estas mesmas| febres **intermittentes**, denominadas vulgarmente—sezões ou maleitas. (CPHPB, Séc. XIX)
- (7) A EMULSÃO DE SCOTT Robustece os Debeis Fortalece e Engorda. Cura todas as enfermidades **debilitantes**, phthysica, Anemia, chlorosis, Escrofulas, Bronchiti, Debilidade Geral (CPHPB, Séc. XIX)
- (8) As verdadeiras pedras **absorventes** contra o veneno dos animaes e insectos venenosos só se achão á venda na loja do Senhor João Rodrigues Germano, á Fonte dos Padres, e na botica do Senhor Jeronymo José Barata, ao Terreiro. (CPHPB, Séc. XIX).

O sentido *avaliativo* decorre, principalmente, da percepção (inter)subjetiva do falante sobre um dado referente. Nestes casos, o emprego do nome em *-nte* é determinada pelo modo como o falante avalia um ser, um episódio, uma entidade do mundo. Trata-se da atribuição de uma característica ao referente pelo falante, que não necessariamente decorre de suas propriedades e/ou é percebida da mesma maneira por outros falantes. Nas ocorrências de (9) a (11), vemos este sentido instanciado pelo uso dos adjetivos *impressionante*, *abundante* e *atraente*. Todos eles expressam uma avaliação do falante e, portanto, sua percepção acerca das entidades a que fazem referência. Desse modo, é por meio do posicionamento (inter)subjetivo do falante que os referentes demonstração, corte e programa são caracterizados, respectivamente como *impressionante*, *abundante* e *atraente*. É importante salientar que nomes em *-nte* também podem ser empregados para expressar uma avaliação negativa, assim como ocorre com *apavorante* em (12).

- (9) Ao contrario, segundo se verifica do serviço taquigrafico divulgado pelo “Jornal do Brasil”, num esforço de sua reportagem, o Sr. Joffily encontrou ainda louvores pela franqueza de que estava dando demonstração **impressionante**. (CPHPB, Séc. XX)
- (10) e porque de presente se tem descuberto grandes porçoens de Arvoredo no Rio de Patipe, que segura hum córte **abundante**, vtilissimo pela proximidade do Rio. (CPHPB, Séc. XVIII)
- (11) Far-se-ão ouvir a Excelentíssima Senhora Dona Roza de La Croix Ribeiro e os Senhores commendador White, Tavares e Förterle. O programa é variado e **attrahente**.)CPHPB, Séc. XIX).
- (12) desde a escola primaria o espirito de interesse pelas cousas com que lida o espirito de invenção de cousas melhores, afim de enfrentar e evitar o crescimento **apavorante** da onda sombria do exodo rural mais

devastadora das nossas culturas e rebanhos do que as secas do Norte e as geadas do Sul || Dias Martins

O sentido denominado *agentivo* manifesta-se pela recorrência de contextos nos quais a agentividade do nome em *-nte* é mais saliente. Isto é, semanticamente, os nomes em *-nte* agentivos designam um ser capaz de executar, controlar e/ou causar a ação expressa pela semântica do verbo que lhe serve de base. Esse é o caso de *governantes*, *mandante* e *fabricantes* nas ocorrências (13), (14) e (15) respectivamente. Os três nomes denotam o ser que executa ou é responsável pelas ações de *governar*, *mandar* e *fabricar*. Por isso, são considerados agentivos.

- (13) Os **governantes** esquecem-se d'esse salutar e prudente conselho, e querem fazer eleição á pulso. Aguarda-se a chegada do valente e poderoso general ministro das finanças para traçar os ultimos planos da batalha, e assegurar a victoria. (CPHPB, Séc. XIX)
- (14) A assembléa, que lhe delega poderes tão amplos, não precisa confiar nêle, pois que não vai sêr seu representante, mas sim do Governo E' como quem passasse procuração, preocupado apenas em escolher mandatario que fosse do agrado das pessoas a quem se dirigisse, muito embora com êle não se identificasse o **mandante**. (CPHPB, Séc. XX)
- (15) Os **Fabricantes** Tambem Vieraõ perante mim, e nóvamente se Congrasaraõ, eajustaraõ por novo Trato de Sociedade, Com o qual devem Continuar o corte, e Extracção. (CPHPB, Séc. XVIII)

Assumimos que a estrutura linguística é sensível aos processos sociointeracionais e cognitivos que atuam no ato comunicativo e que as categorias linguísticas, assim como as categorias conceptuais, são fluidas e seus limites não podem ser rigidamente estabelecidos, mas definidos em função de usos mais ou menos prototípicos (Bybee, 2016). Isso posto, é premente salientar que, a depender dos contextos em que são mobilizados, os usos de nomes em *-nte* são polissêmicos e, às vezes, podem apresentar traços de mais de uma dessas categorias. A ocorrência em (16) ilustra um desses casos.

- (16) **Traficantes** apontam policiais da Divisão de Repressão e Entorpecentes como associados a Parazão. Acusada, portanto, de corrupção e cumplicidade, a polícia fluminense volta ao foco das atenções, numa posição privilegiada ao lado dos **traficantes** em fúria. (CPHPB, séc. XX).

Há evidente sobreposição de sentidos no uso de *traficantes*, em (16). É certo que o referente é reconhecido como *traficante* por ser o sujeito que executa ação de traficar, logo trata-se de um uso agentivo. Contudo, é também a recorrência dessa prática que o leva a ser considerado *traficante*, assim o nome também é *aspectual*. Reconhecemos, portanto, que os sentidos propostos podem se sobrepor e o contexto é capaz de determinar que sentido é ressaltado em função de um determinado propósito comunicativo. Dito de outro modo, eles não são excludentes entre si, mas frequentemente se conjugam no uso. Fatores

morfossintáticos e discursivo-pragmáticos podem determinar qual/quais traço(s) é/são determinante(s) para o sentido do adjetivo ou do substantivo nos contextos flagrados.

Essa constatação levou-nos a investigar se a inter-relação entre esses sentidos é frequente nos dados. Assim, para as etapas seguintes da pesquisa, levamos em consideração que usos com marcas de mais de um sentido podem compor padrões intermediários e serem tão produtivos quanto os quatro sentidos inicialmente propostos. Com isso, os dados quantitativos que serão expostos nas próximas seções incluem, para além dos sentidos *circunstancial*, *agentivo*, *aspectual* e *avaliativo*, a correspondência entre eles: *circunstancial-agentivo*, *circunstancial-avaliativo*, *circunstancial-aspectual*, *agentivo-aspectual*, *agentivo-avaliativo* e *aspectual-avaliativo*⁵. A Tabela 1 apresenta os dados relativos à frequência *token* e *type* dos nomes em *-nte* e seus respectivos sentidos no corpus.

Tabela 1 – Frequência *token* e *type* dos sentidos de nomes em *-nte*

Sentido	Freq. Token	Freq. Type
Agentivo	58	10
Aspectual	17	6
Avaliativo	268	53
Circunstancial	564	53
Circunstancial-Agentivo	226	29
Circunstancial-Aspectual	123	8
Circunstancial-Avaliativo	195	16
Agentivo-Aspectual	42	17
Agentivo-Avaliativo	0	0
Aspectual-Avaliativo	8	5
TOTAL	1501	197

Fonte: autoria própria (2024)

Os dados relativos à frequência *token* – ou frequência de ocorrência, isto é, o número de vezes que um dado elemento ocorre - mostram a recorrência do sentido *circunstancial*, seguido pelo sentido *avaliativo*. O sentido *agentivo*, embora não muito frequente isoladamente, ocorre em uma ampla parcela dos dados quando sobreposto ao sentido *circunstancial*. A frequência *type*, ou o número de diferentes tipos identificados no *corpus*, espelha, em certa medida, a frequência *token* e indicia a potencial produtividade dos sentidos *circunstancial* e *avaliativo*. Destacamos, ainda, a não ocorrência da sobreposição entre os sentidos *agentivo* e *avaliativo*, o que pode indicar que esses sentidos se opõem. Além disso, o sentido *aspectual* não se mostrou tão frequente e produtivo, ocorrendo, na maioria das vezes, em sobreposição a outro sentido como *circunstancial* ou *agentivo*.

⁵ Utilizamos siglas para identificar os padrões: CR – circunstancial; AG – agentivo; AS – aspectual; AV – avaliativo; CRAG – circunstancial-agentivo; CRAV – circunstancial-avaliativo; CRAS – circunstancial-aspectual; AGAS – agentivo-aspectual; AGAV – agentivo-avaliativo; ASAV – aspectual-avaliativo.

Procedemos à discussão de propriedades semânticas dos padrões investigados na próxima seção.

Propriedades semânticas dos padrões microconstrucionais

Para além dos dados de frequência, buscamos identificar como se distribuem os nomes em *-nte* e seus respectivos sentidos no espectro semântico. Para tanto, classificamos as bases verbais desses nomes tanto em função do tipo de evento codificado, quanto em função do grau de agentividade que expressam. À título de ilustração, o verbo *falar* é classificado como *verbal* quanto ao tipo de evento, pois expressa a capacidade de comunicar-se, enquanto é considerado de grau 1 de agentividade por necessariamente implicar uma ação intencional de um sujeito. Muito embora seja provável que sentidos mais frequentes sejam semanticamente mais diversos, essa relação nem sempre é inequívoca. Vejamos a Tabela 2, que apresenta a distribuição das bases verbais por tipo semântico.

Tabela 2 – Classificação das bases verbais por tipo semântico

Sentido	Mental	Relacional	Material	Verbal	Existencial	Modulação
Agentivo	1	0	7	1	0	1
Aspectual	1	0	5	0	0	0
Avaliativo	16	9	17	3	5	3
Circunstancial	8	29	11	0	6	1
Circunstancial-Agentivo	2	2	15	8	1	2
Circunstancial-Aspectual	1	3	1	2	0	1
Circunstancial-Avaliativo	3	4	6	0	3	0
Agentivo-Aspectual	0	1	11	3	1	1
Agentivo-Avaliativo	0	0	0	0	0	0
Aspectual-Avaliativo	0	0	2	0	2	1
TOTAL	32	48	75	17	18	10

Fonte: autoria própria (2024).

As bases verbais mais recrutadas pela construção são dos tipos *material*, *relacional* e *mental*. A categoria *material* foi a que se mostrou mais frequente, figurando em todos os sentidos presentes no *corpus*. Essa categoria inclui ações e processos físicos, como movimento, mudança de estado e/ou atividades, a exemplo de verbos como *correr*, *gerenciar*, *viajar*, *tráficar*, entre outros. A categoria *relacional*, por sua vez, reúne verbos que expressam relações entre entidades, sejam elas de localização, propriedade, semelhança/diferença, em nossos dados podemos citar *anteceder*, *pertencer*, *corresponder* e *depende*. Verbos mentais são aqueles que codificam ações/processos/experiências cognitivos, como verbos que denotam sensação, percepção, conhecimento ou crença. Esse tipo é bem ilustrado pelos verbos *crer*, *confiar*, *concluir*, *ignorar* e *impressionar*.

Os números confirmam algumas tendências, como a relação dos verbos materiais (que inclui a maioria das ações) com o sentido *agentivo* e variações (*circunstancial-agentivo* e *agentivo-aspectual*); assim como a emergência de sentido *circunstancial* no caso de verbos relacionais. Os dados também mostram que parece existir certa semelhança entre os sentidos *agentivo* e *aspectual*, já que as bases recrutadas para tais sentidos são praticamente dos mesmos tipos.

A partir desses dados, podemos dizer que o sentido *avaliativo* tem maior alcance semântico e tende a ser menos coerente semanticamente, já que as bases verbais que figuram em nomes em *-nte* com esse sentido podem ser de qualquer tipo. Na perspectiva de Barðdal (2008), isso favorece a produtividade do esquema, já que a menor coerência semântica – o que significa maior diversidade – correlaciona-se à alta frequência *type* desse sentido, já evidenciada pelos números da Tabela 1.

O sentido *circunstancial*, por seu turno, também apresenta alto grau de extensibilidade, embora seu alcance semântico seja sutilmente menor se comparado ao sentido *avaliativo*. Apesar de contar com uma alta frequência *type*, o alcance semântico do esquema *circunstancial* é limitado justamente pela coerência semântica, evidenciada por meio da larga preferência por verbos relacionais, mais numerosos em comparação aos outros tipos.

Uma outra propriedade semântica observada diz respeito ao grau de agentividade dos verbos recrutados pela construção. Uma vez que nomes em *-nte* são frequentemente descritos como agentivos, buscamos constatar se o *slot* X da construção abriga, de fato, mais verbos de ação. Utilizamos, para tanto, a classificação proposta por Tavares (2007) que reúne os tipos semânticos em quatro níveis de atividade/agentividade, em que o nível 1 se constitui de verbos mais agentivos, como *flagrar*, enquanto o nível 5, de verbos menos agentivos, ou seja, estativos, a exemplo de *constar*. Os números são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Classificação das bases verbais por nível de atividade/agentividade

Sentido	Grau 1	Grau 2	Grau 3	Grau 4	Grau 5
Agentivo	2	8	0	0	0
Aspectual	1	2	2	1	0
Avaliativo	4	10	22	18	0
Circunstancial	4	8	15	25	2
Circunstancial-Agentivo	16	14	0	0	0
Circunstancial-Aspectual	3	2	1	2	0
Circunstancial-Avaliativo	2	3	5	6	0
Agentivo-Aspectual	8	5	3	1	0
Agentivo-Avaliativo	0	0	0	0	0
Aspectual-Avaliativo	1	3	1	0	0
TOTAL	41	55	49	53	2

Fonte: autoria própria (2024).

Conforme é possível observar na Tabela 3, tipos de verbos entre graus 2 e 4 de agentividade são mais comuns. *Comandar*, *ajudar* e *agir* são verbos que ilustram o grau de atividade 2, que inclui verbos que demandam ainda alguma agentividade. Verbos como *crescer*, *brilhar*, *aparecer* e *habitar* exemplificam o grau de atividade 3, que inclui a maioria dos processos. Já o grau de atividade 4 é representado por verbos como *anteceder*, *corresponder*, *depende* e *pertencer*, itens lexicais que denotam relações entre entidades.

Os dados ratificam os resultados de Cordeiro (2021). Isso significa, possivelmente, que a construção restringe a presença de verbos muito agentivos – cujos graus de pontualidade e intencionalidade são acentuados – ao mesmo tempo que também evita a completa estatividade. Pode-se concluir que a construção demonstra larga preferência por verbos de processo, com relativo grau de atividade/agentividade, dinâmicos (podem implicar algum movimento), que decorrem no tempo e não necessariamente apresentam fim delimitado.

Neste aspecto, novamente, pode-se pontuar o sentido *circunstancial-agentivo* como aquele que mais recruta bases agentivas, seguido do sentido *agentivo-aspectual*. Mais uma vez, os sentidos *avaliativo* e *circunstancial* mostram-se os mais produtivos e são os mais responsáveis pelas bases verbais de agentividade/atividade intermediária. Diferente da classificação por tipo semântico, aqui outros sentidos também demonstram se associarem a bases de diferentes níveis de atividade/agentividade. Somente o sentido *circunstancial* registrou correlação a bases de menor agentividade/menor estatividade, sendo, portanto, o sentido com maior extensibilidade.

A fim de verificar qual o grau de correlação entre as propriedades semânticas aqui discutidas e se elas permitem captar semelhanças/diferenças entre os diferentes sentidos, procedemos à análise estatística dos dados, cujos resultados apresentamos na seção seguinte.

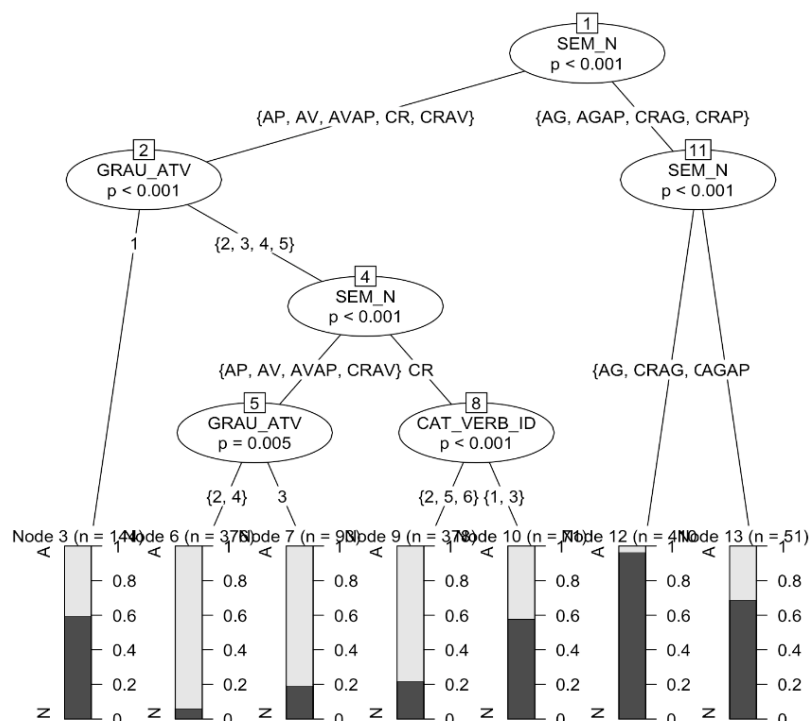
Análise estatística dos resultados

Assim como exposto na seção de metodologia, utilizamos dois métodos de análise multivariável no ambiente R. O primeiro deles foi o *random forest*, que nos forneceu como resultado a árvore de inferência condicional presente na Figura 1. A partir deste método, pudemos aferir o grau de correlação das propriedades semânticas aqui investigadas quais sejam: os sentidos dos nomes em *-nte*, o tipo semântico do verbo e o seu grau de atividade/agentividade. Acrescentamos a estas três uma outra variável, que foi considerada a variável dependente⁶: a categoria lexical do nome em *-nte* (adjetivo ou substantivo). A árvore de inferência condicional mostra quais propriedades são mais relevantes para agrupar os

⁶ Grosso modo, uma variável dependente é aquela que é considerada resultado dos fatores representados pelas variáveis independentes.

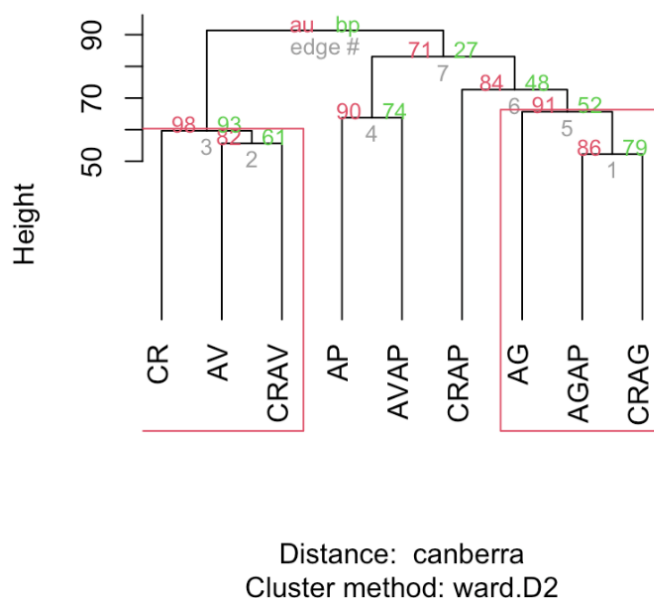
dados e, conseqüentemente, como essas variáveis se agrupam em função da variável dependente. Vejamos a Figura 1.

Figura 1 – Árvore de inferência condicional



O segundo método para análise dos dados foi o denominado *behavioral profile*. Partindo do pressuposto de que deve ser semanticamente semelhante o que ocorre frequentemente nos mesmos contextos, esse método permite o arranjo dos dados em *clusters*, agrupamentos de dados semelhantes conforme a correlação estatística dos fatores que os contingenciam. A Figura 2 exibe o resultado da análise.

Figura 2 – Divisão dos dados em *clusters*



Fonte: autoria própria (2024)

Observando cuidadosamente a Figura 2, percebemos que os agrupamentos propostos condizem com os dados previamente discutidos. A primeira hipótese válida diz respeito ao fato do sentido *agentivo* e variações (*circunstancial-agentivo*, *agentivo-aspectual*) constituírem um único *cluster*. Outra, ao fato dos sentidos *circunstancial* e *avaliativo* constituírem um segundo *cluster* significativo. O sentido *aspectual*, por sua vez, figura no espaço intermediário entre os dois, muito embora a análise considere que, no fim das contas, este *cluster* está muito mais próximo do *cluster* *agentivo* do que do *cluster* oposto. Devido aos poucos dados de sentido *aspectual*, é possível supor que este seja, até certo ponto, um sentido derivado do sentido *agentivo*, talvez uma especialização deste.

Concluimos, a partir dos resultados apresentados, que há uma correlação estatística significativa entre as propriedades semânticas analisadas e elas estão, em outra medida, implicadas na maior ou menor produtividade dos padrões microconstrucionais que são formados pelos sentidos aqui propostos, como sugere Cordeiro (2021). Os sentidos *circunstancial* e *avaliativo* mostram-se mais produtivos, pois apresentam maior frequência *type* e um alcance semântico maior do que outros sentidos. Isso significa menor coerência semântica, conseqüentemente, maior extensibilidade do esquema. Importante pontuar que

estes sentidos não se correlacionam de forma categórica nem a adjetivos, nem a substantivos, muito embora aqueles sejam mais frequentes que estes. O sentido *agentivo* configura-se como um polo oposto. Em que pese sua quase total prevalência entre os substantivos, hipótese já aventada por Cordeiro (2021), este padrão microconstrucional demonstrou menor produtividade, tanto em termos de frequência *type*, quanto em termos de alcance semântico, uma vez que as bases recrutadas são mais concentradas em um único tipo e este é o único esquema em que há maior incidência de verbos com maior agentividade.

Considerações finais

Este artigo apresentou resultados de uma pesquisa que investigou a produtividade de padrões microconstrucionais da construção X-nte, definidos a partir de quatro sentidos básicos dos nomes em -nte: *circunstancial*, *avaliativo*, *aspectual* e *agentivo*, com foco nas propriedades semânticas desses padrões. Os objetivos eram analisar semanticamente esses padrões e verificar a correlação estatística dessas propriedades. Nosso olhar teórico-metodológico partiu da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções. Recorremos, ainda, a análises estatísticas multivariáveis no ambiente de programação R para cumprir o segundo objetivo.

Inicialmente, verificamos que os quatro sentidos básicos, a depender de fatores que contingenciam o uso, podem se sobrepor e constituírem padrões intermediários marcados pela inter-relação de mais de um sentido. Esses padrões intermediários também foram levados em consideração para a análise de outras propriedades semânticas, a saber: o tipo semântico verbal mais recrutado por cada sentido/padrão e o grau de agentividade/atividade desses verbos. Essas propriedades também serviram para evidenciar o maior/menor alcance semântico de cada padrão/sentido.

Quanto aos tipos semânticos mais frequentes no *slot* X da construção, o tipo *material* foi o mais demandado, possivelmente porque reúne uma diversidade maior de verbos. Os sentidos *circunstancial* e *avaliativo* (e variações) mostraram-se os mais produtivos, por apresentarem alta frequência *type* e menor coerência semântica entre os verbos identificados no *slot*. No que se refere à atividade/agentividade dos verbos, os dados mostraram a larga prevalência de verbos com agentividade intermediária, devido à maior frequência desses verbos entre os sentidos *circunstancial* e *avaliativo*. Somente o sentido *agentivo* demandou verbos mais agentivos.

As análises estatísticas, por sua vez, evidenciaram uma correlação significativa entre as propriedades semânticas investigadas. Por meio do método *random forest*, vimos que o padrão/sentido *agentivo* se diferencia dos demais e demonstra alta correlação com substantivos. O outro grupo, notadamente constituído pelos tipos *circunstancial* e *avaliativo*, se diferencia, depois, pelo grau de atividade e pelo tipo semântico do verbo recrutado. O

método *behavioral profile* permitiu-nos constatar que, conforme os dados expostos anteriormente, o padrão *agentivo* constitui um *cluster* oposto a ao *cluster* que reúne os padrões *circunstancial* e *avaliativo*. O padrão *aspectual*, concluímos, deve ser apenas uma especificação semântica do *agentivo*.

Por fim, as análises aqui empreendidas permitiram-nos alcançar algumas conclusões acerca da produtividade dos padrões microconstrucionais e servem à compreensão mais aprofundada da construção X-nte. Muito embora não seja o foco aqui, os resultados também influenciam a representação da rede construcional desse esquema, tendo em vista que a produtividade se refere à capacidade de expansão de uma construção e, por consequência, ao grau de entrenchamento (*entrenchment*) de um esquema/microconstrução na rede, ocasionando, possivelmente seu fortalecimento ou obsolescência no repertório linguístico dos falantes.

Referências

- BARÐDAL, J. **Productivity**: Evidence from case and argument structure from Icelandic. Amsterdam: John Benjamin, 2008.
- BASÍLIO, M. **Re-estudo de agentivos**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1981.
- BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 7, n. especial, p. i-x, 2022.
- BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CORDEIRO, F. S. **Nomes em -nte sob o viés diacrônico: uma abordagem funcional centrada no uso**. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- CORDEIRO, F. S. Atuação de processos sociointeracionais e projeções conceptuais na extensão semântica de nomes deverbais em -nte. **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 7, n. Especial, p. 109–130, 2022. DOI: 10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID27548. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/27548>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. **The Grammar Network**: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use. New York: Cambridge University Press, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013b. p. 13-39.

GARCÍA-MIGUEL, J. M. **ADESSE**. Universidade de Vigo. Disponível em: <https://adesse.uvigo.es/>. Acesso em 29 nov. 2024.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Originally presented as the author thesis (Ph.D.). California: University of California, 1995.

GOLDBERG, A. E. Patterns of experience in patterns of language. In: TOMASELLO, M. (Ed.) **The new psychology of language**. New Jersey, London: Laurence Erlbaum Associates Publishers, 1998. p. 203-217.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V.; TAVARES da SILVA, J. C. Sobre o estatuto de -nte: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português. **LABORHISTÓRICO**, v. 6, p. 57-83, 2020.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its application to English**. Edimburg: Edimburg University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal. In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Ed.). **What makes grammaticalization?: A look from its fringes and its components**. Berlin: Walter de Gruyter, 2004, p. 21-42.

MARINHO, M. A. F. **Do Latim ao Português**: percurso histórico dos sufixos -dor e -nte. 210f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MEDEIROS, A. B. **Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português**: um estudo das Formas Participiais. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MIRANDA, N. S. **Agentivos deverbais e denominais**: um estudo da produtividade lexical. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

TAGLIAMONTE, S. A.; BAAYEN, R. H. Models, forests, and trees of York English: Was/were variation as a case study for statistical practice. **Language Variation and Change**, v. 24, n. 2, p. 135-178, 2012.

LEVSHINA, N. **How to do Linguistics with R**: Data exploration and statistical analysis. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

PEREK, F. Using distributional semantics to study syntactic productivity in diachrony: a case study. **Linguistics**, v. 54, n. 1, p. 149-188, 2016.

TAVARES, M. A. Os conectores e, aí e então na sala de aula. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DEN HEED, M.; LAUWERS, P. Syntactic productivity under the microscope: the lexical and semantic openness of Dutch minimizing constructions. **Folia Linguistica**, v. 57, n. 3, p. 723-167, 2023.

VAN HULLE, S.; ENGHELS, R.; LAUWERS, P. The many guises of productivity: a case-study of Spanish incoative constructions. **Linguistics**, p. 1-39, 2024.

Sobre o autor

Fernando da Silva Cordeiro

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6940-1994>

Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coursou, também na UFRN, mestrado em Estudos da Linguagem (2017), especialização em ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (2015) e licenciatura em Letras - Língua Portuguesa (2014).

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

Um monte de sentidos: os diferentes usos de construções binominais quantificadoras

A bunch of senses:
the different uses of quantifying binominal constructions

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux¹
Karen Sampaio Braga Alonso²

Resumo: Esta pesquisa descreve o uso de quatro construções binominais quantificadoras: "um monte de N2," "uma enxurrada de N2," "uma montanha de N2," e "uma chuva de N2," do ponto de vista da Linguística Baseada no Uso. A hipótese geral que assumimos é que tais construções apresentam diferentes distribuições na língua, ou seja, não são sinônimos absolutos. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é descobrir quais são as propriedades semânticas específicas associadas a cada construção com base na análise de seus componentes N2, bem como os significados evocados por "monte," "enxurrada," "montanha," e "chuva" dentro de cada construção. Além disso, realizamos uma análise qualitativa e comparativa dos dados a partir do *Corpus Brasileiro*, focando nos lexemas mais frequentes em cada construção. De acordo com nossa hipótese, as quatro construções binominais quantificadoras recrutam diferentes lexemas, resultando em diferentes graus de coerência semântica. Ainda observamos que mesmo quando diferentes construções recrutam o mesmo lexema, o significado da construção difere.

Palavras-chave: Quantificação. Construções Binominais quantificadoras. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Abstract: This research explores the usage of four quantifying binomial constructions: "um monte de N2," "uma enxurrada de N2," "uma montanha de N2," and "uma chuva de N2," from the perspective of Usage-Based Linguistics. Our main hypothesis posits that these constructions exhibit varying distributions in the language, indicating they are not absolute synonyms. Consequently, this study aims to uncover the specific semantic properties associated with each construction through an analysis of their N2 components, as well as the semantic nuances conveyed by "monte," "enxurrada," "montanha," and "chuva" within each construction. Additionally, we conducted a qualitative and comparative analysis using data from the *Corpus Brasileiro*, focusing on the most frequent lexemes in each construction. As hypothesized, these four quantifying binomial constructions employ different lexemes, resulting in varying degrees of semantic coherence. Furthermore, even when different constructions recruit the same lexeme, the construction's meaning differs.

Keywords: Quantification. Quantifying Binominal Constructions. Usage-Based Linguistics.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/Centro de Letras e Artes, Departamento de Linguística, Programa de Pós-graduação em Linguística. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: carol.fumaux@letras.ufrj.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/Centro de Letras e Artes, Departamento de Linguística, Programa de Pós-graduação em Linguística. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: karensampaio@letras.ufrj.br

Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo as construções binominais quantificadoras *um monte de N2*, *uma enxurrada de N2*, *uma montanha de N2* e *uma chuva de N2*, como se vê em: *um monte de gente*, *uma enxurrada de ações*, *uma montanha de dívidas*, *uma chuva de críticas* etc. Tais construções são chamadas binominais por apresentarem uma relação entre dois nomes, N1 e N2: acima, os lexemas *monte*, *enxurrada*, *montanha* e *chuva*, N1, são aqui chamamos de nomes quantificadores (NQ); já o N2 são os lexemas quantificados que figuram no *slot* aberto da construção. Acima são representados por: *gente*, *ações*, *dívidas* e *críticas*.

O presente artigo se desenvolveu sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, que é assim denominada em correspondência com a Usage-Based Linguistics na literatura estrangeira (cf. Barlow; Kemmer, 2000; Goldberg, 2019; Boyland, 2009; Bybee, 2010; Diessel, 2019); uma tendência mais atual de estudos chamados funcionalistas (em oposição a estudos de cunho mais formal). Segundo esse modelo teórico, o conhecimento linguístico é desenvolvido a partir da experiência do falante com a língua, ou seja, com o uso. A partir de usos mais específicos, padrões mais gerais são abstraídos. Entendemos, assim, a língua como um inventário complexo de construções, adquirido e atualizado a partir das nossas experiências.

Desta forma, as construções estudadas são apreendidas a partir da experiência dos falantes com a língua e são usos que reforçam um padrão mais geral e abstrato, que possui a forma **ART INDEF N1 de N2** e que tem como sentido **uma grande quantidade indefinida de um referente**, de forma similar a outros quantificadores indefinidos de grande quantidade da Língua Portuguesa, como *muitos*, *vários*, *bastantes* etc. É o que podemos ver no exemplo a seguir:

- (1) <p>: ... em geral, era o reitor que fazia a contração de **um monte de gente** desarticulada, sem liderança, e isso não levava a coisa nenhuma, não produzia pesquisa, nada. (*Corpus Brasileiro*).

No exemplo acima, não podemos afirmar com precisão a quantidade do referente *gente*, porém podemos afirmar que há uma quantificação a partir da construção *um monte de* e que o falante quer expressar que a contratação envolve uma grande quantidade *de gente*.

Assim, esta pesquisa pretende investigar como tais construções binominais são distribuídas nos contextos linguísticos em termos colocacionais. Entendemos que as construções quantificadoras são recursos disponíveis na cognição para a quantificação no Português Brasileiro (PB); assim, questionamos se podemos intercambiá-las indiscriminadamente na língua sem que haja mudança de sentido nos contextos.

De acordo com Verveckken & Delbecque (2018), obra cara a este trabalho, nomes quantificadores são nomes que possuem potencial para a quantificação além dos seus significados lexicais. Para as autoras, as construções binominais são uma forma específica de construir uma interpretação acerca da quantidade de um N2 que extrapola aquela expressa pelos quantificadores tradicionais, como por exemplo *muito*. Nesta pesquisa, acreditamos que as construções em foco possuem uma conceptualização própria e se particularizam diante de outras estratégias de quantificação.

A hipótese geral deste trabalho é que a semântica dos nomes quantificadores contribui para o sentido da construção como um todo. Ao realizar uma quantificação com uma construção binominal, o falante faria uso de uma das alternativas que sua gramática oferece para quantificar elementos em grande quantidade. No que tange às construções binominais, a semântica dos nomes quantificadores (*monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva*) influenciaria no tipo de referente que aparece no *slot* aberto da construção, assim como no tipo de referente quantificado, o qual também pode influenciar a escolha do falante por uma ou outra construção.

Com base em Fumaux (2022), entendemos que as construções em foco nesta pesquisa apresentam particularidades e sentidos próprios que possivelmente são influenciados pela natureza do NQ e que vão além da quantificação. Por isso, entendemos que as construções estudadas permeiam diferentes nichos na rede de construções binominais quantificadoras, pois pressupomos que se estabelecem diferentes relações de sentido entre elas e os itens por elas quantificados em seus *slots*. Desta maneira, ainda que elas quantifiquem os mesmos lexemas, os significados construídos possuirão diferenças.

O trabalho será apresentado em quatro seções. A primeira revisitará a literatura da área e alguns trabalhos sobre quantificadores. A segunda discutirá o trabalho de Verveckken e Delbecque (2018), que disserta sobre as construções binominais quantificadoras em Língua Espanhola. Esse trabalho é fundamentalmente importante para este artigo. Posteriormente, apresentaremos a metodologia e análise dos dados, para finalmente concluirmos este estudo.

Construções binominais e a Gramática de Construções

A noção de construção com que este trabalho se alinha tem base nos princípios da Gramática de Construções, que defende que as construções são pareamentos de forma e sentido. Conforme Goldberg (2006, p. 4): “Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não possa ser inteiramente previsto a partir de suas partes componentes ou de outras construções já estabelecidas.” Logo, os significados das construções binominais quantificadoras são compreendidos a partir do todo, e não a partir da soma dos significados individuais de cada palavra que as compõem. Desta forma, o sentido quantificador que é expresso pelas construções estudadas é fruto do

chunk, por exemplo *uma chuva de*, mais o N2, formando assim um *chunk* ainda mais complexo, como vemos em *uma chuva de críticas*.

As construções são, portanto, uma entidade de duas faces: uma dotada de informações formais e outra dotada de informações semânticas. Para melhor entender a face de informações semânticas, Langacker (2006) traz grandes contribuições para esta pesquisa. A obra valoriza o aspecto visual na construção de significado, o *construal*, para as formas linguísticas e o caráter simbólico da linguagem. Com base no autor, postulamos que o falante pode, sob a pretensão de atender aos seus anseios comunicativos, construir usos linguísticos mais ou menos convencionais.

O nosso entendimento é que o nome quantificador de uma construção binominal pode influenciar em diferentes nuances de significado dentro desse grande grupo de construções binominais quantificadoras, já que uma construção pode ser mais ou menos analisável e composicional e, por conta disso, o tipo de item quantificado poderá também ser mais ou menos coerente com os nomes quantificadores. Goldberg (1995) propõe o Princípio da Coerência Semântica, que estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos, isto é, a compatibilidade existe quando um dos papéis pode ser caracterizado como instância do outro. Desta forma, acreditamos que os lexemas encontrados no *slot* da construção possuirão coerência semântica com o sentido do nome quantificador. Por isso, as construções binominais, embora sejam subesquemas de um esquema maior e mais abstrato (**ART INDEF N1 de N2**), que tem a função de quantificar em Língua Portuguesa, possivelmente terão especificidades particulares, o que poderá influenciar no tipo de referente a ser quantificado por elas.

Castilho (2008) postula que a quantificação está inserida no processo semântico da predicação que pode ocorrer pela pluralização com o *-s*, ou por pronomes, advérbios e substantivos coletivos. Segundo a autora, a quantificação pode ser definida (como os numerais *quatro* ou *cinco*), ou indefinida (como quantificadores indefinidos *muito(s)*, ou aqueles denominados pelo artigo indefinido *um*, por exemplo). Por indefinido pode-se entender um número indeterminado de objetos (*muitos dias*) até uma quantidade indeterminada deles (*bastante água*), podendo o núcleo do sintagma ser contável ou não. Os quantificadores indefinidos são expressões que possuem a função de atualizar os nomes, pois acrescentam ao que é designado alguma informação sobre quantidade, isto é, indicam a porção de um certo conjunto.

Ainda no domínio da quantificação, a autora propõe os sintagmas nominais de significação indefinida, dos quais são exemplos, os sintagmas preposicionais indeterminados, a saber *um montão de*; *uma porrada de*; *uma cacetada de*. As construções estudadas na presente pesquisa são estruturadas pelo artigo indefinido e por um sintagma preposicional com os nomes *monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva* mais a preposição *de*. Dessa forma,

entendemos que essas construções são quantificadores indefinidos e que há uma avaliação subjetiva e hiperbólica por parte dos falantes.

Ressalta-se que há vantagens em usar construções binominais quantificadoras, pois além de quantificar, elas adicionam em seus contextos nuances que indicam mais informações acerca da intenção comunicativa dos falantes, como, por exemplo, reforçar ou agregar a ideia de movimento, como ocorrerem nos contextos de uso de *uma enxurrada de N2*, como veremos adiante.

As construções binominais quantificadoras e a persistência conceptual do nome quantificador: revisitando o trabalho de Verveckken e Delbecque (2018)

Verveckken e Delbecque (2018) estudam a persistência da imagem conceptual dos nomes quantificadores em construções binominais quantificadoras em espanhol. Para as autoras, uma imagem conceptual despertada por um nome quantificador é como um espaço mental. Sobre as construções binominais quantificadoras, as autoras demonstram que os sentidos perfilados por elas variam de acordo com o contexto. As diferentes facetas conceptuais apresentam diferentes graus de esquematicidade; sendo assim, o contexto discursivo e a cena construída determinam um conjunto de facetas estabelecidas em ocorrências específicas. Em conformidade com Langacker (2006), entendemos que o significado de uma expressão não é definido somente pela imagem conceptual evocada, mas também a partir do modo como ela é construída, sendo assim, o *construal* pode ser caracterizado a partir da percepção de uma situação pelo falante.

A construção binominal quantificadora *un montón de N* é a mais frequente no *corpus* escolhido³ por Verveckken e Delbecque (2018). De acordo com o trabalho, o nome quantificador *montón* mantém facetas de seu significado original, que é descrito como um conjunto de coisas acumuladas, ou como coisas postas desordenadamente em cima uma das outras, em uma típica configuração cônica. Nesse trabalho, identifica-se que a faceta mais comum de *montón* é a acumulação, os N2 quase sempre se perfilam como entidades acumuladas. Em outros dados, percebe-se que existem sentidos que se ligam a ideia de acumulação, um deles é a contiguidade espaço-temporal, que é uma reunião das entidades quantificadas (N2), como vemos no exemplo: “*um montão de gente* vendo os chipanzés” (Verveckken; Delbecque 2018, tradução nossa). Outra faceta presente na construção *un montón de N* é a de pertencimento a uma mesma categoria, este é o caso de *escritores* no exemplo a seguir: “*um montão de escritores* narrando a situação” (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa).

³ A saber: *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA).

Segundo as autoras, além das facetas ligadas à acumulação, existem as facetas que estão de alguma forma relacionadas à falta de ordem ou estrutura, em que a conceptualização mais ligada à interpretação literal de *monte* transcende em exemplos quantitativos nos quais não se sabe ao certo a quantidade exata do N2, como podemos ver em: “tudo, as melhores coisas que você pode calcular e *um monte de camarareiros* para cima e para baixo” (Verveckken; Delbecque 2018, tradução nossa). Ressalta-se, ainda, no trabalho, a faceta de acaso ou aleatoriedade da acumulação – inferida por extensão metonímica da falta de estrutura: “não sei por que *um montão de gente* estava presente: o presidente, o ministro, Juan Antonio Yáñez e eu” (Verveckken; Delbecque 2018, tradução nossa), interpretado como casualidade pelas autoras.

Verveckken e Delbecque (2018) também discutem a alternância entre dois nomes quantificadores, que, segundo elas, são quase sinônimos, a saber: *avalanche* (*alud*) e *enxurrada* (*aluvión*). Entende-se, nesta análise, que embora haja uma aproximação dos sentidos dos nomes quantificadores, há nas construções binominais de cada um deles particularidades despertadas pela imagem conceptual de cada NQ.

De acordo com as autoras, para *alud* (avalanche) é bem parecido, contudo algumas distinções são apontadas. Dentre elas, está o fato de que, assim como acontece em enxurradas naturais, os dados de *aluvión* sugerem que o N2 inunda a vítima por todos os lados, a partir de pontos de partida distintos. Já com *alud* (avalanche), acontece de maneira diferente, pois o ponto de partida é apenas um, colaborando então para uma interpretação mais incisiva do dado.

Conforme a pesquisa, *alud* age como um bloco, dando às partes diferentes uma visão unificada e, portanto, uma força mais contundente e, por isso, esta parece se tratar de um evento mais pontual, enquanto *enxurrada* parece estabelecer uma relação de contiguidade. É válido também destacar que nas imagens conceptuais provocadas por *alud* (avalanche), há uma maior incidência de exemplos com conotação negativa, já em *aluvión* (enxurrada) há conotações negativas, mas também a construção de sentidos positivos.

Por fim, as autoras discutem se há uma motivação para a escolha do nome quantificador na construção, já que as imagens conceptuais dos nomes quantificadores impactam os nomes quantificados. Elas retomam a noção de isotopia (Kerbrat-Orecchioni 1979, Rastier 1987 apud Verveckken & Delbecque, 2018) para propor que os falantes procuram usar elementos congruentes e coerentes em seu discurso, sendo assim, na busca pela coerência do discurso, os falantes optariam por um N1, isto é, por um nome quantificador. Consequentemente, os NQ terão suas preferências combinatórias e essas escolhas, grosso modo, fortalecerão a semântica original do NQ.

Entretanto, as autoras esclarecem que não é apenas a imagem de N2 que acomoda a imagem conceptual introduzida por N1, devemos considerar, também, o papel que o N2 terá

na escolha do nome quantificador, pois há um ajuste mútuo entre as imagens associadas a N1 e N2. Desta forma, é recorrente que certos tipos de N2 constantemente aparecem com certo NQ, ou com um certo grupo de NQ. Elas exemplificam ao dizer que referentes negativos costumam recrutar nomes quantificadores como *alud*, *aluvión*, ou outros fenômenos naturais, como *tempestades* ou *maremotos* (em português). Os N2 estariam, assim, evocando imagens conceptuais que maximizam seus sentidos:

A ideia é que a coocorrência de itens lexicais que compartilham uma ou mais facetas conceptuais com N1 aumenta a proeminência relativa que esses componentes têm no marco ("*Frame*") evocado pelo discurso mais amplo. Em outras palavras, N2 e o contexto maior codetermina a(s) faceta(s) da imagem conceptual de N1 que são atualizadas em ocorrências particulares (Verveckken; Delbecque, 2018, tradução nossa).

Goldberg, em seu trabalho de 2019, propõe que os elementos são atraídos para a construção com base nas semelhanças com os itens que instanciam as construções os significados são apreendidos à medida que as palavras são experienciadas em contextos adicionais; contudo, a autora acrescenta que eles são limitados pela competição com outras palavras, pois cada palavra está relacionada a uma rede de *frames* semânticos, o que faz com que determinadas palavras não possam ser combinadas. Desta forma, os falantes, atentos aos contextos particulares, evitariam supergeneralizações e subgeneralizações de palavras adicionadas ao seu vocabulário.

De acordo com Verveckken e Delbecque (2018), o nome quantificador possui papel fundamental na conceituação de quantidade, estabelecendo, assim, a sua própria conceituação. Desta forma, ao mudarmos o nome quantificador em uma construção quantificadora, ocasionaremos, segundo as autoras, um deslize semântico, o que feriria o Princípio da Coerência Semântica proposto por Goldberg (1995) de que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Verveckken e Delbecque (2018) acreditam que os nomes quantificadores não sejam plenamente alternáveis entre si devido a semântica própria que cada um carrega.

Desta forma, postulamos que não haja sinonímia perfeita entre as construções estudadas neste artigo, tal qual o princípio da não-sinonímia proposto Goldberg (1995) – o qual prevê que duas construções formalmente distintas são semântica e/ou pragmaticamente distintas –, uma vez que não haja correspondência absoluta entre elas, visto que os nomes quantificadores provocam diferentes imagens conceptuais e por este motivo, selecionariam diferentes N2, com base em um ajuste recíproco entre o *chunk* e o referente quantificado.

Assim, nas construções binominais quantificadoras, há uma persistência conceptual. Logo, em toda conceptualização que um nome quantificador possa impor a um N2, a sua imagem conceptual sempre será refletida. Por isso, as construções binominais quantificadoras

são diferentes dos quantificadores canônicos, pois o NQ (como por exemplo os estudados, monte, montanha, chuva e enxurrada) é capaz de conferir a um referente certas características próprias, atribuindo-lhes especificidades à luz da sua imagem conceptual.

A próxima seção apresentará a metodologia e a análise realizada nesta pesquisa. Com base em todos os estudos discutidos, consideramos que nossas construções estabelecem uma quantificação indefinida dos referentes e procuraremos levar em consideração os aspectos envolvidos na construção dos sentidos da quantificação realizada pelas construções binominais quantificadoras, partindo do entendimento de Verveckken e Delbecque (2018) de que as imagens conceptuais evocadas são diferentes.

Analizando as Construções Binominais Quantificadoras

A metodologia do trabalho desenhou-se a partir da coleta dos dados no *Corpus Brasileiro*. Esse *corpus* é uma coletânea de 991.800.000 palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por Tony Berber Sardinha. Coletamos todos os itens que foram quantificados pelas construções *um monte de N2*, *uma montanha de N2*, *uma enxurrada de N2* e *uma chuva de N2* no *corpus* e controlamos suas frequências de tipo e de ocorrência.

Neste artigo, trabalhamos com os 30 nomes que foram mais frequentemente quantificados por elas. A partir daí, realizamos a primeira etapa de análise, que consistiu em uma análise qualitativa dos dados a fim de observar os pormenores envolvidos nos contextos observados e entender as características da quantificação de cada uma das construções. Na etapa final, comparamos tais lexemas e observamos quais deles eram quantificados por mais de uma das construções binominais com o objetivo de investigar possíveis diferenças em suas preferências colocacionais. A seguir apresentaremos as impressões sobre cada uma delas.

Um monte de N2

Encontramos, no *Corpus Brasileiro*, 2756 dados de um monte de N2 e identificamos 1006 tipos. Ao analisarmos os 30 nomes mais frequentemente quantificados pela construção *um monte de N2*, encontramos 325 vezes *um monte de gente*, 295 vezes *um monte de coisas* e 163 vezes *um monte de coisa* no *corpus*. Os itens destacados possuem frequência bem mais alta do que os outros coletados. Percebemos que esses referentes são mais genéricos (*gente*, *coisa* e *coisas*) e acreditamos que eles podem permitir, via analogia, a quantificação de diferentes itens, que a eles possam se aproximar semanticamente, já que a expansão dos tipos de nomes que podem ser quantificados pela construção pode ocorrer com base na semelhança com itens mais frequentes e prototípicos. Logo, os referentes + humanos e + animados podem estar relacionados aos nomes *gente*, bem como a *coisa* e *coisas*. Vejamos um exemplo:

- (2) <p>: ... em geral, era o reitor que fazia a contratação de **um monte de gente** desarticulada, sem liderança, e isso não levava a coisa nenhuma, não produzia pesquisa, nada (*Corpus Brasileiro*).
- (3) <p>: Mas eu encontrei **um monte de pessoas** com idéias ótimas, que sabiam que não iam resolver os problemas do mundo e tinham consciência de que esses problemas são de todos e não só de quem está na periferia», afirma Pardinho. (*Corpus Brasileiro*).

É interessante perceber, nos exemplos, que *gente* é muito mais frequente que *pessoas* (enquanto este aparece 18 vezes no slot da construção, aquele apareceu 325 vezes), ainda que as palavras possam ser consideradas sinônimas. Entendemos, assim, que itens semelhantes àqueles que são mais frequentemente quantificados por *um monte de N2*, provavelmente também poderão ser quantificados pela construção.

Outra percepção acerca de tal construção é que além de frequentemente quantificar referentes humanos, como vemos com *gente* e *pessoas*, ela também possui uma nuance de avaliação negativa e exagero que tende a crítica. Sendo assim, *um monte de N2* quantifica diferentes nomes, nem sempre negativos em seus sentidos, mas que em certos contextos constroem essa avaliação negativa⁴, como podemos ver no exemplo 3 acima.

Sabemos que as construções quantificadoras possuem um contexto hiperbólico, que é baseado em uma avaliação subjetiva de grande quantidade por parte do falante. A análise qualitativa dos dados sugere que a construção perfila o sentido de exagero, o que pode levar a interpretação de algo negativo, uma avaliação do falante de que algo é ruim por ser muito/demais, e que, posteriormente, o sentido pode ter se direcionado a um sentido de ruim de maneira mais geral, como é possível perceber no exemplo, já que o falante avalia negativamente a *gente* contratada e pelo fato de quantificar muitas palavras negativas como *besteiras*, *bobagens*, *asneiras* etc.

Entendemos, também, que não há entre os itens quantificados e a construção um sentido relacionado ao de amontoar e acumular em consonância a ideia de *monte* como formação geológica), pois os contextos não refletem um amontoado – como percebido por Verveckken e Delbecque (2018). A quantificação é muito mais evidente do que o entendimento de acumulação, além de o nome quantificador ter se mostrado mais opaco e menos atuante para o significado final da construção, na combinação entre a construção e os nomes quantificados.

Uma montanha de N2

Encontramos 216 dados e identificamos 104 *types* de *uma montanha de N2* no *Corpus Brasileiro*. *Dinheiro* foi encontrado 37 vezes e *dívidas* foi encontrado 7 vezes. Vimos que os

⁴ A questão será discutida mais profundamente em trabalho posterior.

dados de montanha não se mantiveram apenas com itens que pudessem ser empilhados – como o significado do NQ *montanha* pode indicar – identificamos que boa parte dos itens não eram concretos, logo não seriam dados + empilháveis. Em relação aos itens concretos, entendemos que concomitantemente à ideia de grande quantidade, há um forte indício de amontoação, de maneira icônica ao formato de uma *montanha*, de modo que os objetos se acumulassem em pilha

O lexema mais frequente, *dinheiro*, provavelmente serve como imã para a analogia com todo tipo de palavra relacionada a dinheiro, isto, também, explica a alta frequência de um lexema como *dívidas* já que o lexema frequentemente indica dever dinheiro. Há, aqui, uma relação simbólica entre os sentidos desses nomes. Concluímos que esses nomes podem indicar uma preferência da construção por itens que mantenham o sentido de pilha; entretanto, este empilhamento nem sempre será construído de forma real, muitas vezes, o nome *montanha* culminará em uma ideia, na verdade, de amontoamento ou acúmulo virtual, que se intensificará quando o falante se sentir encoberto pelo item a ser quantificado, como por exemplo: *estou soterrado em uma montanha de dívidas*. Esta avaliação subjetiva favorece o uso da construção quantificadora com *montanha*.

De fato, a referência à *montanha* (formação geológica) parece ser mais saliente em alguns dados, se a compararmos, por exemplo, à construção com o *monte*, estabelecendo, assim, uma acomodação maior de sentido entre o NQ e os itens quantificados. Podemos ver em muitos dados o uso e variações das palavras *soterrado* e *acúmulo*, tal como o uso de *debaixo de uma montanha de N2*. Veja o exemplo:

- (5) <p>: Talvez *acumulemos uma montanha de dívidas*, a juros elevadíssimos, que nem o produtor agrícola, nem o pequeno empresário -- industrial ou de que setor seja --, e muito menos o próprio Governo vão poder sustentar, como estamos vendo. (Corpus Brasileiro).

Com a construção com *montanha* conseguimos enxergar a noção de quantidade, entretanto é possível perceber mais indícios da contribuição do NQ para os sentidos dos dados, o que demonstra uma certa transparência de uma construção ainda recente na língua.

Uma enxurrada de N2

Observamos 227 tipos diferentes de lexemas instanciando o *slot* de uma *enxurrada de N2* e também foi possível observar 466 dados de ocorrências da construção no *corpus* analisado. O dado mais frequente foi *ações*, que foi coletado 48 vezes, além disso, encontramos *dólares* 25 vezes e *processos* 14 vezes. De acordo com as autoras Verveckken e Delbecque (2018), *enxurrada* provoca uma reação, ou é provocada por uma causa

identificável. O nome *enxurrada*, ligado ao conceito de movimento, traz consigo a ideia de arrastar coisas ou pessoas. Observe os exemplos:

- (6) <p>: Em suma, **uma enxurrada de investimentos** tem chegado ao país. (*Corpus Brasileiro*).
(7) <p>: Qual não foi a surpresa de todos quando **uma enxurrada de portarias** do INAMPS *adentrou* os gabinetes dos gestores públicos em janeiro de 1991. (*Corpus Brasileiro*).

Nos exemplos, conseguimos ver dois verbos que indicam movimento: *chegado*, *adentrou*; e os itens *investimentos* e *portarias*, que chegarão em grande quantidade, porém de forma abrupta e indicando uma movimentação. Diante do entendimento de que *enxurrada* refere-se a um fenômeno natural que é encarado como uma “ameaça”, observamos dados em que há o sentido de enfrentamento ao perigo, nesses casos, entendemos que há a semântica de situação de risco ou problema. As ideias construídas nos contextos observados indicam que, nesses casos, a *enxurrada* é interpretada como algo destruidor e que traz consequências muito ruins.

Sabemos que uma *enxurrada* causada por uma tempestade pode provocar muitos acontecimentos. Entendemos, então, que “enxurrada” pode perfilar o sentido de causa, isto é, o motivo para algo acontecer:

- (8) <p>: Este aumento substancial, que consiste em mais de 30 milhões de reais por mês na folha de pagamentos, foi decorrente de **uma enxurrada de contratações** para cargos comissionados e de gratificações dadas de forma graciosa a correligionários políticos do Sr. Governador e de seu esquema político. (*Corpus Brasileiro*).

Em outros contextos, percebemos que a construção não é o motivo, mas sim a consequência de situações ocorridas. Sendo assim, entendemos que certos fatores podem causar uma *enxurrada* de um nome, de modo que ela agora passe a ser uma consequência, da mesma forma que ela é, literalmente, a consequência de um temporal:

- (9) <p>: As declarações de Rudiger Dornbusch sobre a economia brasileira causaram **uma enxurrada de besteiras** na mídia. (*Corpus Brasileiro*).

Portanto, os sentidos de causa e consequência estão atrelados ao movimento que é típico de uma *enxurrada*, o que muitas vezes ocorre de forma repentina e inesperada.

Uma chuva de N2

Coletamos os dados da construção *uma chuva de N2* no *corpus* escolhido. Foram encontrados 143 *tokens* e identificamos 76 *types*. Os nomes mais frequentes foram *críticas* e *pétalas*, que apareceram 9 vezes no *corpus*. O número de ocorrências encontradas nos

chamou a atenção, já que, diferentemente, das outras construções, *uma chuva de N2* possui bem menos dados; mesmo o lexema *críticas*, que possui mais ocorrências, também não tem uma frequência muito alta.

Em boa parte dos dados, identificamos que houve arremessos de elementos, dados que, contextualmente, são algum tipo de agressão, que ocorre por conta de um descontentamento e ou por conta de críticas ou protestos. De fato, ser atingido pela chuva gera incômodo, desagrado. Ainda, frequentemente somos atingidos por fortes chuvas que causam bastantes estragos e, inegavelmente, em muitos momentos, nós somos vítimas delas.

A partir da observação dos dados, entendemos que esta construção ainda se apresenta com sua metáfora bastante latente, em que, mais do que um quantificador claro, a construção é usada para dar conta de contextos em que existem “vítimas”, literalmente ou não, que são vistas como alvos da *chuva*, como observamos com as comidas que são arremessadas:

- (10) <p>: Começou a jogar pedras na direção da árvore, mas recebeu de volta **uma chuva de mangas** que os bichos lhe atiraram. (*Corpus Brasileiro*).

Percebemos, ainda, que a construção constrói um sentido, em boa parte dos contextos, potencialmente ruim, como uma possível agressão ou ataque, que podem ser ou verbais, nos quais ambos possuem alvos em potencial, ou seja, agressões atingem suas vítimas, como é possível ver nos exemplos 11 e 12 a seguir:

- (11) <p>: O treinador foi *recebido* com **uma chuva de moedas** quando entrava em campo na partida em que seu time foi derrotado por 2 a 1. (*Corpus Brasileiro*).
(12) <p>: As filmagens continuaram, mas sob **uma chuva de farpas**, principalmente da parte de Stone, que reclamava da falta de cavalheirismo de Baldwin (e de seu mau hálito). (*Corpus Brasileiro*).

Há, ainda, a questão do movimento (como também vimos em *uma enxurrada de N2*), a construção com *chuva* é baseada no movimento de cima pra baixo, assim como em nossa experiência da *chuva* estar acima de nossas cabeças, logo a construção perfila a ideia de movimentação e o movimento é construído a partir do entendimento de que ele ocorrerá de cima para baixo, como no exemplo 12.

Percebemos que, nos contextos encontrados, muitos dados são arremessados, e o seu movimento descendente se acomoda, perfeitamente, ao sentido de *chuva*. Por outro lado, o quantificador se mostra mais claramente, em contextos como *uma chuva de críticas*:

- (13) <p>: Finalmente, na temporada que se encerrou na última segunda-feira, Gil foi campeão sem antes deixar de ouvir **uma chuva de críticas** pela manobra tida como precipitada pouco depois da largada em Surfer's Paradise. (Corpus Brasileiro).

As diferentes quantificações entre as construções binominais.

Nesta subseção, discutiremos um pouco mais sobre o sentido de cada construção e apresentaremos uma comparação entre os itens quantificados pelas construções binominais quantificadoras estudadas, a fim de investigar as possíveis semelhanças e diferenças nos sentidos perfilados por elas. Comparando os 30 itens mais frequentes de cada uma delas, encontramos apenas 12 lexemas que se repetem, são eles: *dinheiro*, *dólares*, *recursos*, *livros*, *gols*, *mensagens*, *besteiras*, *denúncias*, *protestos*, *cartas*, *críticas* e *liminares*. Apresentaremos a seguir a tabela com esses itens e demonstraremos por quais construções eles foram quantificados.

Tabela 1: Itens quantificados por mais de uma construção.

Palavras	Um monte de N2	Uma montanha de N2	Uma enxurrada de N2	Uma chuva de N2
1. Dinheiro	X	X	X	
2. Dólares		X	X	
3. Recursos		X	X	
4. Livros	X		X	
5. Gols		X		X
6. Mensagens		X	X	
7. Besteiras	X		X	
8. Denúncias			X	X
9. Protestos			X	X
10. Cartas			X	X
11. Críticas			X	X
12. Liminares			X	X

Ao olharmos a tabela, percebemos que a construção *um monte de N2* é aquela que menos teve itens repetidos, apenas 3 (*dinheiro*, *livros* e *besteiras*). Como vimos anteriormente, uma de suas preferências é quantificar nomes + humanos. Podemos perceber que referentes humanos não foram frequentes nas outras construções, o que atribuímos ao fato de a preferência de *um monte de N2* pela quantificação de indivíduos restringir o surgimento dessa categoria em outras construções quantificadoras, o que é um argumento para o entendimento de que elas não ocupam os mesmos contextos na língua.

Um monte de N2 também demonstrou ter em seus sentidos uma nuance negativa, no sentido de que a grande quantidade de um exemplar é vista como algo ruim ou exagerada. A construção quantifica bastantes nomes que indicam coisas negativas, como *besteiras* ou *asneiras*. Tal conotação não ocorre com tantos nomes nas outras construções, como vimos acontecer naquela com o *monte*. Encontramos apenas o item *besteiras* sendo quantificado

por *uma enxurrada de N2* 2 vezes. Vejamos a seguir a quantificação de *asneiras*, primeiro pela construção *uma enxurrada de N2* e posteriormente pela construção *um monte de N2*.

- (14) <p>: As declarações de Rudiger Dornbusch sobre a economia brasileira *causaram uma enxurrada de besteiras* na mídia. (*Corpus Brasileiro*).
- (15) <p>: Segundo Paupério, o caso «'tá nas manchetes» até hoje porque integrantes do governo federal foram à imprensa «dizer **um monte de besteiras**» contra os rapazes, com o intuito de desviar a opinião pública da marcha dos sem-terra, que chegava a Brasília naquele dia. (*Corpus Brasileiro*).

No primeiro exemplo, além da quantificação, existe o sentido perfilado de movimentação e a ideia de consequência, ocasionada pelas declarações de Rudiger Dornbusch, isto é, uma movimentação/chegada de muitas *besteiras* na mídia, o que apreendemos a partir do uso do verbo *causaram*. No segundo, o tom se torna mais crítico e a avaliação ruim sobre o fato é o mais evidente e, diferentemente do exemplo anterior, o nome *monte* é mais opaco em relação ao sentido dos dados. Desta forma, os dados nos permitiram interpretar que, para *uma enxurrada de N2*, os sentidos de causa e consequência ocasionadas pela movimentação decorrentes da referência de *enxurrada* a um fenômeno natural é bastante presente. Portanto, entendemos que o sentido perfilado é diferente em cada uma das construções.

Abaixo, veremos um outro caso, desta vez com um outro nome, *livros*, também quantificado pelas duas construções. Vejamos os dados:

- (16) <p>: Essa discussão gerou **uma enxurrada de livros**, dos EUA à Austrália, debatendo um novo modelo de educação masculina, que propõe mais atenção e compreensão com os garotos. (*Corpus Brasileiro*).
- (17) <p>: Muitos dizem que se deixarmos a escolha com as bibliotecárias da Bahia, por exemplo, elas iriam comprar **um monte de livros** de candomblé. (*Corpus Brasileiro*).

No primeiro, percebemos que *uma enxurrada de livros* expressa mais uma vez o efeito de causa e consequência, no qual uma grande quantidade de livros debatendo certo tema foi gerada *por causa de* uma discussão. No exemplo com *monte*, mais uma vez vemos uma avaliação negativa sobre certo assunto. Há uma crítica a uma possível escolha de bibliotecárias baianas, pois na opinião do falante, elas optariam pela compra de livros do candomblé, em que fica demonstrado, de maneira implícita, a opinião do falante de que tal compra seria algo ruim.

A construção com *enxurrada* produz em seus dados o conceito de movimento que é inerente ao nome *enxurrada* e que, em muitos casos, estão ligados aos efeitos de causa e consequência gerados por ela. Portanto, evidenciou-se que essa construção quantifica

elementos que favoreçam esta interpretação, como nomes em que possam estar presentes essas ideias (por exemplo, a entrada e saída de capital, ou as consequências e causas de uma ação judicial). Dados com essas características não foram frequentemente quantificados por outras construções, porém *uma chuva de N2* também quantifica *denúncias*, *protestos*, *cartas*, *críticas* e *liminares*.

Chuva e *enxurrada* se mostraram um pouco parecidas na ideia de que ambas perfilam o sentido de movimento, porém este é construído de maneiras diferentes. Enquanto *chuva* demonstra em seus dados a ideia de verticalidade que atinge um alvo, *enxurrada* implica em uma movimentação horizontal que indica entrada/chegada. Observe os exemplos:

- (18) <p>: e Srs. Deputados, toda vez que viajamos pelo interior do Estado recebemos **uma enxurrada de denúncias** contra Prefeitos ligados ao carlismo. (*Corpus Brasileiro*).
- (19) <p>: Em outubro do ano passado, *sob* **uma chuva de denúncias** de irregularidades, foi afastado do cargo. (*Corpus Brasileiro*).

Os exemplos acima com o nome *denúncias* ilustram esta discussão, já que em ambos se percebe a ideia de movimento, mas somente no segundo exemplo *denúncias* estão “caindo” sobre um alvo (veja o uso da preposição *sob*), no qual percebemos a verticalidade perfilada pela construção. Sendo assim, uma pessoa, afastada do cargo, está debaixo de *uma chuva de denúncias*.

Cartas e *críticas* foram nomes que apareceram entre os mais frequentes das construções com *chuva* e *enxurrada*. O item *críticas*, no trabalho de Verveckken e Delbecque (2018), foi o item mais frequente com *uma enxurrada de N2*. Nesta pesquisa, esse exemplar foi mais quantificado por *uma chuva de N2*. A ideia de movimento das duas construções favorecem no recrutamento dos lexemas em questão, já que tanto para críticas como para cartas há uma transferência, isto é um movimento direcionado, a um alvo ou a um destinatário, é o que vemos nos exemplos abaixo:

- (20) <p>: Bastou a seleção pré-olímpica perder para o México e **uma chuva de críticas** *desabou* sobre as cabeças de Zagallo e seus garotos. (*Corpus Brasileiro*).
- (21) <p>: A predecessora de Violante na presidência da Câmara, Irene Pivetti, provocou **uma enxurrada de críticas** em 1994, quando falou em público sobre os benefícios que o fascismo trouxe às mulheres. (*Corpus Brasileiro*).

Nos exemplos, podemos perceber que no primeiro se sobressai a verticalidade do movimento (vide *desabou*) e no segundo chama atenção o efeito causa/consequência, imensamente discutido. Vimos que os itens quantificados por *uma chuva de N2* podem ser interpretados como alvos em potencial, devido ao fato de a *chuva* ter um movimento para baixo e seus *N2* serem atingidos por ela. O sentido de ameaça criado por *uma chuva de N2*

também é visto em alguns contextos de *uma enxurrada de N2*, contudo ele é mais latente na primeira.

Os exemplares *mensagens*, *dólares* e *recursos* instanciaram as construções com *montanha* e *enxurrada*. *Uma montanha de N2* constrói o sentido de acumulação, que pode ser literal, no caso de papéis por exemplo, ou virtual, como no caso de dívidas. O fato é que os contextos mostraram que os falantes avaliam estar por baixo de uma *montanha* composta por algum lexema, isto é, é como se os nomes se acumulassem e soterrassem os personagens dos contextos analisados, o que se difere dos contextos encontrados com *uma enxurrada de N2*. A seguir veremos dois exemplos:

- (22) <p>: A recente onda de megafusões de bancos nos Estados Unidos está criando instituições que administrarão **uma montanha de recursos desproporcional** em relação ao *tamanho* do mercado brasileiro. (*Corpus Brasileiro*).
- (23) <p>: É em janeiro que a Bolsa de Valores de São Paulo poderia *receber* **uma enxurrada de recursos** externos dos fundos internacionais se as avaliações sobre o futuro do Brasil fossem otimistas (*Corpus Brasileiro*).

O primeiro induz a interpretação de acumulação, já que compara o “tamanho” da quantidade de recursos ao tamanho do mercado brasileiro e avalia tal quantidade como desproporcional. O segundo, conforme comentamos, reforça a ideia de movimentação, sentidos que também foram observados nos exemplos com *dólares* e *mensagens*.

A seguir podemos observar mais dois exemplos:

- (24) <p>: E, então, o que se vê é esse Palmeiras *somando* nas últimas rodadas **uma montanha de gols**, que sábado atingiu o paroxismo: 6 a 3. resultado que já coloca seu ataque lá no topo da artilharia. (*Corpus Brasileiro*).
- (25) <p>: Se o Serginho colocar hoje o Santos lá no ataque, poderemos ter novamente **uma chuva de gols** na cidade (*Corpus Brasileiro*).

Vimos que o referente *gols* é quantificado por *uma montanha de N2* e *uma chuva de N2*. No exemplo (24), o verbo *somando* indica que os gols do Palmeiras estão sendo *acumulados* em *uma montanha de gols*, desta forma, o sentido de acúmulo é novamente perfilado. Enquanto no exemplo (25), a cidade pode ser o alvo de uma chuva de gols, sendo assim ela será *atingida* por *gols*. Neste dado, apreendemos implicitamente a ideia de movimento de cima para baixo.

Dinheiro foi o exemplar que mais repetiu entre as construções; entre os dados, encontramos *um monte de dinheiro*, *uma montanha de dinheiro* e *uma chuva de dinheiro*. Embora o referente seja quantificado por três das construções binominais quantificadoras, entendemos que são perfilados diferentes sentidos para cada uma delas. Com *montanha*, ele

foi um dos itens mais frequentes, sendo coletados tantas 37 vezes, acreditamos que dinheiro é um item o qual contribui para a interpretação de acúmulo e pilha, ligando-se, deste modo, mais facilmente à *montanha*. No exemplo a seguir percebemos a ideia de pilha com uso do adjetivo *maior*, que indica a verticalidade da *montanha*.

(26) <p>: **Uma montanha de dinheiro** maior que a dívida externa brasileira.
(*Corpus Brasileiro*).

O mesmo sentido provavelmente já existiu nos primeiros usos de *um monte de N2*, entretanto, como dissemos anteriormente, atualmente esse sentido não é mais perfilado pela construção, que se tornou mais opaca e idiomática. Na subseção antecedente, discutimos que, no *corpus* estudado, *um monte de N2* perfila o sentido de crítica/avaliação negativa; nos dados com dinheiro percebemos tal nuance de significado; no exemplo abaixo, o falante avalia negativamente o gasto do *dinheiro*.

(27) <p>: Tem hora para levar essas coisas a sério, seríssimo, e tem hora para ir gastar **um monte de dinheiro** em *bobagem*, danem-se os pobres do mundo. (*Corpus Brasileiro*).

Já no exemplo de *uma enxurrada de dinheiro*, mais uma vez observamos a ideia de movimentação, percebemos que ocorre a *entrada* do *dinheiro* no mercado econômico:

(28) <p>: No dia anterior, houve uma **enxurrada de** dinheiro estrangeiro no mercado com a *entrada* de US\$ 400 milhões. (*Corpus Brasileiro*).

Percebemos, acima, o uso das palavras *arrecadou* e *entrada* que permitem as ideias de acumulação e movimentação, respectivamente, além disso, vimos a nuance de avaliação negativa em *um monte de dinheiro*. Demonstrando, assim, a quantificação do mesmo item, porém com particularidades nas interpretações de cada uma das construções quantificadoras.

Conclusão

Concluimos que as construções estudadas não podem ser consideradas sinônimas na Língua Portuguesa, já que, embora todas sejam estratégias de quantificação, em cada uma delas é possível perceber sutilezas de sentido se observarmos seus contextos de uso, como foi realizado. Tal fato é confirmado a partir da percepção de que apesar de muitos *types* terem sido coletados para cada uma, em apenas 12 oportunidades elas quantificaram o mesmo referente. Isto evidencia que há uma distribuição colocacional entre elas, ou seja, elas ocupam diferentes nichos na quantificação, e, por isso, quantificam diferentes itens, a depender de suas características, bem como a maneira que o falante deseja se expressar, já que, as

diferentes nuances expressas pelas construções binominais influenciam no significado final expresso.

Em um primeiro momento, esperamos que a semelhança no significado literal entre os nomes *monte* e *montanha*, *enxurrada* e *chuva* aproximasse essas construções. Contudo, o que percebemos foi que a literalidade do monte se apagou na construção, desta forma, os sentidos de acumulação, pilha e verticalidade expressos implicitamente na construção com *montanha*, já não podem ser vistos em *um monte de N2*, que prefere quantificar referentes + humanos e avalia negativamente, essas construções apenas quantificaram em comum 1 referente, dinheiro. As construções com *chuva* e *enxurrada* quantificaram mais itens em comum, somando um total de 5 nomes. Percebemos entre elas a similar ideia de movimento, porém com uma diferença importante: a inerente verticalidade em *chuva* e a grande presença do efeito causa e consequência em *enxurrada* (o que não foi visto na primeira e vice versa).

Desta maneira, procuramos discutir as diferenças de sentido perfiladas pelas construções binominais quantificadoras estudadas e esclarecer que embora semelhantes, elas possuem diferentes preferências colocacionais, o que significa que elas quantificarão itens significativamente distintos; ou ao quantificar o mesmo item, estabelecerão diferentes nuances de sentido. Este trabalho não esgota as discussões sobre o tema, estratégia amplamente utilizada pelos falantes de língua portuguesa, e de suma importância para os estudos dos quantificadores.

Referências

- BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage based models of language**. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- BERBER SARDINHA, T.; MOREIRA FILHO, J.; ALAMBERT, E. **Corpus Brasileiro**. São Paulo: CEPRIL, LAEL, CNPq, Fapesp, PUCSP, 2010.
- BOYLAND, J. T. Usage-based models of language. In: EDDINGTON, D. (ed.). **Experimental and Quantitative Linguistics**. Munich: Lincom, 2013. p. 351–419.
- CASTILHO, C. M. M. Quantificadores Indefinidos. In: CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol. II. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- CROFT, W. Radical construction grammar. **Syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. **The grammar network**: how language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.
- FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, 6, 1985.
- FILLMORE, C. **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1988.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Letalone. **Language**, 1988.

FUMAUX, N. C. A. **Um monte de quantificadores**: uma análise colostrucional da construção quantificadora um(a) N1 de N2. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG A.; CASENHISER, D. English Constructions. In: McMAHON, A.; AARTS, B. (ed.). **Handbook of English Linguistics**. Blackwell Publishers, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Explain me this**: creativity, competition and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 2v, 1987.

VERVECKKEN, K.; DELBECQUE, N. Un montón de maneras de conceptualizar la cantidad: la persistencia conceptual en los cuantificadores binominales. **Bulletin Hispanique**, 2018.

Sobre as autoras

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4593-0194>

Atualmente é bolsista pós-doutorado nota 10 FAPERJ em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora e Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bem como licenciada em Letras (Português e Literaturas) pela mesma instituição.

Karen Sampaio Braga Alonso

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7853-0015>

Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Coordenadora do Grupo Discurso gramática- UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2). Possui graduação em Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), Doutorado em Linguística pela UFRJ (2010) e pós-doutorado (visiting scholar) na área de Linguística na Universidade da Califórnia (Berkeley). Realizou capacitação na Universidade de Edimburgo (CAPES-Print). Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Docente do Mestrado Profissional em Letras da UFRJ (PROFLETRAS, disciplina: Gramática, variação e ensino). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ.

Recebido em jul. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

Construções com o verbo “chegar”: usos e possíveis interrelações sob a perspectiva construcional

Constructions with the verb “chegar”:
uses and possible interrelations from a constructional perspective

Emanuel Cordeiro da Silva¹
Tais Siqueira do Nascimento²
Vitor Gabriel Silva de Santana³

Resumo: No seu uso mais prototípico, o “chegar” caracteriza-se, semanticamente, por expressar deslocamento físico e, sintaticamente, como monoargumental acompanhado de sintagma adverbial, a exemplo de: *Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro* (Correio Braziliense, 29/04/2024). Contudo, nas interações cotidianas, podem ser observadas instâncias diferentes: *ele é tão lindo que chega a doer* (Rede X, 10/04/2024). Tendo isso em vista, este estudo investiga usos de construções com o verbo “chegar” associado a outro verbo e busca tecer possíveis interrelações. Para tanto, são adotados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. A gramática da língua é concebida como um sistema adaptativo complexo emergente das práticas discursivas (Hopper, 1987), sendo a construção, como pareamento de forma e sentido, tomada como sua unidade básica (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott e Trousdale, 2021[2016]). O *corpus* da pesquisa é composto por 131 construtos coletados da rede social X (*Twitter*) e do Projeto Norma Urbana Culta - NURC/Recife. A análise das ocorrências observou a atuação de fatores semântico-cognitivos e pragmáticos na arquitetura das construções. Os resultados apontam para possíveis interrelações entre as construções com “chegar” motivadas pela proximidade conceptual das categorias deslocamento, resultatividade e ênfase.

Palavras-chave: Chegar. Construções. Resultatividade. Ênfase. Funcionalismo

Abstract: In its most prototypical use, “chegar” (to arrive) is characterized semantically by expressing physical movement and syntactically as monoargumental accompanied by an adverbial phrase, as in: “Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro” (Correio Braziliense, 29/04/2024). However, in everyday interactions, different instantiations can be observed: “ele é tão lindo que chega a doer” (Rede X, 10/04/2024). Taking this into account, this study investigates uses of constructions with the verb “chegar” associated with another verb and seeks to weave possible interrelations. To this end, the theoretical assumptions of Usage-Based Functional Linguistics are adopted. The grammar of the language is conceived as a complex adaptive system emerging from discursive practices (Hopper, 1987), with the construction, as a pairing of form and meaning, taken as its basic unit (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott and Trousdale, 2021 [2016]). The research corpus is composed of 131 constructs collected from the social network X (Twitter) and the Projeto Norma Urbana Culta - NURC/Recife. The analysis of the occurrences observed the influence of semantic-cognitive and pragmatic factors in the architecture of the constructions. The results point to possible interrelations between constructions with “chegar” motivated by the conceptual proximity of the categories of movement, resultativity and emphasis.

Keywords: Chegar (to arrive). Constructions. Resultativity. Emphasis. Functionalism.

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras. Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: emanuel.csilva@ufpe.br.

² Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras. Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: taiis9952@gmail.com.

³ Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras. Recife, PE, Brasil. Endereço eletrônico: vitor.ssantana@ufpe.br.

Introdução

Em seu uso mais prototípico, o verbo "chegar" caracteriza-se, semanticamente, por expressar uma ideia de deslocamento físico e, sintaticamente, como monoargumental acompanhado de sintagma adverbial, a exemplo de: "Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro" (Correio Braziliense, 29/04/2024). Entretanto, nas interações comunicativas cotidianas, podem ser observadas instâncias diferentes desse uso mais prototípico, como em: "ele é tão lindo que chega a doer" (Rede X, 10/04/2024). Nesse caso, o "chegar" não codifica deslocamento físico nem se apresenta com a arquitetura sintática mencionada.

Tendo isso em vista, neste trabalho, investigamos usos de construções com o verbo "chegar" associado a outro verbo e buscamos tecer possíveis interrelações. Para tanto, selecionamos constructos coletados da rede social X (*Twitter*) e do Projeto Norma Urbana Culta - NURC/Recife, abrangendo, assim, tanto dados de língua escrita quanto falada. A escolha das duas fontes de dados se deu pela natureza das construções investigadas: são típicas da fala. O *corpus* NURC/Recife é de língua falada, e a forma de escrita da rede X a aproxima da modalidade falada informal, o que propicia o uso das construções estudadas. Foram coletadas 131 ocorrências, sendo 18 do *corpus* NURC/Recife e 113 da rede X.

Em nossos procedimentos de análise, observamos aspectos formais e funcionais das construções. Do ponto vista formal, consideramos: a presença de preposições entre os verbos, a flexão dos verbos e a presença do sujeito do "chegar". Quanto à funcionalidade, consideramos: a ideia de deslocamento (se concreto ou abstrato), a existência de relação de causa-consequência, o sentido da meta (se concreto ou abstrato) e a intenção comunicativa.

Para a fundamentação teórica da análise, foram adotados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Sob essa perspectiva, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, sendo a gramática vista como emergente das práticas discursivas (Hopper, 1987). Com base nessa perspectiva, admitimos a construção, compreendida como pareamento de forma e sentido (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Traugott e Trousdale, 2021[2016]), como a unidade básica da língua. Nesse sentido, diferentemente dos estudos arrolados na revisão de literatura, nossa investigação não tomou o verbo "chegar" como item, mas, sim, como parte integrante de uma unidade sintático-semântica maior: a construção.

O presente artigo se encontra organizado da seguinte maneira: na primeira parte, apresentamos uma revisão da literatura sobre o verbo "chegar"; na segunda seção, os pressupostos teóricos admitidos; na terceira, a análise dos dados; e, por fim, as considerações finais.

Abordagens anteriores

No *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, Borba (1990) indica cinco possibilidades de significação para o verbo *chegar*: ação-processo, processo, ação com sujeito agente, estado e auxiliar precedido de "a" + infinitivo. Nesse último caso, destaca que o verbo "chegar", como auxiliar, indica aspecto resultativo, como exemplificado em: "chegou mesmo a hesitar" e "Mas o silêncio dela [mamãe] chegou até angustiar".

O *Dicionário Houaiss* (2001) também apresenta diversas significações do verbo "chegar". É dito que pode ser utilizado para indicar a conclusão de uma trajetória, seja de ida ou vinda, como em: "Chegou hoje da Europa" e "o avião chegou antes da hora". É dito, ainda, que pode ser empregado para expressar o alcance ou o toque de um ponto específico no espaço ou no tempo, como em: "a menina chega até o ombro do pai". Sobre a relação do "chegar" com outro verbo, o *Dicionário Houaiss* (2001) registra ter valor aspectual, funcionando como verbo auxiliar para indicar que a ação do verbo principal resulta de ações anteriores não especificadas e/ou quando há uma avaliação por parte do falante em relação ao fato enunciado, como em: "tem tanto medo do pai que chega a tremer quando entra em casa".

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004) apresenta as seguintes definições para "chegar": 1ª chamada severa, repreensão, reprimenda; chegada, chegadela, cheganço. 2ª citação do devedor para comparecer ao juízo; chegamento. 3ª quantia paga ao chegador. 4ª não é preciso mais; basta. Traz também considerações sobre os usos no PB, no qual as pessoas usam informalmente como *expletivo*, como "inclusive" e "até", ou seja, com a função de enfatizar aquilo que será dito a seguir, a exemplo de "a menina chega chorou".

No *Dicionário de uso do Português do Brasil*, Borba (2006) enumera diversos usos do verbo "chegar", como complemento de uma ação-processo com complemento de direção, complemento de lugar, processo e complemento + a/até + nome locativo, entre outros. O autor também explana sobre o uso do verbo "chegar" como auxiliar + a + verbo no infinitivo, para indicar aspecto conclusivo, como exemplificado em: "o silêncio dela chegou mesmo a angustiar".

Em *Metáfora e gramaticalização: Um estudo do verbo "chegar"*, Pena-Ferreira (2009) busca analisar variadas ocorrências de uso do verbo "chegar" para além da sua realização mais prototípica. A autora tomou como aporte teórico a influência direta dos processos de metáfora e metonímia no processo de gramaticalização, sobretudo as noções de esquemas imagéticos citados por Lakoff e Johnson (1980), responsáveis pela noção de metáforas conceituais. A pesquisa é concluída afirmando que o verbo "chegar" tem sido utilizado pelos falantes de diversas maneiras no discurso, sobretudo sendo submetido a processos que expressam domínios mais abstratos.

No artigo *O processo de auxiliaridade do verbo “chegar”: um olhar funcionalista*, Pena-Ferreira (2009) aplica critérios sintáticos e semânticos para atestar o comportamento do verbo como auxiliar. Diante dos aspectos sintáticos e semânticos observados, a autora pontua que o verbo “chegar” estaria afastado de um verbo auxiliar prototípico, por não atender a todos os critérios da pesquisa.

Em *Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte*, Fortunato (2011) apresenta os aspectos da estrutura do verbo “chegar” em dois níveis: semântico e sintático. No que se refere aos aspectos semânticos, é levada em consideração a perda do sentido prototípico do verbo “chegar” (deslocamento físico), passando a estar mais no domínio da cognição, representando, assim, um deslocamento metafórico. Já com relação ao domínio sintático, a partir do momento em que o verbo se junta a uma parte verbal, ele se gramaticaliza, transmitindo informações sobre aspecto e estado das coisas.

Na dissertação *Valores lexical e gramatical do verbo chegar*, de Marques (2010), foi analisada a predicação do verbo “chegar” e os argumentos utilizados. A autora constata que o verbo pode ser monovalente, bivalente ou até mesmo impessoal. Ademais, analisando o “chegar” em perífrases verbais chegar a + infinitivo ou chegar + infinitivo, a autora não o considera auxiliar, e sim semi-auxiliar, pois, segundo ela, exerce um valor de auxiliar semântico. Nesse caso, todos os usos são considerados resultativos.

No artigo *Chegou aqui... chega delirava! Usos do verbo chegar no português falado do Brasil – indícios de gramaticalização*, de Rauber e Ribeiro (2012), os autores tomaram como *corpora* amostras de fala do português paulista e do português falado na cidade de Goiás, um composto por dados de falantes com alto grau de escolaridade; e o outro, por dados de falantes menos escolarizados. Segundo os autores, a capacidade criativa de empregos diversos com o “chegar” está mais presente em falas do português popular de Goiás, em construções como “chega dói” ou “chega delira”, já que, por serem falantes com baixo grau de escolaridade, estariam mais alheios às normas gramaticais prescritas pela tradição, que certamente já havia sido internalizada pelos falantes do português paulista.

Em *Os sentidos do verbo chegar: um estudo comparativo entre as falas do português Popular e do Português culto*, de Santos, Silva e Sousa (2015), as autoras dizem que, pela insuficiência de dados, não é possível fazer uma afirmação tão precisa a respeito do verbo *chegar* como auxiliar, mas que, diante do que foi analisado, é possível observar que a auxiliaridade se mostra mais produtiva nos usos de falantes do Português popular. No entanto, mesmo diante da incipiência da pesquisa, é afirmado que, por mais que o verbo “chegar” tenha a potencialidade de atuar como auxiliar, seus usos não esvaziam o seu valor semântico mais prototípico, que seria o de deslocamento de um ponto de partida X para atingir um ponto Y.

No texto *Gramaticalização do item linguístico chegar: analisando um verbo de/em movimento no Português*, das autoras Rocha e Sousa (2019), o verbo é investigado em sua trajetória do uso [+ concreto] > [+ abstrato] em perífrases do tipo [V1 (e) + V2], em que V1 é o verbo chegar e V2 o verbo principal. Pensando na abstratização do verbo, as pesquisadoras chegaram às seguintes conclusões: “1. O uso de “chegar” para indicar movimento já nasce de um processo cognitivo, quer seja, analogia ou reanálise, a depender do autor que se busque; 2. Em seu caminho rumo à gramaticalização, o verbo “chegar” vem admitindo novos usos em diferentes níveis de abstratização.” (Rocha e Sousa, 2019, p. 145).

Pressupostos teóricos admitidos

Para a fundamentação da análise, são adotados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), perspectiva que se constrói a partir da integração do Funcionalismo norte-americano com a Gramática de Construções (GC). De acordo com Neves (2022), a Linguística centrada no uso nasce da necessidade de realizarmos uma ligação íntima entre a estrutura linguística e seu uso, uma vez que a estrutura da língua emerge dos eventos comunicativos. Tendo isso em vista, a LFCU ocupa-se da emergência da língua nas práticas discursivas, investigando a gramática na sua interface com aspectos semântico-cognitivos e semântico-pragmáticos.

Assim, à luz da LFCU, a língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, porque a sua gramática se (re)faz dentro das práticas discursivas (Hopper, 1987). Nesse sentido, a gramática é compreendida como um conjunto de padrões estruturais relativamente estáveis, convencionalizados e simbólicos, que são utilizados na produção de discursos, padrões esses motivados por fatores cognitivo-funcionais (Cezário e Cunha, 2013). Assim sendo, a gramática é vista como um sistema emergente de estruturas fluidas que estão em constante reestruturação e reorganização (Neves, 2022).

Nessa visão, o discurso é compreendido como a construção e a troca (inter)subjativa de sentidos, abrangendo estratégias sociopragmaticamente orientadas dentro de uma determinada situação comunicativa. Dessa maneira, o discurso constitui qualquer instância autêntica de uso da linguagem em um contexto de interação verbal (Cezário e Cunha, 2013). Nesse sentido, discurso e gramática apresentam uma relação intrínseca.

Com essa visão, Bybee (2016 [2010]) afirma que a língua, para suprir as necessidades sociocomunicativas, é uma estrutura fluida, que tem padrões regulares, padrões mais ou menos regulares e outros que estão em constante emergência. Cezário e Cunha (2013) apontam que, devido a essa natureza de relativa estabilidade da língua, a LFCU concentra-se em investigar a interdependência entre forma e função, com o intuito de encontrar, nos textos produzidos em situações reais de interação, subsídios que tragam explicações para a codificação morfosintática.

Na investigação da relação entre gramática e uso, a construção, como pareamento de forma e sentido (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Hilpert, 2014; Bybee, 2016 [2010]), é tomada como unidade básica da língua, sendo o sistema linguístico visto como uma rede de relações entre construções. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2016]), uma possível representação da construção seria $[[F]] \leftrightarrow [[S]]$, também chamada de modelo base, em que F é abreviatura de Forma e S a abreviatura de significado. Pensando nas redes de construções, os autores afirmam que podemos identificar dois princípios fundamentais por trás da gramática de construções: a) um pareamento de estruturas e significados complexos e b) associação desses pareamentos em uma rede.

Ditos os dois princípios fundamentais que estão presentes na construção, podemos pensar nos elementos constituintes. Uma vez que a forma e o sentido são bases das construções, dentro da forma estão localizados os traços linguísticos: aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Já no plano do sentido, encontramos as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (Croft, 2001). Tendo isso em vista, para o tratamento da construção, Traugott e Trousdale (2021 [2016]) defendem as seguintes propriedades: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, todas gradientes.

De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2016]), a *esquematicidade* está relacionada ao grau de generalização da construção, propriedade da categorização que envolve abstração, apresentando esquemas, subesquemas e microconstruções. Para Bybee (2016 [2010]), a *esquematicidade* envolve posições e o preenchimento delas por uma diversidade de palavras e sintagmas. Os autores concordam que os níveis construcionais – esquemas, subesquemas e microconstruções – não são absolutos, e as relações entre eles podem mudar ao longo do tempo.

A *produtividade*, segundo Traugott e Trousdale (2021 [2016]), tem sido um termo utilizado de diferentes maneiras, mas, para esses pesquisadores, a produtividade pertence a esquemas (parciais) e diz respeito a dois pontos: a extensibilidade da construção, o grau em que sancionam outras construções menos esquemáticas e o grau em que elas são restringidas. A maioria dos trabalhos sobre produtividade ocupa-se das questões de frequência, seja *type* (frequência de tipo, que seria o número de diferentes expressões que um padrão particular tem) e *token* (frequência de ocorrências, número de vezes em que o mesmo elemento ocorre no texto).

A *composicionalidade* está relacionada ao grau de transparência presente no elo entre forma e sentido, ou seja, está relacionada à semântica e à sintaxe composicional. A semântica composicional constrói os significados de expressões maiores com base no sentido de expressões menores, e a sintaxe composicional constitui expressões bem formadas mais complexas recursivamente com base em expressões menores (Traugott e Trousdale, 2021

[2016]). Ademais, quanto mais composicional for uma construção, mais estão conservados os traços originais das subpartes que a compõem (Oliveira, 2022).

Ditas as propriedades das construções e pensando no conceito de língua como sistema cognitivo altamente complexo, podemos analisar quais os tipos de processos que subjazem à estrutura linguística, considerados processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016 [2010]). Entre os processos cognitivos gerais, podemos destacar a *categorização*, *chunking* e *analogia*. Além desses processos, consideraremos a *metáfora conceptual* como fator de motivação funcional.

A *categorização* é um processo do domínio geral utilizado para identificar a similaridade e/ou emparelhamento de identidade que ocorre entre palavras e sintagmas, Bybee (2016 [2010]). Coaduna-se com essa concepção a visão de Duque e Costa (2012), ao afirmarem que a categorização é uma atividade mental que nos permite organizar, em questão de classes, a diversidade de variedades de entidades que estão presentes no ambiente externo, ao formularmos para elas significados particulares, construindo e ordenando a realidade, dando, assim, ordem física e social para o mundo. Essa organização ocorre em duas dimensões: vertical e horizontal, em que a vertical está ligada ao nível da inclusão e a horizontal apresenta as categorias distintas (Abreu, 2010).

Cezário e Cunha (2013) ratificam esses pontos e afirmam que a categorização permeia não somente o mundo físico e social, mas o nosso intelecto, pois compreendemos o mundo não somente em termos de coisas individuais, mas em termos de categorias de coisas, algo que também ocorre no domínio linguístico, visto que da mesma maneira que categorizamos as coisas do universo biofísico, categorizamos as coisas da língua. Essa visão de categorização está assentada na *Teoria dos Protótipos* (TP), que traz inovação à concepção do fenômeno ao postular que as categorias não são estruturas homogêneas (Duque e Costa, 2012). A TP, criada por Rosch (1975), renovou as noções de traço e componente, ao substituí-las por atributos, uma vez que os traços são caracterizados como binários, já os atributos têm efeitos; ao existirem membros mais representativos, existem atributos mais centrais, ou melhor, mais prototípicos que outros.

A *analogia*, de acordo com Bybee (2016 [2010]), é um processo do domínio cognitivo geral que chama a atenção para as convergências estruturais entre dois domínios que são distintos. Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2016]), é importante refletir sobre o pensamento analógico e o mecanismo de analogia, lembrando que o pensamento analógico é uma motivação, e a analogia, como mecanismo, é uma mudança baseada na compatibilidade de um padrão, também chamada de analogização. Cezário e Cunha (2013) explicam que a analogia ocorre quando as comparações têm um elevado grau de similaridade relacional, e, à medida que a similaridade cresce, o processo analógico é reduzido e a comparação faz-se literal.

O conceito de *metáfora conceptual* tem origem na publicação do livro "*Metaphors We Live By*", de Lakoff e Johnson (1980). A partir desse livro, o conceito de metáfora foi repensado, rompendo-se com a ideia de recurso estilístico da linguagem. Segundo Neves (2022), a metáfora conceptual passa a ser vista como entidade do pensamento, um mecanismo natural através do qual podemos conceptualizar as nossas experiências. Nesse processo, compreendemos e legitimamos sociocognitivamente alvos ou domínios menos acessíveis por intermédio de domínios fonte, que são intersubjetivamente mais acessíveis.

Em suma, a LFCU está intimamente interligada à Linguística Cognitiva, partilhando de pressupostos e mecanismos de processamento mental, como a analogia, a metáfora e a categorização. Ademais, tem como objeto de análise as construções, seja em sua virtualidade, ou por construtos, ocorrências empiricamente atestadas. Assim sendo, sob a referida perspectiva, a língua é concebida como sistema adaptativo complexo que está intimamente ligado à interdependência entre cognição e uso.

As construções com “chegar”

Nesta seção, apresentaremos a análise de dados. Primeiramente, ocupar-nos-emos de cada microconstrução identificada e, em seguida, buscaremos sintetizar a conexão existente entre elas por meio da proposição de uma rede construcional.

a) [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] RESULTATIVA

Na sua acepção mais geral e básica, o verbo “chegar” codifica deslocamento físico em direção a um espaço também físico. Tal evento pode ser assim sumarizado: uma entidade, que partiu de algum ponto (origem), percorre um trajeto (trajetória) em direção a um determinado ponto (meta). Todavia, a depender do tipo de movimento expresso, as partes constitutivas do evento diferem quanto à saliência perceptual recebida (Talmy, 1985). No caso do “chegar”, é a meta que é focalizada. A ocorrência em (1) é bastante representativa do evento descrito:

(1) Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro⁴

A ideia de movimento codificada, claramente, envolve deslocamento espacial de um local físico para outro. Trata-se, portanto, de um evento de natureza concreta. No entanto, para além dessa acepção geral e básica, podem ser, facilmente, flagradas ocorrências do verbo em sentido abstrato, tal como se observa em (2) e (3):

⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2024/04/6847305-madonna-chega-ao-brasil-para-show-historico-no-rio-de-janeiro.html>.

- (2) Estou muito feliz por essa renovação. Fazia um tempo em que estávamos negociando com a diretoria e chegamos a um bom acordo. Sempre fui feliz enquanto estive no clube e espero que este seja um grande ano. Vamos Grêmio!⁵
- (3) A carcaça da baleia que chegou à Praia de Imbetiba na noite desta segunda-feira (10) foi enterrada hoje. Biólogos e especialistas estavam no local, recolheram amostras e chegaram à conclusão de que enterrar no próprio local era a melhor solução.⁶

Diferentemente do que ocorre em (1), o “chegar” observado em (2) e (3) não codifica deslocamento físico nem atingimento de um ponto físico. Tanto a trajetória quanto a meta se encontram abstratizadas. Não há ninguém nem nada que se desloca espacialmente para algum lugar concreto. Via processo metafórico, a ideia de deslocamento físico passa a ser conceptualizada como a noção de que uma entidade se encaminha para um determinado desfecho. Nesse sentido, a meta surge também metaforizada, uma vez que o lugar a que se chega não se situa fisicamente, mas, sim, cognitivamente. O local de chegada é, então, abstratamente percebido como ponto de culminância. Em (2), o longo período de negociação com a diretoria do clube resultou na celebração de um bom acordo, e, em (3), a avaliação dos especialistas resultou no entendimento da melhor solução para o enterro do animal.

O processo metafórico subjacente à compreensão da meta como ponto de chegada abstratizado a revela como categoria não discreta. À medida que ela se abstratiza, distancia-se do locativo prototípico, caminhando em direção à noção de resultado/consequência. Observa-se, pois, o entrecruzamento das categorias meta e resultatividade, haja vista que o ponto de chegada passa a ser compreendido em termos de resultado/consequência. Em decorrência disso, no âmbito da construção [(SUJ) CHEGAR S_{adv}], dá-se o licenciamento de itens lexicais diversos, e não somente aqueles cujo referente é local físico, para o preenchimento do *slot* S_{adv} (sintagma adverbial). Na esteira da diversidade lexical licenciada a preencher o referido *slot*, segue a categoria dos verbos, possibilitando, assim, que o “chegar” se relacione sintático-semânticamente com outros verbos dentro do seguinte padrão construcional: [(SUJ) CHEGAR A V_{inf}]_{RESULTATIVA}, conforme exemplificam (4) e (5):

- (4) eu estou com tanta saudade dela hoje que o meu coração chega a doer⁷
- (5) tô assistindo aquele filme o fabricante de lágrimas e que filme ruim da porra KKKKKKKKKKK é tão ruim que chega a ser engraçado⁸

⁵ Disponível em: <https://x.com/socccerfbpa/status/1753452468187373972>.

⁶ Disponível em: https://x.com/macae_noticias/status/1800626541107253454.

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/amandabene/status/1776419629751029877>.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/positionsrep/status/1776421932478402705>.

Como pode ser visto aqui, o S_{adv} dá lugar a um V_{INF} (verbo no infinitivo). Nesse caso, o “chegar” não mais atua como verbo pleno, passando à auxiliarização da forma infinitiva. Contudo, assim como Travaglia (2003), Pena-Ferreira (2008) e Marques (2009), não o consideramos um auxiliar prototípico. Como bem afirmam tais autores, nesse tipo de uso, o verbo “chegar” comporta-se como um quase (ou semi)-auxiliar. Acompanhando Neves (2000) e Travaglia (2003), concebemo-lo, nessa construção, como indicador de implicatividade/resultatividade. Em (4), a dor do coração decorre da saudade tão intensa sentida, e, em (5), a falta de qualidade do filme assistido o faz ser engraçado.

Em ambos os exemplos, a semântica do movimento relaciona-se com a ideia de que determinada situação encaminha determinada entidade a atingir determinado ponto-fim, que, por sua vez, é, além de abstrato, extremo. Daí que a resultatividade codificada se faz acompanhar de valor enfático. Em sentido concreto, o lugar a que se chega é o ponto final/limite do percurso, e isso, por projeção metafórica, foi o que, certamente, possibilitou à ideia de resultatividade fazer-se acompanhada de ênfase. Diferentemente de (2) e (3), as ocorrências de (4) e (5) são subjetivamente mais enfáticas quanto à apresentação do resultado atingido. Entretanto, com base nos dados analisados, verificamos que nem sempre resultatividade e ênfase se encontram associadas, o que nos leva aqui, assumindo posição contrária à literatura revisada, a defender a existência da microconstrução [(SUJ) CHEGAR A V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA, como demonstram os exemplos (6), (7) e (8):

b) [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA

- (6) mas diga mais alguma coisa para eu não conseguir aprender a dançar. eu às vezes um pouco talvez pra mim consolar chego a pensar que saber dançar é uma coisa própria das mulheres ou então de certos espíritos frívolos. (Corpus Projeto NURC/Recife).
- (7) Não tenho muita lembrança de ter vivido a emoção de circo na infância não, embora eu saiba e chego até a sentir que o circo é um símbolo é um universo ligado ao mundo da infância e sinto bastante a coisa e entendo mas não tenho muita memória de ter ido ao circo muitas vezes na infância não. (Corpus Projeto NURC/Recife).
- (8) chega a ser inacreditável o quanto eu to financeiramente fudida⁹

Nos contextos de uso das ocorrências (6), (7) e (8), não há uma situação da qual um determinado resultado seja decorrente. No exemplo (6), o falante diz pensar que a capacidade de dançar é própria de mulheres ou de espíritos frívolos para consolar-se por não saber dançar, e isso implica dizer que o pensamento referido não é alcançado pelo sentimento de consolo, mas, sim, o contrário. Em (7), o falante diz sentir o circo como símbolo do universo infantil, mas, ao mesmo tempo, diz não o ter experienciado enquanto criança, o que,

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/euthaline/status/1800551595211665656>.

claramente, demonstra a inexistência de uma relação de causa-consequência. De modo semelhante, dá-se a ocorrência de (8), em que “chega a ser inacreditável” está mais para uma caracterização da situação financeira da escrevente do que uma consequência decorrente de tal situação.

Os três exemplos apontam para o desbotamento semântico da noção de resultatividade e a consequente especialização da construção como codificadora de ênfase, o que nos leva a admiti-la como outra microconstrução. São ocorrências nas quais o sentido se apresenta menos composicional, isto é, menos transparente, se comparadas às ocorrências (4) e (5), visto que a ideia de alcance de determinado ponto não se dá por relação de causa-consequência. Resultado pressupõe causa, logo não se mostra razoável considerar resultativa a microconstrução instanciadora de (6), (7) e (8). Entretanto, isso não quer dizer que a microconstrução aqui considerada não-resultativa não carregue nenhum aspecto semântico da noção de resultatividade. Do ponto de vista cognitivo, no frame resultatividade, encontra-se implicada a noção de ‘acontecimento’, e tal noção se faz presente nos usos da microconstrução não-resultativa. Nesse sentido, em (6), (7) e (8), os falantes e a escrevente expressam acontecimentos como forma de enfatizar aquilo que afirmam.

Embora não seja o propósito investigativo da presente pesquisa nem os *corpora* utilizados permitam o mapeamento de processos de mudança construcional, tal como postulam Traugott e Trousdale (2021[2016]), os dados analisados sugerem que foram os usos da microconstrução não-resultativa que favoreceram a maior integração sintático-semântica do verbo “chegar” com o verbo por ele auxiliarizado e a erosão da preposição “a”, levando à emergência das microconstruções [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] e [CHEGA V_{FLEX}(1ªp)], das quais trataremos mais adiante. Por enquanto, retomemos o exemplo (7) e observemos os exemplos (9) e (10):

- (9) chega até a ser piada dulce receber hate pq trabalha diferente de uns aí, ela é o que eles querem que a fav seja¹⁰
- (10) Ai sonser é um bicho sequelado msm, né? Tipo, NUNCA, eu repito, NUNCA, a Luisa será maior que a Anitta, chega até ser uma piada esta comparação. A Anitta colocou TODAS as faixas do “Funk Generation” no top 50 sendo elas em inglês e espanhol, sem precisar de polêmicas, tá?¹¹

Nos exemplos (7) e (9), podemos observar, além da preposição “a”, a presença da preposição “até” como reforço da ênfase expressa pela microconstrução. Conforme já dito, em sentido concreto, o ponto de chegada corresponde ao término do percurso, ou seja, ao

¹⁰ Disponível em: <https://x.com/whylento/status/1661338220926312448>.

¹¹ Disponível em: <https://twitter.com/Noahnitto/status/1784219672537096660>.

ponto máximo onde se vai, e isso, metaforicamente, serve de ancoragem para a conceptualização da noção de ênfase. Não é, pois, por acaso, que a preposição “até” é a recrutada para reforçar o valor enfático da microconstrução. Na semântica da preposição “até”, acha-se fortemente implicado o sentido de ponto máximo delimitador de uma trajetória, e, assim sendo, a presença simultânea das duas preposições se faz motivar iconicamente pelo subprincípio da quantidade (Ungerer; Schmid, 1996; Delbecque, 2006). Tanto o falante de (7) quanto o escrevente de (9) recorrem à utilização de mais material linguístico para a expressão de maior ênfase.

Já no exemplo (10), como pode ser verificado, ocorre apenas a presença da preposição “até”, o que, apesar do menor número de ocorrências (8/131), aponta para usos da microconstrução não-resultativa nos quais, paradigmaticamente, a escolha da preposição “até”, em vez da preposição “a”, é preferida por conferir maior explicitude à função enfática da construção. Embora a pesquisa não tenha se ocupado de aspectos da realização sonora, consideramos que, provavelmente, o uso do “até”, seja sozinho ou concomitante à preposição “a”, faz-se acompanhar de diferença prosódica. Além disso, é importante ressaltar que a análise do “até” na microconstrução considerada não-resultativa não implica a negação da possibilidade de ocorrência da preposição na microconstrução resultativa, pois, como já abordado, no fenômeno, resultatividade e ênfase estão associadas, porém não houve registro desse tipo de ocorrência nos dados analisados.

Apesar de mais comum na língua falada (Marques, 2009), nossos dados de escrita, devido ao alto grau de proximidade que possuem com a fala informal, registram ocorrências (9/131) sem o uso de nenhuma das duas preposições:

(11) ele é TAO lindo nesse clipe que chega ser sacanagem¹²

(12) Inacreditável Natuza ou Willam Bonner fazem de tudo pelo poder chega ser cruel, não enxerga ética, sexo e cor, como já disseram "vendem até a alma pelo poder". Parabens SBT! ¹³

Como pode ser observado, nos exemplos (11) e (12), a microconstrução instancia-se sem a presença de preposição para o estabelecimento de relação sintático-semântica entre o “chegar” e o verbo ao qual ele se associa. A variação construcional, tal como já afirmado para o fenômeno de mudança construcional, não é objeto de investigação da presente pesquisa, porém, dentro dos limites analíticos aqui assumidos, consideramos [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} V_{INF}] aloconstrução (Cappelle, 2006) da microconstrução [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA.

¹² Disponível em: <https://twitter.com/peachestyles/status/1776094876624449979>.

¹³ Disponível em: https://twitter.com/pergunte_se/status/1788359624397058200.

Nos padrões construcionais apresentados, as preposições “a” e “até” indicam direcionamento para um ponto de chegada, seja ele físico ou abstrato. Contudo, se o ponto de chegada metaforicamente abstratizado já não se constitui prototipicamente como meta, na microconstrução não-resultativa, a ausência de relação de causa-consequência distancia ainda mais o verbo preenchedor do *slot* V_{INF} do protótipo de meta. Parece-nos, então, razoável a hipótese de que ocorrências da construção sem preposição seja favorecida pela perda de composicionalidade. A não-resultativa, conforme já dito, é mais semanticamente opaca quanto à noção de meta, e, por isso, as preposições codificadores de direcionamento podem, em determinados usos, não ser realizadas. Como pode ser verificado, as ocorrências (11) e (12) exibem construtos com funcionamento semântico-pragmático semelhante aos encontrados em (6), (7) e (8), porque, por meio da realização da microconstrução, os escreventes, de forma bastante subjetiva, enfatizam as avaliações contidas nas afirmações.

Nos padrões construcionais até aqui apresentados, o verbo ao qual “chegar” se associa ocorre sempre no infinitivo, porém nossos dados registram também ocorrências nas quais o verbo auxiliado ocorre flexionado, fato que corrobora, ainda mais, para o entendimento do “chegar” como auxiliar não prototípico. Consideramos tais casos como microconstruções distintas de [(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}] NÃO-RESULTATIVA, embora a ela relacionadas. Observemos os exemplos (13), (14), (15) e (16) a seguir:

c) [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] OPERADORA DE ÊNFASE

- (13) sou uma pessoa que não nasceu pra passar raiva, meu corpo chega dói, fica pesado, credo!¹⁴
- (14) Ela chega vai rindo, sabendo que é isso que a mantém nos holofotes¹⁵
- (15) O repórter meu foi fazer a exposição da semana do exército, perguntou o general comandante da região se ele não se... não sente um clima diferente depois de vinte e um anos de repressão... o general gelou não? olhou você estava rindo? ia ser entrevistado, chega fechou a cara não é? mas se saiu como um bom cavalheiro ele. (Corpus Projeto NURC/Recife).
- (16) ele tem... ele tem... inteligente, entende muito bem de finanças... mas ele tem perdido boas oportunidades na vida porque não tem título universitário, chega faz pena (Corpus Projeto NURC/Recife).
- (17) A cena de eu comendo biscoito maisena, sentada no sofá de babydoll roxo com os cachos nada definidos e assistindo desenho KKKK igualzinho quando eu era criança, minha vó chega foi lá¹⁶

Nos exemplos de (13) a (17), como pode ser verificado, os verbos aos quais o “chegar” está associado ocorrem flexionados, e a relação sintático-semântica estabelecida

¹⁴ Disponível em: <https://twitter.com/gabriellefrts/status/1801006171437830211>.

¹⁵ Disponível em: <https://x.com/geride/status/1776626284354736445>.

¹⁶ Disponível em: <https://x.com/rhayhallen/status/1776625113279898087>.

entre eles não se dá por meio de preposição. Quanto ao próprio verbo “chegar”, ele também ocorre flexionado, porém, nesse tipo de ocorrência, não é capaz assumir outras flexões, ou seja, sempre é realizado na forma “chega”, independentemente do sujeito e da flexão da forma verbal preenchedora do *slot* V_{FLEX}. A concordância, inclusive, apresenta-se sintaticamente ambígua nos casos em que V_{FLEX} está flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, porque se pode pensar que ambos os verbos mantêm relação de concordância com o sujeito, tal como se dá em (13), (14) e (16). Porém, como já dito, o verbo “chegar” se encontra cristalizado na forma “chega”, sendo isso mais evidente em ocorrências como a de (15) e (17). Nesses casos, os verbos “fechar” e “ir”, respectivamente, estão flexionados no pretérito perfeito do indicativo, enquanto o chegar se encontra no presente do indicativo.

No que se refere ao sujeito, ele pode ser linguisticamente realizado ou não. As três seguintes possibilidades foram constatadas na análise de dados: 1) o sujeito pode estar lexicalizado, a exemplo de (13), (14) e (17), respectivamente: “meu corpo”, “ela” e “minha vó”; 2) pode não ser lexicalizado, mas textualmente recuperável, como “general” em (15); e 3) contextualmente recuperável, sendo um “isso” encapsulador subentendido (ou lexicalizado), que remete a uma situação relatada, como em (16): “a perda de boas oportunidades por falta de curso superior”. Faz-se importante destacar que as três possibilidades de sujeito apresentadas não é uma particularidade da microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}], mas optamos por tratar desse aspecto aqui porque consideramos que o terceiro tipo de sujeito pode ter favorecido a cristalização do verbo “chegar” na forma “chega”, sobretudo na microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}], da qual nos ocuparemos em seguida.

Na breve menção que faz a esse tipo de ocorrência do “chegar”, Travaglia (2003) o considera um operador argumentativo e diz que, nessa função, parece aplicar-se apenas a situações. O autor afirma, ainda, que tal uso parece mais regional, sendo de certas regiões do Nordeste. A primeira suposição levantada converge para a posição aqui assumida de que, sob uma perspectiva construcional, na qual se considera todo o entorno sintático, e não apenas o item, como o fez Travaglia (2003), a perda de composicionalidade na relação do “chegar” com o verbo preenchedor do *slot* V_{INF} levou à microconstrução não-resultativa, à qual consideramos ligar-se a microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}]. Sendo também não-resultativa, a microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}], tal como a não-resultativa, não serve à codificação de resultado alcançado decorrente de uma situação, e sim à codificação de ênfase, evidenciando a subjetividade contida na declaração do falante/escritor acerca de determinada situação.

Nos exemplos de (13) a (16), os falantes e os escritores relatam uma situação e, por meio da microconstrução [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}], enfatizam todo o conteúdo relatado, conferindo-lhe maior força argumentativa para o convencimento do interlocutor. Como bem afirma Pezatti (2012, p.84), “a ênfase consiste numa estratégia utilizada pelo Falante para

intensificar, por meios lexicais ou gramaticais, um constituinte ou toda a expressão linguística, visando a atingir seus objetivos comunicativos.” Em (13), “meu corpo chega dói” intensifica toda a declaração do escrevente de que não pode passar raiva. Nesse caso, inclusive, é perceptível que a microconstrução é seguida de outros operadores de ênfase (“fica pesado” e “credo!”) reforçando, ainda mais, a intensificação. Em (14), no comentário sobre a prisão de Greta Thunberg, “ela chega vai rindo” intensifica toda a afirmação de que a ativista se aproveita da prisão para obter projeção midiática. Em (15), “chega fechou a cara” intensifica toda a narrativa sobre o incômodo do general. Em (16), “chega faz pena” intensifica toda a afirmação de que, a despeito da competência que possui, o sobrinho não consegue emprego por não ter curso superior. Em (17), “minha vó chega foi lá” enfatiza todo o conteúdo a respeito do quão especial é a cena relatada pela escrevente.

A partir dos exemplos (14) e (17), vale a pena chamar atenção para o elevado desbotamento semântico sofrido pelo “chegar” como base verbal do padrão construcional, não mais codificando direcionamento para um ponto, o que implica dizer que o verbo preenchedor do *slot* V_{FLEX} não desempenha o papel semântico de meta. Tal fato, como pode ser verificado nos referidos exemplos, permite que o “chegar” se relacione sintático-semanticamente com o verbo “ir”, que, além de expressar deslocamento, expressa-o em sentido contrário ao de “chegar”. Ocorrências desse tipo são muito evidenciadoras do funcionamento enfático da microconstrução.

Tendo a ênfase um caráter atitudinal, ela está estreitamente vinculada à subjetividade na linguagem. Assim sendo, e admitindo a subjetividade como fenômeno gradiente (Traugott e Dasher, 2002), consideramos a microconstrução operadora de ênfase mais subjetiva que a não-resultativa, podendo apresentar-se noutra microconstrução ainda mais subjetiva:

d) [CHEGA V_{FLEX}(1ªp)] OPERADORA DE ÊNFASE MAIS SUBJETIVA

- (18) eu ando tão cansada e lotada de coisas pra fazer que quando eu paro pra respirar chega eu choro¹⁷
- (19) puts acabei de ver um tweet com uma imagem da amber heard e do johnny deep chega corro dessa treta CHATA¹⁸
- (20) FINAALMENTEEEEEE !! KRL MANO AHHSHSHSHSHSHSHSHS
MDS QUANTA ADRENALINA, QUANTA EMOÇÃO FAZENDO UM 100%
Chega eu pulei da cadeira mano sério, que sensação boa de conseguir depois de tentar bastante, dois em seguida
99% DE SYN.
Falta somente as passagens subterrâneas de NY¹⁹

¹⁷ Disponível em: <https://twitter.com/nojodebv/status/1777762780394742125>.

¹⁸ Disponível em: <https://x.com/edvinrights/status/1146237204810874881>.

¹⁹ Disponível em: https://x.com/Dipper_Katakali/status/1751383084044271918.

(21) Nossa eu vou tomar um banho TÃO gostoso quando chegar em casa..... Chega chorarei²⁰

As ocorrências de (18) a (21) são instanciações da microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}] OPERADORA DE ÊNFASE, que, assim como [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] OPERADORA DE ÊNFASE, também consideramos ligar-se à construção não-resultativa. Contudo, difere de ambas tanto estrutural quanto funcionalmente. Em [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}], o verbo “chegar” ocorre sempre na forma CHEGA, comportando-se morfologicamente como visto em [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}]. Já o sujeito da forma “chega” não mais é identificável, e o *slot* V_{FLEX} só pode ser preenchido por uma forma verbal flexionada em 1ª pessoa. Nesse caso, não se verifica a ambiguidade sintática mencionada anteriormente, haja vista que a diferença de flexão dos verbos impede a dupla interpretação quanto à relação de concordância. As ocorrências investigadas apontam para a impossibilidade de identificação do sujeito de “chega” como resquício dos usos de [(SUJ) CHEGA V_{FLEX}] com sujeito “isso” encapsulador contextualmente subentendido, havendo, aí, a força do processo de analogização.

No que diz respeito à diferença de funcionalidade, consideramos a microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}] não só mais enfática, como também mais subjetiva; afinal de contas, ênfase e subjetividade caminham juntas. Quanto mais enfático é o falante/escritor, mais ele deixa transparecer sua presença naquilo que enuncia. Daí somente formas verbais flexionadas na 1ª pessoa serem licenciadas a preencher o *slot* V_{FLEX(1ªp)}. Como pode ser visto nos exemplos de (18) a (21), os escritores se expressam na 1ª pessoa, flexionando o verbo ocupante do *slot* V_{FLEX(1ªp)} em 1ª pessoa, o que marca a elevada subjetividade do discurso, mas, independentemente disso, o “chegar” se mantém na forma “chega”, cujo sujeito não é identificável. Poderíamos, sem nenhum problema, preencher com o pronome “isso” o *slot* SUJ em ocorrências como as de (11), (12) e (16): isso chega ser sacanagem / isso chega ser cruel / isso chega faz pena, mas o mesmo procedimento é agramatical/inaceitável em ocorrências como as de (18) a (21): isso chega eu choro* / isso chega corro* / *isso chega eu pulei da cadeira* / isso chega chorarei*. Consideramos, então, que, na microconstrução [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}], o “chegar” encontra-se ainda mais cristalizado, com sua posição argumental de sujeito efetivamente fechada.

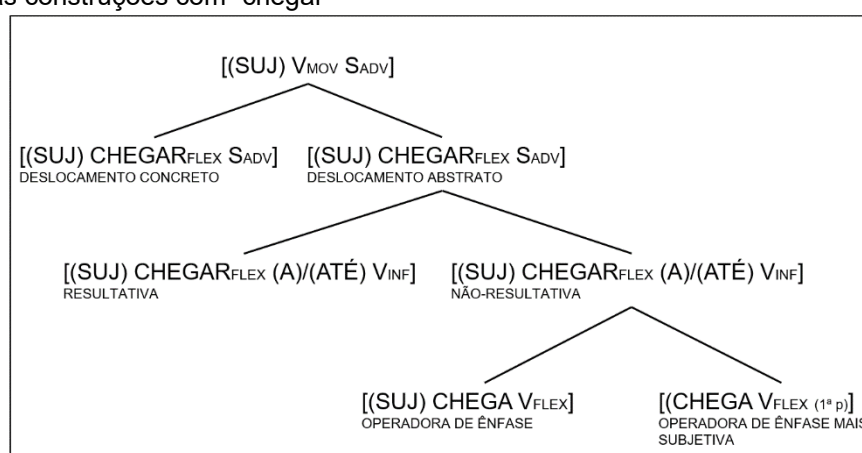
Assim como a outra microconstrução operadora de ênfase, o padrão [CHEGA V_{FLEX(1ªp)}] enfatiza toda o conteúdo enunciado, e não uma estrutura linguística específica. Em (18), “chega eu choro” enfatiza toda a declaração da escritora sobre seu estado de sobrecarga e cansaço; em (19), “chega corro” intensifica a falta de interesse expressa por determinada polêmica; em (20), “chega eu pulei da cadeira” intensifica toda a declaração do escritor sobre ter exitosamente avançado nas fases do jogo; em (21), “chega chorarei”

²⁰ Disponível em: <https://x.com/masolz/status/1595578068017487872>.

intensifica a declaração do escrevente de desejo por um banho. Como pode ser observado, a intenção de enfatizar dos escreventes pode ser percebida noutros elementos: letras maiúsculas, alongamento de palavras, expressões denotadoras de emoção etc. Ademais, faz-se importante destacar que, nesses casos, devido ao alto grau da microconstrução como operadora de ênfase, o seu sentido dificilmente é literal, ou seja, não há evento de choro, corrida, pulo etc. Por fim, a construção se mostra tão mais distanciada da ideia de resultatividade que até admite o verbo preenchedor do *slot* $V_{FLEX(1^{ap})}$ flexionado no futuro, tal como em (21).

Propomos a seguinte rede sintetizadora das relações tecidas:

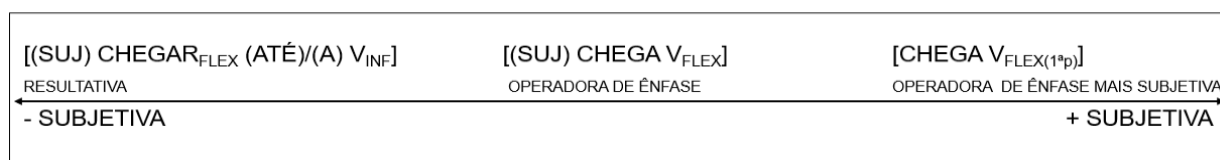
Figura 1- Rede das construções com “chegar”



Fonte: elaborado pelos autores

Nessa figura, observamos que a microconstrução $[(SUJ) CHEGAR_{FLEX} (ATÉ)/(A) V_{INF}]$ não-resultativa sanciona outras microconstruções que funcionam como operadoras de ênfase, dentro de uma gradiência de subjetividade, em que $[CHEGA V_{FLEX(1^{ap})}]$ é mais subjetiva que $[(SUJ) CHEGA V_{FLEX}]$. Assumimos, assim, a posição de que as construções passam por um *continuum* de subjetividade, representado na figura 2 a seguir:

Figura 2- Gradiência da subjetividade nas construções investigadas



Fonte: elaborado pelos autores

Considerações finais

Constituiu-se como objetivo da pesquisa investigar, a partir de dados empíricos, comportamentos sintático-semânticos e pragmáticos de construções com o “verbo” chegar para a percepção de possíveis interrelações entre os padrões instanciadores. Diferentemente

dos estudos anteriores referenciados, consideramos que o uso do verbo “chegar” associado a outro verbo no infinitivo nem sempre envolve resultatividade e que o funcionamento não-resultativo é o que se encontra na base da emergência de usos com funcionalidade enfática e, conseqüentemente, mais codificadores de subjetividade. Todavia, embora nossa investigação nos conduza a assumir tal posição, não a assumimos de forma categórica, uma vez que compreendemos que um estudo diacrônico possa ser capaz de confirmar ou refutar pontos da nossa análise. Apesar disso, consideramos que as relações traçadas se apresentam empiricamente possíveis.

Referências

- ABREU, A. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- BORBA, F. **Dicionário gramatical de verbos**: do português contemporâneo do Brasil. São Paulo: Unesp, 1990.
- BORBA, F. **Dicionário de uso do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2006.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CEZÁRIO, M.; CUNHA, M. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.
- CORREIO Braziliense. **Madonna chega ao Brasil para show histórico no Rio de Janeiro**. Brasília, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2024/04/6847305-madonna-chega-ao-brasil-para-show-historico-no-rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**. Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DELBECQUE, N. **A linguística cognitiva**: compreender como funciona a linguagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.
- DUQUE, P.; COSTA, M. **Linguística cognitiva**: em busca de uma abordagem de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências. Natal: EDUFRRN, 2012.
- FERREIRA, A. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Curitiba: Positivo, 2004.
- FORTUNATO, I. V. Análise da estrutura argumental do verbo "chegar" em construções com verbo-suporte. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 30–60, 2011. DOI: 10.14393/DL5-v3n1a2009-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11496>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press. (2014), p. 233.

HOPPER, P. **Emergent grammar**. Berkley Linguistics Society, 1987.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MARQUES, G. **Valores Lexical e gramatical do verbo chegar**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

NEVES, M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2022.

NEVES, M. **Gramáticas de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, M. Construcionalização e construcionalidade: mudanças construcionais e contextos de mudança linguística. In: ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022.

ROSCH, E. Cognitive Representations of Semantic Categories. **Journal of Experimental psychology**, General, 104, p. 192-233, 1975.

PENA-FERREIRA, E. Metáfora e gramaticalização: um estudo do verbo "chegar". In: CONFERENCE ON METAPHOR IN LANGUAGE AND THOUGHT, 3, 2008, Fortaleza. **III Conference on Metaphor in Language and Thought**. Santarém: UFC, 2009. p. 34-34.

PENA-FERREIRA, E. O processo de auxiliaridade do verbo “chegar”: um olhar funcionalista. **Moara**, v. 30, p. 35-49, 2009.

PEZATTI, E. Clivagem e construções similares: contraste, foco e ênfase. **Linguística**, v. 28, n. 1, p. 57-72, 2012.

ROCHA, N.; SOUSA, V. Gramaticalização do item linguístico chegar: analisando um verbo de/em movimento no Português. **id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.13, n. 44. p. 132–147, 2019.

RAUBER, A. L.; RIBEIRO, M. Chegou aqui...chega delirava! Alguns usos de chegar no português falado - indícios de gramaticalização. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDES, M.C. (org.). **História do português paulista: modelos e análises**. Campinas: Unicamp-Publicações IEL; FAPESP, 2012, v. 3. p. 235-247.

SANTOS, C.; SILVA, G.; SOUSA, V. Os sentidos do verbo chegar: um estudo preliminar do processo de gramaticalização. **Colóquio do Museu Pedagógico**, Vitória da Conquista, v. 1. p. 3057-3073, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp>.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In : SHOPEN, T. (ed.). **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 36-149.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Petrópolis: Vozes, 2021.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, L. Verbos gramaticais – Verbos em processos de gramaticalização. In: FIGUEIREDO, C. A.; MARTINS, E. S.; TRAVAGLIA, L. C.; MORAES FILHO, W. B. (org.). **Língue(gem): reflexões e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 97-157.

UNGERER, F.; SCHMID, H. **An introduction to cognitive linguistics**. New York: Longman, 1996.

Sobre os autores

Emanuel Cordeiro da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0165-8210>

Possui Graduação (2007) em Letras e Mestrado (2010) e Doutorado (2015) em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. É professor de Linguística da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, atuando nos Cursos de Graduação e no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFPE).

Tais Siqueira do Nascimento

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4258-0157>

Doutoranda em Letras (UFPE), Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPE). Graduada em Licenciatura Plena em Letras (Português/Inglês) pela (UFRPE), na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST).

Vitor Gabriel Silva de Santana

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2307-4280>

Graduando do Curso de Letras Português-Licenciatura da UFPE.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

Idiomaticidade na gramática: uma abordagem construcionista dos padrões idiomáticos com “VÊ/VEJA SE S” no português brasileiro

Idiomaticity in grammar: a Construction Grammar approach to “VÊ/VEJA SE S”
Brazilian Portuguese constructions

Dennis de Oliveira Alves¹
Diogo Oliveira Ramires Pinheiro²

Resumo: Este artigo busca descrever duas construções idiomáticas com VÊ/VEJA SE S (ilustradas por enunciados como “Vê se me devolve meu livro” e “Veja se meio-dia é hora de acordar”) no português brasileiro contemporâneo, tomando como base o arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso. Do ponto de vista metodológico, recorreremos a uma análise quantitativa e qualitativo-interpretativa de dados extraídos do *Corpus* do Português. Em síntese, o que os dados demonstram é que essas construções idiomáticas são especializadas, respectivamente, na função de dirigir uma repreensão preventiva ao interlocutor e buscar a corroboração do interlocutor. Mais especificamente, a primeira construção expressa um comando para a realização de uma ação que, sob a perspectiva do falante, o interlocutor já sabia que deveria realizar. Já a segunda é usada para convidar o interlocutor a corroborar uma posição de discordância em relação a uma crença atribuída a um dado Sujeito de Consciência. A partir dessa análise, foi possível postular, ainda, a existência de uma construção mais abstrata que, do ponto de vista da forma, exhibe a sequência VÊ/VEJA SE S e, do ponto de vista do significado, preserva a semântica de avaliação negativa.

Palavras-chave: Construções idiomáticas. Construção de Repreensão Preventiva. Construção de Busca de Corroboração.

Abstract: This article aims to describe two idiomatic constructions with “VÊ/VEJA SE S” (illustrated by utterances such as “Vê se me devolve meu livro” and “Veja se meio-dia é hora de acordar”) in contemporary Brazilian Portuguese, based on the theoretical framework of Usage-Based Construction Grammar. Methodologically, we employ both quantitative and qualitative-interpretative analyses of data extracted from the *Corpus* do Português. In summary, the data demonstrate that these idiomatic constructions are specialized in the functions of directing a preventive reprimand to the interlocutor and seeking the interlocutor's corroboration, respectively. More specifically, the first construction expresses a command to perform an action that, from the speaker's perspective, the interlocutor already knew they should perform. The second construction is used to invite the interlocutor to corroborate a position of disagreement regarding a belief attributed to a given Subject of Consciousness. From this analysis, it was also possible to postulate the existence of a more abstract construction that, in terms of form, exhibits the sequence “VÊ/VEJA SE S” and, in terms of meaning, retains the semantics of negative evaluation.

Keywords: Idiomatic constructions. Preemptive Reprimand Construction. Corroboration-seeking Construction.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística e Filologia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: dennisalves@letras.ufrj.br.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística e Filologia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: diogopinheiro@letras.ufrj.br.

Introdução

No português brasileiro (PB) contemporâneo, a sequência formal VÊ/VEJA SE S manifesta pelo menos dois padrões linguísticos idiomáticos, aqui ilustrados pelos exemplos (1) a (4):

- (1) Vê se me devolve meu livro.
- (2) Veja se não se atrasa.
- (3) Vê se isso é coisa que se faça.
- (4) Veja se meio-dia é hora de acordar.

A melhor maneira de atestar que estamos diante de padrões idiomáticos é comparando esses usos com outros que, embora manifestem a mesma sequência superficial, apresentam um significado diferente, que pode ser depreendido a partir da soma dos significados das partes componentes. Vejamos:

- (5) Vê se o *pix* caiu na conta.
- (6) Veja se parou de chover.

Como se percebe, os enunciados em (5) e (6) se qualificam como pedidos para que se veja (ou se verifique) se o estado de coisas expresso pela sentença completiva se sucede, (especificamente, se é verdadeiro, no momento da enunciação, que “o *pix* caiu na conta” e que “parou de chover”). Em (1) a (4), por outro lado, esse tipo de interpretação não se sustenta. Qualquer que seja o significado associado a esses usos, ele não pode ser obtido por meio da soma do valor semântico de seus elementos (“ver” + “se” + sentença completiva).

Grosso modo, poderíamos dizer que sentenças como (1) e (2) não se caracterizam como pedidos, podendo ser usadas, por exemplo, por alguém que prevê que seu interlocutor não devolveria seu livro, no caso de (1), ou se atrasaria para algum compromisso, no caso de (2), e então recorre a esses enunciados para tentar induzi-los, respectivamente, a devolver o livro e a ser pontual, fazendo uma repreensão preventiva. Já sentenças como (3) e (4) poderiam ser usadas para convidar o interlocutor a corroborar sua posição de discordância em relação a uma crença (nesses casos, as crenças de que fazer determinada coisa ou acordar ao meio-dia é aceitável/razoável). Apesar dessa análise preliminar, o exato significado associado a esses padrões idiomáticos, bem como o conjunto de propriedades formais que os caracterizam, está longe de ser autoevidente.

No que diz respeito à primeira construção, ilustrada por (1) e (2), o estudo de Alves, Pinheiro e Leite de Oliveira (2023) buscou investigar quando e como ela teria surgido no PB. Os autores propõem que essa construção idiomática, intitulada informalmente como Construção de Cobrança, é especializada na função de dirigir uma cobrança ao interlocutor e teria surgido no século XIX a partir de um mecanismo de neoanálise de construtos de uma construção de imperativo com complemento oracional. Mais especificamente, os autores propõem que, quando proferida em contextos nos quais, pragmaticamente, a relação entre os

interlocutores está baseada na existência de obrigações pré-estabelecidas do ouvinte para com o falante, instâncias de uma construção de imperativo com o verbo VER e complemento oracional dão margem a um processo de neoanálise, por meio do qual a sequência formada pelo verbo da oração matriz e o complementizador "se" é reinterpretada como um *chunk* e a sequência que designava o objeto da verificação é reinterpretada como uma oração independente. Esse processo, segundo os autores, faz emergir uma nova construção gramatical, que realiza um ato diretivo de comando para *realização* de uma ação (e não, simplesmente, para a *verificação* de um estado de coisas), de maneira tal que aquilo que era uma inferência propiciada por certos usos da construção-fonte se torna semanticizado como o próprio valor semântico convencionalmente associado à construção nova. No que diz respeito a esse estudo, fazemos uma ressalva em relação ao rótulo da construção. Por razões que ficarão claras na seção de análise, no presente artigo, nos referiremos a esse padrão como Construção de Repreensão Preventiva.

Alves e Pinheiro (no prelo), por sua vez, propõem que a segunda construção idiomática, ilustrada por (3) e (4) e intitulada informalmente como Construção de Discordância, é especializada na função de manifestar discordância e surge no século XX via analogização, mecanismo que produz, por analogia a um padrão já existente, alinhamentos de forma e função que não existiam antes. Segundo a proposta dos autores, uma inferência presente na Construção de Cobrança (a saber, a ideia de avaliação negativa) é usada como base para essa extensão analógica. Em outras palavras, o surgimento da nova construção se baseia em um raciocínio analógico capturado pela ideia de que, se é possível usar uma determinada estrutura para expressar a avaliação negativa de um comportamento potencial, é possível usar uma estrutura semelhante para expressar a avaliação negativa de uma crença atribuída a algum Sujeito de Consciência³. Quanto a esse estudo, uma análise posterior e mais aprofundada dos dados revelou uma mudança importante inclusive no que entendemos ser a função primária da construção. Por isso, neste artigo, passaremos a nos referir a esse padrão como Construção de Busca de Corroboração.

Embora esses dois estudos identifiquem quando e como as construções teriam surgido na língua, não trazem uma descrição sistemática desses padrões no PB contemporâneo.⁴ Nesse sentido, buscamos, com este artigo, preencher esta lacuna. Para isso, pautamo-nos no modelo teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) – a variante

³ O termo "Sujeito de Consciência" tem sido utilizado em alguns trabalhos baseados na Teoria dos Espaços Mentais (Maat; Sanders, 2001; Sanders; Sanders; Sweetser, 2009; 2012) e é aqui utilizado para designar qualquer indivíduo ou conjunto de indivíduos dotado(s) de estados mentais.

⁴ Para ser justo, embora o primeiro trabalho se volte preferencialmente para a trajetória diacrônica da construção e não traga nenhum tipo de descrição, reconhecemos que o segundo oferece *alguma* descrição. No entanto, a descrição oferecida no presente artigo, além de ser significativamente mais detalhada, incluiu algumas alterações relevantes (inclusive, conforme dito acima, aquilo que se considera ser a função primária da segunda construção e o "rótulo" informal de ambas as construções).

funcional-cognitiva da Gramática de Construções (GC) – e recorreremos, do ponto de vista metodológico, a uma análise de dados reais extraídos do *Corpus* do Português⁵. Embora os dados tenham sido submetidos a análises quantitativas simples em função de alguns parâmetros, o estudo se valeu, principalmente, de uma análise qualitativo-interpretativa detalhada de todos os dados obtidos por meio do *corpus*, a fim de que se pudesse chegar a uma compreensão das propriedades formais e funcionais das construções.

O presente artigo está organizado como segue. Na próxima seção, dedicada aos pressupostos teóricos, apresentamos os princípios básicos da GC e, mais especificamente, da GCBU. Além disso, apresentamos conceitos pragmáticos relevantes para a nossa análise. Na seção seguinte, explicitamos as etapas e opções metodológicas adotadas para a investigação da construção em pauta. Na sequência, apresentamos a análise dos dados levantados. Finalmente, na última seção, destacamos os principais resultados desta análise.

Pressupostos Teóricos: GC, GCBU e tópicos em pragmática

Nesta seção, trataremos da Gramática de Construções (GC) e, mais especificamente, da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), quadro teórico que norteia esta pesquisa. Serão apresentados aqui os princípios básicos do modelo e alguns conceitos pragmáticos que se farão relevantes para a nossa análise.

A GC é um modelo não-derivacional de representação do conhecimento linguístico surgido na década de 1980 como reação ao modelo gerativista a partir do trabalho de autores como Charles Fillmore, George Lakoff e Paul Kay (Fillmore, 1985; Lakoff, 1987; Fillmore; Kay; O'Connor, 1988). Apesar de haver muitos modelos filiados à GC, todos eles compartilham alguns princípios fundamentais, os quais passamos a descrever.

O primeiro deles é o de que as construções gramaticais, definidas como pareamentos convencionais de informações de forma (propriedades fonológicas, morfossintáticas e prosódicas) e de significado (aspectos semânticos, pragmáticos, discursivos e funcionais), podem descrever o conhecimento linguístico do falante em sua totalidade. Sob essa perspectiva, a gramática do falante passa a ser entendida como um inventário de construções gramaticais, e não mais como um sistema de regras derivacionais, como assume a tradição gerativa.

A título de exemplificação, podemos imaginar que uma palavra como “sol” é uma construção gramatical. Assim, em um de seus polos, encontramos informações formais – neste caso, a sequência fonológica /'sɔl/ – e, no outro, informações semânticas – neste caso, o conceito mental de sol. De igual modo, “des-” – um prefixo verbal – também se caracteriza como uma construção gramatical, uma vez que carrega informações que dizem respeito à sua

⁵ O *corpus* pode ser acessado em <https://www.corpusdoportugues.org/>.

forma (neste caso, a sequência fonológica /deS/ e a informação de que ele deve se anexar a uma base verbal) e a seu significado (como sentido prototípico, o de ação reversa).

Como se percebe, a noção de construção gramatical abarca unidades linguísticas que podem variar em grau de preenchimento fonológico: a primeira construção, por exemplo, é inteiramente preenchida fonologicamente, ao passo que a segunda é parcialmente preenchida. Temos, ainda, construções inteiramente abstratas e, portanto, não preenchidas fonologicamente, como, por exemplo, o padrão sintático SUJ V OD OI (ilustrado por sentenças como *Lavínia deu um presente para a mãe*) e contornos prosódicos específicos (por exemplo, a entonação ascendente).

A despeito disso, sob a ótica construcionista, essas diferenças pouco importam. Todas essas unidades são, em última instância, construções gramaticais: pareamentos de forma e significado. Isso significa dizer que, embora possam diferir em alguns aspectos, palavras, padrões morfológicos, estruturas sintáticas inteiramente abstratas e contornos prosódicos são qualitativamente semelhantes.

Nesse sentido, sob a perspectiva da GC, assume-se que o léxico e a sintaxe não devem ser entendidos como módulos rigorosamente separados, mas sim como extremidades de um *continuum* de construções, que comporta desde elementos inteiramente concretos até padrões com elevado grau de abstração, como ilustra tabela a seguir.

Tabela 1 – *Continuum* léxico-sintaxe

Tipo de construção	Exemplos
Palavra	Sol
Padrão morfológico	Des-VERBO (ex.: desfazer)
Estrutura sintática aberta	SUJ V OD OI (ex.: Lavínia deu um presente para a mãe)
Contorno prosódico	Entonação ascendente

Fonte: Elaboração própria.

Outro princípio comum às diferentes vertentes da GC diz respeito a como essas construções estão organizadas. Todas as variantes da GC concordam que o conhecimento linguístico se estrutura como uma grande rede de construções gramaticais interconectadas: o *constructicon* (termo que resulta da soma de *lexicon* com *construction*, ou seja, um léxico de construções), e que essas construções se organizam em termos de relações taxonômicas, o que implica a existência de construções mais gerais/abstratas e de outras mais específicas/concretas.

Assim, é possível assumir que um falante do português brasileiro dispõe, em seu inventário construcional, tanto de construções concretas, como *falar bonito*, *sonhar alto* e *andar rápido*, quanto de construções mais abstratas, como VERBO + ADJETIVO ADVERBIAL. Podemos afirmar que a relação entre as três primeiras e esta última é de natureza taxonômica, justamente porque as construções mais específicas são subtipos da construção mais geral.

Resumidamente, a GC concebe a totalidade do conhecimento linguístico do falante como um inventário de construções gramaticais (o *constructicon*), as quais são interconectadas por meio de, pelo menos, relações taxonômicas. É necessário acrescentar, no entanto, que a GCBU (Goldberg, 1995; 2006; Bybee, 2008; 2010; Hilpert, 2014; Perek, 2015), vertente da GC a qual se filia a presente pesquisa, distingue-se das variantes formalistas do modelo por pelo menos dois princípios adicionais.

O primeiro princípio diz respeito à premissa de que a experiência linguística do falante – ou seja, o uso – afeta o conhecimento linguístico subjacente. Sob essa perspectiva, não existe conhecimento linguístico inato, sendo a totalidade do conhecimento linguístico do falante construída a partir do *input*, ainda que com o auxílio de habilidades inatas associadas à cognição geral. Além disso, a representação gramatical é constantemente moldada pela experiência, o que implica a possibilidade de representações redundantes na rede construcional, uma proposta que opõe a GCBU às vertentes formalistas da GC. Desse modo, sequências inteiramente previsíveis podem vir a ser representadas como construções independentes na rede construcional do falante, desde que sejam suficientemente frequentes.

O segundo princípio da GCBU se resume na ideia de que processos cognitivos gerais (isto é, não especificamente linguísticos) devem ser evocados para explicar fenômenos linguísticos e, inclusive, a estrutura gramatical. Desse modo, mecanismos psicológicos como a analogia, o *chunking*, a indução e a categorização são fundamentais, sob a ótica da GCBU, para explicar fenômenos como a mudança linguística, bem como a estrutura da rede construcional armazenada na mente do falante.

Resumidamente, a proposta da GCBU é a de que o conhecimento linguístico pode ser descrito como um inventário de construções interconectadas continuamente afetado pela experiência do falante e construído graças a processos cognitivos gerais. Como consequência, o modelo admite a representação redundante de informações em diferentes níveis.

A seguir, apresentaremos brevemente alguns conceitos pragmáticos que, como veremos adiante, se fazem relevantes para a descrição da construção idiomática em foco. Começamos pelos conceitos basilares de *pressuposição pragmática* e *asserção pragmática*. Para entendermos esses conceitos, vale recorrer à definição de Lambrecht (1994). Segundo o autor, a *asserção pragmática* (ou, simplesmente, *asserção*) é “a proposição expressa por uma sentença que se espera que o ouvinte passe a conhecer como resultado de ter ouvido a sentença” (p. 52, tradução nossa⁶), ao passo que a *pressuposição pragmática* (ou, simplesmente, *pressuposição*) é “o conjunto de proposições evocadas léxico-gramaticalmente em uma sentença, as quais o falante considera que o ouvinte já conhece ou está disposto a

⁶ No original: “The proposition expressed by a sentence which the hearer is expected to know or take for granted as a result of hearing the sentence uttered” (Lambrecht, 1994; p. 52).

assumir como dadas no momento em que a sentença é enunciada” (p. 52, tradução nossa⁷). Como se observa, trata-se, no primeiro caso, de uma proposição *explícita*, expressa pelo uso da sentença, e, no segundo caso, de uma ou mais proposições *implícitas*, evocadas pela enunciação da sentença.

A título de ilustração, é possível supor que, ao enunciar uma sentença como “Meu cachorro é preto”, o falante espera que seu interlocutor passe a saber, como resultado de ter ouvido a sentença, que seu cachorro é de cor preta. Isso corresponde à *asserção* – a proposição *expressa* –, cujo significado emerge a partir da relação entre os componentes da sentença. Ao mesmo tempo, também é possível supor que o falante considera que seu interlocutor sabe que a proposição “Eu tenho um cachorro” é verdadeira, ou, ao menos, de acordo com a definição lambretchiana de *pressuposição*, está disposto a assumi-la como dada no momento da enunciação. Observe-se que, na enunciação de “Meu cachorro é preto”, o emprego do pronome possessivo “meu”, constituindo um sintagma nominal definido, dispara a ideia que o falante é proprietário de um cachorro. Nesse sentido, o fato de a proposição “Eu tenho um cachorro” ser evocada léxico-gramaticalmente pelo uso do pronome também a caracteriza como uma pressuposição pragmática. Neste artigo, argumentaremos que, na construção idiomática em foco, a sequência “vê/veja se” funciona, semelhantemente ao pronome possessivo “meu” no exemplo acima, como um disparador de pressuposição.

Para nossa análise, será relevante também o conceito de *atos de fala*. Segundo a teoria de Austin (1962), a linguagem é um instrumento de ação. Em sua obra original, o autor argumenta que a linguagem não é utilizada apenas para descrever o mundo, mas funciona, sobretudo, como uma forma de ação intencional. Sob essa perspectiva, ao se usar a linguagem, não apenas se *diz* alguma coisa, mas também se *faz* algo. Searle (1979) retoma as ideias desenvolvidas por Austin e propõe que a miríade de atos de fala possíveis nas línguas naturais – isto é, de ações que podem ser executadas por meio da linguagem – pode ser sistematizada em cinco atos: ato representativo ou assertivo, ato diretivo, ato comissivo, ato expressivo e ato declarativo, definindo sumariamente esses atos da seguinte forma: “Dizemos às pessoas como as coisas são (assertivo), tentamos levá-las a fazer coisas (diretivo), comprometemo-nos a fazer coisas (comissivo), expressamos nossos sentimentos e atitudes (expressivos) e provocamos mudanças no mundo por meio de nossas enunciações (declarativo)” (p. 8, tradução nossa⁸).

⁷ No original: “The set of propositions lexicogrammatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered”. (Lambrecht, 1994, p. 52)

⁸ No original: “We tell people how things are (Assertives), we try to get them to do things (Directives), we commit ourselves to doing things (Commissives), we express our feelings and attitudes (Expressives), and we bring about changes in the world through our utterances (Declarations)” (Searle, 1979, p. 8).

Embora seja dada a importância de todos esses atos na linguagem, vale antecipar que, para os propósitos deste trabalho, os atos diretivo e representativo serão particularmente relevantes. De forma mais detalhada, o ato diretivo é aquele por meio do qual o falante tenta levar seu interlocutor a executar determinada ação. Ele expressa o que o falante quer de seu interlocutor. Assim, ao enunciar uma sentença como “Me traz um copo d’água”, por exemplo, o falante manifesta um ato diretivo justamente por expressar algo que espera de seu interlocutor, tentando levá-lo a executar uma ação específica por meio de seu comando. Ordenar, pedir, cobrar, convidar, aconselhar e suplicar são alguns exemplos de atos diretivos. Já o ato representativo ou assertivo compromete o falante com a verdade da proposição expressa. Alguns exemplos de atos representativos são: concluir, deduzir, avaliar, criticar, constatar, descrever, postular, negar e afirmar. Assim, quando alguém afirma algo como “A Terra é plana”, por exemplo, está se comprometendo com o conteúdo expresso por esta proposição, que pode ser avaliada em termos de verdade ou falsidade. Por isso, dizemos que, neste caso, o falante realiza um ato representativo. Adiante veremos como esses dois atos se fazem relevantes para a descrição das construções em foco.

Metodologia

Esta seção objetiva detalhar a metodologia adotada para alcançar os objetivos deste trabalho. Como apontado na introdução, propomo-nos a analisar e descrever uma construção idiomática do português brasileiro contemporâneo. Para isso, nosso método de investigação consiste em análise de *corpus*.

Todos os dados usados nesta pesquisa foram extraídos da versão *NOW*⁹ (*News On Web*) do *Corpus do Português*, criado pelo professor Mark Davies, da Universidade Brigham Young (BYU, na sigla em inglês), que contém uma base de dados de 1,1 bilhão de palavras de jornais e revistas *on-line* publicados entre 2012 e 2019. Embora o *corpus* conte com a adição de textos de mais três países além do Brasil (a saber, Portugal, Angola e Moçambique), não há informações acerca da distribuição desse material pelo critério de origem geográfica. Sendo assim, vale apontar que não é possível saber se os dados se encontram em equilíbrio quantitativo no *corpus*.

Para a coleta dos dados, foram utilizados os comandos “vê se” e “veja se”, posteriormente acrescidos de asteriscos para contemplar a possibilidade de elementos intervenientes entre o verbo e o item “se” (“vê * se” e “veja * se” para 1 elemento interveniente, “vê * * se” e “veja * * se” para 2 elementos, e assim sucessivamente, até 5 elementos). Considerar essa possibilidade foi relevante para o nosso trabalho para contemplar a possibilidade de os dois primeiros elementos da construção em pauta (“vê/veja” e “se”) não

⁹ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now>.

aparecerem obrigatoriamente juntos. Além disso, a teoria adotada prevê que a repetição de sequências gera a formação de *chunks*, o que tende a limitar (embora não necessariamente proibir) a presença de itens de natureza variável entre os elementos gramaticais fixos. Assim, ao total, foram feitas 12 buscas no *corpus*, sendo 6 para instâncias com “vê” e 6 para instâncias com “veja”.

Após a coleta dos dados, separamos os usos idiomáticos (que são o foco deste estudo) dos não idiomáticos, agrupando os dados em duas categorias. Em seguida, os dados correspondentes a usos idiomáticos foram organizados em função dos seguintes parâmetros: flexão verbal (2ª ou 3ª pessoa, isto é, *vê* ou *veja*), e elementos intervenientes (presença x ausência, de forma binária). Concluída a etapa de classificação e posterior quantificação dos dados, passamos à etapa mais importante deste trabalho: a análise qualitativo-interpretativa detalhada de cada dado com o objetivo de descrever, de maneira sistemática, as propriedades formais e semântico-pragmáticas de cada construção idiomática com VÊ/VEJA SE S.

Análise e discussão

Conforme já observamos, ambas as construções idiomáticas aqui focalizadas licenciam flexão verbal tanto de 2ª quanto de 3ª pessoa do singular (*vê* ou *veja*). Diante disso, passamos, agora, a mostrar de que maneira essas duas construções se comportam no que respeita a tais possibilidades de flexão. A tabela a seguir quantifica as ocorrências das duas construções idiomáticas com VÊ/VEJA SE S no século XXI, divididas de acordo com a flexão verbal:

Tabela 2 – Ocorrências de “vê” e “veja” nas construções idiomáticas

	Vê	Veja
Construção de Repreensão Preventiva	134	9
Construção de Busca de Corroboração	83	13
Total	217	22
	239	

Fonte: Elaboração própria.

Como se observa, há predominância da flexão de 2ª pessoa em relação à flexão de 3ª pessoa em ambas as construções (134 de 143 dados – aproximadamente 94% – na primeira construção, e 83 de 96 – aproximadamente 86% – na segunda). A esse respeito, é preciso compreender certas especificidades relativas à flexão de imperativo no PB atual. Quanto a isso, vale mencionar o trabalho de Andrade, Melo e Scherre (2007), que consiste em uma análise do imperativo em dados de revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Os autores apontam que, no final do século XX, há uma mudança clara de uso da forma imperativa nos diálogos das revistas analisadas, de modo que a forma associada ao subjuntivo (por exemplo,

“deixe”, “receba”, “abra”, “dê”, “diga”, “vá” etc.) cede a preferência para a forma associada ao indicativo¹⁰ (por exemplo, “deixa”, “recebe”, “abre”, “dá”, “diz”, “vai” etc.), como mostra a tabela a seguir:

Tabela 3 – Emprego do imperativo associado à forma indicativa em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* entre a década de 1970 e a primeira década do século XXI

Período	Frequência de imperativo associado à forma indicativa (deixa/recebe/abre/dá/diz/vai)
1970 e 1971	11/162 (7%)
1983	15/84 (18%)
1985 a 1988	279/490 (57%)
1998 e 1999	361/637 (57%)
2001, 2002, 2004 e 2005	1.642/2.272 (72%)

Fonte: Adaptado de Andrade, Melo e Scherre (2007).

Como se observa, ao longo do período investigado pelos autores, há um aumento gradativo no percentual de frequência do imperativo associado à forma indicativa, em detrimento daquele tipicamente associado ao subjuntivo. Com efeito, a frequência das formas indicativas passa de 7% dos dados no primeiro período considerado para 72% no último período, um aumento considerável de 65%.

Ainda no que diz respeito a essa questão, Scherre (2007), em outro estudo sobre o imperativo gramatical no PB, aponta que a variação entre as formas imperativas singulares está relacionada a um conjunto de diversas variáveis linguísticas e não-linguísticas, dentre as quais estão a formalidade e/ou natureza mais ou menos dialógica do evento discursivo e o número de sílabas do verbo na forma infinitiva. Especificamente, segundo alguns estudos mencionados pela autora (Lima, 2005; Scherre, 2004; Scherre *et al.*, 1998 *apud* Scherre, 2007), eventos de fala menos formais e de natureza explicitamente mais dialógica tendem a favorecer relativamente formas imperativas associadas ao indicativo – por exemplo, “vê”, em oposição a “veja”, que é uma forma associada ao subjuntivo. A autora aponta, ainda, que, de modo semelhante, os verbos de até duas sílabas (como “dar”, “ir”, “vir”, “olhar”, “ficar”, “abrir”) também favorecem as formas associadas ao indicativo, em detrimento daquelas associadas ao subjuntivo, que seriam favorecidas por verbos de mais de duas sílabas.

Diante desse conjunto de resultados, parece plausível argumentar que a predominância, no século XXI, da forma de 2ª pessoa “vê”, associada ao modo indicativo, sobre a forma de 3ª pessoa “veja”, associada ao subjuntivo, pode ser explicada, fundamentalmente, pela ampliação generalizada do emprego do imperativo associado ao indicativo entre o final do século XX e o início do século XXI, conforme atestado por Andrade,

¹⁰ Para esclarecer essa associação do imperativo aos demais modos verbais, vale mencionar Cunha e Cintra (2013, pp. 332), que apontam que o modo imperativo se forma a partir de duas fontes: o presente do indicativo, para as pessoas de ‘tu’ e ‘vós’, retirando-se o -s final; e o presente do subjuntivo, para as demais pessoas.

Melo e Scherre (2007). Essa sugestão ganha ainda mais força quando se considera que as construções idiomáticas com VÊ/VEJA SE S apresentam precisamente as propriedades que, segundo Scherre (2007), favorecem, na atual sincronia, o imperativo associado à forma de indicativo: verbo com apenas uma sílaba (“ver”) e vinculação a contextos discursivos de natureza menos formal e explicitamente dialógica.

Como dissemos anteriormente, também sabíamos de antemão que os dois primeiros elementos das construções idiomáticas aqui focalizadas (“vê/veja” e “se”) não aparecem obrigatoriamente juntos. Diante disso, propusemo-nos a avaliar se há diferenças quanto a essa possibilidade de interveniência nas duas construções. A tabela abaixo sintetiza nossos resultados:

Tabela 4 – Ocorrências de elementos intervenientes nas construções por século

	Presença	Ausência
Construção de Repreensão Preventiva	0	143
Construção de Busca de Corroboração	7	89
Total	7	238
	239	

Fonte: Elaboração própria.

Como se observa, foi possível identificar a presença de elementos intervenientes apenas em instâncias de uma das construções idiomáticas – a Construção de Busca de Corroboração. Aparentemente, a construção admite que os itens “vê/veja” e “se” sejam interceptados por um outro elemento, com 7 ocorrências de um total de 96 dados. Vale apontar que, embora tenhamos assumido a possibilidade de até cinco elementos intervenientes, não houve casos com mais de um elemento. De fato, das 7 ocorrências de elementos intervenientes na construção, 6 apresentavam apenas o elemento “lá” e 1 exibiu unicamente o elemento “bem”. Essas duas possibilidades estão ilustradas pelos dados a seguir:

- (7) É na beira da calçada fedendo a chorume que a gente cresce na vida. Às vezes, papai ia atrás de mim, queria me levar pra clínica. **Vê lá se eu ia tá em uma clínica bem na data de fazer o teste pro novo filme do Iberê.** Papai nunca entendeu de arte. (Corpus do Português, séc. XXI, grifo nosso).
- (8) O problema são os chefes, os engenheiros que viram que isso ia acontecer e não tomaram a decisão antes. Muita gente que tava lá dentro disse que a Vale colocou um plástico cercando ela [a barragem]. **Veja bem se um plástico ia resistir a uma coisa dessa aí.** Eles sabiam. (Corpus do Português, séc. XXI, grifo nosso).

Esses fatos apontam para uma maior *analísabilidade* da Construção de Busca de Corroboração em relação à de Repreensão Preventiva. A analisabilidade está relacionada à

possibilidade de reconhecer um componente de um todo como um elemento que existe também de forma independente desse todo. Bybee (2010) aponta que o licenciamento de elementos intervenientes é um dos diagnósticos para o grau de analisabilidade, já que, se o falante não conecta os componentes de um todo à sua “contraparte”, ele não reconhece esses componentes como manifestações de uma categoria mais abstrata e, como consequência, não concebe o todo como sendo formado por partes menores – e sim como um bloco indivisível. Em termos concretos, se o falante não conecta o “vê” ou “veja” das construções idiomáticas às formas verbais de imperativo “vê” e “veja”, ou não conecta o “se” da mesma construção a algum “se” presente em outra construção gramatical do *constructicon* do PB, ele passa a conceber a sequência como um todo maciço. Como consequência, ele tenderá a manter contíguos os elementos “vê” ou “veja” e “se”, evitando, assim, o emprego de elementos intervenientes.

É com base nesse critério que, à luz dos dados apresentados na tabela 4, torna-se possível supor que a Construção de Busca de Corroboração seja mais analisável que a Construção de Repreensão Preventiva. Isso significa assumir, em outras palavras, que, na Construção de Busca de Corroboração, o falante tende a associar, *em maior grau* (em comparação com a Construção de Repreensão Preventiva), o “vê” ou “veja” às respectivas formas verbais de imperativo e o “se” ao complementizador dubitativo “se”.

Agora, passaremos a uma descrição das propriedades formais e funcionais das construções, a começar pela de Repreensão Preventiva. Vejamos os dados abaixo:

- (9) “Já Gustavo Mito, que também mostrou simpatia na sala de imprensa, deu um recado mais duro ao grupo de repórteres assim que terminou sua coletiva. “E **vê se não distorcem o que falei**, viu?” (Corpus do Português, séc. XXI, grifo nosso).
- (10) “Largou o prato na mesa e proferiu um “**Vê se não vai beber de estômago vazio**”. Aquilo caiu como uma bomba de efeito moral.” (Corpus do Português, séc. XXI, grifo nosso).
- (11) “Vai trabalhar pra cuidar dos seus filhos, acordar cedo e esquecer de ficar em festa, pq se acordassem cedo pra trabalhar jamais estariam em festa até altas horas. E **vê se futuramente arrume um homem que seja mais calmo**.” (Corpus do Português, séc. XXI, grifo nosso).

Analisando esse conjunto de dados, é possível chegar a algumas generalizações formais acerca da construção. Primeiramente, pudemos identificar que os verbos da sentença completiva são necessariamente flexionados no tempo presente do modo indicativo (caso de 9), no tempo futuro do presente do modo indicativo (caso de 10) ou no modo imperativo (caso de 11). Quanto à pessoa, esses verbos recebem, flexão de 2ª ou 3ª pessoa, embora a

referência do sujeito seja, necessariamente, à 2ª pessoa do discurso, seja do singular (caso de 10 e 11), seja do plural (caso de 9).¹¹

Além disso, a ausência de elementos entre as formas VÊ/VEJA e SE, discutida mais acima, sugere que estamos diante de um *chunk*. Como vimos, a teoria adotada prevê que a repetição de sequências gera a formação de *chunks*, o que tende a limitar a presença de itens entre os elementos gramaticais fixos. Aqui, argumentaremos que a sequência VÊ/VEJA SE compõe um todo indivisível responsável por disparar uma pressuposição. Esse *chunk* será aqui representado por colchetes, desta maneira: [VÊ/VEJA SE].

No que diz respeito ao polo funcional, é fácil perceber que a construção ilustrada por usos como (9) a (11) realiza um ato diretivo; isto é, ela é usada pelo falante para dirigir ao interlocutor um comando para que este realize, ou deixe de realizar, uma ação determinada, expressa pelo verbo da sentença que se segue ao *chunk* [VÊ/VEJA SE]. Em termos concretos, os usos (9) a (11) expressam comandos para que os interlocutores, respectivamente, *não distorçam o que foi falado pelo locutor, não beba de estômago vazio e arrume um homem que seja mais calmo*.

Além disso, sustentaremos, neste trabalho, que o emprego da construção em pauta só é pragmaticamente bem-sucedido em contextos nos quais o falante assume que o interlocutor já estava ciente de que deveria executar a ação denotada pela sentença que se segue à sequência [VÊ/VEJA SE]. Essa ideia pode ser formalizada a partir da noção de pressuposição. Sob essa ótica, é possível afirmar que o emprego da Construção de Repreensão Preventiva evoca a proposição pressuposta – ou, simplesmente, a pressuposição – de que *o interlocutor já sabe que cabe a ele realizar a ação denotada pela sentença que se segue à sequência [VÊ/VEJA SE]*. Essa proposição pode ser adequadamente caracterizada como uma pressuposição porque se trata de uma informação que o falante assume que o ouvinte já detém no momento da enunciação e que é evocada léxico-gramaticalmente (especificamente, pelo *chunk* [VÊ/VEJA SE]¹²).

Assim, parece possível assumir que essa construção se distingue das construções canônicas de imperativo por exibir uma condição específica de boa formação pragmática, que está relacionada a uma assunção do falante em relação aos estados mentais do ouvinte. A essa assunção – a avaliação de que o interlocutor já estava ciente de que deveria realizar a

¹¹ Dada essa variação formal e considerando o Princípio da Não-Sinonímia (Goldberg, 1995), que se traduz na ideia de que construções formalmente diferentes entre si devem apresentar também alguma diferença do ponto de vista semântico ou pragmático, reconhecemos que o modelo permitiria a postulação de construções mais concretas. No polo formal, essas construções apresentariam especificação de tempo verbal e flexão de pessoa do verbo da sentença que preenche o *slot* S, e, no polo funcional, alguma diferença significativa, a qual vale a pena ser investigada. Neste artigo, porém, optamos por descrever os polos formal e funcional de um padrão mais geral, abstraindo essas possíveis diferenças.

¹² É interessante ressaltar que, nesse caso, a proposição evocada se deve, sobretudo, ao fato de os itens VÊ/VEJA e SE não se comportarem como, respectivamente, verbo imperativo de percepção visual e complementizador dubitativo.

ação designada pelo verbo da sentença que se segue ao [VÊ/VEJA SE] – vamos nos referir, em nome da simplicidade e por razões didáticas, simplesmente como Pressuposto P.

Infelizmente, dados de *corpora* não fornecem evidências negativas. No entanto, com base na intuição de falantes, é possível, pelo menos, especular acerca de contextos pragmáticos em que a construção em pauta é malsucedida – o que pode funcionar como uma fonte útil de evidência, ainda que com todas as reservas necessárias. Aplicando essa proposta ao exemplo mencionado, sustentamos que o uso de “Vê se não distorcem o que eu falei” num contexto em que não estivesse dado, pelo menos sob a perspectiva do falante, que os jornalistas não deveriam distorcer o que foi dito pelo entrevistado, se caracterizaria como pragmaticamente malsucedido. Semelhantemente, o uso de “Vê se não vai beber de estômago vazio” num contexto em que não estivesse dado (mais uma vez, sob a perspectiva do falante) que não se deve beber de estômago vazio também seria pragmaticamente malsucedido. De igual modo, o uso de “Vê se futuramente arrume um homem mais calmo” num contexto em que o falante não pressupusesse que seu interlocutor já sabia que deveria arrumar um homem mais calmo seria pragmaticamente malsucedido da mesma forma.

A especificação de que a construção realiza um *ato diretivo* e a de que ela só é pragmaticamente bem-sucedida nas condições definidas pelo *Pressuposto P*, combinadas, têm potencial para fazer emergir uma inferência de que o falante acredita que o ouvinte provavelmente não faria o que lhe caberia fazer. Daí a necessidade de uma repreensão preventivamente, o que consideramos ser o valor semântico central da construção. A nosso ver, a ideia de o falante repreender preventivamente o interlocutor traduz melhor o que, de fato, a construção faz. À inferência sugerida que emerge a partir da realização de um ato diretivo no contexto específico do Pressuposto P, iremos nos referir, de forma simples, como IS-1.

Interessantemente, porém, a IS-1 está associada a uma segunda inferência sugerida, que está relacionada, fundamentalmente, a uma *avaliação negativa*, ou *desaprovação*, do *comportamento potencial do ouvinte*. O raciocínio que sustenta a emergência desse segundo significado inferencial é o seguinte: se o falante julga que o ouvinte não faria o que era esperado dele, então ele faz uma avaliação negativa do comportamento potencial desse ouvinte. A essa segunda inferência sugerida, iremos nos referir como IS-2.

Aplicando esse raciocínio ao exemplo em (9), temos a seguinte interpretação: uma vez que Gustavo Miotto declara algo que já estava dado que os jornalistas devessem fazer, ele revela sua expectativa de que provavelmente eles não o fariam (IS-1) – daí, claro, decorre a suposição de que era necessário repreendê-los preventivamente. Essa expectativa implica que Miotto *desaprova*, ou *avalia negativamente*, o comportamento potencial dos interlocutores (IS-2) – a saber, o comportamento, projetado por ele, de distorcer o que ele havia falado em entrevista.

Em resumo, o polo funcional da Construção de Repreensão Preventiva inclui as seguintes especificações: (i) realização de um ato diretivo; (ii) evocação do Pressuposto P; (iii) inferência de que o falante acredita que o ouvinte provavelmente não faria o que lhe caberia fazer (IS-1); e (iv) inferência de avaliação negativa do comportamento potencial do ouvinte (IS-2).

Passemos, agora, à descrição da Construção de Busca de Corroboração, a partir da observação dos dados abaixo:

- (12) Ninguém tem o direito de tirar a vida de outrem, mas se esse empresário, pai de família, conforme disse essa viúva, estivesse na igreja, ou em um local decente, será que isso teria ocorrido? **Vê se pai de família que se preze frequenta esse tipo de evento regado a drogas de todo tipo!** (Corpus do Português, grifo nosso).
- (13) A irmã de Hanna, Priscila dos Santos, se sentiu mal no momento da despedida e foi carregada para o gramado. "Liguei para o Samu e pedi um suporte. Eles me disseram que tinha de esperar passar mal primeiro. **Veja se tem cabimento isso**", reclamou José Raimundo Rocha, parente da motorista. (Corpus do Português, grifo nosso).

Primeiramente, conforme já discutido, a Construção de Busca de Corroboração, diferentemente daquela de Repreensão Preventiva, apresenta a possibilidade de interveniência dos elementos VÊ/VEJA e SE. No entanto, isso ocorreu poucas vezes (em apenas 8 dos 103 dados analisados). Uma vez que a repetição de sequência restringe, mas não proíbe, a presença de elementos intervenientes, sustentaremos aqui que, nessa construção, os elementos VÊ/VEJA e SE também compõem um *chunk* responsável por disparar uma pressuposição, assim como na primeira construção. Aqui, porém, a possibilidade de interveniência será representada no *chunk* com uma letra X entre parênteses, da seguinte forma: [VÊ/VEJA (X) SE].

No que diz respeito à semântica da construção, foi possível notar que ela realiza um ato representativo. Dito de outra maneira, usos como "Vê se pai de família que se preze frequenta esse tipo de evento regado a drogas de todo tipo" e "Veja se tem cabimento isso" (presentes, respectivamente, em (12) e (13)) se caracterizam como enunciados por meio dos quais o falante se compromete com a validade de uma proposição.

Conforme apontam Alves e Pinheiro (NO PRELO), a proposição com a qual o falante se compromete ao empregar essa construção corresponde à *negação* do conteúdo explícito da sequência que se segue ao VÊ/VEJA SE. Em outras palavras, o falante afirma a *falsidade* da crença evocada pela sentença S. Assim, ao enunciar "Vê se pai de família que se preze frequenta esse tipo de evento regado a drogas de todo tipo", o falante se compromete com a validade da proposição "pai de família que se preze *não* frequenta esse tipo de evento regado a drogas de todo tipo" – ou, em outras palavras, afirma que a proposição "pai de família que se preze frequenta esse tipo de evento regado a drogas de todo tipo" é falsa. Da mesma

maneira, por meio de um uso como “Veja se tem cabimento isso”, o falante sustenta a posição de que isso *não* tem cabimento – ou, em outras palavras, de que a proposição “isso tem cabimento” é falsa.

Alves e Pinheiro (NO PRELO) apontam, ainda, que essa construção é utilizada para expressar a *discordância* do enunciador em relação a alguma crença atribuída por ele a um dado Sujeito de Consciência (SdC).¹³ Notemos que a expressão de uma *discordância* envolve, necessariamente, um tipo de *avaliação negativa*: se uma pessoa discorda de outra, então ela avalia negativamente (isto é, como ruim, inadequada, etc.) a crença dessa outra pessoa. Aplicando essa proposta aos nossos exemplos, podemos presumir que, em (12), há uma discordância e, naturalmente, uma avaliação negativa do falante em relação à crença, atribuída à viúva, de que pai de família que se preze frequenta determinado tipo de evento regado a drogas. A construção é empregada, então, para marcar a rejeição do falante a essa ideia. Da mesma forma, em (13), o enunciador José Raimundo marca a discordância e, conseqüentemente, uma avaliação negativa em relação a uma crença, atribuída a atendentes do Samu, de que é necessário “passar mal” para receber algum tipo de suporte.

Podemos notar que a Construção de Discordância envolve, de forma crucial, o conceito de pressuposição. Afinal, se a construção é usada para expressar discordância em relação a uma crença atribuída a algum SdC, então seu emprego requer que o falante *assuma* – ou *pressuponha* – que o SdC em questão tem essa crença. Especificamente, argumentamos que o emprego dessa construção só é pragmaticamente bem-sucedido em contextos nos quais, segundo a avaliação do falante, *um SdC acredita em X, sendo X a proposição evocada pela sentença S*. A esse pressuposto, iremos nos referir, de modo informal, simplesmente como Pressuposto Q.

A fim de verificar essa proposta em dados concretos, voltemos aos exemplos (12) e (13). Em (12), podemos perceber que o fato de a viúva ter enunciado que seu marido que foi morto era pai de família sugere que ela acredita que seja razoável que um pai de família frequente determinado tipo de evento regado a drogas. De modo semelhante, em (13), o fato de correspondentes do Samu terem dito que era necessário que a pessoa passasse mal para receber suporte revela que eles acreditam que, de fato, não há nenhum problema em se negar a oferecer ajuda a uma pessoa que a eles recorrerem. A título de síntese, então, a proposta desenvolvida até aqui pode ser formalizada nos seguintes termos: o uso da Construção de Busca de Corroboração *pressupõe* que um SdC acredita em X, sendo X a proposição evocada pela sentença S, ao mesmo tempo em que *afirma* a falsidade de X (o que equivale, em outras palavras, a marcar a discordância do falante em relação a X).

¹³ Vale apontar que os autores consideram ser essa a função primária da construção. Aqui, argumentaremos que embora essa ideia de discordância se faça presente, a função primária de construção é a de convidar o interlocutor a se alinhar a uma posição de discordância (e não, simplesmente, a de expressar essa discordância, como propunham os autores). Isso justifica nossa opção por alterar o rótulo informal da construção.

Neste ponto, cabe uma observação. Percebemos que a crença em relação à qual o falante expressa discordância é atribuída a um SdC que não o interlocutor. Em (12), a crença de que pai de família que se preze frequenta eventos regados a drogas não é atribuída ao interlocutor, e sim à viúva do homem assassinado, que não está presente na situação comunicativa. Do mesmo modo, em (13), como vimos, José Raimundo expressa sua discordância em relação a uma crença atribuída a correspondentes do Samu, que não são seus interlocutores no momento da enunciação. Argumentamos aqui que isso traduz a função principal da construção, qual seja o convite para a corroboração de sua posição de discordância, de modo que o falante, quando usa a construção, não só expressa discordância ao afirmar a falsidade da crença atribuída a um SdC, como também assume (ou, mais uma vez, pressupõe) que o interlocutor concorda com sua posição e, portanto, busca corroborá-la. A essa segunda pressuposição, nos referiremos, de forma simples, como Pressuposto R.

Nesse sentido, agora em termos mais concretos, podemos dizer que, em (12), o enunciador não apenas expressa sua discordância em relação à crença de que é aceitável que pai de família frequente eventos regados a drogas, como também pressupõe que seu interlocutor se alinha à sua posição de que, de fato, isso não é aceitável, buscando, no fim das contas, a corroboração dessa posição pressuposta. Em (13), semelhantemente, o enunciador não só expressa sua discordância em relação à crença de que é razoável que o Samu se recuse a oferecer suporte a uma pessoa devido ao fato de ela não estar passando mal, mas também assume que o interlocutor concorda com sua posição contrária a essa, buscando, mais uma vez, a corroboração do interlocutor. Isso significa que a construção produz um efeito semelhante a marcadores discursivos do tipo “não é mesmo?”, que também pressupõem a concordância do interlocutor. Assim, paráfrases aproximadas das sequências com VÊ/VEJA SE S em (12) e (13) seriam algo como: “Pai de família que se preze não frequenta esse tipo de evento regado a drogas, não é mesmo?” e “Isso não tem cabimento, não é mesmo?”

Em síntese, argumentamos aqui que o polo funcional da Construção de Busca de Corroboração inclui, fundamentalmente, quatro especificações: (i) realização de um ato de fala representativo; (ii) semântica de discordância (ou avaliação negativa) de crença atribuída a um dado SdC; (iii) evocação dos Pressupostos Q e R; e (iv) busca de corroboração do pressuposto R.

Dada a similaridade formal, identificada já na introdução deste artigo, entre as construções aqui investigadas, e considerando o Princípio da Motivação Maximizada (GOLDBERG, 1995), segundo o qual duas construções sintaticamente relacionadas podem ser motivadas semântica ou pragmaticamente, é possível postular a existência de um padrão construcional mais abstrato. Com efeito, as Construções de Repreensão Preventiva e de Busca de Corroboração, além de manifestarem uma sequência superficial quase idêntica,

com a diferença da possibilidade de interveniência para a segunda construção, parecem carregar um sentido de *avaliação negativa*.

Como vimos, uma inferência presente na Construção de Repreensão Preventiva sugere a ideia de que o falante *avalia negativamente* seu interlocutor ao dar um comando para que faça algo que já sabia que deveria ser feito, revelando sua incredulidade em relação à realização da ação. Na Construção de Busca de Corroboração, por outro lado, o fato de o falante enunciar a falsidade de uma crença atribuída a um dado SdC, expressando sua discordância em relação a ela e buscando a corroboração do interlocutor em relação à sua posição de discordância, também sugere que ele *avalia negativamente*. Assim, seria possível propor uma construção mais abstrata da qual estas aqui analisadas herdariam propriedades. No polo da forma, a construção-mãe preservaria a sequência [VÊ/VEJA SE] S e, no polo do significado, a semântica de avaliação negativa.

Considerações finais

Este trabalho se insere no campo dos estudos construcionistas sobre idiomatismos sintáticos. Buscamos descrever os padrões aos quais nos referimos informalmente como Construção de Repreensão Preventiva e Construção de Busca de Corroboração no português brasileiro contemporâneo. Uma análise de dados coletados no *Corpus* do Português revelou que a Construção de Repreensão Preventiva é composta por um *chunk* [VÊ/VEJA SE] seguido de uma sentença e exibe uma restrição em relação à referência do sujeito, à flexão de pessoa e ao tempo verbal do predador que preenche o *slot* sentencial. Especificamente, a construção admite predadores flexionados na 2ª ou 3ª pessoa do singular ou plural, com referência, necessariamente, à 2ª pessoa do discurso, nos tempos presente ou futuro do indicativo ou no modo imperativo. Quanto à função, a construção manifesta um ato diretivo de comando para a realização de uma ação que, ao menos sob a perspectiva do falante, o interlocutor já sabia que deveria realizar, produzindo como efeito um valor semântico de avaliação negativa de um comportamento potencial. Já a Construção de Busca de corroboração se mostra mais analisável que a primeira, na medida em que admite elementos intervenientes no *chunk* [VÊ/VEJA SE] e não apresenta restrições quanto ao predador da sentença nem quanto à referência do sujeito. No que diz respeito à função, a construção busca corroborar uma posição de discordância a partir de um ato representativo em que se afirma a falsidade da proposição denotada pela sentença S, além da semântica de avaliação negativa de uma crença atribuída a um Sujeito de Consciência. A partir dessa análise, foi possível postular a existência de uma construção mais abstrata que, do ponto de vista da forma, exibe a sequência [VÊ/VEJA SE] S e, do ponto de vista do significado, preserva a semântica de avaliação negativa.

Este estudo, porém, deixa alguns caminhos a serem explorados. Um dos possíveis desdobramentos da pesquisa, dada a natureza inegavelmente intersubjetiva das construções em foco, é a análise de sua trajetória diacrônica à luz do tema da (inter)subjetividade (Langacker, 1991; Traugott; Dasher, 2002; Verhagen, 2005; Tantucci, 2020; 2021), entendida como uma dimensão da linguagem humana em que o significado reside no gerenciamento mútuo de ações conjuntas. Acreditamos, ainda, que esta pesquisa pode abrir caminhos para o estudo de construções gramaticais que se mostrem, em alguma medida, análogas aos padrões que estudamos aqui. A esse respeito, temos em mente esquemas como, por exemplo, as construções ONDE QUE X? (como em “Onde que isso é jeito de tratar a mãe?!”) e ONDE JÁ SE VIU X? (como em “Onde já se viu tratar a mãe desse jeito?!”). Vale notar que, assim como os padrões idiomáticos com [VÊ/VEJA SE] S, essas duas construções também exibem, simultaneamente, irregularidade (do ponto de vista da forma) e função intersubjetiva (do ponto de vista do significado). Acreditamos que investigar essa família de construções é um caminho promissor (e ainda inexplorado) de pesquisa no que diz respeito à gramática do PB.

Referências

- ALVES, D. O.; PINHEIRO, D. O. R.; LEITE DE OLIVEIRA, D. “Vê se lê este artigo”: o surgimento de uma construção idiomática com VÊ/VEJA SE S no português brasileiro. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 303-323, 2023.
- ALVES, D. O.; PINHEIRO, D. O. R. Analogização e o surgimento de uma nova construção idiomática com VÊ/VEJA SE S no português brasileiro. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, no prelo.
- ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. M. P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. **Finos Leitores: Jornal de Letras**, Brasília, v. 3, n. 1, 2007.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals of language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ELLIS, N. C.; ROBINSON, P. (eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition**. London: Routledge, 2008. p. 216-236.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: United Kingdom University Press, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- FILLMORE, C. **Syntactic Intrusions and The Notion of Grammatical Construction**. Proceedings of the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1985. p. 73-86.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. **Language**, n. 64, p. 501-538, 1988.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and Its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind**. Chicago: University Chicago Press, 1987.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form: A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**, vol. 2, Descriptive Application. California: Stanford University Press, 1991.

MAAT, H. P.; SANDERS, T. Subjectivity in causal connectives: An empirical study of language in use. **Cognitive Linguistics**, v. 12, n. 3, p. 247-273, 2001.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-based Construction Grammar: Experimental and Corpus-based Perspectives**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

SANDERS, J.; SANDERS, T.; SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: A mental spaces analysis of subjectivity in causal connectives. **Discourse Processes**, v. 45, n. 1, p. 1-22, 2009.

SANDERS, T.; SWEETSER, E. Causal categories in discourse and cognition: Sources of coherence in text and mind. **Discourse Studies**, v. 14, n. 3, p. 209-228, 2012.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **Alfa**, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SEARLE, J. **Expression and meaning: studies in the Theory of Speech Acts**. New York: Cambridge University Press, 1979.

TANTUCCI, V. From co-actionality to extended intersubjectivity: Drawing on language change and ontogenetic development. **Applied Linguistics**, v. 41, n. 2, p. 185-214, 2020.

TANTUCCI, V. **Language and social minds: The semantics and pragmatics of intersubjectivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. New York: Oxford University Press, 2013.

VERHAGEN, A. **Constructions of Intersubjectivity**: Discourse, Syntax and Cognition. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Sobre os autores

Dennis de Oliveira Alves

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3529-9623>

Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde cursou também o Mestrado em Linguística e a Licenciatura em Letras - Português/Latim. Atua como professor de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ).

Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>

Tem doutorado em Linguística e mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Professor Adjunto da UFRJ, membro titular do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Atuou como Pesquisador Visitante na Universidade de Lancaster (Reino Unido), onde realizou estágio de pós-doutoramento.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

Metáfora e mudança semântica do arranjo [V por terra]

Metaphor and semantic change to the arrangement [V por terra]

Morgana Fabiola Cambrussi¹
Adriana Hoffmann²

Resumo: Neste artigo, investigam-se as mudanças de sentido do arranjo [V por terra] no seu processo de construcionalização, com foco nos sentidos metafóricos identificados em usos que indicam expansão semântica. A base teórica que orientou esta pesquisa foram os princípios da Gramática de construções, teoria que compreende o conhecimento linguístico do falante como uma rede de construções, ou seja, pares FORMA-SIGNIFICADO, abrangendo todos os níveis linguísticos. Além disso, a Teoria da Metáfora Conceitual nos orienta em relação à convencionalização dos sentidos metafóricos da construção [V por terra]. O corpus analisado pertence ao segmento Gênero/Histórico do Corpus do Português e compreende um conjunto de 779 ocorrências, distribuídas no período histórico dos séculos XIV a XX. O estudo indica que o arranjo [V por terra] passou por um processo de construcionalização, dando origem a um novo pareamento entre forma e função. Diante disso, o objetivo do trabalho é analisar como ocorreram as transformações diacrônicas que afetaram o sentido do arranjo [V por terra] e descrever a contribuição das metáforas no processo de mudança. Os resultados dessa análise indicaram que foi determinante a atuação de três metáforas primárias no processo de mudança semântica, sendo TEMPO É ESPAÇO e RUIM É PARA BAIXO duas metáforas de base para o mapeamento conceitual e POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO uma metáfora que resulta *a posteriori*, representando as funções mais abstratas do arranjo.

Palavras-chave: Construcionalização. Metáfora. Gramática de construções diacrônica.

Abstract: This article proposes an investigation of meaning changes to the arrangement [V por terra] in its constructionalization process, focusing on metaphorical meanings identified in uses that indicate semantic expansion. The theoretical basis that guided this research was the principles of Construction Grammar, a theory that understands the speaker's linguistic knowledge as a network of constructions, that is, FORM-MEANING pairs encompassing all linguistic levels. Additionally, the Conceptual Metaphor Theory guides us regarding the conventionalization of the metaphorical meanings of the arrangement [V por terra]. The corpus analyzed here is part of the genre/history of *Corpus do Português* (a large full-filled corpora of Portuguese) and comprises a set of 779 occurrences, distributed between the 14th to the 20th centuries. The study indicates that the arrangement [V por terra] went through a constructionalization process, provoking a new pairing between form and function. Therefore, the objectives are to analyze how diachronic transformations that affected meaning to the arrangement [V por terra] occurred.

Keywords: Constructionalization. Metaphor. Grammar of diachronic constructions.

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Graduação em Letras. Chapecó, SC, Brasil. Endereço eletrônico: morgana@uffs.edu.br.

² Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Chapecó, SC, Brasil. Endereço eletrônico: adrihoffmann@estudante.uffs.edu.br.

Introdução

Através de análises principalmente orientadas diacronicamente, que tendem a se concentrar na identificação de mudanças parciais discretas que envolvem características de um padrão mais amplo, podemos conhecer a gradualidade da mudança linguística e responder questões sobre a natureza do conhecimento linguístico dos falantes e a sua reorganização ao longo do tempo. A abordagem construcional potencializa essas análises, pois não separa a forma linguística de seu significado, função e princípios de uso, mas, em vez disso, toma essas dimensões como um todo integrado – uma construção – ou seja, um padrão convencional de compreensão dos falantes.

Uma das preocupações da Gramática de Construções Diacrônica é identificar mudanças na relação entre forma e função dentro de um determinado padrão linguístico e, sob essa perspectiva teórica, este artigo propõe-se a analisar as mudanças de sentido do arranjo [V por terra] no seu processo de construcionalização, com foco nos processos metafóricos envolvidos.

Entendemos que o arranjo [V por terra] passou por um processo de construcionalização, dando origem a um novo pareamento simbólico e convencional da língua portuguesa, exemplificado em (3). Acreditamos que esse processo de expansão semântica até a construcionalização tenha se dado com o nome “terra”, que passa a designar não só uma parte da superfície terrestre, por onde normalmente se desenvolve uma trajetória (1), mas um ponto de culminação para uma mudança de posição e, posteriormente, para uma consequente mudança de estado em decorrência do evento, em que ser posto por terra significa ser destruído, como em (2), ou chegar ao fim. Na nova forma convencionalizada, a noção de mudança de estado locativo desaparece e inferimos apenas uma mudança aspectual, como em (3), em que algo antes tomado como verdadeiro (os mitos) é invalidado ou tem seu fim definido, marcando um ponto de culminância temporal.

- (1) E desta guisa foron vencidos os mouros das galees que levavam a balsa. Mas os outros mouros que **viinham per terra** en guarda della, de hũa e da outra parte do ryo acharonse con os cristãos e lidaron con elles e foron os mouros vençidos. E tornaron costas e começarõ de fugir e os cristãos empos elles, matando e derribando de cada parte do ryo (CHdP: Crônica Geral da Espanha, 1344)
- (2) (...) contra os fermosos templos e sumptuosos edifícios o tremor da terra que per muitas vezes em diversas partes tem **posto por terra** muitos edifícios e cidades (CHdP: Obra completa, Gil Vicente, 1562).
- (3) O manual **derruba por terra**, com argumentos inteligentes e muita ironia, os velhos mitos latino-americanos do anti-americanismo, das justificativas da pobreza do continente devido à exploração dos países ricos (CHdP: Perfeito Idiota, 1997).

Sabemos que, além de alterações no significado do esquema já existente, para que tenhamos o surgimento de uma nova construção, conforme Traugott e Trousdale (2013), é

necessário observar mudanças na forma. No caso de [V por terra], observamos restrições morfológicas, tais como a impossibilidade de a preposição *por* contrair-se com artigos e o impedimento de usarmos o nome *terra* no plural para que os novos significados sejam inferidos. Observamos também que os arranjos sintáticos em que a construção aparece, indicando o novo significado convencionalizado, são mais restritos do que aqueles nos quais a sequência [V por terra], em seu sentido fonte, apresenta-se. Entretanto, o objetivo deste trabalho é analisar como ocorreram as transformações diacrônicas que afetaram o sentido do arranjo em questão até a consolidação da nova construção e a atuação das metáforas no decurso dessas mudanças.

Nossa hipótese é a de que, nesse processo de expansão semântica e mudança construcional de sentido, a ativação de certas metáforas desempenha um papel determinante. A ideia de que algo foi por terra, o ponto mais baixo do nosso corpo, infere um sentido negativo de destruição e está relacionada à metáfora orientacional RUIM É PARA BAIXO. Além disso, a ideia de movimento (deslocamento) espacial interpretado no arranjo em seu sentido original passa a ser interpretado como passagem do tempo, sendo que o sintagma “por terra” funciona como uma barreira física para uma mudança aspectual: o fim de um evento (efeito télico) e, neste caso, observamos a influência da metáfora conceitual TEMPO É ESPAÇO.

Os dados analisados para investigação são provenientes do Corpus do Português, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Neste portal eletrônico, estão disponíveis três *corpora* distintos, sendo que, para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos o segmento Gênero/Histórico (doravante CHdP) para compor nosso *corpus* diacrônico. Essa base de dados compreende os anos de 1300 a 1900, com textos em Português Europeu e Brasileiro, sendo que realizamos nossa pesquisa sem restringir nenhum período. O *corpus* Gênero/Histórico possui uma ferramenta de busca na qual empreendemos a pesquisa pelo arranjo [V POR TERRA], todo em maiúsculas, pois, dessa forma, a ferramenta também busca por formas flexionadas que se encontrem associadas a essa unidade base. Levamos em conta também as diferentes grafias, como *hir* (verbo ir).

Foram encontradas, ao todo, 779 ocorrências da construção pesquisada, em textos escritos dos séculos XIV a XX, cuja divisão por século encontra-se no Quadro 1. Empreendemos, então, uma análise qualitativa dos dados acerca dos contextos de uso da construção para verificar os textos nos quais a expressão era utilizada em sentido referencial (dicionarizado) e aqueles em que um novo sentido de ponto de término de um evento ou a invalidação de uma ideia já estava convencionalizado. Entre esses dois polos, encontramos usos nos quais é possível perceber extensões metafóricas de sentido, que não constituem ainda uma nova construção, mas que, possivelmente criaram o caminho propício para o seu desenvolvimento, conforme veremos nas análises.

Gramática de construções diacrônica

A Gramática de Construções surge da preocupação em encontrar um lugar para as expressões idiomáticas no conhecimento de linguagem do falante e da ideia de que a não-composicionalidade é mais presente na linguagem do que se poderia pensar. Unidades idiomáticas são, segundo a GC, construções complexas cujo significado não pode ser totalmente derivado de suas partes, constituindo pares não convencionais de forma-significado que precisam ser aprendidos e armazenados pelos falantes. Temos, portanto, uma ampliação da aplicação do signo saussuriano, em que a relação simbólica arbitrária entre forma e significado não é apenas útil para a descrição de palavras, mas para a representação de unidades portadoras de significado de tamanhos variados e em diferentes níveis de abstração. Esta noção ampliada do signo saussuriano tornou-se conhecida como 'construção' (que inclui morfemas, palavras, expressões idiomáticas, bem como padrões frasais abstratos) e as várias abordagens linguísticas que exploram esta ideia foram, portanto, rotuladas de Gramática de Construção (Hoffmann, 2017).

Sob essa perspectiva teórica, as construções são as unidades básicas da linguagem humana e a gramática mental dos falantes é uma rede de construções esquemáticas. A ativação desses esquemas fundamenta um conjunto particular de enunciados. Nosso conhecimento da linguagem é composto, portanto, por uma rica rede de construções parcialmente sobrepostas, que são aprendidas para transmitir a variedade de mensagens sobre as quais as pessoas escolhem falar (Goldberg, 2003).

De acordo com Goldberg (1995), qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou significado não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Sua tese central, portanto, é a de que construções carregam significado independentemente de padrões gramaticais ou do significado isolado das palavras presentes. A não previsibilidade está intimamente ligada às noções de idiomatidade e não composicionalidade, que também são frequentemente utilizadas para defender o estatuto de construção de um padrão.

Nas pesquisas em Gramática de Construções, iniciou-se uma vertente de trabalhos focada nas questões da mudança linguística³, particularmente em como nosso inventário de construções (*constructicon*) muda ao longo do tempo à medida em que novas construções surgem e construções antigas caem em desuso. Surge, assim, a Gramática de Construções Diacrônica, um campo da linguística que adota a perspectiva teórica construcional para o estudo da mudança linguística. Como na GC em geral, as construções tratadas diacronicamente vão desde aquelas totalmente especificadas lexicalmente até aquelas

³ Conferir Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2013, 2021), Barddal e Gildea (2015), Diessel (2019).

totalmente esquemáticas e seus significados podem ser de natureza mais gramatical ou mais lexical.

O fenômeno que teve mais destaque na Gramática de Construções Diacrônica é o desenvolvimento de novas construções, ou, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), o processo de construcionalização. De acordo com os autores, construcionalização é o processo pelo qual uma nova construção surge na língua, através de mudanças linguísticas que afetam a forma e o significado de uma construção já existente. Quando temos um novo pareamento de forma e função, consolidado pelo uso, estamos diante de uma nova construção e de um novo nó na rede linguística dos falantes.

Traugott e Trousdale (2013) chamam de mudança construcional a sucessão de passos convencionalizados que afetam apenas uma dimensão interna da construção – ou forma ou significado – e antecedem o possível surgimento de uma nova construção. Segundo os autores, essas modificações só podem ser acessadas em retrospectiva (diacronicamente), pois nenhuma mudança construcional que esteja acontecendo em sincronia nos garante que haverá o surgimento de uma nova construção. Se alguma coisa muda ou não, é em função de como as pessoas usam a língua ou do modo como elas avaliam certas expressões.

De acordo com Hilpert (2021), existem outras distinções além de construcionalização *versus* mudança construcional que podem ser muito úteis para o estudo da mudança linguística. O foco do autor são as mudanças nos padrões de associação dos elementos lexicais de uma construção, variações essas que também são objeto de interesse desta pesquisa. Segundo ele, as conexões são tão importantes quanto o surgimento de novas construções e, portanto, a construcionalização representa apenas um subconjunto de todas as mudanças que ocorrem. Segundo Hilpert (2021), a mudança linguística deve ser observada sob várias perspectivas: como construções surgem e desaparecem, como construções existentes mudam de forma e função, como os links das redes construcionais surgem e desaparecem e como os links existentes se tornam mais fortes ou mais fracos. Observamos que tais conexões não se limitam a associações semântico-lexicais, mas também capturam aspectos formais.

O que é consenso na Gramática de construções é as mudanças emergem do uso repetido em contextos específicos, levando ao fortalecimento de conexões, à criação de novas construções e à competição entre formas alternativas. Sendo assim, prioriza-se o uso de dados linguísticos reais representativos de uma língua, produzidos com finalidades comunicativas, obtidos por meio de *corpora*.

De acordo com Barddal e Gildea (2015), no que diz respeito às alterações na forma de uma construção, podemos verificar mudanças nos aspectos fonológicos, morfológicos e/ou sintáticos. Em relação às alterações de significado, podem ocorrer mudanças na semântica lexical de palavras específicas da construção, acrescidas ou não de mudanças na semântica

proposicional. No caso de uma mudança proposicional, é provável que uma nova construção surja, geralmente porque o significado deixou de ser derivável em termos de composição. As mudanças semânticas seguirão as rotas já conhecidas, como extensões de sentido através de metáforas e metonímias, desbotamento semântico e inferências pragmáticas.

Esta pesquisa trata justamente das mudanças de significado que ocorreram na trajetória de construcionalização do arranjo [V por terra] sob a influência de processos metafóricos, que detalharemos a seguir.

Metáfora e mudança semântica

A Teoria da Metáfora Conceitual (Lakoff; Johnson, 1980) será a ancoragem referencial pela qual discutiremos a convencionalização dos sentidos metafóricos da construção [V por terra] no curso das transformações de sentido que, conforme argumentamos, são o percurso da mudança semântica dessa construção. As mais recentes funções do arranjo parecem ser licenciadas e estruturadas por duas metáforas primárias de base para o mapeamento conceitual e uma terceira metáfora primária derivada *a posteriori*: de um lado, TEMPO É ESPAÇO⁴ (metáfora de natureza estrutural, pois o conceito de tempo é elaborado em termos do conceito de espaço) e RUIM É PARA BAIXO (metáfora de natureza orientacional, pois a orientação e a disposição dos corpos no mundo servem de referência para a criação da metáfora), de outro, POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO (metáfora de natureza ontológica, pois emoções, ideias e eventos abstratos ou relativamente abstratos são explicados a partir de nossa experiência com um elemento concreto – *terra*).

Expressões linguísticas como *seus planos foram por terra* ou *caiu por terra a expectativa de crescimento econômico* não poderiam ser interpretadas literalmente, enquanto *a caravana foi por terra* ainda comporta leitura não figurada, ou seja, nos usos que acionam conceitos metafóricos, estamos diante da metaforização de uma expressão que compartilha inferências concretas do espaço (*a terra, o chão, o limite* definido na experiência corporificada) com conceitos mais abstratos (relacionados ao campo das frustrações, da falha, do equívoco). Ao serem projetadas essas inferências metafóricas de um domínio da experiência humana sobre outro, o arranjo [V por terra] toma do domínio-fonte TERRA o conceito de ponto mínimo, de chão, pelo qual interpretamos o domínio-alvo ruína/término, dando vez à metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO, conforme detalharemos a seguir.

A teoria cognitiva define metáforas primárias como mapeamentos conceituais que ocorrem no âmbito do pensamento humano, relacionados à experiência corporificada, à experiência sensório-motora e à cultura (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2002). Inserida

⁴ Para uma análise detalhada das três metáforas primárias RUIM É PARA BAIXO, TEMPO É ESPAÇO e DISCUSSÃO É GUERRA, citadas neste artigo, recomendamos a consulta a Lakoff e Johnson (1980).

nessa compreensão, a metáfora primária POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO espelha o esquema de um pensamento abstrato segundo o qual o ponto abaixo do corpo, representado por terra/chão, é o estágio terminal de algo que se desintegra. Nesse ponto, destacamos haver uma conexão com a metáfora RUIM É PARA BAIXO, conexão essa que reforça a inferência negativa e a identificação de um *frame* de dano sofrido. Já a metáfora primária TEMPO É ESPAÇO ganha proeminência ao interpretarmos o ponto mínimo de localização no espaço (terra) como o final da duração de um estágio temporal. Com isso queremos sustentar que usos como (4) mobilizam ao menos essas três metáforas primárias de forma interconectada.

- (4) a presença real dela agora transformada em mulher, antes em anjo radiante de mocidade e formosura, o havia deslumbrado e subjugado completamente, ameaçando deitar por **terra** toda a sua vocação clerical, e anular de todo o resultado dos esforços empregados pelos padres durante quatro anos de noviciado. (CHdP: O Seminarista, 1800s)

Em *deitar por terra toda a sua vocação clerical*, é definido um ponto mínimo a que pode ser lançada a vocação, que representa a sua extinção, o fim da vocação clerical. O *frame* de dano sofrido é acionado com o uso do arranjo [V por terra] à medida que *deitar por terra* indica eliminar, acabar, demover, e *terra* é o elemento tomado como ponto de anulação vocacional. Portanto, em (4), POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO ao mesmo tempo em que se mantém a ideia de um movimento para baixo, representado pelo evento de *deitar*. A associação entre o evento de movimento com trajetória para baixo e o acionamento do *frame* de dano sofrido traz à tona a concepção de que RUIM É PARA BAIXO, ao mesmo passo em que marca, por meio de projeções do domínio-fonte *terra*, o ponto de localização espacial que identifica, cumulativamente, a conclusão do intervalo temporal pelo qual durou da vocação clerical; esse ponto-de-fim é estruturado pela metáfora primária TEMPO É ESPAÇO – já que, conforme argumentamos, originariamente, o arranjo [V por terra] era empregado em contextos como o de (5), em que a ocorrência registra um deslocamento físico.

- (5) E, porque ho Ifante Dom Fernando, por ser doente, nom estava em desposiçam de hir por **terra**, foyssse por mar atee Tanger, com a frota (CHdP: Crónica de D. Duarte, 1400s).

Nesse caso, *ir por terra* aponta o deslocamento pelo espaço, com referência unicamente ao evento de movimento indicado pelo verbo *ir*. Diferente do que foi possível destacar anteriormente em (4), a ocorrência de (5) toma *terra* como porção territorial, terra firme, em oposição ao mar, denota de modo não figurado o deslocamento de pessoas pela terra, em uma trajetória longitudinal, ao longo de um percurso. O *frame* acionado nesse caso é de viagem/expedição, e não o de dano sofrido. Ainda outro uso do arranjo [V por terra] se destaca em contexto não metafórico, como podemos observar em (6).

- (6) O REPRESENTADOR: Não foram necessarios rogadores, nem arengas: o filho lançou-se por **terra** aos pes do pai, ele co's olhos cobertos d'agua alevantou-o, de hũa parte e da outra as lagrimas supriram por palavras. (CHdP: Estrangeiros, 1500s)

Nesse caso, o arranjo [V por terra], em seu sentido-fonte, não aciona o *frame* de dano sofrido, tampouco de viagem/expedição. Ocorre uma mudança de localização espacial, na disposição dos corpos (o filho *lança-se por terra* e é levantado pelo pai, em uma cena de reencontro), entretanto não há inferências que indiquem perda, deterioração ou outro elemento de valoração negativa. Isso difere do dado em (7), por exemplo.

- (7) Cortou-se dahi a alguns dias huma fermoza cruz que estava na praia de Arima, junto da qual se fazia o enterramento dos deffuntos e era ornamento da povoação e alegria para os christãos quando vinhão de mar em fora. Socedeo que, passando algum tempo depois de cortada e lançada por **terra** com abatimento e desprezo dos bonzos e mais gentios, que vierão dous homens cazados, moradores na mais propinqua rua que alli havia, os quaes tinham retrocedido: (CHdP: Crónica de D. Duarte, 1500s).

A cruz lançada por terra indica, como resultativo, sua ruína, sua destruição. Nesse caso, mesmo sem ainda acionarmos a metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO, o sentido-fonte do arranjo [V por terra] em (7) sublinha o *frame* de dano sofrido, em que a cena de destruição é representada pela disposição final do objeto físico (resultativo), indicando que, lançada ao chão, no nível do solo, a mudança de localização espacial com trajetória para baixo indica uma mudança de estado para o objeto cruz: ao chão, está destruída, depredada. Ocorrências dessa ordem parecem abrir caminho para a metaforização que identificamos em (8) e (9), em que ainda há elementos de sentido mais concreto, que comportam esse traço semântico, até chegarmos à figuratividade de usos como (10), de natureza abstrata, integralmente estruturados a partir de POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO.

- (8) Dir-se-ha da grãde destruição como foy a dos sybaritas cuja bargantaria foy causa de serem postos por **terra** * sybaritae per plateas. (CHdP: Dicionário de Latim-Português 3, 1500s).
- (9) assi se assentou Filomesta sobre seu cavalo morto, depois de muito bracejar e manear das armas, olhando como tinha abatida e lançada por **terra** a bravura de seus inimigos (CHdP: Saudades, 1500s).
- (10) Mas, se o plano de derrubar o regime correu como o previsto, o mesmo não aconteceu com o plano militar de encontrar armas de destruição massiva. Os soldados da coligação não encontraram vestígios de armas químicas ou biológicas em território iraquiano, o que deitou por **terra** um dos principais argumentos a favor da ofensiva militar no Iraque (CHdP: Guerra contra o Iraque, 1900s).

Em (8), o sentido metaforizado ainda recupera, em alguma medida, a queda concreta dos *sybaritas*, que foram vencidos, dominados (a queda dos corpos em batalha antecede a queda do povo). Nesse caso, *terra* é tomada como ponto de culminância do evento de subjugação (TEMPO É ESPAÇO), novamente registramos trajetória para baixo e *frame* de dano sofrido (RUIM É PARA BAIXO, além de POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO). Análise similar podemos estender a (9), em relação a lançar por terra a bravura dos inimigos, já que a queda figurativa e abstrata da bravura coincide com a queda física e concreta dos inimigos em batalha. Por outro lado, (10) não guarda lastro com nenhum elemento que possa indicar uma movimentação física para baixo, tampouco um deslocamento pelo espaço (evento de movimento com trajetória). Esse uso ilustra a concretização da metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO, em que *deitar por terra um dos principais argumentos* marca metaforização completa da trajetória para baixo, do *frame* de dano sofrido e, ainda, registra a interação com outra metáfora primária – DISCUSSÃO É GUERRA – realçando os sentidos de [V por terra] como eliminar ou vencer e de *terra* como ponto de desmantelamento, de fim. Essas diferenças sugerem que podemos estar diante de um *continuum* de metaforicidade do arranjo [V por terra], como propomos a seguir, na seção de análise.

Análise e resultados

No português, a sequência formada por um *verbo* + o sintagma nominal preposicionado *por terra* tem sido associada a diferentes funções, conforme observamos nos dados coletados no Corpus Histórico do Português. Foram encontradas, ao todo, 779 ocorrências, compreendendo os séculos XIV a XX. Em 63 desses trechos, o arranjo [V por terra] já passou pelo processo de construcionalização e pode ser interpretado em sua nova forma e função. Em 659 ocorrências, interpretamos este mesmo arranjo sendo utilizado em sentido referencial, dicionarizado, e, nos 57 exemplos restantes, observamos que [V por terra] aparece com sentido metafórico (extensão de sentido), dos quais trataremos no decorrer do texto. Detalhamos essas informações no quadro abaixo, por século:

Quadro 1- Contextos de uso da sequência [V por terra].

	SÉC. XIV	SÉC. XV	SÉC. XVI	SÉC. XVII	SÉC. XVIII	SÉC. XIX	SÉC. XX
Com sentido referencial	63 (100%)	67 (100%)	149 (84%)	72 (78%)	43 (84%)	175 (83%)	90 (78%)
Com extensão de sentido	-	-	24 (14%)	18 (20%)	5 (10%)	8 (4%)	2 (2%)

Nova construção	-	-	5 (2%)	2 (2%)	3 (6%)	29 (13%)	24 (20%)
Total de ocorrências por século	63	67	178	92	51	212	116

Fonte: elaboração própria

Estamos tratando como sentido referencial os usos em que o sintagma nominal “terra” pode ser interpretado de acordo com as definições trazidas pelo dicionário Houaiss para o verbete. No quadro abaixo, apresentamos os usos conotativos para a palavra “terra”, observados no corpus coletado⁵.

Quadro 2- Significados referenciais atribuídos ao verbete terra

SIGNIFICADO	Nº DE OCORRÊNCIAS	EXEMPLO
1. chão, solo.	226	O sangue refluiu-lhe todo ao coração quando reconheceu a letra de Barbosa no subscrito liso, do papel diplomata(...). Arrancou-a violentamente da mão do moleque, deixando cair por terra os jornais, que não curou de erguer: acolheu-se ao seu quarto, apenando-a de encontro ao seio (CHdP: A carne, Julio Ribeiro, 1888).
2. a superfície sólida da crosta terrestre em oposição ao mar ou ar, via terrestre.	170	E as barquas em que embarquamos eram duas as quaees estavam liadas pera que podesemos jr juntos, afora outras muitas barcas em que hia outra mujta gente. Da que hia por terra nam diguo nada que era jnfindisima a quall vinha toda a nos ver, e por este rrio hiriamos obra duûa legoa (CHdP: Diário da viagem de Vasco da Gama, 1498).
3. local, região, território.	158	E foi (segundo se crê) a primeira terra que tomou e onde fez muita cristandade a cidade e reino de Cranganor; daqui passou a Coulão e,

⁵ As definições foram reproduzidas da página online do dicionário Houaiss. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#1. Acesso em: 15 jun. 2024.

		convertidos muitos, atravessou os <u>montes pregando pela terra</u> dentro até vir a dar na outra costa oriental do Indostão onde na cidade de Meliapor e todo o reino de Choromânde trouxe a Deus grande multidão de povo (CHdP: História da vida do Padre S. Francisco Xavier, Lucena, 1600).
4. porção de terreno que pertence a alguém; domínio, propriedade.	48	Em Alemanha se armam todos os príncipes; não se sabem os intentos; fervem as negociações. Tem-se por certo o casamento do imperador com a princesa Inspruch, e que fará a viagem com grande rodeio por não <u>passar pelas terras</u> de outro príncipe. El-rei de França já fica em campanha, e o príncipe de Condé em Utreque (CHdP: Cartas. Pe. Antonio Vieira, 1626).
5. território geograficamente delimitado e habitado por uma coletividade com história própria; país.	16	O rapaz grandalhão pagou a ofensa com um tiro, <u>fugiu por terras</u> de Espanha, escondeu-se em França, e a guerra foi ali buscá-lo (CHdP: Minas de San Francisco, Fernando Namora, 1946).
6. planeta do sistema solar.	15	Se este eixo estiver inclinado em relação ao eixo de rotação da estrela, o raio que contém a radiação electromagnética descreve um círculo que pode ser <u>intersectado pela Terra</u> (CHdP: Pulsar, 1900).
7. grande extensão de terreno.	13	Ainda mais mandava que quaaesquer que andassem em avito d'ermitaões <u>pedindo pella terra</u> fértil , sem trabalhando per suas mãos em cousa per que vivessem, que lhes mandassem e fossem costringidos que husassem de mester da lavoira ou servissem os lavradores (CHdP: Crônica de Dom Fernando, Fernão Lopes, 1440).

8. diversas partes do globo terrestre.	8	Não <u>faltarão pela terra</u> outros inventores desses alambiques bem escusados. Apolo - Ora já parece muito que, metendo-vos por minha casa, eu não mostre que sou vivo (CHdP: Apolo, Francisco Manuel de Melo, 1665).
9. mundo físico, experiência terrena.	3	Á maneira que ela se afastava, parecia-lhe maior, mais bela: e aquela imagem falsa e literária de uma deusa <u>marchando pela terra</u> prendia-se-lhe à imaginação (CHdP: Os mais, Eça de Queiroz, 1888)
10. lugar ou localidade em que se nasceu ou em que se habita.	1	Alto lá, que o capitão é cá do Ceará, nascido em Inhamuns, na fazenda das Araras, onde morava o defunto coronel, antes de vir para o Bargado, disse Raimundo, <u>acudindo pela terra</u> natal. - Cá para mim que sou de Pajeú de Flores, tudo é Pernambuco, Raimundo, quer tu queiras, que não! (CHdP: O vaqueano, Apolinário Porto-Alegre, 1872).
11. torrão natal; pátria.	1	A verdade é que a obra deste homem que desenha desde criança e que comprou a primeira caixa de aquarelas aos 14 anos e de óleos aos 18 está por tudo quanto é sítio, quer em Portugal, quer além-fronteiras. A <u>começar pela terra</u> que o viu nascer - Santa Maria da Feira - onde mais de 40 trabalhos respiram numa sala (com o nome do pintor) que traduzem e interpretam o que de melhor tem saído das suas mãos (CHdP: A arte e as palavras, 1900).

Fonte: elaboração própria.

É interessante observar que o uso da palavra “terra” com o sentido de superfície sólida da crosta terrestre, em oposição ao mar, está concentrado principalmente nos séculos XIV, XV e XVI, pois o Corpus Histórico do Português tem como fonte muitos textos de crônica histórica, escritos em um contexto de navegação e exploração, como em (11).

- (11) Estas cousas amdarom asy antes que se viesem a comvir que viesem sobre a çidade. E fizeram pauto que, se a çidade fose tomada, que a metade fose del-rey e a metade dos estranheyros. E loguo, sem mais tardar, **partirom per terra** e a frota per mar, a cerquar Lixboa (CHdP: Crônica de Portugal, 1419).

No exemplo acima, a palavra "terra" está sendo usada no sentido de "via terrestre" ou "por terra firme", em contraste com a frota que partiu "per mar" (por mar). O trecho descreve a estratégia de um cerco, onde um grupo parte por terra enquanto outro grupo, a frota, parte pelo mar para cercar Lisboa.

O arranjo [V por terra] em contextos-fonte, ou seja, quando há a manutenção dos sentidos mais prototípicos e concretos dos itens, está ancorado principalmente no *frame* de deslocamento espacial. O sintagma preposicionado "por terra" tem função sintática de complemento circunstancial, um complemento de natureza adverbial indispensável a construção do verbo que, nesse caso, indica o modo como o deslocamento ocorreu. Da mesma forma, vimos isso ocorrer com verbos de movimento como ir, vir, partir, entrar, chegar, seguir, caminhar, transportar, conforme observado no *corpus*, quando o sentido retratado para "terra" é de território, região (especificada ou não).

Quando o nome "terra" pode ser interpretado como solo ou chão, a categoria mais frequente de verbos que preenchem a posição do esquema também é de mudança de lugar. Nesses casos, o sintagma preposicionado "por terra" também exerce a função sintática de argumento verbal, agora com a função semântica de locativo, como em (12).

- (12) O animal pulou de lado, quase que **deitando por terra** o cavaleiro. Vitorino, aprumando-se, gritou: - Bando de cachorros! Um moleque escondido atrás duma moita de cabreira apareceu de repente na frente do animal para espantá-lo (CHdP: Fogo morto, José Lins do Rego, 1943).

No exemplo acima, "por terra" sinaliza o local em que se encontraria, caso a ação tivesse se concretizado completamente, o sintagma nominal "cavaleiro", que sairia da posição "sobre o cavalo" para o chão. Nesses casos, o sintagma preposicionado indica o ponto final, a culminação do evento expresso pelo conteúdo semântico do verbo, reforçando o deslocamento e marcando o ponto de término do movimento, tendo, portanto, propriedades télicas.

Observamos que o sentido com o qual o nome "terra" foi utilizado no contexto determina as características do verbo que preenche a posição variável do esquema e, além disso, defendemos a ideia de que foram as extensões semânticas desse sintagma que culminaram na construcionalização do esquema [V por terra].

As extensões de sentido que verificamos, de acordo com os dados do corpus, partem sempre do sintagma nominal "terra" sendo utilizado como referência a solo ou chão. A primeira

extensão de sentido verificada é bem específica e está relacionada ao argumento “olhos” , como em (13):

- (13) Trabajay muyto por hyr de cas em cas a pedyr cos olhos **postos por terra** por que assy se faz a guerra Para melhor vos saluar sede muy mexeryqueyro dūs & doutros mormurar & o goardiam louuar em tudo muy por ynteyro. Fij De garçia de rreesende. Falay mansso & de vaguar & souuerdes de rrezar seja alto & de maa mente & fazeyuos muy çyente por molheres confesar (CHdP: Cancioneiros de Resende, 1516).

No contexto acima, a expressão “com os olhos postos por terra”, refere-se ao ato de andar com os olhos voltados para baixo. Entretanto, há uma extensão de significado metonímica, que sugere uma postura corporal humilde ou submissa. Trata-se de um conselho para agir de maneira modesta e discreta enquanto se pede de casa em casa, possivelmente para evitar parecer confrontador ou orgulhoso. Portanto, “olhos postos por terra” significa olhar para o chão como um gesto de humildade. Agora, analisemos o trecho (14):

- (14) 200 soldados em oito fustas, que com grande valor entrarão a çidade, Jnda que acharão grande reziztença, e como toda he cuberta de ollas, que ardem como estopas, foy logo entregue ao fogo e no meo dele, fizerão os nossos grande estrago na gente da terra e nos palmares e fazendas que lhe cortarão, e pozerão por **terra** o que fizerão por sinco dias continuos, em que desembarcarão todas as madrugadas (CHdP: Década oitava da Ásia, Diogo Couto, 1564).

A palavra “terra” no contexto apresentado é utilizada no sentido de destruir ou devastar completamente uma área. A frase diz que os soldados fizeram grandes estragos, arruinando tudo que encontraram, de forma a deixar ao nível do solo, simbolizando completa devastação. Neste exemplo, temos a metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO. Exceto o caso apresentado em (3), em todos os usos metafóricos que envolvem a sequência [V por terra] temos a conotação de destruição. Esse contexto envolve principalmente construções ou cidades inteiras.

- (15) Este imperio Chim se lé que foy sempre corrêdo por direitas successoës de hus Reys nos outros desde aquelle tẽpo até hua certa idade, que, segundo parece pela nossa conta, foy no anno do Senhor de mil & cento & treze, & então foy esta cidade do Pequim entrada de inimigos, & assolada, & **derrubada por terra** vinte & seis vezes, mas como ja neste tẽpo a gente era muyta, & os Reys muyto ricos, dizem que o que então reynaua, que tinha por nome Xixipaõ, a cercou toda em roda da maneyra que agora está em vinte & tres anos (CHdP: Peregrinação, Fernão Mendes Pinto, 1603).

O texto (15) nos diz que a cidade de Pequim foi posta por terra vinte e seis vezes por inimigos. Essa informação nos sugere uma imagem de devastação e temos um nítido exemplo da metáfora orientacional RUIM É PARA BAIXO. *Estar ao chão* encapsula a ideia de

destruição, de perda total ou fim absoluto. Além disso, evoca um sentimento de derrota e de retrocesso aos esforços anteriores. Dessa forma, a força dessa imagem também está em seu contraste: a construção, que requer tempo, esforço e cuidado, é oposta à destruição, que pode ser rápida, violenta e definitiva.

Essa relação com o tempo é muito importante para compreendermos a expansão de sentido que ocorre com a expressão [V por terra]. Muito associada a verbos de mudança de posição espacial em seu sentido fonte, esse movimento no espaço físico transforma-se em movimento no tempo, acionando a metáfora conceptual TEMPO É ESPAÇO. A partir da interpretação de que a terra é um limite físico para algo que é posto abaixo, construímos a noção de limite temporal no qual a terra é a barreira temporal durativa de algo que estava construído, existia no mundo, para algo que foi destruído, deixou de existir – o fim de um intervalo de existência ou duração. A partir dessas noções conseguimos compreender o uso de [V por terra] em (16).

- (16) Ângelo, o primeiro homem que ela amava, repelia-a, como quem repele um réptil venenoso! Todos os sonhos daquele seu primeiro amor **ruíram por terra**, antes mesmo de bem vingados. Oh! como nesse momento Alzira desejava ser pura! (CHdP: A mocidade de D. João V, Rebelo da Silva, 1851).

Conforme vemos em (16), os sonhos de amor de Alzira foram arruinados após ter sido rejeitada por Ângelo. Temos uma ideia de fim, de término, associada ao domínio da destruição, mas ordenada temporalmente, o que pode ser inferido até mesmo pelo uso da preposição “antes”, que sucede o arranjo [V por terra]. Assim como podemos visualizar seu estado amoroso antes e depois do evento: os sonhos e esperanças de Alzira não tinham duração definida até ruírem por terra e terem um fim. A construção [RUIR POR TERRA], no contexto de uso observado em (16), tem um novo sentido convencionalizado, o sentido de término, conclusão de um evento, mudando o estado das coisas.

Com o passar do tempo, observamos mais uma extensão de sentido sendo atribuída a esse arranjo: a ideia de completa invalidação.

- (17) "Uma mulher honesta" protestava o Loureiro. Infâmias era o que se diziam da pobre senhora, infâmias que **caíam por terra**, ante o indefectível procedimento de D. Amanda! (CHdP: A normalista, Adolfo Caminha, (1893).

Em (17), quando o texto diz que as "infâmias caíam por terra", está-se utilizando a imagem de uma estrutura que desmorona para ilustrar como as calúnias contra D. Amanda foram completamente invalidadas e desacreditadas, pois não resistiram a sua conduta e perderam qualquer credibilidade.

No quadro abaixo, sintetizamos as mudanças construcionais de sentido observadas no arranjo [V por terra].

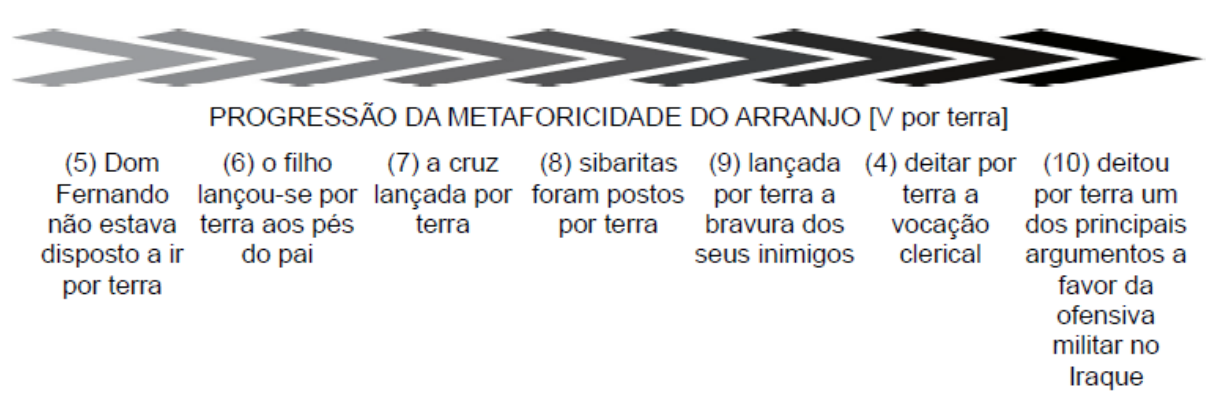
Quadro 3 – Aspectos semânticos da mudança construcional em [V por terra]

Sentido fonte	Sentido metafórico acrescentado	Novo sentido convencionalizado
chão, solo	destruição	fim absoluto, invalidação, rejeição, ruína
deslocamento no espaço (cima para baixo ou ao através de)	deslocamento no espaço (da posição vertical ao nível do chão)	deslocamento no tempo, fim da duração de um evento, término

Fonte: elaboração própria

A partir dos aspectos destacados pelo Quadro 3, e retomando os dados discutidos anteriormente na seção sobre metáfora, propomos a seguinte representação para o que acreditamos ser um movimento possível para a mudança semântica do arranjo [V por terra], partindo de usos em contexto-fonte até chegarmos a usos mais abstratos, os quais representam novos pareamentos entre forma e função consolidados.

Imagem 1: Continuum de metaforização do arranjo [V por terra]



Fonte: elaboração própria

A representação da Imagem 1 modula uma progressão de metaforicidade, iniciada pelos casos de [V por terra] em (5), (6) e (7), notadamente indicando movimento por via física, concreta, em estruturas com verbo pleno de movimento e, ainda, “por terra” como satélite que indica o modo de movimento ou o ponto final de uma mudança de localização espacial. Ainda que haja similaridades, aspectos semânticos bem específicos diferenciam esses casos, como o *frame* de viagem/expedição acionado por (5) ou o *frame* de dano sofrido acionado por (7),

ao passo que (6) não guarda relação imediata com nenhum desses *frames* (em (7), o enquadramento conceitual é de reencontro familiar).

Em continuidade, gradativamente elementos mais abstratos vão entrando em cena e, ainda que haja inferência de elementos de sentido mais concretos, elementos que comportam traços semânticos relacionados ao sentido-fonte não figurativo, há elementos proeminentes que são abstratos. Esse é o caso de (8) e (9), por exemplo, em que, respectivamente, *sibaritas foram postos por terra* indica uma dominação e queda política e econômica, mas com consequências físicas e concretas, e é *lançada por terra a bravura de seus inimigos*, finda a bravura enquanto sentimento (elemento abstrato) ao mesmo tempo em que finda a própria existência dos inimigos, cujos corpos *caem por terra*, podemos dizer.

O *continuum* segue até chegarmos à figuratividade dos usos em (4) e (10), de natureza essencialmente abstrata, estruturados a partir de POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO. Nesses últimos estágios, não vemos uma inferência que seja direta a elementos concretos de viagem/expedição ou de localização espacial (por terra = ao nível do chão). Em lugar disso, temos as inferências de limitação temporal, finitude (especialmente para (4)) ou mesmo de aniquilação (especialmente para (10)). Processos como esse não são exceção no campo de fenômenos envolvendo metáfora e metonímia conceitual, conforme já apontava Silva (2003, p. 18), ao destacar casos de metaforização em que há “transição gradual da literalidade para diferentes graus de figuratividade”.

Considerações finais

Partindo do pressuposto de que a construção é o *locus* da mudança linguística, as análises diacrônicas capturam a direção e a forma dessas mudanças, levando em conta o envolvimento comunicativo dos falantes em situações discursivas concretas e o papel dos princípios cognitivos gerais na facilitação de novas conceitualizações.

Neste artigo, defendemos a construcionalização do arranjo [V por terra] que, conforme Traugott e Trousdale (2013), passou por uma sucessão de passos convencionalizados que afetaram as dimensões internas da construção, resultando na criação de um novo pareamento forma-sentido. Conforme nosso objetivo, focamos no percurso das mudanças de sentido, particularmente no papel da metáfora nesse processo.

Através dos dados coletados, acompanhamos, no decorrer do tempo, a mudança do arranjo [V por terra] como uma construção ligada principalmente ao deslocamento espacial ou localização para uma construção aspectual, que marca o término de um evento. O início da expansão semântica deu-se com o nome “terra”, que passou a designar não só uma parte da superfície terrestre, mas um ponto de culminação para uma mudança de posição e, conseqüentemente, mudança de estado. Neste ponto da variação linguística, observamos a atuação de três metáforas primárias, sendo duas delas base para o mapeamento conceitual

(TEMPO É ESPAÇO e RUIM É PARA BAIXO) e uma terceira metáfora primária derivada a *posteriori*, que representa as novas funções do arranjo (POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO).

Essa mudança trouxe novos usos para a sequência [V por terra]. O emprego de “terra” como um ponto final para uma mudança de posição e a culminância de uma ação (destruição) leva este nome a representar, juntamente com o verbo, o ponto de término de um evento ou a invalidação de uma ideia. A mudança aspectual está relacionada ao tempo interno do evento, sendo que “terra” passa a ser compreendida como o ponto dessa mudança. Sendo assim, no novo sentido construcionalizado, o deslocamento espacial descrito nos usos referenciais do esquema [V por terra] passa a ser interpretado como um deslocamento temporal com culminância/término. Essa mudança é favorecida pelo conhecimento compartilhado de que TEMPO É ESPAÇO.

Nesse ponto, o sentido da construção não é mais previsível através de suas partes e a frequência desse padrão linguístico, com o novo sentido, demonstra que ele é armazenado como uma construção separada. O uso de um padrão específico é ao mesmo tempo resultado e força modeladora da estrutura, dessa forma, temos um caso em que aspectos regulares do contexto se tornaram convencionalizados e portanto parte do próprio sistema linguístico.

Referências

BARDDAL, J.; GILDEA, S. Diachronic construction grammar: epistemological context, basic assumptions and historical implications. In: BARDDAL, J. *et al.* (eds.). **Diachronic construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 1-50.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press, 2010.

DIESSEL, H. **The grammar network**. How linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Science**, University of Illinois, v. 7, p. 219–224, 2003.

HILPERT, M. **Constructional change in english**: Developments in allomorphy, word formation, and syntax. Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, M. **Ten lectures on diachronic construction grammar**. Leiden: Brill, 2021.

HOFFMANN, T. From constructions to construction grammars. In: DANCYGIER, B. (ed.). **The Cambridge handbook of cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 284–309.

KÖVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

SILVA, A. S. da. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 7, fasc. 1-2, p. 13-75, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre as autoras

Morgana Fabiola Cambrussi

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7061-6981>

Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul, vinculada ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, nos quais orienta trabalhos de ensino, de pesquisa e de extensão. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009).

Adriana Hoffmann

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7335-0648>

Possui graduação em Letras - Português/Espanhol pela Fundação Universidade do Contestado - Campus Caçador (2003) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2014). Doutoranda em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó/SC. Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Catarinense, Campus Videira/SC.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

O papel da dêixis em construções de evidencialidade com “quer ver”

The role of deixis in evidential constructions with “quer ver”

Rebeca Emerich Alvarez¹
Marcos Luiz Wiedemer²

Resumo: Sob uma perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, mais especificamente sobre os estudos da dêixis Marmaridou (2000) e do Funcionalismo Linguístico (Gívón, 2001), investigamos o papel da dêixis na construção evidencial [quer ver] no português brasileiro, a qual denominamos de marcador de evidencialidade, formada pelo esquema complexo $[[V_{\text{Volitivo(auxiliar)}} V_{\text{Percepção}}(\text{VER}\{\text{percepção não-visual (mental)}\})]\text{Operador de Evidencialidade direta/indireta}]$, a partir da estratificação sincrônica, em dados extraídos da amostra *Now*, do Corpus do Português. A partir da análise de contextos de usos de evidencialidade direta e indireta, os resultados indicam uma relação estreita entre a dêixis projetada pelo falante e a expressão da evidencialidade na construção “[quer ver]”. Além disso, o campo dêítico desempenha um papel central na criação de um contexto compartilhado entre o locutor e o interlocutor, influenciando a interpretação e compreensão da evidência apresentada.

Palavras-chave: Dêixis. Evidencialidade. Língua Portuguesa.

Abstract: From the theoretical perspective of Cognitive Linguistics, specifically the studies of deixis by Marmaridou (2000) and Linguistic Functionalism (Gívón, 2001), we investigated the role of deixis in the evidential construction [quer ver] in Brazilian Portuguese, which we call an evidentiality marker, formed by the complex schema $[[V_{\text{Volitive(auxiliary)}} V_{\text{Percepção}}(\text{VER}\{\text{non-visual (mental) perception}\})]\text{Direct/indirect evidentiality operator}]$, based on synchronic stratification, in data extracted from the *Now* sample, from the Corpus of Portuguese. By analyzing the contexts in which direct and indirect evidentiality are used, the results indicate a close relationship between the deixis projected by the speaker and the expression of evidentiality in the construction “[quer ver]”. In addition, the deictic field plays a central role in creating a shared context between the speaker and the interlocutor, influencing the interpretation and understanding of the evidence presented.

Keywords: Deixis. Evidentiality. Portuguese language

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: mlwiedemer@gmail.com.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: rebecaealvarez@gmail.com.

Introdução

No contexto da pesquisa linguística sobre a formação da construção [querer + ver] no português brasileiro (doravante PB), encontramos estudos que indicam a passagem de sentidos mais lexicais dos verbos “querer” e “ver”, os quais passam pelo processo de enriquecimento funcional (cf. Cezario, 2001; Rost, 2002) e desenvolvem novos usos, isto é, sentidos mais gramaticais. Nesse contexto, entre as possíveis configurações, o verbo “querer” assume o papel de auxiliar de futuridade (cf. Souza, 2019; Xavier, 2001; Viana, 2015; Costa; Souza; Vieira, 2020).

Na pesquisa de Costa, Souza e Vieira (2020), por exemplo, são apresentados os valores acionados pela construção [querer + *Vinfinitivo*], os quais, de certa forma, são simultâneos no que tange à aspectualidade. Podem indicar volição e futuro, nas formas de proximativo, iminencial inconcluso ou concessivo, representados por um *continuum*. Na extremidade do valor futuro, ocorre a realização propriamente dita, enquanto, na outra extremidade, o valor concessivo representa a não realização. No meio desse *continuum*, encontra-se o valor iminencial inconcluso, que descreve uma ação que quase aconteceu, mas não se concretizou, e o valor proximativo, que indica um futuro próximo.

Ao avaliarmos os achados de Costa, Souza e Vieira (2020), percebemos que os valores de futuridade identificados pelas autoras são aspectuais, ou seja, descrevem a maneira como uma ação ou evento é concebido em termos de sua duração, conclusão ou repetição. Com isso, é possível observar o caminho de desenvolvimento de *tempo* para *aspecto*, que resulta na passagem de um verbo pleno (querer) para verbo auxiliar (querer). Esse percurso confirma tanto o processo de gramaticalização (nos moldes do funcionalismo) quanto o de construcionalização gramatical (nos moldes da gramática de construções). Dessa forma, teríamos a passagem de [V_{Volitivo(pleno)}]Predicador simples] para [V_{Volitivo(auxiliar)} V_{Predicador de um estado de coisas(infinitivo)}]Predicador complexo(marcação de tempo futuro)] (cf. Costa; Souza; Vieira, 2020).

Além do desenvolvimento para auxiliar futuro e de valores aspectuais (cf. Costa, Souza & Vieira, 2020), na pesquisa desenvolvida por Alvarez (2023), a autora aponta também o desenvolvimento dos valores epistêmico e de marcador evidencial para o esquema [quer + ver] em dados do PB. Interessa-nos, aqui, o valor evidencial, que pode ocorrer de forma direta (ver exemplo em 01) ou indireta (ver exemplo em 02), a seguir.

- (01) “E, como você vai ver na lista abaixo, existe mesmo uma certa magia na forma como o pessoal dos bastidores mudam as feições das estrelas e fazem com elas fiquem completamente irreconhecíveis e de uma forma muito natural ainda por cima. **Quer ver?** Confira 33 fotos inacreditáveis de artistas caracterizados para os filmes...”³

³ Fonte: <http://segredosdomundo.r7.com/33-fotos-inacreditaveis-de-artistas-caracterizados-para-os-filmes/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

No enunciado em (01), a construção [quer ver] se configura entre períodos, introduzindo evidências diretas ligadas à primeira parte da enunciação, a serem concretizadas na dêixis compartilhada entre locutor e interlocutor. O sujeito animado, “você”, compõe uma predicação interrogativa, com o lexema verbal volitivo conjugado na terceira pessoa do singular, operando como um marcador evidencial de futuro proximativo, que se concretiza em seguinte à proposição dada na construção prejacente. O valor evidencial é obtido por meio do verbo imperativo da oração seguinte, “confira”, que estabelece o paralelo entre o referente (bastidores dos famosos) e o referenciado (fotos do que foi falado - artistas).

Assim, introduz-se a ideia de compartilhamento dêitico entre interlocutor e locutor, num dado evento temporal em comum, no qual se pode atestar a veracidade dos fatos via testemunho perceptivo, sendo a percepção sensorial, em ambos os casos, ativada por meio da visão, para que se comprove o argumento/fato expresso anteriormente. Dessa forma, a percepção de evento, que opera na camada do estado-de-coisas no nível representacional, indica se um evento foi (será ou está sendo) ou não testemunhado pelo falante (cf. Hengeveld & Dall’aglio Hattner, 2015). Com isso, a experiência sensorial direta instancia a evidencialidade direta em diferentes graus (cf. Givón, 2001), o que se percebe em (01), quando se mostra as fotos dos artistas dos quais se fala no enunciado prejacente. Dessa forma, “quer ver” operaria, portanto, como uma forma de conectar argumentos de forma a expor os aspectos da evidencialidade como reforço da predicação anterior.

(02) *“Você come o que gosta e sem restrição, desde que não exploda os pontos. **Quer ver?** Se eu comer dois pastéis de queijo e uma fatia de bolo de chocolate, eu terei que viver de ar até o dia seguinte (cruel essa vida de dieta!!)”*.⁴

Em (02), a polaridade interrogativa entre os períodos parece atuar como uma espécie de operador evidencial, uma vez que o locutor elabora um argumento, projetando-o no argumento subsequente à construção e marcando a fonte da informação contida na enunciação (a dêixis é o próprio falante). Da primeira asserção emerge a modalidade epistêmica, quando o enunciador afirma: *“Você come o que gosta e sem restrição, desde que não exploda os pontos”*, expondo suas convicções sobre o assunto e, a *posteriori*, comprovando por meio de um argumento evidencial. Isso mostra que há uma interseção entre valores epistêmicos e evidências, que colaboram para a construção da argumentação, na qual o sujeito traça uma premissa e, ao envolver o interlocutor na trama por meio da construção “quer ver”, comprova, no futuro que se consolida logo em seguida, a asserção estabelecida

⁴ Fonte: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/emagrecer/2015/04/22/aplicativos-dieta-melhores/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

inicialmente. O sujeito animado “você” está na terceira pessoa do singular, com o verbo “querer” no presente do indicativo, ao passo que o verbo “ver” está no infinitivo. Observa-se ainda que a marcação de futuro instanciada pelo verbo volitivo “querer” denota a defluência do tempo das enunciações, de um futuro proximativo concretizado na enunciação que se segue, em que o desejo de mostrar algo é realizado imediatamente⁵.

O campo dêitico, como vimos em (01) e (02), estabelece uma relação entre o locutor/interlocutor e o compartilhamento do espaço no ato de fala. Isso determina a fonte da informação por meio do lexema, denominada evidencialidade, a qual toma alguns itens do léxico, como verbos sensoriais, por exemplo, para evidenciar se o fato/evento/ação foi observado de forma direta, ou seja, observado/vivenciado por aquele que enuncia, ou de forma indireta, inferido, deduzido ou reportado.

Nossa hipótese é que a construção “quer ver” possa atuar como marcador de evidencialidade no PB, com a dêixis desempenhando um papel nesta marcação. O verbo “ver”, considerando a mudança linguística da percepção visual passiva para percepção não-visual passiva (mental), conforme já demonstrado pela pesquisa de Alvarez (2023), remete à expressão da fonte da informação contida em um enunciado. Isso não se refere apenas a uma evidência física, mas também abstrata, o que seria confirmado pela dêixis. Nosso objetivo, portanto, é verificar a atuação do papel dêitico na marcação da evidencialidade na construção “quer ver” em dados do PB, já que uma característica intrínseca aos evidenciais é a dêixis (cf. Vendrame, 2010), que pode ocorrer de forma direta/indireta.

O presente artigo está estruturado em quatro outras seções: na primeira seção, delimitamos a metodologia; na segunda seção, revisamos o modelo cognitivo idealizado da dêixis, que é a nossa fundamentação teórica; na terceira seção, revisitamos a correlação entre evidencialidade e dêixis; e, com isso, na última seção, apresentamos nossa análise da evidencialidade direta e indireta, bem como o papel da dêixis. Por fim, temos nossas considerações finais seguidas das referências.

Metodologia

A pesquisa baseia-se em dados de uso extraídos do Corpus do Português (www.corpusdoportugues.org), referentes ao período de 2016 a 2019, dos quais foram extraídos usos do esquema formado por “querer” + “ver”. A escolha desse corpus se justifica pela sua abrangência e representatividade do uso contemporâneo da língua portuguesa. Utilizando ferramentas de busca e os filtros disponíveis na plataforma, foram selecionados exemplos que apresentassem valores de evidencialidade direta e indireta.

⁵ Alvarez (2023) indica que uma possível explicação para o desenvolvimento da dêixis é a mudança de percepção visual para percepção não-visual, especialmente mental e, como consequente, extensibilidade da construção, que promoveu o desenvolvimento de novos usos para a construção [quer+ver] licenciando os usos epistêmico e evidencial, além do valor de futuridade.

A amostragem incluiu uma variedade de gêneros textuais, tais como textos jornalísticos, acadêmicos, literários e de mídia social, a fim de garantir uma representatividade adequada dos diferentes contextos de uso. Os dados foram, então, categorizados⁶ e analisados qualitativamente.

O modelo cognitivo idealizado da dêixis

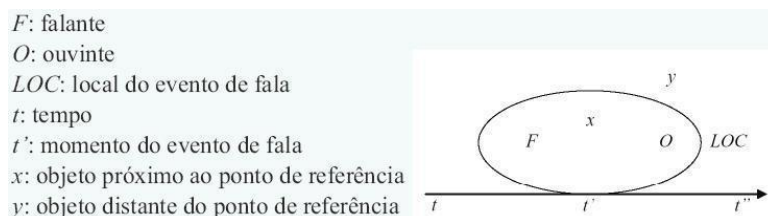
Marmaridou (2000), a partir da abordagem cognitivista, que não se preocupa em definir o que é ou não é um dêitico; mas analisa quais casos são mais ou menos prototípicos, ou seja, mais centrais ou mais periféricos. A autora propõe que a conceptualização da dêixis envolve um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) que se baseia no ato de APONTAR, desempenhando um papel fundamental na estrutura prototípica dessa categoria. Para a autora, trata-se de uma categoria pragmática responsável pela criação de um espaço mental, construído com base em um esquema imagético, ou seja, uma projeção metafórica de um espaço físico dentro de um espaço conceptual.

Ferreira e Ferrari (2006, p. 48), em relação à concepção de Marmaridou (2000), comentam que:

Essa concepção leva ao esquema imagético *centro x periferia*, o qual é baseado na experiência humana de ter um corpo com o centro (o tronco) e as periferias, sendo que a parte central é percebida como mais importante, já que as periferias dependem dela. Em função das noções do centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de *proximidade X distância*.

Assim, Marmaridou (2000) propõe a existência de um MCI da dêixis (ver figura 1, a seguir), que consiste na relação *centro vs. periferia* de apontamento entre os objetos, o ouvinte e o ambiente e o sujeito (eu), levando-nos a analisar a categoria dêitica a partir de uma escala de prototipicidade (cf. Bernardo, 2005).

Figura 01 – Modelo Cognitivo Idealizado da Dêixis



Fonte: Andrade e Ferrari (2017, p. 225).

⁶ Apesar de termos controlados os seguintes fatores: i) polaridade da predicação (afirmativa, interrogativa); ii) configuração da predicação verbal (reduzida ou desenvolvida), bem como o modo verbal (infinitivo, gerúndio ou participio); iii) presença de elemento negativo (não, nenhum); iv) pessoa gramatical; v) animacidade do sujeito; e vi) tipo de substantivo - concreto ou abstrato, neste artigo, iremos nos ater apenas a análise qualitativa e aos contextos de usos de evidencial direto e indireto.

O MCI dêitico proposto por Marmaridou (2000) envolve um ato linguístico de apontamento de uma determinada entidade no espaço, executado por um falante (F) em direção a um destinatário/ouvinte (O). Essa expressão dêitica constrói um espaço mental entre F e O, que estão presentes num dado espaço de tempo (t), e envolve a conceptualização do centro dêitico. Dessa forma, a imagem de um espaço físico é projetada conceitualmente em um espaço mental, estruturado a partir do esquema *centro-periferia*. Pinheiro e Avelar Miranda (2017), em seu estudo sobre o dêitico “*aqui*”, resumem o pensamento da autora:

O Modelo Cognitivo Idealizado (doravante MCI) da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não focalizado. Dessa forma, uma expressão dêitica é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo (Pinheiro; Miranda, 2017, p. 114).

Assim, com base na noção de MCI dêitica de Marmaridou (2000), para determinar a categoria da dêixis, “deve acolher não só exemplos nitidamente dêiticos, como também aqueles casos não tão óbvios, mas que carregam características peculiares do centro da categoria” (cf. Ferreira; Fontes, 2010, p. 37). Ainda sobre isso, Ferreira (2006, p. 41), ao revisar o assunto, comenta que “em função das noções de centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de proximidade vs. distância”.

Dessa forma, a interpretação dos dêiticos é formada por elementos: falante, ouvinte, espaço e tempo, que estão inseridos em evento discursivo. Para Ferreira e Ferrari (2006, p. 49), “novos *grounds* surgiriam como alternativa ao *ground default*, porque representações mentais nos permitem transportar o valor *default* dos itens dêiticos para outros domínios (espaços mentais ou MCIs) construídos no discurso, que darão conta da informação pragmática”.

As considerações de Marmaridou (2000) oferecem uma valiosa contribuição para o estudo da dêixis ao abordar esse fenômeno como passível de manifestação por meio de diversas formas linguísticas. Sua pesquisa reconhece que as palavras em uma língua podem ser, em potencial, polissêmicas, permitindo, assim, que diferentes lexemas desempenhem papéis nesse fenômeno. Uma das contribuições de Marmaridou (2000) é justamente associar a definição da dêixis ao protótipo linguístico. Assim,

[...] os pronomes pessoais “eu” e “você(s)”, para indicar falante e ouvinte(s), demonstrativos (“este”, “aquele”), para indicar objetos próximos e distantes do falante, e advérbios locativos e temporais (“aqui”, “agora”), para referência ao local e ao momento do evento de fala. Ainda dentro do modelo, os dêiticos sociais, constituem formas socialmente marcadas para indicar os

participantes do discurso (ex. “você” versus “o senhor”/“a senhora”) (Andrade; Ferrari, 2017, p. 226).

Rühlemann e O'Donnell (2014) destacam ainda a questão da indexicalidade, descrevendo o que foi abordado por Peirce, que “os signos podem ser icônicos, simbólicos ou indexicais” (p. 332). Para os autores, os dêiticos seriam os indexicais, já que são palavras que variam de “sentido” a depender do contexto. Eles afirmam sobre os dêiticos que:

A referência que eles realizam é exofórica; isto é, dêiticos como *você*, *esta noite*, e *em minha casa* são meramente sinais; (Bühler 1990 [1934]: 93) apontando uma relação de algum tipo (pessoal, temporal, locacional etc.) que existe entre o falante e a situação (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199) (Rühlemann; O'Donnell, 2014, p. 332).⁷

A capacidade de tornar expressões normalmente não indexicais em expressões indexicais por meio de um contexto situacional adequado sugere que, em certas situações, quase qualquer expressão de referência pode ser usada deiticamente, desde que haja uma clara relação com as circunstâncias situacionais imediatas. A indexicalização é o processo pelo qual uma expressão ou termo é usado para se referir a algo em um contexto específico, muitas vezes através de índices, como pronomes, advérbios de lugar ou tempo, que dependem do contexto para obter seu significado completo. Neste contexto, Rühlemann e O'Donnell (2014, p. 333) afirmam que:

[...] no que diz respeito à possibilidade de indexicalizar expressões normalmente não indexicais, parece não haver limite, pois “praticamente qualquer expressão de referência pode ser usada deiticamente” (Levinson 2004: 101), desde que sejam usadas com uma visão imediata para circunstâncias situacionais.⁸

O entendimento da dêixis a partir de um gradiente permite ao analista compreender que, no desenvolvimento da argumentação, ela é promovida para que todos os envolvidos no ato comunicativo criem a mesma referência e reconheçam o que ou para onde o enunciador aponta, mesmo quando esta referência não é concreta, ou seja, a construção do significado dêitico envolve significados prototípicos e não-prototípicos. Dessa forma, admite-se que “nem sempre uma expressão que contém um elemento dêitico pode ser considerada uma expressão puramente dêitica e, muitas vezes, uma expressão pode ter um uso dêitico, sem conter um elemento dêitico em si” (Ciulla, 2008, p. 56).

⁷ Cf. original “the reference they accomplish is exophoric; that is, deictics such as *you*, *tonight*, and *at my house* are merely “signposts” (Bühler 1990 [1934]: 93) pointing out a relation of some sort (personal, temporal, locational, etc.) that holds between the speaker and the situation (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199).

⁸ Cf. original “As regards the possibility of “indexicalizing” normally non-indexical expressions, there seems to be no limit, for “just about any referring expression can be used deictically” (Levinson 2004: 101) provided they are used with an immediate view to situational circumstances”.

Evidencialidade e dêixis

A forma como as pessoas se comunicam, revela suas intenções, nas quais a informação transmitida por alguém é proveniente do próprio emissor ou de outras fontes indicadas no enunciado. Através disso, é possível perceber atitudes em relação à informação transmitida e ao conhecimento que se tem dela. Uma das estratégias para expressar a origem dos conhecimentos do falante sobre uma informação é denominada de evidencialidade. Sobre isso, Haßler (2021) aponta que a evidencialidade compreende qualquer tipo de marcação que indica a fonte do conhecimento do falante, seja ela proveniente de sua própria observação, de comunicação externa, boato ou reflexão pessoal. Enquanto em algumas línguas a marcação da evidencialidade é obrigatória em todos os enunciados, nas línguas românicas não há meios gramaticalizados para tal indicação. Para a autora ainda, “as línguas românicas e o alemão, anexaram significados evidenciais a dispositivos linguísticos que originalmente desempenhavam outras funções” (Haßler, 2021, p. 150).

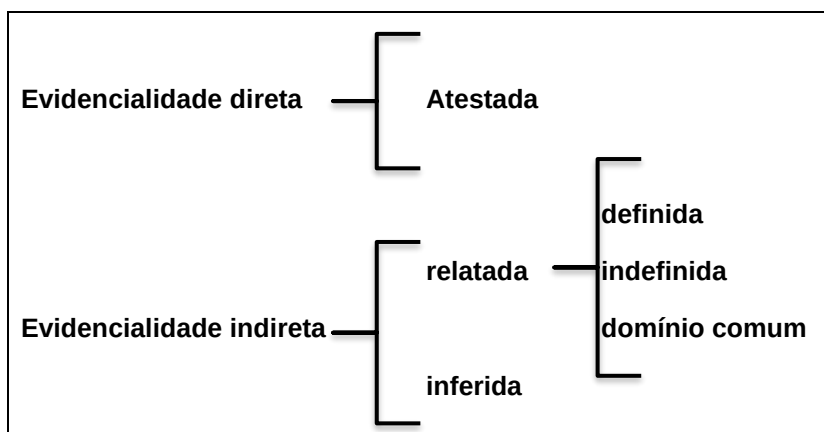
Hengeveld (1989) faz uma diferenciação entre modalidade epistemológica subjetiva e modalidade epistemológica evidencial, enfatizando a importância da fonte de informação na proposição. Por sua vez, Dall'Aglio Hattner *et al.* (2001) propõem uma classificação que considera a fonte de informação individualizada e a fonte de informação compartilhada, levando em conta as intenções comunicativas do falante. Eles afirmam que os evidenciais indicam que tipo de evidência está disponível para embasar a confiabilidade do enunciado, permitindo que o interlocutor avalie por si mesmo a confiabilidade da informação. Assim, a avaliação da verdade de uma proposição dependerá das diferentes fontes de informação apresentadas, como um relato de terceiros, uma percepção visual ou auditiva, uma inferência ou suposição do próprio falante (Carioca, 2018).

A existência de um sistema evidencial no português é uma proposta sugerida por alguns pesquisadores. Casseb Galvão (2001), ao investigar o processo de gramaticalização da construção “diz que”, indica o desenvolvimento de marcador de evidencialidade. Outra pesquisa que vislumbra o surgimento de marcas evidenciais, que especificam a fonte da informação, é a de Dall'Aglio Hattner *et al.* (2001). Nela, expressões como “diz que”, “parece que”, “sei lá” e “não sei” podem ser consideradas como estratégias de (des)comprometimento e passam pelo processo de gramaticalização, deixando de ser itens lexicais plenos para assumirem uma nova função: a de itens evidenciais ou modais. Em pesquisa anterior, Dall'Aglio Hattner (1996) já anunciara, embrionariamente, uma gradação do comprometimento do falante em relação à evidencialidade. Outro estudo é sobre o verbo *parecer* que é apontado como marcador de evidencialidade (Gonçalves, 2003).

A tipologia dos evidenciais depende da fonte de onde são extraídas pelos falantes. Se forem obtidas de forma testemunhal, em que o sujeito informa que viu, ouviu ou, de alguma

maneira teve contato sensorial com a situação descrita, são, segundo Willet (1988), mecanismos de evidência direta, já que houve uma relação de forma direta com a situação. Por outro lado, a evidência indireta é elaborada por meio de inferências, nas quais o falante, a partir de observações, chega a uma determinada conclusão, ou reportativa, cujo embasamento se dá por meio de afirmações de outros a respeito de certo assunto. Dall’Aglio-Hattner (2001) apresenta a seguinte tipologia dos evidenciais em língua portuguesa.

Quadro 01 - Tipologia dos evidenciais em língua portuguesa



Fonte: Dall’Aglio-Hattner (2001, p. 11).

Os verbos de percepção como *ver*, *ouvir* e *sentir* estão frequentemente associados à noção de evidencialidade em PB, pois remetem à expressão da fonte da informação contida em um enunciado (cf. Vendrame-Ferrari, 2012). Portanto, a evidencialidade seria a confirmação de dada informação por meio de um elemento gramatical, indicando a natureza das evidências. No entanto, existências características específicas que fazem com que um verbo de percepção seja evidencial ou não. De acordo com a autora, uma característica intrínseca aos evidenciais é a dêixis,

[...] a evidencialidade direta é usada quando o falante deseja mostrar que o estado de coisas ocorre dentro de sua esfera dêitica, ao passo que a evidencialidade indireta (reportativa e inferida) é usada para mostrar que o estado de coisas ocorre fora da esfera dêitica do falante (Vendrame-Ferrari, 2012, p. 102).

Assim, o que está no campo dêítico do falante, ou esteve, é considerado direto, pois foi percebido por um dos sentidos da percepção que consideramos evidenciais. Por outro lado, os eventos fora da dêixis são considerados indiretos, uma vez que não foram vivenciados pelo falante, mas sim reportados a ele ou inferidos por ele.

Dessa forma, uma das principais características da leitura evidencial é a dêixis, considerada por muitos autores como algo inerente à evidencialidade. Alguns desses autores

até compreendem a evidencialidade como uma categoria dêitica. De acordo com De Haan (2005), o significado básico da evidencialidade é marcar a relação entre o falante e as ações e eventos descritos por ele. Assim, a evidencialidade direta é usada quando o falante deseja mostrar que o estado de coisas ocorre dentro de sua esfera dêitica, enquanto a evidencialidade indireta é usada para mostrar que o estado de coisas ocorre fora da esfera dêitica do falante. Levando em conta a noção de dêixis na evidencialidade, pode-se dizer que, ao utilizar um evidencial, o falante adota um ponto de vista particular em relação à fonte da informação que transmite. Como o próprio falante está sempre envolvido de alguma forma na percepção ou recepção das informações, ele é o centro dêítico de grande parte das orações que expressam evidencialidade. Consequentemente, o falante e a pessoa gramatical correspondente ocupam uma posição especial nos paradigmas evidenciais (Vendrame, 2010).

Segundo o quadro da hierarquia da força evidencial de Givón (2001), a evidencialidade é distribuída da seguinte forma.

Quadro 2 - Hierarquia da força evidencial

(i) hierarquia de Acesso [Experiência sensorial direta > Inferência > Rumor (boato)] >>> (ii) sub-hierarquia sensorial [Visão > Audição > Outros] >>> (iii) Hierarquia dêitica pessoal [Falante > Ouvinte > Terceira pessoa] >>> (iv) Dêixis espacial [perto > longe] >>> (v) dêixis temporal.
--

Fonte: adaptado de Givón (2001).

Dessa forma, a fonte dos dados, o falante, a dêixis e o ponto de vista estão intimamente relacionados para que haja o fator de evidencialidade, pois a fonte precisa estar no campo da dêixis do falante para ser direta ou fora dela - inferente ou reportativa. Além disso, é necessário um dado ponto de vista específico, além de uma percepção, que esteja ligada, de forma prototípica, a um verbo de percepção sensorial, como aponta a pesquisa de Vendrame-Ferrari (2012), que destaca os verbos ver, ouvir e sentir.

Evidencialidade direta/indireta e o papel da dêixis: contextos de usos

Ao retomarmos as considerações de Marmaridou (2000) acerca do ato da dêixis, torna-se evidente que este envolve apontamento para uma entidade no espaço mental onde falante e destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo. Nesse contexto, a dêixis implica um gesto de apontamento para uma entidade no espaço mental, conferindo à comunicação um elemento de coapresentação. Isso permite que os interlocutores compartilhem não apenas o espaço comunicativo, mas também o tempo, criando um terreno fértil para a compreensão mútua das referências, algo bastante defendido na visão funcionalista (ver, por exemplo, Dik, 1997).

Dessa forma, a dêixis é caracterizada pelo ato de indicar ou apontar para uma entidade no espaço. Esse ato é realizado por um falante e direcionado a um interlocutor que não está centralizado no foco da atenção. Nesse sentido, a construção de um campo dêitico guia a construção de um MCI partilhado por falante e ouvinte em um dado ponto no tempo, projetado no espaço discursivo através da metáfora centro-periferia. Ao realizar esse apontamento, contribui para a construção de um contexto compartilhado, em que ambos os participantes podem visualizar e compreender a referência em questão, representadas pela evidencialidade, que pode ocorrer de forma direta ou indireta. Neste contexto, a evidencialidade direta é caracterizada pela apresentação de informações observadas ou testemunhadas de forma direta pelo falante e desempenha um papel fundamental na comunicação linguística. Por outro lado, a evidencialidade indireta envolve inferências e deduções feitas a partir de evidências secundárias, como relatos de terceiros ou conhecimento prévio.

A fim de verificar nossa hipótese de pesquisa sobre o papel da dêixis na marcação da evidencialidade na construção "quer ver" em dados do PB, iniciaremos pela análise dos contextos de uso de evidencialidade direta, explorando como a construção "[querer + ver]" é utilizada para transmitir informações baseadas em percepções sensoriais diretas. Posteriormente, abordaremos os casos de evidencialidade indireta, investigando como a construção é empregada para indicar inferências ou conhecimento adquirido por meio de fontes secundárias. Vejamos o exemplo (03).

(03) *"Quer ver algumas matérias de o" Journal? Dirija-se à guia " more ", passe os botões de navegação".⁹*

Em (03), temos um enunciado utilizado pelo falante para convidá-lo a observar o jornal. O complemento do verbo modal, segundo Ferreira (2020), pode hospedar um operador de futuro que se manifesta morfológicamente no próprio verbo. Assim, como verbos no infinitivo não possuem marcas morfológicas de tempo aparente, a projeção de futuro se forma pela constituição interrogativa da construção, em que o sujeito não participa da ação, apenas chama o interlocutor, também não especificado, já que se trata de uma propaganda, e essa é uma estratégia do gênero em questão. "Quer" indicando uma ação no presente, na segunda pessoa do singular, ao passo que "ver" infinitivo acompanha o verbo "quer", formando uma locução verbal. O verbo "ver" ao se juntar com o verbo "querer", este, por ser um verbo de atitude proposicional, auxiliar que marca o desejo/volição por parte do locutor ou interlocutor, apresenta certa transparência morfossemântica, cuja resposta à interrogação que propõe a

⁹ Fonte: <https://www.poder360.com.br/nieman/apple-news-plus-decepciona-quem-deseja-real-incentivo-ao-negocio-de-noticias/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

visita ao site, encontra-se na próxima parte do discurso analisado. O complemento verbal, por ser concreto, “*algumas matérias de o Journal*”, contribui para que haja a correspondência conceitual, possibilitando uma leitura composicional da construção. Além disso, a marcação de tempo é elaborada através da implicatura de futuridade que se dá pelo uso do verbo de volição quando este atua como auxiliar, uma construção típica do PB que, de acordo com Moura e Santos (2016, p. 9), toma-se o futuro como “uma previsão feita pelo falante de que a situação colocada na proposição, que se refere a um evento localizado após o momento de fala, irá se realizar”, como, por exemplo: “*quer ver algumas matérias*” implicaria em acessar o site, o campo dêitico que locutor e interlocutor compartilham com a finalidade de que se conhecesse as matérias do jornal. O sujeito é animado “você”, o que aproxima o valor volitivo da perífrase.

No exemplo (04), o verbo “ver” indica um elemento no campo dêitico do interlocutor e do locutor, para que, de forma evidencial direta, observe o evento a que se refere, já que a construção “quer ver” é empregada como um convite direto ao interlocutor para testemunhar um evento específico.

(04) *Com as participações de MC Zaac, Tropkillaz, Maejor e produção de o DJ Yuri Martins, o clipe - gravado em o Morro de o Vidigal, em o Rio - já é um fenômeno em as redes sociais. Quer ver? Se prepara e aperta o play!*¹⁰

O verbo “ver” ressalta a natureza perceptiva e visual da experiência que está sendo oferecida, convidando o interlocutor a participar ativamente do ato de observação. A presença do campo dêitico, que estabelece uma relação entre locutor e interlocutor, é fundamental nesse contexto. Ao utilizar a expressão “quer ver?”, o locutor assume o papel de guiar o interlocutor em direção à experiência visual proporcionada pelo clipe musical. Dessa forma, a dêixis reforça a intenção comunicativa de compartilhar uma evidência direta e concreta. Além disso, a construção “quer ver?” atua como um marcador de evidencialidade direta, indicando que o evento a ser testemunhado está imediatamente disponível para observação. O convite para “se preparar e apertar o play” sugere uma ação imediata, enfatizando a urgência e o imediatismo da experiência visual que será proporcionada pelo clipe.

Vejamos mais dois exemplos de evidencialidade direta em (05) e (06), a seguir.

(05) “*Não consegui fazer o que foi sugerido, mas escrevi, quer ver ?*”¹¹

(06) “*Quer ver como Juliana se saiu em as aulas? Confira os detalhes em o vídeo!*”¹²

¹⁰ Fonte: <http://multishow.globo.com/musica/materias/anitta-lanca-o-aguardado-clipe-de-vai-malandra-com-mc-zaac-tropkillaz-e-dj-yuri-martins-veja-aqui.htm>. Acesso: 30 jun. 2023

¹¹ Fonte: <https://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69388&>. Acesso em: 23 ago. 2022.

¹² Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/a-dona-do-pedaco/noticia/juliana-paes-faz-intensivo-de-confeitaria-para-viver-maria-da-paz-em-a-dona-do-pedaco.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Em (05), a fonte está no campo direto da evidencialidade, uma vez que os escritos parecem estar na dêixis do falante, utilizada em um contexto em que o interlocutor é convidado a testemunhar diretamente a ação realizada pelo locutor, neste caso, a escrita de algo sugerido anteriormente. O uso da construção "quer ver?" aqui implica que o resultado da ação está disponível para observação ou avaliação pelo interlocutor, inserindo-o no campo direto da evidencialidade e sugerindo que ele pode verificar ou confirmar a veracidade da afirmação feita. Essa construção não apenas o convida a observar o resultado da ação, mas também sugere certa confiança por parte do locutor na qualidade ou importância do que foi produzido. A dêixis, ao situar a ação no espaço comunicativo compartilhado entre locutor e interlocutor, reforça o convite implícito para que este participe da validação ou apreciação do que foi realizado.

Já em (06), a construção evidencia, voltando-se para o sujeito genérico "você", como a personagem Juliana se sai nas aulas, compartilhando, por meio da dêixis entre locutor e interlocutor, um vídeo em que se pode atestar o desenvolvimento da atriz no referido contexto. O espaço dêitico, ainda que metafórico, é criado e compartilhado entre o produtor e o receptor da mensagem, com a evidência direta projetada logo após a marcação evidencial por meio do questionamento. O gênero multimodal auxilia para que tal fenômeno linguístico ocorra.

Em contraste com os exemplos de evidencialidade direta, nos quais o interlocutor é convidado a testemunhar diretamente um evento presente, os casos de evidencialidade indireta envolvem inferências ou conhecimentos adquiridos por meio de fontes secundárias. Uma das formas de ocorrência é a reportativa, como em (07), em que a informação é baseada no relato de uma terceira fonte, provavelmente fundamentada em estudos sobre o caso, mas sem que a fonte exata seja reportada.

(07) *"As pessoas não sabem o que acontece aqui. **Quer ver?** A taxa de homicídios é de sete para cada 100 mil habitantes. Em Miami, é 12."*¹³

Segundo Miranda (2020), a estrutura reportativa possui o caráter de conferir credibilidade ou descompromisso ao enunciador, uma vez que não há indicação clara da fonte do discurso. Ou seja, tanto o falante quanto o ouvinte identificam uma estrutura lexical evidencial, onde um substantivo ocupa o lugar da fonte, e a partir dela são inferidos os efeitos de sentido, mesmo que esse substantivo seja indefinido e remeta a uma fonte bastante vaga. Esses usos evidenciam a importância da indicação da evidencialidade na construção do argumento. Além disso, demonstra que a expressão lexical da evidencialidade é comumente

¹³ Fonte: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,alckmin-e-o-candidato-do-meu-coracao-diz-franca,70002258277>. Acesso: 30 jun. 2023.

utilizada na língua portuguesa, ao ponto de ser percebida pelos interlocutores como uma estratégia argumentativa. O estudo da expressão lexical da evidencialidade reportativa e citativa é pertinente por diferentes razões, uma delas é identificada no uso frequente no discurso jornalístico, em que um conteúdo é atribuído a uma fonte, seguindo a reportatividade, mesmo que essa fonte não seja especificada, como é o caso do exemplo em questão.

Em (08), há a evidencialidade indireta inferida, em que o falante, mesmo sem testemunhar um fato, faz inferências sobre alguém, ou um fato.

(08) *“Apesar de muitos fãs terem ficado abalados com a notícia, não podemos dizer que foi exatamente uma surpresa, já que o ex-casal Brumar vinha dando alguns indícios de que tinha chegado ao fim. **Quer ver?**... Cadê a aliança?”¹⁴*

Neste caso, infere-se que o casal tenha terminado o relacionamento por causa da ausência do objeto que socialmente é usado no ocidente para marcar envolvimento amoroso – a aliança. Essa inferência é baseada na observação da falta do objeto supracitado, ou seja, a ausência da aliança. O uso da construção “querer + ver”, neste caso, não se refere a uma observação visual direta da situação, mas sim à interpretação de sinais contextuais que levam o falante a inferir uma conclusão sobre a situação do casal.

A dêixis desempenha um papel importante para a interpretação desse contexto, uma vez que estabelece uma relação entre o locutor, o interlocutor e o objeto de inferência (a ausência da aliança). O convite implícito é para que o interlocutor “veja” esse sinal contextual e chegue à mesma conclusão inferida pelo locutor. Portanto, ao analisar esse exemplo de evidencialidade indireta na construção “querer + ver”, podemos observar como o uso dessa expressão pode indicar não apenas a observação direta de eventos, mas também a interpretação de sinais contextuais para fazer inferências sobre uma situação ou evento.

Em (09), podemos observar que a construção “quer ver” é posicionada ao final do enunciado modificando a função, que, neste caso, vem após o argumento, na tentativa do emissor da mensagem em ratificar a argumentação proposta por um verbo “imperativo”, colocado logo após a construção (“repare”).

(09) *“...os próprios cétricos foi quem baixaram a guarda e começou de maneira baixa, não estão protegidos por falta de idoneidade e humanidade, **quer ver? Repare...**”¹⁵*

¹⁴ Fonte: <https://capricho.abril.com.br/famosos/6-indicios-de-que-bruna-marquezine-e-neymar-nao-estavam-bem/>. Acesso: 30 jun. 2023.

¹⁵ Fonte: <https://www.ceticismoaberto.com/ufologia/900/ventilador-transformista-os-cabelos-que-diferena>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Essa estratégia tem como finalidade operar como verdade, apelando para o interlocutor se colocar como parte do proposto. O sujeito não é marcado, mas atua na ação por meio do verbo posterior. Em outras palavras, o infinitivo está ancorado no verbo imperativo. A implicação do futuro ainda é construída pelo operador de futuridade, o verbo volitivo “quer”, na terceira pessoa do singular, junto ao verbo de percepção “ver”, no infinitivo, formando uma interrogativa, cuja resposta se dá por meio das evidências dadas anteriormente e acionadas pelo locutor com o objetivo de ser confirmada pelo acordo com o leitor/interlocutor. Contudo, não é um acordo explícito, mas sim induzido pela noção de verdade que se constrói com a estrutura: [argumentação + interlocução + participação ativa]. A transparência, entretanto, deixa de ser atestada, uma vez que se perdem traços mais lexicais do verbo “ver”, que não tem mais a noção de “fitar com os olhos”, mas sim de atestar algo baseado em evidências reportativas, traçando um paralelo entre o que se fala e uma ação do falante (a ação de reparar).

Em (10), o falante indica que, por ser um homem ao vir em sua direção, “vai encher o saco”.

(10) “*Lá vem um homem, **quer ver** que ele vai me encher o saco*”.¹⁶

Ela faz essa inferência ligando A (metafórico) = homens são chatos e assediam mulheres + B (percepção/visão) = há um homem vindo na minha direção. Apesar de ter certa futuridade na fala, ela já apresenta a evidencialidade com os fatores de inferência que apresenta antes e a oração posterior, porquanto, antecipa um fato apresentando como evidência uma inferência. E é aqui que discordo do modo verbal dos verbos de percepção evidenciais serem apenas passado e presente, esse exemplo mostra que podemos ter um futuro, mesmo que não distante, nesta modalidade verbal.

Em (11), temos mais um caso inferido a partir de uma série de eventos em que aconteceram coisas semelhantes na vida do falante; ele já supõe que tal se repetirá, e essa evidência se comprovará com os aspectos fisiológicos que seu corpo dará como sinais de vergonha.

(11) “...***quer ver** que ela vai esquecer de mexer e vai queimar?*”¹⁷

Os três exemplos se aproximam, pois possuem o sujeito na primeira pessoa do singular, falante no campo dêitico, inferência por situação análoga no passado, dedução por ter algo no campo de visão do sujeito que leve a essa inferência, futuro baseado nas

¹⁶ Fonte: <https://papodehomem.com.br/como-se-sente-uma-mulher/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

¹⁷ Fonte: <http://passaneura.com/2012/11/o-que-rolou-no-instagram-2/>. Acesso em 23 ago. 2022.

evidências inferidas do passado a serem confirmadas em imediato por meio de uma ação de um terceiro ou de algum fato.

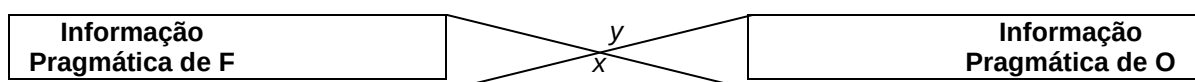
Podemos observar, adicionalmente, que o valor modal pode ser corroborado através do continuum modal, que varia desde "quer ver que" até "quer ver", como exemplificado. Essa variação no uso modal reflete diferentes níveis de ênfase e intensidade na expressão do desejo ou vontade do falante em relação à confirmação da proposição.

No contexto da dêixis, percebemos a presença constante da primeira pessoa do singular, indicando a centralidade do falante na expressão linguística. A dêixis é um fenômeno linguístico em que o significado de certas palavras ou expressões depende do contexto, especialmente em relação à identidade do falante, do ouvinte e do contexto situacional. Ao observar a referência à série de eventos e a situações similares na vida do falante, notamos uma forte conexão entre dêixis e a ideia de continuidade temporal. A inferência baseada em eventos passados cria uma relação temporal, em que o falante se posiciona no presente, mas sua fala é ancorada nas experiências anteriores, conectando passado, presente e futuro de forma coesa.

Como vimos nos exemplos, a presença do campo dêítico, com o uso da primeira pessoa do singular, intensifica a dimensão dêixis, uma vez que a linguagem é ancorada na perspectiva individual do falante. A dedução feita pelo falante em relação ao futuro, utilizando como base a evidência inferida do passado, revela uma manifestação clara da dêixis temporal e causal. A referência aos aspectos fisiológicos do corpo destaca a dêixis pessoal e corporal, onde o corpo do falante se torna um marcador significativo de suas emoções e estados mentais. Este uso da dêixis corporal adiciona uma dimensão sensorial e pragmática à expressão linguística, reforçando a interconexão entre linguagem, experiência e corpo. Em suma, a discussão sobre dêixis nesse contexto destaca não apenas a temporalidade e a causalidade, mas também a dimensão pessoal e corporal da linguagem, ilustrando como a dêixis enriquece a expressão linguística ao vincular as palavras e as ações diretamente à experiência individual do falante.

Dessa forma, por meio do campo dêítico (cf. Marmaridou, 2000), o falante pode, portanto, referenciar elementos tanto próximos do campo de referência (x), ou seja, de forma direta, como distantes do campo de referência (y), de forma indireta, que são concretizados na dêixis compartilhada entre locutor e interlocutor, levando em conta as informações pragmáticas de ambos, que podem ser representados pela construção '[quer ver]' no PB. Procuramos representar esse pensamento na figura (02), a seguir.

Figura 02 – Representação do campo dêítico e fonte de evidência





Fonte: Elaborada a partir das representações de Dik (1997) e Marmaridou (2000).

O desenvolvimento da marcação de evidencialidade na construção “quer ver” é marcado por uma evolução complexa, destacando-se a evidência reprodutiva inferida, indireta, e a evidencialidade direta. Um possível caminho de mudança linguística é aventado por Alvarez (2023) que o percurso se inicia com construções volitivas simples, progredindo para auxiliares volitivos associados a predicados infinitivos, indicando um estado de coisas futuro. À medida que avança, incorpora a percepção visual como elemento de evidencialidade, passando por percepções não-visuais passivas (sensoriais) até chegar à percepção não-visual mental. O ponto mais saliente desse percurso de mudança linguística ocorre quando a estrutura inclui a percepção não-visual mental em conjunto com verbos de visão, marcando tanto evidencialidade direta quanto indireta. Este processo reflete uma intrincada rede de construções que expressam nuances de temporalidade e fontes de informação. Essa hipótese da autora coaduna a proposta de Haßler (2016), que também alude para o desenvolvimento da percepção para conclusão (direta) visual ou não-visual em termos de previsibilidade tipológica.

Considerações finais

A hipótese levantada neste artigo sugere que a evidencialidade na construção “[quer ver]” parece estar relacionada à dêixis projetada pelo falante, podendo ocorrer de forma direta, em que o fato/evento/ação é observado de forma direta, ou seja, observada/vivenciada por aquele que enuncia. Em outras, pode ocorrer de forma indireta, inferida, deduzida ou reportada, em que há uma inferência baseada em conhecimentos acumulados e percepções sensoriais para antecipar eventos futuros. O uso da primeira pessoa do singular e a referência a situações passadas reforçam a conexão entre a dêixis e a continuidade temporal.

Além disso, a utilização frequente da referência a situações passadas reforça a conexão entre a dêixis e a continuidade temporal na expressão linguística. Essa continuidade temporal atua como um facilitador para a compreensão entre os interlocutores, pois estabelece um contexto compartilhado que facilita a interpretação das evidências apresentadas, o que reafirma a proposta de MCI para a dêixis de Marmaridou (2000).

Por fim, a partir da análise aqui empreendida, sugere-se uma relação entre o campo dêitico e a evidencialidade, que se dá a partir da experiência sensorial direta (visão) ou a partir de informações compartilhadas, que são tomadas em termos de informação mútua com outrem em um dado tempo (metafórico ou não).

Referências

- ALVAREZ, R. E. **“Quer ver” como fica a análise dessa construção**: futuridade, modalidade e evidencialidade. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- ANDRADE, H.; FERRARI, L. Dêixis, espaços mentais e categorização: o caso dos pronomes *we* e *you* em inglês. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 219-241, 2017.
- BERNARDO, S. Pronome *você* na dêixis conversacional. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 171-192, 2005.
- CARIOCA, C. R. A integração dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos na manifestação da evidencialidade. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 112-129, 2018.
- CASSEB GALVÃO, V. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil**: os usos da expressão *diz que*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.
- CEZARIO, M. M. **Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- COSTA, M. G.; SOUZA, L. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Construções de Futuro com Verbos Volitivos no Português do Brasil: *querer* + Verbo no Infinitivo. In: CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S.; CASTANHEIRA, D. (org.). **Linguística Baseada no Uso**: explorando métodos, construindo caminhos. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2020.
- DALL'AGLIO HATTNER, M. M. Uma análise funcional da modalidade epistêmica. **Revista Alfa**, n. 40, 1996.
- DALL'AGLIO HATTNER, M. M. *et al.* Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. de M. (org.). **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. Araraquara; São Paulo: FCL/UNESP; Cultura Acadêmica, 2001. (Série Trilhas Linguísticas, 1).
- DE HAAN, F. The Cognitive Basis of Visual Evidentials. **Conceptual and discourse factors in linguistic structure**, CSLI Publications, p. 91-106, 2001.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**: The structure of the clause. 2. ed. rev. Editado por Kees Hengeveld. Mouton de Gruyter: Berlin, Nova York, 1997.
- FERREIRA, J. S.; FERRARI, L. V. Mesclagem, polissemia e dêixis. **Revista Linguística**, v. 2, n. 1, p. 39-68, 2006.
- FERREIRA, L.; FONTES, V. M. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial. **Revista Linguística**, v. 6, n. 2, p. 30-46, 2010.
- FERREIRA, M. Vista do Alçamento em Complementos Infinitivos do Português. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 62, p. 1-19, 2020.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

HABLER, G. **Temporalität, Aspektualität und Modalität in romanischen Sprachen**. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2016.

HABLER, G. Marcadores de evidencialidade no português do Brasil. **Confluência**, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 148-177, 2021.

HENGEVELD, K. Illocution, Mood, and Modality in Functional Grammar of Spanish. **Journal of Semantics**, v. 6, p. 227-269, 1988.

HENGEVELD, K.; DALL'AGLIO HATTNER, M. M. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

MARMARIDOU, S. **On Deixis. Pragmatic meaning and cognition**. (Pragmatics & Beyond, New Series). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MIRANDA, A. F. A expressão da evidencialidade reportativa e da evidencialidade citativa na língua portuguesa. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 1511-1528, 2020.

MOURA, R. M. C.; SANTOS, R. M. Como fazer um artigo de opinião. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS, 4, 2016, Campina Grande-PB. **Anais [...]**. Campina Grande: Garden Hotel, 2016.

PINHEIRO, H, P. F.; AVELAR MIRANDA, M. Uma análise cognitiva do dêitico aqui em dados orais e multimodais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, p. 113-122, 2017.

ROST, C. A. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: amostra sincrônica. **Working Papers em Linguística**, v. 6, n. 1, p. 116-134, 2002.

RÜHLEMANN, C.; O'DONNELL, M. B. Deixis. In: AIJMER, K.; RÜHLEMANN, C. (org.) **Corpus Pragmatics**, p. 331-359, 2014.

SOUZA, Y. C. A. Muito além do serviço: o jornalismo utilitário do quadro trailer do bem. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 24, 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Intercom, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0506-1.pdf>.

VENDRAME, V. **Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa**. São José do Rio Preto. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2010.

VENDRAME-FERRARI, V. Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão da evidencialidade. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 101- 115, 2012.

VIANA, F. L. *et al.* **O ensino da compreensão leitora**: da teoria à prática pedagógica: um programa de intervenção para o 1.º Ciclo do Ensino Básico. 2015.

WILLETT, T. A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. **Studies in Language. International Journal sponsored by the Foundation “Foundations of Language”**, v. 12, n. 1, p. 51–97, 1988.

XAVIER, M. M. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva: leituras do jornalismo político no ensino médio**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

Sobre os autores

Rebeca Emerich Alvarez

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4978-7174>

Mestre em Estudos Linguísticos (UERJ) e Doutoranda em Estudos Linguísticos (UERJ).

Marcos Luiz Wiedemer

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>

Mestre em Linguística (UFSC) e Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP). Professor Associado (linguística) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN/UERJ). Procientista (Faperj). Bolsista CNPq.

Recebido em jun. 2024.

Aceito em nov. 2024.

Uma análise de microconstruções com *vai saber* no português contemporâneo

An analysis of microconstructions with *vai saber* in contemporary Portuguese

Sabrina Reginatto¹
Solange de Carvalho Fortilli²

Resumo: Analisam-se, neste trabalho, microconstruções com *vai saber* no português, partindo dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Diessel, 2019; Traugott; Trousdale, 2021), sustentados, por sua vez, por pressupostos funcionalistas e cognitivistas. Toma-se como objetivo geral descrever as relações de três microconstruções com *vai saber*: perífrase de futuridade, marcador dubitativo e marcador discursivo. Adota-se uma perspectiva sincrônica, com análise de dados coletados do segmento Web/Dialetos do Corpus do Português. As ocorrências são analisadas por meio dos parâmetros: *posição da microconstrução*, *integração sintática*, *manifestação de sujeito* e *unidade semântica conectada à microconstrução*. Complementarmente, utilizam-se critérios específicos para a análise de marcadores discursivos, advindos da Perspectiva Textual-Interativa (Jubran; Koch, 2006; Risso *et al.*, 2006; 2015). As análises das configurações formais e dos perfis funcionais das microconstruções conduzem a resultados que confirmam a coexistência das três no português, sendo a primeira atuante na estrutura canônica da sentença e as outras duas mais “desgarradas” e ligadas à expressão de atitudes do falante e à orientação da interação.

Palavras-chave: Modelos baseados no uso. Marcador Discursivo. Gerenciamento da interação. *Vai saber*.

Abstract: In this work, microconstructions with *vai saber* in Portuguese are analyzed, starting from Usage-Based Models (Bybee, 2016; Diessel, 2019; Traugott; Trousdale, 2021), supported, in turn, by functionalist and cognitivist assumptions. The general objective is to describe the relationships of three microconstructions with *vai saber*: periphrasis of futurity, doubtful marker and discursive marker. A synchronic perspective is adopted, with analysis of data collected from the Web/Dialects segment of the Portuguese Corpus. The occurrences are analyzed using the parameters: microconstruction position, syntactic integration, subject manifestation and semantic unit connected to the microconstruction. In addition, specific criteria are used to analyze discursive markers, which are intertwined with considerations arising from the Textual-Interactive Perspective (Jubran; Koch, 2006; Risso *et al.*, 2006; 2015). The analyses of the formal configurations and functional profiles of the microconstructions lead to results that confirm the coexistence of the three in Portuguese, with the first acting in the canonical structure of the sentence and the other two more “detached” and linked to the expression of the speaker's attitudes and the orientation of the interaction.

Keywords: Usage-based models. Periphrases of the future. Doubtful marker. Discursive Marker. Interaction management. *Vai saber*.

¹ Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, Brasil. Endereço eletrônico: reginattosabrina@gmail.com.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Três Lagoas, MS, Brasil. Endereço eletrônico: fortilli@gmail.com.

Introdução

Neste artigo, interessa-nos analisar três microconstruções com *vai saber* no português: *vai saber* como perífrase de futuridade, *vai saber* marcador dubitativo e *vai saber* marcador discursivo (doravante [vai saber]_{PERFUT}, [vai saber]_{MARCDUB} e [vai saber]_{MD}).

Para iniciar, mostra-se que, diferentemente do comportamento perifrástico, é possível vislumbrar, para os lexemas verbais *vai* e *saber*, usos como V1 e V2, condição em que os verbos têm seus significados lexicais conservados, plenos, como nas ocorrências abaixo:

- (1) Desde quarta-feira, ele **vai** na prefeitura **saber** se saiu o dinheiro e não tem nada na conta. Hoje pagou o dinheiro de alguns, mas o dele não constava.³
- (2) Olha, **fui** no INSS **saber** o porquê estava tendo alguns descontos no meu salário.⁴

Observa-se que, nesse tipo de uso, os dois verbos mantêm possibilidades de receber flexões modo-temporais e número-pessoais, bem como de exigir complementos. Além disso, seus significados são específicos: de movimento e deslocamento no espaço, para o V1, e de tomada de conhecimento, para o V2.

Neste artigo, partimos de outra possibilidade, já conhecida: a atuação do verbo *ir* como auxiliar. Moia (2017), por exemplo, trata tal elemento como auxiliar temporal e explica que “em português, o verbo de movimento *ir* transformou-se num verbo auxiliar temporal, geralmente descrito como um ‘marcador de futuro’, que permite formar o chamado futuro perifrástico” (p. 02), forma concorrente do futuro sintético. Abaixo, essas possibilidades são apresentadas, respectivamente, pelos casos (a) e (b):

- a) Amanhã não vai chover.
- b) Amanhã não choverá.

São muitos os estudos acerca da trajetória histórica do verbo de movimento *ir* e a sua gradual reanálise como marcador de futuro, dentro do quadro dos processos de Gramaticalização (Oliveira, 2012; Fonseca, 2010; Bragança, 2008). A Gramaticalização, comumente aludida por GR, é o processo de mudança linguística pelo qual elementos do léxico passam a desempenhar funções gramaticais, ou elementos já gramaticais passam a desempenhar funções ainda mais gramaticais, em um processo unidirecional (Heine et al., 1991), daí sua relevância na explicação de como *ir* foi ganhando gramaticalidade e o potencial de atuar na demarcação temporal do português.

³ Comentário de internauta no Facebook.

⁴ Comentário de internauta em www.reclameaqui.com.br.

Em nosso estudo, conforme mencionado, partimos do comportamento já perifrástico e limitamo-nos à forma em terceira pessoa do singular do presente do indicativo, isto é, a forma *vai*. A título de ilustração, seguem ocorrências:

- (3) Analise os pontos em comum que vocês têm, se costumam fazer as mesmas coisas, o que mais te agrada nele, o que mais te irrita, se é amor mesmo, amizade ou só uma forte atração. Vai ser difícil e pode demorar, mas, no fundo, você **vai saber** quem é a pessoa certa para você.⁵
- (04) Esse site não tem relação com a clínica Martins Godoy e com nenhuma outra clínica, loja, empresa... Mandando um comentário aqui, o pessoal da clínica Martins Godoy não **vai saber** do ocorrido. Tem que entrar em contato com a clínica mesmo.⁶

A forma em destaque é uma das formas disponíveis na língua para a marcação de futuro no português, “equivalente” a *saberá*. Sintaticamente, a expressão desempenha uma função essencial na oração, exige sujeito e complemento (objeto “simples” ou oração completiva) e pode se submeter à negação. O verbo auxiliar *ir*, conjugado na terceira pessoa no singular, carrega a marcação temporal e o verbo principal *saber*, no infinitivo, contempla a ideia de tomar conhecimento, possuir habilidade, entre outras nuances, a depender do contexto.

Em outros usos, detectam-se alterações em seu potencial de marcação de futuro, e a expressão como um todo parece ganhar contornos que passam por outros significados, mais abstratos, ligados, de maneira geral, à atitude do falante diante do que é dito:

- (4) Também curtimos o famoso banho de lama, muito divertido! A tal lama tem “poderes” cosmético/medicinais. **Vai saber** se tem mesmo... mas que eu já comprei muita máscara facial e corporal exatamente como aquela lama, isso já.⁷
- (5) Visto que o público maior gosta é de som ruim, não sei se o destino para ficar economicamente viável é só passar som tosco, ou se reconquistando o público que gosta de música mais seletiva, porém que são minorias, é a direção correta... **vai saber**... Mas que é triste ver isso é, porque eu já conheci muita banda boa na MTV desde a minha adolescência e até hoje continuo conhecendo bandas boas lá.⁸

Em (4) e (5), as formas destacadas mostram, respectivamente, a perda de sujeito, a mudança na significação, que passa a instaurar dúvida e, por fim, o completo desgarramento sintático da construção das orações do entorno. Nessas ocorrências, o verbo *ir* não contempla

⁵ Disponível em: atrevida.uol.com.br.

⁶ Disponível em: apontador.com.br.

⁷ Disponível em: catalogodeviagens.net.

⁸ Disponível em: exorbeo.com.

a noção de futuridade e as microconstruções⁹, como um todo significativo, adquirem significados mais subjetivos, voltados à organização da interação entre os falantes, expressando modalização, marcação de incerteza, hipotetização, entre outros valores. Na ocorrência (4), observa-se ainda algum tipo de complementação sintático-semântica, pois há a completiva “se tem mesmo”.

No caso (5), observa-se que a expressão não opera como unidade com função essencial à organização da sentença e passa a atuar como uma espécie de parêntese (Thompson; Mulac, 1991; Jubran; Koch, 2006), desprendendo-se da arquitetura sintática constituída em seu entorno. Conjuntamente, no campo do significado, observa-se abstratização (Bybee, 2016), baseada em um maior distanciamento da noção de futuridade e um ganho pragmático que leva a microconstrução a atuar no nível da organização do discurso, incluindo as relações entre os falantes. Ao atuar como expressão organizadora do discurso, *vai saber* exibe comportamento de marcador discursivo (doravante MD). São pouco consensuais os traços definidores dos MD, pois, como afirmam Risso et al., (2006), trata-se de um grupo de elementos de constituição bastante diversificada, desde sons não lexicalizados até sintagmas mais desenvolvidos, que formam uma categoria pragmática bastante relevante para o funcionamento da linguagem. Para esses autores, são elementos com alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional e independentes da estrutura sintática da oração, portadores de demarcação prosódica própria, dentre outras características.

São esses processos, aqui brevemente esboçados, que procuramos elucidar neste estudo. Para tanto, organiza-se o texto da seguinte forma: na primeira seção, são apresentados os fundamentos dos Modelos Baseados no Uso e da Perspectiva Textual-Interativa, os quais dão sustentação às nossas análises. Na segunda seção do texto, apresentam-se os Procedimentos Metodológicos. A terceira parte contempla a Análise dos dados, que desencadeia as Considerações Finais e, por fim, o referencial teórico utilizado.

Fundamentação teórica

Embasam esta pesquisa os Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Diessel, 2019; Traugott; Trousdale, 2021), assentados, por sua vez, em pressupostos funcionalistas e cognitivistas. O que se convencionou chamar de funcionalismo norte-americano, paradigma com forte desenvolvimento nos anos 1970, representou um alicerce importante para o surgimento desses Modelos (MBU, daqui em diante), por representar uma reação às

⁹ Pareamentos linguísticos de forma e significado constituem as construções, unidades básicas da língua. Com diferentes níveis de abstração e complexidade, as construções vão de lexemas a padrões gerais como o da oração transitiva, por exemplo. Dentro do inventário linguístico, microconstruções são estruturas totalmente preenchidas, sem nenhum *slot* vazio, ou seja, *types* individuais, específicos.

impropriedades constatadas nas pesquisas estruturalistas e gerativistas, ambas de cunho formal. De forma ampla, as pesquisas funcionalistas se balizam pela ideia de que “uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa” (Furtado da Cunha, 2013, p. 163).

Pesquisas fundadoras do que se tem hoje como Linguística Cognitiva (LC), como as de Fillmore *et al.* (1988), Lakoff (1987) e Langacker (1988), também foram motivadas por insuficiências em modelos anteriores. Impulsiona a LC a ideia de não modularidade da mente, isto é, de que a linguagem não constitui um componente autônomo, independente de outras faculdades mentais. Atualmente, no variado conjunto de teorias abrigadas na LC, assume-se que o conhecimento linguístico é pautado nas experiências que o falante tem com a língua, e as categorias linguísticas são baseadas nos usos reais das construções, da mesma forma que as categorias pelas quais se classificam seres e objetos são baseadas na experiência do homem com a realidade biossocial.

O diálogo entre esses campos teóricos possibilitou a gênese dos MBU, também abarcados por rótulos como Linguística Baseada no Uso ou Linguística Funcional Centrada no Uso (Pinheiro; Alonso, 2018), que consideram, de forma geral, a conexão entre a produção e a interpretação de enunciados e os processos cognitivos de domínio geral. A descrição linguística que se propõe preocupa-se com pontos como: de que maneira a estrutura linguística é afetada pelo uso, como a frequência, a mudança e a variação correspondem a uma representação cognitiva mais geral do conhecimento do falante e como processos cognitivos de domínio geral, isto é, não exclusivos da capacidade linguística, podem atingir a convencionalização de estruturas na língua. Dizendo de outro modo, com a consideração de que a gramática é moldada pela experiência e advém de processos cognitivos de domínio geral, passa-se a investigar os usos e a forma como eles moldam as estruturas da língua, emergindo de instâncias concretas que permitem a fixação de pareamentos convencionais.

Tais pareamentos baseiam-se na forma e no significado e constituem as construções, unidades básicas da língua. Com diferentes níveis de abstração e complexidade, elas vão de lexemas a padrões como o da oração transitiva, por exemplo. Ligada à abstração, encontra-se uma importante propriedade das construções, a esquematicidade. Para Traugott e Trousdale (2021), um esquema é uma forma de generalização taxonômica de categorias, sejam elas linguísticas ou não. Na língua, os esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, que podem ser procedurais ou de conteúdo. Dessa forma, dentro do inventário linguístico, as construções exibem diferentes graus de esquematicidade, pautados em uma gradualidade de generalização e especificação. O nível do esquema contempla padrões totalmente esquemáticos, com todos os *slots* (espaços) abertos, como o padrão [SVO], capaz de abrigar diferentes elementos em cada uma de suas posições. No nível do subesquema, estão os padrões parcialmente esquemáticos, como o subesquema dos

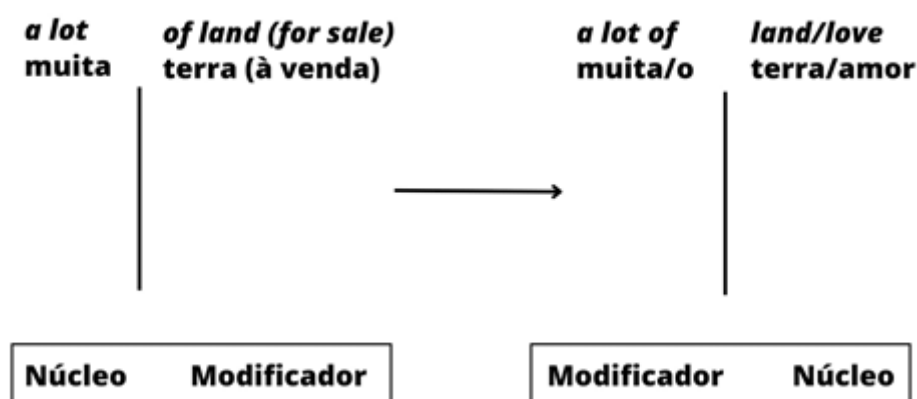
conectores [XQUE] com valor temporal no português, com um lugar preenchido e outro passível de ser ocupado por outras unidades linguísticas e, finalmente, no nível das microconstruções situam-se unidades que são totalmente preenchidas e não tem nenhum *slot* vazio.

Quando se pensa em como esses pareamentos surgem e se consolidam, toca-se no que, para Traugott e Trousdale (2021), são processos fundamentais: a mudança construcional e a construcionalização. A primeira é constatada quando ocorrem alterações que afetam uma dimensão interna da construção, a da forma ou a do significado, não envolvendo a criação de um novo nó na rede. As mudanças construcionais podem levar (mas não necessariamente) à formação de novos pareamentos de forma e significado. Quando isso ocorre, temos o que Traugott e Trousdale (2021) denominam construcionalização.

A construcionalização geradora de elementos procedurais (mais gramaticais) tem como uma de suas bases primordiais o fator composicionalidade, que se refere ao grau de transparência do elo entre forma e significado, ou seja, ao quanto os significados das partes levam ao significado do todo. Segundo Traugott e Trousdale (2021), se uma construção é semanticamente composicional e o falante produziu uma sequência sintaticamente convencionalizada, o ouvinte, por sua vez, entende o significado de cada item individualmente. Mas se não é composicional, a transparência semântica e a vinculação sintática dos elementos são afetadas, o que pode se associar a processos cognitivos como a automatização, crucial para a consolidação de novas funções gramaticais. Segundo Diessel (2019), trata-se de um processo gradual, relacionado à frequência de uso, que contribui também para a formação de *chunks*. Esse processo, nomeado *chunking*, é tomado como uma unidade de organização na memória, possível graças à união e ao “amalgamento” de outros *chunks* já disponíveis. Nas línguas, esse processo permite a formação de expressões e/ou unidades linguísticas baseadas em itens sequenciais que, com o uso, passam a ser embalados juntos na cognição.

A neoanálise representa um outro processo de bastante relevância e é entendida como um mecanismo de interpretação negociado entre falante e ouvinte em situações específicas. Nesse processo, ocorrem mudanças de forma e/ou de significado, fundadas em interpretações inaugurais geradas por aquele contexto e disseminadas na comunidade de falantes, como se exemplifica com o caso de *a lot of*:

Figura 1: Neoanálise de *a lot of*



Fonte: Traugott e Trousdale (2021, p. 63).

O que se vê na figura é a ocorrência de construcionalização, uma vez que, além de se identificar mudança no plano do significado/função (de partitivo para quantificador), também se observa mudança na forma, a qual vem de uma neoanálise da relação de núcleo no binômio, já que, num primeiro momento, *lot* era o núcleo por ser uma quantidade, uma medida que definia em unidades a disponibilidade de algo (a ser vendido, por exemplo). No decorrer da trajetória, *lot* passa a portar significado mais inespecífico (*muito*, *bastante*) e, dentre as duas partes, o núcleo se desloca para o outro SN (*terra* ou *amor*, nos casos acima). Além disso, houve uma neoanálise da preposição *of*, que passa a ser a ser parte fonológica do quantificador.

De base “interpretativa”, a neoanálise está ligada a processos de (inter)subjetivização. Traugott (2010) define por meio das ideias de Lyons (1982) o conceito de subjetividade: “é a forma pela qual as línguas naturais, em sua estrutura e maneira própria de operação, fornece ao falante meios de expressão de suas crenças e atitudes”. Se a subjetividade é o mecanismo pelo qual o falante pode expressar suas atitudes e crenças, a intersubjetividade, segundo Traugott, manifesta-se pela expressão de crenças e atitudes do falante relacionada a sua autoimagem e àquela que ele tem sobre seu ouvinte. O ponto crucial desse processo é o modo como significados tendem a se tornar cada vez mais baseados em crenças subjetivas ou atitudes do falante em relação ao que é dito e a como é dito, equivalendo ao modo pelo qual os falantes desenvolvem novos sentidos para palavras já existentes, expondo, via itens linguísticos, suas atitudes (Traugott, 2010, p. 34).

Ainda no campo do relacionamento dos participantes com o que é dito, destaca-se a modalidade epistêmica. De acordo com Neves (2000), a modalidade epistêmica tem como característica o modo como o enunciador se expressa em relação ao conteúdo da informação, interagindo com o grau de verdade que acredita haver nela. Em estudo focado em advérbios modais, Castilho e Castilho (2002) definem subclasses para tal categoria: 1) modalizadores

epistêmicos, que abarcam os asseverativos, os quase-asseverativos e os delimitadores, 2) modalizadores deônticos e 3) modalizadores afetivos. Nos quase-asseverativos, encaixam-se *talvez*, *assim*, *possivelmente*, *provavelmente* e *eventualmente*, os quais, na classificação de Neves (2000), corresponderiam a adjetivos de eventualidade. A atenção a esses trabalhos justifica-se pela possibilidade de que uma das microconstruções com *vai saber* seja analisada considerando sua semelhança funcional com os adverbiais quase-asseverativos.

Em interação com estudos de modalidade, salienta-se a pesquisa de Sousa (2007). Focalizando a GR em expressões como *quem sabe se*, a autora expõe casos como o que segue:

- (06) A: há muito que não sei dele. Então, como estava me dando saudade, pedi ao Anfilóquio para escrever uma carta.
B: **Quem sabe se** ele não anda doente...
A: A última vez que tive notícias, ele estava forte e saudável. (Sousa, 2007, p. 152)

Para Sousa (2007), a constituição de *quem sabe se* ocorre pela adjunção da conjunção *se* ao bloco que, em uma estrutura de complementação canônica, equivaleria a uma oração matriz. Complementarmente a essa afirmação, a pesquisadora argumenta que *quem sabe se* tem valor próximo ao do advérbio *talvez*, funcionando como “marcador de modalidade dubitativa”. A paráfrase corrobora a afirmação:

Quem sabe se ele não anda doente?
Talvez ele ande doente. (Sousa, p. 153)

Os termos em destaque estão em condição de semelhança, mas não são idênticos. Uma primeira distinção é quanto à combinação de cada marcador com o modo dos verbos: *talvez* se relaciona com verbos na forma de subjuntivo, enquanto *quem sabe se* está ligado a verbos no indicativo. Além dessa questão, há uma diferenciação pragmática: *quem sabe se* faz com que o interlocutor seja, de certo modo, impelido a emitir um parecer acerca da validade da Proposição enunciada pelo falante, fenômeno que não se observa quando do emprego de *talvez*. Ainda, “o fato de essa função ser cumprida por *quem sabe se* e não por *talvez* deve-se, certamente, à força ilocucionária interrogativa da construção com *quem sabe se*, provavelmente induzida pelo pronome que encabeça a expressão” (Sousa, 2007, p. 153).

Essas asserções de Sousa (2007) abrem caminho para a análise de uma das microconstruções com *vai saber*, por nós rotulada como marcador dubitativo e detalhada na seção de análise.

Por fim, abordam-se questões relativas aos MD, por meio do aparato metodológico e analítico constituído por Risso *et al.* (2006; 2015), no âmbito da PTI. De forma ampla, os autores tratam os MD como

Um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções, e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (Risso; Silva; Urbano, 2006, p. 403).

Risso *et al.* (2006) apontam que a dificuldade na delimitação dos MD e, conseqüentemente, no tratamento desses elementos na condição de integrantes de uma categoria discursiva, deve-se, também, ao fato de que eles se situam no nível pragmático da linguagem, para o qual se tem menos especificidade nas pesquisas.

A partir dessa asserção, e pela aplicação de dez variáveis a um vasto conjunto de dados, Risso *et al.* (2015) apresentam sistematicamente um conjunto de traços típicos, suficientes para contemplar as funções de *articulação tópica* e de *orientação da interação*, ambas presentes nos MD:

- 1) Alta recorrência;
- 2) Exterioridade ao conteúdo proposicional;
- 3) Transparência semântica parcial;
- 4) Invariabilidade formal ou variabilidade restrita;
- 5) Independência sintática;
- 6) Contorno prosódico com pauta demarcada;
- 7) Não autonomia comunicativa;
- 8) Massa fônica reduzida.

(Risso *et al.*, 2015, p. 381)

Tendo tais traços como os mais centrais da categoria, entende-se que quanto mais atributos um marcador possuir, mais prototípico ele se torna. Esses elementos, de forma geral, fornecem pistas de contextualização e instruções de processamento para a interpretação das relações entre os tópicos discursivos e podem aparecer na posição final, medial e inicial das sentenças. Agrupados, esses elementos compõem uma hiperconstrução (Diewald, 2020), um paradigma em torno de uma função maior – a marcação pragmática. Essa última poderia ser traduzida como uma “macrofunção”, que está voltada para a gestão do discurso, como orientar mudanças de tópico e digressões, além de monitorar a relevância informacional do que é declarado, entre outros papéis.

É no enquadre desses papéis que conversamos também com a pesquisa de Guerra (2007), assentada na PTI. Para essa vertente teórica, não há dissociação das características estruturais da dinâmica dos processos formulativo-interacionais sistematicamente envolvidos em sua produção, entendendo-se por “sistematicamente” as regularidades na estruturação textual e nos princípios que norteiam o desempenho verbal. Assim, toma-se o texto como objeto de estudos para dele depreender regularidades, pela recorrência em contextos definidos, das formas de processamento das estratégias de construção textual, dos mecanismos de estruturação textual, entre os quais se incluem os MDs e suas funções textuais-interativas.

Para Guerra (2007), as funções textuais-interativas são definidas como a imbricação dos processos de formulação textual e de interação de maneira a não ser possível considerá-los separadamente. Nessa perspectiva, “os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo” (Jubran; Koch, 2006, p. 29). O princípio de gradiência traduz-se pela não discretude de traços funcionais e pela possibilidade de dominância de uma ou outra função, o que desemboca na ideia de que, nas interlocuções, cada MD expressa função mais acentuadamente textual ou mais acentuadamente interacional.

Feitas tais conexões entre as correntes teóricas, as quais convergem em pontos como a importância atribuída ao uso da língua e a concepção de que as funções linguísticas apresentam variação e gradiência nas interações reais, apresentamos o percurso metodológico adotado.

Procedimentos Metodológicos

Os nossos dados foram coletados no banco de dados do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006). Nele há três *subcorpora* diferentes: o primeiro é o Gênero/Histórico, criado em 2006, por Davies e Ferreira, comportando 45 milhões de palavras ao longo dos séculos XIII a XX. O segundo, Web/Dialetos, reúne um bilhão de palavras de páginas da internet de quatro países de língua portuguesa, Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. E o terceiro, *Now*, abreviatura para *News of the web* (Notícias da internet), abriga 1 bilhão e 100 milhões de palavras entre os períodos de 2012 a 2019.

Foram selecionados, por busca simples dos termos “vai saber”¹⁰, trechos de diferentes tipos de textos dispostos no *Corpus* (notícias, ficção, textos da web, comentários de opinião, entre outros) no português contemporâneo (século XXI). Pela grande quantidade de dados e por nossa pesquisa não ter, diretamente, um interesse quantitativo, delimitamos um recorte

¹⁰ Na pesquisa de mestrado que deu origem a este texto, outras “fórmulas” de busca foram utilizadas na coleta, para fins de observação de possíveis materiais intervenientes em *vai saber*. Por questões de espaço, não se fará uma vasta discussão deste ponto, mas apenas considerações em momento oportuno da análise.

de 450 ocorrências. Para isso, tivemos como ponto de partida uma observação prévia que identificou ocorrências com traços alinhados à perífrase de futuridade, de marcador dubitativo e de marcador discursivo, para que depois fossem selecionadas as primeiras cento e cinquenta ocorrências de cada microconstrução. A intenção foi observar as regularidades de um conjunto significativo de dados, aplicando a cada um os mesmos fatores de análise.

Os parâmetros de análises selecionados foram:

- a) Posição da microconstrução [vai saber] em relação ao conjunto de orações de que faz parte: esse critério potencialmente revela traços sintáticos que distinguem as três microconstruções em análise, já que, de PERFUT a MD, é provável que se delineie uma tendência à liberdade de colocação;
- b) Integração sintática: esse critério, assim como o anterior, objetiva permitir que se observe fixidez ou mobilidade sintática das microconstruções;
- c) Manifestação de sujeito: o objetivo desse parâmetro foi discutir de que forma a presença ou ausência de sujeito corrobora as diferenças entre as três microconstruções;
- d) Unidade semântica “conectada” à microconstrução: considerando Termo, Estado-de-Coisas e Proposição, investiga-se se há uma tendência de cada tipo de *vai saber* a se ligar a uma ou outra dessas unidades.

Complementarmente, os casos da microconstrução [*vai saber*]_{MD} serão discutidos, tanto quanto possível, sob os parâmetros da PTI, já expostos acima.

Análise de *vai saber* no português contemporâneo: três microconstruções em interação

A interligação dos quatro parâmetros de análise mostrou resultados que permitem confirmar que *vai saber* é instanciado em três distintos padrões construcionais do português contemporâneo, como se passa a apresentar e analisar.

A posição que *vai saber* ocupa no conjunto de orações do qual faz parte revela importantes diferenças sintáticas entre os três casos analisados. Este parâmetro está intimamente ligado à relação de maior ou menor integração sintática de *vai saber* com a estrutura oracional de que faz parte.

Evidenciou-se que [*vai saber*]_{PERFUT} apresenta-se, sintaticamente, como um constituinte da arquitetura básica da sentença, com função essencial a sua organização. Por se colocar como o predicado de uma oração, a microconstrução atua em uma posição fixa, que é prototípica na estrutura canônica da oração em português. Tal comportamento é visto no caso (06), em que a perífrase se antepõe à sentença encaixada:

- (6) *É preciso dizer tudo sem medo, pois assim seu parceiro vai saber exatamente o que fazer para levá-la ao êxtase! Aproveite e pergunte a ele o que ele gosta que você faça para ele, afinal, sexo é feito entre duas*

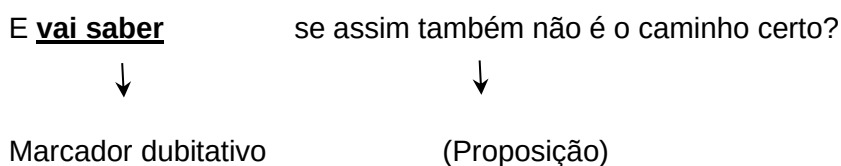
*peçoas e ambas devem ser estimuladas, uma pela outra. E, se ele vai agradá-la, que tal você também fazer o mesmo?*¹¹

Em (6), observa-se uma relação de alta articulação e integração entre as orações, sendo que a microconstrução é instanciada como termo essencial à sintaxe do período. Enfocando, de maneira mais específica, a oração em que se aloca a perífrase, tem-se uma oração matriz (*seu parceiro vai saber*) e a oração encaixada (*exatamente o que fazer*), em uma organização esperada para relações interoracionais como essas.

Por outro prisma, quando se analisam a posição e a forma de integração sintática que permeiam a instanciación de [vai saber]_{MARCDUB}, tem-se uma menor articulação com outros segmentos do entorno, como se observa em (07).

- (7) É uma coisa muito complexa, é possível que estamos vivendo em uma ditadura oculta. Oculta porque se isso se tornar pública haverá revoltas em todos os lugares. Por debaixo dos panos tudo fica mais fácil, todos se conformam com pequenas vitórias e eles mantêm o comando das coisas sem maiores conflitos. E **vai saber se assim também não é o caminho certo?**¹² (Disponível em: linhade defensiva.org).

Na ocorrência acima, a relação sintática entre os constituintes do complexo oracional muda. O “formato” de perífrase ainda prevalece e costuma ocupar uma posição típica (mais inicial), mas já não se pode compreender da mesma maneira a conexão com aquilo que teria sido um “argumento interno”. O que equivaleria à oração matriz *vai saber* + oração completiva corresponde, nesses casos, a uma sentença moldada em torno de uma única Proposição, sobre a qual incide o marcador dubitativo *vai saber*. Em ocorrências assim, [vai saber]_{MARCDUB} aparece anteposto ao objeto da incerteza e sua leitura sugere contorno entoacional interrogativo, como se salienta a seguir.



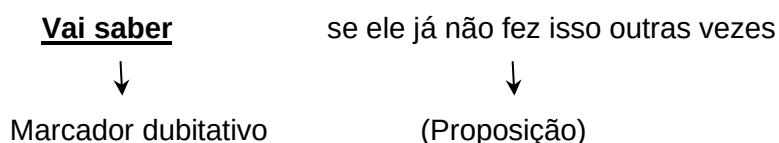
Para fins de maior clareza, segue mais uma ocorrência:

- (08) Mas por favor, você precisa procurar ajuda! Querer esquecer não vai adiantar. Precisa denunciar esse cara, **vai saber se ele já não fez isso outras vezes.**¹³

¹¹ Disponível em: ajudaemocional.tripod.com.

¹² Não é nosso interesse neste escrito discutir se as neónálises podem estar redefinindo os constituintes, levando à integração do conectivo **SE** a [vai saber]_{MARCDUB}, embora seja uma possibilidade relevante. Essa discussão exigiria um trabalho focado apenas nessa microconstrução (marcador dubitativo), e aqui se objetiva mostrar a coexistência das três no português atual.

¹³ Disponível em: escrevalolaescreva.blogspot.com.



A construção [vai saber]_{MD}, por sua vez, foi encontrada em várias diferentes posições dentro do complexo oracional. Sintaticamente, [vai saber]_{MD} perde o *status* de unidade com função essencial à organização da sentença e passa a atuar como se fosse um parêntese, ganhando maior liberdade sintática, o que permite que a construção seja inserida em diferentes posições, conforme a necessidade do falante e o alcance dos seus propósitos comunicativos. Os casos abaixo dão evidências disso:

- (09) Agora, o que qualquer um percebe é o que o pessoal da casa chama de Piedra Fundamental. Dizem as más línguas que, se tirarem essa garrafa daí, o bar vem abaixo. Eu acho melhor deixar ali quietinha, **vai saber**...¹⁴
- (10) Rooney quer um contrato novo com o United e disse que não quer sair. Isso vai na direção oposta do que disse hoje Michel Moulin, criador do 10 Sport. O rapaz, que trabalhou por um curto período de tempo no PSG em 2008, falou que fontes seguras (**vai saber**) confirmavam que a transferência de Rooney para o PSG já está acertada.¹⁵

A liberdade sintática da microconstrução permite que a instauração de dúvida recaia sobre qualquer informação dentre as que compõem o enunciado. Em (9), o MD aparece em posição final e a incerteza recai sobre uma ideia, que depende de inferências do receptor. Seria algo como “vai saber se o bar não vem abaixo mesmo, então é melhor deixar a garrafa ali quietinha”. Em (10), [vai saber]_{MD} é instanciado na posição “medial” e a dúvida, que traduz uma postura reticente do falante quanto às informações sobre um atleta, recai sobre “fontes seguras”.

Sintaticamente, o MD não se integra aos domínios da estrutura da qual faz parte, por isso, é uma construção mais livre e apresenta-se alheia à estrutura canônica da sentença, ou, nos termos da gramática tradicional, não desempenha função essencial. Esse comportamento reflete sua liberdade sintática e corrobora a classificação desse *vai saber* como um MD. Destaca-se a relevância de sua atuação no nível pragmático da língua, no sentido de que materializa aspectos da postura do falante quanto ao conteúdo da interação e, indiretamente, do relacionamento dos participantes da comunicação.

¹⁴ Disponível em: destemperados.com.br.

¹⁵ Disponível em: oldtraffordbr.com.

Ainda sobre o nível sintático, a manifestação do sujeito é um parâmetro capaz de reafirmar as diferenças entre as três microconstruções discutidas neste trabalho, uma vez que tem impacto sobre a composicionalidade e altera a integridade semântico-sintática das subpartes envolvidas. Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração (Bechara, 2000). O sujeito é um termo essencial de uma oração, uma vez que corresponde ao SN que compõe de maneira imediata uma frase verbal e a partir do qual as demais funções sintáticas podem ser delineadas. O sujeito é um dos argumentos verbais e, como tal, é capaz de influenciar no modo de atuação das construções linguísticas e, como se observa a seguir, a presença (ou não) de sujeito é cara para a distinção das microconstruções. Em (11), tem-se uma ocorrência da construção [vai saber]_{PERFUT}:

- (11) Mantenha o caminho por onde passa um deficiente visual limpo e desimpedido: objetos fora de lugar podem causar acidentes. Para mostrar onde está uma cadeira, basta colocar a mão do deficiente visual no encosto da mesma: ele vai saber onde ela está e vai se sentar sem problemas.¹⁶

Em casos assim, a perífrase faz parte da ordenação SVO operando na organização da predicação. Há, também, um sujeito ao qual o verbo (ou perífrase) se vincula. Desse modo, é possível a variação modo-temporal e número-pessoal do verbo *ir*, uma vez que o que se tem é uma relação de auxiliaridade – com no caso “as pessoas da equipe vão saber o que, quando e como fazer, tanto na regra como nas exceções”¹⁷. Ainda, pela prototipicidade do complexo oracional de que faz parte, a construção [vai saber]_{PERFUT} admite a negação, como se vê no dado “Ele não vai saber a diferença entre a bota velha e seus novos tênis de caminhada”¹⁸.

Por outro lado, na construção [vai saber]_{MARCDUB} não se identifica a presença de sujeito. Não se expressa *quem* vai saber de alguma coisa (*que* ou *se* alguma coisa). O que parece ocorrer nesses casos é a formação do *chunking* *vai saber*, que se comporta como um expediente de caráter mais gramatical, atuante de maneira similar a um advérbio que instaura dúvida ou incerteza sobre seu escopo, que é, predominantemente (em nosso corpus) uma Proposição. A presença de *se*, responsável pela instauração da ideia de possibilidade, colabora para o perfil dessa microconstrução, verificado nos casos abaixo:

¹⁶ Disponível em: asac.org.br.

¹⁷ Disponível em: aisapereira.blogspot.com.

¹⁸ Disponível em: casa.hsw.uol.com.br/como-resolver-problemas-comportamentais-dos-caes4.htm.

- (12) Tenho as minhas dúvidas se ele consegue vender o carro, pois provavelmente nem faturado deve estar e para isso ele terá que emitir uma NF. **Vai saber** se ele ainda consegue emitir essa NF.¹⁹

Um outro caso ajuda a elucidar essa configuração:

- (13) Aí espalhei um monte de papel no assento. Isso é cruel... porque, por mais que o banheiro parece limpo, **vai saber** se está livre de algum tipo de doença?²⁰

Por não apresentar um sujeito relacionado ao que seria a perífrase, há restrição de tempo-modo e número-pessoa da construção, não sendo mais observadas as flexões. A construção aparece fixa e invariável e não faz referência a uma obtenção de conhecimento, mas se torna um dispositivo de projeção de hipótese, incerteza ou imprecisão acerca da Proposição sobre a qual recai. Essa microconstrução parece trazer sinais da neoanálise que se opera a partir da perifrástica. No processo de convencionalização do *chunking*, o sujeito não faz parte do padrão em questão e, conseqüentemente, as flexões de número e pessoa não são mais necessárias. Nesse processo de *chunking*, *[vai saber]_{MARCDUB}* exibe impessoalidade, não havendo um agente ou experienciador ligado às significações dos componentes verbais. Sua natureza modal epistêmica começa a se firmar.

Nas ocorrências analisadas, parece haver sempre um contorno entoacional interrogativo/suspensivo, sugerido por vírgulas e reticências após a Proposição, processo complementar nesse processo de consolidação da microconstrução MARCDUB. Não se pode, porém, confirmar tal leitura, pois nossos dados são da modalidade escrita.

Na terceira das microconstruções, *[vai saber]_{MD}*, percebem-se outros traços, como no caso abaixo:

- (14) (...) A partir do momento que os filhos da classe média alta aceitam registrar o dia a dia das serventes e lhes fazer entrevistas, já é notável o grau de aproximação entre eles, podendo inclusive relativizar se essas mulheres aceitaram ser filmadas por uma eventual insegurança de serem demitidas caso negassem. **Vai saber**. Doméstica trabalha uma temática intrínseca à cultura brasileira.²¹

Em (14), *[vai saber]_{MD}* atua no gerenciamento e na organização do discurso, sendo usada pelo locutor como estratégia para reduzir o seu nível de comprometimento sobre a afirmação. Nesse contexto, abrange valores subjetivos e intersubjetivos, uma vez que dá evidência da atitude do falante diante da Proposição e, conjuntamente, revela pistas da

¹⁹ Disponível em: noticiasautomotivas.com.br.

²⁰ Disponível em: bolsademulher.com.

²¹ Disponível em: gazetamaringa.com.br.

condução da interação com seu ouvinte. Em linha com Castilho e Castilho (2002), esse desempenho marca a natureza modal quase-asseverativa do MD, pois o falante expõe asserções em seu discurso, mas refreia, com essa microconstrução *vai saber*, as implicações que poderiam ser geradas a partir delas.

Esse MD mostra-se como indicação de hipótese, um cenário possível que aquele que fala gostaria de compartilhar, ainda que com baixa responsabilidade sobre sua verdade. Revestido desse propósito comunicativo, [vai saber]_{MD} não conta com sujeito ou vestígios de uma ligação sintática com a frase “hospedeira”, independência que é típica para a categoria.

Outra pista da consolidação do [vai saber]_{MD} é a não admissão de negação, conforme se percebe pela paráfrase feita a partir do dado (14):

*[...] já é notável o grau de aproximação entre eles, podendo inclusive relativizar se essas mulheres aceitaram ser filmadas por uma eventual insegurança de serem demitidas caso negassem. **Não vai saber.** Doméstica trabalha uma temática intrínseca à cultura brasileira.

Em (14), o acréscimo de negação claramente prejudica a interpretação da microconstrução, tornando-a desprovida de sentido e inadequada ao contexto de uso.

A ausência de sujeito reafirma o *chunking* em [vai saber]_{MD}, iniciado em [vai saber]_{MARCDUB}. Além disso, reforça a atuação da microconstrução como algo externo à estrutura oracional canônica, de modo a cooperar para a “sua modalização e para o seu movimento organizacional, ao inscrever nele condições ou circunstâncias variadas de enunciação” (Risso; Silva; Urbano, 2006, p. 409).

Além dos critérios discutidos até aqui, as diferentes microconstruções instauradas por *vai saber* são influenciadas pela unidade em que se inserem e, conseqüentemente, pelas propriedades semânticas que preenchem seus espaços “argumentais”. Enquanto perífrase de futuridade, *vai saber* se apresenta como uma perífrase de sentido pleno e organiza-se, sintaticamente, no centro de uma oração, exigindo complementos.

(15) Esses pedaços de rochas e metal, ao entrar em contato com a superfície do planeta, pegam fogo e emitem tanta luz que, de longe, parecem uma estrela. Na CHC 180, você **vai saber um pouco mais sobre o fenômeno das estrelas cadentes**.²²

Na ocorrência acima, o verbo *saber* indica a capacidade de aprender mais sobre o fenômeno das estrelas cadentes, por meio de uma revista, a Ciência Hoje das Crianças-edição 180. Sintaticamente, a construção mostra a ordenação SVO, e o verbo *saber* opera em conjunto com *ir* (conjugado em 3ª pessoa), de modo a organizar em torno de si a

²² Disponível em: ciencia.ao.usp.br.

predicação. Nos dados dessa pesquisa, as unidades majoritariamente conectadas à microconstrução [vai saber]_{PERFUT} são termos (como em 15) e Estados-de-coisa.

Já a ocorrência (16) ilustra um padrão mais cristalizado, com *vai saber* como Marcador Dubitativo, sendo outra a unidade que se conecta à microconstrução:

- (16) Não é uma questão de opinião ou de personalidade. Não existe isso de "Não gosto de mulheres, então vou ameaçar e agredir mulheres em posição de comando". Não é uma escolha individual. Também pode ser interessante que algum dos professores homens que ele ouve e respeita fale com ele. **Vai saber** se o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.²³

Nessa ocorrência, o espaço argumental é preenchido por uma Proposição, agregação que foi tendência nos dados desta pesquisa. Como já se adiantou, a microconstrução assume uma natureza de marcador que introduz uma hipótese, aproximando-se das peculiaridades do advérbio *talvez*. A paráfrase da ocorrência, com *talvez* e com outras microconstruções que poderiam operar da mesma maneira, ajuda a elucidar:

- Vai saber** se o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.
a. **Talvez** o aluno esteja metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.
b. **Quem sabe (se)** o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.
c. **Sabe lá se** o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.

Os termos em destaque em (a), (b) e (c) estão em condição de semelhança, prefaciando e incidindo sobre proposições. Todavia, não são idênticos. Uma primeira distinção tem a ver com o modo dos verbos: *talvez* se relaciona com verbos na forma subjuntiva, enquanto os demais estão ligados a verbos no indicativo. Além dessa questão, há outras particularidades: a forma de se relacionar com conectivos, quanto à exigência ou não de sua presença, além de distinções pragmáticas que certamente se estabelecem, mas que não se objetiva aqui esmiuçar.

A forma do MARCDUB [vai saber] é bastante fixa na língua. Mesmo assim, é possível encontrar, em pequena quantidade, dados com material interveniente, todos conectados a Estados-de coisas, como (17):

- (17) Amigo, os artigos daqui não são de autoria própria, apenas traduzidos. Mas eu discordo que sejam de má qualidade, normalmente quando eu

²³ Disponível em: escrevalolaescreva.blogspot.com.

abro a página inicial quase todos me interessam. **Vai lá saber** o que é verdade ou não, ainda bem que o estudo é uma sugestão do que pode ter acontecido.²⁴

Chama atenção o fato de que o material que se coloca entre *vai* e *saber* tem natureza geral, sem especificidade de sentido, o que contribui para a impessoalidade e a adesão de *vai saber* a um caráter mais procedural. Dizendo de outro modo, *lá*, que inicialmente seria um locativo, em casos assim esvazia-se de seu traço de lugar, passando a ser um afixoide que já não contempla referência ao mundo biossocial (Rosa; Oliveira, 2020).

Como já afirmado, foi predominante a articulação dessa microconstruções a Proposições, peculiaridade que, conciliada aos demais traços discutidos aqui, impulsiona o [vai saber]_{MARCDUB} como o possível ‘gatilho’ para o surgimento de usos como os que apresentamos a seguir:

- (18) Às vezes... **vai saber**... pode ser loucura minha... mas já pararam pra pensar nesses produtos que a pessoa ingere... se não tem alguma substância que deixe a pessoa dependente do produto... ou que é alguma experiência de algum laboratório... pois anos atrás um governo aí fez experiências com pessoas que tinham alguma doença... eh meio que teoria da conspiração rsrs.... (braznet.org)
- (19) Você faz planos pro futuro, mas nem sabe se vai voltar pra casa à noite, se estará vivo no dia seguinte. Sei lá, vai chegar um dia que será impossível viver em cidades grandes. As pessoas viverão cercados por enormes muros, cercas elétricas, vigiados por diversas câmeras e seguranças. É... talvez nem isso dê certo, talvez haja vandalismo e violência mesmo assim... **vai saber**.²⁵

Em usos mais alinhados ao nível pragmático-discursivo, o verbo *saber* perde por completo sua estrutura argumental, deixando de exigir complemento. Observa-se que [vai saber]_{MD} é sintaticamente independente, por ser seguido de pausa (indicada pelos sinais gráficos) e por não operar como matriz de outra oração, sendo uma construção que não é composicional, pois seu significado não corresponde à mera soma de cada uma de suas partes constitutivas.

A construção [vai saber]_{MD} é requisitada pelo locutor como estratégia discursiva que incide, na maior parte dos casos, sobre toda uma Proposição. Sintaticamente, *vai saber*, nessas ocorrências, perde o *status* de unidade com função essencial à organização da sentença e apresenta, como previsto em Risso et al. (2015), independência sintática, isto é, ausência de uma forma explícita de vinculação com a arquitetura das orações vizinhas. Da mesma forma, no campo do significado, observa-se uma abstratização, à medida que se

²⁴ Disponível em: hypescience.com.

²⁵ Disponível em: algumas poucaspalavras.wordpress.com.

perde a noção de operador de futuro e se ganha a possibilidade de atuar no nível de organização do discurso.

Em (18), o falante utiliza a microconstrução como uma estratégia de afastamento, a fim de não se comprometer com o conteúdo que será exposto na sequência. É importante observar que, nesse caso, o MD é utilizado pelo falante antes de uma exposição, de certo modo, polêmica sobre a contaminação de produtos ingeridos pela população e a teoria de que o governo pode fazer experiências radioativas. Assim, é possível fazer a seguinte leitura: *eu não sei*, mas é possível que existam produtos que causem dependência, ou experiências sendo realizadas em laboratórios – o que mostra que, em um movimento de quase-asseveração, o falante busca não se comprometer com a veracidade daquilo que expôs, deixando claro desde o início que ele também tem dúvidas a respeito dos fatos.

Em (19), os procedimentos do falante vão na mesma direção, com instanciamento de [vai saber]_{MD} com a finalidade de acentuar que aquilo que ele está mencionando é hipotético, não taxativo. Junta-se ao MD a presença do próprio advérbio quase-asseverativo *talvez*, em um esforço de modalização por parte do enunciador.

Como MD, *vai saber* não é integrada sintaticamente com a cláusula hospedeira, portanto não faz parte da sintaxe. Para além desse traço, identificamos outras características que, de acordo com Traugott (2021), marcam a prototipicidade dos marcadores e são importantes para sua caracterização. Seleccionamos algumas, aquelas que mais contundentemente se apresentaram em nossos dados: a) exprimem mobilidade e podem aparecer em várias posições na oração; b) são (inter)subjetivas, uma vez que expressam a atitude do falante (de afastamento ou incerteza) em relação ao conteúdo proposicional associado e estão ligadas à expressão de crenças e atitudes do falante relacionada a sua autoimagem e àquela que ele tem sobre seu ouvinte e c) são microconstruções que contam com especificidades prosódicas, representadas por vírgulas, reticências ou outro tipo de sugestão de suspensão do fluxo entoacional principal na escrita.

A natureza modal epistêmica desse MD indica que seu papel no discurso é mais acentuadamente interacional, no sentido de que se está mais ligado à orientação geral do discurso e ao manejo das relações entre os interactantes.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos três microconstruções com *vai saber* no português: [vai saber]_{PERFUT}, [vai saber]_{MARCDUB} e [vai saber]_{MD}, considerando fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos, a partir de uma abordagem sincrônica do português atual.

A posição e a integração sintática de cada microconstrução foram reveladoras de importantes distinções, já que os dados identificados com a perífrase de futuro predominaram na posição prototípica para os predicados, estabelecendo-se como esteio da arquitetura

essencial da sentença. A microconstrução MARCDUB também predominou em uma posição relativamente fixa, não se deslocando pelo conjunto de orações de um período. No entanto, há alterações importantes em sua integração sintática, pois ela tem feições de uma oração, mas não exibe todos os traços para se sustentar como tal. Apesar de ligada a uma outra oração, configurada como Proposição, essa microconstrução ostenta uma outra maneira de se integrar, bem diferente da PERFUT. A microconstrução categorizada como MD não exibe uma integração sintática, sendo autônoma em relação às porções do seu entorno, como tipicamente se observa nessa categoria. Consequentemente, [vai saber]_{MD} pode ocorrer em qualquer posição do complexo de orações.

Outro traço relevante é a manifestação de sujeito, com presença desse constituinte apenas com a perífrase de futuridadade. As outras duas microconstruções demonstram impessoalidade, sem que se manifeste um experienciador que *vai saber algo/que algo/se algo*, o que evidencia que as microconstruções MARCDUB e MD não incluem em seus padrões um sujeito. Paralelamente, observa-se, ainda que via escrita, outro ponto: a microconstrução marcadora dubitativa sugere sempre uma leitura com contorno entoacional interrogativo/suspensivo, o que se pode tomar como mais uma “restrição”, já que qualquer leitura com tom de asserção/afirmação não alcança o que essa microconstrução desempenha no português atual.

A vinculação dessas microconstruções baseadas no *chunking* modal epistêmico com Proposições ajuda a referendar o envolvimento de [vai saber]_{MARCDUB} e [vai saber]_{MD} com o campo da subjetividade e da intersubjetividade, bem como sua forte atuação no nível pragmático. Ambas as microconstruções ofertam ao falante maneiras de não se comprometer com a verdade da proposição, ao mesmo tempo em que maneja sua relação com o ouvinte, não lhe parecendo asseverativo em suas considerações.

Quanto ao MD, seu papel, de contribuir para que falante e ouvinte se acautelem quanto ao conteúdo proposicional e quanto às relações interpessoais que se colocam na interlocução, insere-o no rol dos marcadores acentuadamente interacionais.

Referências

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2000.

BRAGANÇA, M. L. L. **A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente**: uma fotografia Capixaba. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória 2008.

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. **Gramática do português falado**. Vol II: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

DIEWALD, G. Paradigms Lost — Paradigms Regained: Paradigms as HyperConstructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2020. p. 278-315.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, v. 64, n. 3, p. 503-538, 1988.

FONSECA, A. M. H. **A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano**: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GUERRA, A. R. **Funções textual-interativas dos Marcadores Discursivos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

DIESSEL, H. **The grammar network**: How linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil** – Vol I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, R. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

MÓIA, T. Aspectos da Gramaticalização de 'ir' como Verbo Auxiliar Temporal. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, v. 3, p. 213-239, 2017.

NEVES, M.H.M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, J. M. A expressão do futuro verbal na escrita jornalística baiana. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2012.

RISSO, M. S.; OLIVEIRA E SILVA, G. M.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-390.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil** – vol. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 403- 425.

ROSA, F. S. L., OLIVEIRA, M. R. "Alto lá": a construcionalização de um marcador discursivo na língua portuguesa. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 17-42, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>.

SOUSA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas**: o caso do complemento oracional introduzido por *se*. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenteticals in English. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 313-329.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

Sobre as autoras

Sabrina Reginatto

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6883-7143>

É Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Atualmente é mestranda pela mesma universidade.

Solange de Carvalho Fortill

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8348-4359>

Graduada em Letras (Português-Francês) pela Universidade Estadual Paulista, Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela mesma Instituição. É professora adjunta do *campus* de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, onde atua no ensino de graduação de pós-graduação e compõe o quadro docente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

Análise funcional dos usos de LONGE DE em língua portuguesa

Functional analysis of the uses of LONGE DE in Portuguese

Ivo da Costa do Rosário¹
Gláucia dos Santos Nogueira²

Resumo: Com base nos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2015; 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016), o objetivo deste artigo é descrever e analisar três diferentes usos de *longe de*, em perspectiva sincrônica, a partir de dados da modalidade escrita da língua portuguesa. Para isso, realizamos uma análise quantitativa e qualitativa do fenômeno, com um foco maior na análise qualitativa. Os dados foram extraídos do *Corpus do Português*, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>. As análises realizadas levaram-nos à confirmação da hipótese de que há três padrões de uso de *longe de* na atual sincronia do português: padrão 1 (valor preposicional), padrão 2 (valor predicativo) e padrão 3 (valor conectivo). No padrão 1, [longe de]_{prep} serve para ligar sintagmas no nível suboracional. No padrão 2, [longe + de]_{pred} integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. Por fim, no padrão 3, que é o foco principal desta pesquisa, [longe de]_{connect} comporta-se como uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Microconstrução conectora. Hipotaxe. Exclusão. *Longe de*.

Abstract: Based on the principles of Usage-Based Functional Linguistics (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2015; 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016), this article aims to describe and analyze three distinct uses of "longe de" in a synchronic perspective, based on data from the written modality of Portuguese. To this end, a quantitative and qualitative analysis of the phenomenon is conducted, with a greater emphasis on qualitative analysis. The data was extracted from the *Corpus do Português*, available at <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>. The analyses led us to confirm the hypothesis that there are three usage patterns of "longe de" in the current synchrony of Portuguese: pattern 1 (prepositional value), pattern 2 (predicative value), and pattern 3 (connective value). In pattern 1, [longe de]_{prep} serves to link phrases at the sub-sentential level. In pattern 2, [longe + de]_{pred} integrates a phrase whose function is analogous to that of a predicative. Finally, in pattern 3, which is the main focus of this research, [longe de]_{connect} behaves as a microconstruction with the function of connecting non-finite hypotactic clauses, conveying the semantic notion of exclusion.

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics. Connector microconstruction. Hypotaxis. Exclusion. *Longe de*.

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: ivorosario@id.uff.br.

² Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: gsnogueira@id.uff.br.

Considerações iniciais

O estudo da conexão de orações, tal como apresentado na tradição, está normalmente associado à categoria das conjunções, que são tradicionalmente classificadas como elementos gramaticais responsáveis pelos processos de coordenação e de subordinação (Cunha; Cintra, 1985; Lima, 2011). No entanto, o dinamismo presente na língua em uso pode revelar instabilidades capazes de produzir alterações nos padrões gramaticais já convencionalizados, surgindo, com isso, novas formas e novos significados, inclusive no campo da conexão de sintagmas e de orações.

O uso de [longe de]_{connect} como um conector que relaciona orações com sentido de exclusão é um exemplo concreto de como a língua se (re)modela e se atualiza nos usos. De fato, as gramáticas do português não apresentam a expressão *longe de* como responsável pela ligação de orações, mas apenas como preposição complexa ou locução prepositiva (cf. Azeredo, 2008). Ao lado desses dois usos (locução prepositiva e conector de orações), há ainda um terceiro padrão, em que a ligação entre as subpartes *longe* e *de* é ainda mais “frouxa”. Vejamos inicialmente um dado de cada padrão de uso:

- (1) # Comerciante foi uma das últimas pessoas a ver a menina Thayná de Jesus no dia do sequestro # Há 17 dias a estudante Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, está **longe de casa**, da escola da mãe, a costureira Clemilda Aparecida de Jesus, 39. A menina foi vista pela última vez no dia 17 do mês passado, procurando caixas de papelão, no bairro Universal, em Viana, para ajudar na mudança da família.³
- (2) Num depararmos- nos com uma obediência passiva, apesar de voluntária; no outro, com uma independência desdenhosa da experiência e desconfiada em relação a toda a autoridade. Estas duas tendências, aparentemente tão dissonantes, estão **longe de ser conflituosas**: ambas progridem em conjunto e apoiam -- se mutuamente. [...] A liberdade considera a religião sua parceira em todos os seus combates e triunfos, o berço da sua infância e a fonte divina das suas reivindicações.⁴
- (3) O máximo que se permite é, eventualmente, substituir a latinha de cerveja por uma taça de vinho. Uma só. **Longe de ser exceção**, a história de Ivelise exemplifica uma tendência. Segundo dados do Ministério da Saúde em 27 cidades brasileiras, o uso abusivo de álcool (mais de quatro doses para mulheres e mais de cinco para homens em uma mesma ocasião) tem se mantido igual entre eles, mas está aumentando no caso delas.⁵

No dado (1), *longe de* liga o contexto precedente ao substantivo “casa”. Nesse uso, *longe de* encontra-se em conformidade com o que é proposto pela tradição gramatical, já que atua como subordinador de termos, tal como é o caso das chamadas locuções prepositivas ou preposições complexas. A expressão *longe de*, em (1), estabelece, no campo do

³ Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2017/11/reportagem-refaz-os-passos-de-thayna-de-casa-ate-ser-sequestrada-1014105996.html>.

⁴ Disponível em: <http://abrancoalmeida.com/ciencias/politica/o-misterio-ingles-e-a-corrente-de-ouro/Acesso>.

⁵ Disponível em: <http://alcooolismo.com.br/artigos/por-que-elas-estao-bebendo-tanto/>.

significado, uma relação espacial de distanciamento do sujeito: “a estudante Thayná Andressa de Jesus Prado” está *longe* (distante) de sua “casa”, espaço físico. A locução prepositiva, nesse caso, preserva boa parte do sentido original do advérbio *longe*.

Já nos dados (2) e (3), encontramos usos oracionais de *longe de*, não previstos pelas gramáticas. Apesar de ser flagrado em contexto oracional, em (2), *longe de* não se comporta propriamente como conector. O exame do dado revela que há dois blocos de informação relativamente marcados, chamados aqui, respectivamente, de segmento 1 e segmento 2: “Estas duas tendências estão longe” + “de ser conflituosas”. Diante dessa observação, parece haver uma fronteira entre os dois segmentos, de modo que *longe* e *de*, de alguma forma, pertencem a duas diferentes porções de informação. Nessa proposta de análise, *longe* funciona como predicativo do sujeito (“Estas duas tendências estão longe”), sendo marcado por necessidade de complementação, o que é cumprido justamente pelo segmento “de ser conflituosas”. Por esse motivo, não podemos dizer que, nesse dado, *longe de* apresenta a função de conector de orações, pois ainda não temos uma verdadeira fusão entre *longe* e *de*.

Em (3), *longe* e *de* apresentam-se em um uso mais integrado, com maior fusão entre as subpartes. Já não temos [longe + de], como no padrão 2, mas [longe de]. Em termos morfossintáticos, *longe de* funciona como um conector, estabelecendo uma relação de exclusão, de modo análogo ao que ocorre com as clássicas conjunções subordinativas adverbiais da gramática normativa. Não se trata propriamente de uma conjunção convencionalizada, pois só conecta orações infinitivas, além de ainda revelar efeitos de persistência (cf. Hopper, 1991). De fato, apesar de denotar exclusão, esse elemento procedural ainda resguarda parte de sua carga semântica original de distanciamento, como será mais bem desenvolvido adiante. Contudo, a verdade é que o papel funcional de *longe de*, nesse contexto de uso, sem dúvida, é semelhante ao das conjunções hipotáticas. Nesse dado (3), já não se observa verbo copulativo à esquerda de *longe de*, o que também colabora para afastar seu uso do padrão 2, de valor predicativo. Por fim, a posição inicial absoluta de *longe de*, associada ao valor semântico de exclusão, indica claramente que, nesse contexto, sua função sintático-semântica é distinta das anteriores.

É possível que os usos ilustrados em (1) e (2), respectivamente [longe de]_{prep} e [longe + de]_{pred}, evidenciem etapas anteriores à formação de [longe de]_{connect}, dado seu maior grau de gramaticalidade e pela maior integração sintático-semântica das suas subpartes (cf. Rosário, 2022a). Contudo, apesar de essa hipótese ser verossímil, não será aprofundada neste trabalho.

Uma vez realizada a apresentação dos três padrões de uso de *longe de*, devemos informar que este trabalho se filia a um projeto mais amplo de investigação realizado pelo autor principal deste artigo, o Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (UFF/CNPq/Faperj), que busca descrever e analisar a rede esquemática [X de]_{connect} em língua portuguesa (cf. Rosário,

2022a). Esse projeto, por sua vez, é desenvolvido no contexto do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações⁶, sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Esse grupo dedica-se à investigação de padrões de uso e à análise descritiva de fenômenos da língua portuguesa, amparados pelo arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU).

A partir da hipótese central de que a rede [X de]_{connect} abriga diferentes microconstruções com função de conectar orações hipotáticas não finitas em língua portuguesa, neste trabalho específico, procuramos investigar o comportamento formal e funcional de uma das microconstruções conectoras pertencentes a essa rede, no caso, [longe de]_{connect}, em cotejo com outros padrões associados: [longe de]_{prep} e [longe + de]_{pred}.

Justificamos a escolha desse objeto de pesquisa por haver necessidade de mais investigações que visem a aprofundar o estudo da língua em uso, em especial, de uma série de elementos não canônicos ainda pouco explorados pelas obras de referência. Esses elementos são justamente as microconstruções conectoras pertencentes à rede [X de]_{connect}, como é o caso de *além de* (Rosário; Santos, 2020), *antes de* (Rosário; Machado, 2022), *atrás de* (Rosário; Machado, 2023), *com o objetivo de* (Rosário; Souza, 2022), *perto de* (Rosário; Pessoa, 2023), *por conta de* (Rosário; Oliveira, 2023) e de outros.

Este trabalho está organizado em cinco seções. Após estas considerações iniciais, apresentamos muito brevemente a Revisão da Literatura, com foco em dois pontos principais: as propriedades da palavra “longe” e o papel funcional das locuções prepositivas em português. Consideramos que esses dois pontos são importantes para uma melhor compreensão dos padrões funcionais de *longe de*.

Em seguida, para alcançarmos o nosso objetivo de investigação, que é a descrição da forma e do significado dos usos de *longe de*, com maior foco na microconstrução conectora [longe de]_{connect}, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, que é resultante da união da Linguística Funcional (LF) com a Linguística Cognitiva (LC) e com a Gramática de Construções (GC). Com a integração dessas correntes teóricas, os fenômenos linguísticos passaram a ser investigados e analisados a partir de um olhar mais holístico ou global, atentando-se tanto para os usos propriamente ditos quanto para os mecanismos cognitivos mobilizados para sua efetiva produção nas línguas naturais.

No arcabouço da LFCU, a estrutura de uma língua é modelada nos usos, a partir das necessidades discursivas dos falantes e dos escreventes. Logo, a língua deve ser vista como uma entidade fluida e mutável, e não como um sistema autônomo, já que ela é uma resposta contínua às pressões do discurso (Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2013). As pressões a que as línguas estão sujeitas podem ser de ordem pragmática, cognitiva ou discursiva.

⁶ <http://cco.sites.uff.br/>

A mobilização desse corpo teórico é feita em consonância com uma cuidadosa coleta de dados extraídos do *Corpus do Português*, interface NOW. Para investigar os usos reais da língua, é fundamental que haja seleção de dados autênticos, extraídos da língua corrente, como é o caso do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

Em seguida, partimos para a análise de dados, com a seleção de algumas ocorrências que serão analisadas principalmente no plano qualitativo. Por fim, apresentamos algumas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas consultadas para este estudo.

Revisão da Literatura

Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Cunha (2010, p. 2068), a palavra *longe* é originária do latim e significa *distante*. No *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis* (on-line), encontramos a seguinte definição para o verbete *longe*:

Longe: 1 (adv) A uma grande distância no espaço, em relação a um ponto de origem: “Verônica tirou a chave da bolsa e hesitou um instante. Pela primeira vez entraria naquele pequeno apartamento sabendo que ele não estava ali. Deixara-o no Jardim da Saudade, hora e meia antes, num bairro muito *longe* da Glória” (CA); 2 (adv) A uma grande distância no tempo, passado ou futuro, em relação ao momento presente: “– Pois bem, Sr. Augusto, veja como verificou-se o prognóstico que fiz do seu futuro! Não se lembra que aqui mesmo lhe disse ‘que não *longe* estava o dia em que o Sr. havia de esquecer sua mulher’? – Mas eu nunca fui casado... – murmurou o estudante” (JMM).

A definição apresentada pelo Dicionário Michaelis nos oferece importantes pontos para reflexão. Em primeiro lugar, a acepção nº 1 indica um uso canônico do advérbio *longe*, que corresponde justamente ao padrão 1, tal como tem sido apresentado neste artigo. De fato, o advérbio *longe* integra uma locução prepositiva responsável por ligar um nome, como está no exemplo fornecido pela obra: “num bairro muito *longe da* Glória” (grifo nosso).

Nesse exemplo anterior, ao mesmo tempo em que há preservação do valor espacial do advérbio *longe*, que, inclusive, é intensificado por *muito*, também se verifica, no contexto de uso, o seu papel morfossintático de locução prepositiva. Na perspectiva de Azeredo (2008, p. 197), “chama-se locução prepositiva a combinação estável de palavras que equivale a uma preposição. As locuções prepositivas são finalizadas por preposição e originam sintagmas preposicionais para funções adverbiais ou adjetivas”. Azeredo (2008, p. 197), aliás, lista *longe* de como um exemplo de locução prepositiva.

A segunda acepção oferecida pelo Dicionário Michaelis pode ser compreendida como uma extensão do significado original de *longe*. A hipótese localista (Traugott e Heine, 1991; Batoréo, 2000) defende que os sentidos espaciais concretos servem como fonte para outras noções mais abstratas. Assim, em “não *longe* estava o dia”, emprega-se o advérbio *longe* (originalmente designativo de afastamento espacial) para expressar a ideia de afastamento

temporal, o que é gerado por meio de uma extensão de sentido. De qualquer forma, ambas as acepções estão concentradas no valor adverbial atômico da palavra *longe*, sem qualquer referência aos padrões 2 e 3 investigados neste trabalho.

Em síntese, a análise do Dicionário Michaelis e de Azeredo (2008) revelam que o padrão 1 - [longe de]_{prep} - já está registrado nos estudos gramaticais e lexicográficos da língua portuguesa, ao contrário dos outros usos. De fato, *longe de* está devidamente apresentado pelos autores quando seu uso se dá no nível frásico, subordinando termos, ou seja, fazendo ligação de base não oracional. Contudo, além da função de subordinador de termos, como é proposto pela prescrição normativa, observamos que *longe de* também é empregado em outros contextos de uso, ora com valor predicativo, ora com valor conectivo, como ilustramos em (2) e (3).

A constatação de que *longe de* pode cumprir outros papéis funcionais para além do estritamente canônico comprova a necessidade de uma análise mais detida dessa expressão em língua portuguesa. Até onde pudemos verificar, não encontramos descrições minimamente aprofundadas do papel funcional dos padrões 2 e 3, respectivamente [longe + de]_{pred} (com função de integrar um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo) e [longe de]_{connect} (microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão).

Para dar suporte à análise de dados empreendida, mobilizamos o arcabouço teórico-metodológico da LFCU, cujos princípios e bases centrais serão apresentados na seção seguinte deste trabalho.

Arcabouço teórico-metodológico

Como já informado anteriormente, esta pesquisa ancora-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2015; 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016; Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015). Em vista disso, ocupamo-nos de examinar *longe de* nos planos da forma e do sentido, partindo do entendimento de que [longe de]_{connect} é uma microconstrução conectora configurada como um pareamento de forma e significado.

A LFCU incorpora um conjunto de princípios gerais da Gramática de Construções, segundo a qual a língua é um inventário de pareamentos de forma-significado organizados em rede, em variados níveis de complexidade e abstração. Esses pareamentos são denominados *construções* (Goldberg, 1995; 2013; Croft, 2001). Nessa perspectiva teórica, léxico e sintaxe não constituem módulos separados, mas formam um *continuum* (Rosário, 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016). Essa rede de construções, por sua vez, compreende a totalidade do nosso conhecimento da língua e está interconectada a diferentes planos por relações de diversas naturezas, como fatores cognitivos e sociocomunicativos, que motivam

e regulam a estrutura da língua (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Ocorre, assim, uma articulação inalienável entre língua(gem), cognição, cultura, discurso e interação (Givón, 2001; Tomasello, 2005; Bybee, 2016).

Considerando que a língua é uma rede dinâmica de pareamentos de forma e significado, é natural que essa rede apresente diversos graus de instabilidade que conduzirão a processos de mudança linguística (Bybee, 2020; Traugott; Trousdale, 2013). A criação de um novo pareamento (FORMA_{NOVA} - SIGNIFICADO_{NOVO}) enseja a origem de um novo nó nessa grande rede cognitiva, com nova sintaxe e/ou morfologia, atrelada a um novo significado, cujo conteúdo é armazenado na memória dos falantes.

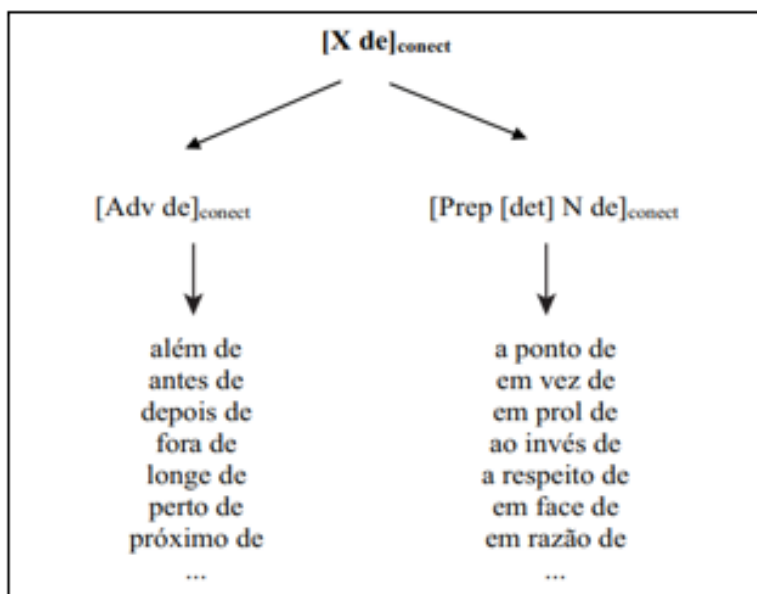
Conjugando essa constatação ao princípio básico funcionalista de que a língua se estrutura nos usos, a gramática é concebida como uma estrutura emergente (Hopper, 1991), suscetível à variação e à mudança. Em termos teóricos, isso explica por que o conjunto de conectores das línguas naturais nunca poderá ser caracterizado como uma lista fechada.

Partindo desses aspectos teóricos gerais, é importante destacarmos alguns conceitos muito relevantes para este trabalho, como os de esquematicidade, produtividade, composicionalidade, *chunking*, analogia, neoanálise, categorização e persistência. Para os três primeiros conceitos, vejamos o que nos diz Rosário (2022a, p. 366):

A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou bastante específicos (além de diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: *esquema* > *subesquema* > *microconstrução*. Os constructos, por sua vez, são os *tokens* ou dados empiricamente comprovados no uso. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições. O levantamento de frequência *type* e *token* também é importante nesse aspecto. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica.

Esses três conceitos – esquematicidade, composicionalidade e produtividade – têm importância central nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da LFCU. Por esse motivo, precisam ser mais detalhados. Para isso, vejamos a representação esquemática da rede [X de]_{connect} em língua portuguesa, proposta por Rosário (2022a, p. 371):

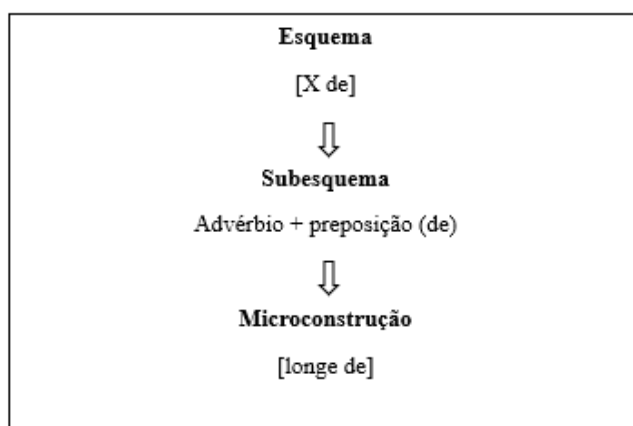
Esquema 1 - Rede dos conectores [X de] em língua portuguesa



Fonte: Rosário (2022a, p.371).

O esquema 1 ilustra uma parte da rede [X de]_{connect}. Essa representação esquemática apresenta uma parcela dos conectores em uso no português. No nível mais alto, nível do *esquema*, temos [X de]_{connect}. No nível intermediário, temos os *subesquemas*. Destacamos o *subesquema* [Adv + de], ao qual [longe de]_{connect} está ligado. Esse nível do *subesquema* é mais específico que o anterior, com relação à sua constituição morfológica. Por último, no nível mais baixo, estão as *microconstruções*, que são efetivamente os conectores utilizados para ligar orações não finitas em língua portuguesa. Nesse nível, destacamos a microconstrução que é o objeto central de nossa investigação. De modo mais particularizado, essa rede poderia ser esquematizada da seguinte forma:

Esquema 2 - Representação esquemática da construção *longe de*



Fonte: Elaboração própria.

No nível mais alto da rede, atestamos um maior grau de esquematicidade. À medida que “descemos” pelos graus mais baixos da rede, chegamos a maiores níveis de opacidade e, conseqüentemente, de menor esquematicidade.

O conceito de composicionalidade está associado ao grau de transparência entre forma e significado de uma construção. Segundo Traugott e Trousdale (2013), do ponto de vista construcional, a melhor maneira de pensar em composicionalidade é em termos de compatibilidade ou não entre aspectos da forma e do significado. Se aplicarmos o princípio da composicionalidade ao objeto de estudo, verificaremos que o padrão 1 - [longe de]_{prep} – é marcado por [+composicionalidade], pois *longe* e *de* ainda preservam boa parte das propriedades de suas categorias-fonte. Isso também ocorre, de certa forma, no padrão 2 - [longe + de]_{pred}. Apesar desse segundo padrão ser empregado para ligar orações, a perceptível fronteira entre ambos os elementos (simbolizada pelo sinal de +) comprova a relativa preservação das partes.

Já no padrão 3, há sensível perda de composicionalidade, pois [longe de]_{connect} sofreu recategorização e mudança semântica. As subpartes *longe* e *de*, respectivamente, já não cumprem os seus papéis essenciais e primitivos de advérbio e de preposição. Ao contrário, ambos atuam juntos como uma nova unidade linguística no campo dos conectores. A microconstrução [longe de]_{connect} já não é a simples justaposição do advérbio *longe* à preposição *de*. Ao contrário, esses dois elementos são “embalados” juntos e passam a cumprir uma nova função na língua, de modo muito semelhante ao que ocorreu, por exemplo, com as conjunções canônicas *ainda que*, *visto que*, *para que*. Essas conjunções surgiram na língua, respectivamente, a partir da justaposição de advérbio (*ainda*), particípio (*visto*) e preposição (*para*) ao subordinador por excelência *que* (cf. Barreto, 1999). Desde então, já não preservam totalmente a carga semântica de suas categorias de origem, mas veiculam outros sentidos, quais sejam: concessão, causa e finalidade.

De certa forma, o caminho percorrido por *longe de* (formado originalmente pelo advérbio *longe* + preposição *de*) não é tão distinto daquele trilhado por *ainda que* (formado originalmente pelo advérbio *ainda* + subordinador *que*). Em ambos os casos, houve “reaproveitamento” de material linguístico preexistente, visando ao cumprimento de uma nova função na língua (cf. Heine e Kuteva, 2007).

Neste ponto, cabe uma importante observação. Na função de conector, como vimos em (3), [longe de]_{connect} passa a apresentar um significado predominante de exclusão, tornando mais opaco o significado original de distanciamento físico, típico do advérbio *longe*. Contudo, para sermos mais precisos, defendemos que o significado de distanciamento físico veiculado originalmente por *longe de*, quando na função de conector, ainda persiste, porém de forma bastante esmaecida. Isso pode ser explicado pelo princípio da persistência (Hopper, 1991), o qual prevê que, quando um elemento gramatical sofre mudança de uma função para outra,

alguns traços de seus significados originais permanecem, em algum grau, na forma derivada. Esse princípio explica por que, nos três padrões de *longe de*, há alguma preservação do sentido original de espaço e distância, ainda que em níveis bem distintos.

O último elemento da tríade conceitual é a produtividade. No campo da produtividade *type*, dizemos que a rede [X de]_{connect} amplia seu escopo a partir do momento em que novos elementos passam a cumprir o papel de conectores hipotáticos de orações infinitivas. Assim, quando [longe de]_{connect} surgiu na língua portuguesa com função de ligar orações de exclusão, houve consequentemente aumento de produtividade *type* da rede [X de]_{connect}. A produtividade *token*, por sua vez, indica a frequência de ocorrência desse elemento em uma dada amostra, o que será apresentado a seguir, quando tratarmos dos aspectos metodológicos da pesquisa.

Feitas essas observações sobre os conceitos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, precisamos agora definir *chunking* e analogia. Segundo Rosário (2022a, p. 366), *chunking* “refere-se à capacidade humana de construir estruturas recursivamente, propiciando um aumento de integração entre as partes. Os *chunks*, por sua vez, são unidades de organização da memória”. Como já foi indicado anteriormente, no padrão 2 - [longe + de]_{pred} – detectamos uma espécie de fronteira ou intervalo entre os elementos *longe* e *de*. Isso significa que esse padrão não é um *chunk* no sentido mais estrito do termo. Por outro lado, o padrão 3 - [longe de]_{connect} – é uma unidade de memória, já que o armazenamos como um item singular da língua, cuja função é conectar orações de exclusão. Nesse último caso, estamos, de fato, diante de um *chunk*. É importante destacar que sempre há uma gradiência no processo de *chunking* (cf. Bybee, 2016). Isso significa que o grau de vinculação das subpartes é variável, indo de um nível muito baixo até um nível muito alto. Quanto menor é o grau de composicionalidade, maior é a vinculação estabelecida pelo *chunking*.

Oliveira (2022, p. 84) indica que, “de acordo com Bybee (2016), a analogia é um processo cognitivo por meio do qual todos nós, como seres humanos, estamos sempre criando ou formulando algo a partir de um modelo já disponível”. De fato, a analogia está presente na cognição e na linguagem de modo muito premente.

Com relação ao trabalho aqui apresentado, defendemos que a formação de [longe de]_{connect} foi propiciada, entre outras razões, por força da analogia e da neoanálise. Já está comprovado que preposições e locuções prepositivas funcionam como um importante canal para a formação de conectores interoracionais (cf. Barreto, 1999; Heine e Kuteva, 2007). Além disso, o esquema [X de]_{connect} e o subesquema [Adv de]_{connect} funcionam como “modelos” atratores para a formação de novos elementos gramaticais de mesmo padrão. Como esses modelos já estão disponíveis na memória, nós, falantes, os aproveitamos para formar outros elementos com alguma semelhança formal e/ou funcional aos já estabelecidos.

Nesse processo de reaproveitamento de material linguístico, no plano sintagmático, elementos utilizados com frequência passam a ser analisados de outro modo, daí a neoanálise. Assim, *longe* e *de*, respectivamente advérbio e preposição, em justaposição, passam a cumprir um novo papel na língua, o de conector hipotático, sendo, dessa forma, *neoanalisados*, ou seja, analisados de um modo novo. Por meio da neoanálise, que tem caráter sintático e semântico, foi conferida a *longe de* uma nova interpretação nos planos da estrutura e do significado, o que permitiu a emergência de um novo pareamento simbólico na língua, qual seja, [longe de]_{connect}.

Essas reflexões servem para comprovar que a rede [X de]_{connect} não está isolada nem fechada. Ao contrário, articula-se com outras redes da língua portuguesa e está aberta a inovações, como têm comprovado as pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações.

Por fim, no plano teórico deste trabalho, abordamos o conceito de categorização, reconhecido por Bybee (2016) como um processo cognitivo de domínio geral. A categorização explica a forma como os elementos de uma língua são classificados de acordo com o grau de proximidade ou de distância de seus traços ou características em relação a um exemplar prototípico. Em todas as categorias, há exemplares mais centrais e outros mais marginais em comparação com o elemento prototípico ou mais central (cf. Rosário, 2022b). No campo dos conectores, há os elementos mais centrais, que são as conjunções *stricto sensu*, e há outros elementos menos canônicos, ou seja, mais marginais, como é o caso de *longe de*, responsável por ligar orações não finitas com sentido de exclusão.

Antes de concluirmos esta seção, é necessário apresentarmos algumas observações de cunho metodológico. Acerca do *corpus* utilizado nesta pesquisa, partindo do pressuposto que a língua é forjada nos usos (Rosário, 2015), os dados escolhidos foram extraídos de situações efetivas de interação verbal da atual sincronia da língua portuguesa. Para isso utilizamos o site *Corpus do Português* (<http://www.corpusdoportugues.org>), mais especificamente a interface *NOW*.

A coleta de dados e, conseqüentemente, a análise empreendida dos padrões de *longe de* conjugou fatores qualitativos e quantitativos, com foco maior neste último, dada a importância da descrição e interpretação a partir do enfoque indutivo observado nos dados coletados (Rosário, 2023).

As etapas posteriores incluíram a coleta de dados, que consistiu, primeiramente, no levantamento de todas as ocorrências que continham a sequência *longe de*. Do total de 68.406 ocorrências, selecionamos os 100 (cem) primeiros dados, tanto [+ composicionais] quanto [- composicionais]. Entende-se por uso [+ composicional] aquele em que *longe* apresenta função de advérbio e *de* apresenta valor de preposição, ligando termos, ou seja, estamos falando do padrão 1: [longe de]_{prep}. Usos [- composicionais], por sua vez, são aqueles

em que *longe de* integra predicativos (padrão 2: [longe + de]_{pred}) ou atua como conector, ligando orações (padrão 3: [longe de]_{connect}). Os usos composicionais são concretos, ao passo que os usos menos composicionais são mais abstratos. Vejamos a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Usos concretos e abstratos de *longe de*

Tipos de ocorrências	Quantidade de Ocorrências
Sentido concreto	64
Sentido abstrato	36
Total de ocorrências	100

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 1 indica uma primeira informação bastante relevante: o padrão 1 - [longe de]_{prep} -, que serve para ligar sintagmas no nível suboracional, é o uso mais frequente no *corpus*, alcançando quase o dobro das ocorrências dos demais usos, aqui chamados “abstratos”. Esse ponto reforça a maior prototipicidade de *longe de* em seu papel de locução prepositiva, o que já era esperado.

Como esse uso já está previsto na literatura gramatical de um modo muito claro, passamos a concentrar nossa atenção nos chamados usos “abstratos”. Por esse motivo, em um segundo momento do desenvolvimento da pesquisa, coletamos mais 200 (duzentos) dados em que *longe de* apresentava uso [- composicional], atestado em contextos oracionais, configurando o que temos chamado nesse trabalho de padrão 2 - [longe + de]_{pred} - e de padrão 3 - [longe de]_{connect}.

A coleta desses 200 dados também foi realizada de modo semelhante à primeira coleta, sem distinção de gênero textual ou de domínio discursivo. Nessa segunda coleta, atestamos o seguinte:

Tabela 2 – Resultado das funções sintáticas de *longe de*

Tipos de Ocorrências	Quantidade de de Ocorrências	Porcentagem
Padrão 2 - [longe + de] _{pred}	153	76,5%
Padrão 3 - [longe de] _{connect}	47	23,5%
Total de ocorrências	200	100%

Fonte: Elaboração própria.

Nessa segunda coleta, atestamos que o uso do padrão 2 representa 76,5% dos dados encontrados, contra 23,5% dos dados do padrão 3. Esse quantitativo revela, mais uma vez, a baixa frequência no uso de [longe de]_{connect}, o que confirma a hipótese geral de Rosário (2022a) com relação à baixa produtividade *token* dos conectores da rede [X de]_{connect} de uma forma geral. Uma das razões para isso é seu uso restrito ao infinitivo verbal. Trata-se, portanto, de um uso bastante especializado. Além disso, destacamos que [longe de]_{connect} serve para veicular a noção de exclusão que, por sua própria natureza, já não é muito usual na linguagem do dia a dia.

Uma vez apresentados os fundamentos teóricos e os procedimentos metodológicos mobilizados para esta pesquisa, a seção seguinte dedica-se à análise específica de dados. Antes de prosseguirmos, são necessárias três importantes observações. Em primeiro lugar, como já afirmado no início deste artigo, o nosso foco está no padrão 3, justamente por conta de esse uso se enquadrar no projeto mais amplo de pesquisa ao qual este trabalho se filia. Logo, esse é o padrão que será efetivamente ilustrado e discutido na próxima seção. Em segundo lugar, já deve ter ficado claro que optamos por realizar a análise dos padrões de uso de *longe de* desde as considerações iniciais deste artigo. Assim, na próxima seção, por uma questão de economia e de concisão, vamos apresentar somente os aspectos analíticos que ainda não foram devidamente aprofundados anteriormente. Por fim, precisamos frisar que a proposição de três padrões é uma opção didática para apresentar o objeto. O exame da língua em uso comumente apresenta dados ambíguos, fronteiriços e de difícil análise (Cf. Rosário, 2022a; 2022b) e isso, conseqüentemente, era um verdadeiro quadro de gradiência construcional. Essa é a realidade natural das línguas humanas. Logo, a proposição de padrões não quer fazer a defesa de qualquer visão aristotélica ou categórica acerca da análise dos dados, mas é apenas uma sistematização de cunho didático.

Análise de Dados

Conforme já sinalizado anteriormente, no plano oracional, *longe de* apresenta funções predicativas e conectoras. O padrão 2 - [longe + de]_{pred} - integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. Por sua vez, o padrão 3 - [longe de]_{connect} - é uma microconstrução cuja função é a de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão.

Vejamos mais um dado do padrão 2 - [longe + de]_{pred}:

- (4) E esta nova orientação é representada por o homem que carregava um cântaro de água, a quem os discípulos encontrariam na cidade. A fé pessoal está longe / de ser perfeita, embora atenda às necessidades de então. É limitada pelas experiências da pessoa, pelos enganos, etc. Mas, sendo a maneira como a pessoa compreende, de seu modo, a Palavra, é

muito preciosa à vista do Senhor, pois que nela há inocência, humildade e vontade de se deixar ensinar e conduzir.⁷

Ao analisarmos o dado (4), observamos a ocorrência da seguinte estrutura no segmento 1: sujeito explícito (“a fé pessoal”) + verbo finito (“está”) + advérbio (“longe”). O segmento 2, por sua vez, constitui-se dos seguintes elementos: preposição (“de”) + verbo no infinitivo (“ser”) + adjetivo (“perfeita”). A organização dos elementos sintáticos atestada nos usos do padrão 2 é sempre muito similar ao que ocorre no dado (4). Aliás, essa é também a estrutura atestada em (2), apresentada nas considerações iniciais deste trabalho.

A análise aqui proposta é a de que há uma fronteira entre o advérbio *longe* e a preposição *de* (cf. Quirk *et al.*, 1950). Essa fronteira permite a segmentação do período em: (i) “A fé pessoal está longe”; e (ii) “de ser perfeita”. Há esse “distanciamento” entre *longe* e *de* porque esses dois elementos estão atuando em estruturas diferentes, separadas. Afinal, o elemento adverbial “longe” exige um complemento: “a fé está longe, mas está longe de quê?”. A resposta é: “de ser perfeita”. Assim, “longe” e “de” são marcados por certa autonomia.

Essa é a defesa que vínhamos fazendo ao longo deste artigo: o padrão 2 apresenta os elementos *longe* e *de*, de alguma forma, com uma maior autonomia sintático-semântica. Por outro lado, reconhecemos que há outra possibilidade de análise para esse padrão 2. De fato, seria razoável defender que a “divisão” do período em segmentos se dá de outra forma: “a fé pessoal está” + “longe de ser perfeita”. Nesse caso, teríamos *longe* e *de* mais integrados, visto que estariam juntos em um mesmo segmento, e não mais separados por um intervalo.

Na investigação de outro conector da rede [X *de*]_{connect}, Rosário e Machado (2023, p. 297) encontraram um dado que apresenta alguma semelhança com o que verificamos em (2) e em (4). Eis o dado:

- (5) Oitavo disco de inéditas do ruivo, o registro marca uma nova fase de sua carreira, agora como artista independente. “Faziam quatro anos que eu não lançava um disco de estúdio. Nesse meio-tempo, além da estrada, eu estava empenhado na estruturação do meu escritório”, conta Nando, em entrevista ao Hoje em Dia. “Agora que sou independente e tenho um selo, [fui **atrás de** criar modelos próprios], metodologias únicas para esse lançamento”, completa.” (CP, Notícia, 01 mar. 2018).⁸

No trabalho, foi indicado que o trecho “fui atrás de criar modelos próprios” poderia ser segmentado sintaticamente de duas formas: (a) “fui atrás / de criar modelos próprios”, ou (b) “fui atrás de / criar modelos próprios”. Essa é a explicação oferecida para ambas as propostas de segmentação:

⁷ Disponível em: <http://24.229.2.221/sermoes/79.html>. Acesso em: 5 dez. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/nando-reis-encerra-turn%C3%AA-de-jardim-pomar-com-show-em-belo-horizonte-neste-s%C3%A1bado-1.602636>. Acesso em: 4 set. 2022.

Se interpretarmos o dado como em (a), estaremos diante de uma estrutura de complementação. A oração “de criar modelos próprios” poderia ser classificada como uma estrutura completiva, considerando que a oração não finita “completa” o advérbio “atrás”. De outro lado, se a interpretação seguir na linha do que é apresentado em (b), teremos uma estrutura de hipotaxe, assumindo-se que o verbo *ir* (flexionado como *fu*) é tradicionalmente considerado intransitivo e está seguido de uma oração com valor circunstancial. Essa dupla interpretação, advinda da ambiguidade estrutural de *atrás de*, deve-se justamente a um grau intermediário de composicionalidade entre as subpartes *atrás* e *de*. [...] Isso ocorre devido um “*chunking* progressivo” atestado entre os dois elementos que constituem a construção. (Rosário; Machado, 2023, p. 299)

Por um ponto de vista, os dados (4) e (5) evidenciam que, apesar de próximos, os elementos (*longe* + *de* e *atrás* + *de*) não são conceptualizados juntos, já que esse uso é [+composicional]. Isso significa dizer que cada um desses termos preserva os seus traços sintático-semânticos e, conseqüentemente, [*longe*] + [*de*] e [*atrás*] + [*de*] mostram que o fenômeno de neoanálise não atuou de modo definitivo sobre essas ocorrências. Logo, nesses casos, não seria possível falar em *chunking*. Ainda nessa perspectiva, os segmentos “de ser perfeita” (no dado 4) e “de criar modelos próprios” (no dado 5) teriam comportamento análogo ao de uma oração completiva nominal, uma vez que essas estruturas argumentativas servem justamente para complementar substantivos, adjetivos ou advérbios, conforme parece acontecer nesses casos.

Por outro ponto de vista, *longe de* e *atrás de* já estariam associados entre si e embalados como uma unidade gramatical, de modo semelhante ao que ocorre nos padrões 1 e 3, em que já não temos [*longe* + *de*], mas [*longe de*]. Nesse caso, teríamos *longe* e *de* mais integrados, visto que estariam juntos em um mesmo segmento, e não mais separados por um intervalo. Em outras palavras, seria um caso de maior nível de *chunking*.

A verdade é que o padrão 2 é marcado por instabilidade categorial e por ambiguidade estrutural, dado que não há uma análise inequívoca para interpretá-lo. Ambos os pontos de vista anteriormente apresentados são verossímeis, com a ressalva de que, a partir de uma perspectiva ou de outra, com relação ao dado (4), continuaremos tendo um uso predicativo, pois tanto “*longe* + *de* ser perfeita” quanto “*longe de* ser perfeita” estão à direita do verbo copulativo flexionado “*está*”. Em ambas as interpretações, *longe de* integra uma estrutura cuja função é qualificar ou caracterizar o sujeito.

A ambiguidade estrutural do padrão 2 reforça, ainda, a hipótese de que *longe de*, em (4), indica uma espécie de etapa anterior à formação de um conector propriamente dito, pois, apesar de *longe* e *de* estarem em posição circunvizinha, não há total integração de suas subpartes ou *chunking*. A inexistência de uma conjugação indissociável entre *longe* e *de* leva-nos a concluir que (ainda) não houve as condições necessárias para a atuação da neoanálise no padrão 2.

A seguir, apresentamos ocorrências em que *longe de* apresenta função conectora. Trata-se do padrão 3 – [longe de]_{connect} – em que há uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão, sem marcas evidentes de ambiguidade estrutural ou de valor predicativo. O comportamento dessa microconstrução é semelhante ao das tradicionais conjunções subordinativas adverbiais apresentadas pela tradição gramatical, com algumas ressalvas que serão feitas adiante.

Segundo Hopper e Traugott (2003), a hipotaxe situa-se em um grau intermediário entre a parataxe e o encaixamento, sendo marcada pelos traços de [+dependência] e [-encaixamento]. As chamadas orações hipotáticas englobam as adverbiais, tal como são chamadas essas estruturas complexas pela tradição normativa. Com base nos postulados de Hopper e Traugott (2003), consideremos o dado a seguir:

- (6) Por duas vezes, cruzamentos do setor buscaram Rafael Sobis, mas a bola sempre ficou com o goleiro Fernando Miguel. Longe de fazer um bom jogo, o Inter voltou a ter dificuldades jogando fora de casa. E o castigo veio no fim do primeiro tempo, com dois gols sofridos em menos de cinco minutos. O primeiro gol, aos 43 minutos, começou em jogada de Rossi.⁹

Em (6), o uso de *longe de* estabelece uma relação lógico-semântica entre a oração “fazer um bom jogo” e “o Inter voltou a ter dificuldades jogando fora de casa”. No plano sintático, temos duas orações: a primeira é instanciada pelo conector [longe de]_{connect}, em posição inicial absoluta. Logo, não cumpre nenhum papel predicativo, o que exclui esse uso do padrão 2. O fato de a oração infinitiva estar anteposta também revela outra importante propriedade, que é [- encaixamento]. Com isso, definitivamente excluimos essa oração do grupo das completivas. Outra observação de cunho sintático é que estamos diante de uma estrutura oracional infinitiva instanciada por um verbo (no caso, “fazer”). Isso afasta o dado (6) do padrão 1, cuja marca principal é a de ligar sintagmas no plano suboracional.

No plano semântico, também há uma diferença bastante marcante, já que [longe de]_{connect} veicula o sentido de exclusão, e não mais de distância física ou de distância temporal em sentido estrito. A oração de exclusão cumpre um papel de margem ou de fundo no período, à semelhança das hipotáticas em geral. Tem papel adjuntivo, funcionando como parte acessória da informação nuclear. Logo, caracteriza-se como uma oração marcada pelo traço de [+dependência].

Assim como os autores tradicionais, Castilho (2010) também classifica *longe de* como locução prepositiva. Contudo, ele apresenta outras informações muito relevantes para a compreensão do nosso objeto de pesquisa. Segundo o pesquisador, as locuções apresentam sentido de base e outros sentidos derivados. A locução prepositiva *longe de* é incluída pelo

⁹ Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/esportes/inter/inter-perde-para-o-vasco-em-s%C3%A3o-janu%C3%A1rio-1.344124>. Acesso em: 18 jun. 2023.

linguista no chamado eixo espacial distal, assim caracterizado: “as preposições deste eixo localizam a figura num espaço [...] distante em relação ao ponto de referência” (Castilho, 2010, p. 604).

A noção de distância veiculada pelo advérbio *longe* sofreu alguns processos metafóricos. Se um objeto ou entidade está DISTANTE, então esse mesmo objeto ou entidade é EXCLUÍDO da nossa presença. Assim, distância e exclusão são noções semânticas muito próximas. Se eu digo que quero a tristeza “distante” de mim, isso significa, na prática, que quero “excluir” a tristeza da minha vida. Em outras palavras, o sentido de afastamento veiculado pelo advérbio *longe* torna-se mais abstrato e passa a significar a ideia de exclusão, já que tanto *distância* quanto *exclusão* são formas de afastamento.

Voltando ao dado (6), a oração infinitiva “longe de fazer um bom jogo” indica que não ocorreu “um bom jogo” ou, alternativamente, ocorreu algo “longe” ou “distante” disso. Assim, “exclui-se” ou “afasta-se” a ideia de que houve um bom jogo por parte do Inter. Com o afastamento de algo da cena, conseqüentemente ocorre uma exclusão. Essa é a motivação cognitiva para que o advérbio do eixo espacial distal *longe* migre para uma significação de conector hipotático de exclusão.

Analisemos mais um dado do Padrão 3, ou seja, de uso conector:

- (7) O vídeo veiculado na noite de ontem, **longe de** mostrar Neymar agredindo Najila Trindade, mostra-o se esquivando de ataques dela e saindo rápido da cena. O vídeo parece uma tentativa frustrada de incriminá-lo, e que acaba saindo pela culatra, por minar a credibilidade da acusadora.¹⁰

No dado (7), mais uma vez observamos que *longe de* apresenta um comportamento gramatical diferente daquele atestado nos padrões 1 e 2. É diferente do padrão 1, pois não revela um uso estritamente preposicional. Ao contrário, *longe de* serve para ligar uma oração infinitiva nucleada pelo verbo “mostrar”. Também é diferente do padrão 2, pois não há absolutamente nenhum intervalo, fronteira ou ambiguidade sintática entre *longe* e *de*. Ademais, não se nota a presença de verbo à esquerda desses elementos, o que poderia configurá-los como parte de um complemento. Assim, em (7), *longe de* é um conector hipotático de exclusão, atuando como uma microconstrução totalmente integrada, ou seja, é um *chunk*, derivado de um processo de perda de composicionalidade e pelo efeito da neoanálise. *Longe* e *de* encontram-se nessa construção acoplados, e, com isso, os sentidos e as funções que antes eram interpretados de maneiras separadas, agora são conceptualizados juntos.

A análise dos dados (3), (6) e (7) comprova que [longe de]_{connect} é distinto de [longe + de]_{pred} e de [longe de]_{prep}. Ao contrário do que vimos nos padrões 1 e 2, [longe de]_{connect} ganha

¹⁰ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/joel-pinho-da-fonseca/o-tribunal-de-neymar/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

nova forma e novo significado. A nova forma deriva do seu maior grau de fusão, com recategorização, já que não há mais advérbio *longe* + preposição *de*, mas o conector *longe de*. A nova função deriva de seu papel funcional de ligar orações hipotáticas de exclusão, afastando-se do valor originalmente mais básico de afastamento no espaço, tal como vimos frisando neste trabalho.

A maior vinculação entre *longe* e *de*, como um verdadeiro *chunk*, pode ser comprovada a partir da possibilidade de inversão da oração de exclusão em (7), visto que é perfeitamente admissível a seguinte paráfrase:

(7') "Longe de mostrar Neymar agredindo Najila Trindade, o vídeo veiculado na noite de ontem mostra-o se esquivando de ataques dela e saindo rápido da cena"; sem que a construção se torne agramatical ou inaceitável.

Os testes de mobilidade posicional, realizados com base em dados do *corpus*, são muito importantes para a defesa do estatuto de conector hipotático de *longe de*. Afinal, a mobilidade da oração confirma uma das características mais marcantes da hipotaxe como processo de ligação oracional.

As orações hipotáticas "Longe de fazer um bom jogo" (dado 6) e "longe de mostrar Neymar agredindo Najila Trindade" (dado 7), com base nos postulados de Hopper e Traugott (2003), apresentam o traço [+dependência] e [-encaixamento], pois não se integram estruturalmente à oração matriz, mas apresentam valor circunstancial, à semelhança de um adjunto com função de incluir uma informação de cunho mais acessório ao discurso.

Ainda com relação ao traço de [- encaixamento], é importante destacar um ponto adicional. Como já foi indicado aqui, a mobilidade posicional é uma marca importante das orações hipotáticas. Inclusive o dado (7') revela essa propriedade, ao apresentar uma paráfrase possível de (7). Por outro lado, a observação e a análise sistemática dos dados têm demonstrado que as orações instanciadas por *longe de* (e as orações da rede [X de]_{connect} de um modo geral) nem sempre apresentam a mobilidade típica das adverbiais canônicas. Assim, por exemplo, não seria muito natural a posposição da oração hipotática de exclusão analisada em (6). Vejamos: (6') O Inter voltou a ter dificuldades jogando fora de casa longe de fazer um bom jogo (?)

Esse uso pouco natural (ou até mesmo inverossímil) atestado em (6') indica que a oração hipotática de exclusão instanciada por *longe de* não apresenta mobilidade posicional em todas as suas realizações. Em alguns casos isso é possível (como no dado 7), mas em outros, não soa natural (como no dado 6). Contudo, ainda assim defendemos o seu caráter hipotático, por, no mínimo, duas razões:

1. As orações de exclusão instanciadas por *longe de* são sempre não finitas. Essa propriedade, por sua própria natureza, já não reflete um estatuto oracional pleno para essas

construções da língua portuguesa. A falta de flexão de modo, tempo, número e pessoa acaba sendo impeditiva de uma maior mobilidade posicional da oração, justamente porque, uma vez alterada a ordem da hipotática, a própria sintaxe das infinitivas não oferece meios suficientes para sua adaptação ao novo contexto sintático.

2. Em uma visão funcionalista da linguagem, não se espera que absolutamente todos os elementos de uma dada categoria tenham rigorosamente as mesmas propriedades. Com relação ao caso em investigação, é possível e coerente defender que a hipotaxe apresenta gradiência (cf. Rosário, 2022b) e, por conta disso, haveria orações mais prototípicas (justamente as finitas) e outras não prototípicas (como é o caso das hipotáticas não finitas de exclusão).

Contudo, embora haja situações em que não seja possível a mobilidade plena das hipotáticas de exclusão, ainda assim a análise dos dados permitiu a constatação de que há orações desse tipo semântico em três diferentes posições: intercalação, anteposição e posposição. Vejamos:

Tabela 3 - Posição da oração hipotática de exclusão

<i>Posição</i>	<i>Dados</i>	<i>Frequência</i>
Intercalação	24	51%
Anteposição	21	44%
Posposição	2	5%
Total	47	100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados de intercalação e de anteposição de orações instanciadas por [longe de]_{connect} são muito mais frequentes, somando juntos 95% das ocorrências. O dado (7) anteriormente apresentado indica um uso de intercalação, que serve para destacar algum elemento do discurso. Na prática, uma oração de exclusão intercalada cumpre o papel de afastar ou de negar alguma propriedade, característica ou elemento de uma entidade ou conjunto maior. Assim, no dado (7), a oração de exclusão apresenta um elemento (“agressão a Najila Trindade”) que é negado no conteúdo do vídeo veiculado. Essa oração serve discursivamente para proteger a imagem de Neymar. Assim, a oração intercalada instanciada por [longe de]_{connect} afasta/nega o que é dito em seguida.

Os dados (3) e (6), por sua vez, indicam usos de anteposição, cujo efeito semântico-pragmático é o de enquadrar uma informação para o que será dito em seguida. Trata-se de um uso normalmente planejado pelo falante ou escrevente, com foco em um determinado efeito discursivo, comumente ligado ao desejo de convencimento do ouvinte ou leitor. Vejamos mais dois dados de anteposição:

(8) O cantor assumiu um relacionamento com Léo Moreira que é modelo e os dois moram juntos em Orlando. Há poucos dias o casal publicou fotos juntos se divertindo na Disney. Longe da influência de ter sido um ex-ganhador do The Voice Brasil, Sam vive como pode nos EUA. Ele nunca revelou o que fez com os 500 mil reais que recebeu de premiação no programa.¹¹

(9) Depois de ler a mensagem, Yussuf disse que não tinha escolha a não ser obedecer. Longe de perder a paciência, o preso pediu para terminar o jogo e o diretor concordou. Eles jogaram por várias horas, até que Yusuf deu xeque ao movimentar um bispo.¹²

Em ambos os casos, [longe de]_{connect} foi empregado com o sentido discursivo de introduzir uma informação antecipatória. Em termos pragmáticos, o falante ou escrevente insere uma informação que inicialmente visa a tirar de cena alguma informação importante. Essa é, afinal, a função da exclusão: negar ou afastar algo.

Em (8), o fato de Sam ter sido o vencedor do *The Voice Brasil* é um elemento importante a ser destacado. A vitória do cantor nesse programa naturalmente o projetaria na mídia. Contudo, há uma intencionalidade de contrapor essa ideia ao fato de Sam viver “como pode nos EUA”. Logo, a oração de exclusão desempenha papel muito relevante na organização do discurso, sempre a serviço de um determinado propósito comunicativo, já que colabora para a orientação argumentativa.

Já em (9), “perder a paciência” seria uma atitude normal para Yussuf, devido ao contexto de pressão vivido por ele. Contudo, paradoxalmente Yussuf não perde a paciência e resolve “obedecer”. Esse dado, assim como os demais, revela uma interface entre exclusão e contraste. Afinal, no jogo argumentativo, há um cotejo entre o que é mantido na cena e o que é excluído da situação. Esse cotejo se dá por meio da diferença (entre presença e exclusão); daí a noção de contraste.

Em termos morfossintáticos, vejamos a questão da mobilidade posicional:

(8) Longe da influência de ter sido um ex-ganhador do The Voice Brasil, Sam vive como pode nos EUA.

(8') Sam vive como pode nos EUA, longe da influência de ter sido um ex-ganhador do The Voice Brasil.

(9) Longe de perder a paciência, o preso pediu para terminar o jogo.

(9') O preso pediu para terminar o jogo longe de perder a paciência (?)

Em (8'), soa natural que a oração de exclusão esteja posposta à matriz. Naturalmente, em termos semântico-pragmáticos, qualquer mudança na ordem altera, ainda que

¹¹ Disponível em: <https://www.obuxiogospel.com.br/2019/06/cantor-gospel-deixa-igreja-e-assume-homossexualidade-e-vive-como-motorista-de-uber/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

¹² Disponível em: <http://ahduvido.com.br/o-jogo-de-xadrez-que-salvou-a-vida-de-um-rei-em-1408>. Acesso em: 5 dez. 2022.

minimamente, o sentido do texto. Contudo, julgamos perfeitamente aceitável tanto (8) quanto (8'). De modo diferente, isso já não é atestado no cotejo entre (9) e (9'), visto que a paráfrase do dado gera uma estrutura inverossímil ou pouco natural. Com isso, mais uma vez, atestamos a gradiência das orações hipotáticas de exclusão. Certamente há elementos formais e/ou funcionais que possam explicar a possibilidade de paráfrase em alguns momentos e a impossibilidade em outros. Contudo, esse é um tópico que precisa ser explorado em outro estudo.

Por fim, vejamos um dado de posposição, que é o tipo mais raro atestado, contando somente com duas ocorrências ao total:

(10) Certas narrativas populares sugerem o império do inferno na quebra de alianças. # Pior: a própria suposta aliança não fora, na origem, plenamente ética e sim interesseira e circunstancial, portanto, longe de ser um fenômeno constituinte. Há, também, rezas pactárias, bastante encontradas sob opressão muito violenta, como inquisição e ameaça de genocídio. Nada a ver com a oração espetacular dos poderes genuflexos guiados por um pastor midiático há alguns dias.¹³

Consideramos esse dado muito especial, já que a oração de exclusão vem após outro conector, no caso, *portanto*. Trata-se de uma oração de exclusão (“longe de ser um fenômeno constituinte”) enquadrada em um contexto mais geral de conclusão. Essa configuração diferenciada pode ser um fator favorecedor da posposição da oração de exclusão. As orações pospostas, em geral, assumem um caráter de adendo ou de pós-reflexão. Esse uso compatibiliza-se com o de conclusão, criando efeitos de sentido muito particulares. Daí sua baixa frequência de uso.

As análises realizadas nesta seção, aliadas a outros pontos desta investigação, foram capazes de apresentar as principais propriedades formais e funcionais dos três padrões de uso de *longe de*, com destaque para as orações hipotáticas de exclusão instanciadas por [longe de]_{connect}. Com base nos pontos apresentados, vamos tecer, em seguida, algumas breves considerações finais.

Considerações finais

Baseados nos princípios teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, procuramos descrever e analisar, neste trabalho, três diferentes padrões de usos de *longe de* na língua portuguesa. A seguir, sintetizamos os principais achados relacionados a cada um deles:

- Padrão 1 - [longe de]_{prep}. Esse padrão serve para ligar sintagmas no nível suboracional. Trata-se de um uso normalmente atestado nas gramáticas e em obras de

¹³ Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/o-pacto-e-os-pactarios/>. Acesso em 20 ago. 2023.

referência. É reconhecido como locução prepositiva ou preposição complexa. Designa tanto usos espaciais (como “longe de casa”) quanto usos temporais (como “longe do ano que vem”). É o uso mais frequente no *corpus* analisado, provavelmente devido à sua tipicidade.

- Padrão 2 - [longe + de]_{pred}. Esse padrão integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. É empregado em usos oracionais, sendo marcado por ambiguidade sintática. De um ponto de vista, pode ser considerado um *chunk* ainda com relativa autonomia; de outra perspectiva, há uma fronteira entre as suas duas subpartes. Comumente é recrutado no discurso para apresentar algum tipo de qualificação.

- Padrão 3 – [longe de]_{connect}. Esse padrão é uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão. Pertence à rede [X de]_{connect}. Emprega-se em orações finitas com traço de [+dependência] e [-encaixamento]. Por esse motivo, tem função de apresentar uma relação adjuntiva circunstancial. É um uso menos frequente dentre os três padrões.

Em uma visão funcionalista, alinhada aos princípios da abordagem construcional da gramática, a língua está em constante remodelação. Novos nós e *links* realinham-se continuamente, de modo a atender a necessidades comunicativas diversas apresentadas por falantes e escreventes. Essas são motivações para que ocorram neoanálises, analogias, recategorizações e expansões. Foi o que ocorreu com o advérbio espacial *longe* que, por meio de remodelações formais e funcionais, passou a ser empregado em outros usos.

Com a perda progressiva de composicionalidade, isto é, com a perda do grau de transparência entre forma e significado, *longe de* gradualmente expandiu seu escopo de preposição complexa ou locução prepositiva, com sentido de distanciamento no espaço, para o uso como conector hipotático de exclusão. Assim, no uso conector, as subpartes *longe* e *de* encontram-se vinculadas, de forma de que os sentidos e funções, que eram interpretados separadamente, passaram a ser conceptualizados juntos com sentido distinto do convencional. Com isso, a rede [X de]_{connect} sofreu aumento de esquematicidade e de produtividade.

No plano do significado, o valor original de afastamento no eixo espacial distal (cf. Castilho, 2010, p. 604) sofreu projeções metafóricas, fazendo com que esse sentido mais concreto desse também origem a um valor mais abstrato de afastamento, culminando no sentido de exclusão. Isso foi possível porque tanto *distância* quanto *exclusão* são formas de afastamento.

Sem dúvida, o estudo de *longe de* ainda precisa ser aprofundado. Uma imersão na diacronia poderá revelar aspectos por ora apenas hipotetizados neste trabalho. Também é necessário analisar mais profundamente a possível fronteira entre os elementos “longe” e “de”, reveladora de ambiguidade estrutural no padrão 2. Pode ser que essa fronteira seja mais

evidente em alguns casos e nem tanto em outros. Por fim, a própria mobilidade posicional das orações hipotáticas de exclusão ainda demanda um estudo mais detalhado.

Enfim, ainda há muitas frentes a serem desbravadas. *Longe de considerar o assunto encerrado*, é importante que as pesquisas avancem rumo a um quadro mais conclusivo ou abrangente do assunto. Contudo, esperamos que este artigo tenha permitido uma proveitosa incursão no tema.

Referências

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. **Mudança Linguística**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4. ed. revis. e atualizada de acordo com a nova ortografia. Lexicon, Rio de Janeiro, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- GIVÓN, T. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press. 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar**: a reconstruction. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Linguística Funcional norte-americana: gramaticalização e lexicalização, reanálise e analogia. In: ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: EdUFF, 2022. p. 54-91.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A Comprehensive Grammar of the English Language**. London and New York: Longman, 1950.

ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). **Linguística centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015. p. 36-50.

ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 362-378, 2022a.

ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: EdUFF, 2022b.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho, RO: Edufro, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, B. A. Usos da construção causal POR CONTA DE X no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 20, p. 185-210, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. C.; MACHADO, M. M. Do espaço-tempo ao contraste, à condição e à finalidade: uma análise funcional centrada no uso do conector hipotático ANTES DE. **Prolíngua**, v. 17, p. 46-61, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; MACHADO, M. M. Análise do conector [atrás de] – uma visão funcional centrada no uso. **Entrepalavras**, v. 13, p. 285-307, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; PESSÔA, V. L. E. Análise da microconstrução PERTO DE sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Confluência**, v. 32, p. 128-154, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; SANTOS, M. S. Construções hipotáticas oracionais de extensão. **Estudos de Linguagem**, v. 18, p. 45-64, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; SOUZA, Brenda da Silva. Análise dos conectores “com o objetivo de” e “com o intuito de” à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Estudos de Linguagem**, v. 30, p. 1032-1055, 2022.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language**: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**: focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LONGE. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/longe>.

Sobre os autores

Ivo da Costa do Rosário

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

É graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) e graduado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem especialização em Docência do Ensino Fundamental e Médio (FEITA-Itaboraí), especialização em Língua Portuguesa (FFP-UERJ), especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (LANTE-UFF) e especialização em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho (UFPI). É mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concluiu pós-doutorado em Estudos de Linguagem (UFRN). Atualmente é professor associado de língua portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. É o atual coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF (2022-2025), docente permanente e orientador no mestrado e doutorado. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2.

Gláucia dos Santos Nogueira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4869-2627>

Doutoranda e mestre em Estudos de Linguagem pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui pós-graduação em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC- SP e graduação em Letras- Português/Italiano pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professora de Língua Portuguesa na rede pública municipal de ensino e integra o grupo de estudo Discurso Gramática (DG-UFF), que tem como foco desenvolver pesquisas dos fenômenos relativos à continuidade, à variabilidade e à mudança morfossintática na língua portuguesa.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

A expressão da causalidade no conector *por isso*: funções de conclusão, consequência e elaboração

The expression of causality in the Portuguese connector *por isso*:
functions of conclusion, consequence and elaboration

Monclar Guimarães Lopes¹
Mayra Laurindo Rabello²

Resumo: Neste artigo, temos o objetivo de descrever os usos do conector *por isso* no português brasileiro contemporâneo com base nos domínios linguísticos da conexão, conforme abordagem de Sweetser (1990): o do conteúdo, o epistêmico e o dos atos de fala. Subsidiariamente, buscamos propor um refinamento para a identificação e a classificação da função desse conector nesses domínios a partir da análise de mais dois fatores: a) sucessão temporal (ou não) entre os segmentos discursivos (respectivamente D1 e D2) articulados pelo conector *por isso*; b) presença de conteúdo factual ou não factual em D2. Para esse fim, investigamos, por meio de metodologia mista, 150 ocorrências do português brasileiro contemporâneo extraídas do *Corpus Portuguese Web 2020*, analisadas à luz dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. Rosário, 2022). Nossos resultados indicam, entre outras coisas, que: a) a conclusão pertence domínio epistêmico, não apresenta sucessão temporal entre D1 e D2 nem conteúdo factual em D2; b) a consequência pertence ao domínio do conteúdo, apresenta sucessão temporal e conteúdo factual em D1 e D2; c) a elaboração pertence ao domínio dos atos de fala ou do conteúdo, mas não apresenta sucessão temporal entre D1 e D2 e tem conteúdo factual em D2.

Palavras-chave: Conector *por isso*. Conclusão. Consequência. Elaboração. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Abstract: In this paper, we aim to describe the different uses of the connector *por isso* in contemporary Brazilian Portuguese based on the linguistic domains of connection, according to the perspective of Sweetser (1990): content, epistemic and speech acts. Subsidiarily, we seek to propose a refinement for the identification and classification of the function of this connector in these domains based on the analysis of more two factors: a) temporal succession (or not) between the discursive segments (respectively D1 and D2) articulated by the connector; b) presence of factual or non-factual content in D2. To this end, we investigated, using quali-quantitative methodology (Lacerda, 2016), 150 tokens of contemporary Brazilian Portuguese extracted from the *Corpus Portuguese Web 2020*. The data were analyzed according to the assumptions of Usage-Based Linguistics (cf. Rosário, 2022). Our results indicate that: a) conclusion belongs to the epistemic domain, does not present temporal succession between D1 and D2 nor factual content in D2; b) the consequence belongs to the content domain, presents temporal succession and factual content in D1 and D2; c) the elaboration belongs to the content or speech acts domain, does not present temporal succession between D1 and D2 and has factual content in D2.

Keywords: *Por isso* connector. Conclusion. Consequence. Elaboration. Usage-Based Linguistics.

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: monclarlopes@id.uff.br.

² Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: mayra_laurindo@id.uff.br.

Introdução

Embora haja certo dissenso quanto a sua classificação morfológica, o conector *por isso* é bastante conhecido na literatura gramatical e linguística. Para alguns, trata-se de uma conjunção coordenativa conclusiva (Rocha Lima, 2011; Cunha; Cintra, 2017); para outros, de um elemento de natureza adverbial que articula orações (Bechara, 2019; Azeredo, 2018), cuja trajetória de gramaticalização ainda não foi concluída (Neves, 2018). A despeito dessa diferença, tais estudos (e muitos outros) compartilham a ideia de que *por isso* – e outros conectores conclusivos análogos a ele – veicula valores semânticos de conclusão ou consequência.

Não obstante esse fato, há algumas pesquisas em que se atribui aos conectores conclusivos um valor semântico distinto. É o que encontramos, por exemplo, nos estudos de Marques (2001) e Floret (2022). Iniciemos com a apreciação de uma das ocorrências de Marques (2001), em que a estudiosa atribui a *portanto* o valor semântico de *esclarecimento*:

- (a) “Eu pesco com dois colegas meus, mais ou menos na mesma idade, que um pesca com iscos vivos, **portanto** a minhoca, no caso, não é, e outro pesca à pluma, ou seja, a mosca artificial” (PE falado – 368-20-c03-001-20-m-b-3-2-00). (Marques, 2001, p. 85)³

Segundo a autora, *portanto*, nesse caso, estabelece “uma relação de esclarecimento entre o termo ‘iscos vivos’ e ‘a minhoca’”⁴, com a função de reformular uma informação que o falante julga necessário especificar, exemplificar, esclarecer etc. Marques (2001) associa esse tipo de uso ao expediente linguístico da paráfrase que, segundo Hilgert (1996, p. 132), caracteriza-se como um enunciado que reformula um anterior por meio de dois movimentos básicos: uma passagem do geral (expresso no segmento matriz) para o específico (no segmento encabeçado pelo conector) ou o contrário disso.

Floret (2022), para a descrição do conector *por isso*, recorre aos estudos de Sweetser (1990), que propõe que a relação causal se estabeleça em três domínios: referencial (ou do conteúdo), epistêmico e interacional (ou dos atos de fala). Segundo a autora, no domínio interacional, *por isso* introduz uma *justificativa* para um ato de fala desempenhado. Como ilustração desse uso, ela explora a ocorrência a seguir:

- (b) A Fazenda São Jerônimo oferece um circuito de duas horas em que o turista, além de montar o animal em terra, pode fazê-lo na água. De quebra, ainda anda pela mata, desce um igarapé de canoa, caminha por uma praia deserta e percorre uma passarela sobre um belo manguezal. É um panorama bem completo da ilha – **por isso**, se tiver pouco tempo,

³ As ocorrências extraídas de textos de outros autores estão distribuídas em caracteres alfabéticos; as ocorrências desta pesquisa, em caracteres numéricos.

⁴ Marques, *op.cit.*, p. 85.

escolha esse passeio. (Século XXI – Matérias da Revista Azul Magazine).
(Floret, 2022, p. 75).

Segundo Floret (2022), na ocorrência (b), o falante, em D2, aconselha o leitor a escolher um passeio com base na descrição apresentada em D1. A autora afirma que, nesses usos, “um ato de fala diretivo (um pedido, uma ordem, um desejo, uma instrução, etc.) realizado pelo locutor é *justificado* por um estado de coisas que atenua um possível efeito negativo da ação solicitada/imposta ao interlocutor” (Floret, 2022, p. 75, grifo nosso). Ela também avalia a existência de uma certa proximidade semântico-discursiva desses usos aos da conjunção *porque* na oração coordenada explicativa, com a diferença de que, nesta, o ato diretivo encontra-se na coordenada assindética, e não na sindética. É o que observamos em (c) e (d), abaixo, haja vista que há uma relação entre fato diretivo em D1 e explicação em D2 em (c); justificativa em D1 e ato diretivo em (D2) em (d).

- c) Desliga o ar-condicionado, por favor, **porque** está frio.
d) Está frio, **por isso** desliga o ar-condicionado, por favor.
(Floret, 2022, p. 75)

Para além desses dados apresentados por Floret (2022), que dialogam diretamente com as classificações de Sweetser (1990) para o domínio dos atos de fala, encontramos outros usos linguísticos de *por isso* que, a rigor, entram no domínio do conteúdo, mas cujas relações semântico-pragmáticas estabelecidas entre D1 e D2 são semelhantes. Abaixo, segue uma ilustração:

- (01) “A Covid-19 é um vírus transmitido principalmente, por secreções respiratórias, na forma de gotículas. Ele se diferencia da transmissão por aerossóis, que são capazes de alcançar as vias respiratórias apenas pelo simples contato da respiração, como acontece com o sarampo e a varicela. Já a influenza e a Covid-19 são transmitidas por gotículas de saliva e secreções respiratórias por quem está doente, principalmente, o paciente sintomático, quando tosse e respira. **Por isso** se recomenda a distância de pelo menos dois metros, para evitar esse tipo de contaminação”, explica a especialista.

Em (01), *por isso* encabeça uma sentença que introduz um ato de fala assertivo, e não diretivo⁵. Em D1, identificamos a razão para a asserção que se faz em D2, de modo análogo ao que acabamos de observar no dado (d) extraído de Floret (2022, p. 75), em que o motivo está expresso em D1 (*está frio*) e o ato de fala em D2 (**por isso**, *desliga o ar-condicionado*,

⁵ Segundo Searle (1982, p. 32), há cinco categorias gerais de atos de fala (ilocucionários): “dizemos a outrem como são as coisas (assertivos), tentamos mandar outrem fazer coisas (diretivos), nos comprometemos a fazer coisas (promissivos), expressamos nossos sentimentos e atitudes (expressivos) e provocamos mudanças no mundo através de nossas enunciações (declarações)”.

por favor). Inclusive, se alterássemos a ordem das sentenças, poderíamos ter uma relação semelhante à observada entre as ocorrências (c) e (d):

(01') Recomenda-se a distância de pelo menos dois metros, para evitar esse tipo de contaminação, **porque** a Covid-19 é um vírus transmitido, principalmente, por secreções respiratórias, na forma de gotículas (...).

Dada a relativa proximidade entre usos como os expressos em (01) e (01'), em comparação a usos como (c) e (d), defendemos que *por isso*, em (01), tenha valor semântico análogo a *por isso* em (d) – a que nomeamos, aqui, como *esclarecimento*⁶ –, muito embora os segmentos discursivos em cada ocorrência pertençam a domínios distintos. Sob esse ponto de vista, o valor semântico não emergiria propriamente do domínio em que se insere D2, mas dependeria também da relação estabelecida entre as duas unidades discursivas (D1 e D2), que, inclusive, podem pertencer a domínios distintos.

Vale mencionar que, em publicações anteriores (Lopes; Silva, 2022; 2023; Lopes; Rabello, 2022), já vínhamos trabalhando com os domínios de Sweetser (1990) para explicar os usos de dois conectores conclusivos – *com isso* e *por isso*, buscando sempre uma correlação entre os valores semânticos assumidos pelo conector e a sua instanciação nos três diferentes domínios. Nesses trabalhos, havíamos estabelecido uma relação entre o domínio do conteúdo e a função de *consequência*; o domínio epistêmico e a função de *conclusão*; o domínio interacional e a função de *elaboração*. Hoje, defendemos que essa correlação não se dá exatamente de um para um, motivo pelo qual investimos em mais dois fatores de análise, para além dos domínios: a) sucessão temporal (ou não) entre os segmentos discursivos (respectivamente D1 e D2) articulados pelo conector *por isso*; b) presença de conteúdo factual ou não factual em D2.

Em nosso ponto de vista, a contribuição deste trabalho está não somente na descrição dos usos de *por isso* na função de conector no português brasileiro contemporâneo. Para além disso, acreditamos que os fatores de análise propostos para diferenciar esses usos sejam extensíveis a outros conectores conclusivos do português (embora certas diferenças funcionais sejam admitidas e até esperadas) e, quiçá, de outras línguas, haja vista a dimensão cognitiva desses usos.

Esta pesquisa foi realizada à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (Rosário, 2022), visto que essa é uma abordagem que objetiva descrever a gramática das línguas naturais a partir de dados empíricos do uso linguístico. De maneira suplementar, recorreremos a alguns outros estudos que nos auxiliaram na investigação

⁶ Vale mencionar que o termo *esclarecimento* foi adotado com base em uma das categorias semânticas do eixo tático da expansão por elaboração, segundo Halliday (2004). Sendo assim, é uma das classes semânticas da função *elaboração*, da qual trataremos mais profundamente na próxima seção.

desses dados, como os de Sweetser (1990) sobre os domínios linguísticos da conexão e os de Narrog (2005) sobre a noção de modalidade e factualidade. Ao todo, analisamos 150 ocorrências extraídas do *Corpus Portuguese Web*, da plataforma *Sketch Engine*, por meio do emprego de análise mista (Lacerda, 2016).

Para esse fim, organizamos este texto em quatro partes. Além desta introdução, há: *Revisão de literatura*; *Aspectos teóricos e metodológicos*; *Resultados*. Fecham o texto as *Considerações finais*, seguidas das *Referências*.

Revisão de literatura

Nesta seção, apresentamos três estudos que são caros à nossa investigação: a) as investigações de Marques e Pezatti (2015), de base funcionalista, que apresentam generalizações sobre a relação conclusiva na língua portuguesa; b) a categoria do eixo tático lógico-semântico da expansão por elaboração, conforme proposta por Halliday (2004); c) os estudos de Narrog (2005) sobre os conceitos de modalidade e factualidade.

Segundo Marques e Pezatti (2015), a relação conclusiva na língua portuguesa pode apresentar três funções: conclusão, consequência e resumo. Na conclusão, há um raciocínio inferencial lógico, em que uma conclusão é derivada de duas premissas, uma explícita e outra elidida. Como ilustração, segue uma ocorrência das autoras (Marques; Pezatti, 2015, p. 66):

(e) O João é muçulmano, **portanto** não bebe álcool.

Em (e), a premissa explícita é a expressa em D1 – *João é muçulmano*; a elidida parte do conhecimento enciclopédico do falante, a saber, que muçulmanos não bebem álcool. Dessa relação, emerge uma síntese lógica (uma conclusão), que é a que está expressa em D2. Assim como nós, Marques e Pezatti (2015) associam os valores conclusivos ao domínio epistêmico, conforme podemos observar na seguinte passagem:

Efetivamente, nas construções conclusivas desse tipo, há uma relação que opera no nível do domínio epistêmico (Sweetser, 1990), sendo a conclusão assinalada pelo conector uma inferência dedutiva legitimada pela articulação de uma premissa implícita com uma expressa, em que a primeira premissa constitui uma prova ou evidência, do ponto de vista epistêmico, que legitima a asserção da conclusão (Marques; Pezatti, 2015, p. 66).

Cabe mencionar que o valor semântico da conclusão mantém relação estreita com o campo da lógica argumentativa, mais especificamente com o silogismo, tal qual no famoso exemplo: *Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Logo, Sócrates é mortal*. A diferença formal reside na inexistência da segunda premissa, que é apenas inferida. Além disso, há possíveis distinções discursivo-pragmáticas, haja vista que a conclusão nem sempre

(diríamos que quase nunca, na verdade) é o resultado de uma relação necessariamente verdadeira. Como ilustração, podemos recorrer à ocorrência (e) mais uma vez. É perfeitamente possível a existência de um muçulmano que, a despeito das regras religiosas, faça a ingesta de bebida alcoólica. Sendo assim, a relação expressa na conclusão é o resultado de uma inferência provável, mas não necessariamente verdadeira. Inclusive, muitas vezes essa relação estabelecida pelo falante entre dois segmentos discursivos está mais a serviço da argumentação do que da lógica propriamente dita.

No que diz respeito à consequência, Marques e Pezatti (2015, p. 61) afirmam que a relação implicativa entre P e Q (isto é, entre D1 e D2) “é direta, já que não há uma premissa implícita, resultante de um raciocínio inferencial”. Como ilustração, segue uma ocorrência das autoras:

(f) eh distribuo o salário assim... em termos... o meu apartamento é próprio...
portanto eu não pago aluguel (PB falado – D2-RJ-355:8)
(Marques; Pezatti, 2015, p. 61).

Segundo Marques e Pezatti (2015, p. 61), em (f), há uma relação de consequência porque o falante “estabelece diretamente a relação de implicação entre as partes, sem recorrer a um raciocínio inferencial que faça a mediação entre a premissa explícita e o consequente”. Sendo assim, há uma relação direta e explícita entre o “apartamento ser próprio” e “não pagar aluguel”.

Embora as autoras não entrem nessa seara, entendemos ser possível relacionar esse valor semântico ao domínio do conteúdo, segundo Sweetser (1990), uma vez que a informação emitida em D2 é um evento concreto do mundo, e não uma inferência lógica, derivada de premissas. Falaremos mais desse aspecto mais adiante, na próxima seção.

Por fim, as autoras apresentam a função resumo, cujas ocorrências são todas extraídas de sequências dialogais. Segue uma das ocorrências, como ilustração (Marques; Pezatti, 2015, p. 76):

- (g) A: eh, saudades. nostalgia dos anos cinquenta, não sei. porque a gente nova também está, está a voltar muito ao, a essa época.
B: pois
A: eu tenho dois filhos jo. vens e eles ouvem música que nós ouvíamos.
B: pois. um certo romantismo, talvez
A: romantismo também, sim.
B: em contraste com, com um certo, uma certa crueza que há agora.
A: com a agressividade que há. sim.
B: pois. e então as pessoas voltam-se um pouco
A: voltam mais para o ... para o romântico. mais calma, mais tranquilidade
B: **então** isso sugere que não devem ser aqueles grandes lustres de muita luz, não é? (PT95:SaberVender)

Em (g), *então* atua como um introdutor de paráfrases, mais especificamente, representa uma marca de fechamento do tópico, em que se sumarizam as informações discutidas. No entanto, como não encontramos esse tipo de função em nossos dados – que não envolvem sequências dialogais –, não trataremos dela em nossa análise.

Antes de passar para o próximo tópico, cabe esclarecer que as autoras reconhecem a existência de uma outra função, a de *esclarecimento*, que fez parte da investigação de mestrado de Marques (2001) sobre o *portanto*⁷. Nesses usos, “não há conclusão, mas uma reformulação que tem a finalidade de garantir a intercompreensão, seja esclarecendo o sentido ou direcionando a compreensão de um termo segundo suas intenções interacionais” (Marques; Pezatti, 2015, p. 28). Apesar de identificarem esses usos, as autoras esclarecem que eles não serão explorados em seu texto.

Não sabemos por que motivo as autoras desconsideraram essa função. Talvez, a decisão esteja associada ao baixo número de ocorrências no *corpus* ou, ainda, ao fato de o valor semântico *esclarecimento* ser incomum na literatura e, por isso mesmo, mais espinhoso. Contudo, uma vez que esse é um valor semântico muito frequente nos nossos dados – na verdade, o mais frequente –, buscamos dar um tratamento a ele.

Inicialmente, quando começamos a descrever esses usos, empregamos o nome *explicação*, mas o termo não soou adequado, pois criava uma certa confusão com as conjunções coordenativas explicativas do português. Como vimos anteriormente, na apreciação das ocorrências (c) e (d), as conjunções explicativas e conclusivas apresentam as informações em direções opostas – *desligue o ar-condicionado **porque** está frio* (explicação); *está frio, **por isso** desligue o ar-condicionado* (esclarecimento).

Para adotar o termo *esclarecimento*, partimos não apenas dos estudos de Marques (2001), mas de uma das categorias semânticas do eixo tático lógico-semântico da expansão de Halliday (2004): o da elaboração, que pode ser entendido como um macrodomínio semântico. Segundo o estudioso, a elaboração pode ser estabelecida por exposição, exemplificação e esclarecimento. A exposição ocorre quando a segunda cláusula reafirma a tese da primeira, o que pode ser feito para apresentá-la por outra perspectiva ou para reforçá-la. A exemplificação acontece quando a segunda cláusula desenvolve a tese da primeira, frequentemente com a citação de exemplos. O esclarecimento, por sua vez, ocorre quando a segunda cláusula é utilizada para esclarecer a tese veiculada na primeira, oferecendo alguma forma de explicação ou comentário explicativo.

Vejamos, a seguir, uma ocorrência para cada um desses usos retirados de Lopes e Rabello (2022):

⁷ Trata-se do trabalho que citamos na introdução deste texto, por meio da descrição da ocorrência (a).

- (02) A ANP discorda do Ibama sobre a aplicação da Lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos, de 2010, para o descarte de cascalhos. Segundo a agência, o assunto deve ter critérios estabelecidos pela Lei do Óleo. A AGU concordou com essa visão, mas deu ao Ibama a liberdade de definir qual, afinal, serão as normas usadas. O órgão ambiental, porém, continua sem definir o assunto. O Ibama declarou que “já adotava critério para descarte” antes da norma de 2018 e, **por isso**, a ausência de regra “não representa a falta de controle ambiental”.
- (03) Segundo a analista do IBGE, Denise Guichard, houve uma redução considerável no número de empresas e postos de trabalho, e a recuperação segue lenta. “Está difícil para as empresas se estabelecerem e gerarem empregos. **Por isso**, tanto em número de empresas como em pessoal assalariado, estamos em um patamar do início da década passada”, observa.
- (04) Segundo o tenente Pedro Reis, são observados todos os aspectos legais quanto ao tema, incluindo a parte de regulação, que envolve órgãos como ANATEL, ANAC e Força Aérea. “A segurança do voo é um fator muito importante. **Por isso**, dedicamos uma semana inteira para o treinamento. Nosso objetivo é buscar sempre o aperfeiçoamento, tendo em vista a melhora do serviço para a população”, conta Reis.

O esclarecimento, segundo Halliday (2004), é definido como uma espécie de explicação sobre o conteúdo veiculado na primeira cláusula; no nosso caso, em D1. Mais especificamente, esse valor semântico está expresso em (02), cuja D2 busca esclarecer o motivo por que não há definição de regras para o descarte de cascalhos. A relação entre as relações causais e explicativas no português já é tema recorrente na literatura. As gramáticas tradicionais, por exemplo, frequentemente elencam conjunções comuns às duas funções ou definições gerais que não apresentam critérios distintivos entre as relações. Então, a existência de um uso causal com traços explicativos é uma possibilidade viável.

Revisitando a proposta apresentada em Lopes e Silva (2022; 2023) e em Lopes e Rabello (2022), compreendemos que as categorias de Halliday (2004) precisam ser adaptadas aos dados. Os de [por isso] demonstram um uso em que o conector é utilizado para elaborar o segmento discursivo anterior e, enquanto faz isso, apresenta uma informação que explica a informação do segmento anterior. Nesse sentido, temos uma função similar ao que Halliday (2004) descreve como esclarecimento, em que o falante introduz um comentário explicativo ou alguma forma de explicação sobre a asserção anterior. Dessa forma, optamos por manter apenas o termo esclarecimento.

O termo *esclarecimento* parece-nos mais adequado do que *explicação*, para que não haja sobreposição com o que entendemos por conjunção explicativa, que apresenta relações opostas entre D1 e D2 quando comparadas com estes usos nas conjunções conclusivas, como é o caso de *por isso*. No entanto, verificamos que o esclarecimento pode ocorrer de diferentes formas, apresentando funções similares ao que Halliday (2004) descreve como exposição e exemplificação.

A exposição, segundo o autor, atua como uma reafirmação, um reforço ou, ainda, apresentação de uma nova perspectiva sobre D1, de maneira parafrástica. É o que ocorre em (03), em que o conteúdo em D2 converge para o reforço das informações em D1, mas incluindo uma nova informação: de que esses dados se comparam ao patamar do início da década passada. A exemplificação, por sua vez, ocorre em (04), em que D2 especifica a informação em D1, normalmente recorrendo a exemplos reais. Nesse caso, a D2 “por isso dedicamos uma semana inteira para o treinamento” serve como exemplo da importância do tempo dedicado ao treinamento.

Passemos, agora, para o último tópico: os conceitos de modalidade e factualidade, uma vez que são conceitos operacionalizáveis para a distinção das funções de *por isso*, conforme veremos na próxima seção. Segundo Narrog (2005), a modalidade se opõe à factualidade. A primeira diz respeito ao domínio do pensamento; a segunda, ao domínio dos fatos. Como ilustração, o autor apresenta os seguintes exemplos (2005, p. 182):

- (h) Maria está em casa agora.
- (i) Maria pode estar em casa agora.

Como podemos notar, a primeira sentença é apresentada como uma situação concreta, real e válida para o tempo a que se refere, ao passo que a segunda é uma informação hipotética, pertencente ao domínio do pensamento. As duas sentenças servem para ilustrar a diferença do conteúdo factual (h) do não factual ou modal (i). Logo, modalidade e factualidade são dois conceitos dicotômicos, sendo um caracterizado pela ausência do outro. Por isso, diz Narrog (2005, p. 182): “a expressão de um estado de coisas é modalizada se este for marcado como indeterminado com respeito ao seu *status* factual, isto é, nem positiva nem negativamente factual”⁸.

O estudioso chama a atenção para mais dois fatos: a) não se deve confundir factualidade com o “mundo real”, pois a factualidade é um modo de expressão linguística, e não um modo de ser no mundo; b) também não se deve confundir a noção de modalidade (ou de não factualidade) com a factualidade negativa. A sentença “Maria não está em casa agora”, por exemplo, ainda é factual.

Aspectos teóricos e metodológicos

A presente pesquisa baseia-se nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – (Rosário, 2022), que representa um diálogo entre o Funcionalismo norte-americano e a Linguística Cognitiva, em especial, a abordagem

⁸ No original: “The expression of a state of affairs is modalized if it is marked for being undetermined with respect to its factual status, i. e., is neither positively nor negatively factual”.

construcional da gramática. Para essa vertente, a língua é constituída de um inventário de construções – isto é, pareamentos de forma e significado (Goldberg, 1995; Croft, 2001; Diessel, 2019), conectadas entre si por diferentes relações: simbólicas, taxonômicas, construcionais (ou horizontais) etc.

Para o estudo de dados sincrônicos, um dos objetivos da LFCU é descrever as propriedades da forma (em termos de fonologia e morfossintaxe) e do significado (em termos de semântica, pragmática e discurso). Trata-se, portanto, de uma perspectiva holística de análise linguística, que visa captar todos os fatores que constituem e motivam as estruturas linguísticas.

O conceito de construção é bastante caro para a investigação de *por isso*, uma vez que seus usos são caracterizados não pelo item isoladamente, mas pela relação estabelecida entre o conector e seus respectivos segmentos discursivos. Por essa razão, representamos as nossas construções, a partir da agora, da seguinte forma [D1 *por isso* D2]_{consequência}, [D1 *por isso* D2]_{conclusão} e [D1 *por isso* D2]_{elaboração}.

No intuito de atender aos objetivos desta pesquisa, recorremos a 150 ocorrências aleatórias da variedade brasileira do português extraídas do *Corpus Portuguese Web 2020* (ptTenTen20), da plataforma *Sketch Engine*⁹. Trata-se de um *corpus* de 12 bilhões de palavras, com dados de diferentes variedades do português, coletados entre o período de junho e novembro de 2020. O *corpus* permite filtrar as ocorrências por diferentes aspectos, como variedade, gênero, assunto etc. Não obstante, não utilizamos nenhum outro filtro além da especificação da variedade brasileira, pois intentamos captar os possíveis usos em diferentes gêneros discursivos e sequências tipológicas.

As análises foram realizadas por meio do emprego do método misto, que se caracteriza pelo “equacionamento entre a metodologia qualitativa e quantitativa” (Lacerda, 2016, p. 85). Quanto ao método qualitativo, visamos empregar a perspectiva abdução de investigação (Givón, 1995), que associa o raciocínio indutivo e o dedutivo na interpretação dos fenômenos. Quanto ao método quantitativo, buscamos chegar a generalizações dos usos de *por isso*, a partir da identificação das propriedades recorrentes e necessárias de cada uma das funções assumidas pelo conector em seus mais diversos usos.

Os fatores de análise utilizados foram os seguintes:

- a) Classificação dos domínios a que pertencem D1 e D2;
- b) Classificação do tipo de conteúdo, se factual ou não factual, em D1 e D2;
- c) Identificação da presença ou não de sucessão temporal entre eventos em D1 e D2;
- d) Classificação da função do conector;

⁹ Disponível em: <http://sketchengine.eu>. Acesso em: 25 mai. 2024.

- e) Reconhecimento da sequência tipológica em que o conector ocorre;
- f) Identificação de zonas de interseção categorial, com foco na descrição de usos mais e menos prototípicos de cada função.

Resultados

Como apontado anteriormente, defendemos a correspondência das funções do conector [por isso] aos domínios da causalidade de Sweetser (1990). Nesse sentido, a relação de consequência apresenta duas unidades discursivas situadas no domínio do conteúdo que são organizadas temporalmente em uma relação consecutiva, situada também no domínio do conteúdo. De modo similar, a conclusão, por padrão, apresenta duas unidades discursivas situadas no domínio epistêmico que, juntas, resultam em uma relação conclusiva também situada no domínio epistêmico. A elaboração, por analogia, deveria apresentar duas unidades discursivas no domínio interacional¹⁰ que resultam em uma relação de esclarecimento.

Para verificar isso, guiamo-nos pelos fatores de análise descritos na seção anterior. Assim, observemos o quantitativo dos resultados para o primeiro fator.

Tabela 1 – Distribuição de domínios linguísticos em [por isso]

Função	Primeira unidade discursiva		Segunda Unidade discursiva			Total por função
	Conteúdo	Epistêmico	Conteúdo	Epistêmico	Interacional	
Consequência	9	-	9	-	-	9
Conclusão	32	31	-	63	-	63
Elaboração	38	40	62	-	16	78
Total por domínio	79	71	71	63	16	150 ocorrências

Fonte: Elaboração própria.

A correspondência da função de consequência ao domínio do conteúdo foi comprovada nos dados, pois os dois segmentos das 9 ocorrências de consequência estão situados no domínio do conteúdo. Assim, as informações que constituem a D1 e a D2 são de caráter factual, são eventos ou fatos já conhecidos pelo enunciador. Uma vez que a consequência pressupõe uma causa e esta é necessariamente anterior à consequência, definimos que, dentro desta categoria, D1 e D2 precisam trazer conteúdo factual e estar relacionados entre si como uma sucessão de eventos, de modo que o primeiro, em D1, seja anterior ao segundo, em D2. Vejamos duas ocorrências:

(05) Ninguém a notava, a não ser Dulce que desde que entrou no colégio não desgrudava da loira e **por isso** tornaram-se melhores amigas.

¹⁰ Em nossa análise, assim como Floret (2022), substituímos a expressão domínio dos atos de fala por domínio interacional.

(06) Mariana perdeu os pais muito cedo. **Por isso** foi morar com sua tia e seu primo, Juan Pedro.

Em (05) e (06), temos o uso mais prototípico da consequência. Trata-se de dois enunciados em sequência narrativa, que têm como uma de suas características mais básicas a progressão temporal. Podemos observar que os eventos expressos em D1 são a causa de D2 (seu consequente, portanto) e mantêm entre si uma relação temporal de anterioridade e posterioridade. Paralelamente, notamos que as informações veiculadas nesses segmentos discursivos também são da ordem da factualidade.

A consequência também pode ser expressa em sequências expositivas, embora de maneira menos frequente que os dois outros valores semânticos. Nesse caso, a relação temporal entre D1 e D2 é menos transparente (mas não deixa de existir), em decorrência do fato de o texto dissertativo, em sua gênese, constituir-se como um texto atemporal, com emprego predominante do presente do indicativo. É o que podemos observar em (07), em que podemos interpretar a oferta de uma terceira edição do evento como uma consequência do sucesso das sessões anteriores:

(07) As sessões da observação virtual do céu são sucesso. **Por isso** o Observatório Nacional promove a terceira edição do evento “O céu em sua casa: observação remota”.

A conclusão, por sua vez, pode se desenvolver no domínio epistêmico como previmos. É o que acontece em 31 ocorrências de [por isso] na função conclusiva, nelas o conector vincula dois segmentos discursivos situados no domínio epistêmico. Vejamos uma ocorrência.

(08) Resumo: o espaço é bem de toda a humanidade, **por isso** deve ser protegido.

Em (08), temos um uso prototípico dessa função, em que *por isso* ocorre em uma sequência argumentativa e é resultado de um silogismo lógico, em que duas premissas (uma explícita e outra inferida) levam a uma síntese. Isto é, *se o espaço é bem de toda a humanidade* (premissa explícita) e *a humanidade deve desfrutar de seus bens* (premissa inferida), logo *deve ser protegido* (síntese). Como podemos notar, não há relação temporalmente situada entre D1 e D2, mas a D2 traz um conteúdo claramente modalizado (não factual), que é o verbo modal epistêmico *dever*, que imprime no enunciado uma perspectiva do falante. Nesse sentido, a função de conclusão evoca, necessariamente, a noção de modalidade (isto é, não factualidade) em D2. Uma vez que ela parte de um raciocínio dedutivo (resultante da interação de duas premissas, uma explícita e outra inferida, como

vimos na seção anterior), envolve operações lógicas entre D1 e D2, e não eventos temporalmente situados.

Não obstante esse dado, vale ressaltar, como dissemos na seção anterior, que muitas conclusões não representam uma derivação de um silogismo necessariamente lógico, mas servem como uma estratégia argumentativa para o mesmo fim. É o que observamos em (09):

(09) Quebre a rotina com pequenos prazeres. Trabalhar em casa pode exigir tanto quanto ou mais de nós. **Por isso**, é fundamental criarmos uma rotina que nos ajude a organizar os horários destinados ao trabalho, afazeres.

A ocorrência (09) também se situa em sequência argumentativa, apresenta conteúdo não factual em D2 – adjetivo avaliativo *fundamental* – e os dois segmentos discursivos não estão temporalmente encadeados. Diferentemente de (08), no entanto, a conclusão representa mais uma estratégia argumentativa do falante. Inclusive, trata-se de uma relação problema (D1) e solução (D2), em que a premissa implícita será sempre a presunção de um problema que precisa ser resolvido. Mantemos esse tipo de relação dentro da função conclusão devido ao valor epistêmico expresso em D2.

Dados como esse demonstram, como já advoga a perspectiva funcionalista, que as categorias não são discretas e, por esse motivo, há zonas de interseção categorial. Entendemos, no entanto, a relação do tipo problema-solução como um subtipo da conclusão, e não da consequência, por sua função discursiva: a consequência está ligada à narração e à exposição (isto é, à ação de informar), ao passo que a conclusão e a solução, à argumentação (isto é, à ação de persuadir).

A interseção categorial entre os domínios fica evidente também nas 32 ocorrências em que a função de conclusão apresenta a primeira unidade discursiva situada no domínio do conteúdo. Como vimos na Tabela 1, a D2 conclusiva é sempre de caráter epistêmico, como é o esperado para essa função que demanda um raciocínio lógico por parte do falante. No entanto, esse raciocínio nem sempre parte do conhecimento próprio do falante, podendo ser um fato comum. Observemos a ocorrência (10) como exemplo.

(10) Mas você já ouviu falar da Doença Renal Crônica (DRC)? Trata-se de uma disfunção relacionada aos rins, que pode ser grave e até causar a falência do órgão.
Frequentemente, a doença não possui sintomas e é diagnosticada por exame de sangue. **Por isso**, é necessário fazer um acompanhamento médico regular para verificação dos níveis de creatinina, colesterol e glicose no sangue, principalmente, em casos de diabéticos e hipertensos.

Em (10), situada em uma sequência argumentativa, observamos que a D1 apresenta uma característica da Doença Renal Crônica, sua capacidade de não apresentar sintomas. A

D2 utiliza, então, essa característica factual da doença para direcionar a argumentação à necessidade de fazer acompanhamento médico. Mais do que apenas informar sobre a doença, a sequência tem o propósito de persuadir o leitor a cuidar da saúde e, posteriormente, direcionar o leitor para um ambulatório específico – como fica evidente no contexto mais amplo da ocorrência. Assim, o falante parte de uma informação factual, situada no domínio do conteúdo, para fundamentar sua conclusão.

A elaboração também transparece a interseção categorial presente no domínio da causalidade. Os dados de [por isso] na função elaborativa demonstram que ela pode envolver outros domínios. Na D1, observamos que a função de elaboração pode invocar informações dos domínios epistêmico e do conteúdo. Já na D2 a função pode atuar no domínio do conteúdo e no domínio interacional. Vejamos duas ocorrências.

- (11) Informamos que a mudança do Instituto de Biologia do Campus do Valonguinho para o Bloco M, no Campus do Gragoatá, ocorrerá no período de 09/03/2020 até o dia 20/03, incluindo os dias 14 e 15 (sábado e domingo).

Por isso, solicitamos que seja amplamente divulgado para as unidades acadêmicas que funcionam no Valonguinho, que não poderão estacionar seus veículos nas ruas deste campus, na frente do prédio da Física Velha e nas vagas de estacionamento que ficam em frente ao Instituto de Química, entre a Cantina do Luiz e container localizado bem na entrada principal da Química.

- (12) Somente juntos teremos força para enfrentar este enorme desafio e, **por isso** queremos agradecer a todos vocês, que continuam se dedicando, que não medem esforços para fazer o que precisa ser feito.

Em (11), temos uma sequência injuntiva. Nela, a elaboração é utilizada para fazer uma solicitação que, na verdade, caracteriza uma instrução. A D2 apresenta um ato de fala diretivo ao solicitar que a divulgação da proibição de estacionar no campus Valonguinho. Assim, não há dúvida de que a relação entre as unidades discursivas se estabelece no domínio interacional. No entanto, a D1 apresenta um fato "a mudança do Instituto de Biologia do Campus do Valonguinho para o Bloco M, no Campus do Gragoatá" no período entre os dias 09/03/2020 e 20/03/2020. Com base nisso, verificamos que há uma interseção entre os domínios, pois a relação tem início no domínio do conteúdo para executar um ato de fala.

A ocorrência (12), que constitui uma sequência expositiva – tipo predominante nas relações de elaboração –, desenvolve uma estratégia similar para realizar o ato de fala. A D1 apresenta uma informação de cunho epistêmico, em que o falante acredita que a união é a forma de vencer o desafio. A D2 expressa um ato de fala diretivo, performativo, em que o falante manifesta a intenção de agradecer enquanto realmente agradece. Relações como essas, em que a D2 está situada no domínio interacional, ocorrem em 16 ocorrências de

elaboração. As outras 62 ocorrências de elaboração apresentam a D2 no domínio do conteúdo. Vejamos dois exemplos.

(13) Atualmente, já foram descobertos mais de 3.600 planetas extrassolares ou exoplanetas – planetas que orbitam outras estrelas que não o Sol. O estudo destes planetas é importante para a ciência, pois fornece informações sobre como foram formados a Terra e o Sistema Solar, e também porque em alguns deles pode haver condições para a existência de vida. **Por isso**, os astrônomos tentam encontrar exoplanetas, com atmosfera, tamanho e massa semelhantes aos da Terra e que estejam na “zona habitável” da estrela hospedeira – o intervalo de distância entre a estrela e o planeta onde a temperatura na superfície do planeta permite manter água em estado líquido.

(14) Em meados do século 18, galáxias já eram observadas como formas difusas nos telescópios da época, e **por isso** eram chamadas de nebulosas.

Nas ocorrências de elaboração com D2 situada no domínio do conteúdo, interpretamos que há um resultado factual ou uma referência a algo do mundo real. Nesse sentido, a elaboração se dá pela relação entre os segmentos discursivos e não necessariamente no conteúdo da D2. Na sequência expositiva presente em (13), a D1 apresenta uma generalização de caráter epistêmico sobre o trabalho dos astrônomos, cujo conteúdo é modalizado pela presença do *pode*. A D2, então, apresenta uma justificativa para o conteúdo anterior, esclarecendo o que foi dito. A justificativa é uma informação factual situada no domínio do conteúdo, porque os astrônomos realmente tentam encontrar exoplanetas no mundo real.

De modo similar, a sequência também expositiva apresentada em (14) recorre a um conteúdo factual nos dois segmentos discursivos. A D1 informa que galáxias são observadas como formas difusas desde o século 18, informação factual, e a D2 informa que eram denominadas nebulosas, informação também factual. Os segmentos, portanto, estão situados no domínio do conteúdo e o valor de elaboração se dá pela interação entre as unidades discursivas. Na ocorrência, temos esclarecimento quando a D2 é utilizada para adicionar um comentário explicativo sobre a D1.

A existência de duas unidades discursivas de conteúdo ocorre, como vimos, na consequência. Entretanto, ao contrário da consequência, a relação entre os dois segmentos discursivos da elaboração não é temporalmente situada. Em (05), (06) e (07), verificamos como os eventos estão temporalmente relacionados, em que a realização do segundo dependia da realização do primeiro. Nas ocorrências de esclarecimento, no entanto, não há a mesma temporalidade. Em (13), a busca por planetas exoplanetas (fato da D2) não depende da importância dos fatos expostos na D1. O mesmo ocorre em (14), em que o nome *nebulosas* (informação da D2) não é colocado como uma consequência da informação da D1.

Logicamente, reconhecemos que há relação entre os fatos nos casos de esclarecimento, a ocorrência de um fato está relacionada a ocorrência de outro. No entanto, essa relação é natural a todos os valores presentes dentro do domínio da causalidade. O esclarecimento difere da consequência, em essência, por não explicitar a mesma ordenação temporal entre os segmentos discursivos. Na D2, temos uma situação que pode ser representada pela Figura 1.

Figura 1 - Temporalidade no segundo segmento discursivo



Fonte: elaboração própria.

A figura traz uma representação em forma de árvore de decisões¹¹ para demonstrar que as funções conclusivas diferem, estritamente, na forma como o falante decide vincular o segundo segmento discursivo. Quando o falante vincula uma informação de caráter modal e não temporal no segundo segmento, temos relações de conclusão situadas no domínio epistêmico. Quando o falante vincula informação de caráter factual e não temporal no segundo segmento, temos relações de elaboração que podem estar situadas no domínio interacional ou do conteúdo. Por fim, quando o falante vincula informação de caráter factual e temporalmente anterior a informação da D1, temos relações de consequência situadas no domínio do conteúdo.

Em síntese, entendemos que as três funções que exploramos nesta seção possam ser distintas entre si por meio da aplicação de três fatores, indicados na Tabela 2.

Tabela 2 - Fatores observáveis nas funções de consequência, conclusão e elaboração

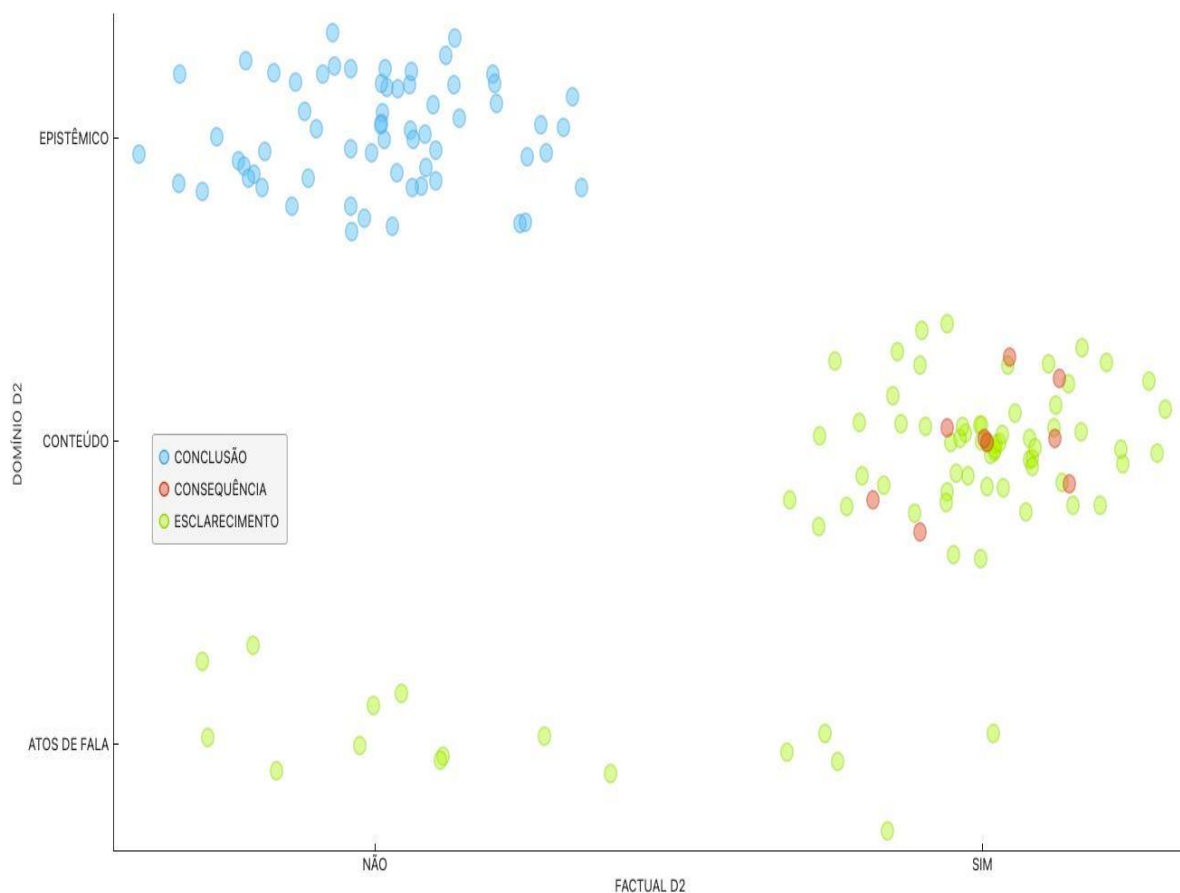
	Domínio em D2	Factualidade em D2	Sucessão temporal entre D1 e D2
Consequência	Conteúdo	Factual	Sim
Conclusão	Epistêmico	Não factual	Não
Elaboração	Interacional ou Conteúdo	Factual	Não

Fonte: elaboração própria.

¹¹ A árvore de decisão é uma medida estatística de regressão condicional (cf. Hothorn; Hornik; Zeileis, 2006). Essa representação foi gerada no software *Orange Canvas*.

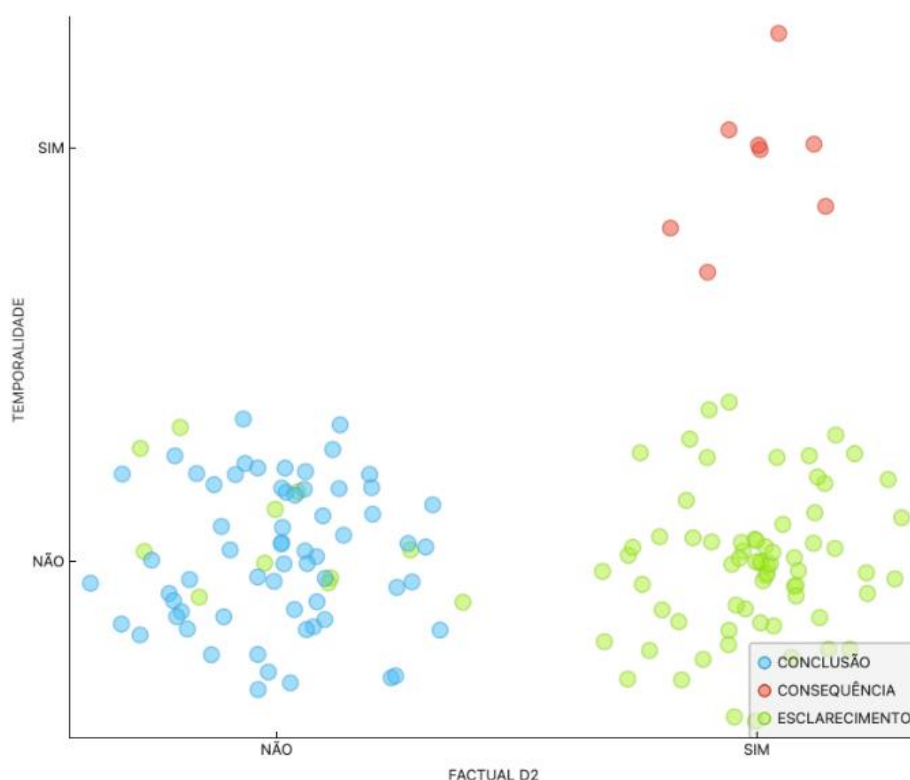
De acordo com os dados, a conclusão é a função menos factual e que não apresenta temporalidade entre os segmentos discursivos. No meio do caminho, verificamos a função de esclarecimento, que ora apresenta conteúdo factual na D2, ora não apresenta, e não apresenta temporalidade entre os segmentos discursivos. A consequência, por sua vez, é a função mais factual, apresentando sempre conteúdo factual nas duas unidades discursivas. Com base nisso, podemos verificar que as funções se relacionam e distinguem em função, principalmente, da factualidade e da temporalidade, como representado abaixo.

Gráfico 1 - Gráfico de factualidade em [por isso]



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 2 - Gráfico de temporalidade em [por isso]



Fonte: elaboração própria.

Os gráficos de dispersão¹² sintetizam o que exploramos ao longo desta seção. Com essa representação, observamos como a função de consequência se comporta de modo mais consistente nas ocorrências de [por isso]. Em relação à factualidade, ela sempre apresenta conteúdo factual na D2 e, em relação à temporalidade, os segmentos estão sempre organizados em sequência temporal. Assim, interpretamos que a consequência e o domínio do conteúdo são os mais concretos dentro do domínio linguístico da causalidade. Portanto, o domínio do conteúdo e a consequência são os que mais preservam a noção de causalidade, apresentando uma efetiva relação de causa e efeito/consequência.

A função de conclusão também apresenta comportamento uniforme nas ocorrências. No fator factualidade, a D2 apresenta sempre conteúdo não factual, logo, modal (Cf. Narrog, 2005), e, no fator temporalidade, nunca há ordenação temporal entre as unidades discursivas. O domínio epistêmico e a conclusão são tidos, então, como os mais abstratos dentro da causalidade, pois apresenta uma relação de argumento e conclusão. O esclarecimento, no entanto, apresenta um comportamento maleável que é tido como reflexo da gradiência existente no domínio da causalidade.

¹² Gráficos de dispersão gerados no software *Orange Canvas*.

Na proposta original de Sweetser (1990), a autora aponta que a distinção entre os domínios do conteúdo e epistêmico é complexa, sendo, muitas vezes, guiada pela orientação pragmática do analista. O apontamento da autora é exemplificado em (07), ocorrência de consequência em que a relação temporal entre D1 e D2 é mais opaca. A autora, no entanto, não estende a mesma ambiguidade ao domínio interacional, pois argumenta que os contextos em que há domínio interacional são mais facilmente distinguíveis do que os em que há domínio epistêmico ou do conteúdo.

Tomando essa ambiguidade como uma possibilidade para a existência de dados gradientes entre os domínios, verificamos em [por isso] uma próspera oportunidade de verificar essa ambiguidade também no domínio interacional. Os dados demonstram que o esclarecimento, no fator factualidade, pode apresentar informação factual ou não factual da D2. No fator temporalidade, a função nunca apresenta relação temporal entre os segmentos discursivos. Com isso, verificamos que o esclarecimento compartilha traço de factualidade com a consequência e traço de não temporalidade com a conclusão.

O esclarecimento, nesse sentido, situa-se no meio de um *continuum* entre os domínios da causalidade. Assim, ao passo que temos ocorrências não temporais e não factuais (como na conclusão), exercidas no domínio interacional, temos também ocorrências factuais (como na consequência) e não temporais, exercidas no domínio do conteúdo. Cabe frisar que, com isso, não queremos dizer que os três fatores da Tabela 2, sozinhos, sejam suficientes para descrever essas funções em sua plenitude, mas, sim, que eles nos auxiliam a estabelecer limites menos subjetivos para sua identificação e classificação.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos descrever as relações conclusivas desenvolvidas pelo conector complexo [por isso] em língua portuguesa. A construção, já definida como um conector conclusivo (supra)oracional (Cf. Lopes; Rabello, 2022), vincula diferentes valores semântico-pragmáticos de conclusão.

A partir do método misto, analisamos 150 ocorrências de [por isso]. Os dados comprovaram que as funções exercidas pelo conector se organizam em correspondência aos domínios da causalidade estabelecidos em Sweetser (1990). Nesse sentido, temos o domínio do conteúdo nas relações de consequência estabelecidas pelo conector, o domínio epistêmico nas relações de conclusão e o domínio interacional nas relações de elaboração. Com base nisso, exploramos as funções conclusivas do conector para identificar a presença ou ausência de sucessão temporal entre os segmentos discursivos por ele vinculados e presença de conteúdo factual ou não factual no segundo segmento.

Assim, elencamos três fatores principais para distinguir as funções: o tipo de domínio presente no segundo segmento discursivo; a presença de conteúdo factual ou não factual

nesse segundo segmento; e a sucessão temporal entre os segmentos da ocorrência. Os resultados demonstraram que, para o primeiro fator, há um comportamento estável nas relações de consequência e conclusão. Assim, o falante recorre sempre a informações do domínio do conteúdo para estabelecer conexão consecutiva e a informações do domínio epistêmico para estabelecer conexão conclusiva. Entretanto, os dados também evidenciaram que a elaboração é uma função mais maleável, pois o falante pode recorrer a informações do domínio interacional (atos de fala), mas também a informações do domínio do conteúdo.

A mesma estabilidade nas relações de conclusão e consequência foi percebida durante a análise dos dois outros fatores. Os dados indicam que a conclusão não vincula conteúdo factual em seu segundo segmento discursivo e não apresenta temporalidade na organização entre os segmentos. A consequência, por sua vez, sempre apresenta conteúdo factual em sua D2 e exibe temporalidade entre os segmentos discursivos. Em posição intermediária, a elaboração apresenta conteúdo factual em sua D2, mas não exibe temporalidade entre os segmentos.

Por fim, os dados apontam para uma gradiência de domínios nas relações conclusivas. Exceto a função de consequência, as relações mobilizam informações de outros domínios ao estabelecer ligação entre os segmentos. A conclusão, por exemplo, pode mobilizar informações não apenas do domínio epistêmico, como também do domínio do conteúdo. A elaboração, demonstrando ainda mais gradiência, pode recorrer a informações de todos os três domínios. Dessa forma, concluímos que, embora cada relação corresponda a um domínio dentro da causalidade, o uso efetivo da construção conclusiva [por isso] permite interseção entre os domínios da causalidade.

Referências

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. e amp. São Paulo: Publifolha, 2018.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- DIESSEL, H. **The Grammar Network**. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.
- FLORET, M. F. **A trajetória das construções conclusivas com *portanto*, *por isso*, *logo* e *então***. 2022. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. Londres: Arnold, 2004.

HILGERT, J.G. As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. **Gramática do português falado**. v. VI. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

HOTHORN, T.; HORNIK, K.; ZEILEIS, A. Unbiased Recursive Partitioning: A Conditional Inference Framework. **Journal of Computational and Graphical Statistics**, v. 15, p. 651-674, 2006.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 12, p. 83-101, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5440>. Acesso em: 5 abr. 2023.

LOPES, M. G.; RABELLO, M. L. Propriedades coesivas e semânticopragmáticas do conector complexo por isso no português brasileiro contemporâneo. **Signótica**, Goiânia, v. 34, e72812, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sig.v34.72812>. Acesso em: 5 abr. 2023.

LOPES, M. G.; SILVA, S. Propriedades coesivas e semânticas da construção complexa [com isso] à luz da linguística funcional centrada no uso. **Confluência**, n. 62, p. 240-269, 2022a. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/521>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LOPES, M. G.; SILVA, S. Trajetória diacrônica do conector com isso no português. **Revista Linguística**, v. 18, n. 2, p. 114-137, 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2022.v18n2a57080>. Acesso em: 5 ago. 2023.

MARQUES, N. B. N.; PEZATTI, E. G. **A relação conclusiva na língua portuguesa**: funções resumo, conclusão e consequência. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MARQUES, N. B. N. **Divergências e similaridades nas variedades brasileira e europeia do português**: um estudo da forma *portanto*. 2001. 192 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2001.

NARROG, H. On defining modality again. **Language Sciences**, v. 27, n. 2, p. 165-192, 2005.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

SEARLE, J. **Sens et expression**. Paris: Minuit, 1982.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics**. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure. Peking: Peking University Press, 1990.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

Sobre os autores

Monclar Guimarães Lopes

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6238-958X>

É professor adjunto do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal Fluminense. É doutor em estudos linguísticos e mestre em língua portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e graduado em Letras-Inglês pela Ferlagos.

Mayra Laurindo Rabello

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8463-4593>

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal Fluminense. Bolsista FAPERJ Nota 10. Graduanda em Letras, habilitação em Espanhol, na Universidade Federal Fluminense. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (2019).

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

**Microconstruções conectoras de finalidade:
[na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect}**

Purpose-connecting microconstructions:
[in an attempt to]_{connect} and [in a search of]_{connect}

Amanda Heiderich Marchon¹

Gabriela Conceição²

Silvana Francisco Guedes Camilo Costa³

Resumo: Com base no aporte teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Traugott; Trousdale, 2021), este artigo visa a descrever e analisar comparativamente as microconstruções conectoras de finalidade [na tentativa de] e [na busca de] instanciadas pelo subesquema [prep [det] N de]_{connect} vinculado à rede [X de]_{connect}. Para dar tratamento aos dados, utilizamos a metodologia mista (Lacerda, 2016), a partir de 250 dados sincrônicos advindos do *Corpus do Português*, na aba NOW. Embora as cláusulas de finalidade prefaciadas pelas microconstruções em análise veiculem a noção de finalidade, observou-se significativa diferença no que se refere (i) à posição dessas cláusulas em relação à cláusula nuclear e (ii) ao grau de previsibilidade de realização do evento expresso pela cláusula de finalidade. Mais especificamente, construções introduzidas no discurso pela microconstrução conectora [na tentativa de]_{connect} apresentam-se mais frequentes na anteposição e desempenham, em geral, a função textual-discursiva de estabelecer ligação entre a parte do discurso precedente e subsequente, ao passo que a posposição é mais frequente em construções com a microconstrução conectora [na busca de]_{connect} e refletem mais traços de cláusulas de finalidade prototípicas.

Palavras-chave: Microconstruções conectoras. Finalidade. Hipotaxe circunstancial.

Abstract: Based on the theoretical and methodological contribution of Use-Centered Functional Linguistics (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Traugott; Trousdale, 2021), this article aims to describe and analyze comparatively the purpose connecting microconstructions [in an attempt to] and [in the search for] instantiated by the subscheme [prep [det] N of]_{connect} linked to the network [X of]_{connect}. To treat the data, we used a mixed methodology (Lacerda, 2016), from 250 synchronic data from the Portuguese Corpus, in the NOW tab. Although the clauses of purpose prefaced by the microconstructions in analysis convey the notion of purpose, a significant difference was observed with regard to (i) the position of these clauses in relation to the nuclear clause and (ii) the degree of predictability of the event expressed by the purpose clause. More specifically, constructions introduced in the discourse by connective microconstruction [in an attempt to]_{connect} are more frequent in the preposition and reveal a tinge of uncertainty, whereas postposition is more frequent in constructions with connective microconstruction [in the search for]_{connect} and reflect greater predictability of the event.

Keywords: Connecting microconstructions. Purpose. Circumstantial hypotaxis.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: amanda.marchon@ufes.br.

² Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: gabrielaconceicao@id.uff.br

³ Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: silvanafguedes_adm@yahoo.com.br.

Palavras iniciais

Embora o Funcionalismo apresente diferentes vertentes, como o Funcionalismo Clássico (Givón, 1993), a Gramática Sistemico-Funcional (Halliday, 1994), a Gramática Funcional (Dik, 1997), os estudiosos filiados a essa escola concordam que a língua está em constante processo de mudança, o que reflete sua dinamicidade para se adaptar às necessidades e circunstâncias dos falantes em situações específicas de comunicação. Nesse processo, novas construções surgem, assim como novos sentidos emergem de construções já existentes. Considerando que uma construção é formada por um pareamento complexo de forma e função e que o conhecimento linguístico se organiza em conexões associativas entre diferentes aspectos e níveis, descrevemos, neste artigo, as microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect}, as quais acreditamos que podem prefaciá-las cláusulas hipotáticas de finalidade no português brasileiro da atual sincronia.

Para defendermos esse posicionamento, nos ancoramos na concepção de que a estrutura da língua resulta de processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). Sob esse prisma, percorremos, especificamente, os caminhos teóricos-metodológicos delineados pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), corrente de estudos linguísticos que combina pressupostos cognitivistas e funcionalistas para investigar como os usos da linguagem refletem a perspectivação e a experiência dos falantes na e pela linguagem (Rosário; Oliveira, 2016). Adotamos o método misto de análise dos dados (Lacerda, 2016), visto que compatibiliza procedimentos quantitativos e qualitativos. A vantagem do método, segundo Lopes (2022), reside no fato de ele possibilitar tanto a descrição das propriedades construcionais quanto da produtividade, mensurável em termos de frequência de uso, das microconstruções sob análise.

Considerando que as microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect} introduzem cláusulas hipotáticas de finalidade no discurso, organizamos este artigo em cinco seções. Na seção subsequente, apresentamos os postulados da LFCU, aporte teórico que subsidia nossas hipóteses. Em seguida, refletimos sobre a *macrorrelação de causalidade*, em que as noções de *causa* e *efeito* são consideradas complementares e discutimos sobre aspectos formais e funcionais das cláusulas hipotáticas de *finalidade*. Na seção seguinte, analisamos qualitativa e quantitativamente os dados. Por fim, tecemos considerações finais.

Linguística Funcional Centrada no Uso

Neste artigo, ancoramo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), modelo de análise linguística que, segundo Furtado da Cunha (2023), se sustenta nos postulados e categorias analíticas da Linguística Funcional Clássica Norte-Americana, da Linguística Cognitiva quanto da Gramática de Construções.

Sob essa perspectiva, a LFCU entende que a língua é moldada criativamente por usuários que buscam alcançar seus propósitos comunicativos, o que vai ao encontro da afirmação de Bybee (2016 [2010]), que diz que a língua tem aparente regularidade, variação e dinamicidade. Diante disso, pesquisas alinhadas à LFCU compreendem a gramática da língua como um sistema adaptativo complexo. Outro entendimento basilar da LFCU é o de que a unidade básica da língua é a construção, e, conseqüentemente, todo o conhecimento linguístico do falante está situado em uma rede de construções complexas e sistematizadas hierarquicamente (Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]).

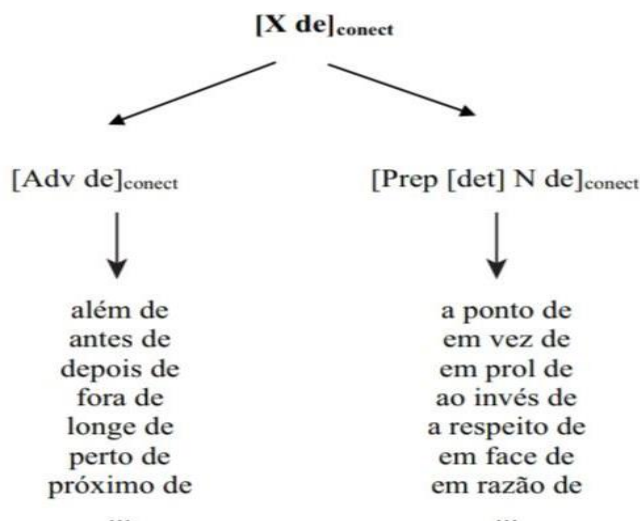
Conforme Bybee (2016 [2010]), as construções linguísticas, em todas as línguas, apresentam, em maior ou menor grau, certas propriedades, dentre elas: *esquematicidade* (nível de generalização de seus padrões formais e funcionais), *produtividade* (potencialidade de uma construção gerar novas instâncias de uso) e *composicionalidade* (grau de previsibilidade de uma construção). Rosário e Oliveira (2016, p. 244) explicam que:

[...] esquema pode ser definido como uma generalização taxonômica que aponta para padrões de experiência rotinizados. São abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes, já que delas se originam as diversas construções da língua (Rosário; Oliveira, 2016, p.244).

De acordo com essa visão, “o nível de esquematicidade deve ser considerado em um *continuum*” – há construções bastante esquemáticas e abstratas, a exemplo da construção [Prep (det) + N de]_{connect}, como há construções com baixa esquematicidade, como é o caso daquelas foco deste artigo [na tentativa de]_{connect} e [em busca de]_{connect}, que apresentam seus elementos constituintes predefinidos, ou seja, seus *slots* previamente preenchidos. Os três parâmetros – esquematicidade, produtividade e composicionalidade – estão interligados e influenciam mutuamente a instanciação das construções linguísticas. Em geral, construções mais esquemáticas tendem a ser mais produtivas e menos composicionais, enquanto construções menos esquemáticas tendem a ser menos produtivas e mais composicionais.

A representação esquemática a seguir ilustra a existência de parte dos conectores em uso no Português que são instanciados pela rede [X de]_{connect} proposta por Rosário (2022):

Figura 1 - Rede [X de]_{connect}



Fonte - Rosário (2022, p.371)

Como representado na figura 1, esquematicamente, as microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect} fazem parte do subesquema [Prep [det] N de]_{connect} que, por sua vez, têm ligação com o nível mais alto da hierarquia construcional, a rede [X de]_{connect}. As microconstruções sob análise podem ser compreendidas como elementos, que, metaforicamente, herdaram tanto a noção semântica que constituem a etimologia dos substantivos deverbais derivados de “tentar” e “buscar” quanto os traços procedurais das preposições “(em + a) na” e “de”. Tanto ‘tentar’ quanto ‘buscar’ evocam a ideia de um movimento direcionado a um objetivo, seja ele espacial ou temporal. No entanto, a incerteza inerente ao futuro confere a ambos os verbos um caráter conjectural. A esse respeito, a semântica de ‘tentar’ parece carregar uma maior carga de imprevisibilidade, sugerindo engajamento do sujeito em um processo cujo resultado é menos garantido. Por outro lado, ‘buscar’ implica ação mais deliberada e orientada, com uma expectativa implícita de retorno, o que confere à cláusula de finalidade prefaciada por [na busca de]_{connect} tom mais assertivo e menos sujeito às contingências do mundo.

No que se refere à *produtividade*, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) explicam que a produtividade de uma construção está ancorada no nível dos esquemas. A extensibilidade se refere ao grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas, bem como o grau em que tais esquemas são restringidos. Por esse fator, redimensionamos aqui a distinção entre frequência *type* (da construção) e *token* (do construto), tal como assumida Bybee (2016 [2010]: as microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect} são tomadas como *types* distintos do mesmo subesquema [Prep (det) N de]_{connect}, este de alta produtividade na língua portuguesa, conforme Rosário (2022).

Quanto à *composicionalidade*, segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), essa é a propriedade que alude ao grau de transparência entre a forma e o significado de uma

construção, ou seja, refere-se à combinação atribuída do significado do todo sobre o significado das partes de uma expressão complexa. Com base nesse conceito, assumimos, neste artigo, que as microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect} têm composicionalidade intermediária, uma vez que o sentido não é apenas expresso a partir da soma do significado das partes, embora o reconhecimento e a seleção intuitiva dessas partes, feito pelo falante, são confirmados pela análise, que detecta essa ligação parcial.

Traugott e Trousdale (2021 [2013]) propõem uma análise tridimensional das construções linguísticas, explorando as dimensões *tamanho*, *especificidade fonológica* e *conceptualização*. Essa classificação sinaliza uma compreensão mais detalhada da complexidade e do funcionamento das construções. O *tamanho* se refere à extensão da construção. Uma construção pode ser: *atômica* (constituída por uma subparte)); *complexa* (composta por mais de uma subparte); *intermediária* (constituída de partes afíxoides). A *especificidade fonológica* se refere ao grau de preenchimento dos *slots* da construção. Uma construção pode ser: *substantiva* (seus *slots* fonologicamente especificados); *esquemática* (seus *slots* não apresentam preenchimento, permitindo a inserção de diferentes elementos); *parcialmente esquemática e parcialmente substantiva* (apresenta uma combinação das duas características anteriores, com alguns *slots* preenchidos e outros não). A dimensão *conceptualização* focaliza ao tipo de significado expresso pela construção. Uma construção pode ser: *lexical* (passível de ser empregada referencialmente em relação ao mundo biossocial, a exemplo dos substantivos); *procedural* (apresenta significado abstrato que sinaliza relações do sistema linguístico, como os conectores); *intermediária* (combinação de significado lexical e procedural, caso dos verbos modalizadores)

Ao analisar uma construção sob essas três dimensões, é possível identificar seu grau de complexidade formal, seu nível de especificidade e o tipo de significado expresso. Nos termos Traugott e Trousdale (2021 [2013]), portanto, entendemos que as microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect} configuram-se como construções complexas, substantivas e procedurais. Ou seja, são complexas porque são formadas por mais de um elemento; substantivas, pois são construções totalmente preenchidas; por fim, são de fonte eminentemente gramatical, e, portanto, classificam-se como procedurais.

Tendo apresentado o conceito de construção e detalhado suas propriedades e dimensões, passamos a tratar dos mecanismos relacionados à sua emergência e frequência. A perspectiva construcional da gramática, conforme Bybee (2016 [2010]), atribui um papel central aos processos cognitivos de domínio geral nessa dinâmica. Esses processos, que transcendem os limites da linguagem, como o *chunking*, a analogia e a categorização, interagem de forma complexa, influenciando a formação e o uso de construções linguísticas. Neste artigo, concentraremos nossa análise nesses processos, por considerar mais relevantes para o estudo das microconstruções conectoras de finalidade sob análise.

De acordo com (Bybee, 2016 [2010], p. 64) “*chunking* tem sido identificado como um processo que influencia todos os sistemas cognitivos, com base na organização geral da memória”. Por meio do *chunking*, o falante aciona sequências repetidas de palavras a fim de acessá-las como uma unidade simples. Ainda de acordo com a autora, esse processo é o responsável por muitas características da estrutura linguística, dentre elas: formação de construções, manutenção ou perda de analisabilidade e composicionalidade, além do agrupamento de significado com construções morfossintáticas particulares e com o contexto. Desse modo, consideramos que a vinculação gradual tanto entre os itens linguísticos [na] + [tentativa] + [de], como entre os itens [na] + [busca] + [de], forma unidades complexas na língua que têm sido interpretadas pelos falantes como dois blocos de palavras de sentido único que resultam em conectores oracionais veiculadores da noção de finalidade. Para Bybee (2016 [2010]), um *chunk* se torna convencional quando seu novo sentido é socialmente aceito pela comunicação linguística.

Considerando, portanto, construção como pareamento convencionalizado de forma e função, em variados níveis de complexidade e de abstração, as microconstruções de finalidade analisadas neste artigo podem a ser associadas às funções típicas de um conector empregado para prefaciá-las cláusulas hipotáticas de finalidade. Essa associação funcional é decorrente também do processo cognitivo de domínio geral denominado *analogização*, por meio do qual o falante reaplica automaticamente regras de uma categoria a algum material linguístico mobilizado na comunicação. Essa similaridade entre a categoria dos conectores e as microconstruções em estudo, de certa forma, colocam estas na classe dos conectores em um mesmo grupo, no processo denominado *categorização*. Segundo Bybee (2016 [2010], p. 26), a categorização refere-se à “similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas”

A categorização e a analogia, de acordo com Bybee (2016[2010]), são mecanismos cognitivos que impulsionam a dinâmica e a maleabilidade da língua. Ao categorizar elementos semelhantes e criar novas construções por analogia, os falantes demonstram a flexibilidade e a criatividade das estruturas da língua, adaptando-as às necessidades comunicativas. Dessa forma, as construções analisadas neste estudo ilustram esses dois processos, evidenciando a importância desses mecanismos nas situações efetivas de comunicação.

A *neoanálise* e a *inferência sugerida* são dos processos igualmente importantes. O processo de *neoanálise* é entendido como o mecanismo responsável por toda e qualquer mudança linguística, seja no nível do conteúdo, seja no nível da forma, que resulte em novas estruturas, já que promove “novas interpretações metafóricas e metonímicas motivadas por pressões de natureza pragmática, discursiva, cognitiva e também estrutural” (Oliveira, 2022, p. 235). Uma das motivações para a *neoanálise* é o processo de *inferência sugerida*, que, nos

termos de Traugott e Dasher (2002), é interpretado como uma teoria da mudança semântica. Segundo os autores, no processo comunicativo, o locutor convida seus interlocutores a uma espécie de jogo persuasivo no qual ambos partilham valores, julgamentos e conhecimento de mundo, que podem desencadear derivações de sentidos e ambiguidade. Essas ambiguidades geradas pela *inferência sugerida* podem resultar em novos sentidos e, portanto, novos usos. Bybee (2016 [2010]) argumenta que quando determinadas inferências se tornam fortes em certos contextos, elas passam a fazer parte do significado de uma construção. Na trajetória da língua, conforme Oliveira (2022b), *inferências sugeridas* são forjadas contextos intra e extralinguísticos e são entendidas como pequenos passos rumo à mudança categorial.

Com base nos princípios apresentados, defendemos aqui que a fixação sequencial dos elementos que formam as microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect}, consequentes dos vários tipos de neoanálise ocorridos, colocam esses elementos no rol de conectores hipotáticos finalidade no português brasileiro em uso, por compartilharem traços estruturais e funcionais com outros elementos dessa classe. Ilustramos essa posicionamento com base nos dados (01) e (02) a seguir

- (01) Lewis Hamilton é perseguido por Max Verstappen. # Largada tranquila
A largada foi tranquila no Circuito de Monte Carlo. Não houve nenhum toque, e Lewis Hamilton conseguiu, de forma tranquila, manter a pole-position. Uma mudança significativa no início ficou por conta de Leclerc, que **em busca de** uma corrida de recuperação, ganhou um posto e subiu para 14°. # Com um circuito que não facilita as ultrapassagens, o panorama da parte de cima do grid parecia encaminhado. Com isso, as emoções ficaram centralizadas em Charles Leclerc. **Em busca de** uma corrida de recuperação, o monegasco tentava ultrapassagens um tanto quanto ousadas, e em uma dessas, acabou por furar o seu pneu traseiro. Safety car na pista de ultrapassagem nos boxes # **Na tentativa de passar por Hulkenberg**, Leclerc tocou no oponente, quase rodou, mas conseguiu continuar. Seu pneu, contudo, começou a se desfazer na pista, obrigando uma parada precoce da Ferrari. # Com isso, o safety car entrou na pista **para recolher os detritos do pneu de Leclerc**, e os pilotos aproveitaram para parar nos boxes. Os três primeiros, Hamilton, Bottas e Verstappen trocaram os pneus e saíram juntos do pit-stop. Nessa, o holandês da Red Bull jogou o carro pra cima de Bottas e conseguiu a ultrapassagem ainda nos boxes. Houve um leve toque entre os carros, o que obrigou o finlandês da Mercedes a realizar uma nova parada. # Na relargada, Hamilton seguia na ponta, mas Verstappen agora era o vice-líder, seguido por Vettel, que também conseguiu passar por Bottas.⁴
- (02) O presidente da Bolívia, Evo Morales, condenou "energeticamente" o que considera como "tentativa de golpe de Estado" por parte de uma "direita que é submissa a interesses estrangeiros". Morales também disse ter certeza que a Revolução Bolivariana se imporá a "esse novo ataque do império".

⁴ Disponível em: https://www.espn.com.br/f1/artigo/_/id/5662371/f%C3%B3rmula-1-hamilton-vence-gp-de-m%C3%B4naco-leclerc-abandona-e-verstappen-perde-p%C3%B3dio. Acesso em: 30 jun. 2024.

O líder boliviano culpou os Estados Unidos por "promover golpes de Estado", **na busca de "provocar violência e morte" no país.** Na mesma linha, o ministro das Relações Exteriores de Cuba, Bruno Rodríguez, disse que condena "o golpe de Estado em andamento" e afirmou que Cuba oferece apoio e lealdade a Nicolás Maduro, "o presidente constitucional de nossa nação irmã e ao seu governo chavista e bolivariano".⁵

Em (01), observamos a atuação do princípio funcionalista de que as estruturas da gramática emergem do próprio discurso. O usuário da língua, com o propósito de descrever a atmosfera de competição de Fórmula 1, seleciona diferentes formas para expressar as metas e os objetivos dos pilotos durante a corrida, a saber: *em busca de*, *na tentativa de* e *para*.

Ao analisarmos comparativamente os dados (01) e (02), podemos verificar que, no dado (01), a construção "em busca de" funciona como elemento conector que liga um termo oracional ao um termo não oracional, o que direciona a tradição a classificá-la como uma locução prepositiva, e não como conector de termos oracionais. Por sua vez, em (02), a microconstrução [na busca de]_{connect} desempenha um outro papel diferente. "Na busca de" introduz a oração "'provocar violência e morte' no país" e a relaciona com a oração "O líder boliviano culpou os Estados Unidos por "promover golpes de Estado". Em (02), [na busca de]_{connect} apresenta uma função ainda não legitimada pela tradição: a de articular orações reduzidas de infinitivo.

Esses dados revelam que, no nível sintagmático, as subpartes que compõem as microconstruções se fixam em uma sequência linear e são neoanalisadas como um pareamento forma-sentido relacionado à conexão de orações. No nível paradigmático, há um modelo atrator que viabiliza, por analogia, o surgimento de novos *types* na classe dos conectores de finalidade. No nível paradigmático, o modelo atrator, representado pela Figura 1, atua por analogia, viabilizando o surgimento de novos *types* na classe dos conectores de finalidade. Ou seja, formas já conhecidas são reaproveitadas para cumprir novos papéis na língua.

Com base nessas orientações teóricas, na próxima seção, partimos, para alguns apontamentos a respeito da definição de finalidade e dos efeitos semântico-pragmáticos da posição das cláusulas hipotáticas que expressam essa noção.

A finalidade como trajetória

Para Azeredo (2012, p. 323) "do ponto de vista extremamente lógico, dois fatos se articulam pela relação de causalidade se a realização de um deles depende ou decorre da realização do outro". Nos termos do autor, orações adverbiais de *causa* e *condição* instanciam

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48108737>. Acesso em: 30 jun. 2024.

a causa; a noção de *efeito* é instanciada pelas orações de consequência e de finalidade. Especificamente, a *intencionalidade* diferencia o efeito visado (finalidade) do efeito não visado (consequência).

Numa outra perspectiva teórica, a Teoria da Metáfora, como aplicada por Dias (2001), oferece uma nova perspectiva para a análise da cláusula de finalidade. Ao comparar a finalidade a um movimento, a autora revela a natureza intencional e direcionada desse tipo de construção. A cláusula de finalidade, portanto, não apenas expressa um objetivo, mas também implica um processo de ação orientado para a realização desse objetivo.

Essa visão se alinha com a distinção feita por Azeredo (2012) entre consequência e finalidade, uma vez que a primeira representa um resultado não intencional, enquanto a segunda envolve um planejamento e uma ação. O dado (03), a seguir, ilustra essa explicação:

- (03) A Polícia Civil investiga a morte de pelo menos 15 animais desde o fim da semana passada em Bagé, na Região da Campanha do Rio Grande do Sul. A principal suspeita é de que os cachorros, gatos e pássaros tenham sido envenenados no Bairro Hidráulica. Além disso, uma criança de 8 anos foi parar na Unidade de Pronto Atendimento por passar mal após brincar com um cão de rua e ter contato com o suposto veneno.
"Ele chegou muito ruim. Graças a Deus, depois de ser medicado com urgência, nós viemos para casa e ele estava bem melhor. Mas é uma preocupação. A polícia tem que fazer alguma coisa", diz a aposentada Evineidi Schio, mãe do menino que ficou doente.
[...]
Fotos tiradas pelos moradores mostram alguns dos animais achados sem vida. Há ainda cachorros e gatos desaparecidos. A comunidade se mobilizou para espalhar cartazes por postes do bairro **na busca de tentar identificar quem está causando o envenenamento**.⁶

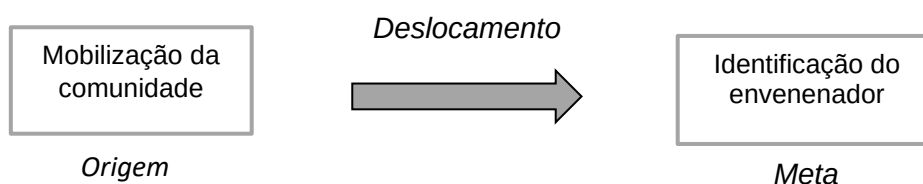
O dado (03) insere-se numa notícia em que se evidencia a preocupação dos moradores em relação às frequentes mortes de animais no bairro Bagé, no Rio Grande do Sul; também são reveladas as investigações da Polícia Civil com o fito de solucionar o caso. A cláusula "*na busca de tentar identificar quem está causando o envenenamento*" aparece em um contexto de mobilização coletiva dos moradores para auxiliar na solução do caso policial.

Constatamos, nesse fragmento, a "busca" dos moradores (núcleo da microconstrução conectora [na busca de]) e pressupõe-se um *deslocamento* empreendido pelos moradores, ainda que este seja bastante abstratizado. Nos termos de Lakoff e Johnson (1981 *apud* Dias, 2001), esse deslocamento se refere ao "mundo das intenções", não sendo, pois, um deslocamento físico. O fato de a microconstrução recrutar o verbo "tentar" corrobora a ideia de que o *propósito* e a *busca de comprovação* dos moradores de Bagé talvez não possam ser concretizados, já que "tentar" não necessariamente implica "conseguir".

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/04/morte-de-animais-preocupa-moradores-de-bairro-de-bage-rs.html>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Aplicando a proposta de Dias (2001) à análise do dado (03), a trajetória delineada compreende um movimento unidirecional condicionado à vontade de um sujeito, no caso, a *comunidade*. Esse movimento codificado pela construção de finalidade teria como *origem* a mobilização da comunidade, e, como *meta*, a tentativa de identificação do envenenador de animais, conforme **figura 2**, a seguir:

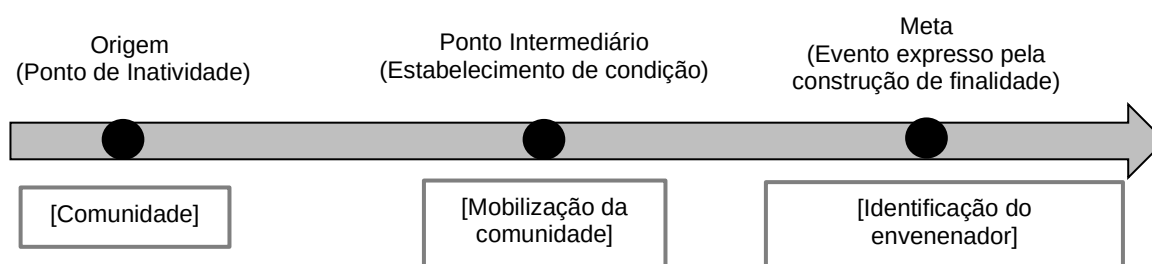
Figura 2 - Esquema semântico do movimento



Fonte: Elaboração própria, com base em Marchon (2021, p. 413).

Souza (2019), por sua vez, também seguindo pressupostos da Linguística Cognitiva, acrescenta que, em construções de finalidade, a noção de movimento parte de um *ponto de inatividade*, a *origem*, e passa por *pontos intermediários* até atingir uma *meta*⁷. A autora especifica que a ideia de finalidade é mais bem descrita por meio do *esquema imagético origem-trajetória-meta*, em que os pontos intermediários da trajetória seriam ações que condicionariam a realização de uma meta em potencial. Dito de outra forma, “objetivos são emulados nas metas, logo, atingir um objetivo é entendido como percorrer uma trajetória, passando por pontos intermediários, até chegar ao destino” (Duque, 2015, p. 34). A figura 3 retrata esse esquema, tendo ainda o dado (03) como base:

Figura 3 - Esquema imagético da trajetória



Fonte: Elaboração própria, com base em Souza (2019, p. 62).

Nesse esquema, torna-se mais evidente a relação de causa e efeito entre os eventos, uma vez que o ponto intermediário estabelece uma etapa do caminho necessário para

⁷ Souza (2019), em sua tese de doutorado, descreve o *frame* de finalidade. *Frame* é um termo técnico empregado para fazer referência a elementos básicos de uma situação construída de acordo com princípios sociais.

alcançar a meta, ou seja, uma condição: a identificação do envenenador está condicionada à mobilização da comunidade. Duque (2015) esclarece que essa ligação entre pontos intermediários reflete as noções de continuidade e causalidade características em eventos complexos. Acrescentamos que, de acordo com Mateus *et al.* (2003, p. 715), nas construções complexas de finalidade, esse nexos condição-consequência, em geral, é formulado pelo próprio enunciador, que considera o conteúdo proposicional descrito na cláusula nuclear como uma condição do conteúdo proposicional descrito na cláusula de finalidade. Em outras palavras, o enunciador organiza seu discurso de forma a evidenciar a dependência semântica entre as proposições, ainda que, nem sempre, essa dependência se relacione diretamente com o conteúdo dessas proposições.

No que se refere à ordem dos eventos, considerando que aquele descrito na cláusula de finalidade ocorre em um tempo posterior ao descrito na cláusula nuclear, há, na relação de finalidade, conforme Neves (2018) e Mateus *et al.* (2003), a nuance de futuridade, prospecção:

Para que se estabeleça essa noção semântica de propósito ou finalidade, as duas proposições não podem ser incompatíveis e têm de ser ordenadas temporalmente uma em relação à outra. Assim, se A [cláusula nuclear] tem lugar num intervalo de tempo t , B [cláusula de finalidade] deve ter lugar num intervalo de tempo $t + n$ (Mateus *et al.*, 2003, p. 716).

Sob esse prisma, entendemos que as microconstruções conectoras [na tentativa de] e [na busca de] prefaciam um tipo específico de cláusula hipotática que, na relação com sua respectiva cláusula nuclear, instanciam o *frame* de finalidade, nos termos de Souza (2019). Sumarizando, entendemos que os eventos descritos pelas cláusulas introduzidas no discurso pelas microconstruções em análise: (i) representam um efeito intencionalmente provocado; (ii) são condicionados pela realização do evento descrito na cláusula nuclear; (iii) refletem a noção de futuridade.

Após tecermos algumas considerações sobre a finalidade, na seção seguinte, apresentamos a discussão, à luz dos pressupostos teóricos apresentados até aqui.

Análise dos dados

Com base nos pressupostos teórico expostos nas seções anteriores, analisamos 150 dados com a microconstrução [na tentativa de] e 100 dados com a microconstrução [na busca de] introduzindo cláusulas não finitas, da modalidade escrita, coletados na aba NOW da plataforma *Corpus* do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/now/>)⁸. São dados representativos de diferentes gêneros textuais do domínio jornalístico (entrevistas, notícias,

⁸ Neste artigo, buscamos comparar resultados de duas pesquisas de mestrado acerca de microconstruções conectores de finalidade da rede [X de]_{conet}, motivo pelo qual há diferença no que tange ao número de dados coletados..

artigos de opinião, reportagens etc.). Como fator de análise, para o recorte apresentado, definimos a posição das cláusulas de finalidade prefaciadas pelas microconstruções conectoras em tela e o grau de previsibilidade na realização do evento expresso por essas cláusulas.

Quanto ao primeiro parâmetro, Lambrecht (1994) explica que as cláusulas circunstanciais antepostas estabelecem um ponto de partida temático, ou seja, um pressuposto que o emissor considera compartilhado pelo interlocutor. Essa informação prévia serve como base para a introdução de novos elementos informativos na cláusula nuclear. Em outras palavras, o falante/escritor pressupõe que o ouvinte/leitor já possui o conhecimento necessário para compreender o que está sendo dito ou o infere por meio do contexto discursivo. Especificamente sobre as cláusulas de finalidade, Schmidtke-Bode (2009) considera que a posição padrão, ou seja, não-marcada, dessas cláusulas é posterior à cláusula nuclear, uma vez que a construção de finalidade cumpre a função remática de expressar a motivação do evento descrito na cláusula nuclear. Só quando essa função discursiva é substancialmente diferente é que a cláusula em tela passa para a anteposição e assume um papel temático no discurso. A esse respeito, Thompson (1985), em sua pesquisa sobre as cláusulas de propósito empregadas no inglês, apresenta considerações que vão ao encontro das propostas de Schmidtke-Bode (2009) e Lambrecht (1994), considerando, entretanto, que representam construções distintas, como cita Marchon (2020, p. 342):

Sobre a ordenação das cláusulas de finalidade, em especial, Thompson (1985) vai além e defende que, na língua inglesa, estruturas antepostas e estruturas pospostas à cláusula-núcleo compartilham os mesmos aspectos morfológicos, todavia, por apresentarem características semântico-discursivas radicalmente distintas, poderiam ser vistas como duas estruturas distintas: *initial purpose clause* e *final purpose clause*.

Na Tabela 1, estão condensados os *types* das microconstruções conectoras de finalidade focalizados neste artigo e distribuídos por suas respectivas posições no nexos clausal.

Tabela 1 - Posição das cláusulas de finalidade em relação à cláusula nuclear

TYPE	ANTEPOSIÇÃO	INTERPOSIÇÃO	POSPOSIÇÃO	TOTAL
[na tentativa de]	147 (98 %)	00 (00 %)	03 (2% ⁹).	150
[na busca de]	24 (24 %)	02 (2%)	74 (74 %)	100

Fonte: Elaboração própria.

Os números da Tabela 1 sinalizam a posição não marcada de cada uma das duas microconstruções conectoras aqui descritas e analisadas: cláusulas de finalidade introduzidas no discurso por [na tentativa de]_{connect} são mais frequentes na anteposição, ao passo que cláusulas prefaciadas por [na busca de]_{connect} são mais recorrentes na posposição. Verificamos, ainda, que somente as construções instanciadas por [na busca de] figuram nas três distintas posições (anteposição, interposição, posposição).

Thompson (1985) considera que a construção de finalidade em posição inicial fornece o quadro de referência em que o sentido da cláusula-núcleo pode ser interpretado, funcionando como um elo na cadeia discursiva. A título de ilustração, apresentamos o dado (04) cotejado do *corpus* de análise desta investigação.

- (04) O retrocesso no combate ao sarampo # A decisão já era esperada, mas, nem por isso, a notícia de que o Brasil perderá o certificado de erradicação do sarampo, conferido pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), em 2016, se torna menos desastrosa. É consequência natural da confirmação, em 23 de fevereiro de este ano, de mais um caso de a doença no Pará, significando que o vírus já circula há 12 meses em o país — a primeira notificação aconteceu em 19 de fevereiro de 2018. Motivo suficiente para que o atestado de área livre de o sarampo seja revogado pela instituição. # **Na tentativa de estancar o prejuízo**, o Ministério da Saúde anunciou que agirá para retomar o certificado nos próximos 12 meses. Mas será preciso ir além das boas intenções, já que o cenário da doença no país é preocupante. Segundo o próprio ministério, o Brasil teve em o ano passado 10. 302 casos confirmados de sarampo, espalhados por 11 estados, embora 90% deles tenham se concentrado no Amazonas. O pico da doença aconteceu entre julho e agosto, e pelo menos três unidades da Federação — Amazonas, Roraima e Pará — enfrentaram surtos. # Isso já seria motivo de preocupação, mas a situação se torna ainda mais complicada quando se observam os anêmicos índices de vacinação. Pelos números do Ministério da Saúde em 2018, divulgados mês passado, dos 5. 570 municípios, praticamente a metade (49%) não atingiu a **meta**.¹⁰

No dado (04), observamos a projeção de dois eventos: “o estancamento do prejuízo” (meta A) e a “retomada do certificado de erradicação do sarampo” (meta B), os quais ocorreriam depois da ação do “Ministério da Saúde”. Destacamos, porém, que o êxito da ação

⁹ Destacamos que um dos três dados em posposição encontra-se em um par correlativo, especificamente na apódose.

¹⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opinia/o-retrocesso-no-combate-ao-sarampo-23543655>. Acesso em: 30 jun. 2024.

governamental é posto em dúvida nesta notícia, o que pode ser evidenciado pelo emprego de [na tentativa de] e reforçado por “será preciso ir além das boas intenções”, uma clara expressão da opinião do jornalista.

O editorial do jornal O Globo traz à tona o retrocesso do Brasil no combate ao sarampo. Por ser um gênero essencialmente argumentativo, na materialidade linguística, observamos marcas de opinião e crenças enunciador. Na construção da teia argumentativa, o escrevente convida o leitor a refletir acerca do tema, por intermédio de adjetivações e estratégias de focalização. Os constituintes mais salientes – como “a decisão já era esperada”, “desastrosa”, “é consequência natural” e “motivo suficiente” – apontam para o leitor que a revogação da certificação da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) não é sem razão ou sem fundamento, já que o Brasil, em 2019, apresentava um cenário preocupante.

No dado (04), a cláusula de finalidade nomeia o problema (estancar o prejuízo) e cria expectativas sobre a solução; o material subsequente (cláusula nuclear) cumpre essas expectativas e apresenta a resolução (o Ministério da Saúde agirá para erradicar o sarampo). Thompson (1985), como já mencionamos, afirma que a cláusula de finalidade em posição inicial ajuda a orientar a atenção do interlocutor, sinalizando, dentro da parte do discurso em que ocorre, como se espera que seja feita a associação entre o material subsequente à construção de hipotática com o material precedente, função a que Chafe (1988) chama de *guidepost*.

Dessa forma, a cláusula funciona não só como abertura de um novo parágrafo temático, bem como, ao mesmo tempo, estabelece um elo de coerência com o parágrafo anterior para que o discurso progrida. Nos termos de Givón (1993, p. 313), a anteposição “exibe um vínculo de coerência mais global”, o que é chamado por ele de “*anaphoric grounding*”. Em outras palavras, além de fazer uma quebra temática no discurso, a hipotática anteposta, diferentemente da cláusula posposta, instaura um *link* anafórico que tem estreita relação com o discurso anterior. Tal elo pode ser constatado ao analisarmos a escolha lexical “estancar o prejuízo” que está circunscrita à microconstrução [na tentativa de]_{connect}. Dessa forma, o recrutamento desse escopo atua como manobra de recuperação e sumarização de toda ideia desenvolvida no parágrafo anterior para o avanço da argumentação.

Diferentemente desse papel discursivo exercido pela cláusula de finalidade em posição inicial, Thompson (1985) afirma que a cláusula de finalidade em posição final expressa a motivação da realização da ação veiculada na cláusula nuclear, exercendo, pois, um papel semântico de delimitar a informação descrita na cláusula-núcleo. Vejamos como isso acontece, tomando como base o dado (05).

- (05) Relatório divulgado hoje (22) pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) informa que os países que integram o Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) colocaram a

educação e a capacitação no centro de suas estratégias de desenvolvimento e têm impulsionado o progresso mundial na educação. O documento registra que os cinco países fizeram investimentos maciços em todos os níveis educacionais **na busca de atender às necessidades de suas economias emergentes**. Juntos, os integrantes do Brics ofertam educação para cerca de 40% da população mundial, segundo o relatório.

A publicação Brics: Construir a Educação para o Futuro buscou identificar os sucessos e desafios enfrentados pela educação nesses países e recomenda uma colaboração mais efetivas entre as cinco economias do bloco para acelerar o progresso na educação

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-09/relatorio-da-unesco-indica-avancos-dos-paises-do-brics-na-area-de-educacao>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Em (05), observa-se que a cláusula de finalidade introduzida pela microconstrução conectora [na busca de] está posposta à cláusula nuclear. A cláusula encetada pelos esse conector expressa a motivação de os cinco países terem feito investimentos maciços em todos os níveis educacionais. Nesse sentido, a cláusula “na busca de atender às necessidades de suas economias emergentes” constitui a motivação da ação expressa na cláusula-núcleo.

O conceito de *iconicidade* é operacionalizável na análise dos dados desta pesquisa. De acordo com Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2013, p. 21-22), a iconicidade está relacionada à “correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo)”, como podemos observar o dado (06).

- (06) O substituto – 1 O governo do prefeito de Santo André, Paulo Serra (PSDB), segue à procura do substituto de Ana Paula Peña Dias no comando da Secretaria de Saúde da cidade. Alguns nomes foram cogitados dentro do Paço, como o ex-superintendente adjunto do Hospital Mário Covas Eduardo Grecco, o ex-secretário de Saúde de Mauá Márcio Chaves (PSD) e até mesmo o ex-prefeito andreense Aidan Ravin (PSB). Segundo interlocutores próximos do prefeito, contudo, o nome que mais agrada à cúpula é o de Márcio Chaves. **Na busca de se cacifar para o cargo de secretário de Saúde na Prefeitura de Santo André**, o ex-prefeito Aidan Ravin (PSB) tem batido ponto no CHM (Centro Hospitalar Municipal). O socialista é visto com frequência no equipamento, conversando com pacientes e funcionários. Ontem, por exemplo, voltou ao CHM com pessoas ligadas ao vereador Toninho de Jesus (PMN).
Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/2811127/nova-polemica-carros-em-s-bernardo>. Acesso em: 30 jun. 2024.

No dado (06), com base no *subprincípio da ordenação linear*, destacamos que, no plano do significado, a hipotática de finalidade “na busca de se cacifar para o cargo de secretário de Saúde na Prefeitura de Santo André”, em posição inicial, sugere para o interlocutor o grau de relevância da informação colocada em primeiro plano. Dito de outra forma, a posição da cadeia sintática exhibe o grau de importância que o escrevente atribui ao que está sendo exposto que, no caso de (06), surge como uma estratégia argumentativa de mudança de crença ou opiniões a respeito do sujeito que está sendo descrito pelo jornalista.

No dado (07), é possível aplicar o *subprincípio da quantidade*, como expomos a seguir.

- (07) Crivella também aposta na possibilidade de captar R\$ 2 bilhões de investidores em uma operação de securitização da Dívida Ativa. No entanto, há dúvidas se o mercado de fato se interessaria pelo negócio ou se Crivella conseguiria os recursos a tempo de financiar o projeto. Estima-se que caso a transação se concretize, o contrato não seria assinado antes de janeiro do próximo ano. Trata-se de uma corrida contra o tempo. A partir de abril de 2020, a legislação eleitoral proíbe que políticos participem de inaugurações. E a partir de julho de 2020, salvo em casos excepcionais, a prefeitura está proibida de iniciar novas obras. # **Na tentativa de ganhar apoio**. Crivella reformulou parte do primeiro e do segundo escalões, pensando não apenas na votação desta terça-feira, como na tentativa de ganhar apoio do eleitor para permanecer no cargo por mais quatro anos. Uma aliança com o ex-vice governador Francisco Dornelles já pensando na reeleição, envolveu a indicação de quadros do PP para o governo bem como o apoio dos dois vereadores do partido: Vera Lins (que já era governista) e Marcelino Almeida. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/crivella-deve-se-livrar-do-impeachment-com-apoio-de-ate-metade-da-camara-2376119>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Verificamos, em (07), a repetição da microconstrução conectora [na tentativa de] que, agora, aparece tanto em anteposição quanto posposição. Em conformidade com esse subprincípio, constatamos que quanto maior o nível de relevância da informação, maior é o investimento em forma. Na comparação com conectores de finalidade frequentes, como [para] ou [para que], observamos que [na tentativa de]_{connect} apresenta significativamente mais massa fônica para a expressão de finalidade, o que demanda, consequentemente, um maior esforço no processamento cognitivo. Ademais, observamos que o grau de incerteza acerca da realização da meta do sujeito (“ganhar apoio político”) parece mais saliente do que se fosse introduzida pelo conector [para], por exemplo, dada a composicionalidade da microconstrução sob análise, em que persiste o significado do seu elemento nuclear, qual seja, “tentativa”.

Além disso, o fato de a hipotática “na tentativa de ganhar apoio” estar inserida em um par correlativo propicia um ambiente de maior argumentatividade ao reforçar as manobras projetadas pelo político. Em uma última análise, de acordo com Oliveira (2022a, p. 101), “os elementos linguísticos têm seus contextos originais mais icônicos e, via repetição, se regularizam posteriormente. Uma vez sistematizadas, as expressões se convencionalizam, afastando-se dos contextos originais que as motivaram”. Nesse contexto, entendemos que o núcleo “tentativa” – um nome verbal – por repetição passou a figurar como membro da categoria dos conectores de finalidade.

Nos dois dados (08) e (09) a seguir, observamos mais dois exemplares dos conectores em análise na posposição.

- (08) Foram apreendidos bloqueadores de sinal, utilizados para evitar o rastreamento da carga. Na abordagem, os criminosos confessaram que

transportavam carga roubada. O caminhão-baú, que também era produto de roubo, estava com placas trocadas "**na tentativa de enganar a polícia**".¹¹

- (09) O presidente da Bolívia, Evo Morales, condenou "energeticamente" o que considera como "**tentativa de golpe de Estado**" por parte de uma "direita que é submissa a interesses estrangeiros". Morales também disse ter certeza que a Revolução Bolivariana se imporá a "esse novo ataque do império". O líder boliviano culpou os Estados Unidos por "promover golpes de Estado", **na busca de "provocar violência e morte" no país**. Na mesma linha, o ministro das Relações Exteriores de Cuba, Bruno Rodríguez, disse que condena "o golpe de Estado em andamento" e afirmou que Cuba oferece apoio e lealdade a Nicolás Maduro, "o presidente constitucional de nossa nação irmã e ao seu governo chavista e bolivariano".¹²

As microconstruções [na tentativa de] e [na busca de] estão instanciadas em gêneros do domínio jornalístico, com característica, respectivamente, popular e tradicional no que diz respeito à forma de uso da linguagem. Em (08), no jornal local *Taboanense* descreve-se a situação de roubo de carga e a prisão de pessoas na cidade de São Paulo. Por sua vez, em (09), no jornal de grande circulação internacional, o *BBC News Brasil*, evidencia-se o contexto político efervescente na Venezuela.

A cláusula de finalidade "na tentativa de enganar a polícia" aparece em posposição. Ela retomada – e ao mesmo tempo remonta – todo o contexto do crime. Como o próprio conector sugere, existiu uma tentativa e uma ação dos criminosos. A ação de "trocar as placas" foi malsucedida, visto que na porção discursiva anterior há uma informação já dada de que esse movimento em direção à meta (roubar a carga) não deu certo. Por seu turno, a cláusula "na busca de "provocar violência e morte" no país" também está em posposição e realça a cláusula nuclear que contém a estratégia do líder boliviano de culpabilizar os EUA.

É pertinente destacar o uso de aspas nos dois dados, pois essa manobra pode indicar marcas de subjetividade dos enunciadores. No caso de (08), constatamos um discurso direto parcial, já que o falante faz um comentário metalinguístico para sumarizar a ação dos assaltantes, para que o leitor tenha acesso ao espaço temporal e conceptualize-o a partir da descrição; ao passo que, em (09), o escrevente, em um discurso de autoproteção, reporta o pensamento de outro sujeito para dar continuidade ao fluxo discursivo.

Thompson (1985) não chega a discutir o estatuto das cláusulas de finalidade na posição medial, ou seja, daquelas posicionadas entre os constituintes da cláusula nuclear. A discussão fica de fora do escopo da pesquisadora, por ela não identificar a ocorrência da posição medial entre os dados da língua inglesa. Marchon (2017), que pesquisa construções hipotáticas circunstanciais na língua portuguesa, defende que "as cláusulas de finalidade na posição medial, assim como as situadas na anteposição, colocam um argumento em

¹¹ Disponível em: <https://www.otaboanense.com.br/policia-civil-recupera-caminhao-roubado-com-mais-de-500-tvs-em-itapecerica/>. Acesso em: 30 jun. 2024.

¹² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48108737>. Acesso em: 30 jun. 2024.

destaque, o que contribui para a tessitura da teia argumentativa” (p. 124). A seguir, apresentamos o dado (10) com a cláusula de finalidade na interposição, isto é, inserida entre o sujeito e o predicado da cláusula matriz.

- (10) Hoje, já é senso comum dizer que entrega e distribuição é tão importante quanto produzir e vender. Prova disso, é a necessidade que o profissional de logística conheça a estrutura global da empresa, desde a compra da matéria-prima, até a distribuição, que entende e desenvolve formas da parceria, o atendimento ao cliente e toda a cadeia de distribuição, ou seja, conhecimento sistêmico.
- Apesar do longo caminho que resta percorrer, a crescente procura por profissionais de logística, tem estimulado as universidades a criar cursos na área. Para isso, os profissionais **na busca de adquirir conhecimento mais especiais na área**, buscam cursos específicos na área, buscam cursos específicos e especializados no exterior, além de buscar bibliografia americana para aprofundar tal enfoque.¹³

No dado (10), observamos aplicação da estratégia de focalização. Ou seja, a cláusula na posição medial cumpre o papel de destacar a informação por ela descrita, qual seja, a importância de os profissionais do setor logístico adquirirem conhecimentos específicos dessa área, o que evidencia, portanto, uma estratégia claramente argumentativa, como defende Marchon (2017).

Nesta seção foram discutidos alguns dados retirados do *corpus* em análise, com o fito de ilustrar a veiculação do valor semântico de finalidade pelos conectores [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect}, instanciados pela rede [X de]_{connect}, e, ainda, discutir as sensíveis diferenças discursivo-pragmáticas ocasionadas pela posição das cláusulas.

Considerações finais

Neste artigo, propusemo-nos a discutir a emergência e o uso das microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect} em funções distintas daquela descrita nos compêndios das gramáticas tradicionais, qual seja, de locução prepositiva. Para isso, ancoramo-nos em algumas categorias da LFCU, dentre elas, os processos de *analogização*, *categorização* e *neoanálise*.

Com base na análise dos dados coletados, foi possível detectar que as partes das microconstruções – a serviço dos propósitos comunicativos dos falantes – foram novamente analisadas para convencionalizar uma função mais especializada na língua: o papel de conector que instancia cláusulas de natureza não finita. Constatamos ainda que, a analogização, por intermédio do subesquema da rede [X de]_{connect}, serve como um mecanismo

¹³ Disponível em: <https://www.administradores.com.br/artigos/logisticao-perfil-profissional-da-area>. Acesso em: 30 jun. 2024.

bastante produtivo para a emergência de novas construções na língua que instanciam a finalidade.

Ao adotar como um fator de análise a posição das cláusulas introduzidas no discurso pelas microconstruções conectoras em tela, detectamos que 98% das construções prefaciadas pelo conector [na tentativa de]_{connect} ocupam a posição anteposta à cláusula-núcleo, enquanto a posição não marcada das cláusulas introduzidas pelo conector [na busca de]_{connect} é a posposição.

Pesquisas como as de Dias (2001), Marchon (2020) e Souza (2019) evidenciam que as cláusulas hipotáticas de finalidade prototípicas tendem a ocorrer em posposição. Nossos dados acerca da microconstrução [em busca de]_{connect} comprovam essa tendência, demonstrando que essa construção, aliada à semântica do verbo "buscar", estabelece relações mais próximas com as construções de finalidade canônicas como [para] e [a fim de], em especial, no que diz respeito à posição em relação à oração principal.]. No entanto, a microconstrução conectora [na tentativa de]_{connect} é mais frequente em cláusulas hipotáticas que se antepõem à cláusula nuclear.

Até o momento, portanto, entendemos que ambos os conectores são recrutados pelos usuários da língua para expressar a finalidade. Contudo, defendemos, de acordo com Marchon (2020; 2021), Lambrecht (1994), Schmidtke-Bode (2009) e Thompson (1985), que a anteposição, posposição ou intercalação das cláusulas espelham motivações discursivo-pragmáticas distintas, aspecto funcional que ainda precisamos aprofundar em associação com a semântica dos termos nucleares das microconstruções [na tentativa de]_{connect} e [na busca de]_{connect}.

Referências

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012.
- BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CHAFE, W. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J. M.; THOMPSON, S. A. (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.
- DIAS, N. B. **As cláusulas de finalidade**. 2001. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- Dik, S. C. **The theory of functional grammar**. Part 1: The structure of the clause. 2nd rev. ed.). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

GIVÓN, T. Inter-clausal connections and discourse coherence. In: GIVÓN, T. **English Grammar: a function-based introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 285-342. v. 2.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. esp., p. 83-101, 2016.

LAKOFF, G; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAMBRECHT, K. **Introduction to cognitive linguistics: Topic, focus and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MARCHON, A. H. **As teias da argumentação: um estudo de interface sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial**. 2017. 168 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MARCHON, A. H. Opiniões em confronto: o emprego das cláusulas de finalidade como estratégia argumentativa. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, p. 333-353, 2020.

MARCHON, A. H. Cláusulas finais e cláusulas consecutivas: um estudo dos aspectos discursivos na construção da argumentação. **Confluência**, v. 60, p. 400-429, 2021.

MIRA MATEUS, M. H. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2018

OLIVEIRA, M. R. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia In.: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022a, p. 92-127.

OLIVEIRA, M. R. Construcionalização e construcionalidade: mudanças construcionais e contextos de mudança linguística. ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022b. p. 92-127.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. C. Diversidade em linguística: polos formalista e funcionalista. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C. **Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa**: uma análise funcional centrada no uso. Projeto de pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. 2020.

ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de]_{connect} em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 362-378, 2022.

SCHMIDTKE-BODE, K. **A Typology of Purpose Clauses**. Typological Studies in Language 88. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

SOUZA, M. C. **Frame de finalidade**: a projeção de eventos futuros no âmbito da realidade potencial. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

THOMPSON, S. Grammar and written discourse: Initial vs. final purpose clauses in English. Text 5 – **Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, p. 55-84, 1985.

TOMASELLO, M. (ed.) **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. OLIVEIRA, T. P.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Petrópolis: Vozes, 2021.

Sobre as autoras

Amanda Heiderich Marchon

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6576-949X>

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa - pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia (2007), mestrado (2011) e doutorado (2017) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal Fluminense (2020-2021 PNPd-CApES). É Professora Adjunta do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL-UFES) da mesma universidade.

Gabriela Alves Conceição

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9380-3077>

Mestrado (em andamento) em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciada em Letras-Português/Literaturas pela UFF.

Silvana Francisco Guedes Camilo Costa

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3162-5130>

Mestrado (em andamento) em Estudos de Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciada em Letras-Português/Literaturas pela UFMT.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

Articuladores de relação lógico-semântica, discursivo-argumentativa e de organização textual: descrevendo os padrões de uso de [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí]

Articulators of logical-semantic, discursive-argumentative and textual organization relations: describing the patterns of use of [sendo assim], [fora que] and [(es)pera aí]

Milena Torres de Aguiar¹
Ana Cláudia Machado dos Santos²
Ana Beatriz Arena³

Resumo: Fundamentado nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso em diálogo com a Linguística Textual, este artigo busca descrever alguns padrões funcionais de três microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], em seus usos como articulador lógico-semântico, articulador discursivo-argumentativo e articulador de organização textual, respectivamente. Tais articuladores participam tanto da articulação textual, no nível microestrutural e intermediário, quanto da promoção dos sentidos em um texto. Numa perspectiva sincrônica, tomamos como base textos escritos e escritos como reprodução de fala do *Corpus* do Português para a análise de nossos dados. Realizamos um estudo prioritariamente qualitativo, descrevendo não só as propriedades de forma e sentido (Croft, 2001) dessas três microconstruções mas também como, atuando como articuladores, estabelecem a conexão das porções textuais (Koch e Elias, 2016). Os resultados apontam que [sendo assim] é um conector com valor semântico de resultado, que, pragmaticamente, apresenta gradiência entre consequência e conclusão; por sua vez, [fora que], ao adicionar o argumento final de uma escala, enfatiza o conteúdo veiculado que funciona como último recurso de convencimento; por fim, [(es)pera aí], como um marcador discursivo, volta-se para a interação entre os interlocutores, auxiliando também na articulação dos enunciados do ato comunicativo.

Palavras-chave: Construção. Articuladores. Linguística Funcional Centrada no Uso. Linguística Textual.

Abstract: Based on the assumptions of Usage-Based Linguistics in dialogue with Textual Linguistics, this article seeks to describe some functional patterns of three microconstructions [sendo assim], [fora que] and [(es)pera aí], in their uses as logical-semantic articulator, discursive-argumentative articulator and textual organization articulator, respectively. Such articulators participate both in the textual articulation, at the microstructural and intermediate level, and in the promotion of meanings in a text. From a synchronic perspective, we took as a basis written and written texts as speech reproduction from the Corpus of Portuguese for the analysis of our data. We conducted a primarily qualitative study, describing not only the properties of form and meaning (Croft, 2001) of these three microconstructions but also how, acting as articulators, they establish the connection of the textual portions (Koch e Elias, 2016). The results indicate that [sendo assim] is a connector with semantic value of result, which, pragmatically, presents radiance between consequence and conclusion; on the other hand, [fora que], by adding the final argument of a scale, emphasizes the content conveyed that works as a last resort of convincing; Finally, [(es)pera aí], as a discursive marker, focuses on the interaction between the interlocutors, also helping in the articulation of the utterances of the communicative act.

Keywords: Construction. Articulators. Usage-Based Linguistics. Textual Linguistics.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Letras. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: milenatda@gmail.com.

² Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação lato senso em Língua Portuguesa. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Letras. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: bia.arena@gmail.com.

Introdução

Neste trabalho, baseados nos postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), em diálogo com a Linguística Textual (LT), propomos descrever os padrões funcionais de três microconstruções em uso no Português Contemporâneo: [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], como exemplos de articuladores de relações lógico-semânticas, discursivo-argumentativas e de organização textual, respectivamente, de acordo com Koch e Elias (2016).

Valendo-nos de textos escritos e escritos como reprodução de fala do *Corpus* do Português, analisamos [sendo assim], um articulador lógico-semântico que opera nos níveis intermediário e microestrutural, no âmbito da causalidade com valor de resultado, e que desliza pragmaticamente da consequência à conclusão; [fora que], um articulador discursivo-argumentativo que atua como operador argumentativo de adição no nível intermediário, conectando períodos intra e interparágrafos, encadeando dois enunciados em que o primeiro é tomado como tema para o segundo, introdutor da orientação argumentativa; e [(es)pera aí], um organizador textual que funciona como marcador discursivo interacional, atuando no nível intermediário ao articular períodos e, assim, promover a coesão, já que retoma o enunciado anterior para dirigir-se, no enunciado seguinte, ao interlocutor.

Nossa hipótese para este estudo, a partir do diálogo entre as duas vertentes teóricas, é a de que [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], de um lado, comportam-se como elementos atuantes na articulação dos textos, auxiliando a tessitura textual e, de outro, participam da promoção de sentidos, já que auxiliam no encaminhamento de avaliações e pontos de vista inscritos no projeto de texto opinativo do autor.

Por meio da análise em conjunto dessas três microconstruções distintas e considerando as propriedades da forma e do sentido de cada uma (Croft, 2001), buscamos traçar o contínuo entre contextos de uso mais sintáticos, na medida em que conectam o “conteúdo de orações”, e mais discursivos, em que se encadeiam “dois ou mais enunciados distintos”, bem como aqueles em que “operam o amarramento de porções textuais”, recrutados a partir da estratégia de articulação realizada (Koch e Elias, 2016, p.p. 124, 132, 141).

Este artigo está dividido em mais quatro seções além desta introdução. Na primeira, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica comum aos três objetos de estudo; na segunda, analisamos os dados das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] como articuladores textuais que contam com propriedades de forma e sentido particulares. Por último, apresentamos nossas considerações finais e referências.

Fundamentação Teórico-Metodológica

Nossas pesquisas têm como fundamentação teórica um diálogo entre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Linguística Textual (LT), que tem se mostrado bastante profícuo na análise dos constructos que compõem nosso *corpus*. Esse diálogo se pauta,

sobretudo, em nosso interesse de não só atestar os padrões de uso desses elementos de conexão a partir da descrição das propriedades das microconstruções (Croft, 2001), mas principalmente por nos interessar atestar os efeitos de sentido que esses usos geram no texto. Buscar tais efeitos, como temos observado, direcionam a escolha desses conectores como forma de articular partes do texto desde o nível microestrutural até o nível intermediário (Koch e Elias, 2016). Apoiadas nos postulados da LFCU e da LT, procedemos a uma análise sincrônica qualitativa de 50 dados de [sendo assim], 70 de [fora que] e 65 de [(es)pera aí], coletadas nos textos de modalidade escrita ou de escrita como reprodução de fala do *Corpus Now* do *Corpus do Português*.

Apresentamos brevemente, nesta seção, parte dos postulados abarcados por essas duas correntes teóricas. Aqueles que mais especificamente se relacionam a cada objeto de pesquisa são indicados nas seções de análise.

De acordo com a LFCU, linha de pesquisa fundamentada na interface entre os estudos funcionalistas e cognitivistas, a gramática é compreendida como uma organização cognitiva das experiências dos indivíduos com a língua. Nesse sentido, Furtado da Cunha (2012) afirma que as vertentes funcionalistas e cognitivistas compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como:

[...] a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, a não distinção entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre as estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural. (Furtado da Cunha, 2012, p. 29)

Seguindo esse ponto de vista, postula-se que as línguas se moldam através da interação de princípios cognitivos e funcionais, que exercem um papel na aquisição da língua, no uso e na mudança linguística. Por ser uma mudança gradual, as categorias e itens linguísticos são variáveis, constituindo um gradiente, e a estrutura linguística é vista como emergente, pois está se moldando em contextos de uso específicos. Assim, a LFCU, uma abordagem centrada no uso para a organização da gramática, percebe a linguagem tanto estruturada como variável. Portanto, nessa vertente a gramática é concebida “como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14).

Segundo Croft (2001), a única unidade teórica válida é o conceito de construção linguística. E construções, para o autor, são unidades simbólicas concebidas pelo elo de correspondência entre forma - com suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas - e

sentido - com suas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Desse modo, afirma-se que a língua é um inventário de construções a ser analisada não como um objeto autônomo e descolado das pressões de uso das diferentes instâncias comunicativas, mas de forma global, incluindo seus aspectos morfossintáticos, fonológicos, semântico-pragmáticos e discursivo-funcionais, pois todos se influenciam mutuamente.

Com base nesse modelo de Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) propõem níveis esquemáticos para compreender a trajetória de mudança das construções. Por meio dos construtos, isto é, o uso da construção em determinado contexto, se apreende a sua rede esquemática. Nos níveis mais altos, temos o *esquema*, o *subesquema* e a *microconstrução*, relacionados à frequência *type* – o número de itens diferentes que ocorre nos *slots* (espaços) esquemáticos das construções – e o mais baixo, o *construto*, ligado à frequência *token* – o número de vezes que uma determinada sequência aparece em um texto ou *corpus*. Assim, temos:

a) Esquemas linguísticos: são grupos abstratos, semanticamente gerais de construções, quer procedurais quer de conteúdo. Esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, tipos específicos de esquemas mais abstratos. Analisamos neste artigo microconstruções que pertencem aos esquemas [Conect]_{Result}, [Conector]_{OA} e [X ADV]_{MD}.

b) Subesquemas: no nível médio, referem-se aos elos polissêmicos que dão conta das ligações semânticas entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões. Acrescentamos que, dependendo do objeto de pesquisa, podem existir mais de um nível médio ou subesquema. O esquema [Conect]_{Result} conta com sete subesquemas, sendo o [VAdv] aquele que abrange a microconstrução [sendo assim]; o esquema [Conector]_{OA} envolve um nível de subesquema [X que]_{CTD}, o qual engloba elementos de conexão textual-discursivos, os OA, cujo *slot* X pode ser ocupado por verbos e advérbios, desdobrando-se em mais cinco subesquemas em um nível mais baixo distribuídos a partir da subparte X, sendo o [X que]_{OAAdição}, aquele que abrange a microconstrução [fora que]; e o esquema [X ADV]_{MD} abrange subesquemas que podem ser preenchidos, no lugar do X, por verbos, preposições, conjunções – como é o caso do verbo *espera* – e no espaço do ADV por locativos variados – como é o caso de *aí*, sendo o [V aí]_{MD}, aquele que abarca a microconstrução [(es)pera aí].

c) Microconstruções: são as construções individuais. Os subesquemas [VAdv]_{Result}, [X que]_{CTD} e [V aí]_{MD} têm suas realizações nas interações verbais, concretizando-se em microconstruções como [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] que atuam como elementos procedurais da gramática, já que sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientação dêiticas (Diewald, 2011).

d) Construtos: são as ocorrências (*tokens*) das microconstruções empiricamente comprovadas; instâncias de uso proferidas por um falante com um propósito comunicativo; é, portanto, o *lôcus* de inovação, mudança e subsequente convencionalização.

Analizamos as microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] no nível do construto por compreendermos que é a partir do uso efetivo em contextos específicos que podemos apreender suas propriedades de forma e sentido.

Ressaltamos que, para Bybee (2010), o primeiro mecanismo que possibilita a formação e o uso de construções é o *chunking*, o qual é acionado por repetição. De acordo com a autora, um *chunk* é uma unidade de organização da memória; assim, se dois ou mais *chunks* menores são usados juntos com algum grau de frequência, um *chunk* maior contendo os menores é formado.

Um ponto importante que precisamos destacar em relação às nossas pesquisas é a dimensão sincrônica a partir da qual compomos nossos *corpora* e analisamos nossos dados. Sobre essa perspectiva, apoiamo-nos em pesquisadores da LFCU, como Rosário e Lopes (2019), para os quais dois pressupostos precisam ser considerados: 1) a mudança linguística envolve uso e cognição; e 2) na mudança estão envolvidos processos de domínio geral (Bybee, 2010). Partindo desses pressupostos, de acordo com os autores, os mecanismos cognitivos que atuam na mudança diacrônica também operam nas variadas atividades em que os falantes se inscrevem em um dado recorte sincrônico. Esse entendimento, ressaltam os autores, não é recente e, assentados na hipótese de Traugott e Trousdale (2010, p. 31), para quem “a gradiência que é atestada sincronicamente advém do resultado de sucessivos micropassos que resultam de uma operação dos bem conhecidos mecanismos de reanálise e analogia”. Rosário e Lopes (2019) defendem o conceito de construcionalidade, compreendido como a relação sincrônica estabelecida entre construções a fim de atestar que uma construção A se relaciona a uma construção B em algum nível. Nesse sentido, os autores postulam quatro diferentes relações que se estabelecem entre duas construções, uma em um nível horizontal, portanto em um mesmo nível hierárquico em que se configura algum grau de parentesco, e as outras três em um sentido vertical, em que uma construção menos esquemática pode ser associada a uma ou mais construções de natureza mais esquemática; portanto, em diferentes níveis de esquematicidade em uma determinada rede construcional.

Dentre as três relações no sentido vertical postuladas, Tipos 1, 2 e 3, destacamos a do Tipo 1 em função de compreendermos que é essa relação que se estabelece com cada uma das microconstruções aqui estudadas em relação ao (sub)esquema ao qual se associam. No Tipo 1, a relação de construcionalidade se dá quando uma Construção B está ligada a uma Construção A em nível superordenado. Essa ligação se configura numa direção Top-Down, uma vez que um nível mais esquemático e abstrato está associado a um nível menos esquemático e concreto. Desse modo, [sendo assim], a construção B, se vincula ao esquema [Conect]_{Result}, a construção

A superordenada; [fora que], a construção B, se liga ao subesquema [X que]_{CTD}, a construção A superordenada e, finalmente, [(es)pera aí], a construção B, se relaciona ao esquema [X ADV]_{MD}, a construção A superordenada.

Nosso objetivo neste artigo é atestar os padrões de uso na sincronia atual do português brasileiro, portanto esse pressuposto teórico preenche uma lacuna de pesquisas sincrônicas como a nossa, tendo em vista que demandam uma base teórica concreta filiada à LFCU. Dessa forma, alinhamo-nos a esse conceito e estamos tratando as microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] como resultados comprovados da mudança gradual que se manifesta na gradiência sincrônica da gramática. Ainda no âmbito da LFCU, outro pressuposto importante para nossa pesquisa é o conceito de (inter)subjetividade. Segundo Traugott (2010), é importante distinguir subjetividade e intersubjetividade, uma vez que a primeira expressa marcas de avaliação do falante, e a segunda expressa marcas da atenção do falante para com o interlocutor. Segundo a autora, em se tratando de subjetivação, os significados são recrutados e orientados a si mesmo, ou seja, codificam-se crença e opinião, e, na ocorrência de intersubjetivação, uma vez subjetivados, os significados são centrados no interlocutor, ou seja, no modo como ele reagirá após a entrega da mensagem. Para nossa pesquisa, a (inter)subjetividade está estreitamente relacionada aos fatores de intencionalidade e aceitabilidade na medida em que o falante está no centro do discurso, dono de seu projeto de texto, e calcula como o seu discurso pode atingir o interlocutor.

Em relação aos pressupostos da LT, um conceito importante para a análise empreendida neste artigo é o que diz respeito ao nível de articulação entre orações, períodos, parágrafos e sequências maiores de texto. Esses níveis são examinados no domínio da coesão sequencial realizada por nossos objetos de estudo, já que contribuem para a compreensão do texto como uma unidade de sentido. De acordo com Koch e Elias (2016, p. 121-123), no primeiro nível, o microestrutural, a conexão é empreendida entre orações e termos de orações; no segundo, o nível intermediário, entre parágrafos e períodos e, no último, o nível global, a articulação se estabelece entre sequências ou partes maiores de texto.

Segundo as autoras, os articuladores textuais são as marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de qualquer extensão e realizam diversas funções, como: 1. promover relações de tipo lógico-semântico, relacionando o conteúdo de duas orações; 2. assinalar relações discursivo-argumentativas, articulando dois ou mais enunciados diferentes, sendo o primeiro tomado como tema do segundo, o qual inicia uma informação nova com um tipo específico de orientação argumentativa; 3. atuar como organizadores textuais, estruturando o texto em uma sucessão de fragmentos que se complementam e orientam a interpretação.

De acordo com Neves (2018), a maior unidade de expressão linguística é o texto, que deve ser considerado sem deixar de lado todo o contexto discursivo em que foi produzido. O texto é um todo coeso, organizado por uma natureza semântica que envolve uma rede de

predicações coerentes ligadas por inúmeros mecanismos de junção e uma rede referencial estruturada internamente. Assim, pode-se dizer, segundo a autora, que o texto se organiza em frases, as quais podem ser compreendidas como “unidades significativas da interação verbal produzidas com um propósito comunicativo definido: declarar, interrogar, ordenar, exclamar” (Neves, 2018, p. 44). As frases são marcadas pela sua força enunciativa, isto é, de acordo com a força que têm no próprio processo de interlocução, a força ilocucionária.

As modalidades de frase correspondem a diferentes atos de fala, os quais são ações realizadas linguisticamente, e a sua descrição tipológica é uma tentativa de categorização dessas ações. Desse modo, um ato de fala é um enunciado linguisticamente funcional para realizar uma ação considerada apropriada a uma situação comunicativa particular. Segundo Neves (2018), as sequências – fragmentos de um tipo textual específico – de um texto são elaboradas linguisticamente para: (i) *narrar*, isto é, relacionar eventos temporalmente – *sequências narrativas*; (ii) *descrever*, isto é, apontar características de elementos – *sequências descritivas*; (iii) *expor/dissertar*, isto é, apresentar por meio de representação de ideias, explicações, avaliações – *sequências expositivas/dissertativas*; (iv) *ordenar, pedir, aconselhar*, isto é, incitar alguma ação ou reação – *sequências injuntivas*. Assim, por exemplo, em: “Preste atenção, porque só vou falar uma vez”, temos dois atos de fala, um injuntivo – *preste atenção* – e um expositivo/dissertativo – *porque só vou falar uma vez* – que explica o primeiro ato de fala de ordem ou pedido, o qual se dirige ao interlocutor buscando uma ação ou reação. Em função da importância das *sequências argumentativas* para as nossas pesquisas, consideramos oportuno acrescentar a definição de Marcuschi (2002), para quem tais sequências fazem a defesa de ideias ou ponto de vista do autor, buscando persuadir o interlocutor, convencê-lo de algo e fazê-lo tomar uma posição; caracteriza-se pela progressão lógica de ideias, utilizando linguagem denotativa e forma verbal no presente do indicativo.

Ademais, neste artigo, coadunamos com Koch (2004, p. 11), para quem existem fenômenos linguísticos diversos que só podem ser compreendidos no interior do texto e, por essa razão, investigamos em nossos dados seis fatores de textualidade propostos pela LT – e na seção de *Análise* os explicamos de forma mais conectada aos nossos objetos – por entendermos que o texto precisa ser apreendido em toda a sua complexidade. Desse modo, os fatores de coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e situacionalidade podem ser observados a partir das propriedades da construção sistematizadas por Croft (2001), principalmente as sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Sobre tais fatores de textualidade, Beaugrand e Dressler (1981) destacam que coesão e coerência são centradas no texto, enquanto informatividade, situacionalidade, intencionalidade e aceitabilidade são centradas no usuário.

A noção de focalização também é cara aos estudos do texto principalmente quando temos em conta elementos de conexão, uma vez que esses elementos atuam como

focalizadores de informações no texto. A focalização de informações está associada à noção de relevo (Travaglia, 1999, p.p. 77-81); assim, o falante vale-se do relevo para (i) destacar elementos específicos dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); e (ii) ocultar ou rebaixar certos elementos em relação a outros (relevo negativo). Destacamos mais detidamente a função de relevo positivo por recobrir papéis mais específicos dos nossos objetos de pesquisa como: ênfase, intensificação, marcação de um valor especial, estabelecimento de contraste, reforço de um argumento, marcação de foco informacional, entre outros. Esses papéis podem ser realizados por diferentes recursos linguísticos (aspectos fônicos, itens lexicais, elementos morfológicos, estruturação sintática, parênteses, recursos expletivos), inclusive por [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí].

Findada a apresentação dos fundamentos teórico-metodológicos de que nos valem, na próxima seção, procedemos à análise das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí].

Análise de dados: os articuladores [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí]

Nesta seção, por meio de nossos objetos de pesquisa, elucidamos os três tipos de articuladores textuais propostos por Koch e Elias (2016): os que promovem relações lógico-semânticas, exemplificado com [sendo assim]; os que sinalizam relações discursivo-argumentativas, com [fora que]; e aqueles que funcionam como organizadores textuais, com [(es)pera aí], descrevendo suas propriedades de forma e sentido segundo Croft (2001).

Esclarecemos que os grifos em todos os dados desta seção são nossos.

1. [sendo assim] – articulador lógico-semântico na expressão de resultado

A expressão do valor semântico de resultado em língua portuguesa pode se dar por meio de diferentes recursos linguísticos, desde os já consagrados pela tradição gramatical, como *logo*, *portanto*, *por isso*, *que*, *de modo que* etc., conforme ilustram os compêndios normativos, até os que são menos reconhecidos nestas obras, como *então* e *assim*. Em face de não ser alvo de qualquer estudo linguístico, *sendo assim*, na qualidade de microconstrução, desperta nosso interesse e, por isso, voltamos nosso olhar para este conector na primeira parte desta seção.

A microconstrução [sendo assim] diferencia-se da locução adverbial *sendo assim* porque aquela, ao articular diferentes porções textuais, apresenta maior grau de opacidade de seus componentes, isto é, *sendo* não tem mais todas as suas propriedades verbais e *assim* também não conta mais com todos os seus traços de advérbio, embora ambos guardem vestígios de suas funções canônicas. Ademais, na função conectora, *sendo* e *assim* formam um *chunk*, num pareamento forma-sentido, veiculando valores sintático-semânticos e pragmático-discursivos que deslizam desde uma consequência real até uma conclusão, podendo ainda introduzir um novo ato de fala.

Nesta subseção, voltamos nossa atenção para o uso de [sendo assim] como um articulador lógico-semântico e, para tal, recorremos aos pressupostos de Koch e Elias (2016). Como nosso objeto de estudo opera no âmbito da causalidade, recorremos também aos estudos sobre construções causais de Neves (2000), para quem causalidade se dá quando as relações se estabelecem seja entre *predicações* – “conexão *causa-consequência* ou *causa-efeito* entre dois eventos”, seja “entre *proposições*”, isto é, entre fatos possíveis, que passam pela avaliação do falante (Neves, 2000, p. 804-805). Para nossos propósitos, promovemos, ainda, um diálogo entre Neves e Sweetser (1990), visto que as noções sobre predicações e proposições da primeira nos levam aos postulados da segunda sobre ambiguidade pragmática. Sweetser defende que a causalidade pode se dar em três domínios: conteúdo, epistêmico e ato de fala. Essa articulação entre as propostas das duas linguistas justifica-se pelo fato de que, em nossos dados, a microconstrução [sendo assim] apresenta-se como um articulador lógico-semântico, cujo valor de resultado desliza pragmaticamente de consequência (domínio do conteúdo) a conclusão (domínio epistêmico). Sobre o domínio do ato de fala, embora tenhamos dados nesse caso, não os abordamos neste trabalho.

Formamos o *corpus* de análise a partir da base de dados NOW do *Corpus* do Português, a qual se caracteriza por ter como fonte apenas textos do domínio jornalístico. Desse modo, observamos que, nesses contextos linguísticos, a microconstrução ganhou restrições de uso, que o verbo e o advérbio não têm: por exemplo, predomina em artigos de opinião ou textos de cunho opinativo; articula, em maioria, períodos, mas conecta também parágrafos e orações; e tem o que mais marcadamente caracteriza [sendo assim] como um pareamento forma-sentido, e não mais uma sequência fortuita de verbo e advérbio: posição fixa no início da oração que introduz, o que aproxima esse conector das conjunções canônicas, sendo esta posição, talvez, um dos traços mais distintivos destas.

Neste artigo, trazemos dois dados para análise, a fim de descrevermos os padrões de uso mais recorrentes de [sendo assim] como articulador lógico-semântico de resultado. Para isso, concentramo-nos nas propriedades da forma (morfossintáticas) e da função (semânticas, pragmáticas e discursivas). Esperamos, com esse arcabouço analítico, demonstrar que a microconstrução [sendo assim] é um novo *type* na rede construcional [Conect]_{Result} da língua portuguesa. Essa ligação se dá por meio de uma direção top-down em que um nível mais esquemático e abstrato – [Conect]_{Result} – está associado a um nível menos esquemático e concreto – [sendo assim].

Passamos, a seguir, à análise dos dados.

(1) A Justiça negou no último dia 17 de janeiro, o pedido de prisão de Tiago e Willian, acusados pela morte de Wesner, que morreu 11 dias após uma agressão com uma mangueira de alta pressão em uma lava jato em Campo

Grande. #⁴ De acordo com o juiz Carlos Alberto Garcete de Almeida, da 1ª Vara do Tribunal de Júri da Capital, a autoridade policial não trouxe “fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos”, *sendo assim*, negou o pedido. (...) ⁵

Começamos nossa análise abordando o fator de textualidade *situacionalidade*, que, no dado (1), é uma notícia, publicada em um site jornalístico, Midiamax, hospedado no UOL. Nesse fragmento, podemos identificar os quatro elementos principais do gênero textual notícia: *o que aconteceu* (a Justiça negou um pedido de prisão), *quando* (17 de janeiro), *onde* (na 1ª Vara do Tribunal de Juri da Capital), *por quê* (faltou fundamentação quanto à necessidade de prisão preventiva). Observamos, ainda, outro traço marcante desse gênero textual: a impessoalidade do enunciador, no caso o jornalista que redige a matéria, o qual mantém o máximo de distanciamento possível do fato que noticia. É nesse contexto de uso que emerge [sendo assim], introduzindo uma oração que aponta para um resultado. A despeito de constarmos a típica impessoalidade de uma notícia, o uso da microconstrução em estudo pode decorrer de motivações intrínsecas à subjetividade do enunciador, sendo a primeira delas a intenção e, talvez, a necessidade de finalizar a interação textual entre ele e o leitor em uma determinada parte do texto. Para melhor descrevermos tais motivações, consideramos as propriedades da forma (morfossintáticas) e do sentido (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais)

No polo da forma, [sendo assim] caracteriza-se morfossintaticamente como um conector, que liga D1⁶ – “De acordo com o juiz Carlos Alberto Garcete de Almeida, da 1ª Vara do Tribunal de Júri da Capital, a autoridade policial não trouxe ‘fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos’” – e D2 – “sendo assim, negou o pedido”. A articulação se dá em nível microestrutural, e, ao conectar essas duas orações, [sendo assim] promove uma retroação textual, que se dá em virtude dos traços gramaticais de seus componentes, a saber: a) “sendo” é um elemento de conexão entre orações (Lehmann, 1988), que ocorre quando a forma gerundiva não participa de perífrases verbais, podendo articular orações, períodos e parágrafos; e b) “assim” é uma unidade linguística que apresenta funções gramaticais próprias dos elementos conectores, mas ainda guarda traços dos seus usos como advérbio de modo, que é a anaforicidade, isto é, a possibilidade de se referir a uma informação na porção textual anterior, ou retomar até trechos mais extensos.

Já no polo do sentido, a propriedade semântica que se destaca em [sendo assim] é o valor de resultado. A esse respeito, evocamos novamente os ensinamentos de Sweetser (1990), para quem valor semântico é um só, no caso de resultado, enquanto pragmaticamente esse

⁴ Optamos por manter a indicação de mudança de parágrafo através do símbolo #, conforme consta nos excertos do *site corpus do português*.

⁵ Fonte: <http://www.midiamax.com.br/policia/familiares-amigos-adolescente-morto-lava-jato-farao-protesto-forum-333251>.

⁶ As notações D1 e D2 referem-se respectivamente ao Discurso 1, compreendendo a porção que antecede o conector, e ao Discurso 2, abarcando a porção subsequente ao conector.

valor pode ser ambíguo, deslizando de consequência a conclusão. Embora não seja uma relação necessária, é comum que, no gênero notícia, encontremos o que Neves (2000, p. 804) chama de “causalidade efetiva entre conteúdos”, e é exatamente o que verificamos na articulação semântica promovida por [sendo assim] neste dado, visto que, em D2, encontra-se a consequência da causa apresentada em D1.

Como a microconstrução articula o relato de eventos do mundo real codificados em D1 e em D2, a propriedade pragmática que sobressai em [sendo assim], neste caso, alinha-se com o domínio do conteúdo: já que a autoridade policial não trouxe fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos (causa real), o juiz negou o pedido de prisão da dupla (consequência real). Por se tratar de um relato jornalístico, não por acaso a sequência tipológica das duas orações articuladas por [sendo assim] é narrativa, marcada linguisticamente por verbos no pretérito (“trouxe” e “negou”), que sequenciam iconicamente duas ações ordenadas cronologicamente no tempo.

Por sua vez, no que diz respeito à propriedade discursivo-funcional, a microconstrução, em face de sua função textual anafórica, ao recuperar as informações apresentadas anteriormente, faz com que estas se mantenham presentes na mente do leitor, de modo que, por meio de coesão sequencial, garante-se a manutenção temática. Outro aspecto importante que identificamos no dado (1) é a circularidade das informações fornecidas pelo jornalista, visto que este inicia o parágrafo com a sentença que aponta para uma consequência: “A Justiça negou no último dia 17 de janeiro, o pedido de prisão”; em seguida, apresenta a causa dessa consequência: “a autoridade policial não trouxe ‘fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos’”; por fim, sinteticamente retoma a consequência, introduzindo-a por [sendo assim]: “[o juiz] negou o pedido”. Possivelmente, essa circularidade discursiva se dê como estratégia de focalização: o jornalista introduz, por meio de um conector conclusivo, a informação que considera mais importante na notícia, com a qual abriu o parágrafo e com a qual o encerra. Outra possibilidade é a intenção dele de ratificar a decisão do juiz, dando ênfase à voz de uma autoridade, encerrando aquela questão. Como podemos ver, mesmo que, no dado (1), as relações sejam do domínio do conteúdo, não deixamos de capturar subjetividades do enunciador, que exercem pressão de uso sobre [sendo assim].

E, para demonstrarmos mais especificamente como fatores internos e externos à língua afetam o uso linguístico, passamos à análise do segundo dado:

- (2) São notórios os casos de programas de auditório que interrompem incessantemente seus quadros para anunciar um produto. Por meio da “fábrica de sonhos” do Projac, a Rede Globo lança os padrões de consumo a serem seguidos por milhões de telespectadores. (...) Diante desse contexto, também não é por acaso que a chamada “nova classe média”, procura no consumismo exacerbado, e não no completo exercício da cidadania, a melhor maneira de legitimar sua ascensão social. (...) # A influência dos anunciantes também se estende ao setor jornalístico, pois notícias que possam

desagradar grandes conglomeradas, como a devastação ambiental causada por algumas empresas, jamais serão colocadas no ar. *Sendo assim*, é imprescindível acabar com o vergonhoso oligopólio midiático que impera no Brasil. (...) ⁷

Muito embora [sendo assim] seja um pareamento forma-sentido, isso não significa que as propriedades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais tenham sempre as mesmas descrições. Os diferentes padrões que temos encontrado para a microconstrução são forjados em diferentes contextos situacionais e linguísticos. Em (2), o fragmento exemplificado foi retirado de um artigo de opinião, publicado no Observatório da Imprensa, veículo jornalístico reconhecido por ser focado na crítica da mídia. O artigo de opinião é um gênero textual de teor argumentativo, normalmente assinado, e se caracteriza pela apresentação do ponto de vista do articulista a respeito de um determinado tema. Essa breve exposição sobre o contexto situacional já indica que, neste dado, a microconstrução [sendo assim] tem motivações de uso distintas das que vimos no dado (1), quando analisamos uma notícia.

No que diz respeito ao plano da forma, mais uma vez reconhecemos [sendo assim] como um conector, cujos componentes têm os mesmos traços gramaticais que vimos anteriormente, e tudo indica que as semelhanças terminam aqui. No dado (2), por exemplo, o nível de articulação é entre dois períodos.

No entanto, ainda que a articulação se dê no nível intermediário, quando passamos a analisar [sendo assim] no plano do sentido, observamos que, quanto à propriedade discursivo-funcional, o escopo da microconstrução ultrapassa D1. O resultado introduzido pelo conector recupera e sintetiza, por meio de coesão lexical, informações que também estão veiculadas no parágrafo anterior, ou seja, em D2, “o vergonhoso oligopólio midiático” refere-se a “programas de auditório”, “fábrica de sonhos”, “Projac”, “Rede Globo”, “setor jornalístico”, “grandes conglomerados” e “empresas”. Trata-se de uma cadeia referencial construída pelo enunciador, formada por uma sequência de expressões nominais, com o objetivo de orientar argumentativamente o leitor. Desse modo, [sendo assim] emerge em um contexto de grande intersubjetividade, que o leva a assumir valores menos factuais e mais abstratos.

No que diz respeito à propriedade pragmática, verificamos que, diferentemente do que identificamos no dado (1), em (2) a microconstrução foi empregada em um contexto de alto teor opinativo, com predomínio da tipologia argumentativa. O autor do artigo de opinião faz questão de marcar seu posicionamento e introduz sua conclusão, em D2, por meio de [sendo assim] seguido de uma expressão deôntica: “é imprescindível”. Além disso, dando continuidade ao seu objetivo de afetar o leitor, faz seleções linguísticas que veiculam juízo de valor, como “notório”, “consumismo exacerbado”, “desagradar”, “devastação ambiental”, “vergonhoso”. Desse modo,

⁷ Fonte: http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed830_reflexoes_sobre_o_consumismo/.

identificamos que, nesse novo contexto, [sendo assim] é uma microconstrução do domínio epistêmico, em que se veiculam o conhecimento, o julgamento e até mesmo a crença do enunciador, somados a uma forte intenção de ganhar a adesão do leitor. Em suma, o fator situacionalidade pressiona o uso de [sendo assim] em contexto linguístico marcado pela apresentação de um ponto de vista e de argumentos codificados em tipologias argumentativas, o que é próprio do gênero textual artigo de opinião.

Com a análise de [sendo assim] em dois contextos situacionais e linguísticos distintos, verificamos que, na conexão entre predicções, é possível encontrarmos a microconstrução veiculando consequência, ou seja, situando-se no domínio do conteúdo, ao passo que, na conexão entre proposições, podemos observá-la articulando fatos possíveis, mais abstratos, isto é, operando no domínio epistêmico. Confirmamos, portanto, que [sendo assim] é um típico articulador lógico-semântico, conforme postula Neves (2000). Além disso, esse deslizamento funcional pode indicar que a microconstrução opera tanto na microsyntaxe, quando articula orações no nível microestrutural, quanto na macrosyntaxe, quando articula períodos ou parágrafos, no nível intermediário.

2.[fora que] – articulador discursivo-argumentativo como operador argumentativo de adição

Nesta subseção, optamos por analisar dois dados representativos de [fora que] em gêneros textuais distintos e encadeando, dentro do nível intermediário, período e parágrafo. Esse tipo de encadeamento é recorrente nos operadores argumentativos (OA) do tipo articulador discursivo-argumentativo (Koch e Elias, 2016), que se define como um articulador que relaciona dois ou mais enunciados distintos, sendo cada um resultante de um ato de fala particular. É, portanto, uma unidade linguística com alto grau de integração, inserindo informação nova, a qual serve para orientar o discurso, auxiliando na progressão textual. Mais especificamente, postulamos que [fora que] enfatiza o argumento final de uma escala, adicionando-o como último recurso de convencimento. Essa estratégia se baseia, sobretudo, no traço de sentido da forma adverbial [fora] que indica “na parte exterior”, “no lado externo de”, “não abrangido por”. Dado esse sentido de [fora], consideramos que a introdução desse argumento encadeado por meio de [fora que] gera um efeito de sentido de imprescindibilidade na medida em que traz para “dentro” do discurso uma informação que estava “fora” e que, devido à sua relevância, deveria estar dentro desse conjunto de informações importantes. Esse efeito de sentido, por sua vez, ajuda a manter o relevo atencional, perspectivizando a informação.

Em função das limitações de espaço do artigo e de nosso objetivo de atestar o padrão de uso do OA [fora que], optamos por proceder a uma análise mais detalhada em (3), levando em conta os pressupostos teórico-metodológicos em que nos baseamos, além de outros fatores de análise pertinentes. No exemplo (4), a proposta é focar na análise a partir da estruturação do trecho que dá conta da estratégia de coesão sequencial articulada por [fora que]. Dessa forma,

esperamos tornar o texto mais objetivo na medida em que as caracterizações de forma e sentido da microconstrução já estão delineadas em (3). Nossa intenção com as análises é demonstrar que [fora que] é um novo *type* na rede construcional [X que]_{CTD} que congrega OA de macrofunções distintas que se distribuem a partir da subparte X.

Importante destacar que o corpus de [fora que] para este trabalho se ateve à amostra Now do Corpus do Português cuja fonte são textos do domínio jornalístico. No âmbito desse domínio, estamos nos concentrando em textos cuja opinião mais direta se atém a gêneros textuais abertamente opinativos, como o comentário do leitor e a coluna, em função de terem sido esses gêneros os mais representativos na amostra. Vejamos os exemplos.

- (3) Isso pra mim é sensacionalismo, primeiro porque o conceito de prejuízo é comprar por 1.000,00 e vender por 950,00, mas foi justamente o contrário, compramos por um valor infinitamente menor do que pagamos. Portanto, não tem prejuízo nenhum, apenas estamos deixando de ganhar. *Fora que* é preciso entender que nunca os valores negociados lá serão comparáveis com valores daqui.⁸

No trecho, o autor do comentário, gênero textual tipicamente argumentativo, considera que a notícia do site *Meu timão* é sensacionalista e vai estruturar sua argumentação inicialmente através de uma explicação “porque o conceito de prejuízo é comprar por 1.000,00 e vender por 950,00” e contraste “mas foi justamente o contrário ...”. Depois desse trecho inicial, conclui, “portanto, não tem prejuízo nenhum, apenas estamos deixando de ganhar” para, então, adicionar mais um argumento, o derradeiro, introduzido por [fora que]. Estamos considerando todo esse trecho destacado como D1 que se transforma em tema – o fato de deixar de ganhar não ser prejuízo – da informação nova que vai ser introduzida por [fora que]. Destacamos todo o trecho, tendo em vista que essa série de argumentos vai ser coroada por um argumento, em D2, que não poderia ficar de fora: “[fora que] é preciso entender que nunca os valores negociados lá serão compatíveis com valores daqui”. Assim, D2 é a orientação argumentativa que vai adicionar um caráter incontestável ao fato de “não se poder pensar em prejuízo”.

Analisamos a estruturação dessa argumentação a partir da perspectiva da intencionalidade desse autor, pois, da maneira como o trecho foi estruturado, a ênfase gerada mantém o relevo atencional que foi iniciado com o recrutamento do OA [fora que]. Por conta disso, estamos entendendo que tal argumento é o mais alto/forte em uma escala que se inicia em D1. Ademais, a coesão sequencial compreende um movimento retropropulsor já que focaliza o tema anteposto ao OA e perspectiviza a opinião do autor na porção subsequente, promovendo a progressão textual.

⁸ Fonte: <https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/316518/corinthians-nao-tem-mais-parte-de-felipe-e-pode-ter-prejuizo-com-possivel-venda-do-porto>.

Em termos da dimensão da forma, [fora que] é uma microconstrução consolidada que é acessada como um *chunk*, pois não pode existir qualquer elemento entre [fora] e [que]. No que se refere às propriedades sintáticas, não há possibilidade de o elemento [que] variar de posição com a forma adverbial [fora], bem como a forma adverbial [fora] não tem mobilidade e não se liga a verbo, adjetivo ou advérbio. O elemento [que] funciona como um clítico, integrando-se à forma adverbial; [fora que] se posiciona no início de um período, posição típica de conectores. Atua no estabelecimento da coesão, da orientação argumentativa e coerência do texto, neste caso, no nível intermediário, em que assinala o encadeamento entre períodos como elemento procedural da macrossintaxe. Em termos de propriedade morfofonológica, a forma [que] funciona como uma forma presa, compondo esse *chunk*.

Em termos da dimensão do sentido, destacamos que a propriedade semântica pode ser observada em relação ao traço de sentido de “na parte exterior”, “no lado externo de”, “não abrangido por” da forma adverbial [fora] que se transfere metaforicamente para a atuação de adição de um argumento que precisa compor a defesa do ponto de vista do autor, por isso acrescenta um grau mais elevado na escala de argumentação, indicando que o argumento adicionado é o mais forte ou relevante em relação aos anteriores. O elemento “que” transfere metaforicamente o traço de integração ao discurso que o sucede, indicando uma relação de conexão e integração entre as ideias. O *chunk* de forma também se dá no sentido em função do nível de integração máximo, já que [fora que] é acessado holisticamente e compreendido como um elemento de coesão sequencial.

Em relação à propriedade pragmática, observamos que [fora que] está envolvido em um contexto argumentativo em que há argumentos que se somam para contribuir com a persuasão do interlocutor, como pode ser observado em “Isso pra mim é sensacionalismo, primeiro porque o conceito de prejuízo é comprar por 1.000, 00 e vender por 950,00, mas foi justamente o contrário, compramos por um valor infinitamente menor do que pagamos. Portanto, não tem prejuízo nenhum, apenas estamos deixando de ganhar”. Nesse trecho, o autor já inicia com o substantivo “sensacionalismo”, retratando a própria opinião acerca do teor da informação criticada, como se essa informação fosse apenas um elemento para chocar a opinião pública, sem que houvesse qualquer preocupação com a veracidade dela. Assim, entendemos que o trecho já se inicia com bastante contundência e, na sequência, o autor vai adicionando argumentos estruturados a partir de relações sintático-semânticas distintas: uma explicação com o elemento “porque”, um contraste com “mas” e uma conclusão com “portanto” que vão escalar o nível da argumentação. Logo, a focalização/perspectivação do conteúdo mais relevante que o OA introduz também auxilia na manutenção do foco e na progressão do texto. No caso específico de (3), [fora que] introduz um argumento bastante enfático, uma vez que é colocado logo após uma conclusão em que, a princípio, já teria fechado a série de críticas que vinham sendo colocadas em D1.

Ainda em relação à propriedade pragmática, consideramos que a subjetividade fica marcada pela estruturação do texto, fator intencionalidade, tanto na seleção das informações anteriores quanto na argumentação introduzida pelo conector. Já a intersubjetividade está ligada à projeção do ponto de vista estabelecido, fator aceitabilidade, calculada a partir do interlocutor alvo. Nesse sentido, o autor sabe que está comentando uma notícia publicada em um site do timão e que os comentários são lidos por torcedores apaixonados, nem sempre racionais e imparciais, essa é a situacionalidade. O domínio articulado em D2 é o epistêmico (Sweetser, 1990) com o argumento fundamentado no próprio conhecimento do autor, já que tece considerações sobre o motivo de os valores em euros não poderem ser comparados, seja por conta da disparidade com o real, seja por conta do contexto dos dois países: “[Fora que] é preciso entender que nunca os valores negociados lá serão comparáveis com valores daqui”.

Tratando especificamente da propriedade da função discursiva, [fora que] é um operador argumentativo: unidade linguística que congrega a função de encadeador do discurso e introdutor de orientação argumentativa. Ratificamos sua atuação como articulador discursivo-argumentativo que determina relações entre dois ou mais enunciados distintos. O conector introduz mais um argumento que funciona como o derradeiro, aquele que não deixa dúvidas, em direção a uma mesma conclusão.

Após a discussão de (3), ainda com o intuito de examinarmos a estratégia de coesão sequencial de [fora que] e a manobra de persuasão que o OA imprime no texto, passamos a análise de mais um dado do *corpus* montado a partir do site corpusdoportugues.org/now.

- (4) Sua aparência desleixada pode render ainda uma bela transformação, de patinho feio a Cinderela. Em resumo, a empregada tem tudo para seguir na trilha da sofrência que qualquer mocinha de telenovela precisa percorrer. # Ok, mas não existe mocinha sem romance... E é justamente aí que o elenco robusto de O Sétimo Guardião dá a Aguinaldo Silva a possibilidade de promover uma verdadeira dança de pares em sua história. Não seria impossível unir a empregada a León. Eduardo Moscovis é outro ator que tem potencial de protagonista e as idades dos dois batem para que vivam um amor de folhetim crível. # *Fora que* deixar tanto Marina Ruy Barbosa quanto Bruno Gagliasso em banho-maria, apenas como o casal jovem da história, faria bem também à dupla, que não empolga tanto no posto principal do folhetim, e não comprometeria a trama.⁹

O dado (4) é uma coluna cujo título é “Notícias da TV”, publicada no site www.uol.com.br. Com a baixa audiência da novela “O sétimo guardião”, de Aguinaldo Silva, o colunista Raphael Scire discute sobre a possibilidade de mudar o casal protagonista para evitar uma crise maior na audiência da novela, já que ele acredita que Marina Ruy Barbosa tem sido uma mocinha pouco empolgante e Isabela Garcia possui características que permitiria à novela uma reviravolta impactante. Nesse sentido, no contexto situacional, há um jornalista que escreve para uma

⁹Fonte: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/para-evitar- crise-e-se-isabela-garcia-virasse-mocinha-de-o-setimo-guardiao-24046>.

determinada coluna cujos leitores buscam se informar não só do conteúdo dos capítulos da novela mas também da opinião do colunista. A intencionalidade do autor, portanto, reside na manutenção dos seus leitores e, com isso, irá estruturar seu texto de forma a buscar essa adesão, levando em conta a aceitabilidade desse leitor.

Nesse dado, observamos a estratégia de coesão sequencial a partir da seguinte estruturação: em D1, o autor inicia o movimento argumentativo com uma estrutura de contraste como pode ser observada no trecho: “Ok, mas não existe mocinha sem romance...” para, em seguida, utilizar-se de uma sequência de termos com os quais vai potencializar a argumentação: “E é justamente aí”. A conjunção “e” marca o início do segundo período que tem o “justamente”, advérbio que atua como um focalizador, intensificando o conteúdo e mantendo o relevo atencional que o “aí” remete: “o romance da mocinha”.

Além disso, a manobra de persuasão recorre a uma seleção lexical que promove uma escalada no grau de argumentatividade por meio de elementos como: “robusto”, “não seria impossível”, “potencial protagonista” e “amor de folhetim crível”. É possível perceber que a escolha dos adjetivos, quanto à subjetividade, está ligada à perspectiva do autor, fator intencionalidade. Dessa maneira, “robusto” é usado para se referir ao elenco, caracterizando a capacidade que este tem de se adaptar a futuras mudanças; “Não seria impossível” reafirma a possibilidade de trocar o casal protagonista, justificando também o uso do “robusto” anteriormente; com “potencial de protagonista”, mais uma vez o autor seleciona um adjetivo “potencial” que atribui argumentatividade para convencer o interlocutor da sua sugestão diante da troca dos atores; em “amor de folhetim crível”, o adjetivo “crível” fomenta a crítica do autor quanto ao casal atual (Marina e Bruno), que não entrega um romance convincente.

Nessa perspectiva, a crítica do autor é fortalecida pelo argumento que será encabeçado por [fora que] em D2: “Fora que deixar tanto Marina Ruy Barbosa quanto Bruno Gagliasso em banho-maria, apenas como o casal jovem da história, faria bem também à dupla, que não empolga tanto no posto principal do folhetim, e não comprometeria a trama.” Esse argumento promove um encadeamento por meio da retropropulsão entre o enunciado anterior (D1, transformado em tema: um folhetim precisa ter um romance crível), ao novo enunciado (D2) que introduz a orientação argumentativa de adição com [fora que], acrescentando uma perspectiva relevante para fortalecer sua crítica e chegar a uma mesma conclusão: alterar o casal protagonista da novela. A estrutura de contraste e a seleção e combinação dos elementos que destacamos em D1 compõem a escala de argumentos estruturada pelo jornalista. Destacamos que o encadeamento é operado por meio do domínio epistêmico, uma vez que a argumentação do autor se baseia em seu ponto de vista acerca da atuação nada empolgante de Marina e Bruno.

Ademais, neste exemplo, observamos que a articulação promovida por [fora que] é realizada no nível intermediário, porém, desta vez, conectando parágrafos. O destaque fica por

conta da composição de um parágrafo apenas com D2, o que, para nossa análise, isola ainda mais o último argumento, sobrelevando sua importância.

Com esses exemplos, esperamos ter demonstrado como se realiza a coesão sequencial articulada por um conector textual-discursivo que atua na articulação discursivo-argumentativa. Nossa intenção é demonstrar como esses conectores do tipo operador argumentativo configuram-se como expedientes importantes da macrossintaxe na estruturação de textos de cunho opinativo, recrutados quando o projeto de texto do autor tenha a clara intenção de persuadir e envolver o interlocutor a fim de levá-lo a aderir ao seu ponto de vista.

3.[(es)pera aí] – articulador de organização textual como marcador discursivo

Nesta subseção, por meio de uma análise qualitativa da amostra Now do Corpus do Português, cuja fonte pertence ao domínio jornalístico, tratamos de [(es)pera aí], microconstrução que exerce o papel de Marcador Discursivo (MD) nas interações cotidianas da presente sincronia. De forma geral, os MD são conceituados como unidades linguísticas independentes que atuam na articulação e no gerenciamento dos processos de construção textual do ato comunicativo e aos quais se atribui uma categoria discursivo-pragmática, isto é, situam-se no ramo da Linguística que estuda a linguagem no contexto de uso. Através dos marcadores, a instância da enunciação está presente no enunciado; simultaneamente, revelam-se aspectos que determinam sua relação com a estrutura textual-interativa.

De acordo com Risso *et al* (2015), [(es)pera aí] pode ser descrito como marcador interacional, já que tem a função principal de orientar a interação, atuando não só nas relações interpessoais, em que demonstra o envolvimento entre falante e ouvinte, mas também nas manifestações pessoais, “quando, por exemplo, o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais, envolvendo-se, pois, com o conteúdo, ou compromete, retoricamente, seu interlocutor.” (Urbano, 2015, p.454)

Como marcador discursivo, [(es)pera aí] pode ser compreendido como um articulador de organização textual (Koch e Elias, 2016), pois atua em contextos de intermediação (exemplos 5 e 7), abertura (exemplo 6) ou finalização do turno (exemplo 8), de um tópico discursivo¹⁰, orientando a interpretação. Assim, diferentemente de seu uso original e composicional “espera” + “aí” – em que solicita ao interlocutor que aguarde onde ele já está, como vemos em: “Quando João estava saindo, Maria gritou: ‘Você *espera aí*, João!’ –, o MD [(es)pera aí] é um novo type na rede construcional [X ADV]_{MD}, um novo pareamento forma-sentido (Croft, 2001), pois conta

¹⁰ Urbano (1999) considera que o turno seja formado por uma ou mais frases orais ditas por um falante, e que um novo turno se inicia quando um novo interlocutor começa a falar. Assim, a conversação, desenvolvida por meio da troca de turnos entre pelo menos duas pessoas, segundo Jubran (2015), é uma construção colaborativa em que se depreende uma unidade de análise não restrita ao turno individualmente, e sim, a segmentos discursivos mais amplos, centrados em um tópico discursivo proeminente, um ponto central da conversa, um assunto sobre o qual se deve falar.

tanto com propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas – constituintes do polo da forma – quanto semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais – integrantes do polo do sentido – específicas desse padrão construcional. Cabe destacar novamente que, por estarmos lidando com esses *corpora* em nossos três objetos, nosso foco é em textos de cunho mais opinativo, como o dado (5) a seguir:

(5) Ahhhhhh parece que sou eu voltando a ter aquela pureza de sentimento, aquela emoção das primeiras surpresas e entendendo que ser criança é muito bom. Ter criança por perto é tão bom quanto ser... (pelo menos, é isso que me resta né kkkkk com meus 31). *Peraí!* Será que estou ficando emotiva por causa do domingo que está vindo [Dia das Mães]!!! Vocês também??? Quem AMA ser mãe???", finalizou Letícia.¹¹

Nas propriedades da forma, no âmbito *morfossintático*, vemos que [(es)pera aí] forma um *chunk* (Bybee, 2010), ocasionando a perda de algumas características do verbo e do pronome adverbial locativo dêitico previstas nas gramáticas: [espera] para de selecionar argumento e se cristaliza no imperativo afirmativo, tendo como complemento o [aí]; já [aí] perde sua mobilidade posicional e, como clítico neste *chunk*, fica preso à forma verbal [espera]. A micro [(es)pera aí] geralmente ocupa *posição inicial na frase oral* - esta, conforme Urbano (2015), compreendida como uma unidade teórica comunicativa, entonacionalmente delimitada e segmentada - e *posição medial no turno*, surgindo logo após o falante iniciar o seu momento de fala na comunicação, como no dado (5) anterior. Temos, assim, no âmbito textual-discursivo, um conector em sentido lato, o qual atua, segundo Koch e Elias (2016), de forma geral, no nível intermediário, articulando períodos e promovendo a coesão, já que [(es)pera aí] encabeça, atribuindo a focalização necessária, um enunciado que se relaciona ao anterior. Assim, em (5), [peraí] retoma D1 – “Ter criança por perto é tão bom quanto ser...” – para, de forma injuntiva, dirigir-se, em D2, ao interlocutor – “Peraí! Será que estou ficando emotiva por causa do domingo que está vindo [Dia das Mães]!!! Vocês também??? Quem AMA ser mãe???” Vemos, assim, que [(es)pera aí] atua de forma retroativo-propulsora (Tavares, 2003), de maneira que “direciona para frente, para a continuação do discurso, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois” (Tavares, 2003, p. 39).

Fonologicamente, destacamos que o bloco [(es)pera aí] é evidenciado pelos falantes ao pronunciarem-no como um único vocábulo fonológico, já que passa por uma erosão fonética (*espera aí > pera aí > peraí*), com particularidades de entonação e ritmo, como o acento tônico recaído no *í*.

Em relação às propriedades do sentido, observamos que, *semanticamente*, há um esvaziamento no sentido concreto de ficar parado em um lugar, mas compensado pelo ganho

¹¹ Fonte: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2018/05/gravida-leticia-santiago-mostra-barriga-minima-de-biquini.html>.

de sentidos adicionais em seu papel de MD, como (i) expor as avaliações do enunciador sobre determinada declaração já realizada por ele – exemplo (5) – e (ii) solicitar calma ao interlocutor para ouvir o que o enunciador tem a esclarecer, como em (6) a seguir:

- (6) “A prima de João, colocará mais lenha na fogueira, já que ela gosta do casal Patotinha Mágica. “Eu amei! E ainda salvou a Manu! Achei tão romântico!”, cravará a prima de João, deixando todos do recinto, completamente sem graça. Mas o radialista, tentará se livrar da saia justa com Moana. “Peraí, Moana... A Clarissa falou isso, porque...”, acrescentará o jovem, que será cortado por Moana. # “Não tô chateada por causa da Clarissa. Tô chateada porque você fica tão descompensado com essa garota que é capaz de arriscar sua própria vida”, finalizará Moana, nitidamente decepcionada com João Guerreiro.¹²

É notório que esses sentidos da microconstrução marcadora discursiva [(es)pera aí] advêm da semântica do verbo [espera] em seu valor refreador, e do locativo [aí], um advérbio pronominal dêitico que aponta para um lugar próximo ao ouvinte. Assim, ao usar o MD [(es)pera aí], o falante lança para o ouvinte uma atitude refreadora, como se o solicitasse a parar por um instante onde está, que não é tão próximo a esse falante, para ouvir suas ponderações. Desse modo, os falantes fazem uso do marcador [(es)pera aí] por compreender que ele fornece coerência ao texto, já que estabelece o sentido que se intenciona na comunicação.

Já nas propriedades *pragmáticas*, [(es)pera aí] apresenta-se como uma microconstrução (inter)subjativa, isto é, com maior envolvimento dos interlocutores; logo, atua em contextos de interrupção da fala do outro, também como estratégia de manter o turno de fala ou, além disso, de focalizar com um tom mais incisivo o assunto abordado. Desse modo, vemos que, de um lado, há a intenção subjetiva do falante de se fazer compreender pelo ouvinte, de convencê-lo de suas ideias e opiniões, seja interrompendo seu turno, seja falando em um tom mais enfático; de outro, há a cooperação do interlocutor, mostrando, de forma intersubjetiva, que está atento às declarações do falante e pronto para colaborar com a interação, trazendo, também, o seu ponto de vista. Notamos, então, os princípios de intencionalidade e aceitabilidade atuando nos contextos pragmáticos com [(es)pera aí], como em (6), em que Clarissa declara algo que acaba entristecendo Moana, e João Guerreiro, com [pera aí], volta-se à Moana de forma mais expressiva para lhe pedir calma porque ele tem uma explicação para a fala de Clarissa. Moana escuta João e lhe conta o real motivo de sua tristeza.

Em relação às propriedades *discursivo-funcionais*, notamos uma ocorrência de [(es)pera aí] em textos orais e escritos de maior informalidade. Os marcadores discursivos, de forma geral, não são bem aceitos em usos mais formais da língua; segundo Freitag (2007), são rotulados, por alguns autores, como “vícios de linguagem” não previstos nas gramáticas normativas; logo,

¹² Fonte: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/verao-90-apos-joao-salvar-a-vida-de-manu-moana-fica-com-ciumes-do-namorado>.

é de se esperar que o ambiente propício para [(es)pera aí] seja esse. Os textos escritos com [(es)pera aí] são, na verdade, a passagem para a escrita de algo já produzido oralmente em um contexto de interação mais relaxado, em que os interlocutores se encontravam à vontade com o discurso a ser produzido, como vimos nos exemplos anteriores e em (7) a seguir:

(7) Eu medito há um ano. Me sinto cansada semanalmente. O volume de trabalho é muito grande. Mas, *peraí!* Sou uma só. A gente não pode gastar tempo e energia com o que não vale a pena. É uma coisa que venho aprendendo com a maturidade. Aos 20 anos, eu estava ali, no auge dessa energia, mas com 40 não.¹³

Em nossos dados, em um total de 80 *tokens* analisados, 65 são usos como marcador discursivo e 33 emergem em sequências argumentativas como em (7). Notamos que, quando os interlocutores estão construindo um texto opinativo com [(es)pera aí], o encadeamento acontece por meio do domínio epistêmico (Sweetser, 1990), com o argumento pautado no próprio conhecimento do falante, do seu ponto de vista, como no exemplo anterior, em que a atriz Giovanna Antonelli opina que não se pode “gastar tempo e energia com o que não vale a pena” com base no que vem “aprendendo com a maturidade”. Desse modo, é possível concluir que, com [(es)pera aí], o falante consegue focalizar seu ponto de vista sobre a temática abordada, o qual virá em seguida; ou então, em determinados contextos de declarações divergentes, os ânimos podem se exaltar e é preciso, com [(es)pera aí], de forma incisiva, pedir calma ao interlocutor para que a comunicação nesse contexto argumentativo continue fluindo da melhor forma.

Ademais, vemos nos exemplos de [(es)pera aí] como se relacionam a situacionalidade e a informatividade às propriedades discursivo-funcionais. Sabemos que a situação de interlocução pauta a seleção das informações mais relevantes para que o texto atinja seu objetivo, e todo texto tem como objetivo trazer uma informação, levando em consideração, por exemplo, o grau de formalidade, as escolhas lexicais, a estruturação do discurso, o gênero discursivo. Em (7), por meio de um texto mais informal, a atriz Giovanna Antonelli opina sobre as escolhas que vem fazendo aos 40 anos em termos de qualidade de vida, e a meditação é uma delas. Trata-se de um trecho de uma entrevista com a atriz, na seção “TV e Lazer” do jornal Extra. Conforme exposto, [(es)pera aí] tem um sentido refreador e, por isso, quem faz uso desse marcador tem algum grau de intimidade ou alguma relação de autoridade com o interlocutor, como é o caso desse último exemplo. A atriz tem lugar de fala nessa seção de jornal, dirigindo-se ao seu público, que é justamente o público dessa seção de jornal. Vemos que Giovanna faz algumas declarações sobre o cansaço de seu trabalho e a meditação, e com [peraí] ela se dirige

¹³ Fonte: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/mae-de-tres-giovanna-antonelli-planeja-diminuir-ritmo-nao-vi-pietro-andar-pela-primeira-vez-22676380.html>.

enfaticamente ao seu interlocutor para trazer o ponto alto de sua argumentação, as informações que julga ser relevantes para seu público.

Buscamos mostrar, nesta subseção, a atuação da microconstrução marcadora discursiva [(es)pera aí] como um articulador de organização textual, pois opera, de forma interacional e orientando a interpretação, em contextos de abertura, intermediação ou finalização do turno de um tópico discursivo. Neste último caso, temos o exemplo (8) a seguir:

(8) Eu sempre fui acessível. Os outros é que me acham o difícil. Ainda hoje acontecem coisas que me deixam pasmado;; Eu sou um ser humano, *pera aí*, hein...;;, ressalta.¹⁴

Em (8), o articulador de organização textual [(es)pera aí], em seu sentido refreador direcionado ao ouvinte, atua na finalização do turno e do tópico, também assinalando um posicionamento do falante em uma sequência argumentativa, como é peculiar a este marcador discursivo.

Após apresentadas e discutidas as análises das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] em suas funções como articuladores textuais, passamos às nossas últimas ponderações.

Considerações finais

Neste artigo, descrevemos os padrões de uso das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] em seus usos como articuladores de relações lógico-semânticas, discursivo-argumentativas e de organização textual respectivamente. Entendemos que conjugar princípios da LFCU, especialmente no que diz respeito às propriedades da forma e do sentido, e da Linguística Textual, considerando as noções de conexão e articulação de textos, bem como de gêneros e tipos textuais, podemos fazer análises mais situadas e, por isso, mais refinadas.

As análises das três microconstruções sob essa perspectiva indicam que conexão deve ser entendida não só em sentido estrito mas também em sentido lato. No caso de [sendo assim] a articulação que promove se dá no nível sintático e macrossintático, tendo em vista que articula orações, períodos e parágrafos; [fora que] estabelece conexão no nível macrossintático, já que articula períodos intra e interparágrafos; por sua vez, [(es)pera aí] promove conexão em sentido lato, sendo encontrado em estruturas sintáticas menos rígidas, articulando, na reprodução escrita da fala, na escrita distensa ou com menor grau de formalidade, períodos, atuando no nível intermediário, portanto.

Quanto às funções semânticas e pragmático-discursivas, [sendo assim] apresenta valor de resultado em usos gradientes, que vão da consequência à conclusão; além disso, recupera

¹⁴ Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-arte/2018/09/11/interna_diversao_arte.705083/critico-de-cinema-bernardet-tem-a-trajetoria-revista-em-filme.shtml.

anaforicamente informações anteriores, contribuindo para a manutenção temática. Já [fora que] destaca-se como um operador argumentativo que, em uma escala de argumentos, adiciona aquele considerado o mais forte; tem função retropropulsora, promovendo continuidade e progressão textual. Por fim, [(es)pera aí] é um marcador discursivo interacional que, em uma atitude refreadora, remete à declaração anterior para dirigir-se ao interlocutor, expressando manifestações interpessoais ou até pessoais. As três microconstruções estão presentes em contextos com maior ou menor grau de (inter)subjetividade; portanto, com base em nossas análises, podemos postular usos gradientes entre elas: [sendo assim], quando articula predicções, no domínio do conteúdo, é a que apresenta menor grau de subjetividade; no entanto, quando conecta proposições, investe-se de forte subjetividade ou até mesmo intersubjetividade; [fora que], como recurso de focalização, introduz a escala mais alta de uma sequência de argumentos, sendo, na maioria das vezes, intersubjetiva; [(es)pera aí], por ser, das três, a que tem maior função interacional, mostra-se como a mais intersubjetiva de todas.

Ao finalizarmos este artigo, consideramos ter demonstrado alguns dos principais padrões funcionais de três microconstruções que atuam como elementos procedurais da gramática em seus contextos reais de uso.

Referências

BEAUGRANDE, R. A. de.; DRESSLER, W. **Einführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BYBEE J. L. Chunking and degrees of autonomy. In: **Language, Usage, and Cognition**. Cambridge, UK: CUP, 2010.

CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>.

CROFT, W. Radical Construction Grammar. **Syntactic Theory in Typological Perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. Grammaticalization and pragmaticalization. In: NARROG, H. ; HEINE, B. (eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Nova York: Oxford University Press, 2011. p. 450-461.

FREITAG, R. M. K. Marcadores Discursivos não são vícios de Linguagem. **Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura**, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2007.

JUBRAN, C. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN-SPINARDI, C. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil** – A construção do texto falado; vol. 1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 392–452.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdã: Johns Benjamins, 1988. p.181-225.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. H. de M. **A Gramática do Português revelada em textos**. São Paulo, Editora Unesp, 2018.

RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção do texto falado. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-481.

ROSÁRIO, I. da C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **Soletras**, v. 37, p. 83-102, 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/36318>.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. New York: Cambridge University Press, 1990.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de 'e', 'aí', 'daí' e 'então': estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista**. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect? In: TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (eds.). **Gradience, Gradualness and Grammaticalization**. Typological Studies in Language; n. 90. John Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, E. C. ; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Change**. Oxford University Press: Oxford, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do português falado**: Novos estudos. v. VII. Campinas: Editora da UNICAMP/Humanitas/ FAPESP, 1999. p. 77-130.

URBANO, H. Aspectos Basicamente Interacionais dos Marcadores Discursivos. In: NEVES, M. H. (org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, v. 7: Novos Estudos, 1999. p. 195–258.

URBANO, H. Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais. In: JUBRAN-SPINARDI, C. (org.). **Gramática do Português Culto falado no Brasil** - A construção do texto falado. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 453-481.

Sobre as autoras

Milena Torres de Aguiar

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9072-4093>

Graduada em Letras Português/Inglês pela UERJ/FFP; mestra e doutora em Estudos da Linguagem pela UFF. Atualmente é professora adjunta de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da UERJ/FFP.

Ana Cláudia Machado dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4739-5172>

Graduada em Letras (Português e Literaturas) pela UVA. Mestre em Língua Portuguesa pela UFF (2010). Doutora em Estudos de Linguagem, ênfase em Linguística, pela Universidade Federal Fluminense (UFF - 2015). Tem pós-doutorado em Educação Linguística pela UFF (2023). Atualmente é Professora Adjunta IIC de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFF.

Ana Beatriz Arena

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5284-553X>

Graduada em Letras (Português-Inglês e respectivas literaturas) pela UFRJ. É mestre e doutora em Estudos de Linguagem pela UFF. Atualmente, é professora adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Na mesma instituição, é docente permanente do Mestrado Profissional PROFLETRAS.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

O *chunk* [sei lá] em duas construções do português contemporâneo do Brasil

The *chunk* [sei lá] in two constructions of contemporary Brazilian Portuguese

Mariangela Rios de Oliveira¹
Cristian Matias do Nascimento Corrêa²

Resumo: Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Rosário e Oliveira (2016) e Rosário (2022), investigamos dois padrões construcionais que recrutam o *chunk* [sei lá] no português contemporâneo do Brasil: a construção marcadora discursiva (MD) [VLoc] e a construção de predicado nominal [(S) V_L (X) P]_{OPN}. A partir de levantamento empírico no *Corpus do Português* e no site X, pesquisamos 348 contextos em que ambos os padrões referidos são instanciados. Constatamos que [sei lá] como marcador discursivo tem a mais alta produtividade, com 312 registros, na expressão de sentido de atenuação, incerteza ou descomprometimento. Já como integrante da construção de predicado nominal, em somente 15 dados do site X, [sei lá] passa a atuar como atributo do sujeito, na expressão de estado emocional vago e incerto do locutor. Assumimos que o *chunk* [sei lá]_{MD} tem propriedades semântico-sintáticas que motivam, via analogização, nos termos de Bybee (2016 [2010]) e Trousdale (2021 [2013]), o esquema [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Constatamos ainda 21 contextos ambíguos, a meio caminho entre a marcação do discurso e a predicação nominal.

Palavras-chave: [Sei lá]. Linguística Funcional Centrada no Uso. Construção gramatical. Marcador discursivo. Predicado nominal.

Abstract: Based on Usage-Based Linguistics, as defined by Rosário (2022) and Rosário and Oliveira (2016), two constructional patterns that recruit the chunk [sei lá] in contemporary Brazilian Portuguese are investigated: the discourse marker construction (MD) [VLoc] and the nominal predicate construction [(S) V_L (X) P]_{OPN}. From an empirical survey in the *Corpus do Português* and on site X, we researched 348 contexts in which both referred patterns are instantiated. We found that [sei lá] as a discourse marker has the highest productivity, with 312 occurrences, expressing attenuation, uncertainty, or non-commitment. As part of the nominal predicate construction, in only 15 instances from site X, [sei lá] acts as an attribute of the subject, expressing the speaker's vague and uncertain emotional state. We assume that the chunk [sei lá]_{MD} has semantic-syntactic properties that motivate, through analogy, according to Bybee (2016 [2010]) and Traugott and Trousdale (2021 [2013]), the schema [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. We also found 21 ambiguous contexts, halfway between discourse marking and nominal predication.

Keywords: [Sei lá]. Usage-based linguistics. Grammatical construction. Discourse marker. Nominal predicate.

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: mariangelarios@id.uff.br.

² Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: cristiancorrea@id.uff.br.

Introdução

Neste artigo, investigamos contextos de instanciação de [sei lá] ilustradores de dois esquemas construcionais do português contemporâneo do Brasil. Trata-se de usos em que tal construção, na condição de um *chunk* (cf. Bybee, 2016 [2010]), se encontra altamente vinculada, em termos de conteúdo e de forma, na expressão de sentido geral negativo, indefinido ou pouco relevante.

Estamos nos referindo a dois padrões de uso como os seguintes:

(1) Mas ser assexual não é ser doente, assexualidade não é uma doença ou um problema físico; Mais estranhamente ainda... pode até ser... se você achar, quiser, ou pensar que é conveniente... pode dizer que sua assexualidade decorre de um problema de saúde... *sei lá*... coisas dos hormônios... Mas bem... isso não te torna doente, não é? Para toda e qualquer circunstância na qual você se identifica como assexual você não é doente... sua doença é indiferente ao seu "sentimento" assexual... (agora a assexualidade deixa de ser "orientação sexual" e passa a ser um estado de espírito ou uma construção psicológica. Se você realmente é doente... então você não deve ser assexual... vá em um médico... procure se tratar... (CdP).³

(2) tô tão *sei lá* ultimamente (site X, @giosantf. Publicado em: 5/02/2024).

Como podemos observar, em (1), a cena comunicativa gira em torno da argumentação de um internauta acerca da assexualidade. Ele discorre sobre o tema a partir da declaração de que "ser assexual não é ser doente" e, na sequência do enunciado, faz uma retificação e diz que "pode até ser", demonstrando ponto de vista pouco definido. Nesse contexto de uso, *sei lá* marca o discurso como atenuação do que está sendo comentado, na proteção da face de quem faz a declaração. O caráter de certeza, mesmo que limitado, do verbo "saber" persiste na forma verbal "sei"; por sua vez, o pronome locativo "lá" acrescenta uma dimensão de distanciamento ou indefinição, sugerindo que a resposta para a questão em pauta não está imediatamente acessível ou definida. Trata-se da instanciação prototípica do marcador discursivo (MD) [sei lá], uma microconstrução⁴ do esquema mais virtual de marcação do discurso formado por verbo e pronome locativo, codificado como [VLoc]_{MD} e pesquisado mais especificamente em termos construcionais por Teixeira (2015).

No excerto (2), o internauta publica na rede social X como tem se sentido ultimamente. Prototipicamente, o predicado formado pelo verbo de ligação "estar" na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, reduzido para "tô" seguido do advérbio "tão", que cumpre papel de focalizador, tem a configuração de estrutura que, na posição seguinte, seria preenchida por adjetivo, como, por exemplo, *triste, feliz, alegre, chateada*, etc. Mas em seu

³ Disponível em: <http://a2forum.forumeiros.com/t33p15-ola-cheguei-e-mais-alguns-caracteres-para-completar-o-minimo-exigido>.

⁴ Construção totalmente especificada em seus elementos constitutivos, o nível mais elementar de uma construção.

lugar é instanciado o *chunk* [sei lá], que, nesse contexto específico, cumpre função atributiva, na expressão de incerteza acerca do estado emocional ou psicológico do locutor, modalizando epistemicamente seu discurso (Neves, 2000, p.190). Em (2), temos [sei lá] atuando em um esquema de predicação nominal, ocupando a subparte predicativa do referido esquema, no papel de atributo do sujeito, tal como um adjetivo, conforme a seguinte codificação: [(S) V_L (X) P]_{OPN}⁵.

Nosso objetivo geral é levantar e investigar os dois padrões de uso de [sei lá] como ilustrados em (1) e (2), na detecção da produtividade e das propriedades construcionais destes construtos⁶ no português contemporâneo do Brasil. Partimos da hipótese de que o *chunk* [sei lá] constitui uma microconstrução do esquema geral [VLoc] de marcação do discurso e que, por conta de seus traços semântico-sintáticos, é recrutado para preencher a subparte predicativa na construção [(S) V_L (X) P]_{OPN} via analogização⁷, nos termos de Bybee (2016). Nesse sentido, assumimos que [sei lá]_{MD} é uma microconstrução mais produtiva e mais convencionalizada em relação a [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}.

Para dar suporte às análises, nos fundamentamos no aparato teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Tal viés analítico alia aos pressupostos funcionalistas da vertente norte-americana a abordagem construcional da gramática, de viés cognitivista, na linha de Traugott e Trousdale (2021 [2013]), Hilpert (2014) e Bybee (2016 [2010]), por exemplo. No Brasil, essa base teórica se encontra em Rosário e Oliveira (2016), Rosário (2022) e Oliveira e Lopes (2023), entre outros. Em termos metodológicos, adotamos o método misto (Cunha Lacerda, 2016), já clássico na pesquisa em LFCU, que alia o tratamento qualitativo dos dados, fundado na análise interpretativa dos contextos de uso, ao tratamento quantitativo, voltado para a investigação da produtividade e da frequência de tais usos. Selecionamos como base empírica a versão *web/dialetos* do *Corpus do Português*⁸ (CdP), na qual levantamos 148 dados, e a rede social *X*⁹, antigo *Twitter*, para a seleção de 200 dados, totalizando 348 exemplares analisados.

Dividimos este artigo em três seções mais amplas. Na primeira, nos dedicamos às duas subpartes que formam o *chunk* [sei lá] – o verbo “saber” e o advérbio locativo “lá”, suas propriedades semânticas e morfossintáticas. Na segunda seção, trazemos os fundamentos teóricos da LFCU que alicerçam a pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados. A terceira seção se volta para a análise quali quantitativa dos dados coletados como

⁵ [(S) V_L (X) P]_{OPN}: Esquema abstrato da oração de predicado nominal, em que (S) é o sujeito, que pode ou não ser preenchido; V_L, o verbo de ligação; (X), uma subparte que pode ser ou não preenchida; P, o predicativo.

⁶ Termo usado na referência a uma instância de uso construcional, o *token* empiricamente atestado.

⁷ Processo cognitivo pelo qual novos enunciados são produzidos a partir de esquemas já disponíveis na língua, nos termos de Bybee (2016 [2010]).

⁸ www.corpusdoportugues.org.

⁹ www.twitter.com.

instanciações dos esquemas mais amplos [VLoc]_{MD} e [(S) V_L (X) P]_{OPN}. Por fim, tecemos nossas considerações finais e as referências bibliográficas em que nos pautamos.

O verbo *saber* e o locativo *lá* no português

A etimologia do verbo *saber* remonta ao latim *sapere*, que originalmente significava "ter gosto, sabor" e, posteriormente, desenvolveu metaforicamente o significado de "ter conhecimento, compreender". Esse verbo é derivado da raiz indo-europeia *sap-/sab-, que está associada a ideias de percepção, discernimento e conhecimento.

Nascentes (1955), em sua obra "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa", assim declara:

SABER' — Do lat. *sapere*; esp. *saber*, it. *sapere*, fr. *savoir*. "Saber propriamente significa *ter gosto* e ainda aos corpos que têm essa propriedade chamamos *sápidos*, mas, como para isso se poder apreciar, é condição indispensável repetir a ação muitas vezes, daí veio sem dúvida o *sapere* substituir na boca do povo romano o *scire* dos literatos". (Nuncs, Digressões Lexicológicas, 117). Cír. Sabor, Saborear, Saboroso (Nascentes, 1955, p.452).

É no campo da percepção lógica, e não mais gustativa, que *saber* é basicamente usado no português contemporâneo. O verbo desempenha principalmente o papel de *expressar conhecimento por parte do falante*, o que o classifica como um verbo de cognição. No entanto, é importante observar que essa não é sua única função. Ao consultar as definições fornecidas pelo *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa Online*¹⁰, podemos identificar, por exemplo, distintas acepções, tais como: conhecer, ser ou estar informado, ter conhecimento geral ou específico, estar convencido, ter certeza, pressentir, ter capacidade ou possibilidade, ter habilidade, ser capaz de conseguir, guardar na memória, julgar, envidar esforços, ter prudência e sensatez, entre outros de sentido abstrato.

Alguns desses significados servem como base para a definição de outros usos do verbo *saber* na língua. Dentre tais valores, alguns são reconhecidos e foram identificados por Kapp-Barboza (2017): *saber* cognitivo, *saber* modal facultativo, *saber* modal epistêmico, *saber* evidencial de domínio comum e o *saber* marcador discursivo. Em termos gerais, como podemos observar na proposta clássica de Sheibman (2000), *saber* é prototipicamente um verbo cognitivo, integrante do mesmo grupo semântico de *pensar* e *lembrar*, como apresentado no quadro a seguir:

¹⁰ https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3.

Quadro 1: Classificação do tipo semântico do verbo

Tipo de verbo	Descrição	Exemplo
Cognição	Atividade cognitiva	Saber, pensar, lembrar, decorar
Corporal	Gestos e interações corporais	Comer, beber, dormir, fumar
Existencial	Existência, acontecimento	Ser, estar, ter, acontecer
Sentimento	Emoção, desejo	Querer, desejar, sentir, necessitar
Material	Feitos e acontecimentos, concretos, abstratos	Fazer, ir, ensinar, trabalhar, usar, brincar
Percepção	Percepção, atenção	Olhar, ver, ouvir, encontrar
Possessivo/relacional	Posse (x tem/possui y)	Ter, possuir
Relacional	Processo de ser (x é y)	Ser, ser como, tornar-se
Verbal	<i>Dicendi</i>	Dizer, falar, perguntar

Fonte: Sheibman (2000, p.67).

Tavares e Freitag (2010) também procedem a uma classificação verbal baseada em traços semântico-pragmáticos e chegam ao resultado de 15 categorias: momento, atividade específica, *dicendi*, atividade difusa, instância, estímulo mental, evento transitório intencional, evento transitório não intencional, processo, experimentação mental, atenuação, relacional, sensação corporal, existência e estado. Na categoria de “atenuação”, fazem a seguinte descrição: “distanciamento ou suavização da opinião, *achar, pensar*.” (Tavares, Freitag, 2010, p.108). Ou seja, com base na declaração das autoras, os verbos de atenuação (que são do mesmo campo semântico que *saber*) atuam em prol da modalização epistêmica. Neves (2000) também classifica *saber* como verbo cognitivo e o situa na categoria de verbos modalizadores.

Quanto à classificação referente à atitude do falante na situação do discurso, Souza (2007) afirma que o verbo *saber*, na expressão da modalidade epistêmica ou da cognição, pertence ao subgrupo dos factivos, que tomam o fato expresso na oração completiva como verdadeiro, independentemente de a oração estar na afirmativa ou negativa, com exceção das orações completivas introduzidas pela conjunção *se*. Nesses casos, o complemento de *saber* representa proposições referentes a fatos possíveis que não são verdadeiros nem falsos, como no fragmento a seguir, extraído do CdP:

- (3) O que acaba comigo é essa mania de não ter autocontrole, essa mania de ser sensível demais. E você se aproveitou da minha sensibilidade, se aproveitou do fato de, por livre descuido, eu ter me encantado por você ou *sei lá o que* foi que realmente aconteceu entre a gente. Se é que ‘aconteceu’ alguma coisa. Hoje eu tenho medo de dizer que te amei. (CdP, disponível em: <http://ahoradevirarborboleta.blogspot.com/2013/02/para-o-carinha-do-ano-passado-e-o-que.html>)

Em (3), é possível observar que o locutor avalia o conteúdo de seu enunciado como duvidoso, ou seja, não tem certeza do que realmente aconteceu entre os envolvidos. Na oração seguinte, introduz a dúvida a partir da afirmação “se é que aconteceu alguma coisa”. Trata-se de sua crença e avaliação, independentemente se verdadeira ou falsa, positiva ou negativa.

Com relação ao pronome locativo *lá*, este deriva do latim *illāc*, que por sua vez é formado pela combinação do pronome demonstrativo *ille* (aquele) com o sufixo locativo *-ac*, indicando um lugar distante. No latim, *illāc* era usado para se referir a um lugar remoto, e, ao longo do tempo, essa forma evoluiu para o português como *lá*, mantendo seu sentido de indicar um local distante em relação ao falante (Cunha, 2010).

Nos compêndios gramaticais tradicionais, *lá* é frequentemente classificado como advérbio de lugar, indicando localização mais distante. Segundo Rocha Lima (1977), *lá* é um advérbio que denota *longinquidade* em relação ao falante, e Bechara (2001) o refere como sendo de extrema mobilidade semântica e funcional.

Camara Jr. (2011, p.123) cita o locativo *lá* ao mencionar que “nossa língua tem também um sistema de locativos, ou seja, de demonstrativos em função adverbial”, referindo-se aos pronomes demonstrativos *aqui*, *aí* e *ali*. O autor destaca ainda que alguns advérbios podem ter uso conectivo e chama a atenção para diretrizes e rumos de pesquisa no tratamento dessa função relacional.

Segundo Oliveira (2018):

Mesmo nos estudos mais recentes sobre a língua portuguesa no Brasil, tais como os de Ilari et al. (1990), Neves (2000; 2002), Castilho, (2010) e Bagno (2011), a categoria adverbial é caracterizada como uma classe pouco nítida, de contornos difusos, integrada por membros muito distintos, incapazes de compartilhar maior conjunto de traços (Oliveira, 2018, p.115-116).

Ainda conforme a autora, a imprecisão categorial, característica dos advérbios, é mais acentuada no caso de *lá*:

Trata-se, prototipicamente, de um advérbio não-predicativo (Ilari et al, 1990) e não-modificador (Neves, 2000). Como marcas adicionais da subclasse dos locativos, que confirmam sua marginalidade característica em relação aos demais advérbios, citam-se a natureza pronominal e a foricidade de que se reveste. *Lá* constitui uma proforma que, na perspectiva construcional assumida pela LFCU, atua como afixoide, como subparte mais periférica de esquemas complexos (Oliveira, 2018, p. 116).

De acordo com Batoréo (2000), além de representar distância, o termo *lá* também carrega propriedades de *granulidade vasta*, uma vez que se refere a um espaço genérico, não especificado e vago, característica que o diferencia, por exemplo, do locativo *ali*.

Acreditamos que tanto a noção de distância em relação ao espaço em que se situam os interlocutores quanto a granulidade vasta constituem elementos motivadores para o emprego de *lá* nos padrões construcionais aqui analisados, bem como em outros do português. Uma série de pesquisas na linha da LFCU vem atestando o uso de *lá* em distintos esquemas do português, com base em seu sentido de distanciamento e genericidade, como em “um negócio lá” (Aguiar, 2015), “vamos lá” (Teixeira, 2015), “lá vem” (Rocha, 2016), “espera lá” (Rosa, 2019), “para lá de bacana” (Paula, 2021), “olhe lá” (Sambrana, 2021) e “quero lá” (Lemos, 2022), por exemplo.

Pressupostos teórico-metodológicos

A LFCU, conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016) e Rosário (2022), entre outros, resulta da junção dos pressupostos teóricos do Funcionalismo clássico, de vertente norte-americana, e da Linguística Cognitiva, com particular interesse na Gramática de Construções (GC). Segundo Rosário (2022, p. 98): “As contribuições da GC são tão importantes para os nossos trabalhos que, atualmente, dizemos que a LFCU adota uma abordagem construcional da gramática”.

Desse modo, a união das referidas correntes, que culmina na LFCU, integra de vez a pragmática, a semântica e o componente formal em suas análises, destacando a íntima relação entre a estrutura linguística e os usos efetivos que os falantes fazem em situações reais de comunicação, ou seja, em contextos de uso. Desse modo, compreendemos que a LFCU trata o fenômeno linguístico como produto e processo da interação humana, reconhecendo a dinâmica e a complexidade inerentes à comunicação linguística.

Consideramos, portanto, que a perspectiva da LFCU constitui uma abordagem teórica que oferece contribuição relevante para a análise dos nossos objetos de estudo, quais sejam as instâncias de uso das construções $[sei\ lá]_{MD}$ e $[(S) V_L (X) sei\ lá_{adj}]_{OPN}$. Nesse sentido, além de propriedades estruturais, levamos em conta fatores de natureza pragmático-discursiva e cognitiva em nossa análise.

Na LFCU, a língua é entendida como um inventário de construções, definidas estas, segundo Goldberg (1995; 2006), como pareamentos convencionalizados de forma e conteúdo¹¹. Traugott e Trousdale (2021 [2013]) também conceituam a construção como unidade convencionalizada. A proposta dos autores, inspirada em Croft (2001), postula que a construção, como unidade básica da língua, tem dois polos: forma (F) e conteúdo (C). No polo F, estão SIN(taxe), MORFO(logia) e FONO(logia). Já o polo C é integrado por DIS(curso),

¹¹ Estamos adotando o termo geral *conteúdo*, conforme propõem Rosa e Oliveira (2020), no lugar de outros rótulos que também são usados na literatura da área, como *sentido*, *função* ou *significado*.

SEM(ântica) e PRAG(mática). Abaixo, a representação dos autores para seu modelo de construção:

Esquema 1: Representação da construção

[[Forma]] ↔ [[Conteúdo]]

Fonte: Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 36).

No Esquema 1, a flecha de dois lados representa o elo de correspondência simbólica entre o eixo da forma e o eixo do conteúdo de uma construção. Já os colchetes externos se referem à convencionalização da unidade como pareamento.

Construções podem ser caracterizadas a partir de diferentes dimensões. Traugott e Trousdale (2021 [2013]) definem três, com três componentes em cada uma, que variam em tamanho, grau de especificidade fonológica e conceptualização. Podemos compreender melhor a partir do quadro adaptado para o português por Rosário e Oliveira (2016, p.240):

Quadro 2: Dimensões das construções

Tamanho	Atômica <i>café, -s (plural)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (plural), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p. 240).

De acordo com o Quadro 2, em relação ao *tamanho*, que diz respeito à constituição morfossintática, as construções podem ser atômicas, complexas ou intermediárias. As atômicas são monomorfêmicas, como o exemplo da palavra *café*. As complexas são formadas por *chunks* analisáveis (Bybee, 2016 [2010]), como $[sei\ lá]_{MD}$ e $[(S)\ V_L\ (X)\ sei\ lá_{adj}]_{OPN}$.

Os traços substantivo, esquemático e intermediário, da dimensão de *especificidade fonológica*, dizem respeito ao grau de preenchimento de uma construção. Esta pode ser completamente especificada, como $[sei\ lá]_{MD}$; completamente esquemática, como $[VLoc]_{MD}$, que é o nível mais esquemático da construção por nós investigada, ou como o padrão oracional do português [SVO], composto por sujeito, verbo e objeto; e intermediária, como [(S)

$V_L(X)$ sei lá_{adj}]_{OPN}, por exemplo, em que temos três *slots*¹² e uma parte final preenchida.

Por fim, a dimensão de *conceptualização* diz respeito aos polos do léxico (conteudista) e da gramática (procedural). Levando em conta nossos objetos de pesquisa, podemos dizer que tanto [sei lá]_{MD} quanto [(S) $V_L(X)$ sei lá_{adj}]_{OPN} são construções procedurais, dado que se situam no polo gramatical, com a construção MD em estágio mais avançado, uma vez que atua no nível pragmático, fora do eixo sintático.

Em termos cognitivos, conforme Bybee (2016 [2010]), destacamos três processos de domínio geral que impactam mais diretamente os padrões de uso de “sei lá” no português contemporâneo. O primeiro deles é a *categorização*, referente ao grau de similaridade ou identidade entre constituintes linguísticos, que se relaciona também com a categorização prototípica assumida pelos estudos funcionalistas. Nesse sentido, constatamos que nossos objetos de pesquisa se situam em duas classes distintas do português: a dos MD, como ilustrado em (1), e a dos adjetivos atributivos, como em (2). O segundo processo que destacamos é o *chunking*, segundo o qual termos constantemente usados em sequência tendem à forte vinculação semântico-sintática, na constituição de uma só unidade de forma e conteúdo, tal como ocorre com “sei lá” na língua. O terceiro processo é a *analogização*, fundado na premissa de que novas formas de dizer são criadas, via de regra, com base em padrões já convencionalizados. Assim, por exemplo, podemos considerar, de acordo com Teixeira (2015), que o MD [sei lá] é um *type* específico do esquema geral [VLoc]_{MD}, levantado em fontes do português pela primeira vez no século XVI por intermédio do MD [vem cá]. De outra parte, o uso adjetivo do *chunk* “sei lá” em [(S) $V_L(X)$ sei lá_{adj}]_{OPN} decorre do fato de preencher uma subparte predicativa na construção oracional convencionalizada na língua [(S) $V_L(X)$ P]_{OPN}.

Em relação aos procedimentos de coleta dos 348 dados para análise, no CdP, operamos da seguinte maneira: digitamos “sei lá” no campo de busca disponível e em seguida clicamos em *pesquisar*. O resultado da busca prontamente demonstrou a alta produtividade *token* do objeto de pesquisa, nos fornecendo precisamente 18.277 instâncias de *sei lá* em menos de um segundo. Porém, com vistas a uma análise qualiquantitativa, selecionamos os 200 primeiros dados para investigação. Constatamos algumas ocorrências repetidas de diferentes portais, o que nos levou ao descarte desses excertos, o que redundou em 148 contextos de uso para análise.

Em relação ao site X, a busca foi bem mais dinâmica. Trata-se uma rede social muito volátil, em constante uso, com os dados atualizando-se a cada minuto, de modo que traçamos um período de busca determinado para maior rigor metodológico. Para a realização da busca, inserimos a palavra-chave “sei lá” entre aspas no campo *buscar*, no canto superior direito da

¹² Termo que nomeia uma parte aberta da construção, codificada com maiúscula, que pode ser ocupada por elementos distintos. Quanto mais *slots* tiver um padrão construcional, mais esquemático ele é.

página inicial. Colocamos a palavra-chave entre aspas para que o algoritmo nos entregasse apenas a expressão justaposta, sem permitir elementos intervenientes ou, eventualmente, perfis que tivessem os elementos da palavra-chave em seu *nickname*. Para maior acuracidade, no canto superior direito, no item *Localização*, selecionamos a opção “perto de você”, a fim de que fossem levantados dados do português brasileiro. Estabelecemos o recorte do dia 13 de setembro de 2023 ao dia 28 de fevereiro de 2024, o qual se mostrou prazo suficiente para nosso levantamento de 200 ocorrências.

[Sei lá]: da marcação do discurso à predicação nominal

Esta seção se inicia pela análise das instanciações de [sei lá]_{MD}, que se configura como o padrão mais produtivo no conjunto dos 348 dados investigados. A seguir, apresentamos instanciações da construção [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, de menor frequência e somente levantada no site X. Por fim, trazemos um pequeno conjunto de dados de contextos *críticos*, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), nos quais se registram ambiguidades múltiplas que dificultam categorização mais precisa. Ao longo dos comentários qualitativos, trazemos informes quantitativos, que se voltam para a produtividade dos padrões pesquisados.

[sei lá]_{MD}

A construção MD corresponde a 95,41% dos dados, o que representa 312 instanciações levantadas. Os 148 dados coletados no CdP constituem instâncias desse padrão construcional.

Partimos das quatro propriedades dos MD estabelecidas por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) para classificar [sei lá]_{MD}: formato invariável, independência sintática, distinção prosódica e função metatextual, voltada para a negociação de sentidos discursivos entre os interlocutores. Trata-se de usos como (4):

- (4) Percebi que tive uma vida muito mais intensa do que pensava e que já fiz muitas coisas diferentes umas das outras. A minha vida não teve um cara só, mudei muito e experimentei várias possibilidades. Assim como você, acredito que devemos aprender com os acontecimentos e encarar os obstáculos dessa forma (ou tento, *sei lá!*). (CdP).¹³

Em (4), constatamos o uso de *sei lá* marcando o discurso em tom de atenuação. A locutora discorre sobre o que já fez na vida, suas vivências e experiências em geral. Seu conselho parece ser sobre relacionamentos, pelo fato de mencionar que sua vida “não teve um cara só”. Ela encerra a declaração com o uso de “sei lá” como MD em uma estrutura parentética. Constatamos que tal estratégia discursiva modaliza seu posicionamento.

¹³ Disponível em: <http://365ideiasparavivermelhor.blogspot.com/2012/09/67-escrever-um-resumo-da-minha-historia.html>.

Em (5), levantamos um dado com a mesma função, qual seja, de tom de atenuação, no *corpus* X:

(5) O significado disso aqui. Que bom que a Globo “impõe goela abaixo” do país e mostra isso. E que triste que tem gente que tenta comparar isso aqui com, *sei lá*, um show do Matuê. Com todo respeito ao Matuê. Nunca serão. Jamais serão.

Em resposta a:

Mães de Marielle e de outras vítimas da violência no Rio desfilam em carro da Portela <http://glo.bo/3SX3QvG> #g1 #carnavalnog1 (X, @fpcoliveira, publicado em: 12/02/2024)

O contexto dessa instanciiação é o desfile de carnaval de 2024 do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro. Marinete Silva, mãe de Marielle Franco, desfilou na avenida pela Portela e carregou consigo a frase “Marielle Vive”. O internauta, que provavelmente estava vendo o desfile, fez o registro em sua rede social. Em tom opinativo, @fpcoliveira aparenta estar satisfeito com o desfile das escolas por conta desse cunho político e o compara com o show do Matuê, reprovado pelo internauta. Contudo, levando em consideração que a publicação foi no X, rede social marcada por discussões, e por estar comentando sobre um artista nacionalmente conhecido como o Matuê, que só no Instagram conta com mais de 10 milhões de seguidores, ao tecer sua opinião sobre o assunto, o locutor marca seu discurso com tom atenuador. Também podemos perceber essas marcas em “com todo o respeito”.

Já no dado (6) observamos distinções em relação aos papéis discursivo-pragmáticos do MD [sei lá]:

(6) Boa noite, hoje resolvi procurar sobre esse assunto que não sabia que existia essa encoprese, tenho uma filha de 7 anos e ela tem feito 2 a 3 vezes cocô na calcinha, antes ela fazia 1 vez, deu uma parada um tempo e depois voltou parece pior, às vezes qdo vai na casa de coleguinhas bem perto de casa ou até mesmo dentro de casa ela faz, em essa noite passada ela acordou no meio da noite para se lavar porque fez um pouco de cocô na roupa, antes achava que era preguiça dela ou *sei lá*, agora estou ficando mais preocupada do que nunca e nem sei mais o que fazer, já conversei, já coloquei de castigo, já até bati achando que era preguiça dela... (CdP).¹⁴

Nesse excerto, temos um exemplo em que “sei lá” exprime incerteza. Trata-se de um comentário veiculado no blogue de uma psicóloga. A mãe, que faz o comentário, diz-se preocupada com a situação da filha sobre uma possível encoprese. A cena comunicativa é moldada por incertezas, que podemos constatar através das expressões “não sabia que existia”, “antes achava”, “nem sei mais o que fazer”, além das inúmeras tentativas de fazer a

¹⁴ Disponível em: <http://adrianaribessipsicologia.blogspot.com/2009/03/encoprese-caracteriza-se-pela-repetida.html>.

filha parar de sujar a calcinha: “já conversei, já coloquei de castigo, já até bati”. E é nesse contexto que “sei lá” é usado, na expressão do estado de incerteza da mãe sobre o que mais fazer.

Na rede social X, encontramos usos similares, como o seguinte:

(7) o Bronson Reed vai ficar de fora do PPV em plena Austrália? WOW, não esperava isso. devem arrumar algum lugar pra ele, singles com o Sami talvez? *sei lá*, achei que fosse vencer hoje (X, @FelipeOfTheYear, publicado em: 12/02/2024.)

Em (7), o tom de incerteza não se expressa somente pelo MD “sei lá”, mas é contextualmente construído através de outras estratégias discursivas. Na declaração do locutor, podemos encontrar marcas de dúvida e incerteza, como as perguntas e o uso da interjeição de surpresa “WOW”, ao descobrir que Bronson Reed ficaria de fora do PPV na Austrália. Há também marcas de modalização epistêmica, como *talvez* e *achei*. Assim, nesse contexto, o MD “*sei lá*” concorre para a expressão da incerteza e da falta de clareza que @FelipeOfTheYear tem sobre o tópico comentado.

Outro sentido contextualmente expresso por [sei lá]_{MD} é o de descompromisso. Encontramos mais dados desse tipo de uso no site X do que no CdP. Acreditamos que tal diferença reside nas propriedades pragmático-discursivas de cada uma dessas fontes. O *Corpus do Português: web/ dialetos* é composto, de maneira geral, por textos veiculados em blogues, sejam publicações, sejam comentários. Por esse motivo, quem está publicando ou comentando, via de regra, tem interesse no assunto/tema do portal. O perfil do X é diferente. Nessa rede social, os internautas, via de regra, fazem declarações mais descontraídas e menos monitoradas. Trata-se de um tipo de ambiente virtual em que não costumam assumir maior responsabilidade ou compromisso sobre o que falam ou publicam. Outro ponto a ser levado em consideração é o campo destinado à resposta para a seguinte pergunta: “o que está acontecendo?”. O usuário pode interpretar tal pergunta como uma indagação direta e responder descontraidamente, como em (8):

(8) *sei lá*, sabe ? tô ficando biruta (X, @julenha_021, publicado em 12/02/2024).

Ou como no fragmento (9):

(9) Eu acho essa Mariana de Renascer uma personagem tão ruim kkkkkkkk *sei lá* falta uma construção pro público comprar essa espécie de vingança dela, queria que o remake tivesse feito uma coisa sobre tudo que aconteceu pelo ponto de vista dela (X, @danieldilaurent, publicado em: 09/02/2024).

Em (9), o internauta comenta acerca da personagem Mariana, da novela *Renascer*, interpretada por Theresa Fonseca. Ele considera que faltam elementos para maior simpatia do público em relação a essa personagem. Após a marcação de riso “kkkkkkkk” e antes de dar sua opinião, o internauta faz uso de “sei lá”. Identificamos que, nesse contexto, o MD atua em prol da descontração e do descomprometimento com o que está sendo dito, quase que um: “não liga para o que eu estou falando”. Ressaltamos que, em boa parte dos usos instanciados pelo MD “sei lá” no *site X*, constatamos a estratégia de proteção de face dos (inter)locutores.

Dos 200 contextos de uso levantados no *site X*, 164 ilustram instanciações de [sei lá]_{MD}, o que atesta a expressiva produtividade dessa construção em relação a [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Trata-se de praticamente 92% dos dados, o que se aproxima dos 100% dos contextos de “sei lá” MD no CdP.

[(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}

Esse padrão de uso é atestado em somente 15 dados do total de 200 coletados no *site X*. O X é caracterizado por textos curtos (até por conta da obrigatoriedade e limitação do número de 140 caracteres) e diretos. Trata-se de um ambiente discursivo menos monitorado e mais livre, que se aproxima do formato das interações na língua falada. Com esse perfil, o X motiva usos linguísticos inovadores, que refletem as necessidades comunicativas mais imediatas dos usuários, na busca por expressividade e convencimento.

Estamos nos referindo a usos como (10):

- (10) Hoje eu estou absolutamente *sei lá* Sabe quando você tá *sei lá*? Não sabe explicar e só está? Tô assim... meio *sei lá* (X, @Kiteluiamaza, publicado em: 28/03/2024)

O dado (10) ilustra três instanciações de [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, nos termos aqui assumidos. Na primeira, constatamos que @Kiteluiamaza escreve claramente, sem abreviações como em outros exemplos, e até mesmo com a presença do pronome pessoal – o que marca a estrutura – “eu estou absolutamente *sei lá*”. Nesse caso, *sei lá* cumpre a função sintática de predicativo do sujeito, denotando o estado emocional em que se encontra o sujeito da oração. Assumimos que, em tais usos, é atribuído a “*sei lá*” a semântica de algo que não pode ser referido no português a partir dos membros do paradigma de adjetivos mais prototípicos e que represente o sentimento do locutor no momento em que faz a publicação. Na segunda instanciação, o locutor instancia [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN} em forma de pergunta, mantendo a mesma codificação estrutural. Na terceira, o locutor reforça mais ainda seu estado emocional, atenuando um pouco sua expressão por conta da anteposição de *meio* a “*sei lá*”.

A seguir, trazemos a postagem correspondente a (10), tal como publicada no X:

Figura 1: Imagem do fragmento (10) no site X



Fonte: X, @Kiteluiamaza.

Como podemos observar na Figura 1, outra usuária comenta que se sente da mesma maneira no momento, isto é, “se sente *sei lá*”. Como constatamos pela Figura 1, @Kiteluiamaza responde @JKultemberg com um emoji, não triste, mas também não feliz. Nos 15 dados levantados no X desse padrão de uso, todas as instanciações têm carga semântica negativa, na expressão de indecisão, incerteza ou mesmo melancolia, um sentimento que não se sabe ao certo.

Tal jogo interativo pode ser abordado à luz da *inferência sugerida ou convidada*, nos termos de Traugott e Dasher (2002). De acordo com os autores, expressões intersubjetivas são manifestações de convites que locutores fazem a interlocutores em meio a interações. A inferência sugere “uma espécie de acordo tácito, no plano interacional, em que os interlocutores negociam sentidos e crenças, em nível de maior abstração, para além do plano momentâneo interacional” (Oliveira, 2018, p. 115).

É o que constatamos também no dado a seguir, em que posposto ao MD [*sei lá*] se encontra o MD *sabe*, que atua como um tipo de chamamento ao interlocutor para a partilha do estado emocional do locutor:

(11) Tô tão *sei lá* sabe, um pouco triste (X; @GFSRDS. Publicado em: 11/02/2024).

Declaramos anteriormente que, em usos como MD, podem ser atribuídas a [*sei lá*] marcas pragmáticas que representam, discursivamente, vagueza, indefinição ou negação,

entre outras. Constatamos também que [sei lá] é uma unidade única de forma e conteúdo, altamente vinculada em suas subpartes, de modo que elas são lidas como um só bloco de informação. Assim, postulamos que o falante, que já tem em seu conhecimento linguístico a construção MD [sei lá], mais produtiva e de uso generalizado na língua, encontra nesse pareamento o termo ótimo para expressar o que sente na construção de predicado nominal [(S) V_L (X) P]_{OPN} via analogização. Nesse sentido, o *chunk* [sei lá] é recrutado para preencher o *slot* P, a subparte final atributiva da construção de predicado nominal, passando a assumir, por consequência dessa analogização, traços de adjetivo.

Contextos críticos do *chunk* “sei lá”

No site X, dos 200 dados levantados, 21 deles, correspondentes a 10% do geral, são considerados contextos permeados por ambiguidades semântico-sintáticas. Nesses fragmentos, [sei lá] fica a meio caminho de uma função MD e de um papel atributivo, como adjetivo. De acordo com Dieward e Smirnova (2012), tais contextos constituem etapas de mudança linguística previstas rumo à possível convencionalização de uma nova construção na língua. São usos situados em posição marginal e meio indistintos em termos paradigmáticos.

Ressalvamos que, ainda que a pesquisa aqui apresentada assuma perspectiva sincrônica, conforme Bybee (2016 [2010]), podemos considerar que tais contextos, hipoteticamente tomados como etapas de mudança que convencionalizaram [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, são evidências da gradiência exibida no português contemporâneo. Segundo Rosário e Lopes (2023), os contextos críticos levantados em nossa pesquisa podem ser tratados a partir do viés da *construcionalidade*, pressuposto formulado pelos autores para dar conta de relações sincrônicas entre construções de modo que se possa postular que uma é fonte para outra na trajetória da língua. Estamos nos referindo a contextos como os seguintes:

- (12) Tô *sei lá* quantos dias esperando, preparada (X, @pqsimika, publicado em: 13/02/2024).
- (13) Esse carnaval tá tão, *sei lá né*. (X, @Crissmottaa, publicado em: 10/02/2024).

Em (12), é possível observarmos distintos níveis de integração sintática entre *sei lá* e o restante do enunciado. Constatamos marcas de dúvida, incerteza e modalização – que parecem serem intrínsecas a “sei lá”, porém não o consideramos ainda uma instanciação de [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. O predicativo do sujeito, neste caso, é “preparada”, e “sei lá quantos dias” parece ser um parentético de circunstanciação temporal. Semanticamente, podemos destacar sentido negativo, de modo que “sei lá”, em (12), se aproxima do sentido de “não sei”. Em termos sintáticos, “quantos dias” é complemento de “sei”, de modo que “sei lá quantos

dias” parece ser um *chunk* de outro tipo de pareamento, pertencente ao padrão parcialmente esquemático [sei lá (det) X], o que reforça a ambiguidade semântico-sintática do dado em análise, destacando sua criticidade. Temos ainda em (12) a possibilidade de relacionar “tô” a “esperando”, o que demonstra a ambiguidade semântico-sintática que marca esse fragmento.

Já em (13) a criticidade contextual é atestada pelo relativo desgarramento de “sei lá” do enunciado, com pouca contribuição para o valor de verdade da proposição. Em um primeiro momento, o uso do intensificador “tão”, precedido pelo verbo “estar” em sua forma reduzida “tá”, sem predicativo, faz pensar que estamos diante do uso de predicador nominal. No entanto, a vírgula antes de “sei lá” o separa da oração anterior, de tal modo que “tá” surge sem complemento, de maneira vaga e imprecisa, o que destaca a ambiguidade múltipla desse contexto.

Considerações finais

Neste artigo, nos debruçamos sobre dois padrões construcionais instanciados no português contemporâneo do Brasil a partir do *chunk* [sei lá]: [sei lá]_{MD} e [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Verificamos que se trata de esquemas procedurais e complexos, sendo o primeiro de maior produtividade na língua.

Com base na LFCU, classificamos e analisamos tais padrões a partir de dois *corpora*: o CdP, com o levantamento de 148 dados, e o site X, com 200 dados. Constatamos a maior frequência de instâncias de [sei lá]_{MD} em ambas as fontes: na totalidade de dados do CdP e em 164 dados do site X. Nesses usos, o traço cognitivo do verbo *saber* e o sentido de distanciamento e vagueza do locativo *lá* concorrem para a convencionalização de um pareamento que marca o discurso com efeitos pragmático-discursivos de atenuação, incerteza e descompromisso, entre outros.

Com relação à construção [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}, constatamos que se trata de um padrão bem menos frequente na língua, com 15 registros no site X. Assumimos, com base em Rosário e Lopes (2023), na perspectiva da construcionalidade, que esse padrão resulta de um processo de analogização, por intermédio do qual o *slot* P do esquema [(S) V_L (X) P]_{OPN} é preenchido pelo *chunk* [sei lá]. Assim codificado, [sei lá] atua como predicativo, expressando o estado emocional indefinido ou vago do locutor. O fato de esse padrão ter sido levantado somente no site X pode ser motivado pelas propriedades das interações nesse ambiente virtual, marcado por informalidade, rapidez e volatilidade.

Detectamos ainda, entre os 348 dados, 21 contextos críticos, caracterizados por ambiguidades semântico-sintáticas que não nos permitiram classificação mais precisa. Trata-se de usos difusos, em que ambiguidades múltiplas, ao nível do sentido e da forma, concorrem para distintas possibilidades interpretativas. Com base na LFCU, podemos hipotetizar que tais contextos se encontram em rota de mudança linguística rumo ao esquema

[(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Esses estágios críticos são registrados no português contemporâneo e se constituem em mais uma evidência da gradiência da língua (Bybee 2019 [2010]).

Os resultados aqui apresentados abrem caminho para novas investigações, como, por exemplo, para a investigação histórica de nosso objeto de pesquisa, que poderá atestar se propriedades construcionais de [sei lá]_{MD} motivaram, de fato, a analogização de [(S) V_L (X) sei lá_{adj}]_{OPN}. Essa tarefa está na ampla e desafiadora agenda de pesquisas da LFCU, junto a outros empreendimentos investigativos em prol da proposição da rede construcional da língua em termos mais gerais.

Referências

- AGUIAR, M. T. **A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português**. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- CUNHA LACERDA, P. F. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. esp., p. 83-10, 2016.
- DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. "Paradigmatic integration": the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. et al. (eds.). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.
- FURTADO DA CUNHA, M.; BISPO, E.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B; KALTENBOCK, G; KUTEVA, T. **On the rise of discourse markers**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

KAPP-BARBOZA, A. M. M. **Usos do verbo Saber e a expressão da evidencialidade no português brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto, 2017.

LEMONS, B. R. **Instanciação de [(eu) quero lá V_{inf}]**: uma análise funcional no português contemporâneo. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. v. 2. Rio de Janeiro, 1955.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

OLIVEIRA, M. R. O afixoide lá em construções do português – perspectivização espacial e (inter)subjetificação. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 14, n 1, p. 109-129, 2018.

OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (org.). **Funcionalismo linguístico**: interfaces. São Paulo: Pontes, 2023.

PAULA, V. B. **A construcionalização de grau intensivo [[p(a)ra lá de] [X]] no português**. 2021. 136 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

ROCHA, R. A. **O esquema LocV_{connect}**: mudanças construcionais e construcionalização. 2016. 124 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSA, F. S. L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa**: uma análise cognitivo-funcional. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ROSA, F. S. L.; OLIVEIRA, M. R. “Alto lá”: a construcionalização de um marcador discursivo na língua portuguesa. **Work. Pap. Linguíst.**, v. 21, n. 1, p. 17-42, 2020.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**. Niterói: Eduff, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: Edufro, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

SAMBRANA, V. R. M. **Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português**. 2021. 166 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90.

SOUZA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por “se”**. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K.; Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista Linguística**, v. 6, n. 1, p. 103-119, 2010.

TEIXEIRA, A. C. **A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem – Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

Sobre os autores

Mariangela Rios de Oliveira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>

Possui graduação em Letras Português Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981), mestrado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993). Tem pós-doutorado na Universidade Aberta (Lisboa). É professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. É docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF e foi professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ/ Faculdade de Formação de Professores, de 2019 a 2021, e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFOP, no ano de 2023. É bolsista PQ 1B do CNPq e Cientista do Nosso Estado pela Faperj.

Cristian Matias do Nascimento Corrêa

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5616-4085>

Formado em Letras (Português-Espanhol) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) com bolsa de estudos fomentada pela CAPES e membro do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (DG-UFF).

Recebido em jun. 2024.

Aceito em nov. 2024.

Brilhando de tão feliz: propriedades formais e semânticas da construção graduadora de causa-efeito com intensificador

Brilhando de tão feliz: formal and semantic properties of the cause-effect degree construction with an intensifier

Edvaldo Balduino Bispo¹

Tiago Caian²

Resumo: Focalizamos, neste artigo, aspectos formais e funcionais, particularmente semânticos, de uma estratégia de intensificação calcada na relação causa-efeito. Trata-se da construção graduadora de causa-efeito com intensificador (CGCEI), a qual licencia expressões como *suado de tanto estudar*, *brilhando de tão feliz* e *babando de tanta fofura*. Objetivamos caracterizar, em termos morfossintáticos, essa construção, considerando suas subpartes componentes, e discutir propriedades semânticas relacionadas às suas instâncias de uso. Fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso, conforme Furtado da Cunha e Bispo (2013, 2023) e Rosário e Oliveira (2016). Em termos metodológicos, desenvolvemos uma pesquisa quali-quantitativa, de viés descritivo-interpretativista. O material empírico utilizado consiste de 444 ocorrências extraídas do Corpus do Português Now (Davies, 2018). Como resultados, constatamos que a CGCEI é composta por um elemento fixo (a preposição DE) e três subpartes não especificadas (*slots* X, Y, Z). Para o preenchimento desses *slots*, são recrutadas diferentes categorias morfossintáticas: sintagmas adjetival e verbal (para X e Z), sintagma nominal (para Z), advérbio e pronome (para Y). Aferimos oito combinações distintas de preenchimento. Em termos semânticos, verificamos que são intensificados referentes abstratos, eventos e atributos/estados/características. Também verificamos a existência de *continuum* de transparência/opacidade e a atuação da iconicidade nos usos da CGCEI.

Palavras-chave: Graduação. Intensificação. Construção. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Abstract: In this paper, we focus on formal and functional aspects, particularly semantic aspects, of an intensification strategy based on the cause-effect relationship. This is the cause-effect degree construction with an intensifier (CGCEI), which licenses expressions such as *suado de tanto estudar* (sweating from studying so hard), *brilhando de tão feliz* (glowing with happiness) and *babando de tanta fofura* (drooling over cuteness). We aim to characterize this construction in morphosyntactic terms, considering its component subparts, and to discuss semantic properties related to its instances of use. Our theoretical support is the Usage-based Functional Linguistics, according to Furtado da Cunha and Bispo (2013, 2023) and Rosário and Oliveira (2016). In methodological terms, we carried out qualitative-quantitative research with a descriptive-interpretative bias. The empirical material used consists of 444 tokens from the Corpus of Portuguese Now (Davies, 2018). The results show that the CGCEI is composed of a fixed element (the preposition DE) and three unspecified subparts (*slots* X, Y, Z). Different morphosyntactic categories are recruited to fill these slots: adjectival and verbal phrases (for X and Z), nominal phrase (for Z), adverb and pronoun (for Y). We found eight different combinations of fillers. In semantic terms, we found that abstract referents, events and attributes/states/characteristics are intensified. We also verified the existence of a continuum of transparency/opacity and the operation of iconicity in the uses of CGCEI.

Keywords: Graduation. Intensification. Construction. Usage-based Functional Linguistics.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: edbbispo@gmail.com.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Santa Cruz, RN, Brasil. Endereço eletrônico: tiagocaian1@gmail.com.

Introdução

Conforme Silva (2008; 2014), o grau é uma categoria semântico-cognitiva e discursivo-pragmática fundada em experiências individuais (físicas e/ou afetivas) e socioculturais. Na conceitualização do grau, são escalonadas, de forma ascendente ou descendente, noções relativas a conceitos referenciais, atributos, eventos e estados de coisas em geral, os quais são tomados, de algum modo, como sujeitos a esse escalonamento. A intensificação, um subtipo semântico do grau, diz respeito “ao incremento semântico aplicado a um(a) determinado(a) conteúdo/noção para além de sua concepção normal ou já graduada” (Silva, 2014, p. 26).

Circunscrito nesse panorama conceitual, este artigo ocupa-se da análise de uma estratégia de graduação intensiva assentada na relação de causa-efeito. Particularmente, em sua expressão, o elemento que codifica o efeito precede o que veicula a causa. Vejamos os trechos a seguir, nos quais ilustramos o fenômeno aqui investigado:

(1) Tintas de má qualidade na Avenida João XXIII, pisos rachados na Rua Professor Moraes, ciclovias entre o Faixa Azul e a pista de veículos nas ruas Fernandes Tourinho e São Paulo. Na Avenida João XXIII, no Bairro Alípio de Melo, limite entre as regiões Noroeste e Pampulha, a ciclofaixa de 1,6 quilômetro mal foi inaugurada e apresenta defeito na pintura. Os trechos tingidos de vermelho indicam áreas de intercessão com outros veículos, passagens de pedestres ou pontos que exigem maior atenção, como bocas de lobo. **Brilhante de tão nova**, a camada de tinta está toda estufada e descolando do asfalto. Além disso, boa camada acabou dentro da boca de lobo. Os irmãos Geraldo e Clélio Figueiredo, de 59 e 42 anos, moram em frente à via e acreditam que foi usado material de má qualidade.” (CdP – NOW)³.

(2) Beto comemora liberdade ao lado de Luzia e da família # Em 'Segundo Sol', o músico vibra após sair da cadeia: “Estou **explodindo de tanta alegria**” (CdP – NOW).⁴

O excerto em (1) é parte de uma reportagem de 2012 que discute defeitos e problemas em ciclovias de Belo Horizonte, pouco tempo depois de instaladas, devido ao uso de material de má qualidade. Para destacar que a obra era recente, à época, a repórter faz uso da expressão *brilhante de tão nova*, referindo-se à tinta vermelha utilizada na sinalização da ciclovia. Nesse contexto, o conteúdo veiculado pelo adjetivo *nova* é intensificado pelo advérbio *tão* e reforçado por *brilhante*, o qual expressa um resultado, uma consequência potencializada da ideia contida em *nova*.

No trecho em (2), um informe sobre o capítulo de uma novela (Segundo Sol), o redator insere um comentário atribuído a uma personagem, a qual manifesta grande alegria. A

³ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/12/03/interna_gerais.333939/apesar-de-novas-ciclovias-de-bh-ja-apresentam-defeitos-e-problemas-na-pista.shtml.

⁴ Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/vem-por-ai/noticia/betocomemora-liberdade-ao-lado-de-luzia-e-da-familia.ghtml>.

grandiosidade desse sentimento é indicada por *explodindo de tanta alegria*. Nesse dado, o conteúdo veiculado por *alegria* é encarecido pelo quantificador *tanta* e reforçado pelo estado resultante, codificado pelo verbo *explodir*.

Como é possível observar, nas duas situações, a intensificação de um determinado conteúdo se dá por meio da relação causa-efeito ou, mais precisamente, efeito-causa. Em (1), indica-se que a camada de tinta é tão nova (causa) que se torna brilhante (efeito), ou seja, o aspecto recente/novo da tinta seria tamanho a ponto de fazê-la reluzir/brilhar. No caso de (2), de modo similar, a personagem indica sentir uma alegria potencializada (causa) que a leva à explosão (consequência).

Acompanhando Assis Silva (2024), assumimos que essas ocorrências instanciam um padrão construcional graduador, calcado na relação causa-efeito, com uso de elemento intensificador (*tão* e *tanta*, no caso de (1) e (2)). À semelhança de Assis Silva (2024), nós a denominamos construção graduadora de causa-efeito com intensificador (doravante, CGCEI).

Nossa investigação dialoga com o estudo de Silva e Bispo (2021), que analisaram qualitativamente instâncias de dois padrões construcionais intensivos. O primeiro deles, [X_{EFEITO} DE Adv Y_{CAUSA}], sanciona expressões como *vomitando de tão enjoado* e *esgotado de tanto gemer*. O segundo padrão, mais econômico, dada a ausência do elemento adverbial, [X_{EFEITO} DE Y_{CAUSA}], licencia agrupamentos do tipo *morto de fome* e *cansado de gritar*. Nosso objeto se conforma, pois, ao primeiro padrão. Diferentemente dos autores, procedemos a um trabalho qualitativo com suporte quantitativo e refinamos o olhar para o elemento intensificador que integra a construção. Nessa direção, representamos formalmente o padrão construcional objeto desta pesquisa como [X_{EFEITO} DE Y_{INTENSIFICADOR} Z_{CAUSA}]_{GRAD}. Posteriormente, detalhamos essa esquematização.

Este empreendimento apresenta dois objetivos básicos. O primeiro deles é caracterizar, do ponto de vista formal, particularmente morfossintático, a construção sob análise, em termos de suas subpartes componentes e das categorias recrutadas para o preenchimento dos *slots*⁵. O segundo consiste em discutir aspectos semânticos relacionados às instâncias de uso dessa construção.

O artigo estrutura-se em seis seções, sendo esta introdução a primeira delas. Na segunda, caracterizamos o aparato teórico que dá suporte às nossas discussões. Na seção seguinte, apresentamos os aspectos metodológicos. A quarta e a quinta seções são dedicadas à análise dos dados, com foco nas propriedades formais e semânticas de nosso objeto de estudo, respectivamente. Na última seção, fazemos uma síntese dos achados da pesquisa.

⁵ *Slots* são posições abertas (não preenchidas) em um esquema construcional, geralmente identificados por incógnitas (X, Y e Z, por exemplo).

Suporte teórico

O aparato teórico aqui utilizado assume haver uma estreita relação entre a estrutura das línguas naturais e as funções (semânticas, cognitivas e interacionais) a que elas servem nas práticas sociais situadas. Trata-se da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente linguística que conjuga pressupostos da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva, além de contribuições do modelo teórico da Gramática de Construções, conforme caracterizam Furtado da Cunha e Bispo (2013, 2023) e Bispo e Lopes (2022). Segundo essa perspectiva teórica, a configuração morfossintática dos enunciados é circunstanciada por fatores de ordem cognitiva, comunicativa e cultural (Givón, 1984; Martelotta, 2011; Furtado da Cunha; Bispo, 2023). Nessa direção, a gramática de uma língua natural resulta da rotinização de práticas interacionais convencionizadas com base nas experiências humanas com a língua em situações efetivas de comunicação e consiste no conjunto de padrões regulares e de outros em processo de regularização, devido a pressões cognitivas e comunicativas (Bybee, 2010; Martelotta, 2011).

A LFCU compreende a língua como um objeto maleável, suscetível à variação e à mudança e moldado pelas pressões do uso. Isto é, para essa perspectiva teórica, a língua é um sistema adaptativo complexo (Bybee, 2010) na medida em que se molda às necessidades comunicativas dos falantes quando posta em uso nas mais diversas situações de comunicação em que nos engajamos. Da maleabilidade da língua decorrem a gradiência entre as categorias, associada à variação, e a gradualidade, ligada à mudança a que os sistemas linguísticos estão sujeitos.

Na perspectiva funcional-construcionista, a correlação entre expressão e conteúdo é também capturada por meio do conceito de *construção*: o pareamento de forma e função. Esse pareamento tem significado parcialmente independente dos itens que o constituem (Goldberg, 1995; Furtado da Cunha; Bispo, 2019). Trata-se de uma generalização com base em instâncias de uso da língua em ambiente sócio-histórico e cultural específico. É o caso, por exemplo, de $[X_{\text{EFEITO}} \text{ DE } Y_{\text{INTENSIFICADOR}} Z_{\text{CAUSA}}]_{\text{GRAD}}$, aqui focalizado.

As construções são, na ótica da Gramática de Construções, as unidades básicas da língua, e o nosso conhecimento linguístico pode ser compreendido como uma grande rede de construções inter-relacionadas, em variados graus de tamanho e de especificidade (Traugott; Trousdale, 2013). Segundo Croft (2001), a construção compreende duas dimensões, relacionadas por *link* simbólico: o polo formal, que implica propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; e o polo funcional, que envolve as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Esse pareamento é convencionizado no sentido de que é compreendido como um bloco, um todo de significado, e partilhado por uma comunidade de falantes. Esses falantes reconhecem a correlação entre determinados aspectos formais e as funções semânticas e/ou discursivo-pragmáticas correspondentes.

A relação forma-função constitui pedra de toque às investigações funcionalistas e é consubstanciada pelo princípio da iconicidade. Conforme Givón (1984) e Haiman (1985), a iconicidade é compreendida como a relação motivada entre forma e função. Evidências translinguísticas atestam que acréscimos de conteúdo semântico têm correspondência na expressão formal (Givón, 1995; Croft, 2001). Assim, por exemplo, formas derivadas, que veiculam mais conteúdo que as primitivas, são, via de regra, maiores do que estas (*dia* > *diarista*; *ajudar* > *ajudante*).

Segundo Givón (1984), a iconicidade pode ser compreendida em termos de três subprincípios: quantidade, integração/proximidade e ordenação. O subprincípio da quantidade relaciona o volume e a previsibilidade de informação à quantidade de forma para codificá-la. O da integração correlaciona a distância linear entre os elementos à distância conceptual entre as ideias por eles representadas, isto é, o que está cognitivamente próximo tende a ser codificado de maneira mais integrada. O subprincípio da ordenação linear estabelece que os constituintes se ordenam, no tempo e no espaço, conforme pressões cognitivas. A iconicidade é, portanto, estimulada por questões de clareza e transparência, de modo a reduzir a opacidade entre a forma linguística e seu correlato semântico e/ou pragmático. Esse princípio será mobilizado na discussão das instâncias da construção aqui focalizada como forma de verificar de que maneira a intensificação de conteúdos exibe maior ou menor transparência semântica.

Também recorreremos, para a análise das instâncias de uso da construção aqui investigada, à extensão semântica dos elementos recrutados para o preenchimento dos *slots* referidos. A extensão semântica se caracteriza pela expansão de significado de um termo, resultando em polissemia (Sweetser, 1990). Trata-se de um processo em que um elemento linguístico, num dado contexto de uso, adquire significado diferente do já existente. Segundo Traugott e Dasher (2002), esse novo sentido é negociado pelos parceiros na interação. Essa extensão semântica ocorre basicamente por metonímia e/ou metáfora, estando a primeira relacionada ao mapeamento semântico em um mesmo domínio conceitual e a segunda, a mapeamentos entre domínios distintos (Lakoff; Johnson, 1999). É o que se dá, por exemplo, com a expressão *tirar a barriga da miséria*, equivalente a “desfrutar bastante de algo depois de um longo tempo de privação”. Nesse caso, existe uma relação de causa-efeito em sequência: *miséria* associa-se à privação econômica, conduzindo à falta de (aquisição de) alimento, a qual, por sua vez, resulta em *fome*, daí a associação entre barriga vazia e miséria (Silva; Bispo, 2021). O sentido dos elementos que integram essa expressão (*tirar*, *barriga*, *miséria*) é estendido, adquirindo uma carga semântica (mais) abstrata, via contiguidade conceitual e mapeamento metafórico.

No exame da construção graduadora com intensificador, consideramos, do ponto de vista formal, propriedades morfossintáticas em termos de categorias que preenchem os *slots*

X, Y e Z, bem como especificidades a elas relacionadas. Da perspectiva funcional, levamos em conta fatores semânticos associados às instâncias de uso dessa construção. Nessa direção, mapeamos os conteúdos intensificados, as noções codificadas nos *slots* de causa e de efeito e os elementos intensificadores. Discutimos dois procedimentos de intensificação: um primário, por meio de item com carga intensiva; um secundário, que atua como reforço graduador.

Metodologia

Nesta seção, explicitamos os aspectos metodológicos deste estudo. Para isso, fazemos descrição da natureza da pesquisa, do tipo de raciocínio investigativo aplicado ao trabalho e dos procedimentos adotados para a coleta de instâncias de uso e para a análise dos dados propriamente dita.

Esta pesquisa é de natureza descritiva e explicativa (Silva, 2004; Marconi; Lakatos, 2010). Constitui-se assim, no primeiro caso, porque visa a caracterizar aspectos morfossintáticos e semânticos da construção focalizada; no segundo caso, porque esclarece as condições de uso do padrão construcional investigado. O estudo também pode ser definido como bibliográfico, já que descreve e explica o fenômeno graduador a partir de referencial teórico consolidado e de resultados de pesquisas prévias, os quais embasam a análise desenvolvida.

O raciocínio utilizado consiste na mescla entre dedução e indução, caracterizando o que Givón (1995) denomina método abdutivo. O viés dedutivo é evidenciado por considerarmos vertente teórica consolidada, com postulados, premissas e categorias analíticas consistentes e fortemente referendadas na empiria. O viés indutivo, por sua vez, deve-se ao fato de que as generalizações alcançadas a respeito da construção intensiva emergem da acurada observação de suas instâncias de uso particulares em contextos interacionais específicos.

Por nos basearmos em uma perspectiva funcional-construcionista de investigação, empreendemos uma pesquisa empírica, cuja amostra de dados consiste de usos linguísticos do português brasileiro (PB) contemporâneo. Haja vista a linha descritivo-explicativa que adotamos, estabelecemos uma análise qualitativa com suporte quantitativo, conforme preconizado pela LFCU (Furtado da Cunha; Bispo, 2013, 2023). O caráter qualitativo abarca o mapeamento detalhado das nuances formais e funcionais que forjam o objeto analisado. O suporte quantitativo, em seu turno, serve para identificar tendências mais ou menos produtivas de preenchimento morfossintático dos *slots* construcionais e de noções semânticas intensificadas pela construção intensiva analisada.

O material empírico para análise foi coletado no Corpus do Português (CdP) – amostra NOW (Davies, 2018)⁶. Esse *corpus* compreende um grande conjunto de dados totalizado por 1,1 bilhão de palavras, constantes em textos extraídos de páginas da internet, entre os anos de 2012 e 2019. O objetivo precípua do CdP – NOW é a análise de variação de dialetos, por isso é estruturado com dados linguísticos do português falado em regiões de Angola e de Moçambique, no Brasil e em Portugal. Para nossa pesquisa, consideramos apenas textos do português brasileiro contemporâneo.

Quanto à amostra deste estudo, sua circunscrição ocorreu, inicialmente, pela definição de padrões morfossintáticos potencialmente instanciadores da construção graduadora aqui focalizada, com diversidade formal quanto ao preenchimento dos *slots* X, Y, Z.⁷ Foram consideradas as seguintes possibilidades: *SV de tanto SN*, *SV de tanta SN*, *SV de tanto SV*, *SV de tão SA*, *SV de tanto SP*, *SV de tanto SAdv*, *SA de tanto SN*, *SA de tanta SN*, *SA de tanto SV*, *SA de tão SA*, *SA de tanto SP* e *SA de tanto SAdv*.⁸

A procura por esses padrões foi efetuada por meio de ferramenta de busca do CdP NOW. Essa ferramenta permite a identificação de sequências linguísticas relativamente complexas utilizando categorias morfológicas que ocupam o núcleo em sintagmas. No Quadro 1, a seguir, apresentamos a codificação utilizada, para varredura no *corpus*, na busca de cada padrão morfossintático.

Quadro 1 - Correspondência entre padrões construcionais procurados e sintaxe para busca de padrões no CdP – NOW

Padrão construcional procurado	Sintaxe correspondente para busca de padrões
SV de tanto SN	VERB de tanto NOUN
SV de tanta SN	VERB de tanta NOUN
SV de tanto SV	VERB de tanto VERB
SV de tão SA	VERB de tão ADJ
SV de tanto SAdv	VERB de tanto ADV
SV de tanto SP	VERB de tanto PREP
SA de tanto SN	ADJ de tanto NOUN
SA de tanta SN	ADJ de tanta NOUN
SA de tanto SV	ADJ de tanto VERB
SA de tão SA	ADJ de tão ADJ
SA de tanto SAdv	ADJ de tanto ADV
SA de tanto SP	ADJ de tanto PREP

⁶ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>.

⁷ A seleção dos potenciais padrões morfossintáticos, para busca no CdP – NOW, deu-se com base em elenco fornecido por Silva e Bispo (2021) e por Assis Silva (2024).

⁸ SA = Sintagma Adjetival; SN = Sintagma Nominal; SV = Sintagma Verbal; SAdv = Sintagma Adverbial.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Com a varredura pelos padrões elencados, apenas as sequências que comportam SAdv e SP no *slot* Z não foram encontradas. Assim, foram flagrados oito padrões morfossintáticos, conforme detalhamos na próxima seção.

Dada a enorme extensão do CdP – NOW, delimitamos o universo amostral das ocorrências para análise. Feito o levantamento dos padrões morfossintáticos potencialmente instanciadores da CGCEI no *corpus*, consideramos as 100 primeiras entradas de cada um desses padrões⁹. Esse procedimento levou ao total de 800 entradas que representam as configurações morfossintáticas referidas. Procedemos, em seguida, à verificação desses dados de modo a identificar os que efetivamente instanciam a construção aqui investigada. Assim, desse quantitativo, descartamos as entradas que, mesmo apresentando os padrões procurados, não representavam instâncias da CGCEI, pois não veiculavam noção intensiva, como é o caso de *CAPAZ DE TANTO É* (padrão *SA de tanto SV*), por exemplo. Após essa verificação, obtivemos o universo amostral de 444 instâncias de uso.

Após a identificação dos efetivos construtos da CGCEI, tabulamos as ocorrências, agrupando-as de acordo com o preenchimento dos *slots* e com as noções intensificadas. Para o primeiro caso, foi possível identificar padrões morfossintáticos que instanciam a construção examinada e especificidades das categorias que ocupam as posições X, Y e Z. Para o segundo caso, flagramos nuances atinentes à natureza semântica do conteúdo graduado e à gradiência entre transparência e opacidade, além da atuação de subprincípios de iconicidade.

Características formais da construção em estudo

Nesta seção, voltamos nossa atenção às subpartes que compõem a construção sob exame. Caracterizamos, de modo detido, a configuração formal, em termos morfossintáticos, de cada uma das partes componentes: o elemento que codifica a causa, o que expressa efeito, o item intensificador e o elemento fixo.

Do ponto de vista formal, a construção de que nos ocupamos apresenta três subpartes abertas (*slots*) e uma preenchida/fixa. As subpartes abertas correspondem a posições linguísticas a serem preenchidas, as quais admitem diferentes categorias morfossintáticas. O primeiro *slot* é ocupado por elemento veiculador de efeito, geralmente potencializado; o segundo, por advérbio ou pronome com carga intensificadora; o último é preenchido com elemento que codifica causa. A subparte fixa, por sua vez, corresponde à preposição *de*, a qual, nesse contexto, tem valor equivalente a “por causa de”. Considerando essa distribuição,

⁹ No CdP – NOW, a busca por padrão morfossintático mostra entradas (resultados linguísticos) que podem apresentar mais de uma ocorrência (*token*). Por exemplo: a codificação *ADJ de tanto VERB* pode exibir o resultado linguístico *CANSADO DE TANTO TRABALHAR* e este, por sua vez, pode apresentar mais de uma instância de uso no *corpus*.

a construção graduadora aqui examinada pode ser assim esquematizada: [X_{EFEITO} DE Y_{INTENSIFICADOR} Z_{CAUSA}]_{GRAD}. Nessa configuração, X, Y e Z correspondem aos *slots* referidos. As informações subscritas, internas aos colchetes, informam a relação semântica que as subpartes abertas veiculam, enquanto a subscrição final, externa aos colchetes, indica a natureza funcional da construção como um todo. Em termos morfossintáticos, os *slots* podem ser preenchidos com relativa diversidade de formas linguísticas. A seguir, veremos as particularidades de cada um deles, tomando por base, inicialmente, os modos de expressão do efeito (*slot* X) nas ocorrências de (3) a (5).

(3) A jovem preside uma comissão da escola que realiza uma atividade comunitária em uma ilha da região de Guaraqueçaba, no litoral paranaense. A região habitada por pescadores vive em condições precárias. "Fazemos eventos para arrecadar dinheiro. No dia 28 de fevereiro viajamos para lá, levamos enfermeiros e fizemos trabalhos com as crianças, falamos sobre reciclagem e ensinamos a fazer cestos de lixo com garrafas pet." # Quero emendar uma pós e depois voltar para o Brasil, trabalhar aqui. Quero ajudar a educação, apoiar alunos que queiram estudar fora, quero ajudar pessoas de alguma forma" #Taci Pereira, de 18 anos # "Tem uma hora que **canso de tanto trabalho**. Sempre fui muito ativa, mas o esporte me relaxa, acontece que nos últimos anos fiquei meio para baixo, mas quando recebi a carta de Harvard voltou tudo, senti que valeu muito a pena. [...] (CdP – NOW).¹⁰

(4) #Reynaldo Gianecchini celebra a chegada dos 45 anos neste domingo (12) e ganhou diversas homenagens dos amigos nas redes sociais. Entre eles, Marília Gabriela publicou um texto em seu perfil no Instagram para comemorar a data. # "Giane! Ele está em Portugal fazendo teatro. Essa foto foi feita na última vez em que estivemos juntos, tipo junho deste ano, quando eu é que estava no teatro. Gosto dele que me enrosco, como tem que ser com quem tanto amamos um dia. Hoje ele comemora seu aniversário e eu espero que esteja **brilhando de tão feliz**. Um beijo muito grande, baixinho. Feliz Ano Novo, querido meu. (CdP – NOW).¹¹

(5) Terça-feira (08) – Capítulo 109 de Carrossel # Jaime comenta com os amigos que vai fazer uma cola, pois não podia perder o jogo. Rafael entra no quarto de Jaime, que finge estudar. Rafael se sente orgulhoso, pois Jaime está **suado de tanto estudar**. Jaime prepara as colas para o teste de Olívia. Na sala de aula, a diretora chega com os testes que vai aplicar. Os alunos começam a fazer as provas. (CdP – NOW).¹²

Nesses excertos, podemos observar duas categorias distintas codificando o efeito: sintagma verbal (SV) em *canso de tanto trabalho* (3) e *brilhando de tão feliz* (4); sintagma adjetival (SA) em *suado de tanto estudar* (5). Nos casos em que o *slot* X é preenchido por SV,

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/04/harvard-admite-numero-recorde-de-estudantes-brasileiros-para-graduacao.html>.

¹¹ Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2017/11/reynaldo-gianecchini-faz-45-anos-ganha-homenagem-de-marilia-gabriela.html>.

¹² Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/carrossel-resumo-dos-capitulos-de-07-a-11-de-janeiro-de-2019>.

este pode vir representado por oração com verbo em forma finita (*canso*, em (3)) ou não finita (*brilhando*, em (4)), ou mesmo por complexo oracional, a exemplo do que se dá em (6), adiante.

- (6) Os proprietários são pessoas maravilhosas, descolados e estão sempre pesquisando pratos novos. O espaço é superconfortável e despojado. Quanto à comida, **não tenho palavras para descrever de tão deliciosa**. Acho que já provei todo cardápio e posso dizer que tudo é sensacional. (CdP – NOW).¹³

Nesse caso, o efeito resultante do conteúdo expresso por *tão deliciosa* é manifestado linguisticamente pelo complexo oracional *não tenho palavras para descrever*, na posição do *slot* X. Assim, embora esse *slot* seja ocupado por SV nas amostras em (3), (4) e (6), há especificidades formais atinentes ao núcleo e à complexidade desse sintagma. Também há particularidades quanto ao SA na posição X: em (1), *brilhante* nucleia um aposto; em (5), *suado* funciona sintaticamente como predicativo do sujeito, estando alocado num SV; já em (7), o SA *calejados* atua como adjunto adnominal de *dedos*, integrando um sintagma nominal (SN).

- (7) O fundo do poço veio quando teve de morar na rodoviária de Belo Horizonte, convivendo com as agruras das ruas. "Felizmente" foi resgatado por uma assistente social. # Depois conseguiu trabalhos e, enfim, foi aprovado no concurso da MGS. [...] "É muito bom (reconstruir minha vida). Me comparo ao Mad Max (personagem dos cinemas), quero até ver o filme novo dele", diz com um sorriso gasto, porém sincero. Ao fim da entrevista, a touca estava destruída, entrelaçada em seus dedos **calejados de tanto labor**. Curiosamente, a touca, ali, destroçada, era o completo oposto da nova vida de Silva, em processo pleno de reconstrução [...] (CdP – NOW).¹⁴

No que diz respeito ao *slot* Z, que veicula causa, também constatamos possibilidades diversas de preenchimento. Nas ocorrências em (1), (4) e (6), esse *slot* é ocupado por SA: *nova*, *feliz* e *deliciosa*, respectivamente; em (2), (3) e (7), foram recrutados os SN *alegria*, *trabalho* e *labor*, nessa ordem; por fim, no excerto em (5), o Z foi codificado por SV, no caso, *trabalhar*. Uma peculiaridade no preenchimento desse *slot* se dá quando ele é ocupado por SA ou SN: esses sintagmas possuem apenas o núcleo, adjetivo ou substantivo, respectivamente.

Relativamente ao elemento intensificador, posição Y, verificamos a possibilidade de preenchimento por duas categorias gramaticais: advérbio e pronome. As formas adverbiais recrutadas são *tão* e *tanto*, de valor intensivo, as quais incidem sobre o conteúdo veiculado

¹³ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/opiniao/colunistas/rede-social/noticia/2016/12/nora-teixeira-e-fernanda-pozzebon-dao-dicas-para-a-temporada-em-punta-del-este-8928884.html>.

¹⁴ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/sem-teto-venceu-concorr%C3%A2ncia-de-70-candidatos-por-vaga-e-passou-em-20-1.1046778>.

por SA e SV, respectivamente. É o que podemos observar em *brilhante de tão nova* (1), *brilhando de tão feliz* (4) e *não tenho palavras para expressar de tão deliciosa* (6), nos quais *tão* intensifica as noções expressas por *nova*, *feliz* e *deliciosa*; e em *suado de tanto estudar* (5) e *esgotados de tanto trabalhar* (8), construtos nos quais *tanto* incide sobre o conteúdo de *estudar* e *trabalhar*.

(8) Aliás, por que fazer uma HQ? Por que não foi direto para uma animação, como no seu teaser? # Semanas: Antes de começar o processo do livro, eu tinha acabado de participar de um projeto de episódio piloto para o projeto Anna Bee, juntamos um grupo de artistas em uma casa para tocar o piloto, passamos 6 meses trabalhando dia e noite para fazer 11 minutos de animação. No fim do processo eu e a equipe nos sentimos **esgotados de tanto trabalhar**. Foi daí que me veio uma vontade de explorar outros jeitos de contar histórias, algo que não precisasse de tanto investimento de grana, energia e equipe. (CdP – NOW).¹⁵

Os elementos pronominais utilizados, por sua vez, são *tanto* e *tanta*, de natureza quantificadora, os quais, por extensão metafórica, passam a veicular intensidade, incidindo sobre conteúdo expresso por SN. É o que se dá nas ocorrências *explodindo de tanta alegria* (2), *canso de tanto trabalho* (3), *calejados de tanto labor* (7) e *babando e tanta fofura* (9), nas quais o pronome gradua, de forma ascendente, as noções codificadas por *alegria* (2), *trabalho* (3), *labor* (7) e *fofura* (9).

(9) Gabriel, primeiro filho do casamento de Andressa Suíta com o cantor sertanejo Gustavo Lima, completa mais um mês de vida neste sábado (28). Por meio de seu perfil pessoal no Instagram, a mamãe de primeira viagem que decidiu expor momentos com o herdeiro em as redes sociais o parabenizou pelo "mesversário" com uma foto posada segurando o pequeno em seu colo. [...] #Não demorou para os seguidores de Andressa Suíta comentarem elogios para a mulher e filho de Gustavo Lima. "Que lindo esse Gabriel. Fico aqui **babando de tanta fofura**. Que linda família", escreveu uma admiradora do casal que curte junto momentos musicais com o primogênito." (CdP – NOW).¹⁶

Considerando os elementos que integram a construção aqui focalizada, bem como as várias possibilidades de preenchimento das subpartes não especificadas (X, Y e Z), sintetizamos, no Quadro 2, as diferentes combinações morfossintáticas aferidas. Tais combinações indiciam distintos *types* microconstrucionais licenciados¹⁷, conforme Silva e Bispo (2021) e Assis Silva (2024).

¹⁵ Disponível em: <https://www.omelete.com.br/quadrinhos/entrevistamos-daniel-semanas-criador-de-rolpoly-uma-homenagem-ao-k-pop>.

¹⁶ Disponível em: http://www.purepeople.com.br/noticia/andressa-suíta-celebra-4-meses-de-gabriel-seu-filho-com-gusttavo-lima-e-encanta-web-lindos_a200967/1.

¹⁷ Não discutiremos os padrões construcionais, pois não constitui objetivo deste artigo. Para mais informações, remetemos a Assis Silva (2024).

Quadro 2 - Distribuição quantitativa das ocorrências por padrão morfossintático

Padrão	SV de tanto SN	SV de tanta SN	SV de tanto SV	SV de tão SA	SA de tanto SN	SA de tanta SN	SA de tanto SV	SA de tão SA
<i>Token s</i>	17	66	69	27	52	57	106	50
Ex. de <i>type</i>	chorar de tanto desespero	gritar de tanta fofura	chorei de tanto rir	desbotando de tão antigas	molinha de tanto dengo	cansada de tanta corrupção	rouca de tanto cantar	doentio de tão bom

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

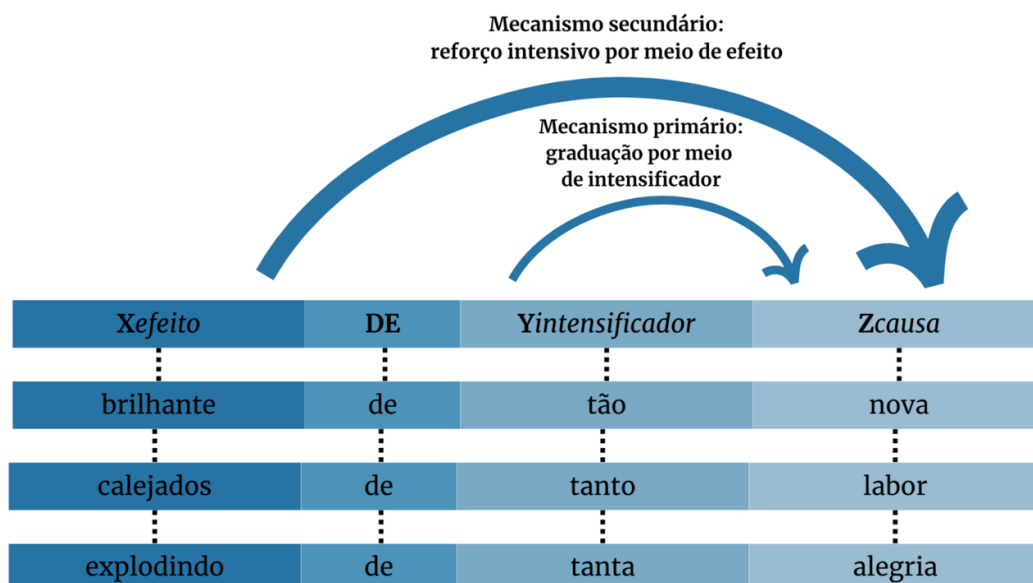
Como podemos observar no Quadro 2, há significativa variedade de padrões morfossintáticos decorrentes das distintas combinações dos elementos que ocupam os *slots* X, Y e Z. Essa variedade tem a ver com a natureza mais esquemática da construção graduadora aqui investigada, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Trata-se de uma construção minimamente preenchida, uma vez que há apenas um elemento fixo (a preposição DE) e três posições abertas.

Características semânticas da construção em foco

Nesta seção, descrevemos aspectos semânticos vinculados à CGCEI. Detidamente, explicitamos os mecanismos intensivos que operam na semântica dessa construção, apresentamos os tipos de noções conceituais intensificadas pelo esquema construcional e examinamos níveis de transparência e opacidade semânticas das instâncias de uso analisadas.

Conforme registrado em seções precedentes, a CGCEI corresponde a uma estratégia semântico-pragmática graduadora de determinados conteúdos, com efeito intensivo, baseada na relação de causa-efeito. Nessa relação, a causa sempre funciona como lócus da intensificação. A construção em foco tem sua função estabelecida a partir de dois mecanismos graduadores: um primário, que emerge da atuação de partícula intensificadora (forma pronominal ou adverbial); outro secundário, que surge do efeito, normalmente hiperbólico, resultante da causa graduada. Verificamos esse raciocínio, de modo ilustrativo, na Figura 1, com base nos construtos retomados dos excertos (1), (7) e (2), respectivamente.

Figura 1 – Mecanismos primário e secundário de graduação da CGCEI



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Na figura, visualizamos que a graduação primária decorre da partícula intensificadora no slot Y (*tão*, *tanto*, *tanta*), cuja semântica recai sobre a causa, no slot Z (*nova*, *labor*, *alegria*). Secundariamente, o efeito, codificado em X (*brilhante*, *calejados*, *explodindo*), normalmente hiperbólico, atua para reforço da graduação já estabelecida. A coordenação desses dois mecanismos garante potencial de maior expressividade do grau intensivo.

Conforme afirmamos, o grau intensivo sempre recai sobre o conteúdo correspondente à causa, situada em Z. Por meio da análise de instâncias de uso, constatamos que esse slot recruta três noções semânticas gerais como escopo da intensificação. Compreendem as noções de referente abstrato, evento e atributo/ característica/estado.

Nos dados a seguir, verificamos algumas ocorrências a partir das quais atestamos a intensificação das referidas noções semânticas.

(10) Seca acaba com produção de coco em Sousa e desemprego atinge 95%; produtor chora. O produtor que agora vive da aposentadoria chegou a **chorar de tanto desespero** ao ver 80% da plantação morta: "É muito triste". (CdP – NOW).¹⁸

(11) Hoje em dia, mesmo as pessoas mais livres de tarefas fixas precisam falar dos seus muitos compromissos e atribuições. A confissão do ócio aristocrático recebe críticas, a prática nem tanto. # Há pessoas realmente atarefadas. São aquelas que, se não cumprirem suas funções, colocam em risco seu sustento e o de muitas pessoas. Mesmo entre essas, existe uma ênfase na descrição do dia tomado porque estar sobrecarregado de trabalho soa bem. Vida profissional é o único suicídio

¹⁸ Disponível em: <http://www.diariodosertao.com.br/noticias/sertao/57809/seca-acaba-com-producao-de-coco-em-sousa-e-desemprego-atinge-95-produtor-chora.html>.

ético no Ocidente: "**Estou me matando de tanto trabalhar!**". (CdP – NOW).¹⁹

- (12) Olá Márcio. Cara, vou criticar e respeitar sua opinião, mas não vou concordar com o que vc escreveu. Comparar o feito de Vettel com o de Senna soa meio distoante. Tudo bem que ambos estavam em equipes fracas, mas independentemente de sermos brasileiros, não estou aqui pra defender um dos maiores pilotos da F1 e que nos representava, apenas pra expor minha opinião. Vamos aos fatos... Primeiro: pista. Monza chega a ser **chata de tão simples**. Principalmente se comparada com Mônaco que parece um corredor sem fim. Segundo: chuva meu amigo!!! Senna deu uma aula de como se pilotar naquelas condições. Saiu lá de trás, ultrapassando um por um - em Mônaco!!! (CdP – NOW).²⁰

No excerto em (10), temos uma manchete e um título auxiliar de notícia em que estão registrados impactos negativos advindos da seca no sertão. O dado revela perdas de plantio que resultam em crise empregatícia. Diante desse contexto, um agricultor mobiliza um construto representativo da CGCEI: *chorar de tanto desespero*, indicando seu intenso sentimento de angústia diante da experiência vivenciada. Nessa instância de uso, verificamos uma noção referencial abstrata (um sentimento), codificada em *desespero*, intensificada, de modo ascendente, por meio de dois recursos: (i) emprego da forma pronominal *tanto*; e (ii) efeito indexado em *chorar*, que funciona como reforço graduador. Outros casos de intensificação de referente abstrato estão nos construtos em (2), a noção codificada em *alegria*; em (3), o conteúdo indexado em *trabalho*; em (7), a noção expressa por *labor*; e em (9), o conceito atrelado a *fofura*.

O fragmento em (11) constitui trecho de um artigo de opinião em que o enunciador discute a exaltação que a sociedade ocidental faz às altas demandas profissionais em detrimento dos aspectos negativos que elas geram às pessoas. A crítica é tão forte que os exacerbados esforços ocupacionais chegam a ser representados, metaforicamente, como um *suicídio ético*. A fim de expandir essa noção metafórica, o enunciador utiliza o construto *Estou me matando de tanto trabalhar!*. Nessa instância de uso, o evento veiculado em *trabalhar* é intensificado, ascendentemente, por meio do advérbio *tanto*; também recebe reforço intensivo a partir do efeito hiperbólico e metafórico indexado no complexo oracional *estou me matando* (isto é, "estou me esforçando além do limite"). Outros exemplos de intensificação de evento são verificados nos dados (5) e (8), em que se gradua o conteúdo veiculado por *estudar* e *trabalhar*, respectivamente.

Em (12), temos um comentário de leitor a respeito da postagem em um *blog* cujo conteúdo consiste em comparar feitos de dois notáveis pilotos de Fórmula 1: o alemão Sebastian Vettel e o brasileiro Ayrton Senna. No comentário, o leitor contra-argumenta a ideia

¹⁹ Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/quando-termina-o-ano,70002125640>.

²⁰ Disponível em: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/216581+f1+primeira+vitória+de+vettel+completa+5+anos>.

de que Vettel se destacou mais do que Ayrton na carreira. Para isso, o autor do comentário elenca dois pontos argumentativos para comparação: a pista em que costumavam pilotar e a execução da pilotagem em condições chuvosas. Detidamente, o ponto de quem contrargumenta é: Ayrton pilotava em um circuito mais complexo e tinha a melhor desenvoltura para dirigir na chuva; portanto, era melhor do que Sebastian. Com vistas a defender o ponto da complexidade da pista, o enunciador utiliza o construto *chata de tão simples*, caracterizando o circuito de Monza, no qual Vettel constantemente competia. Essa instância tem o atributo codificado em *simples* intensificado pelo advérbio *tão*. Além disso, a gradação é reforçada pelo efeito indexado em *chata*. A intensificação da característica de simplicidade da pista – ainda mais com reforço advindo do sentido negativo ligado à forma adjetival *chata* – evidenciaria, assim, a inferioridade de Vettel em relação a Senna. Esse caso exemplar mostra a gradação de atributo pela CGCEI. Outras ocorrências com noção semântica semelhante intensificada são encontradas em (1), (4) e (6), em que temos, respectivamente, o encarecimento do conteúdo veiculado por *nova*, *feliz* e *deliciosa*.

Em continuidade à análise dos aspectos semânticos da CGCEI, identificamos que a atribuição de grau intensivo ancora-se em um espectro que vai da denotação/transparência à conotação/opacidade. Constatamos que as instâncias de uso mobilizam a relação de causa-efeito e podem codificar, por um lado, com literalidade, experiências biofísicas e socioculturais. Por outro lado, podem evocar essa relação a partir de um prisma figurado. Vejamos estes dois casos:

- (13) Mário Garcia era diretor musical da dupla que Oscar conheceu por meio da rádio chilena. "Na primeira vez que acompanhei o Mário e o Wally em um estúdio, o Antonio Carlos e Jocafr por coincidência estavam fazendo uma regravação justamente da música Você Abusou que eu tinha conhecido quando criança. Tive de ir pro corredor **chorar de tanta emoção**", rememora. (CdP – NOW).²¹

- (14) Fafá de Belém fala sobre a alegria de ser avó pela 2ª vez # A filha da cantora está esperando seu segundo filho do casamento com Cristiano Saab # Fafá de Belém parece estar **explodindo de tanta felicidade**, depois de descobrir que vai ser avó pela segunda vez. Ainda na última quinta-feira (23), a cantora compartilhou com seus seguidores do Instagram o texto que a filha, Mariana Belém, escreveu na rede social para anunciar a segunda gestação, ao lado da primogênita, Laura. (CdP – NOW).²²

²¹ Disponível em: <http://www.otaboanense.com.br/bossa-nova-cria-forca-na-voz-da-taboanense-de-julia-ferreira/>.

²² Disponível em: <http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/fafa-de-belem-fala-sobre-a-alegria-de-ser-avo-pela-2-vez/2015/07/24-244327.html>.

No excerto (13), temos a declaração de um diretor musical chamado Mário Garcia, que, ao lembrar um dia de acompanhamento de cantores em estúdio, ouviu uma música que remontava à infância. Diante disso, pôs-se a chorar, movido por grande sensação nostálgica. O construto que revela essa sensação intensificada é *chorar de tanta emoção*. Nesse caso, temos o referente abstrato codificado em *emoção* encarecido pela forma *tanta* e pelo reforço intensivo expresso em *chorar*. Por meio dessa instância de uso, verificamos que a relação de causa-efeito mobilizada se ancora na literalidade do significado linguístico em relação à experiência registrada, pois experimentar uma forte emoção, de fato, pode levar alguém às lágrimas. Logo, temos aí um exemplo de processo de intensificação, pela CGCEI, ancorada em semântica denotativa. É, pois, um dado que revela transparência semântica.

No fragmento (14), verificamos um trecho de notícia em que se relata a forte reação emotiva da cantora Fafá de Belém ao descobrir que seria avó de uma segunda neta. O jornalista registra o sentimento da artista por meio do construto *explodindo de tanta felicidade*. A análise dessa ocorrência aponta que a noção indexada em *felicidade* é graduada, primeiramente, pelo intensificador *tanta* e, em seguida, pelo efeito codificado em *explodindo*. Se considerarmos a natureza da relação de causa-efeito presente no construto, apreendemos que ela se conceptualiza em base hiperbólica e metafórica, já que, no mundo biofísico, experimentar felicidade intensa jamais poderá romper as barreiras corporais de um indivíduo, levando-o a uma explosão de fato. O construto, portanto, situa-se no polo de opacidade semântica, já que se ancora em relação de causa-efeito figurada.

Os construtos em (13) e em (14) são exemplos que atestam, respectivamente, duas extremidades de um espectro entre transparência e opacidade semânticas. Há, contudo, instâncias de uso que se encontram entre esses dois polos. São casos em que a relação de causa-efeito apresenta relativa correspondência com a experiência biofísica, concreta. Todavia, com vistas à expressividade, tais instâncias são elaboradas com termos de teor mais metafórico, no que se refere à codificação do efeito, envolvendo extensão semântica dos elementos linguísticos recrutados. É o que vemos no excerto a seguir.

- (15) Fernanda Souza recebeu visita do marido durante peça # No início deste mês, a atriz fez uma apresentação especial da peça "Meu Passado Não Me Condena". Toda a renda foi revertida para instituições de caridade. Na ocasião, intérprete da Mel da novela "A Regra do Jogo" vibrou com a casa lotada: "Foi incrível. Eu estou muito feliz. **Inebriada, bêbada de tanta alegria**". No palco, Fernanda trocou beijos com o marido. (CdP – NOW).²³

²³ Disponível em: http://www.purepeople.com.br/noticia/grazi-massafera-luciano-huck-e-outros-famosos-curtem-show-de-thiaquinho-no-rio_a91522/1.

O trecho em (15) registra fragmento de uma notícia que narra, brevemente, a visita que a atriz Fernanda Souza recebeu de seu então marido, enquanto ela atuava em uma peça teatral. A visita trouxe grande carga emocional para Fernanda, a ponto de deixá-la *inebriada, bêbada de tanta alegria*, segundo afirmou a atriz. Essa declaração representa um construto em que percebemos a intensificação do sentimento codificado em *alegria*, inicialmente pelo uso da forma pronominal *tanta* e, depois, por meio de reforço graduador codificado em *inebriada, bêbada* (efeitos da grande sensação afetiva experienciada). Nesse caso, podemos apontar que a relação de causa-efeito utilizada no processo graduador parte de relativa correspondência com a experiência concreta, haja vista que vivenciar intenso sentimento positivo pode levar um ser humano a um estado de êxtase físico-cognitivo. Contudo, não é o caso de estar, literalmente, inebriado/embriagado, já que tais estados apenas são desenvolvidos mediante o consumo de determinadas substâncias. Temos, assim, que o uso desses itens linguísticos, na codificação de efeito, envolve extensão de sentido, saindo de uma acepção lexical mais básica para um viés mais metafórico, conotativo, opaco. Exige do leitor capacidade inferencial para depreender que o efeito registrado, na verdade, corresponde a um estado de natural euforia. Implica, pois, uma negociação de sentidos entre os parceiros da interação: no caso em particular, a atriz Fernanda Souza mobiliza *inebriada, bêbada*, contando com essa capacidade inferencial de seus interlocutores. Também são deixadas pistas linguísticas para que a compreensão adequada se efetive, como é o caso das expressões *foi incrível* e *estou muito feliz*.

A análise dos dados permitiu-nos verificar que as ocorrências da CGCEI situam-se em um *continuum*, o qual vai de um polo mais denotativo, literal e transparente a outro polo mais conotativo, figurado e opaco. Controlamos, quantitativamente, essas ocorrências, considerando esse *continuum*. A Tabela 1 sintetiza os resultados.

Tabela 1: Distribuição de construtos da CGCEI no *continuum* entre transparência e opacidade semânticas

NÍVEIS DE TRANSPARÊNCIA SEMÂNTICA	Nº	%
+ transparente	158	35,6%
+/- transparente	100	22,5%
+ opaco	186	41,9%
TOTAL	444	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Conforme a Tabela 1, a maior parte dos construtos analisados tende à opacidade semântica (41,9%). No entanto, há uma quantidade significativa de construtos com relação

de causa-efeito mais transparentes (35,6%). As ocorrências com semântica relativamente opaca representam uma parcela menor do total (22,5%).

Sustentamos que a maior frequência de construtos com semântica mais opaca se deve ao importante papel que motivações discursivas têm na constituição da CGCEI. Especificamente, essa construção funciona como uma estratégia discursiva mobilizada para lograr maior expressividade por meio do encarecimento de um dado conteúdo com vistas ao alcance de determinados fins comunicativos. A obtenção dessa maior expressividade tende a se sustentar por meio da criatividade (Franchi, 1991), que, frequentemente, se fundamenta em sentidos mais metafóricos, figurados e opacos.

Também procedemos ao escrutínio da CGCEI à luz do princípio de iconicidade. Consideramos, particularmente, o subprincípio da quantidade e o da integração.

A construção graduadora de que nos ocupamos encarece determinados conceitos a partir de acréscimo semântico-pragmático que envolve nova conceptualização desses conceitos e maior expressividade comunicativa. O esquema que instancia a construção em estudo – $[X_{\text{EFEITO}} \text{ DE } Y_{\text{INTENSIFICADOR}} Z_{\text{CAUSA}}]_{\text{GRAD}}$ – evidencia que a esse acréscimo funcional corresponde o aumento de codificação: ao elemento que expressa o conteúdo a ser graduado (presente no *slot* Z) são somadas as formas que representam o intensificador (Y) e o efeito (X). Em termos mais precisos, o *slot* Y, preenchido por partícula intensificadora (pronome ou advérbio), representa a forma que incide, em primeira instância, sobre a noção codificada no *slot* Z, garantindo, desse modo, acréscimo semântico graduador. O *slot* X, em seu turno, indexa, em segunda instância, reforço intensivo e garante maior expressividade, potencializando a graduação já aplicada ao conteúdo de Z. Desse modo, conforme Givón (1984), quanto maior a quantidade de ideia a ser expressa, mais forma linguística é demandada.

No que se refere ao subprincípio da integração, prevê-se que conceitos cognitivamente próximos tendem a ser codificados juntos (Givón, 1984). Observamos a atuação desse subprincípio à CGCEI em termos da relação entre suas subpartes. Os elementos intensificadores, que figuram no *slot* Y, ocorrem contiguamente ao conteúdo alvo da intensificação, codificado em Z. Ou seja, há maior proximidade formal entre eles. Essa maior proximidade corresponde à maior integração no plano conceptual: os elementos intensificadores são responsáveis pela intensificação primária. O elemento que designa o efeito, que ocupa o *slot* X, encontra-se mais afastado, na cadeia morfossintática, do conteúdo intensificado, presente em Z. Esse distanciamento, no plano da forma, tem correspondência cognitiva e semântico-pragmática: o efeito graduador decorrente da noção expressa em X é secundariamente aplicado à ideia contida em Z, servindo de reforço à intensificação promovida por Y.

Considerações finais

Assentados em pressupostos da LFCU, procedemos à análise da construção graduadora de causa-efeito com uso de elemento intensificador, aqui abreviada por CGCEI. Examinamos propriedades formais dessa construção, em termos de suas partes constitutivas, do preenchimento dos *slots* que a integram e das especificidades dos elementos morfossintáticos que ocupam tais *slots*. Contemplamos também a discussão acerca de aspectos semânticos relacionados às instâncias de uso da construção, focalizando a natureza do conteúdo intensificado e as relações de transparência e opacidade envolvidas nessas instâncias.

Verificamos que a construção graduadora examinada é constituída de um elemento fixo (a preposição DE) e três subpartes não especificadas (*slots* X, Y e Z), constituindo construção com grau mínimo de preenchimento (Traugott; Trousdale, 2013). Relativamente ao preenchimento dos *slots*, constatamos que são recrutados: (i) SA e SV para X; (ii) SN, SV e SA, para Z; e (iii) advérbio ou pronome, para Y. Verificamos ainda especificidades na configuração desses sintagmas e diferentes possibilidades de combinação de preenchimento dos *slots* referidos, totalizando 8 padrões distintos.

No que diz respeito às propriedades semânticas, a análise dos dados permitiu-nos aferir que são intensificadas noções atinentes à referentes abstratos, eventos e atributos/propriedades. Identificamos dois recursos graduadores, um primário e um secundário. O primeiro se dá por meio do emprego de elemento intensificador (advérbio ou pronome); o segundo ocorre pela expressão de um efeito geralmente potencializado, cuja semântica incide sobre o conteúdo já intensificado. Flagramos usos mais denotativos da CGCEI e outros mais figurados, de modo que pudemos propor um *continuum* de transparência/opacidade semântica dos construtos analisados. Por fim, demonstramos a aplicação dos subprincípios de quantidade e de integração à construção graduadora sob estudo, tomando por base a relação entre as subpartes que a integram.

O exame das propriedades formais e semânticas da CGCEI aqui empreendido demonstra o estreito vínculo entre expressão e conteúdo, segundo defendido pelo funcionalismo (Givón, 1984, 1995). Também corrobora o pareamento forma-função que caracteriza as unidades básicas da língua na perspectiva construcionista (Croft, 2001; Goldberg, 2003).

Referências

ASSIS SILVA, T. C. de. **Explodir de tanto ódio**: análise funcional-construcionista de [X_{EFEITO} DE Y_{INTENSIFICADOR} Z_{CAUSA}]_{GRAD}. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2024.

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Revista Odisseia**, Natal, v. 7, n. esp., p. i-x, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID28489>.

BYBEE, J. **Language, use and cognition**. Cambridge: UCP, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, M. **O Corpus do Português**: NOW, 2018. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FRANCHI, C. **Criatividade e gramática**. São Paulo: CE/SEMP, 1991.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Revista Soletras**, São Gonçalo, v. 39, p. 103-116, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38075>.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. In: ROSÁRIO, I. da C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 15-36.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTELOTTA, M. **Mudança linguística**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 60, n. 2, 2016.

SILVA, C. R. de O. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa**. Fortaleza: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.

SILVA, J. R. **Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação**. 2008. 307 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2008.

SILVA, J. R. **O grau em perspectiva**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, J. R.; BISPO, E. B. Morto de inveja: a construção [X de (adv) Y]_{INTENS}. In: BISPO, E. B.; SILVA J. R.; SOUZA, M. M. (org.). **Pesquisas funcionalistas**: da versão clássica à perspectiva centrada no uso: uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: EDUFRN, 2021. p. 189-234. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/1/6222>. Acesso em: 2 jun. 2024.

SWEETSER, E. E. Modality. In: SWEETSER, E. E. **From etymology to pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structures. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 49-75.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre os autores

Edvaldo Balduino Bispo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pós-doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio da FAPERJ. Professor Associado da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Tiago Caian de Assis Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0809-9418>

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e docente efetivo da Rede Municipal de São Gonçalo do Amarante – RN. Membro do Grupo Discurso & Gramática (D&G/UFRN).

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

“Tá de brincadeira!”: análise de um padrão construcional idiomático do português brasileiro

**“Tá de brincadeira!” analysis of an idiomatic constructional pattern
in Brazilian Portuguese**

Nedja Lima de Lucena¹
Elias Vinicius de Sousa Mata²

Resumo: Neste artigo, investigamos um padrão construcional do Português Brasileiro, [tá [de X]], expresso por meio de construtos como *tá de brincadeira*, *tá de mimimi*, *tá de sacanagem*, dentre outros, os quais têm sido frequentes na rede social X. Nosso intuito é descrever a configuração formal e funcional desse padrão, analisando-o em termos das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, e compreender os contextos de uso em que é instanciado. A fundamentação teórica repousa em dois pilares essenciais: a Linguística Funcional Centrada no Uso (Tomasello, 2005; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Bybee, 2010) e a Gramática de Construções (Goldberg, 2006; Traugott, Trousdale, 2013). Em termos metodológicos, este estudo é de caráter descritivo-explicativo, com abordagem qualitativa e quantitativa. Com base nos achados empíricos, observamos que o padrão construcional examinado é parcialmente esquemático, com um *slot* semiaberto preenchido preferencialmente por elemento nominal. Esse idiomatismo pode licenciar sentidos relacionados a indignação, frustração, tranquilidade e outros.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Padrão construcional. Idiomatismo. [tá [de X]].

Abstract: In this paper, we investigate a constructional pattern of Brazilian Portuguese, [tá [de X]], this is expressed through constructs such as *tá de brincadeira*, *tá de mimimi*, *tá de sacanagem*, among others which have been frequent in the social network X. The aim is to describe the formal and functional configuration of this pattern, analyzing it in terms of the properties of schematicity, productivity and compositionality, and understanding the contexts of use in which it is instantiated. The theoretical foundation rests on two essential pillars: Usage Based Linguistics (Tomasello, 2005; Furtado da Cunha, Bispo, Silva, 2013; Bybee, 2010) and Construction Grammar (Goldberg, 2006; Traugott, Trousdale, 2013). In methodological terms, the study is descriptive-explanatory in nature, with a qualitative and quantitative approach. Based on empirical findings, it is observed that the constructional pattern examined is partially schematic, with a semi-open slot preferably filled by noun element. This idiomatism can license meanings related to indignation, frustration, tranquility and others.

Keywords: Usage Based Linguistics. Construction Grammar. Construction pattern. Idiomatism. [tá [de X]].

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: nedja.lucena@ufrn.br.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, Brasil. Endereço eletrônico: elias.mata.111@ufrn.edu.br.

Introdução

A inquietação a respeito das expressões idiomáticas de uma língua parece ser um fenômeno comum. No âmbito da ciência linguística, essas expressões são, muitas vezes, marginalizadas e entendidas como idiossincráticas e periféricas em relação a outros usos linguísticos. O fato é que as expressões idiomáticas permeiam o cotidiano das práticas de linguagem, sinalizando significações que não podem ser totalmente predizíveis de suas partes e, ao mesmo tempo, permitindo que novas expressões possam emergir a partir delas (Hilpert, 2014).

Na Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013), modelo teórico-metodológico que pode ser conjugado à Gramática de Construções (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2021), é central o entendimento de que as línguas naturais são forjadas *na* e *pela* complexa interface de princípios comunicativos e cognitivos. Nessa linha, a língua é um inventário de construções, entendidas como pareamentos de *forma*, na qual repousam propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, e de *sentido* (função), no qual estão os atributos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (Croft, 2001). Nessa abordagem teórica, construções idiomáticas são consideradas pares de forma e de função³, fazendo parte do conhecimento linguístico dos falantes.

Na esteira dessa discussão, neste artigo, intentamos analisar um padrão idiomático que tem demonstrado ser frequente nas interações em português brasileiro. Vejamos os casos a seguir:

- (1) Credo todo mundo namorando ou *tá de rolo*⁴.
- (2) Todo mundo *tá de camisa*⁵.

Em (1), há uma declaração de certo modo indignada, evidenciada a partir do uso de *credo*, de que uma boa parcela da população está envolvida com compromisso total (*namorando*) ou parcial (*tá de rolo*). A ocorrência *tá de rolo* expressa a existência de algum envolvimento romântico informal entre indivíduos, isto é, denota um estado de relativo contato romântico, sem o compromisso de namoro, mas que perdura por algum tempo.

Observemos que o sentido de *tá de rolo* não pode ser tomado puramente pela soma das partes da expressão: verbo cópula em sua forma contraída (*tá* = *estar*), seguido da preposição *de* + substantivo *rolo*, cuja significação literal remete a um objeto cilíndrico. Situação contrária ocorre em *tá de camisa* (2), cujo sentido reside na ideia de que parcela de um grupo está vestindo uma peça de roupa (*camisa*), sendo possível alcançar a significação

³ Neste trabalho, preferimos o uso do termo *função*, que engloba aspectos semânticos, pragmáticos, textuais e discursivos, na linha de Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

⁴ Amostra da rede X, 2022. Detalhes sobre a coleta estão descritos na seção *Caminho metodológico*.

⁵ Exemplo artificial criado com o intuito de comparação.

observando apenas a soma das unidades componentes. Conforme esclarece Hilpert (2014), essa simples observação já nos dá pistas intuitivas de que estamos diante de uma construção idiomática.

É, portanto, nessa perspectiva que, neste trabalho, intentamos descrever um padrão construcional idiomático que optamos por representar a partir de [tá [de X]], o qual licencia usos como *tá de rolo*, *tá de sacanagem*, *tá de guerra* e outros. A questão que norteia a investigação é: quais as características morfo sintáticas e os valores semântico-pragmáticos veiculados por esse padrão construcional?

Para responder à questão proposta, o estudo ancora-se no arcabouço teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso e no modelo da Gramática de Construções de inspiração em Goldberg (1995) e Traugott e Trousdale (2013). Examinamos as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade atrelada à perspectiva construcional, observamos aspectos discursivo-funcionais do padrão construcional em tela e a variabilidade de expedientes linguísticos recrutados em sua estruturação.

Em relação aos procedimentos metodológicos, escolhemos a rede social X, como banco de dados para a coleta das amostras empíricas. O conjunto de dados corresponde a 140 ocorrências dos anos 2021-2023. Explicitamos as razões para tal escolha adiante.

Quanto à organização, o presente artigo está desenvolvido a partir desta introdução do seguinte modo: apresentação do alicerce teórico que ilumina a investigação empreendida; na sequência, descrição da metodologia empregada para coleta e análise dos dados e as justificativas para o percurso metodológico; em continuidade, análise dos dados a partir dos pressupostos teóricos norteadores, a fim de responder a questão de pesquisa; para finalizar, sumarização das considerações finais e apresentação das referências.

Marco teórico: Linguística Funcional Centrada no Uso

Uma tendência contemporânea observada nos estudos funcionalistas realizados por pesquisadores brasileiros engloba princípios teóricos e metodológicos provenientes tanto da Linguística Funcional norte-americana/clássica quanto da Gramática de Construções. A abordagem denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a partir de uma tradução e adaptação do termo *Usage-Based Linguistics* (Tomasello, 1998; Bybee, 2010), representa um empenho em aplicar uma lente analítica, e ao mesmo tempo inovadora, a qual busca capturar a intersecção entre as funcionalidades comunicativas e os processos cognitivos envolvidos na compreensão da linguagem (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

Nessa linha, a LFCU situa-se como um modelo teórico-metodológico cujos alicerces estão ancorados, de um lado, em expoentes do funcionalismo como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, no cenário internacional; e em autores do

funcionalismo brasileiro como Angélica Furtado da Cunha, Mário Martelotta, Mariangela Oliveira, Maura Cezário, Ivo Rosário, dentre outros vinculados ao grupo de estudos Discurso & Gramática. Por outro lado, o modelo dialoga, ainda, com a Gramática de Construções, cuja base pode ser representada por cognitivistas como George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, William Croft, Elizabeth Traugott, Graeme Trousdale e outros (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2022; 2023).

Cabe evidenciar que a LFCU é o resultado de tradições desenvolvidas no cerne da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, as quais se unem em torno de um princípio básico: considerar que a estrutura da língua emerge e se ritualiza à medida em que esta é usada nos contextos reais de comunicação. Conforme Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Tomasello (1998), essas perspectivas comungam de pressupostos teórico-metodológicos sumarizados a seguir: rejeitam a ideia de autonomia da sintaxe e englobam a semântica e a pragmática nas investigações; preveem um *continuum* entre léxico e gramática, de modo que não há distinção estrita entre estes; consideram que os dados de investigação linguística são enunciados que se dão no discurso natural.

Na esteira disso, o quadro teórico da LFCU busca descrever e explicar os fatos linguísticos manifestos em contextos diversos de uso da língua, alicerçando-se nas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas desempenhadas nestes (Bybee, 2010). Esse quadro compreende a língua(gem), nos termos de Tomasello (1998), como uma reunião complexa de atividades comunicativas, sociais e cognitivas que se integram fortemente a outros aspectos da psicologia humana. Isso significa que o conhecimento linguístico, que envolve o conhecimento de forma e de função(ões), é concebido do mesmo modo que outros tipos de conhecimento (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

Dessa forma, é a língua entendida como um fenômeno dinâmico que exhibe uma estrutura aparente, juntamente com padrões regulares e uma variedade de manifestações em todos os níveis linguísticos. Uma consequência dessa visão é a noção de que a gramática de uma língua natural é tomada como a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com essa língua; logo, o uso linguístico motiva sua estrutura, conforme nos esclarece Bybee (2010). Nesse viés teórico, entende-se que padrões gramaticais emergentes e padrões regulares e ritualizados pelo uso convivem harmoniosamente na gramática de uma língua.

Um aspecto forte na abordagem da LFCU é a incorporação de uma ótica construcional, com inspiração em Goldberg (1995), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013). Uma abordagem dita construcional assenta-se na ideia de que a gramática é um vasto arranjo de *construções* (pares de forma-função), que se interconectam em diferentes planos e são acionadas na organização e produção do discurso. O conjunto de construções (*constructicon*, na literatura especializada) é motivado por fatores cognitivos e sociocomunicativos (Hilpert, 2014; Furtado da Cunha; Silva; Bispo, 2016).

Seguindo essa ótica, podemos compreender que as construções designam pareamentos forma↔função, entendidos como unidades básicas da língua que possuem significado próprio, esquemático e parcialmente independente das palavras que os compõem; e são de natureza diversa, como um morfema (N-eiro, como em *jornaleiro*), uma palavra (*a*, *abacaxi*, *Zico*), um tipo oracional (construção bitransitiva SUJ V OD OI = *Francisco deu uma peteca para Fidel*) ou expressão idiomática (*chutar o balde*, *bater as botas*), conforme explicam Goldberg (1995), Pinheiro (2015), Traugott e Trousdale (2013), Furtado da Cunha e Cezario (2023), dentre outros. Vale salientar que a construção é uma entidade simbólica, abstrata, intrínseca à língua, a qual se estabelece por meio da relação entre forma e função.

A partir da ótica construcional nas análises, a LFCU desafia a ideia formalista, que foca apenas na estrutura das unidades linguísticas, e incorpora unidades maiores de análise, muitas vezes tratadas como periféricas nas abordagens mais formais. Assim, considera tanto a forma quanto o significado/função, assegurando que ambos contribuem de maneira integral e não redundante para o conhecimento linguístico. Essa perspectiva inovadora entende, como afirma Hilpert (2014), que o conhecimento de uma construção compreende todos os aspectos formais e funcionais a ela associados.

Quando os seres humanos apreendem uma construção, estão conjugando suas experiências com essa construção, o que engloba as variações, os contextos sociais, o significado e o contexto linguístico em que ela é usada. Explica Hoffmann (2019) que ainda que o *constructicon* de cada falante seja diferente, pois as experiências e processos da vida são únicos, pode-se dizer que há similaridades entre as construções apreendidas de uma dada língua, as quais nos permitem o efetivo entendimento mútuo.

Croft (2001) esclarece que o emparelhamento entre forma e função é indissociável. A primeira engloba as características relacionadas à sintaxe, à morfologia e à fonologia das construções, enquanto a segunda abarca as propriedades que dizem respeito à semântica e à pragmática, considerando sua funcionalidade discursiva. Mais especificamente, na função, concentram-se os aspectos convencionalizados que estão intrinsecamente associados ao uso de uma instanciação de uma construção. Isso inclui não somente as situações que são descritas pelo enunciado, mas também as características que moldam o contexto discursivo em que o enunciado se encontra, além da situação pragmática que envolve os interlocutores presentes na comunicação. Não obstante, a relação entre a forma e a função nas construções linguísticas é determinante para a expressão clara e efetiva da linguagem em suas variadas dimensões comunicativas.

A conexão entre forma e função numa dada construção pode ser examinada através de três propriedades distintas: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, primeiramente elaboradas por Langacker (2008) e refinadas por Traugott e Trousdale (2013), as quais estão relacionadas entre si.

No âmbito da LFCU, a *esquematicidade* é assumida como uma propriedade intrínseca da categorização que envolve um nível de abstração a ser apreendido. É através dessa propriedade que os falantes formam diferentes expressões partindo do mesmo modelo abstrato/virtual, semanticamente geral, apreendido pelos padrões de uso e acionado no momento da interação. A esquematicidade pressupõe o preenchimento de *slots*, espaços designados para o emprego de elementos específicos (morfemas e lexemas) que atendam, sintática e semanticamente, aos requisitos do *slot* da construção. Um padrão construcional pode ser preenchido total ou parcialmente em termos dos *slots* que o constituem, compondo um conjunto variável na língua de construções: (i) abertas e não especificadas, como a construção transitiva $SN_1 V SN_2$ (*Maria partiu o pão*), (ii) parcialmente abertas e especificadas, como o padrão construcional predicativo *Ficar* SN (*fiquei doente*); e (iii) um padrão totalmente especificado (idiossincrático), como em *bater as botas* (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; 2019).

Quanto à *produtividade*, a LFCU considera que esta pode ser averiguada a partir da frequência, na medida em que se avalia como uma construção licencia outras mais especificadas. Em outras palavras, como construções mais esquemáticas podem sancionar ou se estender para construções menos esquemáticas (extensibilidade). Para Furtado da Cunha e Bispo (2019, p. 107), “quanto mais esquemática for uma construção, mais produtiva ela será”, o que significa que ela permite um maior recrutamento de padrões construcionais que se conformem à construção⁶. Para aferir a produtividade, é necessário observar as frequências *type* e *token* de uma construção, sendo a primeira relacionada à frequência de cada tipo construcional, e a segunda atrelada à frequência de ocorrência. Desse modo, a frequência *type* representa o número de expressões diversas que se encaixam em um padrão específico, enquanto a frequência *token* (ou de construto) corresponde à ocorrência individual, ou seja, ao número de vezes que a mesma unidade é flagrada. Por exemplo, a construção transitiva, já mencionada, é altamente produtiva, na medida em que seu esquema $SN_1 V SN_2$ sanciona diferentes *types* menos esquemáticos (dentro subesquemas e microconstruções) ao ponto de se distanciarem fortemente da base prototípica⁷. Por outro lado, o artigo *o* possui alto nível de frequência *token* ou construto, mas baixa frequência *type* (Furtado da Cunha; Bispo, 2019).

Podemos observar, a partir da esquematicidade e produtividade, como as construções podem variar em termos de flexibilidade e especificidade. Construções mais abertas oferecem

⁶ Uma organização dos graus de esquematicidade de uma construção pode ser observada por meio de uma hierarquia, que contempla três níveis: esquema > subesquema > microconstrução. Os esquemas ocupam o lugar mais alto, o topo da pirâmide, em comparação com os subesquemas, que, por sua vez, estão posicionados em um nível hierárquico superior em relação às microconstruções. Os construtos (*tokens*) representam as realizações linguísticas concretas das construções e estão situados no nível mais baixo da hierarquia (Traugott; Trousdale, 2013).

⁷ Para essa discussão, observar Furtado da Cunha e Silva (2018) e Lucena (2016), que apresentam proposta de rede hierárquica da construção transitiva.

maior espaço para variação e adaptação, enquanto construções mais específicas estão mais restritas a padrões fixos e consistentes tanto na forma quanto na função (Traugott; Trousdale, 2021). Furtado da Cunha e Bispo (2019) elucidam que a relação entre produtividade e frequência ilustra como as construções linguísticas são moldadas por padrões de uso e como a frequência de expressões específicas contribui para a vitalidade e a dinâmica da língua em uso.

A propriedade de composicionalidade diz respeito ao quão transparente ou opaca situa-se a relação entre forma e função (Traugott; Trousdale, 2013). Do ponto de vista construcional, a composicionalidade é examinada através da avaliação de como os aspectos da forma se alinham com os aspectos da função. Nessa linha, “uma construção é composicional se o seu significado resulta da soma do significado dos itens que a compõem” (Furtado da Cunha; Bispo, 2023, p. 22). Na comparação de exemplos apresentados na introdução deste texto, observamos *tá de camisa* e *tá de rolo*. No primeiro caso, há confluência entre o sentido do todo (estar com uma vestimenta) e a conjugação do significado dos elementos que integram a oração. Entretanto, no segundo caso, observamos que não há confluência entre o sentido expresso (envolvimento romântico informal) e a soma do significado das partes que compõem a expressão.

As propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, por serem inter-relacionadas e apresentarem caráter gradiente, exigem uma análise rigorosa baseada em dados empíricos, os quais fornecem subsídios necessários para a compreensão de uma construção. Nesse sentido, Furtado da Cunha e Bispo (2019) esclarecem que as construções idiomáticas podem ser examinadas com base nessas propriedades. Os autores advogam que tais construções “variam de totalmente especificadas a parcialmente preenchidas; são, em geral, de baixa produtividade; e, prototipicamente, caracterizam-se como não composicionais, ou seja, são opacas” (Furtado da Cunha; Bispo, 2019, p. 114). Por conseguinte, essas propriedades foram selecionadas como categorias de análise do objeto de estudo desta pesquisa.

Caminho metodológico

Considerando que a ciência linguística abrange um “amplo espectro que envolve métodos diversificados”, conforme aponta Lopes (2022, p. 274), nesta subseção apresentamos o empreendimento metodológico para a coleta e a análise dos dados à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Ao observarmos o contexto contemporâneo em que vivemos, compreendemos que as práticas discursivas digitais têm se tornado prevalentes na vivência humana, influenciando profundamente a maneira como nos comunicamos, nos informamos e também expressamos nossas opiniões. Com a proliferação das plataformas digitais, como as redes sociais e as

ferramentas de mensagens instantâneas, especialmente destacando-se o X, anteriormente conhecido como *Twitter*, presenciamos um novo panorama de comunicação, no qual ideias e informações são disseminadas em velocidades jamais vistas anteriormente. Diante dessa realidade, as práticas discursivas digitais emergem como um ponto central tanto na criação e perpetuação de padrões linguísticos quanto na análise e compreensão da própria língua.

A ascensão das redes sociais e das ferramentas de mensagens instantâneas criou um ambiente em que a interação ocorre em tempo real, permitindo que ideias sejam compartilhadas instantaneamente com um amplo público. Esse fluxo constante de informações tem implicações significativas na forma como construímos e transmitimos nossas mensagens, influenciando os padrões linguísticos adotados e até mesmo contribuindo para a emergência de novas formas de expressão, se revelando, assim, em uma rica fonte de análise linguística. A natureza pública e acessível das interações *online* proporciona aos pesquisadores um vasto banco de dados para examinar e compreender as nuances da língua(gem) na esfera digital. Desde a abreviação de palavras até o surgimento de novos termos e o uso de *emojis*, as práticas discursivas digitais oferecem um terreno fértil para investigar a dinâmica da língua(gem) em resposta aos avanços tecnológicos e às mudanças culturais.

A partir disso, escolhemos a rede social X como fonte de dados para a coleta das amostras do fenômeno aqui estudado, o padrão idiomático [tá [de X]], no português brasileiro. Essa escolha ocorre, para além das informações já justificadas, por acreditarmos que essa rede promove um contexto dialógico que se torna útil na interpretação de dados.

Nossa pesquisa é caracterizada como descritivo-explicativa e utiliza o método misto (ou qualiquantitativo), conforme nos esclarece Lacerda (2016). Esse método destaca a importância de equacionar métodos qualitativos e quantitativos em estudos relacionados à LFCU e à Gramática de Construções. Embora o foco principal de Lacerda seja na mudança construcional, os princípios mobilizados pela autora podem ser aplicados em nosso trabalho para realizar uma análise mista das características da construção que estamos investigando. Sob essa perspectiva, Lopes e Rosário (2023) explicam que o aspecto qualitativo

[...] se manifesta na análise interpretativa de cada ocorrência da construção em estudo, submetida a uma série de critérios previamente estabelecidos, que recobrem propriedades tanto formais (fonológicas e morfossintáticas) quanto funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) (Lopes; Rosário, 2023, p. 38).

Seguindo essa linha interpretativa, nossa pesquisa é, portanto, de caráter qualitativo. Todavia, conjugamos à interpretação as informações quantitativas que servem de suporte para a análise, sobretudo, quando observamos as frequências *type* e *token*.

Para este estudo, propomo-nos a coletar um conjunto de 150 ocorrências⁸ que se apresentassem como indício do padrão [tá [de X]], a fim de observar sua constituição formal e funcional. Para isso, buscamos compreender em quais contextos as ocorrências estavam instanciadas, alcançando, assim, a natureza qualitativa de nossa investigação.

O exame dos dados parte de uma perspectiva *bottom-up*, isto é, do construto para a construção, com base em Perek (2015), cuja defesa é a de que a análise de uso da construção pode ser eficiente se a começarmos pelos níveis mais baixos, o que justifica observar as ocorrências.

A coleta dos dados foi realizada em 17/10/2023, na rede social X, utilizando a ferramenta de busca avançada, cujos parâmetros consideram data, palavras, contas, engajamento e filtros. Como descritor, buscamos a expressão *tá de*, e ajustamos o filtro de busca para resultados recentes no ano de 2023. Coletamos, então, as 50 primeiras entradas disponíveis e repetimos a operação com ajuste temporal para 2022 e 2021. Um dos objetivos desse desenho de coleta foi rastrear os elementos que ocorrem após o descritor *tá de*, pois na etapa piloto⁹ do estudo, já prevíamos a possibilidade de o *slot* ser preenchido com elementos distintos.

Dentre os dados coletados, fizemos a exclusão de 10 ocorrências. Para isso, examinamos se a semântica veiculada era dedutível das partes que compunham a expressão como em: *tá de camisa* (2), discutido na introdução deste artigo, ou em “agora que eu vi que ele *tá de bigode*”, seguido de imagem de um homem com bigode. Essa observação levou em conta o que Hilpert (2014) considera: os falantes são capazes de reconhecer quais as unidades são compatíveis com os *slots* de uma expressão idiomática. Excluídas tais ocorrências, o conjunto de dados corresponde a 140 expressões coletadas.

Os dados foram organizados para análise à luz do referencial teórico norteador, a partir da observação de cada uma das categorias de análise. Sistematizamos e apresentamos os resultados na seção a seguir.

Resultados observados

Orientados pelo referencial teórico aqui assumido, resumizamos os achados e as consequentes reflexões a partir da pesquisa empreendida. Para organizar a discussão, tratamos de aspectos formais e, na sequência, de aspectos funcionais, com o intuito de estabelecer um quadro descritivo do padrão construcional [tá [de X]].

⁸ Todas as ocorrências apresentadas neste estudo são provenientes da rede X. Optamos por não disponibilizar os *links*, a fim de preservar a identidade e a privacidade dos usuários, conforme previsto no Art. 5º da Constituição Federal de 1988, inciso X. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 20 maio 2024.

⁹ A etapa piloto é uma fase inicial que visa selecionar e interpretar uma pequena quantidade de dados para aventar hipóteses e estabelecer critérios de análise (Cf. Lopes; Rosário, 2023). Essa etapa foi realizada em setembro e outubro/2023 nas reuniões de discussão inicial sobre o estudo.

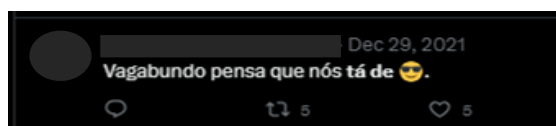
Considerações sobre o plano formal

A partir dos dados empíricos coletados para este estudo, em termos formais, [tá [de X]] é formado morfologicamente por uma sequência que envolve três *slots*: o *slot* preenchido pelo verbo *tá* (forma reduzida de *estar*), seguido da preposição *de* e um espaço (X) que pode ser preenchido por elemento de natureza variada, como um nome substantivo (*brincadeira*), um adjetivo (*boa*) um advérbio (*fora*), um idiomatismo (*lenga lenga*), um verbo (*fuder*) e uma oração (*uma cornisse que chega a ser perigosa*), conforme os exemplos (3-8) respectivamente. O enquadre observado nessas ocorrências assinala certa variação morfológica no *slot* X. Consideremos as ocorrências ilustrativas:

- (3) Shein com frete grátis acima de 150 reais **tá de brincadeira** comigo minha filha?????
- (4) Ansiedade é um inferno, véi. Cê **tá de boa**, mas do nada já começa uns pensamentos ruins, uns sentimentos esquisitos, um aperto no coração e tudo de ruim. Eu odeio isso, odeio muito.
- (5) Quem **tá de fora** nunca vai entender.
- (6) Menos quando **tá de lenga lenga** com a Rose.
- (7) kkkk **tá de fuder** pprrt¹⁰.
- (8) Meu spotify **tá de uma cornisse que chega a ser perigosa** bicho.

Além disso, um caso curioso foi o flagrante de ocorrência em que X foi preenchido por elemento semiótico, como um *emoji*¹¹, em (9), a seguir:

Figura 1 – Ocorrência (9): *slot* x preenchido com *emoji*



Fonte: capturada pelos autores.

Esse caso especificamente chama a atenção na medida em que se observa a possibilidade de preenchimento do *slot* X por um inesperado elemento, cuja interpretação é mais aberta. Tal abertura interpretativa ocorre porque nem sempre há consenso entre os usuários sobre a significação do símbolo, além de variação dependente da plataforma de rede social em que é usado. No caso da amostra observada, interpretamos como algo relacionado à noção de confiança, brincadeira e/ou tranquilidade (*Vagabundo pensa que nós tá de*

¹⁰ A gíria *pprrt* é utilizada na internet com o significado de *papo reto* e serve como indicativo de seriedade de um assunto ou direcionamento para uma pessoa.

¹¹ Os *emojis* são símbolos imagéticos utilizados nas redes sociais para transmitir uma ideia e são categorizados em expressões faciais, animais, comida, veículos, lugares, objetos e clima. Embora criados em 1999, sua popularização ocorreu a partir de 2011. Os *emojis* são amplamente usados para expressar emoções e estados diversos. Para mais informações, sugerimos: <https://pt.wikihow.com/Saber-o-Que-o-Emoji-de-%C3%93culos-Escuros-Significa>. Acesso em: 22 maio 2024.

confiança/brincadeira/tranquilidade). Essa ocorrência evidencia o *slot* X como mais aberto dentre os demais.

É possível notar, nas ocorrências, o fato de que o verbo *estar* se apresenta com perda de massa fônica, que se reflete na redução morfológica (*tá*). Esse verbo é classificado morfológicamente como do tipo *cópula* (Castilho, 2019), ou seja, verbos que tendem a relacionar um nome e uma predicação (como em *Pedro está doente*). Nesses casos, segundo Castilho, quando há uma predicação nominal, é esperado que, após o verbo, ocorra um elemento de natureza predicativa/modificadora, que tende a ser preferencialmente um adjetivo, como *doente*, no exemplo citado, embora outros elementos possam ocorrer.

Notamos que, em [tá [de X]], há uma sequência fonologicamente preenchida, com o verbo concebido junto com a preposição *de* formando um vocábulo fonológico. Esse aspecto é interessante, pois a preposição está atrelada ao sintagma preposicionado seguinte ao verbo, o *slot* X. Além disso, isso implica dizer que o padrão construcional idiomático é parcialmente preenchido: há dois elementos fixos *tá* e *de*, bem como um *slot* que pode ser ocupado por unidades variadas, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 - Configuração do *slot* X encontrada no *corpus* consultado

Configuração de X Types	Frequência absoluta de ocorrência (tokens)	Percentual %
[tá [de substantivo]]	113	80,7%
[tá [de adjetivo]]	11	7,9%
[tá [de advérbio]]	8	5,7%
[tá [de idiomatismo]]	5	3,6%
[tá [de verbo]]	1	0,7%
[tá [de oração]]	1	0,7%
[tá [de símb]] ¹²	1	0,7%
Total	140	100

Fonte: autoria própria.

O resultado sumarizado na Tabela 1 assinala uma tendência de o *slot* ser preenchido com expediente substantivo (80,7%), seguido de adjetivo (7,9%), advérbio (5,7%), idiomatismo (3,6%), verbo (0,7%) e oração (0,7%). Considerando o plano da forma, constatamos que o padrão construcional idiomático [tá [de X]] apresenta relativa versatilidade morfosintática, uma vez que um de seus *slots*, embora possa ser ocupado por elementos de natureza distinta, apresenta maior tendência de licenciar um nome. Essa tendência é esperada, uma vez que o sintagma preposicionado tende a ser constituído a partir de dois arranjos (*preposição + nome* ou *preposição + adjetivo*), tanto é que a frequência é maior para esses dois arranjos no padrão aqui estudado.

¹² Utilizamos *símb.* para registrar a única ocorrência com elemento imagético/símbolo.

É válido acrescentar que há, nos dados examinados, acentuado grau de fusão morfossintática, isto é, os elementos que ocupam os *slots* estão mais integrados. Furtado da Cunha e Bispo (2019) orientam para a pouca probabilidade de inserção de material linguístico entre os constituintes de um padrão idiomático. Ainda assim, entendemos, como falantes de português, que pode haver ocorrência de material linguístico, como em *tá de muita brincadeira* ou *tá muito de boa*, ainda que não tão frequente. Por essa razão, compreendemos que os autores sinalizam a pouca possibilidade de ocorrência, não o descarte de que isso pode acontecer.

Pode ocorrer um padrão idiomático inserido dentro de outro, como efeito do processo de *chunking*. Bybee (2010) esclarece que a formação de *chunk*¹³ é gradual, ocorrendo desde *chunks* mais fracos cujos elementos internos são mais fortes do que o todo, até *chunks* mais entrincheirados em que o todo se sobrepõe aos expedientes que o compõe.

(10) Não indo pro mesmo lugar para onde vão Malafaia e cia, **tá de bom tamanho** pra mim.

No exemplo (10), vemos o uso do adjetivo *bom* antes do substantivo *tamanho*, formação que parece ser recorrente em português e, por isso, consideramos um caso de *chunk*. Este, por sua vez, ocorre dentro do padrão construcional aqui analisado.

Com esse resultado, atentamos para o fato de que o padrão construcional idiomático [tá [de X]] sanciona instâncias-*type*, na medida em que o *slot* X pode ser codificado por diferentes recursos, o que pode ser representado por [tá [de N]], [tá [de Adj]], [tá [de Adv]], [tá [de V]], [tá [de O]], [tá [de Idiom]]¹⁴.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que a esquematicidade está ligada à inter-relação de herança e de hierarquia entre as construções. Sob essa perspectiva, construções mais esquemáticas podem licenciar estrutura simbólica para construções menos esquemáticas (subesquemas e microconstruções). A partir dos achados, nossa hipótese, embora não seja o objetivo precípuo aqui aferir, é a de que [tá [de X]] pode pertencer à rede de relações que envolvem a construção predicativa, na medida em que compartilha aspectos de sua forma (como o verbo cópula) e também da função (tende a expressar em alguma medida estado), assim como a construção predicativa (Cf. Ferreira, 2015). O fato de ser um padrão parcialmente esquemático permite-nos pressupor essa relação. Se assim o for, [tá [de X]] pode ser o resultado de expansão da classe hospedeira (Himmelmann, 2004) a partir de uma construção mais esquemática (como a construção predicativa).

¹³ Elementos que tomados juntas podem ser entendidos como uma unidade semântica. A formação de *chunks* é uma consequência do processo cognitivo geral de *chunking* (Cf. Bybee, 2010).

¹⁴ Optamos por não representar esquematicamente o padrão com símbolo por entender que seu uso pode ser representado, via interpretação, em um dos *types* mais frequentes, como [tá [de N]], [tá [de Adj]].

Furtado da Cunha e Bispo (2023) esclarecem que a esquematicidade está relacionada à produtividade, isto é, à extensibilidade de um padrão construcional em termos do que pode sancionar ou restringir. O fato de [tá [de X]] licenciar instâncias-*type* coloca esse padrão no rol daqueles com produtividade média¹⁵. Ademais, dentre os *types* sancionados, a frequência *token* sinaliza um *type* mais produtivo em relação aos demais, [tá [de N]], o qual pode servir como modelo para licenciar outros recursos.

Aliado a isso, também é necessário considerar que a possibilidade de instanciar *types* é um indício de que estamos diante de um padrão idiomático, conforme explica Hilpert (2014). Isso porque uma construção idiomática pode ser produtiva, na medida em que o falante é capaz de produzir uma variedade de expressões a partir do esquema previamente apreendido.

As considerações aqui feitas sumarizam a análise empreendida quanto às características morfossintáticas do padrão construcional idiomático [tá [de X]] e respondem parte do objetivo deste artigo. Para atender completamente ao objetivo proposto, vamos observar alguns aspectos relacionados à função desse padrão.

Considerações sobre o plano funcional

Na abordagem construcional, o plano da função engloba os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Intentamos, a partir deste ponto, descrever o padrão construcional idiomático [tá [de X]] quanto a esses aspectos. Para isso, observemos os seguintes construtos:

- (11) Hoje tive que mostrar minha identidade pela primeira vez pq a moça do camião disse que eu não era maior, vtnc tia **tá de sacanagem**.
- (12) Amiga não sei dizer se você está fazendo o papel da gostosa burra na vida mas se estiver **tá de parabéns** nunca vi alguém mais imbecil.
- (13) Meu cabelo **tá de guerra** comigo ultimamente.

Examinando as ocorrências (11-13), notamos que as expressões *tá de sacanagem* e *tá de parabéns* envolvem, nos contextos em que ocorrem, um direcionamento do dizer em relação à atitude de um outro (*tia* e *amiga*), demonstrando um tom de avaliação a respeito da necessidade de mostrar o documento de maioridade, no primeiro caso, e o comportamento de sensualidade e possível ignorância, no segundo.

Ao mesmo tempo, podemos perceber que os enunciadores expressam, quanto às atitudes demonstradas, o tom avaliativo que culmina na expressão de indignação (11) e de insatisfação (12). Atestamos que *tá de sacanagem* funciona como unidade que sumariza o estado de irritação/indignação de quem o diz sobre a atitude de a entidade (*tia*) solicitar

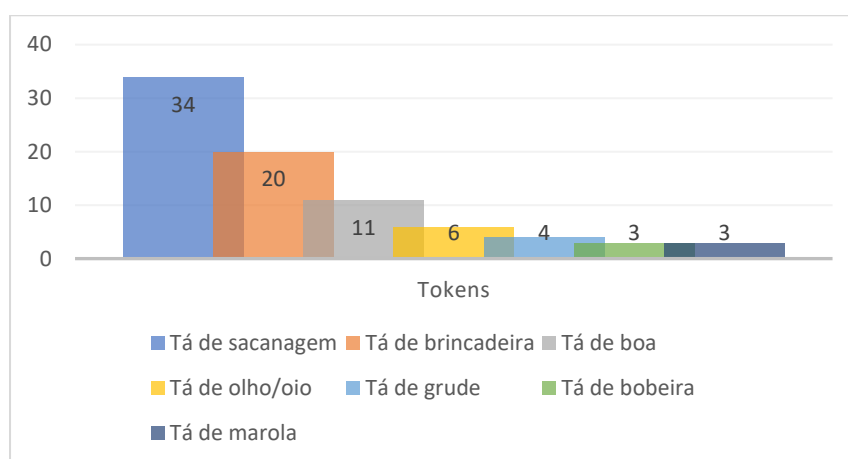
¹⁵ Nem possui *type* único (grau zero de produtividade), nem é totalmente esquemática (aberta) que permite altíssima produtividade (Furtado da Cunha; Bispo, 2023).

comprovação de maioridade, o que é corroborado pelo contexto imediato, uma vez que o enunciador refere *vtnc*¹⁶ antes da expressão. Já *tá de parabéns* funciona de modo a contrariar a expectativa de uma parabenização/congratulação e se dirige a qualquer pessoa que esteja, sob julgamento do locutor, fazendo o papel mencionado (*gostosa e burra*, consequentemente, *imbecil*), assim o enunciador, por meio da ironia, demonstra insatisfação/antipatia/hostilidade.

Em (13), num caminho um pouco distinto das amostras do conjunto, observamos que o locutor, com o uso de *tá de guerra*, aponta um desabafo sobre o lidar com o próprio cabelo, aludindo à ideia de confronto com este e, por consequência, sinaliza a frustração que, porventura, sente em relação aos cuidados capilares.

Quanto à frequência dos padrões idiomáticos no *corpus*, vejamos o gráfico a seguir.

Figura 2 – Idiomatismos mais frequentes



Fonte: autoria própria.

No gráfico da Figura 2, listamos os padrões idiomáticos mais frequentes, incluindo os casos em que a frequência foi igual ou maior a três ocorrências. Considerando os 140 construtos examinados, o resultado mostra que *tá de sacanagem* (na cor azul) e *tá de brincadeira* (na cor laranja) ocupam, respectivamente, os topos da lista. Esses dois types juntos correspondem a 54 (38,6%) das ocorrências. Na sequência, observamos a expressão *tá de boa*, na cor cinza, e *tá de olho/oio*, na cor amarela, as quais correspondem, respectivamente a 11 (7,9%) e 6 (4,2%) ocorrências. Os construtos *tá de grude* (4 = 2,8%), *tá de bobeira* (3 = 2,1%) e *tá de marola* (3 = 2,1%) aparecem em menor número nos dados examinados. As expressões *tá de sacanagem* e *tá de brincadeira* tendem a expressar emoções mais negativas que envolvem, de modo geral, indignação e descontentamento.

A funcionalidade dessas expressões nos contextos mencionados refere a um valor semântico-pragmático que veicula uma noção de estado ou qualificação, seja em relação a

¹⁶ Forma reduzida de *vai tomar no cu*, expressão considerada pejorativa e grosseira.

um outro, definido ou não (*tia/amiga*), a alguma coisa (*cabelo*) ou mesmo a uma situação, como em:

- (14) Rio de Janeiro, vc **tá de palhaçada**? Cadê o sol? Cadê os 40 graus?
Olha, q vergonha.
(15) Que é isso 2 bolas de sorvete por 12 reais **tá de brincadeira**.

Na ocorrência (14), o locutor remete à ideia de que a cidade do Rio de Janeiro, conhecida pela tropicalidade que envolve o sol, a praia e o calor de 40 graus, está na direção oposta disso, com clima não correspondente à fama. Com as perguntas realizadas e a expressão *tá de palhaçada*, o enunciador se direciona à cidade, como se esta debochasse dele, e enuncia decepção/desgosto com o clima. No caso em (15), o locutor demonstra seu estado de indignação e descrença com o preço de duas bolas de sorvete, tal estado é refletido a partir de *tá de brincadeira*.

Em linhas gerais, compreendemos que os sentidos veiculados pelas instâncias de [tá [de X]] não podem ser interpretados pela simples soma de suas partes, ou seja, esse padrão construcional é mais opaco (menos composicional), pois a soma do significado das partes não corresponde exatamente aos sentidos expressos (Traugott; Trousdale, 2013). A interpretação de uma dada ocorrência é fator que depende do conhecimento prévio do falante e da situação comunicativa. Recordemos o caso de *tá de parabéns*, cujo sentido está na contramão de felicitar ou elogiar (sentido referencial), mas, sim, atrelado a censurar e/ou criticar. Para além disso, há indício de que se comunica mais do que é expresso, ou um adicional de significado (Tantucci, 2021), na medida em que é possível inferir o estado de quem enuncia/profere, como indignação, descrença, insatisfação, desejo, frustração, antipatia e outros. Os estados evocados podem referir aspectos mais emotivos/psicológicos (como em 11-15) ou físicos, como em:

- (16) Fico tão carente doente véi, queria **tá de conchinha** com ele hoje à noite.

Nesse exemplo (16), verificamos o desejo do enunciador de ficar em contato físico, abraçado, com outra pessoa (*e/e*). Esse estado remete mais a uma noção física (ficar abraçado) do que necessariamente psicológica.

Destacamos, ainda, que opera no uso do padrão idiomático [tá [de X]] a (inter)subjetividade (Traugott, 2010; Oliveira, 2022), aspecto sociointeracional que diz respeito à atitude do locutor frente ao que enuncia, isto é, com assunção de postura mais neutra (menos subjetivo), mais explícita quanto ao que é enunciado (subjetivo) ou mesmo mais interessada em fazer o interlocutor aderir ou convergir para o que é dito (intersubjetivo). No conjunto de amostras analisadas, averiguamos uma tendência à manifestação de forte

(inter)subjetividade por duas razões: (i) é recorrente a exposição e o envolvimento do próprio enunciador no dito, os quais são indiciados, em muitos casos, pela expressão da primeira pessoa do discurso, codificada pelo pronome de primeira pessoa (*eu*) ou pela forma verbal, como em *fico/queria* (16), sinalizando subjetividade; (ii) são frequentes também enunciados que convidam o co-enunciador a compartilhar da mesma ideia, como um preço alto de sorvete (15), ou mesmo o chamamento direto de um co-enunciador específico, como *amiga*, em (12), conferindo intersubjetividade.

Um aspecto discursivo-funcional para esse resultado pode estar atrelado ao uso do padrão [tá [de X]] em uma plataforma (Rede X) reconhecida por ser um espaço em que o usuário da conta tende a expressar, por meio de *posts*, informações sobre si, como uma espécie de *miniblog*. Isso permite a livre expressão de fatos, opiniões e estados emotivos dos usuários da conta. Na esteira disso, frisamos que a interação em plataformas digitais já pressupõe uma certa adesão de um outro (co-enunciador/interlocutor), que segue, lê, curte, compartilha ou comenta alguma publicação.

Ainda averiguamos que subjazem às instâncias do padrão [tá [de X]] processos cognitivos de domínio geral, como projeções metafóricas e metonímicas¹⁷ e *chunking* (Bybee, 2010; Furtado da Cunha; Bispo, 2019), comuns na formação de idiomatismos. De forma breve, vejamos as seguintes ocorrências, algumas já examinadas de outro ângulo:

- (17) Shein com frete grátis acima de 150 reais **tá de brincadeira** comigo
minha filha??????
- (18) Fico tão carente doente véi, queria **tá de conchinha** com ele hoje à noite.
- (19) Amo ter o comportamento de uma aposentada. **Tá de boa** em casa, jogar
água nas minhas plantas, assistir um filme ou série em paz, dormir cedo,
comprar pão quentinho de manhã e amo o silêncio da minha companhia.

As projeções metafórica e metonímica são recursos fundantes do pensamento. É possível observar esses tipos de projeção a partir da interpretação daquilo que é mais abstrato a partir de algo mais concreto. Consideremos a instância *tá de brincadeira* em (17) e recorramos ao nosso conhecimento linguístico: *brincar* pode se referir ao entretenimento com algum artefato ou atividade qualquer, significação mais concreta (domínio-fonte); também pode se referir ao ato de brincar por meio de jogos linguísticos (advinhas e anedotas, por exemplo). Essa noção mais concreta serve de base para o estabelecimento de uma ideia de *brincar* mais abstrata (domínio-alvo), como gracejar ou mesmo escarnecer de algo ou alguém. Desse modo, *tá de brincadeira* recruta essa ideia mais abstrata e, por sua vez, amplia a significação, já não referindo ao ato de brincar com um artefato ou gracejo, mas expressando noção ainda mais abstrata. A projeção metonímica diz respeito às relações por contiguidade,

¹⁷ Projeções metafóricas e metonímias envolvem relações entre domínios distintos (metáfora) e relações de contiguidade num mesmo domínio (metonímia).

isto é, associações de correspondências que ocorrem em um mesmo domínio. Para ilustrar esse processo, consideremos a amostra *tá de conchinha* (18). A expressão remete à forma de uma concha, a qual também pode ser vista na silhueta de dois indivíduos deitados e aninhados para o mesmo lado. Nesse caso, *tá de conchinha* remete metonimicamente ao aconchego e abrigo da concha.

Quanto ao processo de *chunking*, este é tomado, nos termos de Bybee (2010), como o processo pelo qual sequências de unidades se juntam para formar unidades mais complexas. Essa formação se dá via repetição e *chunks* menores podem ser formados e agrupados em *chunks* maiores. Entendemos, com base na autora, que o padrão [tá [de X]] compreende o processo de *chunking*, uma vez que engloba unidades usadas convencionalmente com sentidos específicos, sendo, portanto, um *chunk*. Além do mais, o fato de ser um padrão semiaberto permite que outros *chunks* ocupem o *slot* X, como acontece com *tá de lenga lenga* e *tá de saco cheio*, idiomatismos já bem rotinizados, assim como possivelmente em *tá de boa* (19).

Para finalizar, sumariamos nossa defesa de que [tá [de X]] é um padrão construcional idiomático do português, a partir das seguintes considerações:

- (i) em termos de *esquematicidade*, é parcialmente preenchido ou especificado, pois engloba dois elementos fixos e um *slot* semiaberto que sanciona recursos diversificados;
- (ii) quanto à *produtividade*, o padrão analisado não é marginal ou periférico, sanciona *types* distintos, indicando relativa produtividade;
- (iii) quanto à *composicionalidade*, seu significado não pode ser dedutível por meio da soma sequencial de suas partes, isto é, a relação entre o significado desse padrão e o significado das unidades que o compõem é opaca, o que sinaliza estarmos diante de um idiomatismo (Furtado da Cunha; Bispo, 2019);
- (iv) a estrutura é convencionalizada, na medida em que forma uma sequência gramatical que vai além do que é previsto na semântica veiculada e é compartilhada por um grupo de falantes (Fillmore, Kay e O'Connor, 1988).

No que se refere à questão norteadora deste artigo, acreditamos tê-la contemplado ao longo desta discussão, não de forma exaustiva, mas de modo a suscitar novas perguntas e empreender novas investigações.

Considerações finais

No presente artigo, propomo-nos a discutir o padrão construcional idiomático [tá [de X]], que pode ser instanciado por *tá de brincadeira*, *tá de sacanagem*, *tá de boa*. Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, advogamos que esse padrão se configura como um idiomatismo do português e apresenta características formais e funcionais específicas, daí ser compreendido como uma construção.

No plano da forma, [tá [de X]] é formado por três *slots*, sendo um aberto (X), com relativa versatilidade morfossintática, podendo ser preenchido a partir de diversos expedientes, como substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, oração ou mesmo um outro idiomatismo. No plano da função, tende a veicular sentidos relacionados a estado ou qualificação, com tendência à (inter)subjetividade. Além disso, os sentidos veiculados não são transparentes, de modo que não podem ser depreendidos pela simples soma dos expedientes internos ao padrão.

Quanto às propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, os achados apontam para uma construção parcialmente especificada, com produtividade média e menos composicional. Quanto aos aspectos cognitivos, na manifestação de [tá [de X]], observamos os processos cognitivos de *chunking*, bem como projeções metafóricas e metonímicas.

A investigação aqui empreendida, embora não exaustiva, fornece pistas para que esse padrão construcional idiomático seja escrutinado a partir de outros caminhos analíticos, como: ampliação dos dados, a fim de flagrar outros contextos semântico-pragmáticos; exame de relações de herança e hierarquia entre esse padrão e a construção predicativa, com o intuito de mostrar sua representação em termos de rede; e até mesmo uma investigação diacrônica em busca de observar como esse padrão foi forjado no português.

A análise de construções idiomáticas é versátil e busca sanar uma lacuna há tempos existente na descrição linguística. A versatilidade desse tipo de construção demonstra não apenas a flexibilidade da língua em recrutar padrões, mas também a capacidade dos falantes em utilizar essas construções de maneira criativa e significativa a partir de suas necessidades comunicativas.

Referências

- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective**. Oxford University Press, USA, 2001.
- FERREIRA, B. G. P. **Construção relacional: estado, mudança e resultado**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Linguistic Society of America. **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, n. esp., p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-64, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Soletras**, n. 37, p. 103-116, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 15-36.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 67, p. e15041, 2023.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A construction grammar approach to argument structure. University of Chicago Press, 1995.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh University Press, 2014.

HILMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: oppositive or orthogonal? In: BISANG, W. *et al.* (eds.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOFFMANN, T. Language and creativity: a Construction Grammar approach to linguistic creativity. **Linguistics Vanguard**, Berlin, v. 5, n. 1, p. 1-10, 2019.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, v. 12, p. 83-101, 2016.

LOPES, M. G. Procedimentos metodológicos na análise de dados sincrônicos. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022. p. 266-308.

LOPES, M. G. ROSÁRIO, Ivo da Costa. Metodologia da pesquisa sincrônica. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 37-56.

LUCENA, N. L. **A construção transitiva no PB**: uma abordagem funcional centrada no uso. 2016. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

OLIVEIRA, M. R. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia. In: **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022. p. 92-127.

PEREK, F. Argument structure in usage-based construction grammar. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar**, p. 1-256, 2015.

PINHEIRO, D. Sintaxe construcionista. In: OTHERO, G. Á.; KENEDY, E. (org.). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015. p.163-184.

ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, 2023.

TANTUCCI, V. **Language and social minds**: The semantics and pragmatics of intersubjectivity. Cambridge University, 2021.

TOMASELLO, M. (ed.). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (Inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (org.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010, p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. New York: Oxford University Press, 2013.

Sobre os autores

Nedja Lima de Lucena

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9412-8771>

Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). Doutora e Mestra em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Graduada em Letras –Língua Portuguesa (UFRN).

Elías Vinicius de Sousa Mata

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6640-7063>

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na área de Linguística Teórica e Descritiva (LTD). É graduado em Letras - Língua Espanhola e Literaturas também pela UFRN (2017-2021).

Recebido em jun. 2024

Aprovado em nov. 2024.

#Partiu - A gramática de construções e a linguagem multimodal

#Partiu - Construction Grammar and Multimodal Language

Agameton Ramsés Justino¹
Michele Denise da Silva²

Resumo: Entendemos a língua como uma rede de construções organizada em relações hierárquicas e de herança. Cada construção é um pareamento de forma e significado, instanciado dentro da gramática em padrões cognitivos motivados por contextos pragmáticos, discursivos e semânticos de interação. A fim de garantir a comunicabilidade, os falantes realizam inovações na forma e no significado de construções gramaticais, revitalizando o funcionamento da língua no entrecruzamento de diferentes suportes de linguagem. Nessa abordagem teórica nos filiamos à Gramática de Construções e à Linguística Cognitiva, com autores como Goldberg (1995; 2006), Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2013), Fillmore (1982), Fauconnier (1997), Ferrari, Guedes e Avelar (2019), dentre outros. Ao pressupormos que linguagens multimodais dos contextos virtuais de interação influenciam na maneira como os falantes têm organizado a gramática, propomos descrever, a partir de um *corpus* não sistematizado em perspectiva sincrônica, os usos da construção #partiu, nas correlações entre a constituição da sua estrutura e os contextos discursivos e pragmáticos. Dentre as correlações encontradas, as mais produtivas são as postagens que vinculam a imagem do perfil do usuário à construção #partiu, colocando em evidência um sujeito pragmático que compõe *frames* de convite ao seu interlocutor ou de autopromoção.

Palavras-chave: Construção gramatical. #partiu. Linguagem multimodal.

Abstract: We understand language as a network of constructions organized in hierarchical and inheritance relationships. Each construction is a pairing of form and meaning, instantiated within the grammar into cognitive patterns motivated by pragmatic, discursive and semantic contexts of interaction. In order to guarantee communicability, speakers make innovations in the form and meaning of grammatical constructions, revitalizing the functioning of the language in the intersection of different language supports. In this approach, we are affiliated with Constructional Grammar and Cognitive Linguistics, with authors such as Goldberg (1995; 2006), Bybee (2016), Traugott and Trousdale (2013), Fillmore (1982), Fauconnier (1997), Ferrari, Guedes and Avelar (2019), among others. By assuming that multimodal languages in virtual interaction contexts influence the way speakers have organized their grammar, we propose to describe, from a non-systematized corpus in a synchronic perspective, the uses of the construction #partiu, in the correlations between the constitution of its structure and the discursive and pragmatic contexts. Among the correlations found, the most productive are the posts that link the user's profile image to the #partiu construction, highlighting a pragmatic subject who composes frames of invitation to his interlocutor or of self-promotion.

KeyWords: Constructional Grammar. #partiu. Multimodal language.

¹ Universidade Federal de Rondonópolis, Departamento de Letras. Rondonópolis, MT, Brasil. Endereço eletrônico: agameton@ufr.edu.br.

² Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, GO, Brasil. Endereço eletrônico: profmicheledenise@gmail.com.

Introdução

Os avanços das tecnologias da comunicação têm trazido muitas inovações, não apenas no modo de interação, mas também na linguagem usada entre os falantes. As redes sociais estão acessíveis a uma parcela considerável da população, facilitando o compartilhamento de informações e a comunicação entre seus usuários.

A linguagem, neste contexto de uso, converge em direção à multimodalidade, incorporando à língua ícones, figuras e outros símbolos que alteram a gramática e os sentidos das suas construções. Progressivamente, adquirem relevância estudos linguísticos descritivos de base cognitivo-funcional, com enfoque na interação multimodal entre os usuários.

Ferrari, Avelar e Guedes (2019), por exemplo, atualizam o conceito de mesclagem conceptual, ao descreverem a maneira como a linguagem do *WhatsApp* relaciona as linguagens da fala, escrita e da imagem, projetadas em um espaço de interação entre os falantes.

Macêdo (2021), por sua vez, estudou construções gramaticais com o verbo *jantar* e encontrou um padrão de usos altamente produtivo no *Youtube*, *Twitter* e *Facebook*, em que a estrutura argumental dos predicados e os contextos semânticos do verbo são redefinidos. A autora conclui que a abstratização semântica e a reconfiguração da estrutura argumental são indissociáveis e só podem ser compreendidas na dinâmica dos contextos virtuais de linguagem multimodal onde têm sido usadas.

Silva (2017) explica como o símbolo da cerquilha migrou da linguagem da telefonia para a linguagem da computação, e chegou às redes sociais com o nome de *hashtag*, dando origem a uma ferramenta de busca que, posteriormente, compôs um domínio semântico de agrupamento. Essa ferramenta é comum no *Instagram*, onde encontramos postagens como: *#oparaísoaqui* *#elas* *#oslugaresmaisincríveisdomundo* *#ferias* *#nordestelindo* *#viagemdossonhos* *#jericoacoaraoparaísoaqui* *#vempraca* *#partiu* *#sonhos* *#fotografia*³, usadas para associar temas à identidade visual compartilhada.

Neste trabalho, destacamos as produções de linguagem com o símbolo # relacionadas a verbos com um padrão sintático, semântico e pragmático pré-estabelecidos. Inferimos que a alta produtividade de *hashtag* + verbos (*sextou/lacrou/bombou/jantou/partiu/arrasou*, etc) prenuncia a existência de uma macro construção proveniente das redes sociais e que ainda é incipiente na sua descrição e caracterização de usos nos estudos do Português Brasileiro.

Nosso propósito é descrever as características formais e funcionais da construção verbal *#partiu*. Ao analisar dados de uso colhidos, em perspectiva sincrônica, nas redes

³ Usos retirados do perfil do *Instagram* *adelinopasseiosjeri*. Disponível em: <https://www.instagram.com/adelinopasseiosjeri?igsh=MXFsbHphcWwyZ2J0dg>. Acesso em: 18 jun. 2023.

sociais *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, buscamos traços que possam revelar padrões de uso da construção, descrevendo seus contextos sintáticos, semânticos e pragmáticos mais proeminentes nos resultados.

Nosso aporte teórico está alicerçado na Gramática de Construções, a qual concebe a língua como uma rede de construções, organizada em relações hierárquicas e de herança. Cada construção é um pareamento de forma e significado, que pode ser identificada desde os níveis morfossintáticos até o nível macro textual, e é organizada na gramática em padrões cognitivos motivados por contextos pragmáticos, discursivos e semânticos de interação.

A gramática se realiza no uso, em diferentes modalidades de linguagem, que se entrecruzam nos diversos suportes disponíveis, para garantir a comunicabilidade entre os falantes. Inovações e reorganizações de forma e significado fazem com que as construções gramaticais estejam em constante mudança linguística. Nesse sentido, nosso estudo está fundamentado em autores como Goldberg (1995; 2006), Furtado da Cunha (2006), Cunha e Lucena (2011), Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2016).

Ademais, buscamos em estudos da Linguística Cognitiva uma compreensão de mudança linguística emoldurada pelo reordenamento de *frames* da comunicação, os quais corroboram para a organização de novos sentidos, por meio da mesclagem conceptual de domínios semânticos (Fillmore, 1982; Fauconnier, 1997 e; Ferrari, Guedes e Avelar, 2019).

Este artigo está organizado em três seções: fundamentação teórica, metodologia e análise dos dados. Ao final, evidenciamos alguns padrões de uso da construção *#partiu*, seus contextos sintático, semântico e pragmático, apontando para a necessidade de novos estudos nesta perspectiva multimodal de construções linguísticas.

Fundamentação Teórica

Ancorados na Gramática de Construções, compreendemos que a língua pode ser caracterizada como uma rede de nós em constante transformação. Cada nó é um pareamento de forma e significado, com grande variedade de unidades linguísticas distribuídas num *continuum* a que pertencem desde os morfemas simples, palavras multimorfêmicas, expressões idiomáticas e até os padrões sintáticos abstratos. Já a gramática instancia os usos dessa rede de construções no âmbito dos domínios sintático, semântico e pragmático.

Para Croft (2001), no pareamento de forma e significado, a forma comporta elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos; e o significado abrange componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais. Entre forma e significado, há um elo, uma correspondência simbólica que torna possível haver mudanças tanto em um quanto noutro elemento do par. Com esse esquema, o autor demonstra como a forma é perfeitamente adequada ao significado.

Na abordagem construcional de Goldberg (1995; 2006), os predicados traduzem representações das cenas mais básicas das relações humanas, pois a maneira como organizamos construções argumentais reflete as projeções cognitivas compartilhadas entre os falantes na interação.

Neste sentido, Furtado da Cunha (2006), Cunha e Lucena (2011) ilustram que a estrutura argumental das construções verbais transitivas é uma convencionalização ampliada de eventos de natureza cognitiva e discursivo-pragmática. Os diferentes usos que os falantes fazem de uma mesma construção verbal demonstram que as relações de transferência entre os verbos e seus argumentos podem ser compreendidas como extensões metafóricas de experiências humanas.

No estudo que fazemos do verbo *partir*, registramos que os diferentes usos da construção verbal reorganizam as relações argumentais entre sujeito, predicado e complemento verbal, conforme descreveremos adiante. Tal rearranjo se realiza à medida que falantes trazem para a interação novos contextos discursivos e pragmáticos, nos quais é formado um *chunking*⁴ entre um verbo e a cerquilha.

Traugott e Trousdale (2013) entendem que as estruturas linguísticas derivam de processos cognitivos gerais, em relações negociadas pelos falantes no uso. Langacker (1987) esclarece que a fala não é um fenômeno individual, pois a interação é o que ativa o aparato cognitivo para o uso das estruturas linguísticas. O falante busca na gramática os elos de sentido com sua cultura para se fazer entender socialmente, por isso, a gramática é fundamentada em eventos de uso.

A linguagem, por sua vez, é um mosaico complexo de atividades sociais e cognitivas, surge da interação e se estabelece em um contexto comunicativo aberto e sujeito a mudanças (Tomasello, 1998). O autor explica que os falantes moldam o seu discurso conforme suas intenções comunicativas, seu interlocutor e o contexto de interação, usando esquemas cognitivos gerais para a representação do mundo.

Bybee (2016) menciona cinco processos de domínio geral que os falantes recrutam na comunicação. Dentre eles está a memória rica, um conjunto de experiências linguísticas armazenadas na memória dos falantes e que pode ser usado por ele na compreensão e na elaboração das construções da língua. Para a autora, é por meio da memória rica que o falante avalia a força de uma expressão idiomática e a extensibilidade do seu uso.

Há também a categorização, realizada para generalizar o estado de coisas do mundo. Tal expediente só é possível em contexto específico, pois as fronteiras de cada grupo de categorias são tênues, não estanques, formando um *continuum* em que um mesmo elemento

⁴ Para a Gramática das Construções, *chunking* é uma vinculação entre os componentes linguísticos de uma construção, de modo que o significado não pode ser recuperado pela soma das partes (Traugott; Trousdale, 2013).

pode fazer parte de mais de uma categoria. Martelotta (2011) explica que a categorização nos serve para facilitar o armazenamento e o processamento linguístico, porque:

[...] não é difícil imaginar que, por um lado, se víssemos em cada árvore individual um ser diferente, não teríamos como dar conta de um mundo tão diversificado e, por outro, se dêssemos um nome para cada árvore que víssemos, nossa memória não seria suficiente para armazenar tantos nomes (Martelotta, 2011, p. 68).

Dessa maneira, formamos padrões e categorizamos tanto as coisas abstratas quanto as concretas, pela interação, leitura e interpretação que fazemos do mundo. Em cada categoria há um membro ou vários como centrais, por carregarem os traços mais marcantes daquele grupo. Esses membros são chamados de “protótipos”. Taylor (1995) explica que o protótipo pode ser entendido de duas maneiras:

Podemos aplicá-lo ao membro central da categoria, ou aos periféricos, ligados ao termo central de uma categoria. Assim, pode-se referir a um determinado artefato como o protótipo de copo. Alternativamente, o protótipo pode ser entendido como uma representação esquemática do núcleo conceitual de uma categoria. Nesta abordagem, gostaríamos de dizer, não que uma entidade particular é o protótipo, mas que ela instancia o protótipo (Taylor, 1995, p. 59).

A noção de protótipo na língua pode ser exemplificada na categoria dos verbos. Há traços dessa categoria que estabelecem, no nível sintático, relações entre o sujeito e o verbo dentro da predicação e, ao mesmo tempo, nomeiam semanticamente ação, processo e estado. Nos verbos que expressam ação, o comportamento sintático prototípico é regrado pela flexão de número e pessoa, de acordo com o sujeito. Entretanto, as inovações das construções multimodais nas redes sociais trazem usos que dissociam o sujeito do agente verbal da ação. Quando o falante diz *#sextou*, *#lacrou* ou *#partiu*, estabelece-se um uso periférico dentro da categoria, em que o sujeito passa a ser identificado no contexto pragmático-discursivo das postagens de cada construção.

A interação nas redes sociais favorece, portanto, que o falante projete ao nível da enunciação o sujeito de predicados formados por construções multimodais. O uso periférico da predicação verbal é dado em um contexto em que se evocam modelos cognitivos idealizados (Lakoff, 1987). Nesse sentido, cada modelo cognitivo corresponde a uma categoria conceptual organizada numa rede esquemática. Fillmore (1982) explica que, na organização da rede da língua, o falante recupera traços de diferentes domínios semânticos que resultam na mesclagem conceptual.

Ferrari, Avelar e Guedes (2019) atualizam o conceito de mesclagem conceptual na descrição da relação entre fala, escrita e imagem projetadas no espaço de interação entre os

falantes do aplicativo *WhatsApp*. No nosso estudo também encontramos, na aproximação entre o símbolo *hashtag* e o verbo *partir*, a mesclagem de diferentes domínios conceptuais relacionados a *#partiu* e que favorecem sua produtividade na língua.

A construção gramatical *#partiu*

***Hashtag* #**

A *hashtag* tem sua origem no símbolo *hash* (#), que foi criado com o nome de *octothorpe*, na década de 1960, pelo americano Don Macpherson, com o objetivo de compor recursos adicionais nos serviços de telefonia, no sistema de tom de multifrequência. Na tradução para o português, *hash* é conhecida como cerquilha, mas também foi designada como jogo da velha e era usada para ligar o telefone aos serviços de dados dos computadores das centrais telefônicas da época (Elsys, 2022).

A inserção da cerquilha na linguagem da internet, de acordo com Silva (2017), ocorreu com a criação da *hashtag*, composição de *hash* (cerquilha) + *tag* (etiqueta), na década de 1990, em um site de bate-papo conhecido como IRC (*Internet Relay Chat*). Entretanto, seu uso se difundiu somente a partir de 2007, quando Chris Messina levou a *hashtag* para o *microblog* do Twitter, com o objetivo de organizar e agrupar interessados nos mesmos tópicos nessa rede social. Posteriormente, a *hashtag* se espalhou para outras redes, como *Facebook*, *Instagram*, *Tumblr*, *Pinterest* e o *Google+*. Destacamos que, em todos esses suportes, o símbolo manteve a função semiótica original da cerquilha, qual seja o agrupamento de elementos a uma determinada linguagem.

Atualmente, a *hashtag* é usada quando o autor de uma postagem quer fazer parte do grupo identificado pelo domínio semântico acessado através da construção que acompanha o símbolo. Além disso, também vem sendo usada com bastante frequência nos comentários, para condensar uma mensagem e/ou fazer um adendo bem-humorado.

Partir

Para compreendermos a funcionalidade do verbo *partir*, buscamos em Dik (1989) e Neves (2011; 2018) a definição de argumento e termos satélites na predicação. Segundo esses funcionalistas, os argumentos relacionam-se à estrutura de predicação semântica básica e os termos satélites compõem as informações adicionais, dadas por contextos discursivos e pragmáticos.

No que diz respeito às funções semânticas e sintáticas desse verbo, dialogamos com a classificação proposta por Garcia (2004). Dentre os traços que o verbo *partir* apresenta, destacamos os seguintes:

1. **Quando é um verbo locativo**, e estabelece uma relação de localização na predicação, em específico, de localização espacial. Ex: i. A expedição de Cabral *partiu* do Brasil, em 2 de maio de 1500⁵.

Neste exemplo, os termos satélites atribuem informações de lugar e tempo ao predicado e o argumento delimita o núcleo da predicação.

2. **Quando é um verbo efetivo**, por meio do qual um argumento determina a transformação do outro argumento verbal. Ex: ii. E, tomando Ele os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu, rendeu graças e *partiu* os pães.⁶

No exemplo *ii*, a estrutura prototípica da predicação no Português Brasileiro (SVO) é preservada, e o verbo *partir* estabelece relação sintática entre dois argumentos que ocupam, respectivamente, o lugar de sujeito e de complemento verbal.

Nossos estudos focalizam o verbo *partir* em sua natureza locativa. Todavia, esses usos se diferem do exemplo dado em *i*, pela presença de um sujeito desinencial compondo relação não prototípica com o predicado. As informações desse sujeito são recuperadas na figura que o falante projeta no contexto discursivo-pragmático das redes sociais, seja no perfil da sua conta, ou no tema da postagem, ou, ainda, nas imagens contidas nela.

Nesta nova organização sintática está integrado o símbolo # à construção verbal. E, se por um lado, reconhecemos que o contexto discursivo-pragmático é determinante para a caracterização das relações sintáticas da construção, por outra parte, evidencia-se que estes contextos são dados pelos *frames* acionados na interação.

Assim, quando nos reportamos a Fillmore (1982), no entendimento de que *frames* são conjuntos de estruturas usadas para descrever em linguagem nossas experiências socioculturais, vemos que o sentimento de pertencimento e o engajamento em causas sociais criam o cenário para que a materialidade discursiva (redes sociais, memes, estampas de camiseta, programas de televisão, dentre outros) seja o *lócus* da mesclagem conceptual instaurada pela construção *#partiu*.

Com vistas a descrevermos as características formais e funcionais dessa construção, analisamos a seguir ocorrências em *corpus* constituído por usos nas redes sociais de falantes do Português Brasileiro.

Corpus e coleta de dados

Ao realizar uma pesquisa da construção *#partiu* na internet, observamos um número expressivo de usos. Por este motivo, optamos por coletar os 100 primeiros construtos nas

⁵ <https://brasilecola.uol.com.br/historiabab/descobrimtobrasil.htm>.

⁶ <https://bibliaportugues.com/matthew/26-26.htm>.

redes sociais *Instagram*, *Twitter* e no *Facebook*, respectivamente, nos dias 18 de junho, 23 de junho e 10 de julho de 2023. No momento da análise, notamos a repetição de 08 ocorrências na rede social *Facebook* que foram retiradas, totalizando assim 92 usos.

Desse modo, realizamos, a partir do total de dados coletados, uma pesquisa por amostragem de viés quantitativo e qualitativo e estabelecemos os padrões de análise de acordo com critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Descrição dos Usos

As construções *#partiu* são caracterizadas nas redes sociais por predicados verbais, com a seguinte composição estrutural: Ø+[#partiu + CSt]. Nesta representação, Ø marca o lugar do sujeito desinencial, que não é explícito sintaticamente, mas é recuperado no contexto discursivo-pragmático, ao passo que CSt é a construção satélite que compõe o sentido do verbo locativo.

Com vistas a compreender se há padrões estruturais que se repetem nos diferentes usos encontrados dessas construções nas redes sociais, elaboramos a tabela a seguir. Nela procuramos evidenciar a estrutura do predicado verbal nas postagens selecionadas e a função das suas construções satélites. Os exemplos de construtos ilustram algumas das principais ocorrências da estrutura do predicado.

Tabela 1: Ocorrências da construção *#partiu* nas redes sociais

Estrutura do Predicado verbal	Construto	Ocorrências	Percentual
Predicado Verbal + Ø	#partiu	Twitter: 42	45,20%
		Instagram: 66	
		Facebook: 24	
Predicado Verbal + Construção Satélite (lugar)	+ #partiu Aeroporto!	Twitter: 31	21,23%
	#partiu shopping	Instagram: 13	
	#PartiuSantin	Facebook: 18	
	#partiu 	Twitter: 01	11,64%

Predicado Verbal + <i>emoji</i>	#partiu <i>emoji</i>	Instagram: 04	
	#partiu 🤖	Facebook ⁷ : 29	
Predicado Verbal + Construção Satélite (evento)	#partiu Computex 2023	Twitter: 10	10,61%
	#partiu último dia de festa do aniversário	Instagram: 10	
	#partiu culto	Facebook: 11	
Predicado Verbal + verbo no infinitivo	#partiu buscar os 3 pontos em Bragança Paulista!	Twitter: 13	9,58%
	#partiuadorar	Instagram: 07	
	#partiu assistir a live	Facebook: 08	
Predicado Verbal + Construção Satélite (nome próprio)	#Partiu (nome do programa no canal do YouTube do Cruzeiro)	Twitter: 02	2,05%
	—	Instagram: 0	
	#MetrópolesPartiu	Facebook: 04	

Fonte: Elaborado pelos autores

O *type* mais produtivo apresentado na Tabela 1 é aquele em que o predicado verbal não é composto com uma construção satélite (#partiu Ø), com um total de 132 *tokens*. O sentido de deslocamento espacial do sujeito dado pelo verbo locativo realiza-se na inferência sugerida⁸ entre a imagem da postagem e o contexto semântico de uso da construção.

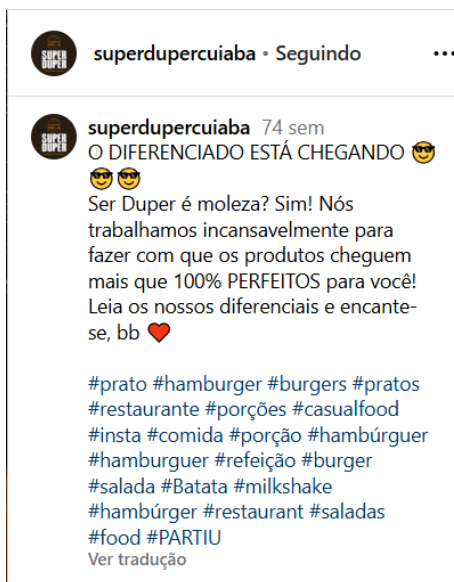
Nestes casos, observamos uma projeção do sujeito pragmático compondo *frames* que anunciam um convite ao seu interlocutor ou descrevem ações próprias do sujeito.

⁷ Dentre as ocorrências da construção no Facebook, encontramos 26 postagens que repetiam o mesmo texto, mudando apenas o perfil.

⁸ Traugott e Dasher (2005) explicam que a inferência sugerida abrange as negociações de sentido promovidas entre os falantes na interlocução, a partir das quais aspectos semântico-pragmáticos podem implicar ambiguidade de sentidos que oportuniza a mudança linguística.

Dentre os dados selecionados no *Instagram*, encontramos, por exemplo, postagens de uma hamburgueria (Figura 1), com a imagem de um lanche associada a um *post* de apresentação do produto oferecido. Ao final do *post*, a construção *#partiu* sintetiza o chamamento para participação do interlocutor no evento descrito, o consumo do hambúrguer.

Figura 1. Propaganda de hamburgueria no *Instagram*



Fonte: *Instagram* (2023)

Em outras postagens, encontramos a imagem do sujeito pragmático compondo o efeito de sentido de auto-promoção. Na figura 2, a imagem contribui para a eficiência da composição da cena linguística, em conjunto com o *#partiu*.

Figura 2. Postagem no *Instagram* de mulher pronta para viajar

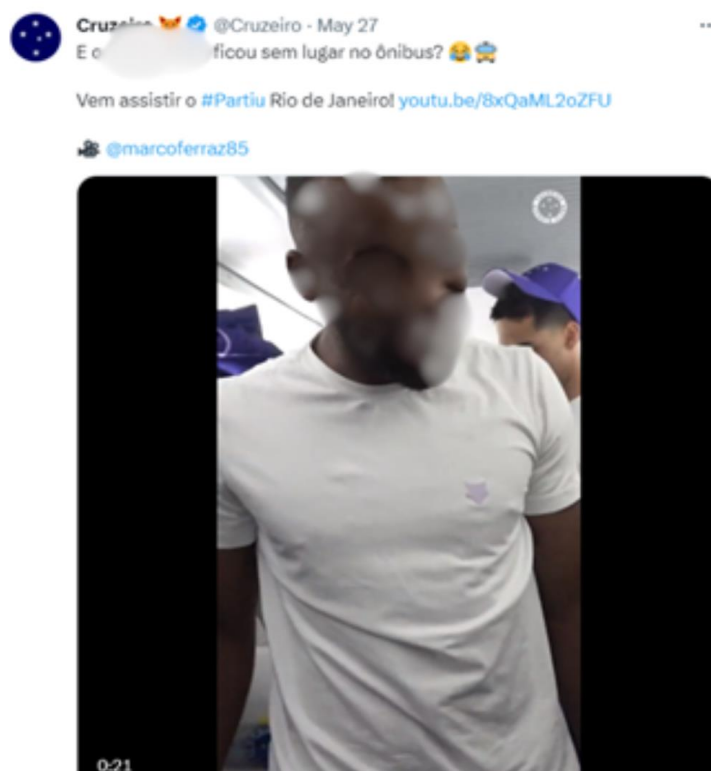


Fonte: Instagram (2023)

Outro *type* com significativa produtividade é aquele em que o sentido locativo da construção verbal está materializado nas construções satélites, nos seus traços prototípicos de nomes de lugares. Nestes casos, as postagens destacam informações sobre o deslocamento do sujeito pragmático até o lugar nominalizado na construção, e, na maioria das vezes, há uma associação do *post* com imagens desses sujeitos em viagem.

No *Twitter*, por exemplo, encontramos diversas postagens oficiais de times de futebol, nas quais estão imbricadas a imagem dos seus jogadores e a construção [*#partiu* + os nomes das cidades para aonde eles estão se deslocando]. Dentro dessa cena linguística do futebol, os *frames* de dinamicidade e coletividade são acionados, compartilhando informações sobre a rotina do time e gerando engajamento entre seus torcedores.

Figura 3 Time de futebol em viagem



Fonte: Twitter (2023)

Outro expediente cognitivo usado pelo falante na constituição das cenas linguísticas é a mesclagem conceitual. Na nossa pesquisa, essa mesclagem é identificada por [#partiu + emojis]. Com 11,64% do total dos *tokens* analisados, essa construção está presente nas três redes sociais e aproxima diferentes domínios cognitivos de linguagem verbal e não verbal.

Emojis como 🍷, 🤔, 🚗, 🤔, 🚗 são componentes não verbais que funcionam como construções satélites⁹. Seus usos acrescentam subjetividade à informação compartilhada pelo sujeito pragmático, de modo que [#partiu 🚗] confere à postagem não apenas a informação de deslocamento espaço-temporal, mas ainda o pertencimento a grupos sociais de sujeitos que viajam de avião e se divertem.

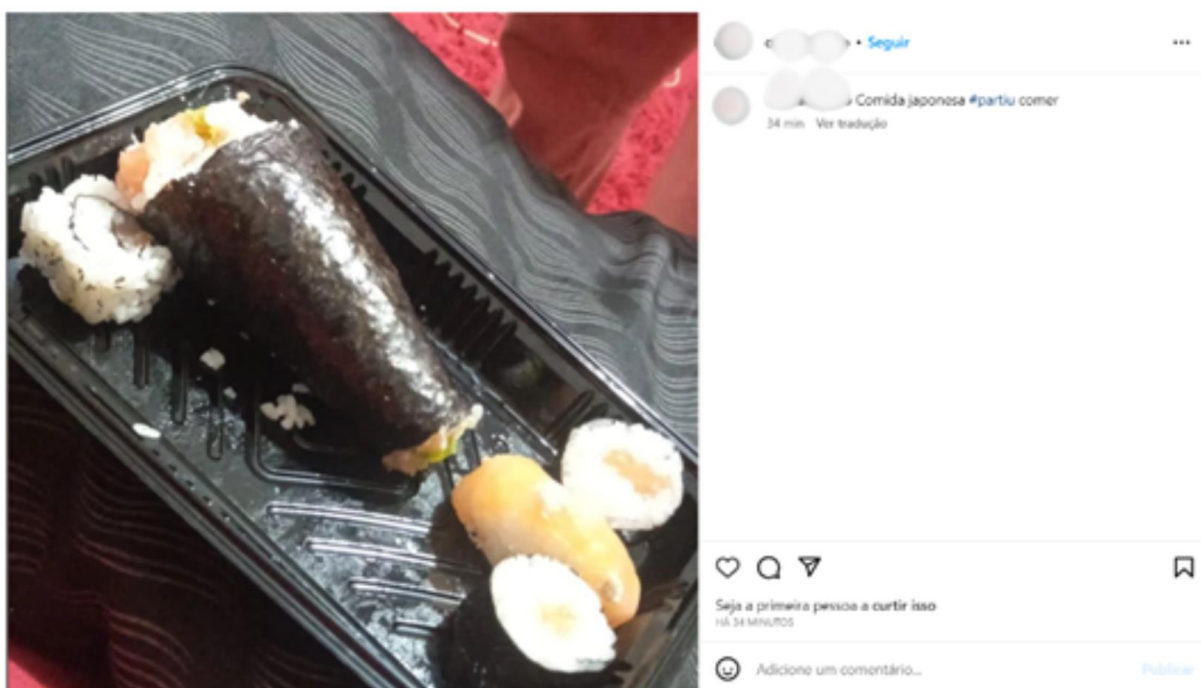
Os usos dos *emojis* podem desempenhar no contexto interacional diferentes funções. Ferrari, Guedes e Avelar (2019, p.16), ao analisarem a linguagem multimodal na rede social *WhatsApp*, verificaram que os *emojis* “que envolvem expressões faciais e gestos constituem a representação imagética da experiência ancorada no corpo”. Além disso, pontuam que o uso de *emojis* ativa o *frame* de atitudes e emoções dos falantes, aumentando a eficiência da comunicação em linguagem multimodal.

⁹ O critério estrutural que utilizamos para identificar esses *emojis* como construções satélites é de estarem localizados na postagem à direita da construção verbal [#partiu], como uma complementação da informação do predicado.

No estudo em tela, verificamos que os *emojis* ativam o mesmo tipo de *frame* que qualifica a experiência do sujeito pragmático. Entretanto, a natureza da comunicação das redes sociais ora analisadas faz com que as atitudes desses sujeitos representem quem as realizam e todos que seguem, curtem e comentam as postagens.

Ainda no que diz respeito aos *frames* ativados pelas construções satélites, encontramos nas construções [#partiu + verbo no infinitivo] função semelhante à desempenhada pelos *emojis*. Com 9.58% das ocorrências, o verbo no infinitivo explicita o conteúdo a ser compartilhado pela postagem, assim, em #partiucomer temos uma construção verbal de auxiliabilidade, com aspecto de simultaneidade da ação dada pelo *frame* de atitude do #partiu. A imagem associada à construção colabora na composição desse *frame*.

Figura 4. Comida japonesa



Fonte: Instagram (2024)

A postagem associando o alimento intacto à construção #partiucomer indicia o aspecto verbal esperado para a interlocução nestes suportes discursivos, como podemos observar também em postagens em que #partiuviajar está associada à imagem do sujeito no aeroporto ou na rodoviária, prestes a embarcar.

Embora a estratégia de pertencimento a grupos sociais seja inerente a estes suportes de linguagem, a função prototípica de agrupamento do # está mais evidente em construções do tipo [#partiu + nome próprio]. Com um total de 10,61% dos *tokens* encontrados, essas construções são usadas na divulgação de eventos, tanto para quem promove, participa ou está sendo convidado a participar.

Quando um falante faz uma postagem sobre sua viagem para o maior evento comercial de informática do mundo [#partiuComputex2023], podemos inferir que há uma autopromoção e um *frame* de pertencimento é acionado. Por conseguinte, a divulgação do evento também acontece e todos que irão participar, provavelmente, usem a mesma *hashtag*.

Outra comprovação da eficiência comunicativa dos usos de #partiu está nas ocorrências em que a construção é o nome de programas em canais de TV ou no Youtube. Os *frames* acionados pela construção, conforme já mencionado anteriormente, criam uma expectativa de sentidos para o seu público possível, uma vez que os nomes cristalizam o convite à auto realização que os conteúdos de viagens de turismo oferecem aos espectadores. A seguir, a figura 5 ilustra o uso da construção nomeando uma coluna de um site de notícias e entretenimento.

Figura 5. Coluna #Partiu



Fonte: Facebook (2024)

Algumas considerações

Neste trabalho, entendemos *#partiu* como uma construção gramatical, pois a aproximação do símbolo # e o verbo *partir* formam uma unidade de sentido indissociável, que não pode ser recuperada pela análise separada dos seus constituintes. Esta construção apresentou diferentes *tokens*, tais como, *#partiu*, *#partiushopping*, *#partiu* , *#partiuComputex2023*, dentre outros. Cada *token* evoca *frames* circunscritos a contextos pragmáticos, favorecendo a eficiência da comunicação dentro do cenário linguístico multimodal das redes sociais analisadas.

Outra característica dessas construções gramaticais é a inovação linguística evidenciada em aspectos da sua forma e/ou função nos usos. No que diz respeito, por exemplo, às categorias gramaticais do verbo, as construções de perífrase verbal prototípicas trazem o tempo e o aspecto determinados pelo verbo auxiliar. Quando em um texto escrito utiliza-se a perífrase 'vou viajar', o verbo *vou* apresenta o tempo, aspecto, modo e a pessoa da ação. Por outro lado, *#partiuviajar* (figura 2), flexionado no tempo passado, indica uma ação de futuro imediato, num tempo quase simultâneo ao da postagem, em que o verbo no infinitivo ocupa o lugar de construção satélite e a linguagem multimodal representa as categorias gramaticais do verbo.

Ainda no que diz respeito às inovações que caracterizam a construção ora analisada, a estrutura do seu predicado verbal traz variadas construções satélites (CSt) que ocupam lugar no esquema $\emptyset + [\#partiu + CSt]$ e que estão associadas à intenção comunicativa do falante. Há usos em que as construções satélites são materializadas em imagens (figura 5), em outros são substituídas por *emojis* e, na maioria das ocorrências, as CSt são inferidas pelo contexto pragmático da postagem nas redes sociais (figura 1). Assim, a memória enriquecida do falante garante, por um lado, a produtividade do esquema e, por outro, a aceitabilidade das inovações linguísticas presentes na interação multimodal.

Ao observarmos as funções da construção *#partiu*, verificamos que a aproximação entre modalidades diversas de linguagem atesta a imanência de princípios cognitivos que emolduram a comunicação. Na construção *#partiu*, a função # de identificar e agrupar conteúdos é recrutada como domínio conceptual para o qual migra o potencial de ação do sujeito expresso pelo verbo. Além disso, os *frames* ativados pelo imbricamento entre imagens e os elementos da estrutura da construção verbal permitem a ampliação dos contextos discursivos, em novas associações transmodais de linguagem.

O entrecruzamento de novas linguagens confirma mais uma vez os princípios construcionais que norteiam este estudo. A evolução contínua da língua acontece por meio das mudanças e adaptações na forma e no sentido das suas construções. A gramática, mesmo quando atravessada pela linguagem multimodal, permanece à disposição do falante,

com vistas a assegurar a eficiência comunicativa. Outros estudos sobre essas construções multimodais podem revelar de forma mais abrangente a dinamicidade impingida na comunicação atual, constituindo objetos inovadores para a descrição do português brasileiro contemporâneo.

Referências

- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CUNHA, M. A. F.; LUCENA, N. L. Relações de Herança em Orações Transitivas: o mecanismo de extensão metafórica. **Rev. Let. & Let.**, Uberlândia, v. 27 n. 1, p. 85-96, 2011.
- CROFT, W. **Radical Construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIK, S.C. **The theory of functional grammar**. Part. 1: The structure of the clause. 2. ed. revisada. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1989.
- ELSYS. **Para que existem e como surgiram as teclas asterisco e cerquilha nos telefones?** Blog Elsys, 2022. Disponível em: <https://blog.elsys.com.br/para-que-existem-e-como-surgiram-as-teclas-asterisco-e-cerquilha-nos-telefones/>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- FACEBOOK. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L.; AVELAR, M.; GUEDES, G. P. WhatsApp: uma mesclagem multimodal contemporânea. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 2, n. 23, 2019.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: The Linguistic Society of Korea (ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Soeul: Hanshin, 1982. p. 111-137.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 21, p. 115-131, 2006.
- GARCIA, A. S. Uma tipologia semântica do verbo no português. **Soletras**, São Gonçalo, ano IV, n. 8, 2004.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOOGLE. Disponível em: <https://www.google.com.br/>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- INSTAGRAM. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em 16 jun. 2022.
- LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press. 1987.

MACÊDO, D. **Usos do verbo jantar em perspectiva funcional**. 2021. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Letras/Português, Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, 2021.

MARTELOTTA, M. E. Linguística centrada no uso e mudança. In: MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística** – uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez. 2011.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SILVA, C. D. **Hashtags sob o viés da semântica da enunciação**. 2017. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory**. Clarendon Press Oxford: New York, 1995.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TOMASELLO, M. **The new Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure**. New Jersey Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1998.

TWITTER. Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

Sobre os autores

Agameton Ramsés Justino, Alameda das Margaridas

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8431-3917>

Possui doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (2018) e mestrado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). É professor da Universidade Federal do Mato Grosso (desde agosto de 2006). Concursado no Departamento de Letras, para a cadeira de Metodologia e Prática de Ensino de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa. Atua também como professor colaborador do Programa de Pós Graduação em Letras, Linguística e Interculturalidade da UEG, na cidade de Goiás, GO.

Michele Denise da Silva

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2968-048X>.

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia (2024). Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás, Goiânia, (2017). Licenciada em Letras - Habilitação Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis (2010). Especialista em Língua Portuguesa pela mesma Universidade (2011). Professora efetiva da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Atualmente, professora formadora de Linguagens da Diretoria Regional de Educação - Mato Grosso.

Recebido em jul. 2024.

Aprovado em nov. 2024.

Política Editorial

A **Revista (Con)Textos Linguísticos** é um periódico quadrimestral, de acesso aberto e gratuito, do [Programa de Pós-Graduação em Linguística \(PPGEL\)](#) da [Universidade Federal do Espírito Santo \(Ufes\)](#). Seu **foco** está na publicação de artigos científicos de qualidade abrangidos pelo **escopo** das áreas da linguística e da linguística aplicada. São aceitos para apreciação apenas textos originais, em português, inglês, francês ou espanhol, que abordem assuntos relacionados desde com a descrição e a análise linguística até às perspectivas da análise do discurso e da análise textual, bem como a questões sociais que focalizam a linguagem em uma perspectiva inter ou transdisciplinar. Os originais podem ser encaminhados, de acordo com o seu conteúdo, para uma das **três seções do periódico**:

1. Estudos analítico-descritivos da linguagem

Seção que recebe artigos científicos sobre estudos referentes ao funcionamento de línguas em suas variedades de uso, no que diz respeito às suas unidades, níveis de constituição, relações, estruturas e formalizações.

2. Estudos sobre texto e discurso

Seção que recebe artigos científicos sobre questões relacionadas à textualidade, aos processos de textualização nas modalidades oral e escrita, à construção do discurso, vistas nas perspectivas da pragmática e da análise do discurso em gêneros textuais diversos.

3. Linguística aplicada

Seção que recebe artigos científicos sobre discussões inter/transdisciplinares que focalizam a linguagem como um elemento central, relacionados com temáticas como educação linguística, tradução e interpretação, contextos midiáticos e tecnológicos, políticas linguísticas, entre outros.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- A contribuição é original, inédita, não contém (auto)plágio e não está sob avaliação em outro periódico científico; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao editor".
- Em caso de submissão que envolva dados gerados em pesquisa com seres humanos, há informação explícita sobre aprovação em comitê de ética.
- O arquivo do texto original está em formato Microsoft Word.

- Os metadados da submissão e as informações sobre o(s) autor(es) foram preenchidos de forma correta e completa.
- Qualquer informação que possibilite identificar o(s) autor(es) foi removida do arquivo do texto original, garantindo a [avaliação duplo-cega por pares](#).
- O texto segue as normas editoriais, os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em [Diretrizes para Autores](#) e no modelo de diagramação disponível para download.

Diretrizes para Autores

[MODELO PARA DOWNLOAD](#) (versão 2024)

1. Pelo menos um dos autores da submissão deve ter doutorado concluído. Estudantes de doutorado, mestrado e graduação, assim como mestres e graduados podem submeter originais para avaliação desde que, pelo menos, um de seus coautores tenha doutorado concluído.
2. Autores e coautores que já tiveram artigo publicado na **Revista (Con)Textos Linguísticos** devem aguardar um ano para realizar uma nova submissão.
3. Autores ou grupo de autores deverão respeitar o limite de uma submissão por edição. Não será aceita mais do que uma submissão de um mesmo autor ou grupo de autores destinada a uma determinada edição.
4. Após análise preliminar (*desk review*), na qual o(a) editor(a)-gerente verifica aspectos formais da submissão, cumprimento das normas e diretrizes para autores e (auto)plágio, cada original é encaminhado para o(a) editor(a) de seção responsável por acompanhar o fluxo editorial do processo de avaliação duplo-cego por pares. Nesse processo, os textos são avaliados, anonimamente, por dois avaliadores que podem ser membros do Conselho Editorial ou pareceristas *ad hoc*. No caso de pareceres divergentes sobre um original, um terceiro avaliador pode ser consultado.
5. Concluída a etapa de avaliação, os autores são notificados sobre a decisão editorial com cópia dos pareceres e, se for o caso, recebem instruções para o envio de uma versão modificada do texto. Textos modificados não enviados dentro do prazo estabelecido pelo editor responsável pelo fluxo editorial da submissão não serão publicados na edição para a qual foram encaminhados. Dados e conceitos contidos nos textos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.
6. São aceitas submissões escritas em português, inglês, espanhol ou francês.
7. Os direitos autorais referentes aos artigos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à **Revista (Con)Textos Linguísticos**, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98.
8. Autores devem anexar, no momento da submissão, documento de autorização para uso de imagens (mesmo para as que estão disponíveis publicamente) contidas no texto submetido. Caso contrário, será necessário retirá-las e apenas descrevê-las.
9. Autores devem se certificar de que preencheram todas as informações solicitadas no formulário de cadastro de autores e de todos os coautores durante o processo de submissão. Obrigatoriamente, devem ser informados:
 - nome completo, sem abreviaturas;
 - e-mail;
 - país;
 - URL do currículo [Lattes](#) ou de outro currículo acadêmico disponível on-line;

- [Orcid](#);
- afiliação acadêmica ou vínculo institucional;
- mini biografia acadêmica (dados de formação, atuação profissional e sobre órgão de fomento à pesquisa se for necessário).

10. Os arquivos submetidos devem estar formatados conforme o [modelo disponível para download](#) (atenção: baixe o arquivo do modelo para editá-lo). Os autores devem fazer *download* do arquivo e utilizá-lo na ocasião da submissão. Para fazer *download* do arquivo do modelo, no menu superior esquerdo do *Google Docs*, clique em Arquivo > Fazer download > Microsoft Word (.docx).

11. Os arquivos submetidos devem ser digitados em *Microsoft Word*, em papel A4 (21 cm X 29,7 cm), com margens superior, inferior, direita e esquerda de 2,5 cm, sem numeração de páginas.

12. O texto deve ter extensão mínima de 48.000 caracteres com espaço e máxima de 80.000 caracteres com espaço, incluindo caixas de texto e notas de rodapé.

13. O arquivo deve obedecer à seguinte estrutura e formatação:

- **Título:** centralizado no alto da primeira página, em caixa baixa, contendo no máximo 240 caracteres com espaços, em fonte Arial, tamanho 12, negrito.
- **Título em inglês:** uma linha após o título na língua original do artigo, em caixa baixa, em fonte Arial, tamanho 12, sem negrito. Se o texto do artigo não estiver originalmente em português, o título em português deve ser apresentado no lugar do título em inglês.
- **Resumos:** em português e inglês para os textos escritos em português ou na língua do artigo e em português para textos escritos em língua estrangeira. Precedido desse subtítulo e de dois-pontos, em parágrafo único, de no mínimo 100 e no máximo 200 palavras, justificado, sem adentramento, em espaçamento simples, duas linhas abaixo do(s) nome(s) do(s) autor(es). Cada um dos resumos deve ser seguido de no mínimo três e no máximo cinco palavras-chave na língua do resumo, com iniciais maiúsculas, separadas por ponto, em alinhamento justificado, espaçamento simples, sem adentramento, fonte Arial, tamanho 11.
- **Texto do artigo:** iniciado na segunda página, em espaçamento 1,5 cm. Os parágrafos deverão ser justificados, com adentramento de 1,25 cm na primeira linha e sem espaço entre eles. Os subtítulos correspondentes às seções do trabalho deverão figurar à esquerda, em negrito, sem numeração e sem adentramento, em caixa baixa. O subtítulo para a lista de referências também se submete a essa formatação. Deverá haver uma linha em branco com espaçamento 1,5 entre o último parágrafo da seção anterior e o subtítulo seguinte. Todo destaque realizado no corpo do texto deve ser feito em itálico. Exemplos aos quais se faça remissão ao longo do texto deverão ser destacados dos parágrafos que os anunciam e/ou comentam e numerados, sequencialmente, com algarismos arábicos entre parênteses, com adentramento de parágrafo.
- **Referências:** precedidas desse subtítulo, alinhadas à esquerda, sem adentramento, em ordem alfabética de sobrenomes e, no caso de um mesmo autor, na sequência cronológica de publicação dos trabalhos citados, duas linhas após o texto.
 - Para referências em geral (de livro, de autor-entidade, de dicionário, de capítulo de livro organizado, de artigo de revista, de tese/dissertação, de artigo/notícia em jornal, de trabalhos em eventos, de anais de evento, de verbete, de página pessoal), seguir a NBR 6023:2018 da ABNT. Os *documentos eletrônicos* seguem as mesmas especificações requeridas para cada gênero de texto, dispostos em conformidade com as normas NBR 6023:2018 da ABNT;

no entanto, essas referências devem ser acrescidas, quando for o caso, da indicação dos endereços completos das páginas virtuais consultadas e da data de acesso a arquivos on-line apenas temporariamente disponíveis.

- Para citações, seguir a NBR 10520:2023 da ABNT. Ressalte-se que as referências no texto devem ser indexadas pelo sistema autor-data da ABNT: (Silva, 2005, p. 36–37).
- No caso de haver transcrição fonética e uso de fontes do IPA, é necessário usar somente um tipo de fonte: *silDoulosIPA*, tamanho 12. A fonte pode ser obtida gratuitamente em: <https://alib.ufba.br/content/fonte-sildoulos-ipa>.
- **Anexos**, caso existam, devem ser colocados após as referências bibliográficas, precedidos da palavra Anexo, em negrito, sem adentramento e sem numeração.

14. A submissão (uma e somente uma por grupo ou por autor a cada edição) deverá ser feita pelo sistema da revista no *Open System Journal* (OSJ) em um arquivo digital, conforme as normas aqui divulgadas, sem qualquer identificação de seu(s) autor(es) ([assegurando avaliação duplo-cega pelos pares](#)). Em “Comentários ao editor”, deverá especificar a seção para qual o artigo será submetido (Estudos analítico-descritivos; Estudos sobre texto e discurso; ou Linguística aplicada).

15. As submissões que não obedecerem tanto às normas editoriais quanto às normas de formatação aqui apresentadas serão sumariamente recusadas.

Declaração de Direito Autoral

O(A) autor(a) de submissão à **Revista (Con)Textos Linguísticos** cede os direitos autorais à editora do periódico (Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes), caso a submissão seja aceita para publicação. A responsabilidade do conteúdo dos artigos é exclusiva de seus autores. É proibida a submissão integral ou parcial do texto já publicado na revista a qualquer outro periódico.

Comissão Editorial

Editor-gerente

[Pedro Henrique Witchs](#)

Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES, Brasil.

Editora da seção Estudos analítico-descritivos da linguagem

[Amanda Heiderich Marchon](#)

Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES, Brasil.

Editor da seção Estudos sobre texto e discurso

[Rivaldo Capistrano de Souza Júnior](#)

Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES, Brasil.

Editor da seção Linguística aplicada

[Pedro Henrique Witchs](#)

Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES, Brasil.